



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E
CULTURA

JADIONE CORDEIRO DE ALMEIDA

AS DUAS FACES DAS REPRESENTAÇÕES DE PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA:
UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA A PARTIR DO *PROJETO*
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

SALVADOR

2024

JADIONE CORDEIRO DE ALMEIDA

**AS DUAS FACES DAS REPRESENTAÇÕES DE PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA:
UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA A PARTIR DO *PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

SALVADOR

2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Almeida, Jadione Cordeiro de.

As duas faces das representações de plural no português da Bahia: uma análise geossociolinguística cognitiva a partir do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* / Jadione Cordeiro de Almeida. - 2024.

702 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2024.

1. Dialetologia - Bahia. 2. Sociolinguística - Bahia. 3. Língua portuguesa - Número - Bahia. 4. Língua portuguesa - Português falado - Bahia. 5. Língua portuguesa - Variação - Bahia. 6. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. I. Oliveira, Josane Moreira de. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.798142

CDU - 81'366.533(813.8)

JADIONE CORDEIRO DE ALMEIDA

**AS DUAS FACES DAS REPRESENTAÇÕES DE PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA:
UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA A PARTIR DO PROJETO
*ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura. Aprovada em: 5 julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

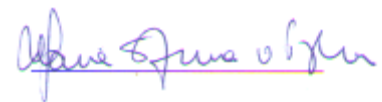
Dra. Josane Moreira de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/PPGEL)
Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGLinC)



Dra. Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGLinC)



Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGLinC)



Dra. Christina Abreu Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Dra. Norma da Silva Lopes
Universidade Estadual da Bahia (UNEB/PPGEL)



Pãos ou pães é questão de opiniões.
(Guimarães Rosa)

A quem ouviu a primeira palavra lida por mim (*Monark*) nos campos de sisal do interior do Estado da Bahia dedico esta tese! Esse foi meu pai Zezito (*in memoriam*), que queria ver seu filho formado no Ensino Médio, agora torce para ver seu filho virar Doutor.

A minha mãe Ana Helena, que, por vezes, deu-me o que tinha no bolso e voltou para casa sem o dinheiro da condução para que eu tivesse recursos para pagar por meus textos xerocopiados durante a graduação em Letras Vernáculas na Universidade do Estado da Bahia e que, durante a coleta de dados para esta pesquisa, auxiliou-me com a localização de informantes até em feiras livres das cidades de Jacobina e Juazeiro.

A todos os meus informantes nas sete mesorregiões da Bahia, pois aprendi muito com todos vocês.

A todos que sonharam o meu sonho, porque esta tese não é só minha!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por fazer de mim um filho resiliente;

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para ver-me formado e a meu padrasto Roque, pela sensibilidade em construir um quarto em sua casa nova para que eu pudesse escrever pela madrugada longe de qualquer distração da cidade de Ichu;

À minha orientadora, Josane Moreira de Oliveira, por todas as contribuições ao longo dessa jornada, sobretudo no período da pandemia da Covid-19, quando me recebeu em sua casa com muito carinho e atenção;

Às contribuições da Banca de Exame de Qualificação advindas das professoras Dra. Christina Abreu Gomes (UFRJ) e Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva (UFBA);

A todos os meus professores, que abriram meus cainhos durante o curso de Doutorado;

Ao *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, em especial à saudosa Profa. Dra. Suzana Cardoso, que em parceria com a Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim, apresentou-me à Dialetologia e me ensinou como fazer pesquisas sem vaidades acadêmicas;

A Rubens, pelo carinho, compreensão e companheirismo, que, por meses e durante suas folgas, ajudou-me com a tabulação de dados, a elaboração de tabelas, entre outras atividades muito cansativas, para que eu pudesse me concentrar na análise dos dados e atingir minhas metas diárias de escrita, meu especial agradecimento;

A Danilo Lima de Azevedo (Dan), por sempre me incentivar durante os processos seletivos, por não me deixar desistir de meu sonho e sempre ouvir minhas reflexões sobre a escrita das seções da tese durante quatro anos, minha profunda gratidão;

A Emerson Santos de Souza, pela atenção dispensada em muitas videoconferências, telefonemas e mensagens que muito me ajudaram a compreender o universo enigmático do processamento de dados na Plataforma R, muito obrigado;

Às orações e às torcidas de vó Ana, de minhas amigas Rita de Ichu, Rita de Salvador, Érica e de Maria Márcia, que, em especial, revelou-se um verdadeiro anjo ao me ajudar com minhas atividades na escola municipal antes da concessão de minha licença para capacitação, vocês são muito especiais;

Às minhas colegas da pós-graduação Carina e Graciele, por me acolherem quando eu era apenas aluno especial da disciplina *Varição Espacial* do curso de Doutorado da UFBA;

Aos meus colegas e amigos Aderlan, Bethânia e Giovane, que, além de tornarem o curso de Doutorado e a Cidade de Salvador ainda mais agradáveis, foram eles que aplicaram os meus questionários em 2020 nas cidades em que moravam para que eu pudesse agilizar a coleta de dados pelas sete mesorregiões da Bahia, meu muitíssimo obrigado;

À minha amiga Jéssica e meu amigo Patrício, por andarem comigo pelas ruas e povoados de Alagoinhas, Salvador e Ilhéus à procura de informantes, por auxiliarem com as gravações e por sempre me ouvirem quando precisei, muito obrigado;

A Nina em Jacobina, Patrícia Regina em Juazeiro, a meu ex-aluno Nicássio em Ilhéus e a Eduardo em Salvador, por me auxiliarem na difícil tarefa de localizar informantes aptos a serem entrevistados;

A todos os meus informantes, que, por vezes, pararam seus trabalhos em bares, restaurantes, feiras livres, plantações ou mesmo participaram das entrevistas enquanto trabalhavam ou faziam suas tarefas domésticas, muitíssimo obrigado;

Aos meus alunos, por compreenderem a minha necessidade de escrever até dentro de sala de aula nos momentos em que eles faziam exercícios em silêncio, pelo interesse em compreender o tema de minha tese, pelas opiniões que expressaram sobre os motivos de usarem [o]ssos e não [o]ssos, entre outros exemplos, meu muito obrigado;

A todos os meus amigos e colegas de trabalho, que sempre torceram por mim;

Às direções das unidades de ensino representadas por Ivonei, Ilka, Edilma, Nicássio e aos coordenadores Leandro e Vanessa, pelo grande apoio e/ou flexibilização de meus horários e de atividades para que tivesse mais tempo para escrever nestes cinco anos e meio;

À Prefeitura de Serrinha, por me conceder a licença de aperfeiçoamento profissional pela segunda vez sem qualquer objeção;

À Justiça Baiana, por me conceder o direito à licença para aperfeiçoamento profissional negada pelo Estado da Bahia nos últimos anos.

Com todos vocês ao meu lado, esta pesquisa foi muito prazerosa, menos cansativa e passou a ter uma função social. Muito obrigado!

ALMEIDA, Jadione Cordeiro de. As duas faces das representações de plural no português da Bahia: uma análise geossociolinguística cognitiva a partir do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2024. 702f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2024.

RESUMO

Esta tese surgiu da necessidade de compreender-se a relação entre a ausência de marcação de plural na própria lexia (não marcação) e a eventual migração entre padrões de plural na representação mental do grupo de lexias em potencial contexto metafônico, com terminação em *-ão* e em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, sobretudo em (sub)grupos cuja pluralização esperada não seria a mais frequente para seu grupo morfológico ou em lexias com frequência de ocorrência baixa, logo a representação de plural no léxico mental seria formada por duas faces que se retroalimentam a partir de informações probabilísticas armazenadas na memória. Na primeira frente de investigação, conferiram-se as diferenças entre as prescrições de plural para esses grupos na norma padrão de Portugal e do Brasil a partir de manuais de gramática e ortografias escritos por portugueses desde 1536 e por brasileiros a partir de 1806. Dessa investigação, constatou-se que aspectos de ordens diatópica e diacrônica influenciaram diretamente na prescrição de cada país, sobretudo a partir do início do século XIX, bem como se notou que as normas vigentes prescritas mesmo por gramáticos de uma mesma nacionalidade apresentavam critérios fundamentados em perspectivas variadas da língua culta. Na segunda frente de investigação, com base em pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия (Rossi, 1967; Chambers; Trudgill, 1994; Cardoso, 2010), da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]) e da Teoria de Exemplos (Bybee, 1985, 1988, 1991, 1996; Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001; Bybee, 2002, 2007), conferiu-se o fortalecimento da representação mental de determinados padrões de plural e sua correlação com as variáveis ordem de realização do plural de uma mesma lexia, frequência de ocorrência, lexia, mesorregião da Bahia, amostra/ano, faixa etária, nível de escolaridade, nível de contato com o público no mercado ocupacional e grau de monitoramento. Na impossibilidade da aplicação do teste de regressão logística para todos os (sub)grupos, considerando as distribuições dos dados nas duas faces da representação de plural separadamente e do significativo número de variáveis previsoras controladas, aplicou-se o teste qui-quadrado por meio da Plataforma R (R Core Team, 2018). Dessa forma, foram controladas lexias desses grupos presentes na amostra do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* e no *Questionário de Produção e Percepção* – este aplicado quase duas décadas depois daquele – totalizando uma amostra geral com 124 informantes nativos de 22 municípios da Bahia, distribuídos em suas sete mesorregiões. Desse controle, merecem destaques as constatações da correlação entre o fortalecimento da não marcação entre as lexias com frequência de ocorrência baixa e o consequente enfraquecimento de outros padrões de plural para esses itens na representação mental dos informantes bem como, de forma geral, constatou-se a implementação de mudanças de alguns padrões de plural de algumas lexias, uma redução da não marcação e o fortalecimento da marcação dupla, de *-ões* e *-is*, entre os moradores do perímetro litorâneo, com maior contato com o público em ambiente de trabalho e maior nível de escolaridade bem como em contextos de maior grau de monitoramento, revelando o quanto esses padrões de plural são bem avaliados pelos baianos independentemente de serem as estratégias prescritas pela norma padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Plural do português da Bahia; Dialetoлогия; Sociolinguística; Teoria de Exemplos; Projeto ALiB.

ABSTRACT

This thesis aims to understand the relationship between the absence of plural marking in the word itself (non-marking) and the eventual migration between plural patterns in the mental representation of the word groups in potential metaphorical context, ending in the following: -*ão* and -*au*, -*éu*, -*al* and -*el*, especially in (sub)groups whose expected pluralization would not be the most frequent for their morphological group or in words with low frequency of occurrence. Therefore, the representation of plural in the mental lexicon would be formed by two faces, which feed each other from probabilistic information stored in memory. In the first research front, the differences between the plural prescriptions for these groups in the standard pattern of Portugal and Brazil were verified from grammar and orthography manuals written by the Portuguese people since 1536 and by Brazilians from 1806 onwards. From that investigation, it was found that aspects of diatopic and diachronic orders directly influenced the prescription of each country, especially from the beginning of the nineteenth century, as well as it was observed that the current norms prescribed then even by grammarians of the same nationality presented criteria based on varied perspectives of the cultured language. On the second research front, based on theoretical-methodological assumptions of Dialectology (Rossi, 1967; Chambers; Trudgill, 1994; Cardoso, 2010), Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]) and Exemplar Theory (Bybee, 1985, 1988, 1991, 1996; Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001; Bybee, 2002, 2007), the mental representation of certain plural patterns and their correlation with the variables order of plural of the same words, frequency of occurrence, word, mesoregion of Bahia, sample/year, age group, level of education, level of contact with the public in the occupational market and degree of monitoring was verified. In the impossibility of applying the logistic regression test to all (sub)groups, considering the distributions of the data on the two sides of the plural representation separately and the significant number of controlled predictive variables, the chi-square test was applied using the R Platform (R Core Team, 2018). Thus, the words of these groups in the sample of the *Linguistic Atlas of Brazil Project* and in the *Production and Perception Questionnaire* – applied almost two decades after that one – were controlled, totaling a general sample of 124 native informants from 22 municipalities of Bahia State, distributed in its seven mesoregions. Based on this control, we have highlighted the findings of the correlation between the strengthening of the non-marking between the words with low frequency of occurrence and the consequent weakening of other plural patterns for those items in the mental representation of the informants, as well as, in general, the implementation of changes in some plural patterns of some words, a reduction in non-marking and strengthening of double marking, -*ons* and -*is* among the residents of the coastal perimeter, with greater contact with the public in the work environment and level of education, as well as in contexts with a higher degree of monitoring, revealing how well these plural patterns are evaluated by Bahians, regardless of whether they are the strategies prescribed by the standard pattern.

KEYWORDS: Plural of the words in the Portuguese language spoken in Bahia; Dialectology; Sociolinguistics; Exemplar Theory; ALiB Project.

LISTA DE ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

ADP.	adaptado(a)
ALiB	Projeto Atlas Linguístico do Brasil
AR.	árabe
Cf.	conferir
C. Norte Baiano	Centro Norte Baiano
C.O.B.	C-Oral-Brasil: português brasileiro oral informal
Cone	CoNE: mensagens de correio eletrônico não-endereçadas
CONTRV.	controversa
D2	Diálogo entre Dois Informantes
DESC.	desconhecido(a)
Det.	determinante
DID	Diálogo entre o Informante e o Documentador
E. da Cunha	Euclides da Cunha
E. Oeste Baiano	Extremo Oeste Baiano
EF	Eloquções Formais
ESP.	espanhol
ETIM.	etimologia
ex.	exemplo(s)
F.	forma ou fólio (conforme o contexto)
FIEB	Federação das Indústrias do Estado da Bahia
FR.	francês
FREQ.	frequência
GT	gramática tradicional
HIST.	histórica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFL.	influência
IT.	italiano

LAT.	latim
MEDV.	medieval
M.P.	Museu da Pessoa: entrevistas realizadas pelo Museu da Pessoa
N.	número
NILC	Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional
NURC	Projeto Norma Urbana Culta (Brasil)
ORIG.	origem
PROV.	provavelmente
PB	português brasileiro
PBA	português baiano
P.F.	Português Falado: textos orais transcritos (1995-1997)
PORT.	português
Pós-det.	pós-determinante
QFF	Questionário Fonético-Fonológico (Projeto ALiB)
PM	Perguntas Metalinguísticas (Projeto ALiB)
PR	peso relativo
Pré-det.	pré-determinante
QMS	Questionário Morfossintático (Projeto ALiB)
QP	Questões de Pragmáticas (Projeto ALiB)
QPP	Questionário de Produção e Percepção
QSL	Questionário Semântico-Lexical (Projeto ALiB)
R. Metr. SSA	Região Metropolitana de Salvador
R. M. de SSA	Região Metropolitana de Salvador
S.	século
Santa C. Cabrália	Santa Cruz Cabrália
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SN	sintagma nominal
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

SSA	(São) Salvador
TAR.	tardio
TDS	Temas para Discursos Semidirigidos (ALiB)
V. da Conquista	Vitória da Conquista
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
V.S. Francisco	Vale São-franciscano
VT	vogal temática
VULG.	vulgar

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1:</i> Representação da amostra do <i>projeto ALiB</i> e do <i>QPP</i> -----	263
<i>Gráfico 2:</i> Distribuição do nível de escolaridade na amostra do <i>Projeto ALiB</i> -----	264
<i>Gráfico 3:</i> Distribuição do nível de escolaridade na amostra do <i>QPP</i> -----	264
<i>Gráfico 4:</i> Realizações diversificadas dos subgrupos em contextos metafônicos---	307
<i>Gráfico 5:</i> Proporções dos plurais em eventual contexto metafônico (<i>bolso, cachorro, morro</i>) -----	310
<i>Gráfico 6:</i> Correlação entre <i>lexia</i> e a não marcação em eventual contexto metafônico-----	312
<i>Gráfico 7:</i> Realizações diversificadas do subgrupo em potencial contexto metafônico-----	313
<i>Gráfico 8:</i> Realizações da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	317
<i>Gráfico 9:</i> Correlação entre <i>ordem de realização</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	321
<i>Gráfico 10:</i> Correlação entre <i>frequência de ocorrência</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	324
<i>Gráfico 11:</i> Correlação entre <i>lexia</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	328
<i>Gráfico 12:</i> Correlação entre <i>mesorregiões</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	345
<i>Gráfico 13:</i> Correlação entre <i>amostra/ano</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	351
<i>Gráfico 14:</i> Correlação entre <i>faixa etária</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	354
<i>Gráfico 15:</i> Correlação entre <i>nível de escolaridade</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	362
<i>Gráfico 16:</i> Correlação entre <i>contato com o público no mercado ocupacional</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	364
<i>Gráfico 17:</i> Correlação entre <i>grau de monitoramento</i> e a realização da não marcação <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	366
<i>Gráfico 18:</i> Realizações da marcação única <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	370
<i>Gráfico 19:</i> Correlação entre <i>ordem de realização</i> e a realização da marcação única <i>versus</i> marcação dupla em potencial contexto metafônico-----	374

<i>Gráfico 20: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	380
<i>Gráfico 21: Correlação entre lexia e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	386
<i>Gráfico 22: Correlação entre mesorregiões e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	393
<i>Gráfico 23: Correlação entre amostra/ano e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	397
<i>Gráfico 24: Correlação entre faixa etária e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico -----</i>	401
<i>Gráfico 25: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	403
<i>Gráfico 26: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	408
<i>Gráfico 27: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -ão-</i>	411
<i>Gráfico 28: Correlação entre ordem de realização e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	422
<i>Gráfico 29: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	424
<i>Gráfico 30: Correlação entre lexia e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	426
<i>Gráfico 31: Correlação entre mesorregiões e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	429
<i>Gráfico 32: Correlação entre amostra/ano e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	432
<i>Gráfico 33: Correlação entre faixa etária e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	434
<i>Gráfico 34: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	436
<i>Gráfico 35: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	437
<i>Gráfico 36: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	438
<i>Gráfico 37: Realizações de outras marcações (-ãos, -ães) versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	440
<i>Gráfico 38: Correlação entre ordem de realização e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	442

<i>Gráfico 39: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	444
<i>Gráfico 40: Correlação entre lexia e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	448
<i>Gráfico 41: Correlação entre mesorregiões e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	453
<i>Gráfico 42: Correlação entre amostra/ano e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	457
<i>Gráfico 43: Correlação entre faixa etária e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	461
<i>Gráfico 44: Correlação entre nível de escolaridade e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	467
<i>Gráfico 45: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	472
<i>Gráfico 46: Correlação entre grau de monitoramento e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	474
<i>Gráfico 47: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l-----</i>	478
<i>Gráfico 48: Realizações de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l-----</i>	484
<i>Gráfico 49: Realizações de marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l-----</i>	484
<i>Gráfico 50: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	485
<i>Gráfico 51: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	486
<i>Gráfico 52: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -al, -el-----</i>	486
<i>Gráfico 53: Realizações de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	488
<i>Gráfico 54: Realizações de não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	488
<i>Gráfico 55: Realizações de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	489
<i>Gráfico 56: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	492
<i>Gráfico 57: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	493

<i>Gráfico 58: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	494
<i>Gráfico 59: Correlação entre lexia e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	496
<i>Gráfico 60: Correlação entre mesorregiões e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	499
<i>Gráfico 61: Correlação entre amostra/ano e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	504
<i>Gráfico 62: Correlação entre nível de escolaridade e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	507
<i>Gráfico 63: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	510
<i>Gráfico 64: Realizações da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	511
<i>Gráfico 65: Realizações da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	512
<i>Gráfico 66: Realizações da marcação -is versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	517
<i>Gráfico 67: Realizações da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	517
<i>Gráfico 68: Correlação entre ordem de realização e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	520
<i>Gráfico 69: Correlação entre lexia e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	525
<i>Gráfico 70: Correlação entre mesorregiões e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	530
<i>Gráfico 71: Correlação entre amostra/ano e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	535
<i>Gráfico 72: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	542
<i>Gráfico 73: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	546
<i>Gráfico 74: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	549

GRÁFICOS DO APÊNDICE L

<i>Gráfico 1: Correlação entre ordem de realização e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	687
<i>Gráfico 2: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	687
<i>Gráfico 3: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	688
<i>Gráfico 4: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	688
<i>Gráfico 5: Correlação entre lexia e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	689
<i>Gráfico 6: Correlação entre lexia e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	689
<i>Gráfico 7: Correlação entre mesorregião e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	690
<i>Gráfico 8: Correlação entre mesorregião e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	690
<i>Gráfico 9: Correlação entre amostra/ano e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	691
<i>Gráfico 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	691
<i>Gráfico 11: Correlação entre nível de escolaridade e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	692
<i>Gráfico 12: Correlação entre contato com o público e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	692
<i>Gráfico 13: Correlação entre contato com o público e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	693
<i>Gráfico 14: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	693
<i>Gráfico 15: Correlação entre grau de monitoramento e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	694

GRÁFICOS DO APÊNDICE M

<i>Gráfico 1: Correlação entre ordem de realização e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	695
<i>Gráfico 2: Correlação entre ordem de realização e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	695
<i>Gráfico 3: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	696
<i>Gráfico 4: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	696
<i>Gráfico 5: Correlação entre lexia e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	697
<i>Gráfico 6: Correlação entre lexia e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	697
<i>Gráfico 7: Correlação entre mesorregião e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	698
<i>Gráfico 8: Correlação entre mesorregião e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	698
<i>Gráfico 9: Correlação entre amostra/ano e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	699
<i>Gráfico 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	699
<i>Gráfico 11: Correlação entre contato com o público e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	700
<i>Gráfico 12: Correlação entre contato com o público e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	700
<i>Gráfico 13: Correlação entre grau de monitoramento e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	701

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1: Análise final de processos e tonicidade dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas dos adultos por escolarização</i> -----	191
<i>Tabela 2: Concordância nominal dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas considerando os regulares em -ão</i> -----	193
<i>Tabela 3: Relação entre regulares e itens em -ão no favorecimento da concordância nominal</i> -----	196
<i>Tabela 4: Efeito do plural etimológico nos plurais em -ão</i> -----	199
<i>Tabela 5: Processos morfofonológicos de formação do plural dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas dos dados dos adultos</i> -----	210
<i>Tabela 6: Relação entre regulares e itens em -l no favorecimento da concordância nominal</i> -----	211
<i>Tabela 7: Resultados gerais para os plurais em -l</i> -----	214
<i>Tabela 8: Resultados gerais para os plurais em ditongo em -u</i> -----	215
<i>Tabela 9: Frequência de tipo e de ocorrência do plural de itens terminados em ditongo oral decrescente – base ASPA</i> -----	222
<i>Tabela 10: Pluralização do grupo de (pseudo)palavras com terminação em ditongos orais decrescentes</i> -----	225
<i>Tabela 11: Variável não significativa apontada pela rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico</i> -----	318
<i>Tabela 12: Correlação entre outras lexias e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	327
<i>Tabela 13: Frequência de ocorrência das lexias controladas no Projeto ALIB e no QPP</i> -----	329
<i>Tabela 14: Correlação entre municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	352
<i>Tabela 15: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB E QPP e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	352
<i>Tabela 16: Correlação entre faixa etária e programa de TV e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	358
<i>Tabela 17: Correlação entre faixa etária e nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	359
<i>Tabela 18: Correlação entre faixa etária e contato com o público no mercado de trabalho e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	359

<i>Tabela 19: Correlação entre faixa etária e grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	360
<i>Tabela 20: Variáveis não significativas apontada pela rodada 2 do grupo em potencial contexto metafônico-----</i>	371
<i>Tabela 21: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	373
<i>Tabela 22: Correlação entre ordem de realização no primeiro bloco e partes dos questionários e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	376
<i>Tabela 23: Correlação entre ordem de realização no segundo bloco, partes dos questionários e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	377
<i>Tabela 24: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	379
<i>Tabela 25: Correlação entre lexia e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	383
<i>Tabela 26: Correlação entre outras lexias e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	384
<i>Tabela 27: Inventário da frequência de ocorrência das terminações -ovo(s) e -olho(s) a partir dos corpora do Projeto AC/DC-----</i>	388
<i>Tabela 28: Inventário da frequência tipo em terminações -ovo e -olho a partir de Barbosa (1973?) -----</i>	389
<i>Tabela 29: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	391
<i>Tabela 30: Correlação entre amostra e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	396
<i>Tabela 31: Correlação entre cidades em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	398
<i>Tabela 32: Correlação entre as principais lexias controladas nas cidades em comum nas amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	398
<i>Tabela 33: Correlação entre a lexia olho, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	399
<i>Tabela 34: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	400
<i>Tabela 35: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	402

<i>Tabela 36: Correlação entre nível de escolaridade, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	404
<i>Tabela 37: Correlação entre nível universitário, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	405
<i>Tabela 38: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	407
<i>Tabela 39: Correlação entre grau de monitoramento/ parte do questionário e lexia e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico-----</i>	409
<i>Tabela 40: Correlação entre plural etimológico e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	412
<i>Tabela 41: Correlação entre número de prescrições e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	415
<i>Tabela 42: Variável não significativa apontada pela rodada 1 do grupo de plural de lexias com terminação em -ão-----</i>	420
<i>Tabela 43: Correlação entre frequência de ocorrência a partir da amostra do Projeto ALiB e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	425
<i>Tabela 44: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação em -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	432
<i>Tabela 45: Variável não significativa apontada pela rodada 2 do grupo de lexias com terminação em -ão-----</i>	440
<i>Tabela 46: correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	441
<i>Tabela 47: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	444
<i>Tabela 48: Correlação entre lexia e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	446
<i>Tabela 49: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	452
<i>Tabela 50: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	456
<i>Tabela 51: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras ALiB e QPP e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão-----</i>	458
<i>Tabela 52: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	460

<i>Tabela 53: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com plurais etimológicos em -anes (-ãos) e -anus (-ães) -----</i>	463
<i>Tabela 54: Correlação entre faixa etária e grupos etimológicos e a realização das marcações de plural em lexias com plurais etimológicos em -anes (-ãos) e -anus (-ães) -----</i>	464
<i>Tabela 55: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	466
<i>Tabela 56: Correlação entre nível de escolaridade e plural etimológico e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	468
<i>Tabela 57: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	471
<i>Tabela 58: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	473
<i>Tabela 59: Correlação entre grupo morfológico e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l-----</i>	481
<i>Tabela 60: Variáveis não significativas apontadas pela rodada 1 do grupo de plural de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	490
<i>Tabela 61: Correlação entre municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	505
<i>Tabela 62: correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	506
<i>Tabela 63: Variáveis não significativas apontadas pela rodada 2 do grupo de plural de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	515
<i>Tabela 64: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -au, -éu, -al, -el-----</i>	519
<i>Tabela 65: Correlação entre lexias e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	523
<i>Tabela 66: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	529
<i>Tabela 67: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	535
<i>Tabela 68: Correlação entre municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação -s versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	537
<i>Tabela 69: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação -s versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	537

<i>Tabela 70: correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	541
<i>Tabela 71: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	545
<i>Tabela 72: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	548

TABELAS DO APÊNDICE D

<i>Tabela 1: Frequência específica de cada padrão listado como uma das alternativas de prescrição dupla ou tripla em obras do PE moderno ao PE e PB contemporâneos-----</i>	632
<i>Tabela 2: Ordem de frequência de lexias com dupla e tripla prescrição do plural presentes em listagens de obras do PE moderno ao PE e PB contemporâneos-----</i>	633

TABELAS DO APÊNDICE F

<i>Tabela 1: Correlação entre faixa etária e programa de TV e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	646
<i>Tabela 2: Correlação entre faixa etária e nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	646
<i>Tabela 3: Correlação entre faixa etária e contato com o público no mercado de trabalho e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	647
<i>Tabela 4: Correlação entre faixa etária e grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	647
<i>Tabela 5: Correlação entre ordem de realização no primeiro bloco e parte do questionário e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	648
<i>Tabela 6: Correlação entre ordem de realização no segundo bloco e parte do questionário e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	648
<i>Tabela 7: Correlação entre as lexias olho e ovo, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	649
<i>Tabela 8: Correlação entre as principais lexias controladas nas cidades em comum nas amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	649

<i>Tabela 9: Correlação entre a lexia olho, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	650
<i>Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	651
<i>Tabela 11: Correlação entre nível universitário, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico-----</i>	652
<i>Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento/parte do questionário e lexia e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	653

TABELAS DO APÊNDICE G

<i>Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	654
<i>Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	654
<i>Tabela 3: Correlação entre lexia e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	655
<i>Tabela 4: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	655
<i>Tabela 5: Correlação entre municípios e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	656
<i>Tabela 6: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	657
<i>Tabela 7: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	657
<i>Tabela 8: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	657
<i>Tabela 9: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico-----</i>	658

TABELAS DO APÊNDICE H

<i>Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	659
<i>Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão-----</i>	659

<i>Tabela 3: Correlação entre <i>lexia</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	660
<i>Tabela 4: Correlação entre <i>lexia</i> e a realização das marcações de plural detalhadas em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	661
<i>Tabela 5: Correlação entre <i>lexias em comuns</i> em amostras distintas do século XXI e a realização das marcação <i>-ões</i> em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	662
<i>Tabela 6: Correlação entre <i>mesorregiões</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	663
<i>Tabela 7: Correlação entre <i>localidade específica</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	664
<i>Tabela 8: Correlação entre <i>amostra/ano</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	665
<i>Tabela 9: Correlação entre <i>as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP</i> e a realização das marcações em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	665
<i>Tabela 10: Correlação entre <i>faixa etária</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	666
<i>Tabela 11: Correlação entre <i>nível de escolaridade</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	666
<i>Tabela 12: Correlação entre <i>contato com o público no mercado ocupacional</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	666
<i>Tabela 13: Correlação entre <i>grau de monitoramento</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-ão</i></i>	667

TABELAS DO APÊNDICE I

<i>Tabela 1: Correlação entre <i>ordem de realização</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em ditongos decrescentes <i>-au, -éu, -al, -el</i></i>	668
<i>Tabela 2: Correlação entre <i>frequência de ocorrência</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-au, -éu, -al, -el</i></i>	668
<i>Tabela 3: Correlação entre <i>frequência na amostra</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-au, -éu, -al, -el</i></i>	669
<i>Tabela 4: Correlação entre <i>lexias</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-au, -éu, -al, -el</i></i>	670
<i>Tabela 5: Correlação entre <i>mesorregiões</i> e a realização das marcações de plural em <i>lexias</i> com terminação em <i>-au, -éu, -al, -el</i></i>	671

<i>Tabela 6: Correlação entre localidade específica e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	672
<i>Tabela 7: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	673
<i>Tabela 8: Correlação entre sexo e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	673
<i>Tabela 9: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	673
<i>Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	674
<i>Tabela 11: Correlação entre contato com o público e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	674
<i>Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el-----</i>	674

TABELAS DO APÊNDICE J

<i>Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -au, -éu-----</i>	675
<i>Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	675
<i>Tabela 3: Correlação entre frequência na amostra e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	676
<i>Tabela 4: Correlação entre lexias e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	676
<i>Tabela 5: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	677
<i>Tabela 6: Correlação entre localidade específica e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	678
<i>Tabela 7: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	679
<i>Tabela 8: Correlação entre sexo e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	679
<i>Tabela 9: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	679

<i>Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	680
<i>Tabela 11: Correlação entre contato com o público e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	680
<i>Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu-----</i>	680

TABELAS DO APÊNDICE K

<i>Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -al, -el-----</i>	681
<i>Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	681
<i>Tabela 3: Correlação entre frequência na amostra e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	682
<i>Tabela 4: Correlação entre lexias e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	682
<i>Tabela 5: Correlação entre mesorregião e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	683
<i>Tabela 6: Correlação entre localidade específica e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	684
<i>Tabela 7: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	685
<i>Tabela 8: Correlação entre sexo e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	685
<i>Tabela 9: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	685
<i>Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	686
<i>Tabela 11: Correlação entre contato com o público e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	686
<i>Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el-----</i>	686

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1:</i> Flexões do português-----	56
<i>Quadro 2:</i> Plural em metafônicos nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	89
<i>Quadro 3:</i> Plural em metafônicos nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	92
<i>Quadro 4:</i> Plural em metafônicos nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	95
<i>Quadro 5:</i> Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE arcaico e moderno	105
<i>Quadro 6:</i> Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE contemporâneo--	108
<i>Quadro 7:</i> Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PB contemporâneo-	110
<i>Quadro 8:</i> Plural em <i>-ão</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-	114
<i>Quadro 9:</i> Plural em <i>-ão</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	118
<i>Quadro 10:</i> Plural em <i>-ão</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	120
<i>Quadro 11:</i> Plural etimológico em <i>-anus</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	126
<i>Quadro 12:</i> Plural etimológico em <i>-anus</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	128
<i>Quadro 13:</i> Plural etimológico em <i>-anus</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	130
<i>Quadro 14:</i> Plural etimológico em <i>-anes</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	135
<i>Quadro 15:</i> Plural etimológico em <i>-anes</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	136
<i>Quadro 16:</i> Plural etimológico em <i>-anes</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	137
<i>Quadro 17:</i> Plural etimológico em <i>-ones</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	138
<i>Quadro 18:</i> Plural etimológico em <i>-ones</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	139
<i>Quadro 19:</i> Plural etimológico em <i>-ones</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	141

<i>Quadro 20</i> : Plural em <i>-au</i> e <i>-eu</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	143
<i>Quadro 21</i> : Plural em <i>-au</i> e <i>-eu</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	144
<i>Quadro 22</i> : Plural em <i>-au</i> e <i>-eu</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo	145
<i>Quadro 23</i> : Plural em <i>-l</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno--	150
<i>Quadro 24</i> : Plural em <i>-l</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	153
<i>Quadro 25</i> : Plural em <i>-l</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	156
<i>Quadro 26</i> : Prescrições de metafonia para a marcação de número dos substantivos-----	165
<i>Quadro 27</i> : Localização das lexias controladas no questionário do <i>Projeto ALiB</i>	273
<i>Quadro 28</i> : Localização das lexias controladas no <i>QPP</i> -----	284
<i>Quadro 29</i> : Inventário das variantes observadas nas amostras I e II-----	287
<i>Quadro 30</i> : Variáveis previsoras controladas e respectivos fatores-----	295

QUADROS DO APÊNDICE B

<i>Quadro 1</i> : Plural em <i>-r</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno---	601
<i>Quadro 2</i> : Plural em <i>-r</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	602
<i>Quadro 3</i> : Plural em <i>-r</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	603
<i>Quadro 4</i> : Plural em <i>-z</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno---	604
<i>Quadro 5</i> : Plural em <i>-z</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	604
<i>Quadro 6</i> : Plural em <i>-z</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	605
<i>Quadro 7</i> : Plural em <i>-s</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno---	605
<i>Quadro 8</i> : Plural em <i>-s</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	606
<i>Quadro 9</i> : Plural em <i>-s</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	607
<i>Quadro 10</i> : Plural em <i>-m</i> nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-	608
<i>Quadro 11</i> : Plural em <i>-m</i> nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo----	609
<i>Quadro 12</i> : Plural em <i>-m</i> nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	610
<i>Quadro 13</i> : Plural das vogais ou ditongos orais nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno-----	611

<i>Quadro 14:</i> Plural das vogais ou ditongos orais nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	612
<i>Quadro 15:</i> Plural das vogais ou ditongos orais nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	613
<i>Quadro 16:</i> Plural dos diminutivos nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo-----	614
<i>Quadro 17:</i> Plural dos diminutivos nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo-----	615

QUADROS DO APÊNDICE C

<i>Quadro 1:</i> Inventário inicial das variantes controladas nas amostras I e II-----	616
--	-----

QUADROS DO APÊNDICE D

<i>Quadro 1:</i> Detalhamento das listagens de lexias com dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE arcaico e moderno-----	624
<i>Quadro 2:</i> Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE contemporâneo-----	626
<i>Quadro 3:</i> Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PB contemporâneo-----	629

QUADROS DO APÊNDICE E

<i>Quadro 1:</i> Inventário da frequência de ocorrência a partir de <i>corpora</i> do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos) -----	635
<i>Quadro 2:</i> Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo metafônico a partir de <i>corpora</i> do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos) -----	642
<i>Quadro 3:</i> Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em <i>-ão</i> a partir de <i>corpora</i> do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos) -----	642
<i>Quadro 4:</i> Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em <i>ditongo decrescente com terminação em <-u></i> a partir de <i>corpora</i> do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos) -----	643

<i>Quadro 5: Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em ditongo decrescente com terminação em <-l> a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos) -----</i>	643
<i>Quadro 6: Inventário complementar da frequência de ocorrência do plural do grupo de lexias terminadas em <-l>, <-u>, <-ão> e grupo metafônico a partir de corpus do Projeto ALiB-----</i>	644
<i>Quadro 7: Inventário complementar da frequência de ocorrência de lexias não contáveis ou massivas pluralizadas-----</i>	645

QUADROS DO APÊNDICE N

<i>Quadro 1: Inventário das variáveis predictoras não selecionadas quanto ao nível de significância entre as diferenças dos percentuais das respectivas variantes---</i>	702
--	-----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1: Representação de número para lexias do grupo metafônico, terminadas em <-l>, <-au >, <-eu> e outras terminações -----</i>	50
<i>Figura 2: Relação paradigmática na formação de palavras-----</i>	72
<i>Figura 3: Relação paradigmática na formação e flexão de palavras-----</i>	73
<i>Figura 4: Representação das conexões fonológicas e semânticas para lexias no singular e no plural com terminação em -ão-----</i>	246
<i>Figura 5: Representação das conexões fonológicas e semânticas para lexias no singular e no plural com terminação em -ão-----</i>	250
<i>Figura 6: Cronologia da Teoria de Exemplos-----</i>	253
<i>Figura 7: Um conjunto de exemplos relacionando propriedades auditivas a rótulos de categoria-----</i>	255
<i>Figura 8: Reinterpretação da competição entre itens num feixe de exemplos-</i>	258
<i>Figura 9: Rede de pontos da Bahia-----</i>	267
<i>Figura 10: Gravura 05 do QMS-----</i>	271
<i>Figura 11: Gravura 06 do QMS-----</i>	272
<i>Figura 12: Gravura 07 do QMS-----</i>	272
<i>Figura 13: Distribuição dos pontos do Projeto ALiB por mesorregiões na Bahia</i>	276
<i>Figura 14: Pontos revisitados nas sete mesorregiões da Bahia-----</i>	277
<i>Figura 15: Gravura 1 do QPP-----</i>	279

<i>Figura 16: Gravura 10 do QPP</i> -----	280
<i>Figura 17: Gravura 2 do QPP</i> -----	281
<i>Figura 18: Fórmula para cálculo qui-quadrado</i> -----	302
<i>Figura 19: Reportagem de resultados do teste de qui-quadrado</i> -----	302
<i>Figura 20: Correlação entre as mesorregiões e a marcação dupla em potencial contexto metafônico</i> -----	335
<i>Figura 21: População dos municípios da Bahia (2000)</i> -----	337
<i>Figura 22: Polos e centros industriais da Bahia (2002)</i> -----	338
<i>Figura 23: Distribuição da ocupação das indústrias na Bahia (2000)</i> -----	339
<i>Figura 24: Ocupação do pessoal no comércio da Bahia (2000)</i> -----	340
<i>Figura 25: Distribuição das agências bancárias na Bahia (2000)</i> -----	341
<i>Figura 26: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em potencial contexto metafônico</i> -----	346
<i>Figura 27: Correlação entre as mesorregiões e a marcação única em potencial contexto metafônico</i> -----	394
<i>Figura 28: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em lexias terminadas em -ão</i> -----	430
<i>Figura 29: Correlação entre as mesorregiões e as marcações -ãos e -ães em lexias terminadas em -ão</i> -----	454
<i>Figura 30: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em lexias terminadas em -au, -éu, -al, -el</i> -----	500
<i>Figura 31: Correlação entre as mesorregiões e a marcação -s em lexias terminadas em -au, -éu, -al, -el</i> -----	531

FIGURA DO APÊNDICE A

<i>Figura 1: Questionário de Produção e Percepção</i> -----	583
---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	39
2 INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA -----	47
2.1 CONCEITUANDO A MORFOLOGIA -----	47
2.1.1 O morfema: do morfe aos alomorfes-----	50
2.1.2 Flexão e derivação-----	53
2.2 A MORFOLOGIA: UM CAMPO INTERDISCIPLINAR-----	57
2.2.1 Interface sintática-----	58
2.2.2 Interface fonológica-----	61
2.2.3 Interface fonética-----	65
2.2.4 Interface semântica-----	69
2.2.5 Interface lexical-----	71
3 PADRÕES DE PLURAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA -----	78
3.1 A HISTÓRIA DO PLURAL D'AQUÉM E D'ALÉM MAR -----	81
3.1.1 Regras, exceções e (des)encontros entre as gramáticas e ortografias de Portugal e do Brasil sobre o plural -----	84
3.1.1.1 A prescrição para o plural metafônico -----	87
3.1.1.2 A prescrição para o plural do ditongo -ão -----	97
3.1.1.2.1 A prescrição do plural etimológico em -ão-----	113
3.1.1.2.2 A prescrição do plural etimológico em -anus -----	125
3.1.1.2.3 A prescrição do plural etimológico em -anes-----	135
3.1.1.2.4 A prescrição do plural etimológico em -ones-----	138
3.1.1.3 A prescrição para o plural do ditongo -au, -eu-----	143

3.1.1.4 A prescrição para o plural em <i>-l</i> -----	146
3.1.2 O plural realmente falado no Brasil -----	158
3.1.2.1 Possibilidades de pluralização no grupo metafônico -----	161
3.1.2.2 Possibilidades de pluralização no grupo em <i>-ão</i> -----	189
3.1.2.3 Possibilidades de pluralização no grupo de lexias terminadas em ditongos decrecentes <i>-au, -eu</i> ou <i>-al, -el, -il, -ol</i> -----	209
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS -----	229
4.1 A DIALETOLOGIA -----	232
4.2 A SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA -----	236
4.3 NO CAMINHO DE UMA TEORIA DE EXEMPLARES -----	243
4.4 AMOSTRA E PROCEDIMENTOS -----	262
4.4.1 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) -----	266
4.4.2 Pisando no mesmo solo 17 anos depois do Projeto ALiB: a aplicação do Questionário de Produção e Percepção (QPP) -----	275
4.4.3 Tratamento dos dados -----	286
4.4.4 Tratamento das variáveis previsoras -----	293
5 REALIZAÇÃO DO PLURAL NA FALA BAIANA: UMA ANÁLISE DOS DADOS DE PRODUÇÃO DO QUESTIONÁRIO DO ALiB E DO QPP -----	305
5.1 O PLURAL METAFÔNICO -----	306
5.1.1 Variante não marcação em comparação à marcação dupla em potencial contexto metafônico -----	317
5.1.1.1 Ordem de realização -----	319
5.1.1.2 Frequência de ocorrência -----	323
5.1.1.3 Lexia -----	327
5.1.1.4 Mesorregião -----	334

5.1.1.5 Amostra/ano -----	350
5.1.1.6 Faixa etária -----	353
5.1.1.7 Nível de escolaridade -----	361
5.1.1.8 Nível de público no mercado de trabalho -----	363
5.1.1.9 Grau de monitoramento -----	365
5.1.2 Variante marcação única em comparação à marcação dupla em potencial contexto metafônico -----	369
5.1.2.1 Ordem de realização -----	372
5.1.2.2 Frequência de ocorrência -----	378
5.1.2.3 Lexia -----	382
5.1.2.4 Mesorregião -----	391
5.1.2.5 Amostra/ano -----	396
5.1.2.6 Faixa etária -----	400
5.1.2.7 Nível de escolaridade -----	402
5.1.2.8 Grau de monitoramento -----	407
5.2 O PLURAL DE LEXIAS TERMINADAS EM -ÃO -----	411
5.2.1 Variante não marcação em comparação à marcação -ões -----	420
5.2.1.1 Ordem de realização -----	421
5.2.1.2 Frequência de ocorrência -----	423
5.2.1.3 Lexia -----	426
5.2.1.4 Mesorregião -----	428
5.2.1.5 Amostra/ano -----	431
5.2.1.6 Faixa etária -----	433

5.2.1.7 Nível de escolaridade -----	436
5.2.1.8 Nível de contato com o público no mercado de trabalho -----	437
5.2.1.9 Grau de monitoramento -----	438
5.2.2 Variante outras marcações (-ãos, -ães) em comparação à marcação -ões ----	439
5.2.2.1 Ordem de realização -----	441
5.2.2.2 Frequência de ocorrência -----	443
5.2.2.3 Lexia -----	445
5.2.2.4 Mesorregião -----	451
5.2.2.5 Amostra/ano -----	456
5.2.2.6 Faixa etária -----	460
5.2.2.7 Nível de escolaridade -----	466
5.2.2.8 Nível de contato com o público no mercado de trabalho -----	470
5.2.2.9 Grau de monitoramento -----	473
5.3 O PLURAL DE LEXIAS TERMINADAS EM DITONGOS DECRESCENTES - AU, -EU OU -AL, -EL, -IL, -[ɔ]L, -OL-----	475
5.3.1 Variante não marcação em comparação à marcação -is em ditongos decrecentes -au, -éu, -al, -el -----	487
5.3.1.1 Ordem de realização -----	494
5.3.1.2 Lexia -----	496
5.3.1.3 Mesorregião -----	499
5.3.1.4 Amostra/ano -----	504
5.3.1.5 Nível de escolaridade -----	507
5.3.1.6 Nível de contato com o público no mercado de trabalho -----	509

5.3.2 Variante marcação -s em comparação à marcação -is em ditongos decrecentes -au, -éu, -al, -el -----	511
5.3.2.1 Ordem de realização -----	519
5.3.2.2 Lexia -----	522
5.3.2.3 Mesorregião -----	528
5.3.2.4 Amostra/ano -----	534
5.3.2.5 Nível de escolaridade -----	540
5.3.2.6 Nível de contato com o público no mercado de trabalho -----	544
5.3.2.7 Grau de monitoramento -----	547
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	551
REFERÊNCIAS-----	566
APÊNDICES -----	583

1 INTRODUÇÃO

Independentemente do nível de escolaridade, é comum observar falantes do português brasileiro (doravante PB) se questionarem se o plural morfológico de lexias como *forno*, *cidadão*, *degrau*, *chapéu*, *bocal*, *pincel*, *funil*, *farol* seriam, respectivamente, *f[o]rnos* (primeira vogal com timbre fechado, como se lesse <ô>) ou *f[ɔ]rnos* (primeira vogal com timbre aberto, <ó>), *cidadãos*, *cidadães* ou ainda *cidadões*, *degraus* ou *degrais*, *chapéus* ou *chapéis*, *bocais* ou *bocaus*, *pincéis* ou *pincéus*, *funis* ou *funius*, *faróis* ou *farous*. Muitas outras lexias de grupos com terminações diferentes também costumam apresentar variações quanto às suas pluralizações a exemplo daquelas terminadas em vogais orais (*caçúas* ~ *caçuares*, *chás* ~ *chares* etc.), ditongos (*reis* ~ *reise* ~ *reises*, *navios* ~ *navis*) ou diminutivos ([ɔ]lhinhos ~ [o]lhoszinho[ø], *degrauzinhos* ~ *degrauszinho*[ø], *anzóiszinho*[ø] ~ *anzouszinho*[ø]), entre outras catalogadas no levantamento de dados desta tese.

No entanto, neste trabalho, tomou-se como objeto de estudo a variação de plural apenas daquelas lexias cuja terminação é expressa na escrita com <o> antecedida por vogal tônica com timbre fechado <o> (a exemplo de *forno*), ditongo em <-ão> (ex.: *cidadão*), ditongo em <-au> e <-eu> (respectivamente, lexias como *degrau* e *chapéu*) ou ainda ditongos expressos na oralidade dos informantes com som de <-u>, mas escritos com terminação em <-l> (ex.: *bocal*, *pincel*, *funil*, *farol*), logo, com base na grafia das lexias, foram controlados quatro grupos de pluralização nesta tese, mas os dois últimos grupos foram analisados estatisticamente como um grupo único, pois não há distinção entre o grafema <-l> e a semivogal <-u> na fala de quase toda população brasileira. Assim, inicialmente, pode-se pensar que o fenômeno linguístico investigado seria a alomorfia de plural, ou melhor, as possibilidades de emprego de padrões diferentes para representação de plural dos substantivos contáveis (não marcação, -s, -ães, -ões para *cidadão* por exemplo; como [ɔ], [o] ou não marcação para o plural de *forno*; -s, -is ou não marcação para *degrau*/*chapéu* e ainda para sinalizar a pluralização de *bocal*, *pincel*, *funil*, *farol*).

Compondo a problemática desse trabalho, observa-se que majoritariamente as pesquisas em torno do tema em questão analisam a realização de plural considerando apenas um nível gramatical, sobretudo numa perspectiva dos níveis morfológico e sintático, mas no PB, em especial no PBA (português baiano), como os níveis gramaticais seriam acionados frente à memorização e realização do plural dos substantivos contáveis? Os traços suprasegmentais (timbre aberto da vogal [o], por exemplo) não apresentariam representação mental robusta para o falante como padrão de plural em determinadas lexias como *fornos*? Haveria uma tendência

de o baiano marcar o plural de forma mais favorável com padrão regular *-s* no grupo metafônico e com o padrão irregular *-ões* naquele com lexias terminadas em *-ão*, por exemplo) num dos níveis da língua, em contextos linguísticos e sociais específicos? Contrariando a ideia de que através de estudos envolvendo níveis lexicais e fonológicos seria mais comum a demarcação de linhas dialetais (isoglossas) a partir dos níveis morfológico e sintático, poder-se-ia distinguir variantes de plural mais comuns ao interior do que no perímetro litorâneo do Estado da Bahia ou ainda distinguir áreas dialetais a partir de densidades demográficas ou características socioeconômicas de cada mesorregião do Estado? As experiências de uso de determinadas lexias em comunidade de fala se revelariam como favorecedoras para a categorização de determinado padrão de pluralização no léxico mental do falante? Nesse sentido, na formação das representações mentais do falante, cada item lexical traria consigo informações pragmáticas de uso (valor social da variante linguística, lugares mais comuns de seu emprego, idade dos falantes etc.) que seriam reforçadas à medida que cada lexia fosse repetida em contextos variados de usos? Entre os grupos morfológicos analisados nesta pesquisa, eventuais migrações na realização de plural (*-ãos* para *-ães* ou *-ões*, [ɔ] para [o], *-s* para *-is* por exemplo) seriam condicionadas pelas mesmas variáveis previsoras como frequência de uso na fala ou na língua ou os condicionamentos se revelariam diversificados conforme o grupo observado? Esses foram alguns dos questionamentos basilares que nortearam a pesquisa.

Por mostrar-se relevante também para os estudos dialetais, o tema desta tese fora contemplado no questionário do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* aplicado até 2013 em todo o Brasil, mas até o momento apenas o plural da lexia *degrau* foi investigado e se restringiu à análise apenas dos questionários respondidos pelos informantes das capitais brasileiras, logo se buscou contemplar o seguimento da agenda de estudos desse Projeto, visto que muitas outras lexias e/ou aspectos do plural ainda não foram investigados a partir desse *corpus*. Ademais, pelo rigor de sua aplicação, “homogeneidade contextual” abrangendo todo o país e por representar uma sincronia contemporânea do PB, a escolha pela amostra relativa ao Estado da Bahia torna a pesquisa eventualmente exequível e bem assessorada junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

No entanto se julgou imperativa a ampliação dos dados controlados no *Projeto ALiB*. Dessa forma, inicialmente, fez-se uso de 92 entrevistas realizadas em 22 pontos do Estado da Bahia e fornecidas pelo *Projeto ALiB*. Com exceção das lexias *flor* e *lápiz*, foram computadas todas as lexias originais que motivaram a criação da seção *Número* do *Questionário Morfossintático (QMS)*, seção *número*: *anéis*, *aventais*, *pães*, *mãos*, *leões*, *degraus*, *chapéus*,

anzóis, olhos (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) bem como outras que possam eventualmente apresentar estratégias de variação de número no PB, contempladas no *Questionário de Produção e Percepção (QPP)* aplicado posteriormente em 2020, disponível no *Apêndice A*. No total, foram controladas 52 lexias nas duas amostras distribuídas da seguinte forma: 11 lexias do grupo em eventual (*bolso, cachorro e morro*) e potencial contexto metafônico (*caroço, forno, olho, osso, ovo, porco, posto e tijolo*), 18 lexias com terminação em *-ão* (*aldeão, avião, cidadão, limão, mamão, televisão, anão, corrimão, cristão, guardião, mão, vulcão, alemão, cão, pão, ladrão, leão e melão*), 6 lexias com terminação em ditongos *-au* (*degrau, grau e pau*) e *-éu* (*chapéu, troféu e véu*) e por fim, 17 lexias com terminação em *-l* (*avental, bocal, hospital, pedal, policial, queixal, real, anel, pastel, pincel, barril, funil, fuzil, anzol, farol, gol e lençol*).

No novo questionário aplicado a mais 32 informantes, também se verificou o comportamento linguístico e avaliação dos informantes frente ao uso do plural em sete dos 22 pontos visitados inicialmente pelo *Projeto ALiB* há mais de quinze anos, o que corresponde a uma cidade de cada mesorregião já visitada no Estado pelo *Projeto ALiB* (Nordeste Baiano: Alagoinhas (ponto 88), Região Metropolitana de Salvador: Salvador (93), Sul Baiano: Ilhéus (99), Centro Sul Baiano: Vitória da Conquista (98), Centro Norte Baiano: Jacobina (86), Vale São-Franciscano da Bahia: Juazeiro (81), Extremo Oeste Baiano: Barreiras (87)). No entanto apenas dados de produção desse novo questionário foram utilizados para análise, já os dados de percepção, que envolvem crenças e atitudes dos informantes, serão objeto de outros estudos. Dessa forma, a partir da comparação do comportamento linguístico entre essas mesmas comunidades de fala em sincronias distintas, buscou-se um estudo de mudança em tempo real de curta duração do tipo tendência, logo, com tais resultados, pode-se se observar se houve uma eventual tendência de mudança na realização de plural nessas amostras ou comunidades investigadas entre esse espaço de tempo.

Assim, em busca da compreensão de como se estabelece o plural no PBA, esta pesquisa parte de uma tripla base teórico-metodológica: Teoria de Exemplares (Johnson, 1997; Bybee, 2001; Pierrehumbert, 2001), Dialectologia (Rossi, 1967; Chambers; Trudgill, 1994; Cardoso, 2010) e da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1966; 2008 [1972]; 1982) que juntas, promoveriam uma análise aqui denominada de Geossociolinguística Cognitiva. De forma colaborativa, a Teoria de Exemplares desponta como um modelo adequado de análise uma vez que, segundo seus fundamentos, a morfologia emergiria a partir da comparação entre itens memorizados através do nível lexical. Nesse sentido, para descrever e

compreender as representações de plural na mente dos informantes e de sua comunidade de fala seria mais pertinente partir da concepção de diagramas propostos por esse tipo de modelo teórico-metodológico. Ademais, a Teoria de Exemplos parte do princípio de que informações de caráter externo (sociais, diatópicos entre outras) são categorizadas junto a cada item lexical memorizado pelas pessoas, logo essa teoria manteria um diálogo estreito com a Sociolinguística e Dialetoлогия.

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa, por meio da análise estatística computacional realizada pela plataforma R (R Core Team, 2018), além do fator espacial, temporal e estilístico, variáveis sociais e internas (linguísticas) foram controladas com base nas hipóteses levantadas na subseção 4.4.4 para cada grupo morfológico: i) ordem de realização, ii) frequência de ocorrência (*token*), iii) lexia, iv) mesorregião da Bahia, v) ano da coleta (amostra), vi) sexo, vii) faixa etária, viii) nível de escolaridade, ix) contato com o público no mercado ocupacional (ocupação) e x) grau de monitoramento. Em virtude desse número amplo de variáveis predictoras controladas e de processamento dos dados ser realizado em duas rodadas binárias (não marcação *versus* marcação dupla/*-ões/-is* e marcação única *versus* marcação dupla, *-ãos/-ães versus -ões, -s versus -is*) não foi possível a aplicação da regressão logística haja vista que os coeficientes de segurança das rodadas se revelaram insatisfatórios, logo optou-se pelo teste qui-quadrado.

A aplicação de testes em duas rodadas se revelou imperativa para compreender-se a relação entre as duas faces da representação de plural no léxico mental dos informantes uma vez que se observou que o número expressivo de não marcações de plural na própria lexia (primeira face) apresenta estreita relação e/ou impacta na competição entre o plural esperado e sua migração para outros padrões (segunda face) em cada grupo morfológico. Essa tese defendida ao longo da análise buscou apresentar evidências empíricas inéditas de que a representação de plural no léxico mental é resultado da competição entre feixes de exemplos compostos por itens com não marcação de plural na própria lexia e itens com padrões de plural com maior e menor probabilidade de migração. Os resultados obtidos a partir da aplicação dos testes estatísticos foram comparados com trabalhos pioneiros voltados para a compreensão de uma dessas faces da representação de plural: Scherre e Naro (1998), Cristóvão Silva, Almeida e Guedri (2007), Huback (2010), Moreira (2010) e Cardoso et al. (2014b), entre outros.

Salienta-se que a escrita desta tese visou a uma organização textual com expressiva apresentação de recursos como exemplos com dados reais, diagramas, mapas, gráficos, tabelas, lista de abreviações, grande número de notas de rodapé, entre outros, com o objetivo de deixar

a leitura do texto o mais acessível possível para que este trabalho também possa ser utilizado como uma leitura rápida/dinâmica (das principais informações) por aqueles que possam se interessar pelo conhecimento acadêmico na área de Linguística como os alunos da educação básica que já cursam disciplinas como Iniciação Científica no atual ensino médio ou por aqueles que estão distantes dos bancos das universidades como a maioria dos informantes contactados para esta pesquisa, pessoas que se envolveram direta ou indiretamente nesta pesquisa e que merecem o reconhecimento do meio acadêmico, sobretudo porque muitos deles sinalizaram o interesse por conhecer o produto final desta tese – pessoas sem as quais esta e outras pesquisas de base empírica não existiriam. Assim, buscou-se a precisão exigida em trabalhos desta complexidade sem deixar de lado a clareza e a forma “descontraída” de apresentar e analisar os dados obtidos. No que diz respeito à estruturação da tese, optou-se por desenvolvê-las em quatro seções.

Na segunda seção, numa abordagem convencional, faz-se uma revisão da arte dos conceitos recorrentes de morfe, morfema, alomorfe, flexão, derivação, entre outros que se revelam importantes para a compreensão das análises presentes sobretudo na terceira seção desta tese que versa sobre a normatização luso-brasileira. Ademais tais conceitos são retomados em citações de outros autores ao longo da tese, logo se julgou necessária a apresentação dessa abordagem tradicional já na segunda seção para que o leitor tivesse noção desses conceitos tratados de forma “descontextualizada” nessas citações mesmo sabendo que essa abordagem e instrumentos vão de encontro à proposta da análise presente na seção 5. Já numa perspectiva inovadora, ainda neste espaço de forma sumária, destacou-se a necessidade de observação da variação do português falado no Estado da Bahia a partir da interação entre os níveis da língua, especificamente entre o nível lexical e morfológico. Posteriormente, essa perspectiva de análise a partir dos postulados da Modelo de Redes e Modelo de Exemplares foi descrita de forma mais extensiva na subseção 4.3.

Na terceira seção e suas primeiras subseções, apresenta-se um estudo comparativo de como a marcação de plural morfológico era prescrito em manuais de gramática e ortografias publicados desde 1536. Além dessas obras, foram analisadas outras de caráter descritivo (Mattos e Silva, 2010; Machado Filho, 2013) que versam sobre o português desde sua origem no século XII que auxiliaram na compreensão da norma vigente neste período da historiografia da língua portuguesa em que são desconhecidas obras de natureza normativa como os manuais de gramática e ortografias. Assim, os *corpora* analisados de forma sistemática e intercomparável foram compostos por 49 obras de caráter prescritivo cujas seções específicas

sobre a marcação de plural foram consultadas. Foram examinadas quatro obras lusitanas do século XVI, o mesmo número do século XVII e seis no século XVIII. A partir do século XIX, também foram consultadas obras escritas por brasileiros. Dessa forma, analisou-se a prescrição de plural com o mesmo número de obras do Brasil e de Portugal na amostra a partir de então: sete obras no século XIX, sete no século XX e três no século XXI em cada país.

Inicialmente para esta pesquisa, foram inventariadas e analisadas as prescrições de determinadas lexias pertencentes a dez grupos morfológico nessas obras bem como em dicionários ao longo dos séculos (lexias no diminutivo, terminadas em vogais e/ou ditongos variados, em *-m*, *-r*, *-s*, *-z*, *-ão*, *-au* e *-eu*, *-l*, plural metafônico). No entanto, para a tese, apenas as prescrições das lexias com terminação em *<-ão>* (plural etimológico em *-ão*, *-anus*, *-anes*, *-ones*), *<-au>*, *<-éu>*, *<-al>* e *<-el>* ou pertencentes ao plural metafônico foram analisadas. Deste modo, as análises a partir da comparação entre obras de Portugal e do Brasil ao longo dos séculos revelaram-se importantes uma vez que se constatou que o aspecto espacial legitimamente determina a prescrição da maioria dos grupos controlados nesta tese. Desses grupos, a divergência entre as prescrições é mais evidente entre determinadas lexias do grupo metafônico e do grupo com de lexias com terminação em *-ão*. Quanto àquele grupo, parece evidente uma maior predileção pela prescrição do timbre aberto da vogal [o] em contexto de metafoia de número em obras lusitanas. Quanto a este grupo, constatou-se uma maior flexibilização (prescrição dupla ou tripla para o grupo em *-ão*) dos autores a partir do século XIX sobretudo entre as obras brasileiras. Nessas obras, nota-se uma maior aproximação entre a prescrição e vernáculo brasileiro e, conseqüentemente, um distanciamento do colonialismo linguístico lusitano.

Ainda na terceira seção, a partir da subseção *3.1.2 O plural realmente falado no Brasil*, os quatro grupos de pluralização analisados nas seções anteriores numa perspectiva normativa, passam a uma abordagem descritiva. Nesse espaço, são apresentados e discutidos os resultados das principais pesquisas sobre a marcação de plural no PB. Nesse sentido, normatização e descrição do PB são duas faces de uma mesma moeda que podem explicar não só a atual realização do plural no PBA, mas também eventuais tendências de mudanças na categorização do plural de determinadas lexias nas representações mentais dos baianos.

Na quarta seção, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram a análise dos dados empíricos bem como se justifica a razão de empregar-se um modelo híbrido a partir de uma perspectiva da Geossociolinguística Cognitiva. Para tanto, descreveu-se o campo de atuação da Dialetoologia, Sociolinguística Quantitativa e da Teoria de

Exemplares bem como se propôs um modelo de representação do conhecimento linguístico com base naqueles já propostos por Johnson (1997), Bybee (2001) e Huback (2007). Neste sentido, esse modelo denominado aqui de *Diagrama Canastra*, de própria autoria, seria uma reinterpretação de como ocorre a competição entre feixe de exemplares na mente do falante. Por fim, neste espaço descreve-se a amostra, os questionários aplicados, as variáveis previsoras e os critérios de seleção dos dados e sua classificação para o processamento pela plataforma R.

Na quinta seção, são apresentados os resultados dos testes qui-quadrado aplicados em duas rodadas com as respectivas análises. Com exceção de sexo, todas as variáveis previsoras apresentaram correlação com a não marcação de plural ou com a migração de padrão de plural: marcação dupla > marcação única no grupo em potencial contexto metafônico e do padrão mais produtivo para outros padrões nos grupos de lexias com terminação em *-ão* e em ditongos decrescentes orais com terminação em vogal + [w]. No grupo em potencial contexto metafônico, o nível de contato com o público no mercado ocupacional também não se revelou significativa frente à migração para a pluralização com marcação única. No grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, a variável grau de monitoramento não apresentou diferenças significativas entre suas variantes e o emprego da não marcação (rodada 1), já frequência de ocorrência e faixa etária não se revelaram significativas em relação à não marcação ou em relação ao emprego do padrão *-is*. Dessa forma, ordem de realização, lexia, mesorregião da Bahia, ano/amostra e nível de escolaridade foram as variáveis previsoras que apresentaram correlação com a não marcação e os plurais mais produtivos em todos os grupos controlados muito embora a frequência tipo, frequência de ocorrência, nível de contato com o público em ambiente de trabalho, grau de monitoramento linguístico e faixa etária se revelaram como fatores importantes na representação de plural da maioria dos grupos controlados.

Nas *considerações finais*, merecem destaque algumas constatações evidenciadas na quinta seção: pode-se constatar que há uma retroalimentação dos feixes de exemplares na representação mental dos informantes controlados moldada a partir de suas experiências de usos da língua de sorte que o aumento no número de itens pluralizados com a não marcação no léxico mental desses informantes afeta diretamente a migração de padrões esperados com frequência tipo baixa para padrões mais produtivos sobretudo em subgrupos com pluralização esperada com baixa frequência de ocorrência a exemplo dos dissílabos com terminação em *-au* e *-éu*, haja vista que entre esses ditongos, a não marcação foi expressivamente superior ao padrão mais produtivo (*-is*) bem como ao plural esperado (*-s*), em contrapartida, entre os dissílabos em *-al* e *-el*, como o plural esperado é também aquele mais produtivo entre os ditongos orais

decrecentes com terminação em vogal + [w], a robustez de seu feixe de exemplares inibe substancialmente a não marcação e semicategoricamente a migração para padrões menos produtivos neste subgrupo (*-is* > *-s*), logo se comprovou a tese de que há uma iteração e/ou competição entre os feixes de exemplares caracterizando a formação de duas faces da representação de plural.

2 INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA

Nesta seção, serão abordados conceitos tradicionais que foram e ainda são relevantes para a compreensão da pluralização à luz da gramática normativa bem como a partir de reflexões propostas para uma gramática descritiva. Assim, embora a perspectiva de análise e alguns conceitos estruturalistas abordados sobretudo nas subseções 2.1.1 e 2.1.2 não estejam em consonância com a Teoria de Exemplos que sustenta a análise dos dados na seção 5, julgou-se imperativo apresentar sumariamente esses conceitos uma vez que tais instrumentos de análise da língua são retomados constantemente quando são examinadas as obras normativas na seção 3 ou mesmo quando são apresentados resultados de pesquisas sobre a pluralização do PB.

Assim sendo, para compreensão do conceito de plural numa versão tradicional, é importante tratar, mesmo que brevemente, de algumas noções e/ou recursos da morfologia bem como de sua relação com outros níveis da língua e/ou com outras áreas de análise linguística. Assim sendo, questiona-se: i) o que é a morfologia?; ii) o que seriam *morfemas*, *morfes* e *alomorfes*?; iii) quais as fronteiras conceituais que aproximam e distanciam processos como *flexão* e *derivação*? e iv) qual a relação da morfologia e o léxico para a formação do PB? Como pontuou Sandalo (2007, p. 181), “a Morfologia é o ponto de maior controvérsia no estudo da linguagem natural”¹. Por esse e outros motivos, nesta seção, apresentar-se-ão apenas *noções* do campo de atuação da morfologia inicialmente numa perspectiva mais recorrente nos estudos até o final do século XXI. Por fim, resumidamente, tratou-se da interface entre a morfologia e o léxico. Nessa perspectiva inovadora, a morfologia emergiria a partir de relações associativas entre os itens lexicais, como se propõe a partir do Modelo de Redes e da Teoria de Exemplos.

2.1 CONCEITUANDO A MORFOLOGIA

O conceito de *morfologia* (*morf(o)- + -logia*, ou estudo das formas) é comum em alguns campos do conhecimento, como na Botânica e na Geomorfologia. Segundo Houaiss (2007), sua entrada na língua portuguesa remonta ao ano de 1858, mesmo ano de entrada do verbete *linguística* (ciência). Nos estudos linguísticos, influenciados pela teoria da evolução das

¹ Já em 1933, comparando os níveis morfológico e sintático, Bloomfield destaca que “em geral, as construções morfológicas são mais elaboradas do que aquelas da sintaxe [...]. Consequentemente, as línguas se diferenciam mais em morfologia que em sintaxe”. Tradução do original: “*In general, morphologic constructions are more elaborate than those of syntax [...]. Accordingly, languages differ more in morphology than in syntax*” (Bloomfield, 1933, p. 207, tradução minha).

espécies, a morfologia deteve um relevante enfoque com vistas a reconstituição do Indo-europeu, aquilo que seria o ancestral comum das línguas latinas, persa e germânica. Através do *método comparativo* – a análise contrastiva dos sistemas fônicos e os padrões da formação das palavras – buscou-se por anos esse “achado arqueológico”, ou seja, a origem das línguas naturais. No entanto, segundo Katamba (1993), até o século XIX, a Morfologia não emerge como um distinto sub-ramo da Linguística.

Até o advento da Linguística como ciência com a contribuição de Saussure (2012 [1916]) a partir do modelo estruturalista, a tradição gramatical não voltou sua preocupação para criação de uma disciplina que estudasse as estruturas mínimas e significativas dos signos linguísticos. O próprio Saussure não o fez, mas, tratando dos mecanismos da língua, ele apresenta o conceito de *solidariedade sintagmática*², correlacionando radicais e sufixos (respectivamente, a exemplo de *desej + oso – desejoso*) e observa que as partes das palavras consideradas isoladamente são inexistentes, posto que não são autônomas, logo conclui: “o todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si” (Saussure, 2012, p. 176-177 [1916]), mesmo assim, para o autor, o signo por excelência ainda seria a palavra.

Até as primeiras décadas do século XX, segundo Rosa (2015), não havia preocupação do modelo gramatical da tradição greco-latina em “decompor palavras em unidades mínimas de som e significado, em busca da sequência sonora específica que corresponde a tal ou qual significado e vice-versa” (Rosa, 2015, p. 45). Entre as décadas de 1940 e 1960, no apogeu do estruturalismo, a Morfologia começa a despontar como disciplina com as publicações de Bloomfield (1933), Harris (1942), Hockett (1947) e Nida (1949). Nesse novo cenário, a importância sobre a palavra como signo perderia espaço para o morfema. Para o pioneiro dessa nova leva de estudos, “o estoque total de morfemas em uma língua é seu *léxico*”³ (Bloomfield, 1933, p. 162, grifo do autor), logo o signo, por excelência, não seria mais a palavra como propunha Saussure (1916), mas o morfema.

Assim, a Morfologia⁴ dava seus primeiros passos como disciplina. Tradicionalmente, a morfologia era definida como um componente da gramática cujo objeto de estudo estaria

² Por *solidariedade sintagmática*, entende-se que: “todas unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia da fala, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem” (Saussure, 2012, p. 176).

³ Tradução do original: “*The total stock of morphemes in a language is its lexicon*” (Bloomfield, 1933, p. 162, grifo próprio, tradução minha).

⁴ Sempre que os termos *Linguística*, *Morfologia*, *Fonologia*, *Fonética*, entre outros similares, surgirem no texto grafadas com iniciais maiúsculas, trata-se de ciências ou disciplinas.

voltado para a estrutura e formação dos vocábulos. Segundo Nida (1949, p. 1), “a morfologia é o estudo dos morfemas e seus arranjos na formação das palavras”⁵. Já na condição de disciplina, apresenta delimitação de seu objeto de estudo, campo de atuação, metodologia e/ou operadores conceituais conforme as diferentes de abordagem⁶. Segundo Rio-Torto (1998 [1956], p. 47),

De um ponto de vista metodológico, o objeto primeiro da análise morfológica não é a palavra, mas as entidades mínimas de significação que a compõem, a natureza das significações que veiculam, as modalidades de ocorrência das entidades, os padrões e as regras combinatórias por que se seguem, as regras e as restrições que presidem à estrutura interna das palavras (Rio-Torto, 1998 [1956], p. 47).

Assim, a análise morfológica⁷ é possível inicialmente pela identificação e classificação das unidades mínimas e significativas (*morfema*) através do *método de comutação*⁸, ou seja, pela permuta de elementos que se excluem em sua oposição cuja função é equivalente. Isto é possível por conta do *princípio paradigmático* das línguas naturais, assim, se um morfe com determinada função é escolhido pelo falante, todas as alternativas para ele são excluídas automaticamente de sua realização. Dessa forma, como salienta Katamba (1993, p. 23, grifo do autor), “o principal princípio usado na análise de palavras é o princípio do *contraste*”⁹.

Posto desta forma, em oposição à palavra *menino*, por exemplo, *meninas* é uma palavra cujas desinências [a] e [s] indicam, respectivamente, o *gênero* (feminino em oposição ao masculino) e o *número* (plural em oposição ao singular), assim, pelo método de comutação, uma palavra não poderia ser ao mesmo tempo do gênero feminino e masculino ou pertencer ao número singular e plural. Neste caso, objeto de estudo da Morfologia seria apenas as três partículas significativas (menin-, -a, -s), ou seja, os morfemas e seus arranjos significativos que estruturam cada vocábulo.

⁵ Tradução do original: “*Morphology is the study of morphemes and their arrangements in forming words*” (Nida, 1949, p. 1, tradução minha).

⁶ Para maiores esclarecimentos sobre a origem e os tipos de modelos adotados pela Morfologia, ler sobre a seção 3.2. *Três modelos de análise linguística* (Rosa, 2015, p. 44-49).

⁷ Preferiu-se fazer uso da expressão *análise morfológica* de forma despretensiosa e não *análise morfêmica* embora aquela seja empregada normalmente de forma geral, incluindo aspectos diacrônicos da língua, enquanto detenha-se a uma análise sincrônica. Ver Crystal (1988 [1985]) para maiores esclarecimentos.

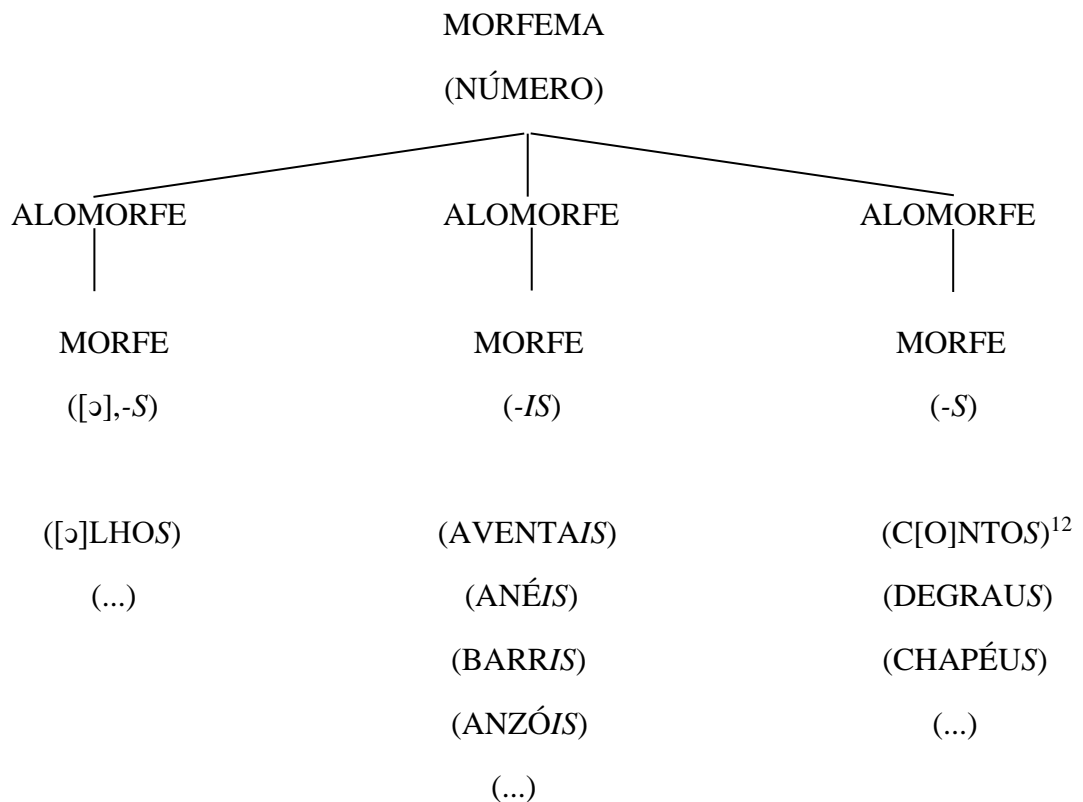
⁸ Ver Nida (1949). Para Câmara Jr. (1972 [1964]), esta *oposição linguística* poderia ser tanto *estrutural* (em português, consoante sonora /b/ versus não sonora ou surda /p/) quanto *funcional* (plural versus singular).

⁹ Tradução do original: “*The main principle used in the analysis of words is the principle of contrast*” (Katamba, 1993, p. 23, grifo do autor, tradução minha).

2.1.1 O morfema: do morfe aos alomorfes

Inicialmente, é importante que se estabeleça a distinção entre os significados de *morfema* e *morfe*. Enquanto aquele representa um *conjunto abstrato*, este seria sua *materialização significativa* dentro da estrutura do verbete e/ou da palavra. A hierarquização dos conceitos de morfema, morfe e alomorfe pode ser mais bem apresentada neste diagrama desta forma¹⁰:

Figura 1: Representação de número para lexias do grupo metafônico, terminadas em <-l>, <-au >, <-eu>¹¹ e outras terminações



Fonte: Elaboração própria, com base em Katamba (1993).

¹⁰ Diagrama baseado em algumas apresentações de Katamba (1993).

¹¹ Segundo as convenções, a representação gráfica (dos grafemas) ocorre entre colchetes angulares <tia>; a representação fonológica (dos fonemas) entre barras /'tia/ e a representação fonética (dos fones) entre colchetes [tia] ~ [tʃia]. As chaves { } indicariam o arquivormo, como na representação do plural em língua portuguesa {S}. O til (~) entre essas últimas realizações indicam variação no uso a depender de variáveis diversas, principalmente por motivação espacial, ou seja, variação entre dialetos, a depender da região do Brasil por exemplo. Segundo Tarallo (2007), de forma geral, convencionou-se a usar parênteses angulares <> para indicar a variável e colchetes para apresentar suas variantes. A marcação de plural, por exemplo, poderia ser assim representada: <s> (variável) e [s] ~ [ø] (variantes).

¹² Casos como *conto* apresentam contexto de nasalização que não permite a realização do plural metafônico.

Como se pode perceber pela demonstração desse diagrama, o morfema representaria o nível mais alto nesta hierarquia na análise morfológica. Sua posição abstrata é representativa apenas, mas não é em si a menor partícula significativa de cada verbete. Assim, pelo exemplo da *Figura 1*, o morfema representaria o número (singular ou plural) em língua portuguesa, como poderia também representar o gênero (masculino ou feminino) dos verbetes se fosse o caso. Embora ainda em alguns trabalhos da gramática tradicional (GT) se empregue o conceito de morfema em lugar de morfe, cabe observar que há muito esses conceitos são concebidos como distintos, mas complementares. Cabe observar que já na década de 1940, pontuava Hockett (1947, p. 324): “pela nossa definição, um morfema é uma classe de morfes”¹³. Como se pode observar no diagrama, entre os níveis do conceito de morfema e morfe, há o que se passou denominar alomorfe.

O conceito de alomorfe faz com que se possa, entre outras vantagens, evidenciar a oposição morfema x morfe. O morfe é uma das formas realizadas do morfema [...] *o morfema é então definido como uma classe de morfes* [...] A existência de morfes distintos, que realizam o mesmo morfema em função de contextos fonológicos ou morfológicos, torna possível o tratamento comum das formas normais e das formas irregulares dentro de uma descrição gramatical [...] *Apenas no nível de aplicação das regras morfológicas é que o morfema será traduzido em morfes*, com uma escolha eventual entre diversos alomorfes (Dubois et al., 2001 [1973], p. 42, grifo próprio).

Ainda sobre a importância do conceito de alomorfia para análise morfológica tradicional, Lemos (2002, p. 32) observa que “... para uma língua como a portuguesa, o princípio da alomorfia simplifica em muito a descrição da estrutura mórfica”. O conceito de alomorfe como intermediário e/ou complementar entre as noções de morfema e morfe, surge da necessidade de conceber-se a existência de um mecanismo de *escolha eventual* entre os morfes empregados para um respectivo morfema, como observado por Dubois et al. (2001 [1973]). Assim, o alomorfe é um operador na análise morfológica tradicional que indica a possibilidade de alternância no emprego de morfes para um mesmo morfema. Neste caso, como observado na *Figura 1*, em princípio, haveria na língua portuguesa a possibilidade de alternância¹⁴ sem perda de significado entre três alomorfes [ɔ] + -s, -is e -s para materializar o morfema de número em

¹³ Tradução do original: “By our definition, a morpheme is a class of morphs” (Hockett, 1947, p. 324, tradução minha).

¹⁴ O termo *alternância* foi empregado aqui não como sinônimo de *alomorfia* embora, como já observa Câmara Jr. (1968 [1964], p. 64, grifo do autor), “muitas vezes se encontra o termo ‘alternância’ no sentido de variação mórfica, ou *alomorfia*, e *alternante* como equivalente de *variantes* (v.) mórficas ou *alomorfes*”.

contextos distintos: palavras terminadas em potencial contexto metafônico, em <-l> ou ainda terminadas em vogais e/ou ditongos orais decrescentes, respectivamente.

Assim, na condição de unidade concreta – e não apenas como possibilidades abstratas de alternância a partir de suposições sem a comprovação de dados empíricos – o alomorfe seria uma variante de um morfema em distribuição complementar. Para Katamba (1993):

Nós classificamos um conjunto de morfemes como alomorfes do mesmo morfema se eles estiverem em *distribuição complementar*. Morfemes podem estar em distribuição complementar se (i) eles representam o mesmo significado ou possuem a mesma função gramatical e (ii) eles nunca são encontrados em contextos idênticos (Katamba, 1993, p. 27, grifo do autor).¹⁵

Pelo exposto, ao considerar o critério de distribuição complementar para a classificação dos alomorfes, apenas alternativas como [ɔ] + [-s], [-is] e [-s] seriam exemplos de legítimas possibilidades de representação da alomorfia de número no PB. No entanto haveria ainda uma variação no emprego desses alomorfes, de sorte que o alomorfe *-is* nem sempre é empregado apenas para pluralizar lexias terminadas em <-l> no uso corrente do PB, mas também ocorre em contexto para pluralização de lexias terminadas em ditongos orais decrescentes como se pode observar na subseção 5.3.

Ademais, como classificar os padrões *-ães* e *-ões* como variantes de *-s* em contextos idênticos (lexias distintas, mas terminadas em <-ão>)? Esse fator seria uma contraevidência para o critério de distribuição complementar¹⁶, o que tornaria o conceito de alomorfe proposto por Katamba (1993) efetivamente pouco abrangente. De qualquer sorte, a noção de alomorfia seria o primeiro passo para se considerar legítima a variação quanto à marcação de plural no PB e sua efetiva normatização nos manuais de gramática como já ocorre em algumas obras de Portugal e do Brasil como se observa na subseção 3.1.

¹⁵ Tradução do original: “*Morphs are said to be in complementary distribution if: (i) they represent the same meaning or serve the same grammatical function and (ii) they are never found in identical contexts.*” (Katamba, 1993, p. 27, grifo do autor, tradução minha). Não confundir este conceito com *distribuição* ou *distribuição de frequência*. Ver Xavier Mateus (1990) e Katamba (1993).

¹⁶ O conceito de alomorfia não será retomado na análise desta tese (cf. seção 5), logo não há a intenção de alongamento dessa reflexão porque tal aventura fugiria do escopo da proposta teórica deste trabalho. Agradeço às observações da Profa. Dra. Christina Abreu Gomes e da Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva sobre a classificação e conceituação de alomorfe.

2.1.2 Flexão e derivação¹⁷

Normalmente, a Morfologia costuma ser dividida em dois campos: a Morfologia Flexional, cujo objeto de estudo é a flexão e a Morfologia Derivacional ou Lexical, com vistas ao estudo da formação das palavras. Embora a razão da criação desses dois campos se justifique pela existência de objetos próprios, o que aparentemente seriam categorias discretas (diferentes), em muitos casos se confundem quando se trata da dicotomia flexão e derivação. Esses processos há muito intrigam estudiosos.

Segundo Biacchi (2013, p. 76), “desde Varrão (séc. V a. C.)¹⁸, tentou-se diferenciar a flexão da derivação, de maneira dicotômica [...] a definição de critérios objetivos para identificar a flexão e a derivação sempre foi um desafio, e, parece-nos, estar longe de haver uma solução perfeita [...]”¹⁹. Também Rocha (2008, p. 189) observa que “as fronteiras entre Regras de Derivação (entenda-se: derivação sufixal) e as Regras de Flexão não são tão nítidas”. Para o autor, eventuais fronteiras conceituais não são tão claras se é que possam existir. Assim, de forma mais objetiva, embora não mais precisa, pode-se dizer que:

[Derivação é um] termo usado na MORFOLOGIA que, ao lado da FLEXÃO, forma uma das duas principais categorias ou processos de FORMAÇÃO DE PALAVRAS. Os dois termos se aplicam também aos tipos de AFIXOS utilizados para a formação de palavras. Basicamente, o resultado de um processo derivacional é uma nova palavra (ex.: *nação* - *nacional*); ao passo que o resultado de um processo flexional é uma forma diferente da mesma palavra (ex.: *nação*, *nações*) (Crystal, 1988 [1978] p. 76, grifo do autor).

Como se pode observar, basicamente, o que diferencia a derivação da flexão é que a aplicação deste processo, em princípio, não transformaria uma palavra em outra, mas faria

¹⁷ Embora durante a defesa desta tese, questionou-se a manutenção das subseções 2.1.1 e 2.1.2 por saber-se que a abordagem da Teoria de Exemplares vai de encontro aos instrumentos de análises estruturalistas descritos nessas subseções, optou-se pela conservação da descrição de conceitos como *morfema*, *morfe*, *alomorfe*, *flexão*, entre outros, uma vez que alguns desses são termos que surgem quando se trata da abordagem dos manuais de gramática sobre o tema em questão ou mesmo em reflexões trazidas na revisão da arte e apresentados em citações ao logo dessa tese como observados em Nascentes (1953) com o termo *flexão* na seção 3, Dubois et al (2001 [1973]) com os termos *morfe*, *alomorfe* e *morfema* (seção 2), Miranda (2002) citando *processos derivacionais e flexionais*, *derivação*, *flexão regular*, *flexão irregular* (seção 3), Huback (2007) citando *morfema* (seção 3), Rocha (2008) com termos como *morfologia*, *morfemas*, *flexão*, *afixos*, *processos derivacionais* (seção 2). Também na análise final, em Gomes; Manoel (2010), observou-se o emprego de conceitos tradicionais como *morfema*, *flexão*, *flexão regular* e *flexionar* como notados nas citações da seção 5.

¹⁸ Acredita-se que houve erro de digitação ou mesmo uso de fonte questionável pelo autor. Segundo Câmara Jr. (1970, p. 81), trata-se do “gramático latino Varrão (116 aC-26 aC)”, que viveu entre o século II e I a.C. e não no século V a.C., como afirmou Biacchi (2013).

¹⁹ Para maior esclarecimento, sugere-se ler a terceira seção da dissertação, onde Biacchi (2013) trata do modelo dicotômico flexão x derivação, flexão inerente x flexão contextual e a perspectiva do continuum.

apenas alterações mínimas na estrutura e significado da palavra, ou como disse Crystal (1988 [1978]), com o processo flexional, surge uma nova forma para a mesma palavra. Para Câmara Jr. (2011 [1970]), flexão se distinguiria da derivação pelos seguintes motivos: i) os morfemas flexionais ocorrem de maneira regular e sistemática; ii) são condicionados pela natureza da sentença e iii) existem independentemente da vontade do falante. Para Câmara Jr. (2011 [1970]), a derivação não seria regular, coerente e precisa, ao passo a flexão seria um processo obrigatório, sistemático e coerente. Portanto pertencendo ao campo da flexão, a marcação do plural apresentaria, respectivamente, *regularidade*, *concordância* e não *opcionalidade*, conforme os critérios arrolados acima. Ilustrando a partir da categoria número, assim se justificaria a atuação desses três critérios da flexão:

i) *regularidade*, pois, para um nativo, é previsível a realização do plural de um determinado substantivo a partir de sua forma original ou, em situação contrária, a identificação da palavra original a partir da análise de um substantivo flexionado em número, isto é, sabe-se que o plural de *menino(ø)* é *menino(s)* bem como é natural que em situação de interação, ao ouvir-se ou ler a palavra *menino(s)*, automaticamente, saiba-se que ela representa o plural de *menino(ø)*. Em casos pontuais e/ou reduzidos na língua portuguesa, a depender do nível de escolaridade, não se poderia prever o plural de uma palavra, a exemplo de *campus (> campi)*, *corpus (> corpora)*, mas tal flexão se justifica por razões diacrônicas e com base em outra língua (latim), logo a realização deste plural não pertence ao mecanismo de flexão do vernáculo²⁰ propriamente dito, o que justificaria a imprevisibilidade das respectivas formações de plural para tais palavras;

ii) *concordância* é o critério que evoca o controle da natureza da frase sobre os morfemas flexionais, com o morfema de número não é diferente, sobretudo com as classes gramaticais como artigo, pronomes e adjetivo que concordam com o substantivo (núcleo do SN). No entanto, segundo Rocha (2008), o substantivo não sofreria controle da estrutura da frase como propunha Câmara Jr. (2011 [1970]) e, por conta disso, aquele autor sugere que “o critério da *concordância ideológica* pode ser adotado para caracterizar o número do substantivo como flexão nominal” (Rocha, 2008, p. 196, grifo do autor). Tal conceito de concordância, portanto poderia explicar a flexão em frases como “Acredito em *Deus*, não em *deuses*”, posto que não seria a natureza da frase que determinaria o emprego da palavra *Deus* ou *deuses*, mas a situação

²⁰ Entende-se por *vernáculo* a língua falada “a enunciação e expressão de fatos [...] sem a preocupação de *como* enunciá-los [...] momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua” (Tarallo, 2007, p. 19).

e/ou tipo de discurso, ou seja, a concordância se estabelece por motivações extralinguísticas, neste caso, talvez por motivações religiosas;

iii) a não *opcionalidade* é uma característica da flexão nominal, principalmente para a categoria número. Diferentemente dos morfemas derivacionais – que podem ser empregados na formação de algumas palavras de acordo a vontade do falante – o emprego dos morfemas flexionais é pré-determinado pelo sistema linguístico, logo, são de uso obrigatório numa relação fechada. No caso da categoria número, “os pares (singular/plural) que constituem o número do substantivo forma uma *lista exaustiva e não está na vontade do falante introduzir um novo termo* no quadro já existente” (Rocha, 2008, p. 198, grifo meu), portanto não se trataria da criação de uma nova palavra como na derivação, mas na aplicação de uma regra pré-estabelecida e compartilhada por membros de uma mesma comunidade, assim, em princípio, não haveria motivação nem competiria ao falante a criação de um novo alomorfe de plural como alternativa.

No entanto, no PB, entre esses três critérios, a não opcionalidade parecem estar em xeque em casos especiais, pois, às vezes, a perda gradual da marca de plural morfológico como <-es> de algumas lexias (*meses* ou *rapazes* por exemplo) pode provocar a realização de estratégias de plural aparentemente particulares do falante como o alongamento da realização de vogais tônicas e sibilantes (<-s> ou <-z>) nessas lexias. Esse alongando da sibilante em posição de coda ocorre quando há a perda de marca adjacente de plural, provocando o “alongamento compensatório” (Trask, 1996, p. 81). Assim, Cristóvão Silva, Almeida, Guedri (2007, p. 221) concluiriam que, “[...] embora a forma singular e a forma plural que sofreu lenição apresentem seqüências segmentais similares como em [ˈmes] e [ˈmeʃ̃]”²¹, o detalhe fonético revelado pela análise experimental mostra que, na verdade, as duas formas são sistematicamente diferentes”.

Regularidade, concordância e não opcionalidade são critérios que alcançam além da categoria número e outras flexões nominais, mas também as flexões verbais. Para resumir esses princípios estabelecidos por Câmara Jr. (2011 [1970]), Rocha (2008, p. 201)²² assim apresenta o nível atuação desses critérios em todas as formas de flexão:

²¹ Os sinais adicionais presentes na transcrição fonética em [ˈmeʃ̃] e ausentes em [ˈmes] sinalizam o alongamento da vogal [e] e das sibilantes [s] naquele caso. O emprego de tais conversões são é de responsabilidade do autor, pois foram utilizados outros sinais no texto original.

²² Na obra anterior de Rocha (s/d), o autor inclui neste quadro o critério da *produtividade*, que atingiria (com o símbolo +) apenas a flexão de número entre as flexões nominais e todas as categorias das flexões verbais deste quadro. Sobre este critério, ele observa que “a diferença entre a produtividade lexical e produtividade flexional é apenas uma *questão de grau* [...]. Dado um substantivo na língua, sabemos que a regra de *formação do plural* se aplica de *maneira exaustiva*, podendo-se falar em *produtividade total*” (Rocha, s/d, p. 22, grifo próprio). Nesses termos, esse critério se assemelha ao critério da *regularidade*. Em sua obra mais atual (Rocha, 2008), o autor

Quadro 1: Flexões do português

CRITÉRIOS	FLEXÕES						
	NOMINAIS			VERBAIS			
	Número	Gênero	Grau ²³	Pessoa	Número	Tempo	Modo
Regularidade	+	-	+	+	+	+	+
Concordância	+	+	-	+	+	+	+
Opcionalidade	-	-	+	-	-	-	-

Fonte: Rocha (2008, p. 201).

Em algumas línguas, como a língua portuguesa, é comum que os nomes, a exemplo dos substantivos e adjetivos, sofram flexão. Entre os substantivos, categoria em análise nesta tese, a flexão se estenderia ao número (singular x plural), ao gênero (masculino x feminino) e, para alguns gramáticos, ao grau (diminutivo e aumentativo). No latim – de cuja língua também surgiu a língua portuguesa depois de inúmeras mudanças em seu sistema – havia também a flexão de caso, cuja função estava voltada para indicação da função sintática da palavra dentro de uma sentença. Para Rocha (s/d, p. 27, grifo próprio):

Em resumo, pode-se afirmar que *o substantivo* se flexiona em português com o *único fim* de expressar o número. O verbo se flexiona com o objetivo de expressar a pessoa, o número, o tempo e o modo. A expressão dessas categorias se faz com *morfemas específicos, previsíveis e pré-determinados* (Rocha, s/d, p. 27, grifo próprio).

Assim, tanto a categoria grau quanto gênero não seriam mecanismos de flexão na língua portuguesa sobretudo aquela. Quanto ao gênero, relativiza-se sua classificação como flexão. A respeito da classificação de grau como flexão, alguns autores pontuam contra como Bechara

limita-se ao uso de apenas dos três critérios proposto por Câmara Jr. (2011 [1970]). Dessa forma, também o fizemos.

²² O termo *categoria* é empregado aqui de forma generalizada.

²³ Embora grau apareça neste quadro como flexão nominal, muitos autores questionam esta classificação, inclusive o próprio Câmara Jr. (1968, p. 179) salienta que “as desinências nominais são para as categorias gênero (v.) e número...” e, dois anos depois, ratifica esta classificação observando que “... a expressão *grau* não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si” (Câmara Jr., 2011 [1970], p. 83, grifo próprio). Em tempo, a categoria gênero também é questionada sobre seu caráter (categoricamente) flexional como tratar-se-á ainda nesta subseção.

(2009) e Rocha (2008). Aquele observa que “a derivação gradativa do substantivo (grau) se realiza por dois processos (sintético e analítico), numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão” (Bechara, 2009, p. 140) e este conclui que “...o grau não pode ser considerado flexão em português, pelo fato de não envolverem regras sintáticas, mas apenas morfológicas” (Rocha, 2008, p. 222). Como sinaliza o *Quadro 1*, a categoria²⁴ grau não possui o traço da concordância, critério fundamental para a sua classificação como flexão. Segundo Câmara Jr. (2011 [1970], p. 83, grifo próprio), “a sua inclusão (de grau) na flexão nominal decorreu da transposição *pouco inteligente* de um aspecto da gramática latina para nossa gramática”²⁵.

No caso da categoria gênero, há também autores que não a consideram essencialmente um mecanismo flexional, a exemplo das considerações de Rocha (2008). Nesta obra, o autor conclui que:

Gênero é, portanto, um mecanismo lingüístico complexo sobre o qual atuam Regras Sintáticas de Concordância, Regras Morfológicas de Derivação (sobre o substantivo) e Regras Morfológicas de Flexão (sobre os substantivos e sobre os determinantes) (Rocha, 2008, p. 214).

Para o autor, a categoria gênero mobilizaria simultaneamente regras de derivação e de flexão na estruturação de algumas palavras. Dessa forma, nota-se que os processos de derivação e flexão não seriam tão distintos como parecem inicialmente nem seriam de exclusiva atuação de uma determinada categoria gramatical. Essa distinção seria menos evidente ainda se se levar em consideração que tanto os afixos derivacionais quanto os flexionais resultassem da memorização por associação estabelecida por semelhanças fonológicas entre as lexias e não da derivação por regras gramaticais. Assim, numa perspectiva de análise a partir do nível lexical, a marcação de número não emergiria de processos associativos por meio da memorização de cada entrada? Nesse sentido, de forma introdutória e/ou provocativa, no final da próxima subseção se discute a relação entre morfologia e léxico como níveis da língua que interagem na formação do plural no PB de forma dinâmica, distante da visão predominantemente estruturalista apresentada sumariamente nesta subseção.

2.2 A MORFOLOGIA: UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

²⁴ O termo *categoria* é empregado aqui de forma generalizada.

²⁵ Para maiores esclarecimentos, ler a seção *O mecanismo da flexão portuguesa* (Câmara Jr., 2011 [1970]). Entre as categorias apresentadas nesse quadro, descrever-se-á apenas a flexão de número (objeto de estudo desta tese).

Como nesta tese pretende-se analisar a alomorfia de número levando em consideração a relação entre aspectos de estruturação interna e externa à palavra, bem como da relação entre aspectos dentro da própria palavra na formação do plural dos substantivos contáveis, é importante observar que a escolha da estratégia alomórfica em questão não encontra razão para sua realização apenas por controle do nível morfológico da língua.

Rio-Torto (1998 [1956], Câmara Jr. (2011 [1970], 1975), Wieseemann e Mattos (1980) e Katamba (1993), entre outros linguistas, já tratavam da relação entre a morfologia e outros níveis da língua, como a sintaxe, fonologia, fonética, semântica e o léxico. Nas subseções a seguir, brevemente serão ilustradas as interfaces entres esses níveis da língua que atuam tanto em processos derivacionais quanto em processos flexionais.

2.2.1 Interface sintática

A princípio, o alcance de abrangência do campo da morfologia limitar-se-ia à estruturação do vocábulo, logo sua atuação não dialogaria com outros níveis da gramática como a sintaxe uma vez que, aparentemente, a combinação significativa interna das palavras ou mesmo vocábulos²⁶ (morfologia) e a relação externa entre eles (sintaxe) tratava-se de abordagens divergentes pela GT, como observaram Crystal (1988 [1978]) e Dubois et al. (2001 [1973]). No entanto o conceito de morfologia ganha duas acepções que podem aproximar esses níveis da língua:

a) ou a *morfologia* é descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas-raízes para construir “palavras” (regra de formação de palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa e, conforme o caso (flexão das palavras), em oposição à sintaxe [...] b) ou a *morfologia* é descrição, ao mesmo tempo, das regras da estrutura interna das palavras e das regras de combinação dos sintagmas nas frases. A morfologia se confunde, então, com a formação das palavras, a flexão e a sintaxe, e opõe-se ao léxico e à fonologia. Neste caso, diz-se, de preferência, *morfo-sintaxe* (Dubois et al., 2001 [1973], p. 421-422).

²⁶ Cabe salientar que, segundo Lemos (2002), o conceito de *palavra* está intimamente ligado a sua autonomia de seu significado, sendo, portanto, uma *forma livre* enquanto o conceito de *vocábulo* limitar-se-ia às *formas dependentes* – como denomina Câmara Jr. (2011 [1970]) – puros *instrumentos gramaticais* da língua, sem qualquer autonomia de significado como as preposições (*em, de, entre*, por exemplo) e conjunções (*mas, pois, embora*, entre outras). Sobre *formas livres* e *formas presas*, ler Bloomfield (1933).

Como se pode observar, o ponto crucial de discordância entre essas duas acepções de morfologia seria sua relação com outros níveis da gramática, com destaque, para sua relação com a sintaxe. Embora exista uma tentativa constante de oposição de um nível gramatical ao outro, como no caso da morfologia e sintaxe, cabe lembrar que a morfologia pós-bloomfieldiana dialogava constantemente com o nível sintático da língua, a saber, estes estudos aplicavam “à análise gramatical das palavras os mesmos princípios que à análise sintática de unidades maiores como sintagmas e sentenças” (Lyons, 2009, p. 89). Segundo Rio-Torto (1998 [1956]),

São igualmente estreitas as relações entre *Morfologia* e *Sintaxe*, uma vez que a estrutura interna de muitas palavras se define pela combinatória de elementos (por isso se fala em sintaxe interna da palavra), mas também porque a categoria léxico-sintática e as categorias flexionais, nominais ou verbais, são em grande parte sintacticamente determinadas (Rio-Torto (1998 [1956]), p. 48).

Como observou a autora, a combinação de elementos não só se estabelece fora dos limites das palavras mas também dentro dela mesma. Assim, a sintaxe não seria um conceito de relação entre termos/vocábulo, mas entre todo e qualquer elemento, dentro ou fora dos limites dos vocábulos, ou ainda, da relação entre seus elementos internos (emprego de morfema de plural por exemplo) e externos (determinantes) ao vocábulo por meio da concordância nominal. Para Anderson (1992), essa relação materializada pela flexão seria o recurso mais evidente da relação entre morfologia e sintaxe. Para esse autor, as propriedades da palavra expressas pela *representação morfossintática*²⁷ tornam mais evidente esta relação entre esses dois níveis da língua. Dialogando com as reflexões de Rio-Torto (1998 [1956]) e Anderson (1992), Rocha (2008), observa que:

O flexionamento [...] não é um fenômeno isolado, restrito à morfologia, mas atinge também o campo sintático, esta constatação não deve ser negligenciada [...] a flexão deixa de ser uma característica da palavra, para ser um mecanismo morfossintático, que se serve ao mesmo tempo de regras morfológicas e sintáticas (Rocha, 2008, p. 202-203).

Muitas vezes, no PB e em outras línguas, a marcação de plural só se realiza fonologicamente fora dos limites dos vocábulos, a exemplo da marcação pelos determinantes

²⁷ Por *representação morfossintática* entende-se que: “além da estrutura formal, uma palavra apresenta um outro tipo de estrutura: a Representação Morfossintática, que representa as propriedades expressas pela palavra, em oposição à sua composição formal”. Tradução de Rocha (2008) de Anderson (1992, p. 89).

que acompanham substantivos de dois números como nas palavras *lápiz* e *pires* (*o lápis* > *o(s) lápis* ou *o pires* > *o(s) pires*), o que reforçaria o papel da sintaxe na materialização de elementos tipicamente morfológicos, como o morfema de número no interior do SN, mas não necessariamente em seu núcleo.

Em algumas lexias, ao contrário, esta relação para marcação de plural seria menos determinada sintaticamente, pois esta marcação também contaria com combinações significativas internas, a saber, a palavra *cactos* – cujo plural era materializado apenas pelos terminantes (*o cactos* > *o(s) cactos*), já que se trataria de um substantivo de dois números²⁸ – atualmente já é correntemente empregada e legitimada sem a realização do /s/ no singular (*cacto*) pelos dicionários do PB e pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP). O que seria o fonema /s/ intrínseco à palavra *cactos* passou a ser interpretado como um morfema indicado de número, logo a explicitação do plural desta palavra não ficaria exclusivamente dependente da relação sintática entre o núcleo e respectivos determinantes do SN.

No entanto, em casos menos específicos como os dados controlados na análise final desta tese, a expressiva não marcação do plural em muitas lexias do grupo metafônico ou com terminação nos ditongos <-ão>, <-au>, <-eu>, <-al>, <-el>, <-il> e <-ol> revela o caráter redundante da dupla marcação dentro do SN, o que favoreceria a marcação fonológica de número apenas em determinantes e sua supressão nos respectivos núcleos dos SNs já no nível lexical. Posto desta forma, a relação entre sintaxe, morfologia e léxico cumpriria um papel importante no entendimento das (não) escolhas alomórficas e suas frequências de uso pelos falantes.

Para a proposta da Teoria de Exemplares (Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001; Bybee, 2001), a supressão do segmento /s/ como em *cactos* no nível fonológico quanto no nível morfológico a exemplo das lexias controladas nesta tese revela que a relação entre sintaxe e morfologia partiria da interação desses níveis com o nível lexical do PB uma vez que as relações entre elementos/operadores da morfologia e da sintaxe poderiam ser explicados a partir de experiências de uso da língua com foco na memorização dos SNs. Dessa forma, as relações sintáticas entre elementos dos SNs poderiam ser memorizadas no léxico mental do falante e acessadas de forma automática conforme o nível de frequência de uso de tais SNs.

²⁸ Diferentemente do que indicam alguns dicionários, como Houaiss (2007), e o VOLP (2009), para alguns autores como Rosa (2015), as palavras *lápiz*, *cacto*s e *pires* pertencem ao mesmo grupo de plural dos paroxítonos em /s/, “quando então a forma permanece *invariável*” (Rosa, 2015, p. 58-59, grifo próprio), ou seja, o singular de *cactos* também traria consigo o fonema /s/.

Se tanto as lexias quanto as construções específicas seriam representadas no léxico mental segundo a Teoria de Exemplos, poder-se-ia conceber que SNs simples como “*dois pão*”, “*dois [o]vo*”, “*três degrau*”, “*dois chapéu*”, “*os policial*” – por serem representações mentais robustas em virtude de sua frequência de uso²⁹ – seriam realizados de forma automática, pois itens sem a marcação fonológica de número no núcleo dos SNs seriam de fácil acesso no léxico mental do falante ao passo que os respectivos SNs simples com dupla marcação fonológica seriam acessados de forma analítica, ou seja, a partir da comparação com outros exemplos com tais características fonológicas.

Nesse sentido, as relações sintáticas não redundantes estabelecidas no interior dos SNs reduzidos a duplos constituintes (det. + núcleo do SN) como “*dois pão*”, por exemplo, em situação de respostas curtas como as obtidas no *QPP* (ver *Apêndice A*) seriam resultado de um eventual fortalecimento na representação mental dos falantes de modo que essas construções com única marcação fonológica de plural estariam fortalecidas no léxico mental do falante em virtude de sua probabilidade de percepção e produção em comunidade de fala. No entanto SNs com marcação morfológica redundante como em “*dois pães*” também seriam possíveis de ocorrer conforme as probabilidades de terem sido ouvidos e/ou produzidos pelo falante. Nesse sentido, a Teoria de Exemplos seria um modelo por meio do qual a relação entre os níveis morfológico, sintático, fonológico, semântico e lexical se revelaria mais próxima e com representação do conhecimento linguístico dessa relação de forma dinâmica como se pode observar, respectivamente, ainda nesta e em outras seções.

2.2.2 Interface fonológica

Como já sugerido anteriormente, assim como a sintaxe, a fonologia interage de alguma forma com a morfologia. Como disciplina, a Fonologia tem como objeto de estudo as unidades mínimas abstratas do sistema de uma língua, porém *sem significação*³⁰. Assim, seu objeto é o *fonema* “em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas” (Câmara Jr.,

²⁹ Embora não fora exequível a conferência da frequência de ocorrência desses SNs simples com marcação de número apenas no determinante desses sintagmas de curta extensão a partir da consulta de dados do site *Linguatca* (<https://www.linguatca.pt/>) como se fez no *Quadro 1* (cf. *Apêndice E*) em virtude do pouco tempo que restava para a entrega desta tese, pode-se notar que a não marcação é predominante na representação mental do grupo de lexias terminadas em *-ão* (53%) e significativa (37%) no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el* como se pode conferir, respectivamente, nas amostras ALiB observadas na *Tabela 50* (subseção 5.2.2.5) e na *Tabela 67* (subseção 5.3.2.4).

³⁰ Por *sem significação*, entende-se aqui os fonemas e suas realizações fonéticas (fones), em oposição aos morfemas, que, mesmo sendo formas presas, trazem consigo alguma significação como os radicais e afixos.

1968, p. 184). Em princípio, cada som realizado num verbete não pertence ao campo de estudo da Morfologia se este for esvaziado de qualquer acréscimo de significado ao verbete, a exemplo dos fonemas. No entanto, como observa Rio-Torto (1998 [1956]),

A Morfologia mantém *relações estreitas com a Fonologia*, não apenas porque é de natureza fonológica o suporte significativo dos monemas, mas também porque (algum)as configurações formais que os monemas assumem relevam de regras fonológicas, sendo explicáveis pelo funcionamento do sistema fonológico. A relação íntima entre Fonologia e Morfologia torna-se evidente na explicação do funcionamento dos paradigmas nominal e verbal (Rio-Torto, 1998 [1956], p. 47, grifo da autora).

Não seria apenas o fato de o morfema se materializar mediante os recursos fonológicos em suas combinações que estabeleceria esta relação entre Fonologia e Morfologia. Seria o mesmo que justificar a relação da Linguística e língua porque esta seria apenas seu instrumento daquela e não seu objeto de estudo. Essa relação se evidenciaria sobretudo a partir do condicionamento fonológico frente ao emprego de determinadas flexões de número a exemplo do que ocorre com a realização dos padrões de plural no PB. No caso do padrão *-s*, indicador de plural, apresenta realização distinta se a lexia à frente for iniciada por vogal ou consoante: “[’malas]; [’malaza’zuys]; [’malas’pretas]” (Dubois, J. et al., 2001 [1973], p. 525). No segundo exemplo, o arquifonema /S/ é realizado como [z] (sândi³¹) e como [s] no terceiro. Câmara Jr. (2011, p. 93 [1970]) observa que “o morfema flexional, oposto a um zero (∅ singular, é fonologicamente o arquifonema /S/ das quatro fricativas não labiais (sibilantes: /s/ - /z/; chiantes: /s’/ - /z’/) em posição pós-vocálica final”. Realizações variadas como essas, mas representadas por um mesmo fonema em combinações distintas, discretas e funcionais, deixam evidentes as relações entre os níveis morfológico e fonológico. Dessa relação entre estes dois campos, surgiu a necessidade de criação de um campo interdisciplinar: a *Morfologia*. Rio-Torto (1998 [1956], p. 45) assim define esta área de estudo:

Em todo o caso, para os que circunscrevem a Morfologia às implicações morfofonológicas dos fatos fonológicos, o tratamento dos fenômenos em apreço pode ter lugar dentro do que se designa por *Morfologia*, definida assim como área de fronteira entre Fonologia e a Morfologia, que se ocupa

³¹ Xavier e Mateus (1990, p. 327) classificam este fenômeno também dentro do campo da Fonética e Linguística História além da Fonologia. As organizadoras entendem que sândi é um “fenômeno de *fonética sintática* em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra” (Xavier; Mateus, 1990, p. 327-328, grifo próprio).

das manifestações morfológicas dos fenômenos fonológicos (Rio-Torto (1998 [1956], p. 45, grifo próprio).

Eventuais alterações em alguns morfemas motivadas por combinações fonológicas não comprometem o significado daquelas unidades nem das lexias em si, seriam apenas reorganizações dos fonemas possíveis no sistema. Essas alterações podem ocorrer no interior da lexia ou entre elas como nos casos de sândi já apresentados anteriormente.

Ainda sobre este campo interdisciplinar, Cristóvão Silva (2015) também aponta para a existência do nível morfofonológico, embora não traga em sua obra o verbete *Morfofonologia*. Outros linguistas, como Hockett (1942) e Câmara Jr. (1968) empregam o termo *Morfofonêmica* para designar esta área de intersecção entre a Morfologia e a Fonologia. Pela descrição, tais conceitos parecem sinônimos. A própria Cristóvão Silva (2015) observa que morfofonológico é “nível de análise também denominado morfofonêmico” (Cristóvão Silva, 2015, p. 154). Independentemente de qual nomenclatura adotar, esse ramo fronteiriço há algumas décadas busca tratar de fenômenos antes negligenciados pela GT.

No que tange especificamente ao objeto de estudo dessa tese – afastando-se do nível da escrita (grafema) – pode-se observar que alguns contextos de realizações fonológicas implicam alterações na estrutura morfológica da palavra falada. Assim, a interação entre os níveis fonológico e morfológico da língua seria perceptível quando, por exemplo, observa-se o emprego de estratégias de marcação de plural de lexias do grupo metafônico ou dos ditongos com terminação em <-au>, <-eu>, <-al>, <-el> e <-ão>. Por motivações de ordem diacrônica ou mesmo sincrônica, o condicionamento fonológico sempre atuou frente à realização de plural na língua portuguesa.

No grupo metafônico, a mudança de timbre da vogal tônica [o] do singular para o plural não é possível quando é seguida por consoante nasal <m> como em <p[o]mbo> > <p[o]mbos>, <l[o]mbo> > <l[o]mbos>, mas é possível quando esse condicionamento fonológico não ocorre, ou seja, quando a vogal em questão é seguida de outra consoante a exemplo de <s>, <r> ou <v> como, respectivamente, se pode notar em: <p[o]sto> > <p[ɔ]tos>, <p[o]rco> > <p[ɔ]rcos>, <n[o]vo>/<p[o]vo> > <n[ɔ]vos>/<p[ɔ]vos>. Embora se saiba que a maioria dos itens lexicais em contexto metafônico normalmente não sofra mudança de timbre no PB (*ab[o]rtos*, *ac[o]rdos*, *ad[o]bos*, *ad[o]rnos* etc.) (cf. *Quadro 26*), entende-se que o emprego da vogal tônica [o] seguida de consoante nasal inibe ainda mais essa possibilidade na língua.

No grupo de lexias com terminação em <-l>, o condicionamento fonológico frente ao nível morfológico do PB pode ser notado com a observação de dados empíricos coletados nesta

pesquisa, pois, com a semivocalização da lateral [l] na representação mental de quase todos estratos da sociedade brasileira para a realização de lexias como <avental> e <anel>, o emprego final dos fonemas [al] e [el] passaram a ser realizados, respectivamente, como ditongos [aw] e [ɛw], logo a terminação dessas lexias seriam realizadas na atual fala dos brasileiros como ocorre analogicamente às lexias <degrau> e <chapéu>, respectivamente. Assim, a distinção entre esses dois grupos fonológicos no PB só seria perceptível em registros escritos diferentemente do que ainda ocorre com a realização da lateral final [l] no espanhol e no português lusitano. Nesse sentido, naturalmente, a aplicação de um padrão de plural em [-is] para estas lexias é compreensível uma vez que o grupo de nomes com terminação no grafema <l> é mais frequente no PB que aqueles com terminação em ditongo decrescente <-au> e <-eu>, logo as mudanças ocorridas no nível fonológico ao longo da história do PB explicariam as variações no nível morfológico e, conseqüentemente, no emprego recorrente de variantes como *degraus* ~ *degrais* e *chapéus* ~ *chapéis*.

Por fim, no grupo de lexias atualmente com terminação no ditongo <-ão> no PB, o condicionamento fonológico era o que distinguia o emprego das variantes de plural em <-s> e <-es> ao longo da história da língua portuguesa como melhor foi descrito na terceira seção. Segundo autores com Pereira (1907) e Almeida (1999), bastava o acréscimo dessas desinências de número para a realização dos plurais com terminação em <-n> no português arcaico assim como ainda ocorre no espanhol (*mano* > *manos*, *pan* > *panes*, *león* > *leones*). Com a perda desse condicionamento fonológico ao longo dos séculos da história da língua portuguesa, motivado pela unificação do singular dessas lexias a partir do emprego do ditongo <-ão> (*mão*, *pão*, *leão*), lexias menos frequentes na fala dos brasileiros passariam a ser flexionadas também com a desinência de número mais produtiva para este grupo morfológico (-ões) a exemplo de <cidadãos> ~ <cidadões>. Assim, o nível lexical passou a desempenhar papel ainda mais relevante frente à realização de plural do grupo em <-ão> uma vez que as distinções fonológicas para tais terminações não mais existem no PB.

Pelo exposto, uma eventual manutenção do timbre fechado da vogal tônica [o] para algumas lexias no plural bem como a possível migração de padrão de plural de <-s> para <-is> ou de <-ãos>, <-ães> para <-ões>, conforme o grupo morfológico observado, revelam claramente a relação entre os níveis fonológico e morfológico do PB. Ademais, as semelhanças fonológicas – além dos limites dos alomorfes no singular como na raiz das lexias conforme descritas na subseção 4.3 – poderiam influenciar possíveis migrações de padrão de plural dentro de cada grupo morfológico. Nesse sentido, a estruturação dos fonemas e morfemas em cada

lexia e sua associação por semelhanças entre elas manteriam estreita relação na realização de plural no PBA ou mesmo no PB.

2.2.3 Interface fonética

Nas publicações da área de Linguística, o estabelecimento da relação entre Morfologia e Fonologia é muito mais recorrente do que entre aquele campo e a Fonética. Rio-Torto (1998 [1956]), por exemplo, não estabeleceu interconexões entre a Morfologia e a Fonética nesta obra³² tampouco na definição de Morfofonologia, todavia Dubois, J. et al. (2001 [1973]) também citam a participação da Fonética³³ neste campo interdisciplinar:

A morfofonologia corresponde à fonologia e à fonética em linguística estrutural quando os itens léxicos inseridos no lugar dos símbolos recebem uma interpretação fonética; corresponde à morfologia, à fonologia e à fonética quando os itens gramaticais (como Presente, Passado, Definido, etc.) são substituídos por formas da língua (entre esses itens, há os que são substituídos por fonemas prosódicos e intonemas) (Dubois et al., 2001 [1973], p. 421, grifo próprio).

Assim, para o autor, a Morfofonologia seria o campo interdisciplinar em que Morfologia, Fonologia e Fonética atuariam. Quando as interferências na realização do morfema não têm necessariamente explicações a partir da língua, mas da fala, a relação entre Morfologia e Fonética se estreitam. A título de esclarecimento, é importante observar que a Fonologia e a Fonética têm grosso modo o mesmo objeto de estudo (os sons da fala), por isso são ciência que dialogam, mas ambas apresentam pontos de vistas e métodos de investigação distintos. Se numa análise linguística, determinada combinação/sequência entre os seguimentos (fonemas) fosse a mesma, como em /'tia/ _ /t+/i+/a/ e a mudança na realização entre os traços distintivos dos fones não implicasse oposição *na língua*, mas sim *na fala*, como em [tia] ~ [tʃia], poder-se-ia justificar essa variação com motivação essencialmente fonética. Assim a oposição discreta e funcional na língua entre os traços distintivos dos fonemas /t/ e /p/ em /tia/ e /pia/, respectivamente, permite a criação de uma nova palavra e cujo interesse volta-se para Fonologia, mas se essa oposição não é funcional e manifesta-se na fala como em [tia] ~ [tʃia]

³² Nesta obra, a autora salienta apenas a existência “interconexões que a Morfologia estabelece com a Fonologia, com a Sintaxe, com a Semântica e com as ciências do léxico” (Rio-Torto, 1998 [1956], p. 46, grifo da autora)

³³ Nesta obra, o autor observa que na gramática gerativa, para tal conceito, Fonologia e Fonética cumprem o papel interpretativo de tornarem os enunciados realizáveis.

compete sua descrição com os recursos da Fonética. Mori (2007, p. 149)³⁴ pontua que “o estudo dos fones em seus aspectos físicos, articulatórios e auditivos corresponde à Fonética. O estudo dos fonemas como unidades discretas, distintas e funcionais é tarefa da Fonologia”.

Diferentemente da Fonologia, que volta sua atenção para realizações abstratas da língua, é no nível fonético em que tais realizações se materializam em interações reais de fala. Ambos os níveis se distinguem do morfológico porque as unidades mínimas deste nível são providas de significação dentro das lexias (morfema). Delimitando o campo de atuação da Fonética, Câmara Jr. (1968) observa que:

A fonética dita descritiva nos dá os efeitos acústicos elementares que nossa audição apreende como unidades sônicas, ou SONS DA FALA, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. É cada som da fala que se depreende o fonema [...]. A chamada fonética histórica estuda a história da língua (v.) as mudanças fonéticas (v.) estabelecendo as chamadas leis fonéticas (v. lei); como se trata de mudanças do sistema de fonemas, seria preferível a denominação fonêmica histórica ou diacrônica (v.) (Câmara Jr., 1968, p. 182-183, grifo do autor).

Voltando a atenção para o caráter sincrônico, posto que a fonêmica não se preocuparia com “a realidade física integral do som da fala” segundo Câmara Jr. (1968, p. 182), cabe observar que enquanto a Fonologia tem o *fonema* como unidade mínima e abstrata, a Fonética estuda sua materialização através do *fone*, termo usado para descrever o menor segmento discreto produzido e percebido em interações diversas de fala. Assim, por exemplo, para a Fonologia o fonema /t/ é a representação abstrata na língua portuguesa para o primeiro segmento mínimo da palavra <tia>. Para a Fonética, esta representação deve ser concreta e/ou fisiologicamente possível pela articulação humana, assim, a depender o dialeto do PB, o fonema /t/, neste contexto silábico, pode ser realizado pelo fone [t] ou [tʃ]³⁵. Rio-Torto (1998 [1956]) observa que:

A Fonética é encerrada como a área do saber que se ocupa das propriedades físicas, articulatórias e perceptivas dos sons da fala. Ela estuda portanto as *possibilidades articulatórias* do aparelho fonador humano, os mecanismos de produção e de audição dos sons e também as características físicas das ondas que [pe]recebemos como unidades fônicas (Rio-Torto, 1998 [1956], p. 22, grifo próprio).

³⁴ Segundo o autor, esta diferença entre estes dois campos foi consolidada a partir de 1928 no *Primeiro Congresso Internacional de Linguística* em Haia (Holanda).

³⁵ Essas variantes fônicas de um determinado fonema são denominadas *alofones*.

A análise dessas possibilidades de produção dos sons é subsidiada pela Fonética Articulatória. Só este ramo da Fonética tem aparato seguro para descrever como os sons dos órgãos vocais são produzidos e, conseqüentemente, delimitar quais e em que contextos eles podem ser realizados de forma fisiologicamente viável por um falante. Neste sentido, esse ramo da Fonética dispõe de recursos descritivos que interessam à análise morfológica.

Entre os vários condicionamentos fonéticos frente a flexão de número no português, merece destaque o grupo morfológico com terminação grafemática em *-x* (tórax) ou *-s* (lápis)³⁶ embora não seja objeto de estudo desta tese. Estes fonemas em posição de coda (final de sílaba) produzem não só reorganização silábica ([ks] > [kis]) como em *tórax* (tora[kis]) mas também o prolongamento das sibilantes [s] nas duas palavras. Trata-se de casos de alomorfa condicionada pelo nível fonético. Souza e Silva e Koch (2012 [1983]) observam que “entre os casos de *alomorfa foneticamente condicionadas*³⁷ estão os nomes terminados em *x* e *s*, os quais, quando precedidos de vogais átonas, *não sofrem variação* [...] a oposição singular-plural só é recuperada pelo contexto (sintático)” (Souza e Silva; Koch, 2012 [1983], p. 71).

Quando se pensa na realização do plural prescritivo de palavras como *olho* e *osso*, deve-se levar em consideração que o falante aciona não só os níveis fonológicos e morfológicos da língua mas também o nível fonético posto que há uma alteração vocálica no interior do vocábulo. Inicialmente, no nível morfológico, acrescentando-se o padrão *-s* e, em seguida, acionando o nível fonético, mudando-se o timbre das primeiras vogais [o] _ [ɔ] (do timbre fechado (ô) para o aberto (ó)). Esta implicação fonética no timbre vocálico seria apenas “uma alternância redundante ou submorfêmica” (Monteiro, 2002, p. 30), mas que, de algum modo, evidenciam a interação entre esses dois níveis da língua. Reforçando relação entre Morfologia e Fonética a partir deste exemplo, Câmara Jr. (1968, p. 259) destaca que a “metafonia [...] é pela sua própria definição uma *mudança fonética*³⁸ associada à estrutura morfológica do vocábulo [...]”.

³⁶ O grafema *-x* corresponde a uma consoante oclusiva seguida de uma fricativa sibilante [ks], como em *tórax* e em o grafema *-s* representaria uma consoante fricativa sibilante [s], como em *lápis*, por exemplo).

³⁷ Para essas linguistas, só não haveria condicionamento fonético para a formação de plural para o grupo morfológico com terminação em *-ão*. Em suas palavras, “a simplicidade estrutural da descrição de número só é até certo ponto perturbada pela possibilidade de variação, *sem nenhum condicionamento fonético*, dos vocábulos terminados em *-ão*” (Souza e Silva; Koch, 2012 [1983], p. 72, grifo próprio).

³⁸ Este conceito é retomado por Xavier e Mateus (1990) usando os termos de Câmara Jr (1984) em outro dicionário do linguista. As organizadoras classificam a metafonia como fenômeno da *Fonologia* e da *Fonética*. Silva (2015, p. 151), no entanto destaca a natureza fonológica do processo, classificando a metafonia apenas como “fenômeno fonológico”.

Com relação às possíveis variações fonéticas entre [o] e [ɔ] na realização do plural metafônico, apenas a Fonética Acústica poderia dar subsídios precisos para a identificação dessa gradação na realização dessa vogal como um traço morfológico. Essas propriedades físicas só são perceptíveis com exatidão na transmissão através de recursos eletrônicos como programas de computador que podem mensurar a distinção entre os níveis de abertura ou fechamento da vogal [o], desta forma poder-se-ia saber se nesses contextos não haveria realmente variação além da binária percebida sem tais recursos digitais. Neste caso em especial, pode-se observar como recursos da Fonética são fundamentais para a explicação de alguns fenômenos essencialmente estudados à luz da Morfologia.

Ademais, a relação entre o nível fonético e o morfológico na formação do plural pode ser constatada mesmo por teorias distintas, a exemplo do que é postulado pela Teoria de Palavras e Regras (Pinker; Prince, 1988) e a Teoria de Exemplares (Johnson, 1997; Bybee, 2001; Pierrehumbert, 2001), descritas na subseção 4.3. Na perspectiva daquela teoria, por exemplo, a marcação de plural seria derivada da aplicação de regras. Assim, acionando o nível fonético, realiza-se apenas uma das regras possíveis no sistema, ou seja, manutenção do timbre da vogal [o] ou sua mudança [ɔ] em determinados contextos fonológicos ao mesmo tempo em que se aplica a regra morfológica e/ou sintática (acréscimo do padrão -s) para a formação desse plural. Também na Teoria de Exemplares, a interface entre o nível fonético e morfológico é essencial para a formação do plural, no entanto não se parte do princípio de que regras seriam aplicadas, mas que tais formações já estariam presentes no léxico mental do falante conforme suas experiências de uso da língua. Dessa forma, feixes de exemplares formados por lexias com timbre aberto concorreriam probabilisticamente com feixes de lexias com plurais formados com essa vogal com timbre fechado, logo essas duas realizações fonéticas possíveis no sistema, uma vez internalizadas no léxico mental do ouvinte-falante, ganhariam força conforme o número de repetições em que são percebidas e/ou produzidas. Nesse sentido, a realização de padrões morfológicos dependeria do fortalecimento de determinadas realizações fonéticas no léxico mental do ouvinte-falante como se observará de forma detalhada na subseção 4.3.

Por tudo exposto, como nível da língua, a fonética não deve ser percebida apenas como o nível responsável pela materialização dos fonemas e dos morfemas, mas como nível da língua que pode interferir diretamente na mudança de padrões na marcação de plural a partir fortalecimento de determinado padrão fonético. Como disciplinas, também é perceptível como recursos da Fonética, como a descrição, transcrição e classificação dos sons da fala, podem servir à análise morfológica, corroborando a relação entre Fonética e Morfologia. Assim,

independentemente de como se pense a fonética, esse campo e nível da língua mantém estreita relação como outros campos e níveis da língua, entre eles, a morfologia.

2.2.4 Interface semântica

A Morfologia também tem íntima relação como o Léxico e com a Semântica. Com esta disciplina justifica sua relação pelo fato elementar de que, em princípio, a unidade mínima de análise da morfologia seria portadora de significação. Segundo Crystal (1988 [1978]), dentro da Linguística, a Semântica corresponde “ao estudo da *significação* dentro da *língua*” (Crystal, 1988 [1978], p. 232, grifo do autor). Segundo Dubois et al. (2001 [1973]):

No quadro da teoria lingüística geral, tal como é visualizada pela gramática gerativa transformacional, a *semântica* é um meio de representação do sentido dos enunciados. A *teoria semântica* deve explicar as regras gerais que condicionam a interpretação semântica dos enunciados... (Dubois et al., 2001 [1973], p. 527, grifo do autor).

Embora, tradicionalmente, a Semântica tenha como objeto de estudo a interpretação dos enunciados, sua significação, muitas vezes, depende não só da combinação entre vocábulos e/ou palavras, como também destes com suas estruturas significativas internas. O enunciado está para a Semântica como o morfema está para a Morfologia e, apesar de não compartilharem do mesmo objeto de estudo, suas unidades de análise compartilham de um mesmo traço: a significação, o que interconectam estas duas áreas da Linguística.

São consubstanciais as relações entre *Morfologia e Semântica*, desde logo porque as entidades de análise se definem como portadora de significação, quer se trate de significações gramaticais, significações lexicais ou de conteúdos categoriais (Rio-Torto, 1998 [1956], p. 48, grifo da autora).

Em princípio, para a Morfologia, suas unidades de análise são significativas, logo morfemas (como radicais e afixos trazem consigo informações adicionais à formação de uma nova palavra. No caso dos prefixos, como *des-* ou *in-* associados a outras palavras, entre outras possibilidades de significação, somam a elas a ideia de *ação contrária* ou de *negação* como em <descobrir> e <inverdade>, respectivamente. Todavia há quem questione esse princípio significativo do morfema. Segundo Hjelmslev (1963) nem sempre essa máxima do morfema pode ser confirmada:

Apesar de o morfema corresponder ao plano do conteúdo, há casos em que elementos formais, apesar de vazios de significação, levam a morfemas por apresentarem *uma clara função morfológica* (Hjelmslev, 1963 apud Soledade; Lopes, 2015, p. 432, grifo próprio).

Na língua portuguesa, por exemplo, as vogais temáticas não teriam consigo qualquer significação a não ser uma função classificatória, indicando a qual classe pertencem os nomes (tema em /a/, /o/ e /e/ para palavras como *vida*, *cachorro* e *mestre*, respectivamente) e verbos (tema em /a/, /e/ e /i/, como *falar*, *vender* e *partir*, respectivamente), o que eventualmente colocaria em xeque este conceito tradicional de morfema. Segundo Câmara Jr. (1968):

Há divergência em considerar ou não a *vogal temática* como um tipo de morfema (v.), porque no índice temático *não há significação* e sim, apenas *distribuição mórfica*, mas não há dúvida que o índice temático participa do mecanismo gramatical da língua (Câmara Jr., 1968, p. 372, grifo próprio).

Assim, Hjelmslev (1963) e Câmara Jr. (1968) parecem dialogar quando questionam a obrigatoriedade de significação do morfema, ou ainda, no caso deste linguista, questiona-se a classificação das vogais temáticas como um morfema legítimo. Em última análise, ao aceitar a vogal temática como morfema, dever-se-ia analisar a fundo o conceito de morfema como unidade significativa. Em exemplos como *fal-a-re-mos*, o morfema [fal] seria a raiz, [a] indicaria a vogal temática, [re] sinaliza o tempo futuro e o modo indicativo (ação futura provável) e [mos] indicaria a pessoa e o número. Desses quatro segmentos, apenas a vogal temática [a] não apresentaria qualquer significado. Segundo Monteiro (2002), esta vogal temática seria um *morfema vazio*, mas, mesmo assim, não considera esta classificação como um bom exemplo de morfema vazio em face de este elemento indicar a que conjugação pertence o verbo (-ar, primeira conjugação).

Em princípio, quanto à formação do plural no PB, entende-se que o emprego ou não do morfe de número não só indica que essa categoria esteja no plural ou no singular, respectivamente, pois quando um falante emprega estratégias distintas de pluralização como *dois pãoø*, *dois pães*, *dois pãos* ou *dois pões* num mesmo turno de fala ou em turnos diferentes por exemplo, tais realizações trazem consigo informações e/ou inferências não só sobre o enunciado em si (quantidade dos elementos solicitados ou possibilidade de compra do cliente etc.), mas sobre as possibilidades legítimas de pluralização do grupo morfológico em *-ão*, o grau de monitoramento linguístico entre os interlocutores no momento da interação verbal, uma

amostra da dinamicidade da organização do léxico mental do falante, valores sociais das estratégias empregadas entre outras possibilidades de significação. Ademais, ao pedir-se “*dois pães*” numa eventual padaria não haveria comprometimento semântico da informação transmitida, pois o contexto imediato e o emprego de uma estratégia de pluralização frequente na língua (-*ões*) inviabilizaria esta possibilidade. Nesse sentido, fica evidente a interação dos níveis semântico e pragmático como o nível morfológico na realização de padrões distintos de plural no PB, pois, numa “relação compensatória”, esses níveis da língua dialogam para que a significação do enunciado seja satisfatória face à interação verbal a que se propõe mesmo que nele sejam empregadas estratégias incomuns de pluralização.

De qualquer sorte, a breve reflexão destes últimos parágrafos, pode-se evidenciar a relação entre morfema e significação, ou melhor, entre a Morfologia e a Semântica. Em níveis e enfoques diferentes, ambas disciplinas trabalham com unidades linguísticas significativas. Por fim, ainda nesta seção, o papel do nível semântico se revela permanente ao apresentar-se a relação entre o nível morfológico e o nível lexical.

2.2.5 Interface lexical

Tradicionalmente, atribui-se ao léxico de uma língua um caráter irregular enquanto o nível morfológico é classificado como regular como defendido pela teoria de palavras e regras (Pinker; Prince, 1988). Dessa forma, ao léxico caberia todas as justificativas para o que dentro do sistema de regras de uma língua não se encontra explicações razoáveis. No entanto, como observa Santana (2013), por três razões ambos os sistemas teriam aspectos convergentes:

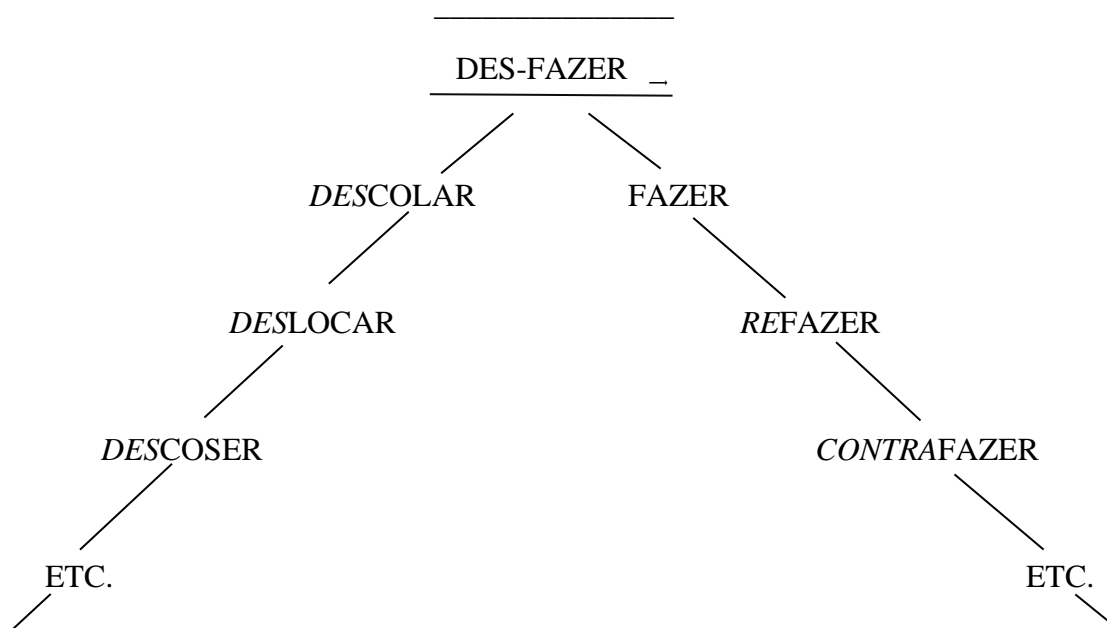
- a) A primeira é que eles servem ao mesmo papel numa língua; ambos *lidam com entradas lexicais*.
- b) A segunda razão é que morfologia e léxico são *interdependentes*. A *morfologia*, que forma palavras a partir de palavras, *encontra as palavras com que opera (e suas bases) no léxico*; assim como o *léxico se beneficia dos princípios que o estruturam*, princípios delimitados em teorias morfológicas.
- c) A terceira é que o léxico e a morfologia também se articulam *em torno de elementos mínimos* que compõem as entradas (Santana, 2013, p. 134, grifo próprio).

Desses três princípios convergentes entre esses dois níveis da língua, o terceiro merece destaque. O morfema seria o principal elo de intersecção entre léxico e morfologia. O nível lexical da língua não só busca nos morfemas derivacionais novas possibilidades de formação

de palavras como também por meio da recorrência à identificação dos significados desses morfemas por comparação a outras lexias em rede associativas, pode-se deduzir o conteúdo de um neologismo por exemplo. Portanto tanto na mera realização quanto na recepção de cada lexia em situação de interação, o falante-ouvinte recorre ao léxico³⁹ e todas suas combinações morfológicas para produzir significado.

Também a morfologia buscaria no nível lexical palavras “prontas”⁴⁰ para poder atuar através da fixação de novos morfemes por meio da relação associativa⁴¹ (paradigmática). Nessa relação, apenas um morfe será selecionado em oposição a outros na materialização de determinado morfema e, conseqüentemente, a realização de cada sintagma. Pelo exemplo abaixo, Saussure (2012 [1916], p. 178) ilustra essa relação de produção:

Figura 2: Relação paradigmática na formação de palavras



Fonte: Saussure (2012 [1916], p. 178).

³⁹ Léxico, nesta concepção, seria o inventário de palavras conhecidas e/ou utilizadas pelo falante em oposição ao inventário de palavras de uma língua, quase totalmente listadas pelos vários dicionários de cada língua.

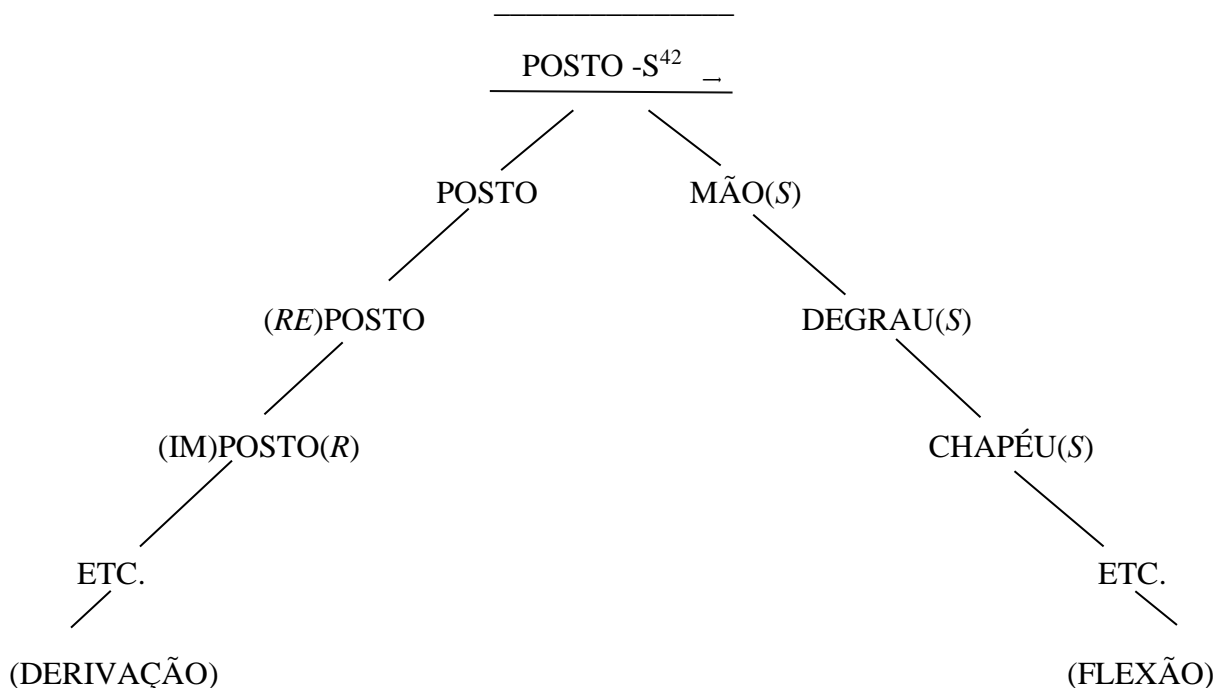
⁴⁰“Prontas” aqui tem o sentido sintagma que já sofrera intervenções de processo morfológicos, podendo, inclusive, já serem inventariadas na língua.

⁴¹ Sobre relações associativas e seus tipos, ler Saussure (2012 [1916]), capítulo V. Relações sintagmática e relações associativas postuladas por esse autor, passaram a ser denominadas relações sintagmáticas e relações paradigmáticas na linguística estruturalista.

Pelo diagrama proposto por Saussure (2012 [1916]) o nível morfológico seria acionado constantemente em cooperação com o nível lexical não só na mera realização de lexias conhecidas como também na produção de outras novas a partir da aplicação de regras. Neste diagrama, à esquerda, o mesmo prefixo derivacional *des-* pode ser associado à categoria verbal em língua portuguesa atribui a ela um novo significado (neste caso, de ação contrária). À direita, no entanto, prefixos distintos são associados a uma mesma lexia em princípio pronta, assim esta mesma lexia ganha novos significados à medida que novos prefixos são associados a ela.

Com os processos flexionais não seria diferente. A relação entre léxico e morfologia ocorre constantemente na (re)organização de lexias que funcionam como base (entradas lexicais). Por meio dessa relação associativa, elementos morfológicos podem atuar dentro de cada entrada lexical como, a partir dela, fixar novos elementos gramaticais, como a marcação de número por exemplo.

Figura 3: Relação paradigmática na formação e flexão de palavras



Fonte: Elaboração própria, baseada em Saussure (2012 [1916]).

Diferentemente de plurais realizado no interior das lexias como em *qua(is)quer*, na língua portuguesa a flexão ocorre à direita de cada item lexical. À esquerda do diagrama, percebe-se

⁴² Diagrama baseado nas séries associativas ilustradas por Saussure (2012 [1916]). Adaptações foram necessárias para representar a associação entre os grupos morfológicos trabalhados nesta tese.

a fixação de morfemas através de processos derivacionais em um ou duas posições das lexias. No lado oposto do diagrama, os morfemas de número são fixados por meio de processos flexionais apenas à direita das palavras. Pelo exposto, pode-se perceber que tanto a derivação quanto a flexão buscam no léxico a fonte de atuação do nível morfológico da língua. Da mesma forma, também o léxico buscaria em recursos morfológicos mecanismos de produção lexical.

No caso da escolha da estratégia alomórfica, Katamba (1993) observa que ela pode sofrer condicionamento gramatical, lexical ou supleção⁴³. No caso do condicionamento lexical, o autor observa que em inglês, o plural de *ox* não seria *oxes**⁴⁴, como orientaria a regra geral para casos similares como *boxes*, *foxes*. No entanto o plural de *ox* é *oxen*. Esta escolha alomórfica seria lexicalmente condicionada, pois não segue uma regra geral, mas é motivada por lexias específicas. Trata-se de um plural particular incorporado ao léxico dessa língua.

Também seguindo uma perspectiva acolhida pela teoria de palavras e regras, para Aronoff e Anshen (2001 [1998]), a flexão de número de algumas lexias no inglês teria origem no léxico e outras da morfologia (aplicação de regras gramaticais), portanto, daquele nível, viriam os plurais irregulares⁴⁵ e deste, os plurais regulares. Morfologia e léxico constantemente estariam interagindo nas escolhas de produção do plural, de sorte que uma estratégia seria escolhida pelo falante para determinado substantivo e outra seria recusada para o mesmo nome. Isso se dá por conta de um fenômeno denominado de *bloqueio*, ou seja, “a não ocorrência de uma forma devido a simples existência de outra (equivalente)” (Aronoff, 1976, p. 43)⁴⁶. Trata-se de um princípio de economia linguística, portanto em linhas gerais, não haveria necessidade de tornar o sistema de marcação de plural ainda mais complexo com a implementação de mais de uma estratégia de flexão de número para todas as lexias por exemplo, embora em alguns casos isso ocorra como foi demonstrado nesta seção. Em alguns casos, por meio do bloqueio, descarta-se totalmente a possibilidade de realizações de algumas estratégias de plural para determinadas palavras embora fossem previstas pelo sistema morfológico do PB a exemplo *gois* como plural para *gol*. Essa estratégia é recusada, pois tal entrada lexical foi aportuguesada do inglês (*goal* >

⁴³ Em Crystal (1988), o fenômeno é traduzido com *supleção* ou *supletivo*. Em Dubois et al. (2001 [1973]), como *supletividade*. Trata-se apenas de variação na nomenclatura, mas todos definem, na Morfologia, os casos em que não há nenhuma relação entre os morfemas por meio de uma regra geral, pois as raízes dos vocábulos são diferentes como para os substantivos *cavalo* e *égua* ou das realizações do verbo *ir* (*fui*, *vou*, *irei*, *ia*, para indicara a primeira pessoa do verbo *ir*)

⁴⁴ O asterisco indica uma possibilidade de realização, mas não uma realização real numa língua.

⁴⁵ Usou-se o termo (*ir*)*regular* aqui, pois os autores assim o denominaram no texto original, no entanto não será a denominação que se adotará na análise desta tese. Na tradição gramatical que versa sobre a língua portuguesa já emprega esta nomenclatura desde Barros (1540).

⁴⁶ Tradução do original: “*the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another*” (Aronoff, 1976, p. 43, tradução minha).

gol) apenas em sua grafia, mas a estratégia de marcação de plural inglesa recebeu total vernaculização, aceitando apenas o acréscimo da desinência *-s* associada a uma consoante (*gols*), estratégia alomórfica incomum ao sistema linguístico do PB⁴⁷.

No entanto, na língua portuguesa, existem muitos casos muito além dos apresentados nessa seção que também são condicionamentos lexicalmente frente à aplicação de regras morfológicas. Como será demonstrado na seção 3, as GTs bem como ortografias trazem consigo listas, às vezes, longas de exceções à regra de aplicação do plural de seus respectivos grupos de terminações. O grupo de lexias terminadas em *-ão* e o grupo dos plurais metafônicos, de longe, lideram em número de exemplos⁴⁸. Como nem toda lexia terminada em *-ão* faz seu plural em *-ões*, bem como nem toda lexia em contexto de metafonia de número muda seu timbre, tão pouco nem todas as lexias com terminação em *-l* apresentam o respectivo plural com acréscimo da desinência *-is*, o próprio nativo se vê na condição estocar em seu léxico mental a(s) estratégia(s) de marcação de plural de cada item tido como irregular dentro de cada grupo morfológico citado.

Na contramão do pensamento de que a marcação de plural poderia ser resultado ora da aplicação de regras gramaticais ora apenas do acionamento do léxico, pode-se pensar que a categoria número do PB possa ser adquirida ou aprendida por meio de associações entre semelhanças de padrões fonológicos presentes no léxico como já sugeriria o Modelo de Redes (Bybee, 1985; Langacker, 1987b; 1988) e com base no reforço mediante repetições de uso de determinados padrões de plural de cada grupo morfológico por meio da exposição a registros orais e escritos com variados níveis de estratificações linguísticas.

Nesse sentido, quando se pensa a percepção e produção de plural a partir da Teoria de Exemplares, por exemplo, a interação entre o nível morfológico e lexical seria determinante para a avaliação e produção de determinadas estratégias da categoria número do PB. Nessa perspectiva, descrita na subseção 4.3, a morfologia emergiria das relações em rede estabelecidas dentro do próprio léxico mental do ouvinte-falante. Assim, de forma dinâmica, o léxico mental do ouvinte-falante seria formado e atualizado constantemente a partir da indexação de

⁴⁷ Assim como outros autores, Houaiss (2007) trata essa estratégia inglesa de marcação de plural como “*barbarismo consagrado pelo uso*” (Houaiss, 2007, p. 1463, grifo próprio).

⁴⁸ Esse condicionamento lexical é recorrente também em palavras terminadas em *-n* (*hífen*) ou em *-x* (*tórax*). Muitas vezes, os dicionários e GTs apresentam a regra geral, mas, à frente, indicam alternativas de marcações mais usuais (*hífenes ~ hífens; tóraces ~ tórax*). Fora desses grupos, *gol* é outra palavra que quase sempre aparece como exceção à regra de aplicação do plural a seu grupo, posto que seu plural usual ocorre com o acréscimo da desinência *-s*, mas algumas obras de caráter normativo, como motivações nacionalistas e/ou diatópicas, sugerem o plural em *-is* (*gois*), *-es* (*goles*) ou *-os* (*golos*) no PB.

informações sobre o contexto de uso de cada estratégia de pluralização de todas lexias ouvidas, logo seria compreensível o fato de que os informantes dessa pesquisa também produzissem padrões de plural como “*os pãoø*”, “*os pãos*” ou “*os pões*” porque seriam estratégias legítimas do PB uma vez que poderiam ser ouvidas em contextos variados de monitoramento linguístico ou porque foram produzidas por analogia a possíveis pluralizações recorrentes no grupo morfológico com terminação no ditongo <-ãø>.

Como se pode compreender melhor a partir da leitura da subseção 4.3, o Modelo de Redes e o Modelo de Exemplares, opondo-se à perspectiva da teoria de palavras e regras, não negam a relação entre o nível morfológico e nível lexical da língua, mas defendem que estruturas morfológicas como os diferentes padrões de plural no PB emergiriam a partir do acionamento dos itens presentes no léxico mental do ouvinte-falante de forma automática ou analítica. Naquele caso, quando um padrão de plural se revela muito frequente em sua fala ou da comunidade em que vive, essa estratégia seria facilmente acionada no léxico mental; mas, neste caso, quando um padrão de plural não frequentemente ouvido, sua representação mental dependeria da comparação com outros padrões de pluralização mais frequente na língua como as estratégias de plural com timbre fechado para a vogal [o] no grupo metafônico, <-ões> e <-is> nos grupos com terminação nos ditongos <-ãø> e <-au>, <-eu>, respectivamente. Assim, a morfologia emergiria a partir de comparações de padrões fonológicos entre itens presente no nível lexical da língua, revelando a estreita relação entre esse nível e os demais níveis da língua, entre eles, a morfologia (cf. subseção 4.3).

Por tudo exposto nesta seção, pretendeu-se apresentar o objeto de estudo dos níveis sintático, fonológico, fonético, semântico, lexical e morfológico bem como as interfaces deste nível com os demais níveis da língua, em especial, com vistas a compreender suas atuações para com a realização dos diferentes padrões de plural no PB. Naturalmente, com atuações diferentes, pode-se perceber que todos os níveis listados são relevantes para a compreensão do fenômeno linguístico em questão e que independentemente da perspectiva citada nesta seção, todos autores citados estabelecem relações entre esses níveis da língua frente à compreensão de vários fenômenos, entre eles, a alomorfia de número. Por fim, conclui-se que uma análise a partir das perspectivas do Modelo de Redes e do Modelo de Exemplares se revela coerente quando se trata da pluralização de grupos morfológicos como aqueles analisados nesta tese uma vez que os resultados obtidos revelam que condicionamento lexical seria imperativo na realizações de padrões distintos no PBA, logo compreender como se organizaria o léxico mental

do ouvinte-falante seria o primeiro passo para entender suas eventuais variações de padrão na marcação de plural, ainda que para uma mesma lexia ou lexias de um mesmo grupo morfológico.

3 PADRÕES DE PLURAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A marcação de plural varia entre línguas e dentro de um próprio sistema. No alemão, por exemplo, pode-se marcar o plural acrescentando as desinências de número *-n* ou *-en* aos nomes enquanto na língua portuguesa empregam-se as desinência *-s* ou *-es* para mesma função. Em ambas as línguas, o emprego dessas desinências está condicionado ao contexto silábico imediato e acentuação das lexias. Assim, emprega-se *-n* para sinalizar o plural de substantivos com terminação em vogal ou /l/ (*türe* > *türen* (portas), *gabel* > *gabeln* (garfos)) e *-en* para nomes terminados em consoantes com exceção do /l/ em alemão (*ohr* > *ohren* (orelhas))⁴⁹. Em português, de forma geral, acrescenta-se o <*-s*> aos substantivos terminados em vogal (*degrau* > *degraus*), <*-is*> ou <*-es*> para aqueles com terminação em consoantes (*pincel* > *pincéis* ou *pais* > *paises*)⁵⁰. Assim, pode-se perceber que há padrões distintos na marcação de plural entre as línguas, como dentro delas mesmas.

Na língua portuguesa, a indicação de plural pode ser necessária ou não sob a forma de desinência. Segundo Bechara (2009), o primeiro caso se aplica ao grupo *contáveis* (*homem* > *homens*, *mulher* > *mulheres*, *pão* > *pães*) enquanto os *não contáveis* (*céu*, *água*, *saudade*) geralmente não são flexionados, pois estas lexias flexionadas têm frequência de uso muito baixa se comparadas àquelas lexias. Os substantivos contáveis têm natureza contínua e discreta em oposição aos não contáveis, que comportam a noção de massa ou matéria ou ainda são substantivos abstratos. No entanto nem sempre nomes não contáveis (matéria) deixaram de ser pluralizados, como afirma Ali Ida (1964 [1921], p. 61): “nomes de matéria, empregados atualmente quase sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma no plural: *açucares*, *melles*, *manteigas* [...] *arroz* [...] *azeites*, *vinhos* [...]”. Segundo Bechara (2009),

Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular. À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo*, *folhagem*, *casario* [...] Entre os coletivos há os *universais* (*povo*, *passarada*, *casario*) e os *particulares* (*caniçal*, *vinhedo*, *laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados (Bechara, 2009, p. 114-115, grifo do autor).

⁴⁹ Exemplos extraídos de Wiesemann e Mattos (1980, p. 44).

⁵⁰ Ainda nesta seção, outras propostas de alomorfa de número serão apresentadas além desta simplificada.

Embora normalmente não se pluralize os coletivos universais como observou o autor, lexias como *povo* e *pessoal* podem ser flexionadas em número quando indicam comparação de etnias, tribos ou até mesmo quando se refere a pessoas de forma genérica⁵¹. Numa divisão geral das situações de uso do plural na língua portuguesa, Câmara Jr. (2011 [1970]) já observava uma terceira motivação cujas justificativas voltam-se para o nível da estilística. Para ele, haveria três possibilidades de indicação de plural na língua portuguesa:

- i) plural contável e não contável;
- ii) coletivos;
- iii) “plural majestático”, ou melhor, *pluralia tanta*.

Além das duas situações já descritas anteriormente, cabe observar a existência desse terceiro plural. Segundo o autor, duas particularidades da marcação de plural se reúnem sob o rótulo de *pluralia tanta*, advindo da tradição gramatical greco-latina. A primeira particularidade de *pluralia tanta* seria a indecomposição linguística de palavras como *núpcias*, *exéquias* ou *funerais*, sempre realizadas no plural sem que houvesse a oposição morfológica equivalente para os respectivos singulares. A segunda particularidade reside no fato de alguns plurais serem usados para expressar amplitude, como na preferência pelos plurais *trevas*, *céus* e *ares* no lugar dos respectivos singulares. Segundo o autor, “[...] aí há um singular, muito mais ou muito menos usado, como *treva*, *céu* e *ar*, correspondente, em que esse conceito de amplitude deixa de se expressar através de um morfema flexional de plural” (Câmara Jr., 2011 [1970, p. 92]). Trata-se apenas de recurso semântico e não necessariamente morfológico.

Wiesemann e Mattos (1980) apontam, entre as regras gerais de realização de plural, um grupo pouco frequente de realização na língua portuguesa. Assim, nas construções tanto nominais quanto verbais, esses autores apresentam três diferenciações para categoria número:

- i) singular, dual, trial, quadrial e plural⁵²;
- ii) individual e grupal;
- iii) contável e não contável.

Embora não discorram sobre cada situação envolvendo a categoria número, parece evidente que os autores apenas apresentam uma possibilidade a mais nos casos gerais de

⁵¹ Trata-se de uma constatação empírica. Embora não sejam objetos de estudo desta tese, essas duas lexias foram controladas à parte. A lexia *povo* com determinante no plural chegou a um número de 49 ocorrências no *corpus* do ALiB. Destas, uma conforme se prega as GTs (timbre aberto) e duas com desinência de número, mas com o timbre fechado. No mesmo *corpus*, *pessoal* ocorreu mais de cem vezes antecedido por determinante no plural, no entanto apenas um dos informantes realizou essa lexia no plural (*pessoais*).

⁵² Maiores esclarecimentos, consultar Wiesemann e Mattos (1980).

pluralização. Trata-se da primeira situação. No entanto, na língua portuguesa, a oposição singular, dual, trial, quadrial e plural não é sistemática na língua⁵³, ocorrendo apenas como resquícios na flexão de número, a exemplo do numeral *ambos*⁵⁴, forma para indicar um plural dual. Sobre o resquício do plural dual no PB e do trial em outras línguas, Houaiss (2007) observa que:

[Dual] em certas línguas (indo-europeu, grego antigo, hebreu, sânscrito etc.), diz-se de ou subdivisão da categoria número, distinto do singular e do plural, e que expressa a quantidade 'dois' nos substantivos contáveis (p.opos. a 'um' ou a 'mais de um') [Em geral, *ficam no dual os nomes de coisas que ocorrem aos pares, como olhos, mãos, ombros etc., mas não somente estes*; nas línguas flexionais, o dual expressa-se por desinências de número e/ou caso; pode ter tb. manifestação lexical, em pronomes e quantificadores; no port., o numeral *ambos* é resquício do dual.] [...] [trial] em certas línguas malaio-polinésias, diz-se de ou subdivisão da categoria, número que expressa, nos substantivos contáveis, a quantidade “três”, por oposição a “um” (singular), “dois” (dual) e “mais de três” (plural) [...] (Houaiss, 2007, p. 1087-2764, grifo próprio).

A primeira proposta de Wiesemann e Mattos (1980) como situação de pluralização em singular, dual, trial, quadrial e plural seria apenas teórica e/ou aplicável a outras línguas ou mesmo a exemplos raros em português advindos do latim. Embora Houaiss (2007) assim como Dubois et al. (2001 [1973]) tratem do plural dual e trial, nenhum deles sinaliza existência deste nem como resquícios do latim na língua portuguesa. Em nenhuma das obras consultadas faz-se alusão ao plural quadrial seja em construções nominais seja em verbais, nem em língua portuguesa nem em outra qualquer.

Além destas três propostas gerais de pluralização, no caso da língua portuguesa, Dubois et al. (2001 [1973]) observam também que a categoria de número teria uma outra oposição além das propostas. Trata-se da oposição entre singular determinado ou indeterminado e plural determinado ou indeterminado. Neste caso, por meio de numerais (um pão > dois pães) ou com quantificadores (poucos, muitos pães). Essa oposição entre determinação e indeterminação seja no singular seja no plural traz novamente a discussão para o campo semântico.

⁵³ Dicionários de língua portuguesa e especializados foram consultados. Nenhuma dessas obras trazem consigo o verbete *quadrial*. Apenas Houaiss (2007) e Dubois et al. (2001 [1973]) tratam do plural *trial* e *dual*. Algumas obras só fazem referência ao plural dual, como Câmara Jr. (1968 [1964]), Ferreira (1996 [1975]), Macedo (1979) e Xavier e Mateus (1992). Outros não tratam de nenhum desses verbetes, como Xavier e Mateus (1990) e Crystal (1988 [1978]). Como se pode perceber, esta terceira situação de plural apresentada por Wiesemann e Mattos (1980) é parcialmente aludida e/ou aceita por outros estudiosos.

⁵⁴ Para Xavier e Mateus (1992, p. 140), “em português, a palavra ‘ambos’ é o único vestígio da existência de um dual”. Macedo (1979) também só apresenta este dual. Câmara Jr. (1968 [1964]), no entanto também acrescenta a forma *dois*, advindo de *duos* acusativo plural do latim, como resquício do plural dual na língua portuguesa.

3.1 A HISTÓRIA DO PLURAL D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

Nesta subseção, trata-se da abordagem sobre a alomorfa de plural a partir do olhar prescritivo de gramáticas normativas e ortografias ao longo dos séculos, mais precisamente, do português arcaico até o português contemporâneo. Entende-se por *português arcaico* o período entre o século XIII e a segunda metade do século XVI, conforme Mattos e Silva (2002)⁵⁵. Segundo a autora, algumas características linguísticas deste português permaneceram e outras desapareceram até este século. O final deste período é impreciso. Denomina-se *português moderno* o período subsequente, mas para a autora:

[...] não se pode propor, com dados intralingüísticos, os inícios do português moderno [...] temos considerado que 1536/1540 são datas sociolingüísticamente motivadas para o início dos tempos modernos da língua portuguesa, já que se inicia o processo progressivo de normatização com a gramática [...] de Fernão de Oliveira e a *Gramática da língua portuguesa*, de 1540, de João de Barros (Mattos e Silva, 2002, p. 30, grifo da autora).

Nesta tese, com vistas a comparar eventuais convergências e divergências entre o PE e o PB quanto à prescrição das escolhas estratégicas da marcação de número, sumarizou-se a história da língua portuguesa em apenas três longos períodos:

- i) *português arcaico*, correspondente apenas ao PE;
- ii) *português moderno*, diz respeito à manutenção da gramática do PE também no Brasil;
- iii) *português contemporâneo*⁵⁶, surgimento de uma eventual gramática e, conseqüentemente, manuais de gramática brasileiros distintos daqueles produzidos em Portugal.

Embora existam várias propostas de periodização do PB a partir de critérios variados, neste trabalho, denomina-se *português contemporâneo* o período da língua em que fica mais evidente a distinção entre o PE e o PB em vários níveis gramaticais. Para Tarallo (1993), entre os séculos XIX e XX surgiria uma gramática brasileira. Mattos e Silva (2004) sugere que tal

⁵⁵ Trata da “[...] periodização tradicional, sem subdivisão do português arcaico” segundo Galves (2012, p. 67).

⁵⁶ Em prefácio da obra organizada por Costa e Machado Filho (2004), Mattos e Silva nomeia *português brasileiro contemporâneo* o período relativo ao século XIX, último século dos *corpora* analisados naquela obra. E embora o que se chama aqui de português contemporâneo (PB) esteja dentro do que muitos autores chamam apenas de português moderno (ver quadros em Galves, 2012), preferiu-se aquela denominação, pois segundo Galves, Namiuti e Paixão de Souza (2006), a periodização tradicional observam uma mudança de período da língua portuguesa entre o século XVIII e XIX.

gramática já existiria na transição entre o século XVIII e XIX⁵⁷. Lobo (2003) pontua o ano de 1850 como o início de um novo período da língua portuguesa no Brasil. Já na periodização proposta por Galves, Namiuti e Paixão de Souza (2006), o PB surge no século XVIII.

Distante da intenção de propor uma alternativa de periodização, nesta tese, seguindo a periodização tradicional e as restrições impostas pelos *corpora* em análise, dividir-se-á a história da língua portuguesa em três períodos que se estendem do século XIII ao primeiro quartel do XVI; do segundo quartel do século XVI ao final do século XVIII (não denominando de *português clássico*, mas *português moderno* para este período) e, por fim, do início do século XIX aos dias atuais. Ademais, assim como Mattos e Silva (2002) entende que o português moderno inicia-se com a normatização através da publicação das duas primeiras gramáticas (Oliveira, 1536; Barros, 1540) escritas por portugueses, entende-se também que o fato de os primeiros dicionários e manuais de gramáticas produzidos por brasileiros ocorrerem na transição entre o século XVIII e XIX⁵⁸ confere a este século mais um motivo para consolidá-lo como marco inicial do português brasileiro em oposição ao português europeu. Em suma, não se trata apenas de indícios de mudanças entre o PE e o PB mas também do fato de que no início do século XIX brasileiros se apoderam da pena para prescreverem a norma padrão não apenas a partir da norma culta lusitana como também da norma culta compartilhada por escritores brasileiros e mais importante, não apenas escrevendo para brasileiros mas também para portugueses⁵⁹.

Para além do olhar normativo, também busca-se compreender como a marcação de plural é tratada por trabalhos científicos. Desse confronto da abordagem gramatical prescritiva e descritiva da língua, busca-se compreender qual a contribuição desses trabalhos para a (re)avaliação do que caracterizaria de fato a norma culta ou norma padrão⁶⁰ da língua

⁵⁷ Ver Mattos e Silva (2004). Nesta obra, autora também observa que Houaiss (1985 apud Mattos e Silva, 2004) comunga da mesma proposta de recuo. Em prefácio da obra organizada por Oliveira, Souza e Soledade (2009), também Mattos e Silva nomeia como *português brasileiro* os *corpora* entre XVIII ao XX analisados na obra, ratificando o recuo na datação do início de uma gramática do PB.

⁵⁸ Já no final do século XVIII, surge o primeiro dicionário produzido com a (re)organização de um brasileiro. Embora publicado em Lisboa, pois no Brasil ainda não seria autorizada a impressão de quaisquer documentos, na folha de rosto dessa obra bem como em sua gramática de 1808, seu autor destaca ambas a informação “natural do Rio de Janeiro” (Moraes Silva, 1789; 1806). Assim, a partir da primeira metade do século XIX, surgem as primeiras gramáticas e dicionários produzidos por brasileiros em seu país.

⁵⁹ A exemplo de Maciel, cuja gramática poderia ser adquirida não só no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) mas também em Lisboa e Paris, conforme indica a capa de sua obra (Maciel, 1914).

⁶⁰ Entende-se por norma culta o comportamento linguístico de pessoas que conhecem a língua portuguesa a partir do ensino formal, especificamente universitários e moradores de centros urbanos. Esses dois critérios foram basilares para a escolha dos informantes do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), cujos objetivos convergiam para caracterização da norma culta do PB na década de 1960 em cinco capitais brasileira: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A norma culta seria o comportamento linguístico real compartilhado por um

portuguesa no que tange às estratégias de marcação de número na LP ao longo desses nove séculos.

Por não haver gramáticas e dicionários até o final do português arcaico, fez-se necessário consultar obras atuais, como a de Mattos e Silva (2010), cujo título já evidencia a tentativa de reconstituição de uma gramática do português arcaico. Obras como essas assumem, em princípio, o papel descritivo, quiçá também “prescritivo” do que seria a norma culta ou também padrão do português d’além mar daquele período posto que os *corpora* analisados por esses autores são textos escritos por pessoas que compunham altos cargos na igreja católica e/ou na corte portuguesa daquele período. Embora não tenham sido escritas à época como as demais obras analisadas, a obra de Mattos e Silva (2010), assim como as demais gramáticas e ortografias descrevem a norma culta e/ou padrão vigente de um período da língua. Neste caso, descrevem o que provavelmente foi modelo de prescrição linguística entre o século XIII e início do XVI.

Assim, ainda nesta seção, observar-se-á apenas como o plural dos substantivos contáveis são ora prescritos ora descritos por diferentes autores que trataram da língua portuguesa desde o século XIII até o XXI. Serão comparadas as distintas abordagens sobre o plural dispostas em:

- i) 49 obras de caráter prescritivo (gramáticas normativas e ortografias);
- ii) várias pesquisas de caráter descritivo⁶¹.

A partir da análise dessas obras de origens, períodos e naturezas distintas, serão descritas as regras gerais para cada grupo morfológico bem como, quando possível, serão comparadas, em quadros, apenas as lexias controladas na análise desta tese. Dessa forma, também será possível perceber eventuais variações nas prescrições e usos da língua a partir de uma perspectiva tanto diacrônica quanto sincrônica.

segmento, em princípio, favorecido da sociedade enquanto a norma padrão é um comportamento linguístico idealizado pelos manuais de gramática nem sempre utilizado por tais informantes mesmo em situações formais de interlocuções. Essas duas normas se opõem ao português popular, pois este estaria no início ou extremo do contínuo português popular > português culto > português padrão. A norma popular, em suma, corresponde ao vernáculo propriamente dito, ou seja, todo comportamento linguístico comum em interações informais, sobretudo por pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade. Em tempo, cabe salientar que esses três conceitos não são discretos, bem como um mesmo informante pode fazer uso dessas três normas em proporções e situações distintas conforme a sua competência linguística.

⁶¹ Também foram consultados os verbetes referentes a todas lexias controladas nesta tese em 14 dicionários de autores lusitanos e brasileiros nos mesmos períodos da língua portuguesa, mas optou-se por apresentar a análise da prescrição apontada pelos manuais de gramática e ortografia ao longo do séculos, pois, de forma geral, as prescrições destas obras são semelhantes e o acréscimo de mais uma subseção para tratar da prescrição dos dicionários tornar-se-ia pouco prioritária e/ou repetitiva, e, conseqüentemente, sua leitura seria eventualmente menos motivadora.

3.1.1 Regras, exceções e (des)encontros entre as gramáticas e ortografias de Portugal e do Brasil sobre o plural

Uma vez que a Linguística Histórica se caracteriza pela “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados” (Labov, 1982, p. 20), entre as obras analisadas nesta subseção, também se fez uso do trabalho de Mattos e Silva (2010) para descrever a natureza do que poderia ter sido uma GT no período do português arcaico visto que, como já foi dito, a primeira gramática de língua portuguesa só foi publicada no período subsequente do português, logo não seria possível especular a normatização naquele período sem obras dessa envergadura. Além disso, como o número de gramáticas era reduzido até o século XIX, fez-se uso de ortografias visto que tais obras apresentavam regras similares às aquelas publicadas em manuais de gramáticas no que tange à prescrição do plural na língua portuguesa, muitas vezes, com listagens mais numerosas e mais recorrentes. Assim, foram consultadas obras normativas publicadas exclusivamente em Portugal até o século XVIII e obras produzidas tanto em Portugal quanto no Brasil a partir do século XIX. Os *corpora* desta análise da arte são compostos, portanto por 49 obras normativas do português nos dois países observando os seguintes critérios em ordem de importância:

- i) produzidas por autor(es) nativo(s) ou que morou(raram) e/ou trabalhou(raram) no país por tempo significativo;
- ii) escritas em coautoria por alguém com alguns dos critérios supracitados, mas que faça distinção dialetal entre os países⁶²;
- iii) publicadas em editoras do país de origem do autor, especialmente em estados e/ou cidades diferentes⁶³;
- iv) com datações da primeira e segunda metades de cada século, preferencialmente, de cada quartel quando possível⁶⁴ para que a distribuição das publicações de forma homogênea pudesse precisar o momento de eventuais mudanças nas prescrições;

⁶² A exemplo da obra de Cunha e Cintra (1984). A obra foi publicada em Portugal, mas apenas este autor é português. No manual de gramática em questão, os autores fazem a distinção entre o PE e o PB, inclusive na seção flexão nominal.

⁶³ A única exceção diz respeito à obra de Silva (1806), posto que o autor é brasileiro, mas publicou sua obra em Portugal. Na folha de rosto de sua obra o autor fez questão de sinalizar sua naturalidade: “natural do Rio de Janeiro”. Também o fez anos antes em seu dicionário de 1789. Não se sabe, porém, se a obra circulou em Portugal, no Brasil ou em ambos os países. Assim, o critério naturalidade do autor prevaleceu sobre origem da editora apenas neste caso na amostra dos manuais, pois se trata de notável gramático e dicionarista brasileiro. Maciel (1914) também teve postura semelhante ao indicar sua origem: “natural de Sergipe”. Além de Silva (1789), entre os dicionaristas, alguns também indicaram sua naturalidade nos rostos das respectivas obras, como em Pinto (1832): “natural da província de Goyaz”.

⁶⁴ Por este motivo e/ou critério, só três manuais de gramática compuseram a amostra do século XXI.

v) apresentarem caráter prescritivo, mesmo quando não condiz com a prática de seu autor e/ou títulos das obras;

vii) quando possível, selecionadas por ser de aquisição mais recorrente por escolas e ainda aquelas obras com grande número de edições, o que eventualmente revelam maior alcance de leitores do que as obras com poucas ou apenas uma edição;

viii) com prescrições voltadas preferencialmente apenas para a língua portuguesa, visto que algumas obras tratavam do português e latim, quando não só desta⁶⁵.

Com esses critérios, buscou-se observar se os autores se posicionavam com prescrições diferentes conforme seu país de origem, estado/cidade e se a prescrição de marcação de número mudou para a mesma lexia ou grupo morfológico ao longo de cada século ou período do português. Para tal empreitada, foram analisadas as seções que tratavam do plural dos substantivos bem como as eventuais seções de ortografia, acentuação, prosódia, vocabulários e lista de coletivos, posto que algumas gramáticas e ortografias tratavam do plural de forma fragmentada, ou seja, em seções distintas. As ortografias normalmente abordam o plural dos nomes de forma descontextualizada, ou melhor, ao tratarem da grafia das palavras no singular, apresentam os respectivos plurais em seções como vogais, ditongos, consoantes, entre outras.

Outras apenas tratavam do plural de forma generalizada ou pontuais a exemplo do plural metafônicos. Com vistas a objetivar a análise, nesta seção apresentar-se-á quadros, descrições e observações apenas sobre o plural das lexias alvo do questionário morfossintático do *Projeto ALiB* e do questionário da amostra complementar.

Todos os manuais de gramáticas que compõem os *corpora* da revisão da arte desta subseção têm em comum o fato de tratarem a flexão de número dos nomes normalmente em uma seção específica. Nela, prescreve-se a desinência de número a depender da terminação das palavras. Esta forma tradicional de prescreverem o plural, sobretudo nos manuais de gramáticas, tem uma justificativa. Já em 1631, o ortógrafo lisboeta Álvaro Ferreira de Vera trazia em sua obra uma seção intitulada “das letras em que se podem acabar as dicções da língua portuguesa” (Vera, 1631, p. 27). Ele observou que:

Ainda que as syllabas no meio das dicções se possam acabar em varias letras (& quasi todas) do alfabeto, não he assi no fim das dittas dicções: porque sômente podem acabar nas cinco vogaes Latinas A, E, I, O, V; & nestas

⁶⁵ “Nas escholas não havia estudo independente da grammatica portuguesa; esta era estudada apenas a proposito da latina. Só em 1770 é que foi ordenado por um alvará que os alumnos fossem instruidos pelo espaço de seis mezes, se tanto fosse necessario, nos principios da lingua materna pela grammatica de Lobato”, como observou Coelho (s/d, p. 166). A primeira edição desta obra foi publicada em 1881.

consoantes, *L, M, R, S, Z* [...]. *Mas se forem dicções peregrinas trazidas ao uso da nossa língua podese acabar em B D G C H N T*: como Iob, David, Agag, Melchisedec, Ioseph, Lamech, Sion, Nazareth, Nemrot. Porque os nomes proprios se hão de escrever com as letras de sua origem (Vera, 1631, p. 27-28, grifo próprio).

Esta percepção sobre a terminação das palavras na língua portuguesa possivelmente motivou, mesmo antes de Vera (1631), a prescrição do plural a partir de grupos ainda basilares para a normatização da flexão de número na língua portuguesa, a saber:

- i) palavras com terminação em vogais nasais ou orais;
- ii) palavras finalizadas em ditongos, ou seja, uma particularidade do primeiro grupo;
- iii) palavras terminadas em consoantes “legítimas” da língua portuguesa: grafemas como *l, r, s, z, m*⁶⁶.

Para os casos similares aos descritos pelo autor como “peregrinas”, ou seja, palavras estrangeiras com terminação em outras consoantes, nem sempre há o consenso entre os gramáticos e ortógrafos para a prescrição como ocorre normalmente para os demais grupos. Isto ocorre por questões político-ideológicas. Nem sempre se aceita apenas o acréscimo do padrão *-s*, como é natural em algumas palavras terminadas em consoantes nessas línguas de origem, como nos exemplos dos anglicismos. Alguns puritanos prescrevem a alteração silábica do final destas palavras, de modo a aportuguesar também a formação do plural desses “estrangeirismos”. Este posicionamento político-ideológico já interferia na prescrição do plural em língua portuguesa também para o grupo de ditongo em *-ão* desde o início do português moderno, como sinalizarão as descrições dos quadros 8 a 19.

Com exceção de poucas particularidades de algumas obras, os manuais de gramática e ortografias abordam apenas o plural metafônicos (com listagens); das lexias com terminação em vogais orais ou não; das lexias em ditongos (com listagens) e do plural com terminações em: [l], [r], [s], [z] e [m]. É comum até o século XXI separar o grupo das consoantes: plural em [l], plural em [m] e agruparem num mesmo plural as terminações em [r], [s], [z]. Todavia nem sempre a mesma lexia pertenceu a um mesmo microgrupo durante toda a prescrição na história da língua portuguesa. Embora tratassem do mesmo fonema, na grafia, a mesma palavra poderia ser grafada ora coma sibilante [s] ora com [z] ou até mesmo com as duas grafias num mesmo período da história do português, como no caso de *paiz > paizes ~ país > países*. Também ora a finalização nasalizada poderia ser tratada no grupo das vogais *homẽ > homẽs* ora no grupo

⁶⁶ Aulete (1864) acrescenta o *n* ao grupo dessas consoantes.

dos grafemas consonantais em -m, como em *homem > homens*. Trata-se apenas de distinções ortográficas menos evidentes sobretudo a partir da transição entre o século XIX e XX.

Essas obras apresentavam quase sempre as mesmas lexias como exemplos para cada grupo de plural. No caso dos grupos em -ão e metafônicos, estas listagens eram muito resumidas. Em muitas obras, seus autores observam que se aprende o plural das palavras com o uso, especialmente observando o comportamento linguístico das pessoas cultas. No diálogo proposto por Argote (1725), seu autor finda a seção de sua obra com estas falas a respeito de plurais tidos como “irregulares”:

M. Pois como se ha saber quando faltaõ as taes regras?

D. *Sabe-se pelo uso*, porque a lingua Portugueza he muyto dilatada, e aqui *só dizemos o commum* para o principiante saber depois guiarse [...]

M. Tendes mais que dizer dos numeros, e declinações dos nomes?

D. *Mais ha que dizer, mas isto basta* (Argote, 1725, p. 19-20, grifo próprio).

Esta e outras citações em diferentes obras normativas, ao longo da história da prescrição gramatical, revelam não só a limitação em se tratar a flexão de número no português, sobretudo até o século XX, como também a legitimação de aprender-se o plural das palavras com a observação empírica. Essa normatização ao longo desses nove séculos não foi consensual nem mesmo por gramáticos e ortógrafos contemporâneos entre si, sejam eles de mesma nacionalidade ou não. Em muitos casos, a naturalidade ou postura política-ideológica do autor influenciava sua prescrição do plural para determinados grupos como ficou evidente principalmente quando o tema seria o plural dos ditongo -ão ou o plural metafônico. Para se chegar a tal constatação, nas próximas subseções analisa-se de forma sistemática a normatização de quatro grupos morfológicos. As prescrições de outros seis grupos não analisados neste momento da pesquisa podem ser consultadas no *Quadro 1 (Apêndice C)*.

3.1.1.1 A prescrição para o plural metafônico

Sobre o plural metafônico, evidentemente não pode ser identificado e tratado na obra de Mattos e Silva (2010) na seção sobre flexão de número da língua portuguesa posto que esta obra não fora produzida no mesmo período deste *corpus* analisado. Sobre essa obra e sua relação com a metafonía na flexão de gênero, Mattos e Silva (2006) já dizia que “a grafia de então (português arcaico), como aliás a de agora (século XXI), não permite dizer se já havia a chamada marca submorfêmica de alternância vocálica [...]” (Mattos e Silva, 2006, p. 104), mas

ao analisar a obra de Oliveira (1536), Mattos e Silva (2006) infere que a alternância vocálica para a flexão de gênero não existiu no português arcaico, diferentemente do que poderia ocorrer no mesmo período com a alteração no timbre do [o] para a flexão de número. Oliveira (1536) sugere que na grafia das palavras passe a existir elementos que distingam “vogais grandes” e “vogais pequenas”, ou seja, vogais abertas e fechadas, respectivamente:

Na nossa língua podemos dividir âtes e neçessario õ diuidamos as letras vogaes ã grãdes (abertas) e peqnas (fechadas) como os gregos [...] também *oo grãde e o pequeno* [...] temos *o grande* como *formoosos* e *o pequeno* como *formoso* [...] C Tem tanto o costume e tambem a natureza que em que nos pes nos faz conhecer esta diuersidade de vozes e faz que muitos em lugar destas vogaes grandes escreuem duas como quer õ a voz não seja mas õ hũa e outros põelbe aspiração: mas também estes errão porque lha nam podem por em todos os lugares. *O remedio õ eu a isto posso dar he este que nas vogaes grandes dobremos as letras: mas de tal feyção que o drobrar dellas se faça em hũ lugar* [...] e *oo* também nestoutra: *oo* e os pequenos nas formas acostumadas. (Oliveira, 1536, p. 18-19, grifo próprio)⁶⁷.

De fato, pelo exposto, pode-se perceber que não seria possível identificar através da grafia do português arcaico a existência de alterações vocálicas na flexão de número neste período da língua, mas através da prescrição de Oliveira (1536), fica evidente que essa alteração já existia no português arcaico pelo menos para o adjetivo *formoso*, posto que esse gramático já sugeria a grafia do respectivo plural com dois os (*formoosos*)⁶⁸. Provavelmente, esta alteração atingiria outros adjetivos do português arcaico com terminação no sufixo *-oso*.

Embora a mudança de timbre no português arcaico não apareceria na escrita, como em “*fogos*”, registrada duas vezes neste período (Mattos e Silva, 2010, p.141), Barros (1540, p. 10) escreveu o mesmo plural com acento gráfico: “setenta mil fógos”, “os fógos per os moradores”. Dessa forma, pela sugestão ortográfica de dois *os* para este plural por Oliveira (1536) e pela grafia de Barros (1540) para o plural “fógos”, fica evidente que na fala dos portugueses do período arcaico já existiria o plural metafônico tanto para substantivos quanto para adjetivos posto que estas obras foram publicadas num período de transição entre o português arcaico e o moderno. Ainda no século XVI o plural metafônico – como todas as outras formas de flexão de número – não é citado na ortografia de Gandavo (1574). O tema foi abordado sistematicamente

⁶⁷ Conservou-se, quando possível, a grafia original. Citação encontrada no fôlio 18, capítulo VIII. No fôlio 31 (capítulo XVIII) esta regra com a duplicação das vogais (*oo*) é retomada também com o mesmo adjetivo no plural.

⁶⁸ Lião (1576) também prescreve dois *os* para indicar na grafia a alteração vocálica no plural. Segundo Mattos e Silva (2010, p. 128), “[...] nomes do tipo pee, poo, muu [...] a vogal duplicada representa a tonicidade...”.

e apresentado a primeira lista de plural com alteração vocálica ou não em contexto metafônico apenas no último quartel do século XVI na obra de Lião (1576):

E o que tenho aduertido da nossa língua he, \bar{o} as dições, em que há esta diferença de .oo. são os nomes de duas syllabas, que na primeira, & na segūda sullaba teem .o. Dos quaes muitos teem no singular accento circūflexo, na primeira syllaba, & no plural accento agudo na mesma, como fôgo, fógos, fôrno, fórnos [...] Mas algūus ha, que não mudão o accento no numero plural como: bojo, bolo, boto, coco [...] (Lião, 1576, p. 16-17).

Esta seria a primeira lista de plural em contexto metafônico da prescrição gramatical portuguesa. Depois de Lião (1576), muitos outros ortógrafos e gramáticos apresentaram esses inventários sinalizando ou não a alteração vocálica do plural de algumas lexias. Ver *Quadro 2*:

Quadro 2: Plural em metafônicos nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM METAFÔNICOS																
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
		PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS MODERNO												
		XIII-XVI		XVI			XVII			XVIII						
		Mattos e Silva (2010) ⁶⁹		Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)

⁶⁹ Embora não seja uma das obras que compõem os *corpora* em análise por tratar-se de um dicionário, mas pela escassez de fontes que versem sobre o português arcaico e pela variedade de *corpora* (11 obras) que serviram de base para a produção do *Dicionário etimológico do português arcaico* (Machado Filho, 2013), em alguns momentos, fez-se necessário consultar tal obra para melhor compreender a realidade linguística dos primeiros anos da língua portuguesa. Das lexias controladas nesta tese para o grupo metafônico, apenas *olho*, *osso* e *porco* aparecem flexionadas em número nos verbetes desta obra, no entanto também nada se disse ou pode notar sobre a mudança do timbre no plural destas lexias neste período da língua portuguesa.

1	bolso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	-
2	cachorro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	caroço	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	[o]s
4	forno	-	-	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	-
5	morro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	-
6	olho	-	-	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s
7	osso	-	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s
						[o]s										
8	ovo	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s
9	porco	-	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s
10	posto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	[o]s	-	[o]s
11	tijolo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Quadro 2*, durante o século XVII, o tema também não parecia interessar os autores. Apenas 1/4 dos autores trataram do tema neste século (Pereira, 1666). No entanto, no século XVIII, os autores voltaram suas atenções também para este grupo de flexão de número. Um maior número de autores tratou do tema (4/6). Também mais lexias figuravam essas listas.

É também no século XVIII que os autores apresentaram maior número de recomendações para com a sinalização da alteração vocálica na grafia do plural destas lexias. Jesus Maria (1783), por exemplo, observa que “[...] no singular tem accento breve, ou longo curcumflexo (como mostra o Diccionario), e no plural o mudão para agudo, v. g. abórsos, abórtos, abrólhos [...]” (Jesus Maria, 1783, p. 28). Como regra geral, Feyjó (1734) já recomendava que grafassem com acento agudo todas as palavras que tivessem o timbre aberto, como em: “[...] cópo, cópos, módo, módos, [...] se podem escrever sem accento, *quem as accentuar, escreverá melhor; e fará, que se evitem os erros, que andaõ introduzidos na pronunciaçaõ do O*” (Feyjó, 1734, p. 17, grifo próprio).

Em princípio, tanto a reflexão apresentada por Feyjó (1734) quanto aquela sugerida por Jesus Maria (1783), mostram-se coerentes do ponto de vista prescritivo uma vez que o uso do acento gráfico reforçaria o aprendizado da norma padrão para a pluralização das lexias do grupo

metafônico. Ademais, apesar do grande índice de analfabetismo até então⁷⁰, pelo menos os poucos leitores daquele período poderiam distinguir quais lexias deste grupo sofreriam alterações no timbre da vogal [o] já que nem todas as lexias com contexto silábico e tônico semelhantes passariam por tal alteração na pronúncia quando pluralizadas.

Comparando as prescrições apresentadas para o grupo metafônico no *Quadro 2*, pode-se perceber, de fato, quando o plural metafônico surge como tema dos manuais de gramáticas e ortografia e que provavelmente estaria presente na fala principalmente das pessoas cultas desses dois períodos da língua portuguesa, mas ganharia maior atenção sobretudo motivado pelos anseios da divulgação do conhecimento comum ao iluminismo nascido neste século. Neste contexto iluminista, o conhecimento enciclopédico foi basilar e, conseqüentemente, o plural metafônico despontou naturalmente como interesse dos ortógrafos e gramáticos.

De todos os manuais de gramática e ortografias portuguesas e brasileiras que compuseram os *corpora* desta subseção, o vocabulário de Monte Carmelo (1767) é aquele que apresenta o maior número de exemplos de lexias (com terminações e extensões variadas) para prescrever quais substantivos, adjetivos e advérbios sofrem ou não alterações no timbre na flexão de número. Para o caso dos adjetivos com terminação em *-oso*, o autor adverte que os respectivos plurais sofrem categoricamente alterações no timbre do [o]: “todos os Nomes adjetivos, que acabam em *oso* tem no singular *circumflexo*, e no plural *agudo*, como v. g. *Copiôso, Copiósos; Queixôso, Queixósos; Raivôso, Raivósos, &c*” (Monte Carmelo, 1767, p. 112). Monte Carmelo (1767) também apresentam duas listas de adjetivos, substantivos e advérbios que mudam ou não o timbre na flexão do número. Nessas duas listas, o autor já não apresenta adjetivos em *-oso*. São apresentadas 289 lexias neste inventário. Dessas, 69/289 (24%) alteram o timbre do [o] no plural e a maioria delas, ou seja, 220/289 (76%) conservam o timbre fechado. Não computando os adjetivos em *-oso* – por tratar-se de uma terminação muito frequente na língua portuguesa – Monte Carmelo (1767) apresenta indícios de que no século XVIII possivelmente os substantivos com alteração de timbre fossem em número reduzindo àqueles cujos plurais sofressem metafoia. Por fim, este autor justifica o fato de essas listas não serem mais extensas: “Nam escrevi neste Catalogo (como nos antecedentes) outros *Nomes*; porque *nam ha vício na sua pronúncia [...]*” (Monte Carmelo, 1767, p. 125, grifo próprio).

Entre o século XVI e XVIII, já não havia consenso entre os gramáticos e ortógrafos portugueses quanto à prescrição do timbre de todos os plurais em contextos metafônicos.

⁷⁰ Sobre esta afirmativa, maiores informações podem ser consultadas em Marquilhas (2000), Chartier (2006), entre outros.

Conforme também observado no *Quadro 2*, Lião (1576) relativizou a mudança no timbre do plural da lexia *osso* e Lima (1736), diferentemente de Monte Carmelo (1767), prescreveu o plural de *tijolo* com o timbre fechado. Esses dados revelam que neste longo período já havia variação no timbre do plural de algumas lexias do PE. Além disso, já parecia legítimo que desde o século XVI algumas lexias pudessem apresentar dupla pronúncia na norma culta e/ou padrão, como prescreveu Lião (1576, p. 17):

Item ha outros, que teendo no singular o accento circumflexo, teem no plural o *accento indifferente*. Porque de poço, dizem pôços, & póços. & de trôto, tôrtos, & tórtos. & de nôuo, nôuos, & nóuos. & de ôsso, ôssos, & óssos, & de pôuo, pôuos, & póuos (Lião, 1576, p. 17, grifo próprio).

Em oposição a posturas variacionistas na prescrição como o fez de Lião (1576), no século XVIII intensifica-se, portanto, a necessidade de os gramáticos e ortógrafos tratarem com mais atenção a prescrição unificada do plural metafônico, todavia, em sentido contrário, no início do século XIX, há um recuo no interesse por essa prescrição nas obras portuguesas, como pode ser observado no *Quadro 3*:

Quadro 3: Plural em metafônicos nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM METAFÔNICOS																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX				XXI					
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	bolso	-	-	-	-	-	[o]s	-	[ɔ]s	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-

2	cachorro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
3	caroço	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	-	-	[o]s	[o]s	-	-	[o]s	-
4	forno	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
5	morro	-	-	-	-	-	[o]s	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-
6	olho	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
7	osso	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	[o]s	-	[o]s	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
8	ovo	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
9	porco	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	-
10	posto	-	-	-	[o]s	-	-	[o]s	-	-	-	[o]s	-	[o]s	-	-	-	-
11	tijolo	-	-	-	-	-	-	[o]s	-	[o]s	-	-	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	-

Fonte: Elaboração própria.

Como se observou no *Quadro 3*, que apenas 4/7 dos autores abordaram o plural metafônico em obras portuguesas no século XIX. A prescrição desse tipo de plural, por ser tão relativa, não parecia interessante novamente aos gramáticos do início deste século a ponto de Barbosa (1822) questionar o posicionamento dos demais gramáticos sobre o tema:

Porque, se nós dizemos *Fôrno Fórnos, Fôgo Fógos, Pôvo Póvos*; já não dizemos da mesma sorte *Contôrno Contórnos*, mas *Contôrnos*, nem *Pôtro Pótros*, mas *Pôtros*, a assim *outros que o uso ensinará*. Mas desta observação se *deverão fazer cargos nossos Grammaticos* para ensinar a bem declinar estes nomes: *o que até agora não fizeram* (Barbosa, 1822, p. 136, grifo próprio).

Como se pode notar, o autor também atribui ao uso cotidiano a melhor forma de saber se a mudança de timbre seria legítima e/ou culta. Ademais, critica a omissão dos gramáticos em tratar do tema embora, como se pode notar nos quadros 2 e 3, a prescrição do plural metafônico já era tratada por gramáticos desde a primeira metade do século XVI e, de forma sistemática,

desde o final do século XVI apesar de algumas dessas obras tratarem do tema de forma vaga e sem consenso.

Possivelmente, Barbosa (1822) estivesse fazendo alusão à omissão de seus contemporâneos sejam de Portugal, sejam do Brasil, como revelam os quadros 3 e 4. De fato, nem seus conterrâneos portugueses como (Casimiro, 1803; Souza, 1804; Melo, 1818)⁷¹ ou o brasileiro Silva (1806) trataram dessa prescrição no primeiro quartel do século XIX. No tocante à prescrição brasileira, o tema surge nos manuais de gramática poucos anos depois desta crítica com as obras de Coruja (1848) e Beserra (1861). No final do século XIX, também observa Ribeiro (1891):

[...] nem em todos os mestres da língua se acham de accôrdo sobre o som do *o* no plural destes nomes: [com timbre aberto ou fechado] a presente lista é em parte extrahida de obras que tratam do assunto, e em parte organizada *segundo o parecer de pessoas doutas consultadas pelo autor*” (Ribeiro, 1881, p. 20, grifo próprio).

Como observou o autor, não havia ainda à época um consenso na prescrição da pronúncia de todas as lexias em contexto metafônico. Parece evidente que Ribeiro (1881) buscou dados empíricos da norma culta vigente neste século para prescrever uma norma padrão mais coerente com o português falado no Brasil.

No século XIX, ainda é possível perceber divergência na prescrição do plural de algumas lexias no PE como demonstrou o *Quadro 3*. Nele, pode-se observar que Barbosa (1822) prescrevia o plural com timbre fechado para *posto* e Dias (1894) prescreveu o plural com o timbre aberto para mesma lexia. Já Coelho (1891) prescrevia o plural da lexia *morro*, sinalizando para a abertura de seu timbre. As prescrições fechadas para *bolsos* e *postos* bem como a aberta para *morros* foram totalmente abandonadas a partir do século XX pelos autores portugueses. No caso das obras brasileira, desde o final do século XIX, o plural dos *corpora* encontrava-se padronizado de forma consensual pelos autores. Ver *Quadro 4*:

⁷¹ Destes, apenas Melo (1818) faz uma breve observação na seção sobre número dos substantivos: “os substantivos do número singular, terminados em *ê* e *ô*, terminam no plural em *ês* e *ós*. v. g. *mercê*, *mercês*; *avô*, *avós*” (Melo, 1818, p. 68). Não apresentou conceitos ou listas sobre metafonia, tampouco tratou de algumas das lexias trazidas nos quadros desta seção até então.

Quadro 4: Plural em metafônicos nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM METAFÔNICOS																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Silva (1806) ⁷²	Duarte (1829)	Coruja (1848) ⁷³	Beserra (1861) ⁷⁴	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	bolso	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s
2	cachorro	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-
3	caroço	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
4	forno	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
5	morro	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	-	-	-	[o]s	[o]s	-
6	olho	-	-	[o]s	[o]s	-	-	-	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
7	osso	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
8	ovo	-	-	[o]s	[o]s	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
9	porco	-	-	[o]s	-	-	-	-	[o]s	[o]s	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
10	posto	-	-	[o]s	-	-	-	[o]s	-	[o]s	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s
11	tijolo	-	-	[o]s	-	-	-	-	-	-	-	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s	[o]s

Fonte: Elaboração própria.

⁷² Embora o autor não trate da metafonía no capítulo sobre o plural, neste mesmo espaço, sinaliza a existência da mudança de timbre inclusive na grafia: “dizemos *os miólllos*, e não *os cérebros* [...]” (Silva, 1806, p. 35).

⁷³ Todas as lexias flexionadas neste grupo e algumas dos demais grupos foram localizadas no vocabulário que compõe a mesma obra do autor.

⁷⁴ Lexias localizadas no capítulo sobre prosódia. Ver Beserra (1861, p. 84).

Na comparação entre os quadros 3 e 4, prescrição portuguesa e brasileira, respectivamente, fica evidente a interferência da variação diatópica entre PE e PB, cujos reflexos figuram nas prescrições dos gramáticos e ortógrafos desses países. A prescrição portuguesa mostrou-se mais “inovadora” quanto ao plural de *bolso*, visto que depois de quatro séculos prescrevendo o timbre fechado, passa-se ao aberto para essa lexia no século XX. A prescrição deste grupo é fluida. O português Figueiredo (1920) pontua sobre este plural:

Deve observar-se que, a tal respeito, *há variantes, de região para região, e até dentro de uma localidade, variantes que chegam a refletir-se em livros de gramáticos*. Assim é que, na *Gramática* de Epifânio Dias, se registra *adôrno, adôrnos, e bôlso, bôlsos*, quando *é certo que a pronúncia mais usual é, no plural, adôrnos e bôlsos*. Ainda se não fixou regra a tal respeito, mas talvez se possa fixar. Nos nomes substantivos, altera-se em geral o valor da vogal tónica, e, *por exceção, não se altera* (Figueiredo, 1920, p. 63, grifo próprio).

Sobre o plural de *bolso*, Cunha e Cintra (1984) observam que no PB o timbre não é aberto, apenas o é no PE. Como pontuou Figueiredo (1920), pelo menos, até início do século XX a variação diatópica ou até mesmo dentro de uma mesma comunidade poderia influenciar a prescrição de cada gramático sobre o plural em contexto metafônico. Para ele, *bolsos* já deveria ser prescrito com timbre aberto desde o final do século XIX. Figueiredo (1920) observou que no plural, *a exceção é manter o timbre fechado* e lista muitas lexias cujo plural no PB não há mudança: *gózos, tóros, sógros, almóços* etc. Ratificando esta tendência na fala e prescrições portuguesas, o gramático brasileiro Pereira (1907), depois de prescrever o timbre fechado para o plural de *pescoço* e *almoço* em seu manual de gramática, apresentou a seguinte nota: “Mandam Epiphânio da Silva, Adolpho Coelho e Monteiro Leite em suas grammaticas, pronunciar-se *pescóços* e o ultimo, *almóços*. É sem duvida esta *a pronuncia em Portugal*” (Pereira, 1907, p. 63).

Pelo panorama apresentado nos três últimos quadros e considerações dos gramáticos e ortógrafos portugueses e brasileiros durante quase cinco séculos sobre o plural em contexto de metafonía, é possível apresentar as seguintes considerações:

- i) essa prescrição surge timidamente já segundo quartel do século XVI;
- ii) em 37% (18/49) das obras analisadas, este aspecto da flexão nominal não é abordado;
- iii) nos séculos XVI e XVII, apenas 25% (1/4) dos autores de cada período trataram do tema de forma pontual;

iv) o século XVIII, como pontuado, foi aquele cujo percentual de autores que trataram do tema foi o mais expressivo: 4/6 (67%);

v) pode-se observar que durante o século XIX houve maior omissão dos autores quanto ao tratamento do tema em relação ao século XVIII, pois apenas 50% (7/14) desses autores do século XIX trataram do plural metafônico neste período;

vi) neste período, a omissão foi um pouco maior entre os autores brasileiros, não ultrapassando 43% (3/7) do tratamento do tema em comparação aos portugueses: 57% (4/7), possivelmente motivada pela insegurança daqueles em tratarem de forma inovadora um plural já recorrente no PB, porém no século XX, os brasileiros tornaram o tema evidente em todas suas obras (7/7), superando os portugueses: 86% (6/7) dos autores;

vii) as lexias neste contexto provavelmente passaram por alterações de timbre na norma culta de forma particularizada em períodos e lugares distintos o que teria motivado variações também na prescrição por autores que viveram em diferentes séculos, espaços e compartilharam o português falado d'aquém e/ou d'além mar;

viii) parece evidente que entre os portugueses, ou pelo menos entre seus gramáticos e ortógrafos, há uma maior tendência pela prescrição do timbre aberto da vogal [o] em contexto de metafonia de número em oposição ao PB.

3.1.1.2 A prescrição para o plural do ditongo *-ão*

Tão contraditória quanto a prescrição do grupo do plural metafônico é a tentativa de tripla padronização do plural das palavras com finais no atual ditongo nasal *-ão*. Normalmente, as estratégias de marcação de plural na língua portuguesa encontram variação binária. No caso do grupo em *-ão*, existem três formas de marcar seu plural segundo todas ortografias e manuais de gramática consultados: acréscimo da desinência *-s* (*-ãos*) ou alteração silábica na formação deste plural (*-ão > -ães* e *-ões*). Por estas particularidades de pluralização, Oliveira (1536) já hierarquizava o grupo com terminação neste ditongo como quarta declinação. A saber:

Primeira declinação: acrescenta-se letra: (*moço > moços*);

Segunda declinação: acrescenta-se sílaba: (*paues > paueses*);

Terceira declinação: muda-se letra: (*animal > animais*);

Quarta declinação: muda-se sílaba: (*almeirão > almeyrões*)⁷⁵.

⁷⁵ Exemplo do autor.

Como se pode perceber, o grupo do ditongo em *-ão* é aquele que mais pode alterar a estrutura da lexia no singular. Naturalmente, poder-se-ia pensar que o grupo deste ditongo também pertenceria a outras declinações, como à primeira declinação, posto que apenas o padrão *-s* seria acrescido a algumas lexias em *-ão* para formar seu plural como acontece com as palavras com finais em vogais nasais ou orais e demais ditongos, mas isto não ocorre na formação do plural de todas as lexias deste grupo. Vários gramáticos e ortógrafos observaram que a maioria dos plurais deste grupo se realiza com aquilo que seria o padrão mais produtivo particularmente dessa terminação: *-ões*, como o fez Barbosa (1822), Grivet (1881), Coelho (1891), Pereira (1907), Lima (2011), entre outros.

A variação entre *-ãos*, *-ães* e *-ões* ocorriam como alternativas legítimas na língua portuguesa desde sua origem no português arcaico como se pode evidenciar com a comparação entre os resultados do *Quadro 8, 11, 14 e 17* nas próximas subseções. Às vezes, a mesma lexia apresentou estratégias de marcação de plural distintas conforme a variação entre as prescrições de diferentes autores e período da história da língua portuguesa. Ademais, é perceptível que ao longo dos séculos os gramáticos e ortógrafos não só mudaram de prescrição para uma mesma lexia como também começaram a prescrever mais de uma estratégia para as lexias deste grupo. Ao justificarem a origem desta variação, é quase consensual entre os autores a explicação de que alterações nas estruturas silábicas nos finais destas palavras no surgimento do português possibilitaram a ocorrência de três alternativas quando poderia existir apenas uma: *-ãos*, ou seja, apenas com o acréscimo do padrão *-s*. Para Mattos e Silva (2010), já no português arcaico, o grupo de lexias com terminação em travamento nasal seria assim descrito:

- i) terminação em *-a* + vogal temática (VT) *o*;
- ii) terminação em *-ã* + VT *e*;
- iii) terminação em *-õ* + VT *e*.

Segundo Mattos e Silva (2010), lexias do segundo e terceiro grupo não apresentavam vogal temática, a exemplo de *pã ~ pan ~ pam* (grupo 2) e *oraço ~ oraçon ~ oraçom* (grupo 3). Desta forma, “acrescentando a essas estruturas o morfema de plural e transformando-se a vogal temática em semivogal pela *mudança do traço silábico em assilábico*, constituindo-se, portanto um ditongo nasal, tem-se os respectivos plurais: 1. *irmãos*, 2. *pães*, 3. *orações*” (Mattos e Silva, 2010, p. 135). Para este terceiro grupo, também são incluídos os nomes com terminações em *-oen* no singular, que teriam origens nos latinos com sufixos em *-tudine* (> *-dõe*), como em *mansidoen* e *vermilhidoen* (Mattos e Silva, 2010). Assim, haveria uma relação entre a estratégia de plural prescritas pela GT e as respectivas etimologias latinas como ilustradas acima.

Não bastasse o plural da língua portuguesa apresentar três estratégias de flexão para o grupo com terminação em *-ão*, os gramáticos e ortógrafos na história da prescrição dessa língua apresentariam três nortes para suas justificativas: etimologia latina, a comparação com a língua espanhola ou ainda a partir de exemplos de clássicos da literatura. Assim Câmara Jr. (1975) já resumia este dilema:

O ensino escolar se esforça para manter os três tipos de plural (*-ãos*, *-ães* e *-ões*); ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há a diferença no singular – *razón: razones, hermano: hermanos, pan; panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados “clássicos” (Câmara Jr., 1975, p. 83-84).

Este triplo posicionamento apresentado por Câmara Jr. (1975) foi recorrente em muitas obras que compuseram estes *corpora* sobretudo no tocante aos dois primeiros critérios, todavia, pela análise das obras, percebe-se que os critérios adotados para justificar a marcação do plural nos manuais de gramáticas e ortografias portuguesas e brasileiras ao longo dos séculos vão além destes três apresentados por esse importante linguista. Os dados analisados permitem a proposta de um novo quadro de perspectivas apresentadas pelos autores para aplicação de regras distintas para um mesmo grupo com terminação no ditongo *-ão*, a saber:

- i) base latina;
- ii) analogia ao espanhol;
- iii) referência a exemplos dos clássicos;
- iv) base também no próprio português arcaico ou moderno;
- v) base também em aspectos (extra)linguísticos.

Para aqueles autores de perspectiva latinista, a variação entre as três alternativas para marcação de plural deste grupo se justificaria por conta da queda da consoante intervocálica [n] do latim para o português e do [m] no português arcaico, por conseguinte, surgindo as três estratégias de pluralização do atual ditongo *-ão*. Assim, com poucas exceções, nesta outra perspectiva, a explicação para cada alternativa de marcação estaria em exemplos como estes:

- i) *-anu* > *-ão* (*ma(n)u* > *mã(ø)os*);
- ii) *-ane* > *-am/-ã* (*pa(n)e* > *pan* > *pã(ø)es*);
- iii) *-one* > *-om/-õ* (*ratio(n)e* > *razom* > *razõ(ø)es*).

Ainda na prescrição contemporânea, autores como Pereira (1907) e Almeida (1999) trazem em suas obras estas explicações em nota. Este traz uma explicação mista. Inicia com a tradicional explicação latinista, mas recorre ao espanhol para casos em especial.

Existem algumas palavras em *ão* que passam para o plural sem obedecer ao plural latino, assim, o plural de *escrivão* é *escrivães*, ao passo que em latim é *scribanos*, *capitão*, *capitães* (lat. *capitanos*), por influência do espanhol *capitanes*; *tabelião*, *tabelães* (lat. *tabelionos*) (Almeida, 1999, p. 109).

Outros gramáticos e ortógrafos como Lião (1576) – mesmo antes do jugo espanhol sobre o português⁷⁶ – buscavam explicações no emprego da tripla marcação de plural na língua portuguesa apenas ou principalmente a partir de um paralelismo com a formação do plural na língua espanhola, cuja presença do [n] na fala e na grafia evitaria, entre os seus falantes, estas contraditórias escolhas portuguesas. Esta mesma orientação é proposta também por Vera (1631), Barretto (1671), Feyjó (1734), dentre outros. Cabe observar que muitos gramáticos reproduziam o discurso de outrem. No caso de Vera (1631), este autor copiou trechos longos da obra de Lião (1576), o que caracterizaria atualmente um caso de plágio. Não foi diferente com seu posicionamento a respeito dessa analogia com a língua espanhola como visto em: “[...] Porem se os vocabulos em. ão. são meros Portugueses, ou commũs a outras lingoas, & os não há em Castelhana, sempre se acabará a voz do plural em .ões” (Lião, 1576, p. 31), “[...] Porem se os vocabulos em, ão, são meros Portuguêses, ou commũs á outras linguas, & os não he em Castelhana, sempre se acabará a voz do plural em ões” (Vera, 1631, p. 26). Pelo exposto, percebe-se que não só os autores citavam outros para legitimar seus posicionamentos, como também os copiavam sem qualquer alusão à obra de origem. No caso da pluralização a partir do espanhol, muitos foram os gramáticos e ortógrafos que seguiram esta perspectiva desde o século XVI. Esta tendência partiria do princípio de que enquanto no português haveria três alternativas (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) para a marcação do plural correlatas às mesmas lexias no espanhol, nesta língua, bastaria acrescentar os morfemas *-s* ou *-es* às lexias análogas. Já pela prescrição de Lião (1576), assim se explicariam os usos do plural triplo em português com base no espanhol:

- i) *-ano* > *-ãos* (esp. *ciudadana(n)os* > port. *cidadã(ø)os*);
- ii) *-an* > *-anes* > *-ães* (esp. *alemana(n)es* > port. *alemã(ø)es*);
- iii) *-on* > *-ões* (esp. *coraçona(n)es* > port. *coraçõ(ø)es*).

⁷⁶ Portugal esteve sob o jugo da Espanha durante seis décadas, libertando-se apenas em 1640.

Em princípio, a regra análoga ao espanhol seria simples, mas não atingiria grande parte do inventário de nomes da língua portuguesa com terminação em *-ão*. Ademais, exigiria dos portugueses uma competência bilíngue posto que para pluralizar em sua própria língua, deveriam conhecer, não só como se daria a escrita dos nomes em espanhol, como também como pluralizá-los. O próprio Barretto (1671), mesmo defendendo esta perspectiva, conclui:

Os pluraes mays dificultozos de nossa lingua são os que vê de singulares, que soam ã am nos quaes se embaraça muytos, õ cuydam sabem de ortografia, porque tẽ diversas terminações; & *para acertar nelas he muyto proveytoso, & necessario ter bastante conhecimento da lingua Castelhana* [...] (Barretto, 1671, p. 192, grifo próprio).

Pelo exposto, o autor condiciona “acertar” realizar o plural em *-ão* pelos falantes portugueses se eles conhecessem bastante a língua de outra nação. Feyjó (1734) defende o espanholismo⁷⁷, bem como critica quem não segue esta perspectiva, mas não nega a dificuldade que seria pluralizar a partir da analogia com o espanhol: “[...] e os que *dizem o contrario abusaõ* [...] Quem não souber a lingua Castelhana para estas differenças, *obierve a lição dos livros.*” (Feyjó, 1734, p. 117-118, grifo próprio).

Cabe ainda pontuar que no século XVI, os gramáticos carregavam consigo o “sentimento patriótico da superioridade da língua portuguesa face às demais” (Vasconcellos, 1929 apud Mandes, 2009, p. 229) e que por questões político-ideológica, também seria contraditório a uma nação subjugada aceitar até o padrão morfológico daqueles que invadiriam seu território e tomariam seu reino durante seis décadas. Neste sentido, Jesus Maria (1783) cita uma lista com onze realizações de plural duplo e pontua que esta variação teria origem na interferência da perspectiva com base no espanholismo. Contrário a esta interferência estrangeira, este autor adverte que “[...] principalmente antes de Barrêto (1671) & c., concorrerão para as sobreditas excepções, *querendo regular a nossa antiquissima lingua pella Castelhana*” (Jesus Maria, 1783, p. 27, grifo próprio). Assim, prescrições análogas ao espanhol, poderiam estar sujeitas ao descaso dos portugueses naquele e em outros períodos da história de Portugal, no entanto, ainda no século XIX e XX, defendia-se esta perspectiva, como em Barbosa (1822) e Coruja (1848). Sobre a sua não aceitação, Barbosa (1822) pontuou: “[...] porém a não querer recorrer á origem Castelhana (*o que nem todos podem fazer*); o mais comum e ordinário ás terminações do

⁷⁷ Por *espanholismo*, entende-se a “afeição à Espanha ou ao que é próprio do espanhol; [...] modo de falar ou escrever próprio da língua espanhola; idiotismo (‘forma própria’) desta língua [...]” (Houaiss, 2007, p. 1223).

singular em *ão* he mudarem este diphthongo em *õe* no plural acrescentando-lhe o *s* final [...]” (Barbosa, 1822, p. 135, grifo próprio).

No final do século XX, autores ainda fazem alusão a esta analogia mesmo que complementar à perspectiva latinista, como o fez Almeida (1999). Em alguns momentos, esta perspectiva espanholista foi fundamental para que alguns gramáticos justificassem a migração de uma estratégia de marcação de plural para outra que não tivesse o amparo do latim, como ainda o fez este autor contemporâneo, conforme já mencionado, porém outros, mesmo de origem espanhola, não adotaram a perspectiva com base no espanholismo⁷⁸.

Segundo Câmara Jr. (1975), alguns gramáticos e ortógrafos ainda se enquadrariam na terceira perspectiva. Para ele, alguns autores costumam legitimar determinados padrões de marcação com exemplos e elogios à obra de determinados clássicos da literatura. Esta proposta “exemplarista”⁷⁹ para com a prescrição do plural em *-ão* só foi identificada em Oliveira (1536), Lima (1736) e Silva (1806) entre todas as obras que compuseram os *corpora* em análise. Em algumas obras, no entanto alguns gramáticos fizeram alusão a outros para legitimar suas prescrições, citando “autoridades”, como o fez Figueiredo (1920), a norma culta vigente ou até mesmo fez-se alusão à observação empírica. Sobre a pluralização do grupo em *-ão*, já no século XVIII, Monte Carmelo (1767) indicou “uso moderno daas Côrte, que deve seguír-se” (Monte Carmelo, 1767, p. 20). Souza (1804) e Cortesão (1907) mostraram-se ainda mais flexíveis. Aquele observou que “*só o uso he que póde ensinar os que formão de huma ou de outra sorte, pois não se podem reduzir a regras*” (Souza, 1804, p. 33, grifo próprio) e este seguiria esta proposição, afirmando que “[...] dos substantivos terminados em *-ão* [...] *o uso, melhor que as regras, os fará conhecer*” (Cortesão, 1907, p. 8, grifo próprio). Estas coerentes afirmações colocam em xeque uma prescrição ou ensino a partir de regras gramaticais, pois estas priorizam prescrições lexicalizadoras, ou seja, apenas a partir da apresentação de listagens sem uma regra que pudesse facilmente ser compreendida pelo falante para agrupar as lexias em inventários distintos.

No que se propõe como quarta perspectiva, está a prescrição a partir (também) do próprio português. Oliveira (1536) já trazia explicações com base na própria língua portuguesa:

⁷⁸ Embora não componha a amostra das gramáticas analisadas neste capítulo – posto que foi escrita por espanholas em seu país e língua natal e apenas traduzida para o português europeu em 1980 – curiosamente a *Gramática a língua Portuguesa* (Cuesta; Luz (1980 [1949])) apresenta uma perspectiva latinista, não fazendo qualquer paralelo com a língua espanhola.

⁷⁹ Este é o nome que se adotará neste texto para classificar obras que buscam justificar a prescrição a partir de exemplos, normalmente, em citações de clássicos da literatura, como apontou Câmara Jr. (1975).

Estes nomes, posto \bar{o} pareçẽ mudar mais \bar{o} nunhũs dessoutros \bar{o} ja dissermos todauia *se olharemos ao singular antigo \bar{o} ja tiuerão* não mudão tanto como agora nos parece. por \bar{o} estes nomes todos os \bar{o} se acabão em *.ão* ditongo, acabauãose em *.om.* como *liçõ. podom. melõ.* e e. s. formauão o plural *lições. podrões:* e *melões:* como ainda agora fazẽ. e outro tanto podemos afirmar dos \bar{o} fazem o plural em *.ães* como *pães. cães.* dos \bar{o} es antigamẽte era o seu singular. *pã. cã* [...]. Os outros nomes \bar{o} fazem o plural em *ãos* como *cidadãos. cortesão* assi tiuerão *semp o seu singular acabado ẽ ão.* Como agora tẽ cidadão. *cortesão. Estes guardão sua antiguidade em tudo:* e aq̃lloutros so no plural: cuja mudãça assi como doutras muitas cousas não estrañemos por \bar{o} tambẽ o falar tem seu mouimẽto diz marco varrão: e mudaste quando e como quer o costume [...] (Oliveira, 1536, p. 74, grifo próprio).

Pelo exposto, observa-se que Oliveira (1536) prescreve as alternativas de pluralização em *-ão* a partir da etimologia da própria língua, tomando como base o português antigo para duas das alternativas de marcação. Se essas formas arcaicas de que originariam as flexões em *-ães* e *-ões* fossem conhecidas ou presumíveis pelo falante da do século XVI, esta proposta seria muito pertinente uma vez que bastaria acrescentar a desinência *-s* ou *-es* aos nomes em *-ão* para realizar seus plurais. Dessa forma, caminhar-se-ia para uma proposta com vista à “prescrição regularizadora”, ou seja, o grupo desse ditongo seguiria as mesmas estratégias de pluralização com o acréscimo do *-es*, com ocorre nos grupos de consoantes como nos grafemas *r, s, z* (às vezes, até com o grupo *e l*) e do *-s* para o expressivo grupo das vogais e demais ditongos⁸⁰.

Além de tomar o espanhol como referência para marcação de plural dos nomes em *-ão* na língua portuguesa, como já foi dito, Lião (1576) e Vera (1631) igualmente se enquadrariam no grupo de autores cuja prescrição também se baseia na etimologia do próprio português, pois ambos observaram que as lexias legítimas do português e de outras línguas que não do espanhol teriam seu plural em *-ões*. Casos como estes revelam, portanto, um diálogo de perspectivas.

Ademais, a prescrição apenas com base na própria língua portuguesa legitimaria a estratégia de pluralização mais recorrente desta língua, ou seja, a pluralização em *-ões*, como já Barros (1540) o fez apresentando brevemente como regra geral esta estratégia de pluralização para o ditongo *-ão* e só apresentado duas lexias com marcação diferente: *pães* e *cães*. Para este autor, “assi que *a uerdadeira formaçam destes nomes terminados em, am,* quando uier ao plurár diremos, formações: *conuertendo o am final em, õ,* escrito a este módo, *e acreçentãdolhe, es...*” (Barros, 1540, p. 15, grifo próprio). Trata-se de uma perspectiva à frente de seu tempo, posto

⁸⁰ Como observa Mendes (2009), Coseriu (sem indicar obra) já observava que nem tudo escrito por Oliveira (1536) era positivo, sobretudo no tocante à etimologia dos nomes.

que este ponto de vista só começou a ser aceito com maior representatividade a partir da legitimação das duplas e triplas prescrições como migração para as desinências mais salientes, principalmente *-ões*, sobretudo indicadas no século XX, como serão mais bem observadas nos quadros 5, 6 e 7.

O que se propõe como quinta perspectiva de prescrição em *-ão* teria base também tanto em aspectos internos quanto externos à língua. Oliveira (1536) já fazia uso deste dispositivo para explicar este grupo de plural, enquadrando a realização em *-ães* para a pluralização dos *ofícios* ou *tratos* e em *-ãos* para marcar o plural dos *nomes de nação*. Embora registrando exemplos como exceções, toma como base a nomeação de *ofícios*, *tratos* e *nações* como regra geral para estas duas marcações. Estas são regras complementares àquelas deste autor baseadas no português arcaico como supracitado. Do mesmo modo se enquadrariam nesta quinta perspectiva os autores que usam elementos gramaticais para igualmente justificar a escolha de pluralização adequada. Assim, há autores que prescrevem a estratégia *-ões* também para todos os nomes no grau aumentativo como o fez Pereira (1907), Cipro Neto, Infante (1998) e Arruda (2006) ou para outras terminações não tratadas até então, como em Silva (1961, p. 95 [1959]): “Os nomes terminados em *-dão*, formam o plural em *-dões*: multidão, multidões, certidão, certidões”⁸¹.

Provavelmente, em decorrência dessa adoção de perspectivas variadas entre dos autores ou mesmo do emprego de perspectivas diferentes numa mesma obra, somadas à prescrição de etimologias questionáveis, notou-se uma recorrente falta de diálogo entre os autores dos *corpora* analisados. Este contexto favoreceu uma disparidade entre as prescrições ao longo dos séculos. Observou-se, portanto, uma falta de percepção ou aceitação até da variedade culta da língua por parte dos autores cujos resultados foram refletidos em suas prescrições. Assim, surgem as duplas e triplas prescrições para uma mesma lexia com critérios variados e/ou “questionáveis” quando apresentados pelos autores em justificativas. Veja-se o *Quadro 5*:

⁸¹ Embora não tenha o cunho prescritivo, como mencionado, Mattos e Silva (2010) já observava no português arcaico a regra de flexão *-dão > -dões* no escrever daquele período.

Quadro 5: Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE arcaico e moderno⁸²

DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO EM -ÃO (-ANUS, -ANES, -ONES)															
PRESCRIÇÃO	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
	PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO													
	XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII					
	Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
DUPLA	-	-	-	-	2	1	2	-	1	-	-	-	4	-	11
TRIPLA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	-	-	-	-	2	1	2	-	1	-	-	-	4	-	11

Fonte: Elaboração própria.

O *Quadro 5*, assim com o 6 e o 7, traz o número de lexias prescritas com pluralização dupla ou tripla. Nenhuma dessas listagens com alternativas legitimadas de pluralização passou de um número de 20 lexias ao longo dos séculos⁸³. Até o final do século XVIII, esse número se limitou a 11 lexias com dupla prescrição. Pela observação do *Quadro 5*, percebe-se a ausência de elementos com dupla ou tripla prescrição na descrição de Mattos e Silva (2010)⁸⁴ sobre o

⁸² O detalhamento das lexias e respectivas estratégias de pluralização alternativa encontra-se no *Apêndice D*.

⁸³ Este total de vinte lexias é o número original de itens de cada lista, ou seja, este número representa todas as lexias controladas ou não nos *corpora* do *Projeto ALiB* ou do *QPP*. Assim, lexias como *vilão*, *capitão* etc foram contadas também nesta subsecção. Na próxima subsecção, apenas os dados controlados no *Projeto ALiB* ou no *QPP* serviram como base de cômputo.

⁸⁴ Em Machado Filho (2013), dos plurais em -ão arrolados nesta tese, todos pluralizados apresentaram apenas uma estratégia legitimada, no entanto, embora não seja uma das lexias controladas neste trabalho, cabe observar que o autor já citaria a existência da dupla marcação de plural como legítima para lexia *escrivão* (*escrivaos ~ escriuaes*) num mesmo texto português do século XIII (*Foro Real de Afonso X*).

português arcaico, no entanto se nota que desde o último quartel do século XVI, a prescrição portuguesa já sinalizaria a possibilidade de marcação dupla do plural etimológico em *-ão*, *-anus*, *-anes*, *-ones*. Lião (1576) foi o primeiro a fazê-lo na historiografia da prescrição lusitana, no entanto não o fez de forma espontânea, como mais à frente esta dupla prescrição será tratada.

No século XVI, apenas 25% (1/4) dos autores dos *corpora* trataram da prescrição dupla. Lião (1576) prescreveu: *cidadãos ~ cidadões*, *villãos ~ villões*. No XVII, este número aumentou para 75% (3/4) autores, assim Roboredo (1619) indicou: *capitões ~ capitães*; Vera (1631): *cidadãos ~ cidadões*, *villãos ~ villões* e Barretto (1671): *escrivães ~ escrevões*. No século XVIII, esta percentagem de autores que sinalizaram a dupla prescrição caiu para 33% (2/6), mas o número de lexias arroladas cresceu gradativa e expressivamente em relação aos dois séculos anteriores. Monte Carmelo (1767) indicou: *ermitães ~ ermitãos*, *tabelliães ~ tabeliões*, *aldeãos ~ aldeões*, *bênçãos ~ bênções* e Jesus Maria (1783) prescreveu a maior lista desta natureza até então, citando 11 lexias com dupla pluralização: *alemaes ~ alemoens*, *catalaens ~ cataloens*, *cortezãos ~ cortezoens*, *comarcãos ~ comarcoens*, *deaens ~ deoens*, *ermitãos ~ ermitoens*, *guardiaens ~ guardioens*, *pagãos ~ pagoens*, *sanchristães ~ sanchristoens*, *tabaliaens ~ tabalioens*, *temporãos ~ temporoens*. Como já mencionado, este autor alega que a analogia com o espanhol seria motivo para esta migração da pluralização de todas estas lexias das flexões *-ãos/-ães* para *-ões*, não mencionando o fato de que esta estratégia de marcação seria a mais produtiva na língua portuguesa.

Pelos dados expostos, com base na prescrição de pluralização alternativa, nota-se que a migração na prescrição mudou entre o século XVI e XVIII. Não apenas com o crescimento significativo da legitimação por meio da dupla prescrição, mas também na natureza dessa migração. Apesar dos poucos exemplos de dupla marcação do século XVI (*cidadãos ~ cidadões*, *villãos ~ villões*), com esta flexibilização, nota-se que houve migração categórica da prescrição original de *-ãos > -ões* como segunda opção de marcação.

Como mencionado, no século XVII, 75% (3/4) de autores citaram a possibilidade de dupla realização do plural na língua portuguesa. Resta dizer que das lexias arroladas por eles, 75% (3/4) migram de *-ãos/-ães > -ões* (*cidadãos ~ cidadões*, *villãos ~ villões*, *escrivães ~ escrevões*). Em sentido contrário, apenas 25% (1/4) de *-ões > -ães* (*capitões ~ capitães*)⁸⁵.

Já no século XVIII, apenas 33% (2/6) dos autores deste século mencionam esta possibilidade na língua, mas o número de lexias citadas por eles foi o mais alto até aquele

⁸⁵ Os dados apresentados como alternativa de migração aparecem sempre como segunda ou terceira citação nos ordenamentos das listas de cada obra. Assim, o autor citou primeiro *capitoês*, depois *capitães* em sua obra.

momento. Chegaram a citar 11 lexias por um só autor enquanto nos séculos anteriores este número de pluralização alternativa se limitava a dois exemplos por obra. Pelas listas do século XVIII, houve uma migração de 93% (14/15) na pluralização das lexias de *-ãos/-ães > -ões* como pluralização alternativa e apenas 7% (1/15) de *-ães > -ãos*. Pelos números absolutos, observa-se que o final do século XVIII apresentou não só um número expressivo de lexias com dupla prescrição como também um maior número de migração de uma desinência de saliência média (*-ães*) para outra ainda mais saliente (*-ões*). Embora Monte Carmelo (1767) e Jesus Maria (1783) apresentem as lexias *ermitão* e *tabelião* em suas listas de dupla pluralização, este parece corrigir e/ou atualizar a obra daquele, posto que Monte Carmelo (1767) apresentou esta sequência de pluralização: *ermitães ~ ermitãos* e poucos anos depois Jesus Maria (1783) já não legitima *ermitães* e propõe uma nova sequência: *ermitãos ~ ermitoens*. A postura deste autor revelaria uma prescrição inclinada à descrição com base em observações empíricas da língua já que a migração para *-ões* seria a estratégia mais comum no PE já daquele período.

Por todo panorama apresentado, observou-se que os autores quase sempre priorizaram a *migração alternativa de flexão*⁸⁶ para a desinência com maior saliência e/ou para aquela estratégia mais recorrente na pluralização da língua portuguesa (*-ões*). Houve apenas um caso de saliência média para menos saliente (*-ães > -ãos*), bem como apenas um caso de saliência maior para saliência média (*-ões > -ães*). Em suma, apenas 10% (2/21) dos exemplos de lexias apresentados até o final do século XVIII revelaram uma migração de uma flexão mais saliente para menos salientes (*-ões > -ães > -ãos*) e 90% (19/21) no sentido contrário (*-ãos/-ães > -ões*). Com poucas exceções, trata-se de uma migração pouco estigmatizada até na norma culta. Em comparação com século XVIII, no XIX, há um declínio tanto no percentual de autores lusitanos que prescreveram o plural duplo quanto no número de lexias arroladas. Veja-se o *Quadro 6*:

⁸⁶ Entende-se aqui por *migração alternativa de flexão* a mera apresentação de *opção(ões) de pluralização* para uma lexia (em *-ão*), independentemente do plural etimológico da lexia, como pioneiramente Lião (1576) o fez ao apresentar *cidadões* como alternativa para *cidadãos*. Como *migração etimológica de flexão*, entende-se aqui a apresentação *até mesmo de uma só estratégia de pluralização* para uma lexia que não teria como base sua etimologia latina ou portuguesa, assim quando Oliveira (1536) apresentou apenas o plural *cidadãos*, naturalmente há nesta prescrição uma *migração etimológica de flexão*, posto que seu plural etimológico seria *cidadões* já que a lexia tem origem na própria língua portuguesa e não num hipotético latinismo *cidadanus**, cuja pluralização, portanto, seria *cidadãos*. Em regra geral, durante séculos, os gramáticos prescreveram que palavras com terminação em *-ão*, com origem na própria língua portuguesa, seriam flexionadas para *-ões*. Assim, a prescrição de *cidadãos*, mesmo sendo a corrente, seria um exemplo legítimo de *migração etimológica de flexão*.

Quadro 6: Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE contemporâneo

DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO EM -ÃO (-ANUS, -ANES, -ONES)																	
PRESCRIÇÃO	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
	XIX							XX						XXI			
	Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Serôdio et al. (2011)
	DUPLA	-	-	-	3	7	-	-	-	1	6	2	-	12	-	8	-
TRIPLA	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	2	-	5	-	4	-	-
TOTAL	-	-	-	3	11	-	-	-	1	6	4	-	17	-	12	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Quadro 6*, nota-se que no século XIX tão somente 29% (2/7) dos autores dos *corpora* prescreveram a dupla marcação de plural em *-ão*. Este percentual revela que os gramáticos e ortógrafos do século XIX mostraram-se ainda mais tradicionais que aqueles dos séculos XVII e XVIII. No entanto é no século XIX que surge a tripla prescrição numa mesma obra para o plural em *-ão* na historiografia da prescrição lusitana com a iniciativa de

Aulete (1864). Para este autor, àquela altura, quatro lexias da língua portuguesa já poderiam ser flexionadas indiferentemente em *-ãos*, *-ães* ou *-ões*, a saber:

aldeões, aldeãos, aldeães;

anciões, anciãos, anciães;

charlatões, charlatãos, charlatães;

sacristões, sacristãos, sacristães.

Além de prescrever a pluralização em *-ões* como a primeira opção para sete lexias com dupla marcação, Aulete (1864), ao prescrever o plural triplo, também apresenta a flexão em *-ões* como a primeira alternativa a ser indicada. Desta lista de tripla prescrição, apenas *aldeão* e *charlatão* teriam como primeira opção o plural em *-ões* se se partisse da perspectiva latinista de pluralização, já *ancião* e *sacristão*⁸⁷ teriam a primeira opção de plural em *-ãos*. Observa-se, portanto não só uma priorização do plural em *-ões* como também uma flexibilização para a migração de desinências mais salientes para menos saliente.

Antes de Aulete (1864), Barbosa (1822) prescreveu três exemplos de dupla marcação cujos plurais tinham como primeira opção também a realização mais saliente: “[...] podem fazer de ambos os modos: *Benções* ou *Bençãos*, *Cidadões* ou *Cidadãos*, *Villões* ou *Villãos*” (Barbosa, 1822, p. 135-136). Nota-se, portanto, uma predileção pela estratégia *-ões* nas obras dos autores do século XIX que legitimaram a dupla e tripla marcação do plural em *-ão*. No século XIX, portanto, esses autores seguem prescrevendo provavelmente a partir da observação empírica da variação e mudança da língua portuguesa daquele período.

No século XX, cresce o número de autores portugueses que a legitimaram não só o plural duplo quanto o triplo. Nesse século, 57% (4/7) autores prescreveram o plural duplo e 29% (2/7) sinalizaram a possibilidade do plural triplo. Foi o registro de maior flexibilidade na prescrição lusitana até então. Do mesmo modo, as listas deste século foram maiores em relação ao século passado. Foram 11 lexias registradas com plural duplo e triplo no século XIX e até 17 registradas por um mesmo autor no século XX com essas marcações. Naquele século, foi registrado o máximo de sete lexias com plural duplo e quatro com o triplo; já neste século, prescreveu-se até 12 lexias com plural duplo e cinco com o triplo. No primeiro quartel do século XXI, no entanto novamente cai o percentual de autores que prescreveram mais de uma opção para a marcação de plural em *-ão*. Apenas 33% (1/3) dos *corpora* apresentaram alternativas para pluralização das lexias em *-ão*. Ademais, só houve registro de oito plurais duplos e quatro

⁸⁷ Para esclarecimento, segundo Houaiss (2007), as origens destas lexias seriam: aldeão: *aldeia* + *-ão*, ancião: lat.vulg. **antianus*, charlatão: it. *Ciarlatano*, sacristão: lat.medv. *sacristánus*,i.

plurais triplos. Assim, em toda historiografia da prescrição lusitana, três foram os auge de uma normatização flexível com base no número de lexias citadas pelos autores, a saber: com as obras de Jesus Maria (1783), Aulete (1864), ambos sugerindo 11 lexias com plural alternativo e com Cunha e Cintra (1984), prescrevendo 17 exemplos de plural duplo e triplo. Foi na obra deste autor, porém, que mais lexias foram citadas em maior número tanto como de dupla quanto de tripla marcação em relação aos demais autores lusitanos até o século XXI. No entanto, ao longo da prescrição brasileira, nota-se que seus gramáticos e ortógrafos foram ainda mais flexíveis que daqueles d'além mar, conferir detalhamento das lexias no *Apêndice D* e resumo desse quantitativo no *Quadro 7*, abaixo:

Quadro 7: Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PB contemporâneo

DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO EM -ÃO (-ANUS, -ANES, -ONES)																	
PRESCRIÇÃO	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS																
	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
	XIX							XX							XXI		
	Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abauere e Pontara (2006)	Bechara (2009)	Lima (2011)
DUPLA	4	-	1	-	-	1	8	8	10	1	3	15	4	7	2	9	9
TRIPLA	1	-	-	-	-	-	5	4	-	1	1	5	2	7	2	5	4
TOTAL	5	-	1	-	-	1	13	12	10	2	4	20	6	14	4	14	13

Fonte: Elaboração própria.

Pela comparação dos quadros 6 e 7, nota-se que há quase seis décadas antes do português Aulete (1864), um brasileiro já prescrevia o plural triplo. Silva (1806) seria, portanto, o primeiro autor da historiografia luso-brasileira a prescrever a tripla pluralização em *-ão*. Segundo ele, “[...] *alão* tem o plural *alães*, *alãos* e *alões*. V. o dicionário” (Silva, 1806, p. 16). Se o dicionário mencionado for do próprio autor, sua postura mostrou-se inovadora até consigo posto que em seu dicionário, este gramático apresentou apenas *alões*⁸⁸ como plural (Silva, 1789). Se foi proposital a ordem de apresentação das estratégias naquela obra, Silva (1806) priorizou as formas de saliência média e baixa, deixando a mais saliente como a terceira alternativa de pluralização. Se ele reorganizou a sequência da apresentação das pluralizações por levar em consideração a analogia de *alão* com o espanhol *alano*, a primeira prescrição seria *alãos* e não *alães*⁸⁹. Como o gramático não fez qualquer observação quanto à preferência por alguma flexão, acredita-se que sua prescrição foi pautada em seu conhecimento empírico ou a partir da analogia com a pluralização de outras lexias da língua portuguesa, posto que nem a prescrição tripla nem a ordem de apresentação das flexões têm respaldo de explicação a partir do latim, do espanhol ou mesmo do que seria mais frequente no português (*alão* > *alões*).

Ao observar os quadros 6 e 7, nota-se também que o percentual de brasileiros (57% ou 4/7) que apresentaram prescrições alternativas foi quase o dobro dos lusitanos (29% ou 2/7) no século XIX. Também a lista com prescrições duplas e triplas foi maior entre os brasileiros. Aulete (1864) arrolou 11 pluralizações alternativas e Ribeiro (1881) duas opções a mais, num total de 13 flexibilizações na marcação do plural. Tanto as listas com dupla e tripla marcação foram maiores na obra deste brasileiro.

Observando as obras dos dois países, percebe-se que houve um crescimento expressivo de autores legitimando a dupla e também a tripla prescrição na comparação entre o século XIX e XX. Também houve um crescimento das listas até o final do século XX em ambos países, mas entre os gramáticos brasileiros mais uma vez houve uma melhor aceitação da inovação. Entre os portugueses, foram 57% (4/7) de obras que prescreverem formas alternativas de pluralização. Nas obras brasileira, este número foi categórico, (7/7) das gramáticas prescreveram o plural duplo e/ou triplo. Também os gramáticos brasileiros se mostraram mais inovadores em relação à extensão das listas de lexias com plural alternativo.

⁸⁸ Segundo Houaiss (2007), “ *alão*(1) [...] orig.contrv., prov. adp. do esp. *alano* (sXIII) 'cão lebréu', de orig.desc.; f.hist. sXIV *alão*... *alão* (2) [...] grande pedra ou lousa [...] ETIM. Ala + *-ão*” (Houaiss, 2007, p. 135).

⁸⁹ Segundo Houaiss (2007), classifica a flexão *-ãos* como preferível para este verbete.

No século XX, com relação à extensão das listas com flexibilização da marcação de número, os manuais de gramática portugueses apresentaram listas com variação entre 1 a 16 plurais alternativos. Com exceção da obra Cunha e Cintra (1984), as demais gramáticas europeias não tiveram listas de plural duplo e triplo com mais de 6 lexias no século XX. Pode-se acreditar que a parceria do gramático brasileiro Cunha tenha influenciado esta prescrição flexível em Cunha e Cintra (1984)⁹⁰. Assim, diferentemente do que aconteceu ao longo dos séculos, esta prescrição inovadora, comum na ex-colônia como mostra o *Quadro 7*, passou a influenciar a tradicional prescrição lusitana como foi observado especificamente apenas na Cunha e Cintra (1984). Já entre as obras brasileira produzidas neste século, as listas apresentavam de dois a 20 exemplos de plurais alternativos. A maioria prescreveu mais de 10 lexias com plural duplo ou triplo. Sacconi (1990) foi o autor que mais inovou na prescrição brasileira, listando duas dezenas de exemplos desta natureza.

No primeiro quartel do século XXI, todas obras brasileiras (3/3) que compuseram os *corpora* apresentaram o plural alternativo, duas delas prescreveram mais de 13 ou 14 lexias nestas listas ao passo que apenas 33% (1/3) de obras lusitanas no mesmo período expuseram inventários desta ordem. Ademais, esta obra lusitana não ofereceu mais que 12 lexias com plural flexível. Mais uma vez, o número de obras brasileiras se mostrou mais inovadoras que as lusitanas no tocante à prescrição de plural alternativo.

Na comparação entre todas as obras arroladas nos *corpora* entre o século XIX e XXI, que corresponderia ao português contemporâneo, observa-se que apenas 41% (7/17) de todos autores portugueses deste período prescreveram o plural duplo e/ou triplo. Entre os brasileiros, este número chegou ao dobro em percentual e números absolutos: 82% (14/17) de obras que flexibilizaram esta pluralização. Igualmente, percebe-se que os gramáticos e ortógrafos brasileiros listaram um número mais expressivo de possibilidades de pluralização alternativa. Estes dados revelariam um conservadorismo lusitano pelo menos na prescrição gramatical, quiçá também estes números apontem para um comportamento linguístico mais conservador no PE em relação ao PB cujos reflexos estariam evidentes nas obras lusitanas. Esta observação não seria gratuita, posto que com homologação do *Novo Acordo Ortográfico*, os percentuais de mudança ocorridas na grafia brasileira e na portuguesa explicitou o conservadorismo lusitano⁹¹, logo não seria estranho que também o fosse no tocante à pluralização em *-ão*.

⁹⁰ A obra foi produzida em Portugal e também no Brasil por editoras diferentes. Os manuais de gramática são semelhantes e apontam algumas distinções entre o falar dos países em que foram produzidas.

⁹¹ Este conservadorismo na escrita lusitana ficou evidente com o expressivo percentual de alterações que ocorreriam na grafia do PE e que não ocorreria no PB.

Em suma, observando os quadros de 5 a 7, fica evidente alguns indícios que corroborariam a tese de que no século XIX já havia iniciado um novo período não só na língua portuguesa, mas também na história da prescrição luso-brasileira. Os manuais de gramática e ortografias analisados nestes *corpora* sinalizam para a aceitação e/ou legitimação gradativa entre os gramáticos tanto brasileiros quanto portugueses mesmo que em proporções diferentes de flexibilização na marcação do plural. Corroborando a tese de uma eventual mudança de período da língua portuguesa entre o século XVIII e XIX, apontada por Galves, Namiuti e Paixão de Souza (2006), Jesus Maria (1783) já ampliaria em sua obra a lista de plurais alternativos no português, trazendo para as gramáticas e ortografias sinais de uma inovação que já estaria implementada na língua popular ou mesmo culta dos portugueses. Com respeito a estas mudanças e/ou migrações nas prescrições ocorridas na língua portuguesa, tratar-se-á mais detalhadamente nos quadros de 8 a 19.

3.1.1.2.1 A prescrição do plural etimológico em -ão

Como será observado nos quadros 8, 9 e 10, houve uma migração na prescrição para flexão de número de lexias para outro grupo diferentemente do que seria previsto conforme seus plurais etimológicos o que caracterizaria uma *migração etimológica de flexão*. Diferentemente do controle total realizado nos quadros da subseção 2.1.1.2, os próximos quadros de 8 a 19, apresentarão a prescrição e eventual migração apenas das lexias que foram controladas no grupo do ditongo -ão e analisadas a partir dos *corpora* do Projeto ALiB e QPP. Ademais, todas alternativas em negritos nesses quadros supracitados são estratégias caracterizadas pela *migração etimológica de flexão*. Assim, estas lexias foram reagrupadas a partir de suas etimologias com terminação no português -ão ou no latim -anus, -anes, -ones. Ver o Quadro 8:

Quadro 8: Plural em *-ão* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ÃO</i>															
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS													
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO												
		XIII-XVI	XVI				XVII			XVIII					
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)
1	aldeão	-	-ãos	-	-	-	-	-ãos	-	-ãos	-	-	-ãos	-ões	-
2	avião
3	cidadão	-ãos	-ãos	-	-	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos
4	limão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	mamão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	televisão

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 8 lista apenas lexias com terminação em *-ão*⁹², cujas origens seriam estariam na própria língua portuguesa ou em outra que não seja o latim nem o espanhol, a saber: *aldeão* (port. *aldeia* + *-ão*), *avião* (fr. *avion*), *cidadão* (port. *cidade* + *-ão*)⁹³, *limão* (ar. *limūn* ou ar.

⁹² Várias obras foram consultadas para reorganização a partir da etimologia do grupo em *-ão*, no entanto tomou-se como referência primária as etimologias apresentadas por Houaiss (2007).

⁹³ Barros (1540) já ratificava esta etimologia com base no substantivo português *cidade*: “[...] assy como, Cidãde, Corte, Casa. Nome deriuado se chama, Cidãde, Cortesam, Caseiro, os quaes se deriuam dos tres acima” (Barros, 1540, p. 7). Assim sendo, a lexia *cidadão* não pertenceria ao grupo etimologia em *-anus*, mas ao grupo *-ão*.

leimun), *mamão* (port. *mamma*), *televisão* (infl. do fr. *télévision*)⁹⁴. Como já foi dito, um número expressivo de autores comunga da prescrição de pluralização em *-ões* para os nomes com etimologias na própria língua portuguesa ou de língua estrangeira que não de origem castelhana, como complementar à prescrição de perspectiva latinista ou espanhola, logo, em princípio, todas essas lexias do *Quadro 8*, inclusive *aldeão* e *cidadão*, teriam sua pluralização original em *-ões* se seu plural etimológico fosse a referência para a flexão de número.

Pela observação do *Quadro 8*, pode-se perceber que 67% (4/6) das lexias arroladas nos *corpora* não foram mencionadas nas obras até o século XVIII. Nos quadros 9 e 10, perceber-se-á que estas mesmas lexias (*limão*, *mamão*, *televisão*, *avião*) só ilustrarão as obras a partir do século XX. No caso das duas últimas, a não citação se deve à inexistência desses objetos referenciais. Já *aldeão* e *cidadão* foram lexias recorrentes nas obras desses dois períodos. Aquela figura em 29% (4/14) das obras e esta, em 64% (9/14) das ortografias e manuais de gramática analisados com a intenção de prescrever aos contemporâneos de seus autores⁹⁵.

Oliveira (1536) observou que o grupo que faziam plural em *-ões* tinham no singular a terminação em *-om* e aqueles com plural em *-ães* tinham o singular em *-ã*, como *pã*, *cã*. O próprio Oliveira (1536) reconhece que a origem de *cidadão* sempre esteve relacionada ao já existente ditongo *-ão* na língua portuguesa sem que sofresse alterações até aquele momento, como já mencionado, mesmo assim prescreveu sua pluralização em *-ãos*. Ao concluir a abordagem sobre o plural em *-ão* e tratar dessa lexia, pontua o papel dos costumes frente à dinamicidade da língua. Talvez neste fato resida o motivo pelo qual na mesma obra seu autor não prescreveu o plural *cidadões*, no entanto há também registros desta pluralização no português arcaico.

Cabe observar que *aldeão* teria sua forma histórica em *aldeãoo* e forma variante *aldeano* no século XIV e *cidadão* teria sua forma histórica em *çibdadano*, *cidadão*, *çiobdadãos* no

⁹⁴ As demais lexias são agrupadas a partir de sua etimologia latina: em *-anus*: anão (*nānus*), mão (*mānus*), corrimão (*correr+mão*), cristão (*chritiānus*), guardião (*guardianus*), vulcão (*vulcānus,i*); grupo em *-anes*: alemão (*alamāni*, *alemānni*), cão (*canis*), pão (*panis*), e em *-ones*: ladrão (*latro,ōnis*), leão (*lēo,ōnis*), melão (*mēlo,ōnis*). Embora Serôdio et al. (2011) considerem *limão* como deste último grupo, pois indicaram sua origem em “*limōnes > limões* (na evolução do latim para o português)” (Serôdio et al., 2011, p. 51, grifo dos autores), assim não se fez nesta tese, posto que não se encontrou evidência desta origem em Houaiss (2007), Ferreira (1996 [1975]), Fontinha (s/d) nem em outros autores renomados. Segundo Houaiss (2007), sua entrada ocorreu através do árabe *limūn*. Ferreira (1996 [1975]) e Fontinha (s/d) comungam com esta entrada na língua portuguesa apenas apresentaram uma variação na escrita (*laimūn*).

⁹⁵ Por razões óbvias, a obra de Mattos e Silva (2010) não será levada em consideração para cômputo de obras prescritivas, apenas terá a função descritiva, posto que a autora não viveu no período do português arcaico e, por conseguinte, não escreveu sua obra com intenção de prescrever um padrão linguístico vigente no português arcaico.

mesmo século e *cidadões* no século XV⁹⁶. Deduz-se, portanto, que tanto *aldeão* quanto *cidadão* concorriam com variantes sem o que seria hipoteticamente a queda da consoante intervocálica [n]: *aldeano* e *çibdadano*. Não se sabe, porém, se estes dois registros grafados com a consoante intervocálica seriam marcas de estrangeirismos (espanholismo) ou vestígios do que alguns autores acreditam ser a grafia latina para *aldeão* e *cidadão*. Nesta tese, como já mencionado, acredita-se na primeira hipótese. Provavelmente, o emprego também com a consoante intervocálica para tais lexias em exemplos raros como os supracitados levaram alguns autores a relacioná-las ao espanhol que também eram realizadas com esta consoante. No entanto se encontrou o registro de *cidadãos* no século XIV e *cidadões* no século XV, talvez esta sequência sinalize uma tentativa de regularização a partir da marcação mais frequente na língua. *Cidadões*, de fato, parecia ser um plural também recorrente na norma culta já no período arcaico do português.

Lião (1576) como Oliveira (1536) também alegou a influência dos costumes vigentes no século XVI para prescrição dos plurais em *-ão*, dentre eles, o de *cidadão*, todavia este prescreveu apenas *cidadãos* e aquele, *cidadãos* e *cidadões* indiferentemente. No entanto Lião (1576) não parecia seguro em sua prescrição conforme tratava do tema. Ele cita a lexia no plural em quatro momentos (Lião, 1576, p. 28, p. 30 e p. 31), mas só nesta página trata da marcação de forma dupla:

[...] posto que outros fazẽ os pluraes em .ãos. como *cidadãos* [...] & *hũs dizẽ, villões, & outros Villãos, cidadões, & Alemões, quero lho poer em arte, para quãdo duuidarẽ* [...] E assĩ como elles [Castelhanos] dizem, villano, villanos, ciudadano, ciudadanos, aldeano, aldeanos, *diremos nos, villãos, cidadãos, aldeãos* [...] *E pelo costume (que nisto sempre hemos de seguir) ficarão fora das dictas regras [-ão > -ões]* [...] estes *indifferentes, cidadãos, & cidadões, de cidadão, villãos, & villões, de vilão* (Lião, 1576, p. 28-31, grifo próprio).

Assim, Lião (1576) seria o primeiro autor da língua portuguesa a não só relativizar a marcação de plural, indicando a dupla flexão para duas lexias, como também foi o primeiro a prescrever a flexão em *-ões* na história da prescrição luso-brasileira para este grupo, embora *cidadões* surja como alternativa a *cidadãos* e só depois de fazer críticas àquela realização. Assim, pela forma e ordem como apresentou a pluralização desta lexia, fica evidente que ele o

⁹⁶ Mais informações, ver Houaiss (2007). Em Machado Filho (2013), indica-se a etimologia de *cidadão* com base no substantivo *cidade*, sem fazer alusão à grafia com a consoante intervocálica [n] hipoteticamente de origem latina. No entanto este autor apresenta tanto o verbete no plural (*cidadeaos*) quanto dois exemplos flexionados apenas em *-ãos* com base no mesmo *corpus* do século XIV (*Flos Sanctorum*).

fez pela influência, de fato, do comportamento linguístico vigente nos anos quinhentos, mostrando-se mais flexível que Oliveira (1536) mesmo a um custo alto.

No século XVI, Vera (1631) retoma a mesma pluralização indicada por Lião (1576). Aquele autor praticamente copia as palavras de Lião (1576): “E também ficão fora desta regra *estes indiferentes*, cidadãos, cidadões; villãos, villões” (Vera, 1631, p. 27, grifo próprio). Copiou-se até a sequência, priorizando o plural em *-ãos*. No entanto, diferentemente de Lião (1576), Vera (1631) não fez críticas explícitas ao plural *cidadões*, embora este autor justifique claramente sua prescrição do plural de *aldeão* e *cidadão* a partir de analogia com o espanhol *aldeano* e *ciudadano*. Estes tipos de classificação só deixam evidente que os autores em questão partem do espanhol para explicar a formação do plural destas lexias e não o fazem a partir de suas etimologias verdadeiras mesmo em casos como esses em que elas já existissem na língua portuguesa desde o século XIII e não tiveram sua entrada na língua a partir da influência do espanhol⁹⁷, portanto se a etimologia portuguesa fosse considerada, *cidadões* seria o plural legítimo.

Além de Lião (1576), Barretto (1671) e Monte Carmelo (1767) também censuraram alguns plurais em *-ões*, embora estes já o indicassem em casos pontuais, como no tocante ao plural de *aldeão*, cuja pluralização foi registrada por Monte Carmelo (1767) como *aldeãos* e *aldeões*. Sua observação também deixa evidente a migração para esta estratégia pelo menos na fala: “[...] os Nomes comuns, que no plural tem *ãos*, sam os seguintes: [...] Aldeãos (*alguns dizem Aldeões*) [...] Cidadãos [...] alguns dizem Anões, *Cidadões*, Cortezões, Vilões; *mas erram* [...]” (Monte Carmelo, 1767, p. 20, grifo próprio). Tais comentários só revelam uma tendência com vistas à “regularização” deste plural em *-ões* no comportamento linguístico dos portugueses daquele período.

Em suma, como mostrou o *Quadro 8*, a recorrência de *aldeão* e *cidadão* como exemplos nestas obras até o final do século XVIII não foi uma prática gratuita. A partir do final do século XVI, prescrevia-se a dupla marcação de plural para uma mesma lexia mesmo em número tímido de casos, provavelmente pressionados por uma tendência previsível em registros tanto orais quanto escritos. Como percebido, se a realização do plural em *-ões* para palavras como *aldeão* e *cidadão* causa estranheza ao interlocutor com maior nível de escolaridade especialmente para

⁹⁷ Pelo exposto, ratifica-se que a classificação das lexias da amostra não seguirá analogia com esta língua, mas a partir de suas etimologias verdadeiras, por isto os plurais *aldeãos* e *cidadãos* estão em destaque nos quadros uma vez que, como são de origem portuguesa, seus plurais seriam marcados por *-ões*, não importando se os autores tratam esta pluralização como exceção das próprias regras que eles prescreveram.

cidadões, esta avaliação negativa não tem fundamentos na língua em si, mas na herança do espanholismo impregnado nas prescrições dos manuais de gramática e ortografia desde o século XVI. Esta realidade começa a mudar pelo menos para a aceitação do plural de algumas lexias em *-ões*. *Cidadões* e/ou *aldeões* só foram registradas por 21% (3/14) das obras do português moderno. Já no português contemporâneo, este número de legitimação quase dobra, chegando a 41% (7/17) dos autores lusitanos com destaque para aceitação de *aldeões*. As eventuais inovações na língua deste novo período começavam a ser chanceladas pelos mais escolarizados e, conseqüentemente, ganham espaços novos manuais de gramática e ortografia a partir do século XIX, como sinaliza o *Quadro 9*:

Quadro 9: Plural em *-ão* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ÃO</i>																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX							XX							XXI		
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Seródio et al. (2011)
1	aldeão	-	-	-	-	-ões -ãos -ães	-	-	-	-ãos -ões	-ãos -ões	-ãos -ões -ães	-	-ãos -ões -ães	-	-ões -ãos -ães	-	-
2	avião	-	-ões	-	-	-	-	-ões	-	-
3	cidadão	-ãos	-	-	-ões -ãos	-	-	-	-	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-	-ãos
4	limão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-ões	-
5	mamão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	televisão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Como percebido no *Quadro 9*, em todo português contemporâneo, *aldeão* serviu de exemplo em 35% (6/17) das obras e *cidadão* em 53% (9/17) das ortografias e manuais de gramática. *Limão* e *avião* surgem com o mesmo percentual, em apenas 12% (2/17) das obras.

Retomando o século XIX, a atenção dos autores está voltada novamente para a pluralização de *aldeão* e *cidadão* como exemplos em suas obras. Neste século, *aldeão* já apresentaria tripla prescrição pela primeira vez, além disso, a indicação da desinência *-ões* já ocorre como primeira alternativa e *-ães* começa a figurar o quadro de migração mesmo que na condição de terceira alternativa (*-ões*, *-ãos*, *-ães*).

Nos anos noventa, *cidadão* surge novamente com dupla pluralização, além disso, a marcação *-ões* é sinalizada como primeiro exemplo de pluralização (*-ões* ~ *-ãos*), diferentemente Lião (1576) e Vera (1631), que citaram *-ões* como segunda opção de prescrição. Barbosa (1822) legitima o uso indiferentemente de *cidadões* e *cidadãos* sem nenhuma objeção. Pela observação dos *corpora* de toda historiografia da prescrição luso-brasileira, ele teria sido o último autor a abonar *cidadões* como um plural legítimo. Segundo este gramático, “os nomes *Benção*, *Cidadão*, e *Villão*, podem fazer de ambos os modos: *Benções*, ou *Bençãos*, *Cidadões* ou *Cidadãos*, *Villões*, ou *Villãos*” (Barbosa, 1822, p. 136). Pela citação do autor, percebe-se não só sua predileção pela marcação em *-ões* para a pluralização questionável de algumas lexias até então, como também sua necessidade de legitimar uma variação aparentemente estável na língua portuguesa. De mesmo modo o fez Aulete (1864), pois ao indicar duplas (*guardiões*, *guardiães*, como se verá à frente) e triplas marcações (*aldeões*, *aldeãos*, *aldeães*; *anciões*, *anciãos*, *anciães*), sempre apresentou *-ões* como primeira alternativa e *-ães* como terceira.

Pelo exposto, apenas na segunda metade do século XIX, a tripla marcação é prescrita na historiografia da prescrição portuguesa. Aulete (1864) foi o primeiro a abonar esta flexibilidade em marcar o plural de algumas lexias nos *corpora*. Àquela época, observa o autor que na língua portuguesa “há alguns nomes que formam o plural de dois modos e outros de três” (AULETE, 1864, p. 24). Tratava-se de um marco na normatização do plural na língua portuguesa.

No século XX, no entanto, *-ãos* volta liderar categoricamente como primeira alternativa na prescrição lusitana tanto para *aldeão* quanto para *cidadão*. Como foi dito, *Cidadões* não seria mais prescrito neste século nem no seguinte. Nenhuma outra lexia controlada nesta análise surge como exemplo nas obras lusitanas até o final deste século na seção sobre flexão de número. O plural *aviões* figura em Ferreira e Figueiredo (1970) em seção à parte. Provavelmente, para os autores lusitanos, as demais lexias não seriam especiais num universo tão vasto que se tornou a pluralização em *-ões* na língua portuguesa.

No século XXI, *aldeão* surge novamente em apenas 33% (1/3) das obras, mas ainda é marcado por tripla flexão de número e a flexão em *-ões* é a primeira indicada na obra. E, como já mencionado, apenas *cidadãos* seria o plural prescrito, ocorrendo em 67% (2/3) das obras. Das demais lexias controladas nesta análise, *limão* surge pela primeira vez também em 67% (2/3) como exemplo nas obras portuguesas e sua flexão foi marcada em *-ões*. *Avião* reaparece, mas em somente 33% (1/3) das obras, também marcada em *-ões*. Poderiam ser exemplificações gratuitas, posto que seriam suas pluralizações em *-ões* previsíveis pelos falantes por esta estratégia ser mais recorrente na língua, mas não se pode saber, de fato, se os autores deste século já haviam percebido alguma migração para flexões menos salientes para marcação de plural de *limão* ou *aviões* pelo menos na fala dos portugueses. Também nas obras brasileiras, as exemplificações de *cidadão* e *aldeão* foram as mais recorrentes. Veja-se o *Quadro 10*:

Quadro 10: Plural em -ão nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

		PLURAL EM -ÃO																
		GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX						XX						XXI				
N.	LEXIAS	Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)	Lima (2011)
		1	aldeão	-ões	-	-ãos	-	-	-ãos	-ãos	-	-ães	-	-ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos
2	avião	-	-	-	-ões	-	-	-	-ões	-ões	-ões
3	cidadão	-ões	-	-ãos	-ãos	-	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos
4	limão	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-	-ões	-	-ões	-	-	-	-
5	mamão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-ões	-	-	-
6	televisão	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Com a observação do *Quadro 10*, pode-se perceber que no primeiro quartel do século XIX, apenas a estratégia *-ões* foi prescrita para *aldeão* e *cidadão* na prescrição dos brasileiros. Com perspectiva inversa, até a publicação de Ribeiro (1881) nos demais anos do século XIX, prescreveu-se apenas a estratégia *-ãos* para as lexias dos *corpora* analisados. Com este autor, não só se apresenta alternativa de pluralização para *aldeão* como também se inicia a legitimação da marcação tripla na prescrição brasileira (*aldeãos*, *aldeães*, *aldeões*) como já mencionado. As demais lexias controladas nestes *corpora* não foram motivo de exemplificações nas obras em questão. No caso de *avião*, por motivos óbvios: o veículo ainda não existia⁹⁸.

Na comparação entre a prescrição portuguesa e brasileira ao longo dos séculos, observa-se que o brasileiro Silva (1806) foi o primeiro gramático a prescrever o plural *cidadões* sem qualquer objeção, logo depois, sem críticas, igualmente o fez o português Barbosa (1822), como mencionado. No entanto este gramático brasileiro apenas apresentou a flexão *-ões* como legítima marcação tanto para *cidadão* quanto para *aldeão*. Tratou-se de uma postura inovadora e/ou ousada para a época. Provavelmente, o português Barbosa (1822) já não se sentia tão confortável para prescrever um plural inovador para uma sociedade tão conservadora como a portuguesa. Silva (1806), no entanto apresentou como regra geral a flexão *-ão > -ões*: “alguns dão plural ões a *Villão, Aldeão, Benção, Anão, Cidadão, Cortesão* [...] Todos dizemos as *benções* do Ceo [...] e os Classicos dicerão *benções* da Igreja [...] que hoje dizem *bênçãos*” (Silva, 1806, p. 16). Com esta generalização, o gramático brasileiro não só legitimaria o plural *cidadões*, afirmando não ser uma postura isolada quando também soma a esta, outras lexias que não eram prescritas com pluralização em *-ões* e o fez citando clássicos como argumento de autoridade, logo a postura de Silva (1806), de fato, foi uma inovação em toda historiografia luso-brasileira para a prescrição de flexão de número deste grupo de forma espontânea.

Comparando todos os *corpora*, observa-se que a prescrição em *-ões* quando indicada para a lexia *cidadão*, não ocorria de forma espontânea ou recorrente na prescrição luso-brasileira, posto que apenas 8% das obras de caráter normativo (4/48) prescreveram o plural *cidadões*. A prescrição espontânea do plural *cidadões*, no início do século XIX, foi um marco na prescrição luso-brasileira, pois se buscou uma aproximação entre as variedades tanto popular quanto culta e a variedade padrão imposta pelos gramáticos e ortógrafos. Nesse sentido, tanto a proposta de Silva (1806) quanto a de Barbosa (1822) trazem à tona indícios de que a língua portuguesa

⁹⁸ A lexia encontrada foi *porta-aviões* no capítulo sobre ortografia. Ver Bechara (2009, p. 96).

estaria abrindo suas portas para um novo período, ou seja, para o português contemporâneo, não só no comportamento linguístico de seus falantes como também na norma padrão vigente.

Durante todo o século XIX, para a pluralização *cidadão* e *aldeão*, os lusitanos prescreveram *-ãos* em todos exemplos (3/3), *-ões* em 67% (2/3) das ilustrações e *-ães* em apenas 33% (1/3) dos exemplos. Entre os brasileiros, prescreveu-se *-ãos* em 75% (6/8), *-ões* em 37% (3/8) e *-ães* em 12% (1/8) das obras⁹⁹, assim a flexão em *-ães* foi pouco indicada para a pluralização dessas lexias, talvez por não ser comum para este grupo etimológico. Durante quase todo o século, a prescrição gramatical brasileira se mostrou pouco inovadora até mesmo frente à portuguesa. Este cenário votaria a ser mais flexível com a publicação da tripla marcação em Ribeiro (1881).

No século XX, tanto os autores brasileiros quanto os portugueses, igualmente se mostraram mais conservadores e prescreveram apenas *-ãos* como a única estratégia para *cidadão*. Esta lexia foi citada em 86% (12/14) das obras dos dois países neste século. Entre os lusitanos, foi mencionada em 71% (5/7) dos manuais de gramática e em todas obras brasileiras (7/7). Esta lexia foi muito mais citada neste século que no anterior em relação a ambos os países. Inicia-se, portanto, uma campanha luso-brasileira para consolidação de um plural inflexível para esta lexia. Provavelmente, estes números justifiquem o motivo do estigma que existe para a realização do plural *cidadões* entre as pessoas cultas.

No século XX, quando os brasileiros prescreveram *-ões* para *aldeão*, esta estratégia esteve como segunda (2/4) ou terceira (2/4) opção de pluralização. Durante este mesmo período, quando citada a pluralização *aldeão*, os lusitanos indicaram *-ãos* em todos exemplos (4/4) e sempre com primeira opção, *-ões* também em todos os casos (4/4) sempre como segunda alternativa e *-ães* em 50% (2/4) só como terceira opção. Os brasileiros prescreveram *aldeões* em todas citações (4/4), *aldeãos* e *aldeães* igualmente em 75% de todos os casos (3/4), mas, diferentemente dos portugueses que indicaram *-ões* sempre como segunda opção, os brasileiros indicaram *-ões* como segunda alternativa em apenas 50% (2/4) bem como terceira opção: 50% (2/4) dos exemplos. A flexão *-ães* surge na pluralização de *aldeão* em 50% (2/4) de Portugal e em 75% (3/4) no Brasil. Em Portugal, *-ães* só é indicada como terceira opção e no Brasil se destaca como segunda e até primeira alternativa de pluralização para *aldeão*, portanto, entre os autores brasileiros do século XX, *aldeães* goza de maior aceitação que entre os lusitanos.

⁹⁹ O número total de exemplos de pluralização foram 10 casos em oito obras, pois numa delas houve tripla prescrição como já mencionado.

Pela observação das obras brasileiras do século XX, só com Sacconi (1990) *aldeão* passa a ser aceita como pertencente ao grupo de tripla prescrição, como o fez Almeida (1999)¹⁰⁰. Estes números e ordem de sequência das prescrições revelam que a pluralização em *-ões* surge como alternativa para *aldeão* neste século, mas ainda não seria uma prescrição tão bem-vista pelos gramáticos neste período. Também neste século outras lexias dos *corpora* serviram de exemplos pela primeira vez nas obras brasileiras: *limão* (43% ou 3/7), *avião* e *mamão* (14% ou 1/7), mas, como visto, em número pouco expressivo em relação a *aldeão* e *cidadão*.

No século XXI, continua a campanha para a manutenção apenas do plural *cidadãos* tanto em Portugal, com 2/2 casos de citação, quanto no Brasil com 3/3 de indicações, todavia, diferentemente do que se prescreveu no século XX, no XXI, a prescrição em *-ões* para *aldeão* passa por uma melhor aceitação entre os gramáticos em Portugal e Brasil. Naquele país, além de continuar sua tendência de tripla prescrição para *aldeão*, neste século, a flexão em *-ões* foi elevada à condição de primeira indicação, não sendo citada por mais de um autor. Já neste país, no início do século, *aldeões* continuava como terceira indicação, mas passa à condição de segunda alternativa nos demais autores. Assim, no primeiro quartel do século XXI, *aldeão* continuava inicialmente com tripla prescrição em 67% (2/3) das obras brasileiras e volta a ser prescrita apenas com dupla marcação em 33% (1/3) dos manuais de gramáticas, mas em todas obras a flexão *-ões* é indicada. Apenas *aldeões* deixaria de ser indicada em Lima (2011), obra mais recente. *Aviões* serviu de exemplo em 67% (2/3) das obras e *mamões* em 33% (1/3) delas. Ambas as lexias apresentaram pluralização única.

Em suma, a análise das obras brasileiras permite a constatação de que a prescrição alternativa do grupo etimológico *-ão* foi tardia, só é identificada no final do século XIX com a obra de Ribeiro (1881) e mais de três décadas depois, com Maciel (1914). Além disso, para uma mesma lexia não havia consenso se a prescrição seria única, dupla ou tripla. Sobre estas últimas, Ali (1966, p. 34 [1923]) tratou “como plural incerto” e a obra de Cipro Neto e Infante (1998) foi mais flexível, observando que “[...] em alguns casos, há mais do que uma *forma aceitável* para esses plurais; *a tendência da língua portuguesa atual no Brasil é utilizar a forma do plural em -ões*” (Cipro Neto; Infante, 1998, p. 225, grifo próprio). Em seguida, os autores passariam a citar sempre a forma *-ões* como alternativa para todos os plurais duplos e triplos no grupo observado. No entanto, no século XXI, Lima (2011) cita alguns casos de dupla e tripla marcação, mas se mostra pedante observando antes que “[...] em alguns nomes, *por certa*

¹⁰⁰ Só com a eventual consulta à obra de Almeida, a partir de sua primeira publicação (1943) e de obras outros autores não abordados nesta amostra, é que poder-se-ia afirmar com precisão esta conclusão.

confusão popular, encontra-se, *ao lado do plural legítimo*, outro ou outros mais ou menos usados” (Lima, 2011, p. 129, grifo próprio). Este autor apresentou sua lista sempre com a estratégia *-ãos* ou *-ães* como as primeiras alternativas e *-ões* sempre como segunda ou terceira na referida listagem, ratificando sua concepção de plural ilegítimo em *-ões* para tais lexias.

Além da pluralização recorrente de *aldeão* e *cidadão* notada em expressivo número de obras de ambos os países até o século XXI, *limão* só serviu de exemplo em Arruda (2006) e Serôdio et al. (2011) ao longo de toda prescrição lusitana. Nas obras brasileiras, esta lexia começou a servir de exemplo a partir do início do século XX e *mamão* e *avião* só surgem no final deste século, citadas apenas por Sacconi (1990). Por fim, cabe observar que *televisão* não foi citada em nenhuma das obras destes *corpora* luso-brasileiros e *mamão* em nenhuma obra de Portugal. Essa não citação revela a pouca necessidade de os autores citarem lexias muito recorrentes na língua e de pluralizações presumíveis pela população, pois a origem do plural dessas lexias não está associada a outro padrão de plural diferente de *-ões*.

No entanto, à medida que algumas destas lexias pouco recorrentes começam a ilustrar as obras brasileira com certa regularidade, viria à tona o questionamento se tais exemplificações são gratuitas ou se elas revelariam indícios de que, pelo menos na fala, já existissem vestígios de variação para pluralização destas duas lexias. Seguramente, foi este o motivo que fez a maioria dos autores citarem *aldeão* e *cidadão* ao longo da história. Não se sabe, porém, se haveria mais pedantismo ou justificativas para a legitimação de apenas uma estratégia de pluralização para *cidadão* e três para *aldeão* até a chegada do século XXI, uma vez que ambas pertenceriam ao mesmo grupo etimológico. Certamente, tais prescrições não só levariam em conta os usos da língua, pois, normalmente, na maioria destes casos, o falante prefere apenas uma estratégia de pluralização e a desinência *-ões* lideraria na fixação deste plural por todas razões já ditas.

Somadas todos exemplos de prescrição dos quadros 8, 9 e 10 (único, duplo e triplo), constatou-se que houve 54% (50/92) indicação da desinência *-ãos*, 35% (32/92) de *-ões* e 11% (10/92) de *-ães*. Deve-se atentar para o fato de que praticamente estes números fazem alusão apenas às lexias *aldeão* e *cidadão*. Para estas lexias, percebe-se uma predileção para migração em *-ãos*, prescrição de *-ões* até o século XIX para ambas por alguns autores, mas a partir de meados do século XIX a prescrição em *-ões* e *-ães* é comum apenas para *aldeão*. Esta *migração etimológica de flexão* partiu da marcação de maior para a menor saliência: *-ões* > *-ãos/-ães*.

Em tempo, se este grupo etimológico com terminação em *-ão* for subdividido: grupo de lexias recorrentes nos *corpora* (*aldeão* e *cidadão*) e grupo de lexias não recorrentes (*avião*,

limão, mamão e televisão) e a análise dos dados levar em consideração só o segundo grupo, nota-se que apenas a prescrição em *-ões* foi a acolhida em todos *corpora* luso-brasileiros: *aviões* (5/5), *limões* igualmente (5/5), *mamões* (2/2) e *televisão* não foi citada. Por *aldeão* e *cidadão* apresentarem uma pluralização tão questionável e, conseqüentemente, uma prescrição tão fluida pelos autores, seus percentuais para a marcação em *-ãos*, *-ães* e *-ões* podem não corresponder aos percentuais reais de estratégias escolhidos para a marcação de número para o grupo etimológico em *-ão*. O segundo grupo provavelmente represente melhor o grupo etimológico baseado inquestionavelmente na própria língua portuguesa e, por estar alheio a especulações etimológicas, sua prescrição não fosse outra que não a flexão *-ões*. Assim, deduz-se que os autores, prescreveriam provavelmente apenas este tipo de flexão para este grupo.

3.1.1.2.2 A prescrição do plural etimológico em *-anus*

Neste grupo, estão *anão, cristão, guardião, mão, corrimão, vulcão*. Com exceção de *corrimão*, todas teriam suas terminações diretamente relacionadas ao latim, que ainda conservava a consoante intervocálica [n] para alguns correspondentes em português. Com sua queda, teriam surgido as palavras arroladas neste grupo. Como *mão* (do lat. *mānus*) foi a base etimológica para *corrimão* (*correr* + *mão*), esta lexia foi inserida neste grupo, pois se partiu de uma perspectiva latinista para classificar todas as lexias em análise. Veja-se o *Quadro 11*:

Quadro 11: Plural etimológico em *-anus* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ANUS</i>															
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS													
		PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS MODERNO											
		XIII-XVI		XVI				XVII			XVIII				
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)
1	anão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	corrimão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	cristão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	guardião	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	mão	-ãos	-ãos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	vulcão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Pela regra daqueles com perspectiva latinista e, às vezes, entre os autores que partem da analogia entre o português e o espanhol, todos os nomes com base no latim *-anus* ou com terminação em *-ano* no espanhol flexionariam em número para a desinência *-ãos*, logo surgiriam os plurais *anãos*, *cristãos*, *guardiãos*, *mãos*, *corrimãos* e *vulcãos*. Em Mattos e Silva (2010), apenas a lexia *mão* foi registrada com flexão de número e, conforme a regra, foi acrescentado somente o padrão *-s* à lexia original¹⁰¹. Complementar a esta constatação, cabe observar que Machado Filho (2013) no verbete *mão* trouxe o registro da variação entre *manus*

¹⁰¹ Em Machado Filho (2013), a lexia *cristão* foi citada flexionada apenas em *-ãos* nos 5 exemplos extraídos do mesmo *corpus* do século XIV. Neste mesmo *corpus*, *mão* surge 4 vezes como exemplo apenas com este tipo de flexão.

~ *mãos* ~ *mãos* ~ *mãaos* ~ *maaos* ainda no português arcaico. O primeiro exemplo foi localizado no *Testamento de Afonso II* (1214) e os demais no *Flos Sanctorum* (século XIV). Assim, estes registros revelariam um período de transição e/ou consolidação da língua portuguesa como um idioma autônomo, mas ainda trazendo consigo fortes vestígios da influência do latim, em especial sobre a morfologia de número, posto que a lexia *mão* ainda não perderia totalmente a consoante intervocálica [n] cujo resultado justificaria a natural pluralização desta lexia *manus* > *mãos*. Ver Machado Filho (2013):

[1214/tasl/5]: e do outr'auer mouil q(eu) i posermos pora esta dezima q(eu) segia partido pelas *manus* do arcebispo de Bragaa. [xiii/frax/119r]: Qvando alguu fidalgo se *quiser* tornar uasalho doutrĩ beyge a *maao* aaquel *que* recebe por senhor e tornase seu vassalo (Machado Filho, 2013, p. 322, grifo do autor).

Como mostram estes exemplos, tanto o plural *manus* localizado no *Testamento de Afonso II* (tasl) quando o singular *maao* registrado no *Foro Real de Afonso X* (frax), pertencem ao século XIII, portanto, pelo provável curto espaço de tempo entre os registros destas lexias no mesmo século, é possível deduzir e pontuar no tempo que *manus* e o atual plural *mão(s)* foram legítimas variantes até a categórica substituição daquela por esta lexia e respectivas flexões de número. Sendo assim, embora os *corpora* que compõem *Quadro 11* não revelem a existência de alomorfia de número para tal lexia ainda que no português arcaico, com os dados complementares de Machado Filho (2013), fica evidente que nos primeiros anos de formação da língua portuguesa era possível o emprego de alomorfia de número para a lexia *mão* em face da evidente influência do latim sobre o português culto daquele período. Do mesmo modo que no português arcaico revelaram os dados de Mattos e Silva (2010), todos exemplos do século XIV (9/9) para o verbete *mão* apresentados por Machado Filho (2013) não trazem consigo a consoante intervocálica [n] nem na forma singular nem flexionada desta lexia. Desta forma, pela observação dos dados *Quadro 11* e os complementares deste autor, supõe-se que a partir do século XIV não houve mais registro escrito de variação entre *manus* e o atual plural *mãos*. No século XVI, de todas lexias que compõem o *Quadro 11*, apenas *mão* também foi citada, no entanto esta lexia só foi mencionada em 25% (1/4) dos *corpora*, mas seguiu a mesma flexão de número já consolidada desde o século XIV.

No século XVII, deste grupo em análise, mais uma lexia figurou nas obras: *mão* como também *cristão*. Essas lexias foram mencionadas em 50% (2/4) das obras deste século e pelos

mesmos autores (Pereira, 1666; Barretto, 1671). Ambos apenas prescreveram suas pluralizações em *-ãos*, logo não houve migração na flexão neste século para tais lexias.

Já no século XVIII, apenas a *corrimão* não foi mencionada. *Anão e vulcão* foram mencionadas apenas em 17% (1/6) das obras; *guardião* foi citada em 33% (2/6); *mão* em 67% (4/6) e *cristão* apareceu em 83% (5/6) das obras neste século. *Anão, cristão e mão* foram citadas com flexão de número novamente apenas em *-ãos*, logo sem sofrer migração etimológica de flexão. *Guardião e vulcão* apresentaram migração categórica para *-ães*. No português contemporâneo, a migração atingiu outros plurais. Veja-se o *Quadro 12*:

Quadro 12: Plural etimológico em *-anus* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ANUS</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX					XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	anão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-ãos -ões	-	-ões -ãos	-	-
2	corrimão	-	-	-	-	-	-ãos	-	-	-	-	-	-ãos -ões	-	-ões -ãos	-	-
3	cristão	-	-ãos	-	-ãos	-ãos	-	-	-ãos	-	-	-	-ãos	-ãos	-ãos	-	-
4	guardião	-	-	-	-	-ões -ães	-ões	-	-	-	-ães -ões	-ões -ães	-	-ães	-	-	-
5	mão	-	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos
6	vulcão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-ões	-	-ões	-ões

Fonte: Elaboração própria.

Durante todo século XIX, *anão* e *vulcão* não foram mencionadas nos *corpora* lusitanos. Neste século, *mão* foi mencionada em 57% (4/7) das obras, *cristão* surge em 43% (3/7), *guardião* em 29% (2/7) e *corrimão* surge pela primeira vez apenas no final do século em 14% (1/7) das obras. Apenas *guardião* não foi prescrita com pluralização em *-ãos*. Ademais sua pluralização migrou para a flexão *-ões* e *-ães*, com predileção para a flexão mais saliente. Pela primeira vez na prescrição lusitana, *guardião* apresenta dupla flexão (*-ões* ~ *-ães*), no entanto os autores que citaram a lexia demonstram categoricamente (2/2) predileção para sua flexão em *-ões*. De forma mais conservadora, *corrimão*, *mão* e *cristão* são flexionadas apenas em *-ãos* conforme orienta a prescrição latinista. Trata-se, portanto, das lexias com pluralização mais conservadora até então, no entanto este século se mostrou um pouco mais inovador quanto à prescrição em comparação ao século anterior.

No século XX, todas as lexias dos *corpora* são citadas pelos gramáticos lusitanos. Novamente, *mão* é a lexia mais mencionada, foi citada em 86% (6/7) das obras, *cristão* e *guardião* em 43% (3/7), *anão* e *vulcão* em 29% (2/7) e *corrimão* em 14% (1/7) delas. Diferentemente do que aconteceu com a prescrição até o século passado, no século XX, as indicações com migração *-ãos* > *-ões* (70% ou 7/10) superou o número de a migração *-ãos* > *-ães* (30% ou 3/10)¹⁰² neste grupo. *Vulcão* só foi prescrita com plural em *-ões* (2/2). *Anão* surge inicialmente com pluralização única em *-ões* e em outra obra *-ões* seria a segunda opção para *-ãos*. Em *corrimão*, *-ões* seria também a segunda opção de *-ãos* quando foi prescrita em apenas uma obra. *Guardião* foi prescrita com plural em *-ões* em 67% (2/3) das obras, mas *-ães* foi indicada em todas obras (3/3). Com oscilação na ordem de prescrição, o plural duplo para *guardião* (*guardiães* ou *guardiões*) ocorreu em 67% (2/3) das obras que citaram tal lexia. Como no século passado, no século XX, a migração para esta lexia foi categórica de *-ãos* > *-ães/-ões*. No entanto não houve migração para o plural de *mão* e *cristão* neste século. Ambas continuam com flexão em *-ãos*. Assim, este século foi caracterizado pelo conservadorismo na prescrição de *mãos* e *cristãos* e pela generalização da migração para plurais em *-ões* para outras lexias.

No século XXI, *guardião* não foi citada em nenhuma obra lusitana; *anão*, *corrimão* e *cristão* são citadas apenas em 33% (1/3) das obras; *vulcão* surge em 67% (2/3) delas e *mão* novamente ocorreu com o maior número de exemplos (em 3/3 das obras). Assim como no século passado, neste, *anão* e *corrimão* continuam com dupla flexão. Para ambas lexias, *-ões* é a primeira indicação, seguida de *-ãos*. Já para *vulcão* parece ter seu plural consolidado em *-ões*,

¹⁰² Estes números não dizem respeito ao plural etimológico em *-ãos*, só a dados de migração para *-ães* ou *-ões*. Ambas migrações chegaram a 10 ocorrências no século XX.

pois só esta flexão foi prescrita (2/2 das indicações). Desde Monte Carmelo (1767), quando prescreveu *vulcães*, não houve outra obra que prescrevesse outro plural que não *vulcões*. *Cristãos* e *mãos* não encontraram variação em toda prescrição lusitana. Já *anão* e *corrimão* caminham em consonância com a tendência de marcação em *-ões* na língua portuguesa, mas esta marcação ainda encontra alguma resistência dos gramáticos porque sua etimologia em *mão* não foi totalmente ignorada, logo *corrimãos* e *corrimões* concorrem entre si na prescrição lusitana. De forma geral, a migração neste grupo segue especialmente em direção à flexão mais saliente, sobretudo nas últimas décadas na prescrição portuguesa. Em comparação com a prescrição portuguesa, a brasileira mostrou-se mais flexível, como se pode ver no *Quadro 13*:

Quadro 13: Plural etimológico em *-anus* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM <i>-ANUS</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX					XX					XXI					
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	anão	-ãos -ões	-	-ões -ãos	-	-	-ãos -ãos	-	-	-	-	-ãos -ões	-ões -ãos	-ãos -ães -ões	-	-	-ãos -ões
2	corrimão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ãos -ões	-	-ãos	-	-ãos -ões	-ãos -ões
3	cristão	-ãos	-	-ãos	-	-	-ãos -ãos	-ãos	-	-	-ãos	-ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos
4	guardião	-ães	-	-ães	-	-	-ães -ões	-ães -ões	-ães -ões	-	-ães	-ães -ões	-ões -ães	-ães -ões	-ães	-ões -ães	-ães
5	mão	-ãos	-ãos	-ãos	-	-	-ãos -ãos	-ãos	-	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-ãos	-	-ãos	-
6	vulcão	-ões -ãos	-	-	-	-	-ães -ões	-ãos -ães -ões	-ãos -ães -ões	-	-	-ãos -ães -ões	-	-ãos -ães -ões	-	-ãos -ões	-

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode perceber com a comparação dos quadros 12 e 13, no século XIX foram totalizadas 38 indicações de plural nos dois países. As obras brasileiras apresentaram 71% dessas indicações de plural (27/38) e apenas 29% (11/38) das prescrições foram sugeridas pelos portugueses no mesmo período. Os gramáticos brasileiros foram responsáveis por 83% (5/6) das indicações duplas e apenas 17% (1/6) delas foram prescritas em obras portuguesas neste século. Ademais, apenas no Brasil prescreveu-se a tripla marcação para este grupo. Ribeiro (1881) foi o pioneiro neste tipo de prescrição em relação aos demais autores dos dois países para este grupo etimológico. Ele legitimou a possível pluralização de *vulcão* com as desinências: *-ãos*, *-ães* ou *-ões*. Apenas a lexia *corrimão* não foi citada neste século em obras brasileiras. Esta prescrição pareceu cara a ambos países, pois em Portugal esta lexia só foi surgir como exemplo pela primeira vez em Aulete (1864) na segunda metade dos anos noventa. As lexias *mão* foi a mais mencionada neste período, ocorrendo em 71% (5/7); *anão*, *cristão* e *guardião* em 57% (4/7) das obras do Brasil e *vulcão* só foi indicada em 43% (3/7) delas. Diferentemente do que aconteceu na prescrição lusitana, na brasileira, *vulcão* e *anão* figuram entre suas obras, além disso *vulcão* foi sempre citada com pluralização ou dupla ou tripla.

No Brasil, Silva (1806) inova apresentando dupla flexão para *anão* e legitima a desinência *-ões* como alternativa a *-ãos*. Coruja (1848) também o fez, mas foi além prescrevendo a flexão *-ões* como primeira opção e *-ãos* como alternativa¹⁰³. No entanto os próximos autores deste século não mais prescreveram *-ões* como plural legítimo para *anão*. Contrária à resistência encontrada para a prescrição de *anões*, a aceitação de *vulcões* ocorreu nas duas obras que indicaram esta lexia, ora como primeira, ora como segunda opção. Curiosamente, no início do século *vulcões* foi a primeira alternativa em relação a *vulcãos*; no segundo momento, *vulcões* surge como segunda opção de *vulcães*, já na obra seguinte *vulcões* surge como terceira alternativa. Pelo exposto, percebe-se uma inconstância na legitimação do plural de *anão* e *vulcão* neste século. A pluralização das demais lexias foi prescrita de forma consensual, *mãos* e *cristãos* não sofreu migração na flexão, já o plural para *guardião* foi categoricamente registrado com migração de *-ãos* > *-ães*. Para *guardião*, também houve migração para uma flexão ainda mais saliente: *-ões*.

Assim, nas obras brasileiras do século XIX, o grupo etimológico em *-anus* não sofreu qualquer migração em 40% das lexias controladas (2/5 casos: *mãos* e *cristãos*); com o mesmo percentual, passou por relativização na pluralização de *anãos* ~ *anões* e *vulcãos* ~ *vulcães* ~

¹⁰³ No capítulo sobre plural, o autor apresenta apenas o plural *anãos*, todavia no vocabulário da mesma obra, não só apresenta o plural *anões* como legítimo como pontua: "...pl. *anões*, ou antes *anãos*..." (Coruja, 1848, p. 90).

vulções, ou seja, os gramáticos também prescreverem outra flexão que não a latinista e em apenas 20% (1/5) das indicações a prescrição com base no latim foi preterida, de tal modo que não se prescreveu *guardiãos*, mas apenas *guardiães* ou *guardiões* em todas obras brasileiras deste século.

No século XX, os brasileiros apresentaram 67% (43/64) das indicações de plural registradas nos dois países. Os portugueses apenas um terço delas, com apenas 33% (21/64) das prescrições no mesmo período. Estes percentuais são muito próximos daqueles do século XIX. Os brasileiros apresentaram o dobro de prescrições em relação aos portugueses. As obras publicadas no Brasil também foram expressivamente mais inovadoras em suas prescrições quando observadas as indicações de dupla ou tripla flexões indicadas nos dois países. Assim, os gramáticos brasileiros foram responsáveis por 67% (8/12) das indicações duplas de ambos países e apenas 33% (4/12) delas foram prescritas em obras portuguesas neste século. Ademais, nenhuma das prescrições tripla foi sugerida entre os lusitanos (0/5) ao passo que todas as prescrições triplas (5/5) em obras do século XX foram indicadas por autores brasileiros, portanto, em comparação com o século passado, observa-se a continuação do conservadorismo entre as obras lusitanas em comparação às obras brasileiras no tocante à dupla e sobretudo à tripla flexão. Provavelmente, estes números corroborem a tese de que já havia uma mudança na pluralização que distanciaria o inovador PB do conservador PE a partir do século XIX a ponto de seus reflexos serem figurados entre as obras dos dois países em proporções diferentes, sobretudo no século XX.

No século XX, todas lexias do grupo em *-anus* foram localizadas como exemplo entre as obras brasileiras. *Mão* e *guardião* foram mencionadas em 86% (6/7) das obras; *cristão* e *vulcão* em 57% (4/7); *anão*, em 43% (3/7) e *corrimão*, em 29% (2/7) delas. Esta lexia surge pela primeira vez na prescrição brasileira e ainda sob uma influência do conservadorismo português. Como em Portugal, no Brasil, o plural *corrimões* foi indicado, mas em ambos países só foi figurado entre as gramáticas uma vez e na condição de segunda opção. A etimologia da palavra seguramente motivou a preferência por *corrimãos* na prescrição luso-brasileira. Já *anões* encontrou aceitação em ambos os países neste período. Todas as obras luso-brasileiras deste período citaram *anões* ou em primeira ou em segunda opção. Chegou a ser prescrito como única flexão em uma das obras lusitanas. Já em uma das obras brasileiras, foi prescrito como terceira alternativa depois de *anãos* e *anães*, todavia as formas *-ãos* e sua migração para *-ões* encontram-se em variação estável e legitimadas na normatização brasileira. Em comparação com o século passado, neste, os brasileiros aumentaram a referências à *vulcão* numa campanha contundente

a favor de sua dupla marcação (25% ou 1/4 dos autores) e, sobretudo, sua tripla prescrição (75% ou 3/4 das obras), logo, assim como para *anão*, não houve prescrição única para *vulcão* neste século. Depois de *aldeão*, do grupo já analisado, *vulcão* foi a segunda lexia com o maior número identificado de tripla prescrição nos *corpora* analisados. Ambas seriam, portanto, as lexias com pluralização mais flexível encontrada na normatização luso-brasileira até então. Nas obras brasileiras do século XX, o conservadorismo da pluralização de *vulcões*, identificado em apenas 27% (3/11) das obras perde espaço para sua migração tanto para *-ões* (4/11) quanto para *-ães* (4/11 obras), ou seja, a migração chegou a 73% (8/11) como alternativa de flexão da lexia *vulcão*, logo, os eventuais usos da língua refletidos nestas obras colocariam em xeque sua etimologia como norte de normatização. Pela primeira e única vez na normatização dos dois países, o plural etimológico *guardiões* foi citado por Pereira (1907), mas este pontual conservadorismo não encontrou forças e neste século a migração foi expressiva, pois houve 50% (6/12) de indicações de *-ães*, 42% (5/12) de *-ões* e apenas 8% (1/12) de indicação de *-ãos*. No Brasil, portanto, começava uma campanha tardia de legitimação de *guardiões* já iniciada em Portugal desde o século XIX. Por fim, até final do século XX, os brasileiros seguiram a tradição lusitana e continuaram a prescrever apenas os plurais em *-ãos* para *mão*, *cristão*.

No século primeiro quartel do século XXI, foram listadas 62% (16/26) de indicações de plural pelos brasileiros e 38% (10/26) pelos portugueses. Não houve tripla prescrição nos dois países, mas houve 29% (2/7) de prescrições duplas pelas gramáticas lusitanas e 71% (5/7) nas obras brasileira. Nestes aspectos, os brasileiros continuam se destacando como mais flexíveis. Os plurais de *Cristão* e *guardião* foram citados em todas obras brasileiras (3/3). *Corrimão* foi indicada como exemplo por 67% (2/3) dos gramáticos. Já *mão*, *vulcão* e *anão* só foram indicadas em 33% (1/3) das obras brasileiras deste período.

Não houve inovação para os plurais *mãos*, *cristãos* em nenhum dos países até este quartel. *Anãos* e *anões*, *corrimãos* e *corrimões* são indicados como alternantes em todas obras dos dois países, mas Portugal mostrou-se inovador, prescrevendo *anões* e *corrimões* nas primeiras opções. Também os lusitanos se mostraram mais inovadores que os brasileiros na prescrição de *vulcão*. Aqueles apenas prescreveram o plural *vulcões*, já entre estes, o autor que tratou da lexia apresentou *vulcões* como primeira opção e *vulcões* como alternante. *Guardião* não foi identificada mais nas obras lusitanas neste período. Nas brasileiras, houve predileção pela migração para *-ães*, pois *guardiões* só foi identificado uma obra embora como primeira opção em relação a *guardiães*. Pontualmente, neste período a prescrição lusitana mostrou-se mais favorável à migração do plural *-ãos* > *-ões* que as obras brasileiras, no entanto, neste

quartel, alguns gramáticos brasileiros chegam a legitimizar esta migração alegando uma motivação natural do português. A este respeito, pontua Bechara (2009):

Este grupo (-ões) é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. No grupo, estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos -ção, -são e -ão e grande parte de substantivos concretos (Bechara, 2009, p. 120).

Como pontuou este gramático, o grupo de lexias cujo plural é marcado com -ões apresenta variadas terminações, mas flexionam quase sempre para a mesma forma, logo a estratégia -ões continua sendo abonada pelos gramáticos do século XXI para casos ainda questionáveis. A migração do plural etimológico -anus para -ães ocorreu não pelas razões expostas, posto que o natural fosse para a migração em -ões.

Somadas todas formas de prescrição dos *Quadros 11, 12 e 13*, constatou-se que houve 57% (83/147) de indicações em -ãos, 25% (37/147) em -ões e 18% (27/147) em -ães. Na oposição da prescrição original com as demais, nota-se uma migração significativa de -ãos (56% ou 83/147) para -ões/-ães (43% ou 64/147). Ademais, os dados de migração mostram que o grupo -anus migrou preferencialmente para o plural mais frequente e/ou saliente na língua portuguesa: -ões (58% ou 37/64)¹⁰⁴ que para uma flexão de saliência média como -ães (42% ou 27/64). Assim, a migração da estratégia -ãos > -ões se mostrou mais comum na prescrição luso-brasileira que -ãos > -ães. Mais uma vez, a análise indicaria uma migração para a estratégia mais comum e saliente na língua portuguesa.

Desta forma, tanto no grupo etimológico em -ão (analisado anteriormente) quanto em -anus, a estratégia de pluralização mais recorrente foi -ãos, seguida por -ões e -ães. Além de apresentarem a mesma ordem nos percentuais para cada estratégia recomendada, estes números também foram próximos na comparação entre as prescrições recomendadas para os plurais em -anus e -ãos. Esta primeira posição para -ãos nas prescrições dos dois grupos se deve à tentativa de pluralizar também o grupo etimológico em -ão como se ele tivesse origem no latim -anus ou no espanhol -ano. Cabe lembrar que a maioria das lexias arroladas nestes *corpora* sob a etimologia -ão e -anus pertence ao grupo de exceções das obras e, como tal, não seguiria regras tão claras como as demais lexias do inventário da língua portuguesa.

¹⁰⁴ Estes números não dizem respeito ao plural etimológico em -ãos. Os dados são números absolutos e percentuais da migração para -ães ou -ões.

3.1.1.2.3 A prescrição do plural etimológico em *-anes*

Nesta subsecção, serão analisadas as ocorrências das lexias *alemão*, *cão* e *pão*. Em princípio, todas teriam origem na terminação latina *-anes*. Como se pode perceber pela observação dos quadros 14 a 16, estas lexias foram bastante recorrentes nas ortografias e manuais de gramática da língua portuguesa, como se pode ver no *Quadro 14*:

Quadro 14: Plural etimológico em *-anes* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ANES</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO														
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII						
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)	
1	<i>alemão</i>	-	-ães	-	-	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-aens	-aens	-oens
2	<i>cão</i>	-	-ães	-ães	-	-ães	-	-	-ães	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-aens	-aens	
3	<i>pão</i>	-ães	-ães	-ães	-	-	-	-	-ães	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-aens	-aens	

Fonte: Elaboração própria.

Na descrição do português arcaico, Mattos e Silva (2010) indicou a existência do plural em *-ães* para *pão*. O plural das demais lexias em observação não foi identificado pela autora no *corpus* analisado por ela. Com os dados complementares de Machado Filho (2013), encontram-se exemplos pluralizados para as lexias *cão* (1) e *pão* (4) apenas a partir do século XIV. Todas flexões para estas lexias foram extraídas de um mesmo texto. Ademais, estes cinco exemplos foram flexionados apenas em *-ães*. Assim, pelo número reduzidos de dados, não há evidência de migração da pluralização original em *-ães* no português arcaico para a lexias em questão.

No início do português moderno, Oliveira (1536) já prescreveria o plural *alemães*, *cães* e *pães*. As explicações para esses plurais surgiram a partir da perspectiva latinista, da alusão com

o espanhol ou mesmo com base no português arcaico. Muitas foram as explicações apresentadas pelos autores para a pluralização destas três lexias, mas quase todos prescreveram a flexão *-ães* como legítima para a marcação de número destes três casos até o final do século XVIII.

Comparando as 14 obras com caráter prescritivo do *Quadro 14*, *alemão*, *cão* e *pão* foram usadas com exemplo em todos os séculos. Do século XVI ao XVIII, *alemão* e *cão* foram indicadas como exemplo em 71% (10/14) das obras normativas e *pão* em 64% (9/14) delas. Por estes números, percebe-se que estas lexias foram bastante recorrentes nas obras do português moderno. Todas obras apresentaram a flexão *-ães* como legítima para as três lexias, apenas Jesus Maria (1783) apresentou a dupla pluralização para *alemão* (*-ães* > *-ões*) no final do século XVIII. Nos séculos seguintes, o plural *alemões* não seria mais prescrito por nenhuma obra como pode ser observado no *Quadro 15*:

Quadro 15: Plural etimológico em *-anes* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL ETIMOLÓGICO EM -ANES																		
GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																		
PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																		
N.	LEXIAS	XIX							XX							XXI		
		Casimiro (1803)	Souza (1804) ¹⁰⁵	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006) ¹⁰⁶	Serôdio et al. (2011)
1	alemão	-	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-ães	-	-ães	-	-	-	-ães	-ães	-ães	-ães	-
2	cão	-	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-	-	-	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães
3	pão	-	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-	-ães	-ães	-	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães

Fonte: Elaboração própria.

¹⁰⁵ A referência ao plural de *cão* e *pão* está numa seção sobre ditongos (Souza, 1804, 240).

¹⁰⁶ *Cães*, assim como outros plurais, foram localizados em seções dos coletivos. Ver Arruda (2006, p. 75).

Como se pode perceber no Quadro 15, do século XIX ao primeiro quartel do século XXI, *alemão* foi indicada como exemplo em 59% (10/17) obras, *cão* em 71% (12/17) e *pão* em 82% (14/17) delas. Mais uma vez, fica evidente que tais lexias serviram de exemplo constante nas obras deste novo período. Diferentemente da prescrição *alemões* como alternativa a *alemães* ocorrida no final do português moderno, no português contemporâneo todas lexias foram prescritas com pluralização em *-ães*. A prescrição lusitana apresentou comportamento tão conservador quanto a brasileira. Veja-se o *Quadro 16*, para efeito de comparação:

Quadro 16: Plural etimológico em *-anes* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM <i>-ANES</i>																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX						XX						XXI				
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914) ¹⁰⁷	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)	Lima (2011)
1	alemão	-ães	_	-ães	_	_	-ães	-ães	_	_	_	-ães	-ães	-ães	_	-ães	-ães	-ães
2	cão	-ães	_	-ães	_	-ães	-ães	-ães	_	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães
3	pão	-ães	_	-ães	_	_	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães	-ães

Fonte: Elaboração própria.

Como se observou no *Quadro 16*, percebe-se que do século XIX ao XXI, *alemão* foi indicada em 59% (10/17) obras brasileiras; *cão* e *pão* em 82% (14/17) delas. A citação destas lexias ocorreu com expressividade em todos os séculos. Estes números altos de recorrência das mesmas lexias como exemplo destes *corpora* de plural etimológico só corroboram que este grupo é expressivamente menor na língua que os demais, sobretudo em relação àqueles com pluralização em *-ões*. Ademais, assim como a prescrição lusitana deste mesmo período, não

¹⁰⁷ *Cães* está localizado na seção sobre ditongos. Ver Maciel (1914, p. 60).

houve migração de marcação de plural destas três lexias, ou seja, apenas a flexão *-ães* foi prescrita no português contemporâneo em ambos os países. Pelo exposto até então, o grupo com plural etimológico em *-anes* foi expressivamente mais conservador que os grupos com plural etimológico em *-ãos* e *-anus*. A prescrição em *-ães* para grupo com plural etimológico em *-anes* foi praticamente categórica até o final do português moderno e categórica a partir de então na prescrição dos dois países. Percebe-se, portanto, que a campanha dos autores desde o português moderno para uma padronização da flexão de número deste plural etimológico em *-ães* foi decisiva para sua consolidação como prescrição única no português contemporâneo nos dois países ao longo dos séculos.

3.1.1.2.4 A prescrição do plural etimológico em *-ones*

O grupo com plural etimológico em *-ones* foi formado pelas lexias *ladrão*, *leão* e *melão*. Em princípio, todas teriam origem na terminação latina *-ones* e não no português *-ão* embora possa parecer. Pela observação dos quadros 17 a 19, diferentemente da atenção que recebeu o grupo em *-anes* nos *corpora*, estas lexias foram pouco recorrentes nas obras. Ver *Quadro 17*:

Quadro 17: Plural etimológico em *-ones* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

		PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ONES</i>													
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS													
		PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS MODERNO											
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII				
	Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
1	ladrão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	leão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	melão	-	-ões	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-oens	-

Fonte: Elaboração própria.

No português arcaico, nenhuma das lexias foi localizada com flexão de número no *corpus* analisado por Mattos e Silva (2010), no entanto há indícios de que a flexão *-ões* já era empregada na flexão do plural destas lexias sobretudo para *ladrão* e *leão*. Nos verbetes do dicionário de Machado Filho (2013), há exemplos de pluralização de *ladrão* (2) e *leão* (1). Pelos *corpora* analisados pelo autor, já no século XIII e novamente no XIV há registros de “*ladroes*”. Também neste século, houve o emprego de “*leoes*”. Desta forma, sabe-se que no português arcaico já havia o emprego da flexão *-ões* para marca o plural de *ladrão* e *leão*.

Do século XVI ao XVIII, *ladrão* e *leão* não foram citadas nas obras. No século XVI, *melão* foi citada apenas em 25% (1/4) delas. Esta indicação ocorreu em Oliveira (1536). No século XVII, já não foi indicada como exemplo por nenhum autor. Novamente no século XVIII, a lexia voltou a ser mencionada já por 50% (2/4) das obras, com as indicações de Feyjó (1734) e Lobato (1770). A lexia *melão* só foi citada 3 vezes no português moderno, sempre sendo pluralizada em *-ões*, logo não houve qualquer migração na prescrição deste grupo. No português contemporâneo, estas três lexias figuram entre as obras lusitanas, sobretudo no século XX, como se pode ver no *Quadro 18*:

Quadro 18: Plural etimológico em *-ones* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-ONES</i>																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX							XX						XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Seródio et al. (2011)
1	ladrão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-ões	-	-ões	-ões	-	
2	leão	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-	-ões	-	-	-ões	-ões	-ões	-ões	-ões
3	melão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-ões	-	-	-ões	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Conforme o *Quadro 18*, apenas *leão* foi citada no século XIX, mas só foi indicada em 14% (1/7) das obras, também não passando por migração na flexão. No século XX, aumentase o número de lexias citadas, bem como as indicações na prescrição lusitana. *Leão* foi citada em 43% (3/7) das obras *ladrão* e *melão* em 29% (2/7) delas. No primeiro quartel do século XXI, novamente todas as lexias foram citadas nas obras, mas em proporções diferentes em alguns casos: *leão* foi citada em todas obras (3/3), *ladrão* em 67% (2/3) e *melão* em 33% (1/3) delas. Percebe-se que só a partir Silva (1961), as lexias deste grupo passaram a ser mais mencionada nas obras. Na comparação dos *Quadros 17* e *18*, nota-se que as lexias *ladrão*, *leão* e *melão* não foram muito recorrentes e sempre foram flexionadas em *-ões* em todos *corpora* lusitanos. Esta pouca recorrência destas lexias se deve evidentemente ao vasto inventário de lexias do grupo etimológico em *-ones* que compõe a língua portuguesa como já mencionado por alguns destes autores. Em sentido contrário e corroborando esta proposição, as lexias dos demais grupos analisados foram mais recorrentes, pois seus números eram proporcionalmente mais reduzidos em relação ao grupo de plural etimológico a que pertenciam. Em suma, as lexias do grupo etimológico em *-ones* compõem a principal regra, enquanto as demais pertencem à minoria de exemplos na língua portuguesa. Os número e tipo de prescrição lusitana não foram muito diferentes daqueles utilizados pelos ortógrafos e gramáticos brasileiros sobretudo a partir do século XX, como se pode ver no *Quadro 19*:

Quadro 19: Plural etimológico em *-ones* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM <i>-ONES</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX						XXI		
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	ladrão	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-ões	-	-	-ões	-ões	-ões
2	leão	-	-	-ões	-	-	-	-	-	-	-	-	-ões	-	-	-ões	-ões
3	melão	-	-	-ões	-ões	-	-	-	-ões	-	-	-ões	-	-	-	-ões	-

Fonte: Elaboração própria.

Nas obras brasileiras, *leão* foi indicada em 14% (1/7) das obras e *melão* em 29% (2/7). No século XIX, portanto, o número de exemplificações destas lexias foi maior nas obras brasileiras. Também no Brasil, seu plural foi prescrito sem migração de flexão. No século XX, assim como na prescrição lusitana, aumentou-se tanto o número de lexias mencionadas, quanto as indicações nas obras do Brasil. Seguindo a tendência de Portugal, no Brasil neste século todas lexias foram citadas. *Leão* foi referida em 14% (1/7) e *ladrão* e *melão*, em 29% (2/7) das obras. No século XXI, *melão* foi mencionada em 33% (1/3), *leão*, em 67% (2/3) e *ladrão* em todas obras. A prescrição para estas lexias não foi inovadora, ou seja, não houve outra prescrição para a pluralização destas três lexias que não em *-ões* desde Oliveira (1536).

Pelos números e distribuição dos dados apresentados sobre o plural etimológico em *-ones*, pode-se concluir que tais lexias não foram recorrentes como aquelas dos grupos etimológicos em *-anus* e *-anes*. Os grupos em *-ão* e *-ones* foram, portanto, aqueles com menor frequência de indicação das lexias analisadas nestes *corpora*. As lexias do grupo em *-ão* só foram mais lembradas quando suas etimologias poderiam hipoteticamente fazer alusão ao espanhol ou ao

latim, como no caso de *aldeão e cidadão*. Assim, tanto as demais lexias do grupo em *-ão* e sobretudo as lexias do grupo em *-ones* não foram motivo de atenção das obras luso-brasileiras, ao contrário daquelas dos grupos etimológicos em *-anus* e *-anes*, pois as lexias destes últimos grupos serviram de motivo especial para criação de suas respectivas listas, que chegaram ao máximo de 20 lexias, enquanto aquelas abordadas nos grupos em *-ão* e *-ones* foram lembradas aleatoriamente quando isto ocorreu. Provavelmente, estas lexias pouco indicadas não foram motivo de atenção pelo simples fato de seu plural ser presumível em *-ões*, mas aquelas listas dos grupos etimológicos em *-anus* e *-anes* foram motivo de uma verdadeira campanha de Portugal e do Brasil em prescrever o plural também a partir de uma perspectiva latinista ou com base no espanhol ou mesmo no português arcaico, ignorando quase sempre a estratégia de flexão de número mais recorrente na língua portuguesa (*-ões*). Esta postura conservadora, no entanto aos poucos se torna mais flexível tanto nas obras portuguesas quanto nas brasileiras.

Dos grupos analisados, apenas *-ones* não apresentou prescrição migratória e o grupo em *-anes* praticamente seguiu esta postura. Os grupos em *-ão* e *-anus* foram prescritos de forma mais flexível para algumas de suas lexias, ora apresentando apenas o plural com base em sua etimologia, ora com a migração como única opção ou ainda legitimando dupla ou tripla flexão. A prescrição migratória como única opção ou sugestão de dupla ou tripla marcação de plural para uma mesma lexia revela uma postura mais consciente da GT frente à variação e/ou às mudanças ocorridas no PE e no PB, logo alguns poucos autores de Portugal e sua ex-colônia já notariam que aspectos diatópicos poderiam legitimar prescrições distintas mesmo que no nível morfológico da língua portuguesa.

Seguramente, percebe-se uma maior flexibilização dos autores, sobretudo a partir do século XIX, provavelmente esta mudança imperativa na prescrição seja reflexo do surgimento do português contemporâneo, que atingiria todos os níveis da língua em proporções diferente. No nível morfológico, provocou impacto na realização e na prescrição da flexão de número. Cabe lembrar que estas são especulações baseadas em indícios deixados de forma implícita ou explicitamente nas obras analisadas. Estes indícios e/ou mesmo comentários relevantes dos autores trouxeram à tona suas descrições, avaliações e prescrições sobre o português de cada período desta língua, mesmo que em muitos casos sejam questionáveis.

3.1.1.3 A prescrição para o plural do ditongo *-au*, *-eu*

O grupo com base na terminação das lexias no ditongo <*-au*>, <*-eu*> foi formado por três lexias em *-au*: *degrau*, *grau* e *pau* e em igual número para as lexias com terminação no ditongo *-eu*: *chapéu*, *troféu* e *véu*. Pela observação dos *Quadros 20* e *21*, estas lexias foram ignoradas como exemplos expressivamente em quase todos os *corpora*, como se pode ver no *Quadro 20*:

Quadro 20: Plural em *-au* e *-eu* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM <i>-AU</i> , <i>-EU</i>																
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO													
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII					
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
1	<i>degrau</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2	<i>grau</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
3	<i>pau</i>	-	-aus	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
4	<i>chapéu</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
5	<i>troféu</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
6	<i>véu</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Fonte: Elaboração própria.

Observando o *Quadro 20*, nota-se que nenhuma das lexias foi citada com flexão no português arcaico¹⁰⁸. Apenas 25% (1/4) das obras quinhentistas citaram a lexia *pau*. Também não foram mencionadas neste nem no século XVII. No XVIII, *degrãos* e *grãos* surgem como

¹⁰⁸ Em Machado Filho (2013), nenhuma das lexias citadas (2) trouxeram consigo flexão de número. Ademais, como sugerem as reticências, *troféu* ainda não era uma lexia da língua portuguesa até 1571 (Houaiss, 2007).

exemplos pela primeira vez nas obras junto *paus* novamente. Assim, *degrãos* e *grãos* ocorreram em apenas 7% (1/14) de todas obras do português moderno e *paus* em 14% (2/14) delas.

Pelo exposto, não houve migração na prescrição das lexias localizadas. Nenhuma lexia com ditongo em *-éu* destes *corpora* foi mencionada com respectiva pluralização em todo português moderno. Cabe lembrar que estas obras tradicionalmente traziam consigo uma seção sobre ditongos e, frequentemente exemplos com as respectivas flexões de número, mas a pluralização das lexias controladas neste grupo não foi praticamente mencionada neste período. Tratamento similar ocorreu nas futuras obras, como se pode ver no *Quadro 21*:

Quadro 21: Plural em *-au* e *-eu* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL ETIMOLÓGICO EM <i>-AU</i> , <i>-EU</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX						XXI		
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	degrau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	grau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	pau	-	-	-	-	-	-	-	-	-aus	-	-	-aus	-	-aus	-	-
4	chapéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-éus	-éus	-	-éus	-éus	-éus	-éus	-
5	troféu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	véu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éus	-

Fonte: Elaboração própria.

Durante todo século XIX não houve qualquer alusão às lexias controladas. Nas gramáticas lusitanas, apenas com a obra de Silva (1961) estas lexias voltariam a ser prescritas em Portugal.

No século XX, só duas destas lexias são indicadas, a saber: *pau* é citada em 29% (2/7) das gramáticas e *chapéu* passa a ser indicada pela primeira, mas com um número recorrente de indicações posto que foi mencionada por 57% (4/7) das gramáticas lusitanas deste século. Nos primeiros anos do século XXI, *véus* surge pela primeira vez na prescrição. Assim como *paus*, foram citadas em 33% (1/3) das obras, já *chapéus* é exemplo em 67% (2/3) das obras lusitanas¹⁰⁹. As pluralizações das duas lexias citadas em todos os *corpora* lusitanos não apresentaram migração, logo apenas se prescreveu os plurais em *-aus* e *-éus* ao longo dos séculos. As obras brasileiras apresentaram comportamentos similares. Observe-se o *Quadro 22*:

Quadro 22: Plural em *-au* e *-eu* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM –AU, –EU																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX							XXI	
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abauere e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	degrau	-	-	-ãos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-aus	-	-aus
2	grau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	pau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-aus	-	-	-
4	chapéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éus	-	-éus	-éus	-éus
5	troféu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éus	-	-	-	-
6	véu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éus	-

Fonte: Elaboração própria.

¹⁰⁹ *Paus* é indicado em Fernandes (2000), mas na concepção de naípe, logo não foi controlado. Esta acepção foi recorrente em algumas obras da amostra, mas tais dados não serviram como ilustração para os quadros em análise.

Ao comparar os *Quadros 21 e 22*, ficam evidentes as semelhanças entre os momentos e quais lexias passariam a ser prescritas em Portugal e no Brasil. Em ambos, praticamente não se prescreveu os itens deste grupo durante o século XIX, com exceção de *degrãos* por Coruja (1848). Só na década de 1960, ressurgiu em Portugal o interesse pela prescrição de tais lexias e na década de 1990 no Brasil. Observa-se, portanto, um pareamento no interesse pela prescrição destas lexias. Notou-se também um aumento expressivo no número de lexias citadas desde então. Assim, no século XX, *troféu* é citada pela primeira vez nas obras brasileiras. Esta lexia como *pau* surgem apenas em 14% (1/7) das obras e *chapéu* em 29% (2/7) delas, portanto a prescrição do plural das lexias com terminação nos ditongos *-au*, *-eu* destes *corpora* não só cresceu em número de obras que as citaram como se diversificou, pois no século XIX só *degrau* foi citada, limitando-se também à figuração em uma obra. No século XX, de mesmo modo, não houve migração e até a grafia das desinências já eram as mesmas em todas obras: *-aus*, *-éus*.

No Brasil, *véu* surgiu em 33% (2/3) das obras, *degrau* em 67% (2/3) e *chapéu* em todos manuais de gramática analisados no século XXI. Também só houve o acréscimo do padrão *-s* às lexias, logo em toda historiografia luso-brasileira não houve migração na prescrição dos itens arrolados, no entanto este crescimento no interesse por prescrever tais plurais e a constante recorrência à prescrição de *chapéus* desde o final do século XX bem como a introdução do plural *véus* apenas no século XXI em ambos países revelariam indícios de que a marcação destes plurais estaria passando por uma eventual migração em determinados contextos de uso. Não foi gratuitamente que o *Projeto ALiB* acolheu as lexias *chapéus* e *degraus* em seu questionário a partir de 2001 (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). Assim, parece evidente uma tentativa de os autores acentuarem suas atenções sobre o plural de algumas destas lexias, sobretudo no Brasil, uma vez que a consoante final [l] foi semivocalizada [w] na representação mental de quase todos estratos sociais do país, assim, por analogia, os falantes poderiam realizar o plural destes ditongos como se faz com as lexias com terminação no grafema *-l*, passando de flexões de menor para maior saliência: *chapéus* > *chapéis* e *degraus* > *degrais*. Estaria aí, portanto, o motivo para a acentuada atenção para com este grupo e/ou lexias nos últimos anos.

3.1.1.4 A prescrição para o plural em *-l*

Segundo Mattos e Silva (2010), já no português arcaico existiam três contextos de aplicação da regra do grupo com terminação em *-l*. Conforme a autora, o plural dos nomes em *-l* poderia apresentar tripla marcação conforme a terminação desses nomes em: i) vogais *a*, *e*,

o, *u* precedendo o *-l*; ii) vogais *i* acentuada precedendo o *-l* e iii) vogais *i* sem acentuação precedendo o *-l*. Para o primeiro caso, no português arcaico há a substituição do *-l* por *-es* na grafia como em: *mal* > *maes* ~ *maaes*, *fiel* > *fiees*, *frol* (flor) > *froles*. Nos *corpora* da autora, não ocorreu exemplos de *-l* precedendo a vogal *u*. Como no português arcaico, no contemporâneo esta terminação não parece ser frequente. Ao observar a pluralização de *mal* no português arcaico, reitera a autora:

[...] é de notar que *mal*: *maes* segue o processo normal de pluralização das palavras do lexema terminado por *-l*, precedido de *a* e não o faz o plural excepcionalmente como hoje, *males*, pelo menos nos dialectos padrão de Portugal e Brasil. *Mais uma vez o inventário do português arcaico se distingue do inventário do português contemporâneo* (Mattos e Silva, 2010, p. 132, grifo próprio).

Com exceção de *froles*, nos *corpora* da autora, a vogal temática *e* surge na grafia de todas as palavras com terminação em *-l*, inclusive em *mal* > *maes*. A estratégia de pluralização de *frol* > *froles*, sem a vogal temática, possivelmente esteja associada a *flor*, variante de *frol* naquele período da língua portuguesa bem como ainda no português moderno¹¹⁰.

No caso da pluralização de lexias com vogais *i* acentuada precedendo o *-l* final, segue-se a mesma regra da terminação em *-al*, *-el* descrita acima, porém a vogal temática deixa de ser *e* na grafia e há duplicação da vogal *i*, como em *barril* > *barriis*, *gentil* > *gentis*, *vil* > *viis*. Segundo Mattos e Silva (2010, p. 106, grifo próprio), “[...] a grafia indica a não aplicação da regra de crase que fundirá a vogal do lexema e a VT (*barris*, *gentis*, *vis*) [...]”. Esta duplicação da vogal *i* indicaria provavelmente seu alongamento. Segundo Ali (1964, p. 59), também “em *-ões* dos velhos códices, o segundo *o* sem til representaria o prolongamento fonético da primeira vogal, coisa que hoje não se percebe: *oraçom*, *orações*, *entençom*, *entenções* [...]”¹¹¹. Posto dessa forma, a grafia deste grupo em *-il*, indicaria mais um caso de aplicação da regra geral, diferentemente do que ocorre no português contemporâneo com a flexão de número de tal grupo. Segundo Mattos e Silva (2010), a crase dessas vogais idênticas poderia ocorrer possivelmente na fala daquele período, mas este fenômeno não era ainda representado na escrita do português arcaico. Em seu levantamento, a autora observa: “[...] no códice há uma *sistematicidade quase absoluta na representação de vogais idênticas* tornadas contíguas pelo

¹¹⁰ Argote (1725, p. 349) cita a lexia *flor* com esta grafia arcaica: *frol*.

¹¹¹ No século XVI, Lião (1574) trata a duplicação das vogais *e*, *i*, *o*, *u* como ditongo, não como prolongamento de seus sons.

desaparecimento de consoantes intervocálicas, de 905 ocorrências há apenas 0,3% de exceções, *quando uma das vogais é acentuada*” (Mattos e Silva, 2010, p. 132, grifo próprio).

Teoricamente, pode-se pensar na possibilidade real da coexistência inicial dessas duas vogais não só na grafia, posto que elas existiam antes da queda da consoante intervocálica, mas, por uma delas ser acentuada, essa não realização da crase na escrita poderia apenas sinalizar a tonicidade da vogal *i* na última sílaba de tais plurais na passagem do latim para o português.

Como visto anteriormente, Oliveira (1536) também propunha na escrita a duplicação de vogais *a*, *e* e *o* apenas para quando elas fossem acentuadas, ou seja, abertas. Descrevendo a história do plural em *-il*, Ali (1964, p. 59) observou que “no plural dos substantivos em *-il*, houve [...] assimilação¹¹² e final absorção da segunda vogal, resultando-se *-is* de *-iis* [...]”. Assim sendo, pode-se pensar que inicialmente não ocorreu a crase também na fala desse período, mas que posteriormente tal fenômeno não só ocorreu na fala como na escrita e essa duplicidade da vogal *i* sinalizaria a mudança de tonicidade entre as sílabas de tais palavras do latim para o português uma vez que “em latim *não existem* palavras com acento na última sílaba (oxítona). Há raras exceções de palavras oxítonas, em função de alterações fonéticas, como, por exemplo, palavras que perderam um fonema em seu final *illuc(e)* (ali), *istac(e)* (por aí)” (Amarante, 2015, p. 45). O acento, neste caso, ficaria na antepenúltima ou penúltima sílaba quando ainda existia a consoante intervocálica no latim ou no português arcaico, como em *barrile* > *barriis*, lat. *gentilis* > *gentis*, lat. *vīlis* > *viis*. Por estas duas últimas palavras, percebe-se que no latim o acento macro (-) recai sobre a vogal *i*. Diferentemente da bráquia (˘) que indica sílaba breve, o mácron indica sílaba longa, equivale a duas breves¹¹³. Posto nestes termos, pode-se afirmar que as penúltimas sílabas do lat. *gentilis* e *vīlis* já eram longas mesmo antes da queda da consoante *-l* no português arcaico, por conseguinte não poderia ser tomada como incoerente a hipótese do alongamento dessas penúltimas sílabas e posteriormente da vogal *i*, de modo que na pronúncia inicial e na escrita dessa sílaba os dois *is* fossem realizados de fato.

Para o terceiro grupo, Mattos e Silva (2010) localizou apenas duas lexias em seus corpora: *perduravil* > *perduravis* e *cruevil* > *crueves* e apenas uma realização para cada lexia sofreu flexão de número. Assim, a autora observou que pelo número reduzido de dados, não

¹¹² Entende-se por *assimilação* “[...] a influência exercida por um segmento de som sobre a ARTICULAÇÃO de outro, de forma que os sons se tornem mais parecidos, ou mesmo idênticos” (Crystal, 1988 [1978], p. 33). Neste caso, houve uma *assimilação progressiva*, visto que a primeira vogal *i* influenciou a articulação da segunda, de modo a tornarem-se vogais com a mesma tonicidade.

¹¹³ Segundo Amarante (2015, p. 43-44, grifo próprio), “[...] as [vogais] longas eram pronunciadas com o *dobro de duração das breves* [...]. Em relação ao timbre, as vogais são abertas, quando breves, e *são fechadas, quando longas*”.

seria possível chegar a conclusões seguras¹¹⁴. O fato é que os grupos 2 e 3 são distintos por conta da acentuação ou não da vogal *i*.

Durante toda historiografia da normatização, as obras em análise trataram dos grupos oxítonos e paroxítonos terminados em *-il* separadamente por motivos óbvios na atualidade, pois para aqueles, substituía-se o *-l* por *-is* (a exemplo do substantivo *barril* > *barris*) e para estes, o *-l* é substituído por *-eis* (a exemplo do adjetivo *fácil* > *fáceis*), mas fazendo alusão ao dicionário de Machado (1967), Mattos e Silva (2006) observa que “[...] *fácis* (de *fácil*) ocorre ainda no século XVI e *fáceis* só está documentado no século XVII; note-se que na fala corrente brasileira, se não em outras variantes do português, *difícilmente ouviremos uma articulação do tipo fáceis*” (Mattos e Silva, 2006, p 106). Nesse sentido, nota-se que a forma arcaica *fácis* ainda é empregada por determinados segmentos da sociedade brasileira como variante do plural *fáceis*, mesmo ambos possuindo pronúncia paroxítona. Assim, há indícios na escrita de que a pluralização do grupo paroxítono em *-il* foi inicialmente igual ao grupo oxítono (*-is*) e só numa fase posteriormente surgiria uma estratégia alternativa (*-eis*). Mesmo assim, esta migração só ocorreu na maioria das prescrições, pois como observou esta autora (*-eis*) e (*-is*) não só coexistem como variantes do grupo paroxítono em *-il*, como também esta estratégia é recorrente na língua falada. Ademais, em função da mudança de tonicidade, ainda na contemporaneidade, há gramáticos que prescrevem *-eis* e *-is* a depender possivelmente de como cada dialeto realiza uma mesma lexia, se com acentuação na última ou penúltima sílaba. Assim, Lima (2011) prescreveu a dupla pluralização *reptis* ~ *répteis*.

O grupo de plural em *-l* foi controlado nos *corpora* analisados a partir da terminação das lexias nos grafemas *-al*, *-el*, *-il* e *-ol*, logo não foram listadas lexias com terminação em *-ul*. As lexias em *-il* foram limitadas aos subgrupos das oxítonas. Assim, buscou-se nos manuais de gramática e ortografias as lexias dos subgrupos com terminação:

- i) em *-al*: *avental, bocal, hospital, pedal, policial, queixal, real*;
- ii) em *-el*: *anel, pastel, pincel*;
- iii) em *-il* oxítonas: *barril, funil, fuzil*;
- iv) em *-ol*: *anzol, farol, gol*¹¹⁵, *lençol*.

Das 17 lexias arroladas no grupo com terminação em *-al*, *-el*, *-il* e *-ol* que compõem estes *corpora*, a partir de Mattos e Silva (2010) só foi identificado o plural de *barril*. Também em

¹¹⁴ Mais informações, ler Mattos e Silva (2006; 2010).

¹¹⁵ Seguindo a mesma perspectiva de classificação da GT, *gol* foi inserida neste grupo embora a vogal [o] sendo pronunciada de forma diferente dos demais casos.

Machado Filho (2013), destas lexias, apenas o verbete *anees* (*anel*) figura na obra com flexão de número e registrada somente no século XIV. Parece evidente que o item foi localizado nos *corpora* deste autor apenas no plural posto que o verbete foi grafado desta forma. Como pode ser visto no *Quadro 23*, pouco se pode saber sobre o plural das demais lexias neste período:

Quadro 23: Plural em -l nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM -AL, -EL, -IL, -OL															
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS													
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO												
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII				
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767) ¹¹⁶	Lobato (1770)
1	avental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	bocal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	hospital	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	pedal
5	policial
6	queixal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	real	-	-ais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	anel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	pastel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10	pincel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	barril	-iis	-	-	-	-ijs	-ijs	-iis	-	-	-is	-is	-	-is	-is
12	funil	-	-	-ijs	-	-	-	-iis	-	-	-	-is	-	-is	-
13	fuzil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-îs	-

¹¹⁶ Alguns plurais na obra deste autor foram localizados nos “catálogos” ao longo de sua obra a exemplo de *pincées*, *boccées* e *hospitáes* (Monte Carmelo, 1767, p. 280, 291, 338).

14	anzol	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–oes	–óes	–óes	–	–
15	farol	–	–	–óes	–	–	–ois	–	–	–	–	–óes	–	–óes	–	–
16	gol
17	lençol	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Quadro 23*, percebe-se que no português arcaico a pluralização da lexia *barril* ocorria com a substituição do grafema *-l* por *-iis* como já descrito anteriormente. Provavelmente, o registro de *barriis* assim como *anees* indicasse a realização dos dois *is* ou dois *es* até aquele momento pelo menos na escrita por todas as razões também já expostas.

No século XVI, as obras apenas apresentaram o plural das lexias *real* (*reais*), *barril* (*barrijs*), *funil* (*funijs*) e *farol* (*faróes*) em 25% (1/4) das obras. Oliveira (1536) propôs *reais* referente tanto ao plural do substantivo moeda quanto ao do adjetivo *real*. *Funijs* foi indicado por Barros (1540) e *barrijs* por Lião (1576). O plural *faróes* foi indicado por também por Barros (1540). As quatro prescrições corroboram a análise feita por Mattos e Silva (2010) a respeito do português arcaico. Assim como naquele período, no início do português moderno, a “regularidade” manifestou-se de forma mais contundente na formação dos plurais *barrijs* e *funijs*, pois em ambos a crase da vogal e semivogal não havia ocorrido na escrita e quiçá na fala. Sobre a grafia da sequência das letras *ij*, pontuou Amarante (2015):

Algumas edições de textos latinos costumam fazer distinção entre *i* vogal e *i* semivogal e entre *u* vogal e *u* semivogal, inserindo as chamadas letras ramistas *j* e *v* para a representação das consoantes oriundas das semivogais [...]. É no Renascimento que ocorrerá a incorporação dessas letras ao alfabeto latino por Pierre de la Ramée (*Ramus*), daí serem chamadas por letras ramistas” (Amarante, 2015, p. 41).

Pela observação de Amarante (2015), o grafema *j* representaria a semivogal *i*. Dos itens observados no *Quadro 23*, apenas em *barrijs* e *funijs* o grafema *j* foi localizado seguido da vogal *i*. Ocorreu apenas nas obras datadas a partir do Renascimento, como em Barros (1540), Lião (1576) e Roboredo (1619). Segundo Barros (1540, p. 14), “[...] os nomes que se acabam em, il, em lugar do, l, que lhe tiramos se acreçenta, is: e dizemos *çettil*, *çeitijis*, *fonil*, *fonijs*”. No caso da pluralização em final *-im*, Lião (1576) deixa explícito que os grafemas *ij* equivaleriam, de fato, a um ditongo: “O. IX. *diphthôgo he, ij*, o qual *vê necessariamente nos pluraes* dos nomes, cujos singulares se acabão ã im, como malfim, malfijs, roim, roijs, beleguim, beleguïjs.

Os quaes se não podẽ formar sem o dicto diphthõgo, como teemos dicto no diphthõgo . eẽ” (Lião, 1576, p. 31, grifo próprio).

Posto desta forma, apenas a partir do segundo quartel do século XVI, pode-se tratar com certa segurança a ideia de que o segundo *i* (ou o *j*) na duplicação indicaria a realização da vogal e semivogal *i*. Sendo assim, neste caso em especial de duplicidade de vogal, não se trataria de alongamento da vogal *i*, mas talvez da realização de fato de ambos os segmentos em uma mesma sílaba como ditongo decrescente (vogal + semivogal).

Esta observação sobre a escrita ramista traria luz ao questionamento da realização do segundo *i* neste tipo de lexia. Se, de fato, o grafema *j* indicaria a realização da semivogal *i*, pela observação dos *corpora*, fica evidente que no século XVI e início do XVII os dois *is* seriam realizados não só na grafia como na fala, logo este registro escrito em obras normativas poderiam responder aos questionamentos de Mattos e Silva (2010), ou seja, essa duplicidade do grafema *i* depois da queda da consoante [l] poderia não representaria um hiato, indício de alongamento de tonicidade tampouco uma crase, mas apenas um ditongo decrescente, ou melhor, uma estratégia alomórfica diferente da utilizada no português após a efetiva realização da crase depois da primeiro quartel do século XVII, pelo menos, na prescrição gramatical.

No entanto, pela grafia dos *-is* no português arcaico até em Vera (1631), não se pode dizer com segurança que este ditongo existisse do século XIII ao final até primeiro quartel do século XVII na língua portuguesa. Talvez inicialmente, trata-se de um hiato no português arcaico, seguido de um ditongo decrescente no português moderno e, por fim, de uma crase como registaram os gramáticos e ortógrafos já no início do século XVIII como ilustra o *Quadro 23*¹¹⁷.

No século XVII, a lexia *barril* surgiu em 50% (2/4) das obras; *funil* e *farol* igualmente em 25% (1/4). O plural destas lexias continuou sendo prescrito do mesmo modo que no século passado: *barrijs/barriis*, *funiis* e *farois*. Houve apenas a troca na representação gráfica das semivogais dos plurais *faróes* > *farois* e *funijs* > *funiis* bem como a variação na grafia de *barril*. Roboredo (1619) grafou *barrijs* e Vera (1631) anos depois grafou *barriis*, portanto não houve mudança da prescrição quinhentista para a seiscentista com relação às lexias observadas.

No século XVIII, no entanto, começam a surgir as mudanças nas prescrições de algumas destas lexias. Do grupo com terminação em *-al*, houve registro de *real* mas também de *hospital* (ambas em 33% ou 2/6) e *bocal* em 17% ou 1/6 das obras. Todas foram flexionadas em *-ais*,

¹¹⁷ Para proposições mais seguras, novos *corpora* diversificados e mais extensos seriam necessários. Aqui, basta o apontamento de eventuais caminhos para tais questionamentos apresentados por Mattos e Silva (2010), quiçá também de outros historiadores da língua portuguesa.

com variações inexpressivas na grafia, como em *reais* > *reaes*¹¹⁸. No grupo com terminação em *-el*, *anel* e *pincel* foram citadas igualmente em 33% (2/6) das obras. Seguindo a tendência da língua portuguesa, também seus plurais foram indicados como *anéis* e *pincéis/pincées*. No grupo com terminação em *-ol*, *farol* foi citada em 33% (2/6) das obras e *anzol* em 50% (3/6) no mesmo período. Ambas seguiram esta mesma tendência, logo os plurais indicados para estas lexias foram *faróes* e *anzoes/anzóes*. O grupo em *-il*, *barril* ocorreu em 83% (5/6), *funil* em 33% (3/6) e *fuzil* em 7% (1/6) das obras. A prescrição setecentista foi inovadora apenas na indicação do plural com terminação em *-il* (*barris* e *funis*) uma vez que a crase dos *is* passou a ser indicada. A partir de então, esta crase se estabeleceu na prescrição como se pode ver no *Quadro 24*:

Quadro 24: Plural em *-l* nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM <i>-AL</i> , <i>-EL</i> , <i>-IL</i> , <i>-OL</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX					XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	avental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	bocal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

¹¹⁸ Jesus Maria (1783) não indicou a aceção da lexia.

3	hospital	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	pedal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	policial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	queixal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	real	-	-	-	-éys	-éis	-eis	-éis	-	-	-	-éis	-	-éis	-	-éis	-
8	anel	-	-	-éis	-	-	-eis	-eis	-	-éis	-éis	-	-	-	-	-éis	-
9	pastel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éis	-
10	pincel	-	-	-	-	-	-eis	-	-	-	-	-	-éis	-	-	-	-éis
11	barril	-is	-is	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	funil	-	-	-is	-	-	-is	-	-is	-is	-	-is	-is	-is	-	-is	-is
13	fuzil	-	-	-	-is	-	-	-is	-	-	-	-	-	-is	-	-is	-
14	anzol	-	-oes	-óes	-	-	-oes	-	-	-óes	-	-	-	-	-	-	-
15	farol	-	-	-	-	-oes	-	-	-	-	-	-óis	-óis	-óis	-óis	-	-óis
16	gol	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17	lençol	-	-	-	-	-	-	-oes	-ois	-	-óis	-	-	-óis	-óis	-	-óis

Fonte: Elaboração própria.

No século XIX, do grupo em *-al*, registrou-se apenas *real*, sendo indicada em 57% (4/7) das obras; no grupo em *-el*, registraram-se *anel* em 43% (3/7) e *pincel* em 14% (1/7) dos autores; no grupo em *-il*, houve indicações de *barril*, *funil* e *fuzil* igualmente em 29% (2/7) das obras; no grupo em *-ol*, *anzol* foi indicada também em 43% (3/7) das obras e *farol* e *lençol* em apenas 14% (1/7) delas. Nos anos oitocentos, a inovação ocorreu tão somente com a prescrição de *réis* para o plural do substantivo referente à moeda corrente e *reais*, para o adjetivo. Barbosa (1822) foi o primeiro dos autores a prescrever a migração *reais* > *réis*, mas todos os autores deste século (4/4) que sinalizaram esta lexia indicaram *réis*¹¹⁹ para o plural deste substantivo. Pela análise dos *corpora*, foi a primeira vez na prescrição lusitana que *réis* passou a representar o

¹¹⁹ Segundo Silva (1806) e Coruja (1848), *réis* seria a abreviação de *re(a)is*.

plural da moeda *real*. Até Jesus Maria (1783), este plural era prescrito de forma “regular”: *reaes*.

Na prescrição lusitana do século XX, do grupo em *-al*, novamente registrou-se apenas *real*, mas desta vez em 29% (2/7) das obras; no grupo em *-el*, *anel* foi indicada com o mesmo percentual e *pincel* em 14% (1/7) delas; o grupo com terminação em *-il*, foi representado por *funil* em 71% (5/7) e *fuzil* em 14% (1/7) das exemplificações; por fim, no grupo em *-ol*, *farol* e *lençol* foram indicadas igualmente em 57% (4/7) das obras e *anzol* em 14% (1/7) das obras. Àquela altura, *réis* já estava consolidado como inovação na pluralização do substantivo *real* embora só foi registrado numa obra deste século. Sobre o plural deste grupo, no início dos anos noventa, há registros de variação na flexão de algumas lexias conforme o dialeto utilizado em Portugal. Neste sentido, pontuou Cortesão (1907, p. 9) que “no dialeto alentejano e mirandês o plural dos nomes terminados em *-al, el, il, ol, ul*, é formado ainda regularmente: *quintales, azules*, etc.”. No entanto tais flexões não foram abonadas pela GT. Estes são exemplos pontuais de que a variação diatópica influenciaria também o nível morfológico da língua.

No século XXI, do grupo em *-al*, registrou-se somente a lexia *real* e em 33% (1/3) das obras, portanto apenas esta lexia do grupo em *-al* serviu de exemplo em todo português contemporâneo. Ademais, ainda em Fernandes (2000) registrou-se o plural *réis*. No grupo em *-el*, *anel*, *pastel* e *pincel* foram indicadas em também em 33% (1/3) das gramáticas. No grupo com terminação em *-il*, *fuzil* teve o mesmo número percentual nas gramáticas, já *funil* foi indicada em 67% (2/3) das delas. No grupo em *-ol*, *farol* e *lençol* foram indicadas igualmente em 33% (1/3) dessas obras. Neste grupo, apenas *gol* não foi citada em nenhuma obra lusitana. Pelo exposto, apenas a lexia *real* foi prescrita com pluralização migratória neste século.

Pela prescrição lusitana, até metade do século XVII, a pluralização do grupo com terminação em *-il* não seria realizado com emprego da crase. Só no século XVIII, este processo foi registrado na escrita (*-iis > -ijs > -iis > -is*). No grupo em *-al*, observou-se que o plural *reais* só foi registrado até o final do século XVIII. No século XIX, foi substituído por *réis*. Veja-se o *Quadro 25* para comparar com a prescrição brasileira:

Quadro 25: Plural em *-l* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM <i>-AL, -EL, -IL, -OL</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX								XX						XXI	
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	avental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	bocal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	hospital	-aes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	pedal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	policial	...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	queixal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	real	-ães -éis	-	-aes -éis	-	-éis	-éis	-éis	-eis	-éis	-	-éis	-	-éis	-éis	-	-éis -ais
8	anel	-	-	-	-	-	-	-	-	-éis	-	-éis	-éis	-	-	-éis	-éis
9	pastel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éis	-	-	-	-	-
10	pincel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-éis	-	-	-	-	-
11	barril	-	-	-	-	-is	-	-	-	-	-is	-is	-is	-is	-is	-	-
12	funil	-	-is	-	-	-is	-is	-	-is	-is	-is	-	-is	-is	-is	-	-is
13	fuzil	-	-	-ís	-ís	-	-	-	-	-is	-	-	-is	-is	-	-	-is
14	anzol	-oes	-	-	-	-	-	-	-	-óes	-oes	-	-	-óis	-óis	-	-
15	farol	-	-	-óes	-óes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-óis
16	gol	-	-	-	-	-	-s	-s	-s	-	-
17	lençol	-	-	-	-	-	-óes	-oes	-	-	-	-	-	-	-óis	-	-óis

Fonte: Elaboração própria.

Observando o *Quadro 25*, percebe-se que em toda prescrição brasileira apenas *real* e *hospital* foram utilizadas como exemplos do grupo com terminação em *-al*. Ademais, o registro de Silva (1806) do plural *réis* torna mais precisa a datação da migração *reais* > *réis* nas obras luso-brasileiras. Também diferentemente de toda historiografia da prescrição portuguesa, nas obras brasileiras a lexia *gol* foi citada por seus autores. Com relação às demais lexias, no entanto, não são expressivas as diferenças entre as prescrições dos dois países.

Na prescrição brasileira do século XIX, *real* ocorreu em 71% (5/7) das obras. Diferentemente da prescrição portuguesa, ainda neste século, Silva (1806) prescreve o plural *reães* e *réis* como sua abreviação, já Coruja (1848) indicou *reaes* como realização antiga e só indicou *réis* como atual, mesmo observando que se tratava de uma abreviação. No entanto, ao afirmar que “[real] [...] algumas vezes se abrevia em Réis” (Coruja, 1848, p. 40, grifo próprio), deixa evidente que a migração *reais* > *réis* ainda estava em período de transição. Os demais autores desde então apenas apresentaram *réis* como plural legítimo neste período. No grupo com terminação *-il*, citou-se *funil* em 43% (3/7) das obras, *fuzil* em apenas 29% (2/7) e *barril* em 14% (1/7) delas. No grupo em *-ol*, *farol* e *lençol* foram citadas por 29% (2/7) dos autores e *anzol* por 14% (1/7) deles. Silva (1806) fez alusão à existência de *anzolos* como o plural antigo de *anzolo*, mas este dado não foi levado em consideração, posto que não se tratava de uma lexia com terminação em *-l* embora no passado tenha nomeado o mesmo referente. Com exceção do plural *reães* em alguns autores, os demais plurais em *-l* são iguais aos prescritos em Portugal.

Nas obras do século XX, há um maior número de indicações nas obras do Brasil (62% ou 32/52) em relação a Portugal (38% ou 20/52). Também *gol* começou a ser citada pela primeira vez em todos *corpora*. *Real* foi indicada em 71% (5/7) das obras neste período. Todos prescrevem o plural *réis*, mas Pereira (1907) também cita a moeda espanhola *reales*. Em Almeida (1999), cita-se *réis* como antiga moeda, mas não se cita o plural *reais* como moeda brasileira corrente há cinco anos desta publicação. No grupo com terminação *-el*, citaram-se *anel* em 43% (3/7) das obras, *pastel* e *pincel* em 14% (1/7) delas. As lexias do grupo em *-il* foram bastante aludidas: *funil* em 86% (6/7), *barril* em 71% (5/7) e *fuzil* em 43% (3/7) das obras. No grupo em *-ol*, *anzol* foi citada em 57% (4/7), *gol* em 43% (3/7) e *lençol* em 14% (1/7) delas. Observa-se que há ainda obras brasileiras que prescrevem um plural que não existe mais em nenhum dos dois países, sobretudo é incoerente no Brasil, pois há décadas não circula mais os *réis* e *reais* já seria um plural consolidado para a moeda *real*. Além de ser o único país dos *corpora* analisados a prescrever o plural de *gol*, todos autores do Brasil o fizeram apenas com o acréscimo da desinência *-s* (*gols*). No registro escrito, a normatização brasileira não só

vernacularizou a lexia inglesa como também aceitou a sua flexão conforme ocorre em sua língua de origem. Já no registro oral, a lexia e sua pluralização foram aportuguesadas, pois no PB seria possível esta estratégia “reguladora” com o acréscimo da flexão *-s* depois de semivogais, pois a lateral passa a ser pronunciada com [w] (<*gous*>). A regularização desse plural, dessa forma, seria similar à pronúncia <*voos*>, <*enjoos*> etc. Trata-se, portanto, de uma migração posto que eventualmente este plural seria marcado com a flexão *-ois* (*gois*) como em *lençóis*, *anzóis*, *faróis*, mas o uso recorrente com apenas o acréscimo da desinência *-s* foi tão frequente nos campos de futebol que foi imperativo abonar o plural *gols*.

No século XXI, diferentemente da prescrição lusitana, um dos gramáticos brasileiros atualizou o plural da moeda *real*. Bechara (2009) indicou que *réis* seria uma moeda antiga ao passo que *reais* seria o plural da nova moeda. *Real* foi citada por 67% (2/3) dos autores; *anel* como o mesmo percentual; *funil*, *fuzil*, *farol* e *lençol* em apenas 33% (1/3) dos autores. Em comparação com as obras lusitanas, as brasileiras mostraram-se mais atualizadas, detalhadas na descrição do plural e flexíveis frente à flexão de número das lexias com terminação em *-l* em todos os *corpora* analisados, independentemente do século em questão.

3.1.2 O plural realmente falado no Brasil

Como dito anteriormente, não há uma literatura vasta que verse sobre a alomorfia de número no PB como ocorre com a concordância nominal por exemplo. Ademais, as poucas pesquisas sobre aquele tema não contemplam todos os grupos morfológicos de flexão de número. Normalmente, essas pesquisas tratam da pluralização dos grupos metafônicos, com terminação nos grafemas <-ão>, <-au> e <-éu> em comparação a <-l> e o grupo com terminação em <-s>. Se são pesquisados, pouco se sabe sobre os plurais com terminação em vogais nasais grafadas em <-m>, em vogais átonas ou da pluralização dos diminutivos por exemplo. Aqueles talvez não sejam objeto de interesse de eventuais pesquisas por conta da pouca variação na marcação do plural. O mesmo não se poderia dizer deste grupo uma vez que é perceptível a variação dos falantes ao marcarem o plural dos diminutivos como se pode constatar no levantamento inicial dos dados (cf. *Apêndice*).

Algumas pesquisas, como a de Moreira (2010), tratam de uma revisão e do posicionamento de várias teorias a respeito da flexão de número bem como observam o papel de alguns níveis da língua e sua interface na formação do plural. As poucas pesquisas com ampla divulgação que tratam de algum tipo de flexão de número no PB buscam suporte em

teorias e modelos variados. Alguns destes trabalhos articulam quadros teóricos e modelos que podem ser combinados já outros se limitam a um determinado quadro ou modelo comum na literatura linguística. Nessas duas opções de suporte teórico-metodológico, em ordem cronológica, enquadram-se algumas dessas pesquisas:

- i) Fonologia Gerativa Natural (Gnerre, 1983);
- ii) Linguística Histórica¹²⁰ (Cunha, 2000);
- iii) Fonologia Lexical e Fonologia Autossegmental (Miranda, 2000, 2002);
- iv) Sociolinguística, Aquisição da Linguagem¹²¹ (Capellari; Zilles, 2002);
- v) Linguística Histórica¹²², Teoria da Otimidade (Costa, 2006);
- vi) Fonologia de Uso, Fonologia Probabilística, Fonologia Articulatoria (Cristófarro Silva, Almeida, Guedri, 2007);
- vii) Modelo de Redes, Modelo de exemplares (Huback, 2007);
- viii) Funcionalismo, Modelo de Redes (Huback, 2010);
- ix) Quadro teórico da Sociolinguística e no Modelo Baseado no Uso (Gomes; Manoel, 2010);
- x) Modelo de Redes, Fonologia de Uso, Teoria de Exemplares (Cristófarro Silva, 2012);
- xi) Quadro teórico da Sociolinguística e Modelo de Redes (Severino, Gomes, 2012; Severino, 2013);
- xii) Fonética Acústica (Biacchi, 2013);
- xiii) Modelo Baseado em Exemplares e Modelo de Redes (Gomes; Amaral; Prado, 2018);
- xiv) Fonologia de Uso, Teoria de Exemplares, suporte da fonética acústica e do método sociolinguístico (Belandro; Seara; Agostinho, 2019).

Como observado inicialmente, os trabalhos que versavam sobre a marcação de plural no PB com maior acessibilidade estavam filiados à Teoria Gerativa. Alguns deles também partiam do embasamento da Linguística Histórica e/ou da Sociolinguística. No entanto, como se pode perceber, opondo-se à corrente gerativa, passou-se a analisar a flexão de número sob a perspectiva do processamento da linguagem e seus usos sociais e interacionais, assim, a partir dos fundamentos da Linguística Cognitiva, esse fenômeno passa a ser recorrentemente explicado por teorias que dialogam entre si, como Fonologia de Uso, Modelo de Redes e Teoria

¹²⁰ Embora no texto a autora não indique o quadro ou modelo utilizado como os demais autores, por sua abordagem, entende-se que se trata de um texto filiado, de forma geral, à Linguística Histórica.

¹²¹ Não fica explícita esta classificação, mas se nota que o trabalho tem com aporte teórico-metodológico sobretudo da Sociolinguística.

¹²² Pela abordagem, entende-se que este trabalho também está filiado à Linguística Histórica

de Exemplos, conseqüentemente conceitos como *frequência de uso, produção, percepção, categorização, conexões, esquemas, repetição, nuvens de exemplos* entre outros, passam a compor as análises uma vez que, grosso modo, a gramática seria resultado de processamentos cognitivos emergentes dos usos dos falantes/ouvintes.

Embora houvesse mudanças e/ou aplicação no escopo teórico-metodológico para tratar desse tema, como já dito, seu alcance não atingiu todos os grupos morfológicos, logo se ampliou a perspectiva de abordagem do fenômeno em questão, mas os novos trabalhos não ampliaram as ramificações desse objeto de estudo. Por limitações metodológicas, nesta tese, não foi possível contemplar uma análise que levasse em consideração mais que quatro grupos morfológicos.

A própria definição de grupos e/ou categoria de plural não parece ser tão coerente, ora se baseia em fonemas, ora em grafemas. Alguns dos nomes também simplesmente não se enquadrariam em nenhum grupo. Ademais, grupos aparentemente distintos para o estudo do plural apresentaria nomenclaturas diferentes, mas conceitos próximos senão equivalentes. Moreira (2010), por exemplo, faz generalizações sobre a pluralização dos nomes, sendo assim resumidos/categorizados: i) substantivos terminados em vogal ou ditongo; ii) substantivos terminados em *-l, -r, e -s*, iii) substantivos terminados em *-ão*; iv) os nomes terminados em *-s* átonos; v) plural com metafonia vocálica e vii) outros casos, a exemplo do plural de *campus, corpus, mal e cônsul*, que, segundo a autora, “não é possível formular nenhuma generalização para (essas) palavras apresentadas [...] [Essa categoria] não tem produtividade e não se encaixam nos demais casos apresentados” (Moreira, 2010, p. 44). Essa classificação atual da autora é muito recorrente na GT e na literatura especializada. Neste sentido, pode-se se questionar como se estabeleceria a distinção entre alguns destes grupos ou mesmo tratar algumas destas lexias como não pertencendo a nenhum deles? De fato, não é um posicionamento tão fácil de ser tomado frente a generalizações e/ou a categorizações. Por conta disto, algumas lexias passariam a ser mais recorrentes nos inventários de algumas pesquisas e outras preteridas.

Entre os gramáticos, é consensual a percepção de que a formação da flexão de número no PB é complexa, enervada por particularidades contraditórias, quiçá questionáveis por alguns deles e até mesmo pelos falantes, como usos abundantes de plural, ou seja, um mesmo substantivo pode apresentar até três alomorfes de número (a exemplo de *aldeão > aldeãos > aldeões > aldeães*) ou mesmo ausência de marcação de plural na lexia quando o plural é evidenciado dentro de um contexto sintático (*os lápis, primeiros lápis* etc.), o que caracteriza

sincretismo e não neutralização do plural (Bechara, 2009). Por conta de todas essas particularidades, entende-se por que as pesquisas sobre a flexão de número são melhores apresentadas a partir da análise de poucos grupos morfológicos ou mesmo abordando apenas um deles. Assim sendo, segue uma síntese das principais reflexões sobre a flexão de número em alguns grupos morfológicos a partir do resultado de algumas dessas pesquisas sobre o PB.

3.1.2.1 Possibilidades de pluralização no grupo metafônico

A metafonía não se manifesta apenas entre os substantivos para indicar flexão de número. Esse é um fenômeno que atinge a flexão de número, gênero, modo e pessoa, logo pode ocorrer entre os substantivos, adjetivos e verbos. No tocante especificamente aos substantivos, a escolha da estratégia de flexão de número torna-se arbitrária quando o falante, além de realizar as lexias finalizadas apenas com o morfe *-s*, teria também de recorrer à memória (léxico) para saber se a lexia passaria por processo de metafonía vocálica, ou seja, se usaria o morfe suprasegmental: a vogal média tônica fechada [o] passaria a vogal aberta no plural [ɔ], a exemplo de *ovo* > [ɔ]vos (dupla marcação). Bechara (2009) adverte que “[...] a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões [...]. Tanto a etimologia do latim quanto ao paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas” (Bechara, 2009, p. 124), logo não se pode estranhar eventuais oscilações no uso do morfe suprasegmental pelo falante do PB mesmo quando amplamente prescrito pelos manuais de gramática.

Os primeiros trabalhos sobre a metafonía na língua portuguesa remontam à década de 1920. Inicialmente, com o trabalho de Cavacas (1920) seguido por Gomes (1925). Desde então, artigos, manuais de gramáticas, dissertações e teses versaram sobre o tema. Cabe observar que a metafonía vocálica não é um fenômeno exclusivo do português. Segundo Miranda (2002, p. 70), “[a metafonía é] um fenômeno geral das línguas romances que se manifestou de forma distinta nas diversas língua e dialetos em diferentes momentos de suas evoluções, como se pode observar no português, no proto-espanhol e em alguns dialetos italianos”. No entanto a metafonía nas demais línguas envolve outras vogais além da mudança de timbre do /o/ como ocorre especificamente no português com a flexão de número de algumas lexias. Em salentino, dialeto italiano, a metafonía ocorrida contempla outras vogais quando a lexia é flexionada no plural: *pésse* > *píssi* (peixe), *perete* > *pariti* (parede), *dente* > *diente* (dente), *forte* > *fwerti*

(forte)¹²³. Ademais, estes exemplos reforçam a tese de que fenômenos morfológicos como a flexão de número também sofrem influência de variáveis diatópicas já que “em italiano padrão não ocorre metafonía” (Miranda, 2002, p. 73).

Como pontuado na segunda seção, já havia registros da metafonía em flexão de número desde o português arcaico. No entanto precisar sua origem na língua portuguesa não se revela uma tarefa fácil. Para Viana (s.d. apud Cunha, 2000), a “refração” (metafonía) teria sua origem no sul de Portugal já que no dialeto de Bragança, no norte de Portugal, não se observou tal fenômeno. Com base nesta constatação empírica, Cunha (2000) buscou datar a origem da metafonía. Diferentemente daquele autor, esta não acredita que a origem dessa alteração vocálica na língua portuguesa remonte ao latim popular entre o século V e VII d. C. Para Cunha (2000), sua datação não remontaria a um período tão distante, logo a metafonía não teria sua origem no latim, mas no romance. Segundo Cunha (2000):

[...] não se tem notícia de casos de metafonía no latim. A língua escrita disto nos dá um bom testemunho. A metafonía, porém, é um fenômeno de língua oral (só tardiamente registrado pela escrita, em alguns casos), portanto só o latim vulgar poderia nos dá esse testemunho. Todavia, nas chamadas fontes diretas (ou documentadas) do latim vulgar, não há nenhuma ocorrência de casos de metafonía [...]. Pois bem, a curta permanência dos visigodos na Gália Meridional não foi o suficiente para deixar influências na fonética; tanto que, nos dialetos provençais falados nas regiões que correspondem à antiga Aquitânia, não há ocorrências de metafonía. Já na Península Ibérica, o tempo de permanência foi bastante significativo: dois séculos e meio [...]. Na fase bilingüe, *os godos falavam o latim, emprestando a esse seus hábitos fonéticos* [...] *Na fase de assimilação do latim pelos godos, estes deveriam usar a alternância vocálica, traço típico de sua língua materna* (Cunha, 2000, p. 39-40, grifo próprio).

Segundo a autora, o tempo de permanência teria sido decisivo para a difusão ou não da alternância vocálica por onde se estabeleceram os povos godos, especificamente os visigodos. Assim, a convivência do latim (língua autóctone) e o gótico (língua invasora)¹²⁴ num mesmo espaço por um tempo significativo teria incorporado àquela traços fonéticos desta. Este período de mescla entre essas duas línguas “seria a fase do romance propriamente dito” (Cunha, 2002, p. 41). Para corroborar sua tese, Cunha (2002) observa que outra tribo dos godos, os ostrogodos, depois de invadirem a Península Itálica seriam responsáveis por evidências de alterações

¹²³ Exemplos extraídos de Miranda (2002).

¹²⁴ Os povos góticos ou godos falavam esta língua, inclusive uma de suas tribos: os visigodos.

vocálicas em vários dialetos italianos. Parece convincente que o superestrato¹²⁵ visigótico teria influenciado o latim, quiçá desencadeado o surgimento da metafonia na fala de moradores do sul de Portugal numa época em que já se falava o romanço. Para Câmara Jr. (1975) a origem deste fenômeno se deve à evolução do sistema vocálico latino:

No quadro tônico, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas. O dado novo foi o aparecimento de dois graus de elevação da língua em oposição intermediária entre a posição baixa (/a/) e alta (/i/, /u/). Com isso se criou uma oposição distintiva entre um /ɛ/, /ɔ/ abertos [/ɛ/, /ɔ/], com pouca elevação da língua, e um /e/, /o/ fechados [/e/, /o/], com maior elevação da língua. *O grau médio aberto resultou da /e/ ou /o/ breves, respectivamente; grau médio fechado foi a confluência das vogais médias longas e das altas breves...* (Câmara Jr., 1975, p. 42, grifo próprio).

No sistema vocálico latino clássico, todas as vogais eram compostas por um par opositivo, ou seja, poderiam ser realizadas de forma breve ou longa. Todas aquelas sobrepostas por um macron (¯) eram longas e aquelas grafadas com uma bráquia (˘) eram vogais breves. Assim, a quantidade era fundamental para distinguir lexias como *mōlīs* (*massa* no genitivo singular) de *mōlīs* (*moinho* no dativo, ablativo plural)¹²⁶. Assim, no latim clássico a realização da vogal <ō> em *mōlīs* se alongava em comparação com a realização da vogal <ö> em *mōlīs* não como vogais equivalentes sujeitas à variação linguística, mas com função distintiva. Segundo Câmara Jr. (1975, p. 42), “a intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passaram a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes ou depois do acento”. Dessa forma, as vogais latinas breves do latim clássico /e/ e /o/ corresponderiam, respectivamente, às vogais de timbre aberto /ɛ/ e /ɔ/ no latim vulgar¹²⁷. De tal modo, no latim, lexias com vogais breves (grafadas com o sinal diacrítico da bráquia) como *fūrnum* ou *fūrnos*, *ōvum*, *grōssum* justificariam a abertura do timbre da vogal /o/ em algumas lexias da língua portuguesa quando flexionadas no plural *fornos*, *ovus*, *grossus*¹²⁸, mas não em sua forma singular (Câmara Jr., 1975). Por levar em consideração que o timbre primitivo do latim só se manifestaria no masculino plural, para

¹²⁵ Entende-se por *superestrato* a língua do povo conquistador. Neste caso, o gótico.

¹²⁶ Exemplos extraídos de Câmara Jr. (1975, p. 42). Mais informações sobre a origem da metafonia em língua portuguesa, consultar essa obra (segundo capítulo) bem como Cunha (2000) e Miranda (2002).

¹²⁷ O emprego dos conceitos *latim clássico* e *latim vulgar* neste texto não tem a pretensão de preterir esta variação do latim. Fez-se uso de tais expressões, pois as fontes consultadas faziam esta distinção (Câmara Jr., 1975; Miranda, 2002).

¹²⁸ Exemplos de Câmara Jr. (1975, p. 80- 81).

autores com Silva Neto (1970) e Câmara Jr. (1975), a alteração vocálica ou metafonía ocorreria na forma singular dessas lexias e não no plural como tradicionalmente se defende.

Desta forma, pela evolução regular, a vogal breve /o/ ou <ö> do latim teria como correspondente a vogal média baixa /ɔ/ no masculino plural, já a vogal média alta /o/ tônica realizada no singular seria resultado de um processo denominado de *assimilação*, ou seja, a vogal localizada no final de dessas lexias /u/ exerceria influência sobre a articulação da vogal tônica anterior /o/, assim os sons se tornam mais parecidos quando a vogal tônica passaria a ser realizada com o timbre fechado. No português é comum esse processo também denominado de *harmonização vocálica*¹²⁹.

Pelo exposto, a assimilação ou harmonização vocálica em lexias como *f[o]rn[u]*, *[o]v[u]*, *gr[o]ss[u]* só ocorreria no masculino singular, logo a metafonía para a flexão de número na língua portuguesa não se realizaria no masculino plural já que sua manifestação traz consigo o timbre primitivo do latim. Ademais, segundo Cafezeiro (1981 apud Miranda, 2002, p. 73, grifo próprio)¹³⁰, “observa-se na evolução do português *um pequeno grupo de palavras que sofreu a regra mas não apresenta variação entre a forma do masculino singular e a do masculino plural ou feminino*”. São os casos das lexias cujas formas primitivas correspondiam em latim vulgar à vogal /ɔ/ (é, ô, ù) segundo Câmara Jr. (1975):

Do ponto de vista da *descrição atual*, há assim uma abertura do timbre de /ɔ/ tônico no plural, em complemento à marca do plural pela desinência. Mas *não é um mecanismo geral e firme*, e entre os nomes que são *exclusivamente substantivos, muitas vezes não aparece* (cf. *lobo / lobu/, lobos /lobus/ etc. [...]*). São aqueles que *correspondem em latim vulgar a /ɔ/ (isto é, é, ô, ù)*. O *processo da alternância*, como mecanismo fonológico, *não se estabeleceu entre eles*. Hoje, na língua comum, há *variação em alguns desses nomes*; cf. *bolso / bolsu/: bolsos /bɔlsus/ [timbre aberto]*, na pronúncia normal de Lisboa, mas */bolso, bɔlsus/ [timbre fechado]* no Brasil (Câmara Jr., 1975, p. 81, grifo próprio).

¹²⁹ “No português, dá-se a harmonização vocálica nos casos em que as vogais médias pré-tônicas passam a ALTAS, quando a vogal tônica é alta (/i/, /u/): *menino* é pronunciado /mininu/ e *segundo* é pronunciado /sigundo/...” (Crystal, 1988 [1978], p. 137, grifo do autor). Este termo também é utilizado por alguns autores para denominar o próprio fenômeno da metafonía segundo Miranda (2002). Segundo a autora, “na literatura que trata da metafonía, são encontradas várias expressões para nomear o fenômeno: ‘*assimilação regressiva parcial*’, ‘*assimilação regressiva total*’, ‘*harmonização vocálica*’ e, até mesmo ‘*umlaut*’” (Miranda, 2002, p. 70), embora tais conceitos sejam questionáveis para denominar a metafonía vocálica, portanto, neste texto, o termo *harmonização vocálica* não equivaleria a metafonía em quaisquer contextos de uso, pois seria incoerente tal denominação.

¹³⁰ Muitos foram os recursos utilizados pelo pesquisador para obtenção de obras referenciais, no entanto, infelizmente, por conta do período pandêmico motivado pela COVID-19, o acesso a obras que não estariam disponíveis em repositórios virtuais e/ou à venda em suportes impressos tornou-se impossível, logo, até o momento da escrita desta seção, algumas obras não puderam ser consultadas. Assim sendo, foi imperativo confiar nas citações como esta apresentada por Cafezeiro (1981 apud Miranda, 2002) sem que o original fosse consultado.

Pelo exposto até então, entende-se que as lexias cujas formas primitivas correspondiam à vogal /o/ (é, ô, õ) no latim originaram o emprego do plural em questão com a vogal /o/ fechada enquanto aquelas lexias com a base etimológica em vogais breves no latim justificariam o emprego do timbre aberto para vogal /o/ em determinadas lexias no português. Como observado pelo uso da expressão “ *muitas vezes*”, Câmara Jr. (1975) acredita ser comum a conservação do timbre fechado da vogal tônica /o/ entre os substantivos em contexto metafônico na língua portuguesa. Por conta desta informação apresentada por Câmara Jr. (1975), fez-se uma consulta à obra de Barbosa (1973?) e, ao inventariar todos verbetes de natureza essencialmente substantiva cujas sílabas tônicas apresentassem a vogal /o/ com timbre fechado, classificado como paroxítono e terminados em /u/¹³¹, o resultado desta pesquisa corroborou a constatação apresentada por aquele autor. Veja-se o *Quadro 26*:

Quadro 26: Prescrições de metafonía para a marcação de número dos substantivos

N.	LEXIA	/o/	/ɔ/	SEM INDICAÇÃO OU NÃO MARCADO ¹³²
01	aboço	x		
02	abordo	x		
03	aborto	x		
04	acordo	x		
05	adobo	x		
06	adorno	x		
07	afogo	x		

¹³¹ A obra em questão traz verbetes para prescrição da flexão de gênero, número, aumentativo, diminutivo, coletivos, adjetivos, verbos, entre outros. Para esta pesquisa, buscou-se o plural apenas dos substantivos metafônicos mais comuns, logo contextos metafônicos proparoxítonos não foram considerados, bem como não se considerou verbetes paroxítonos em /o/ fechado, mas com terminação diferente da vogal /u/ a exemplo de *cebola*, *bolsa* etc ou paroxítonos como *cortiço*. Quanto à classificação da classe gramatical de cada verbete quando seu autor não o fez, consultou-se Houaiss (2007). Assim, se algumas das acepções do verbete selecionado trouxesse consigo a classificação também de substantivo, o item foi contabilizado. Ademais, todos verbetes com terminação no sufixo *-oso* foram considerados como plural metafônico quando marcados pelo morfe de número *-s* mesmo que o autor não indicasse a abertura da vogal /o/ em sua obra por ser imperativa tal abertura de timbre neste contexto (ex.: *carurus-amargosos*).

¹³² A letra X nesta coluna sinaliza que nenhuma pluralização foi indicada para o verbete em questão. Nos demais casos, apresentou-se a flexão indicada pelo autor. Às vezes, o autor apresentou mais de uma flexão. Ademais, nesta coluna estão: i) os casos de substantivos compostos que a lexia em contexto metafônico não é prescrita flexionada com o morfe *-s* no verbete em questão (*baúnas-de-fogo*); ii) substantivos compostos que a lexia alvo, mesmo flexionada (*meios-corpos*), não apresenta indicação de plural quando tal componente do verbete surge independente na obra (*corpo*) ou quando esta lexia original sequer foi mencionada como verbete independente (*moços > bons-moços*); iii) verbetes compostos (*louros-abacate(s)*) cuja lexia alvo quando apresentada de forma independente e flexionada (*louros*) não trazem consigo descrição de seu timbre mesmo que o contexto fonológico seja evidente como justificativa.

08	almoço	x		
09	alojo	x		
10	alvoroço	x		
11	alvoroto	x		
12	amojo			x
13	antegosto	x		
14	antegoço	x		
15	antojo	x		
16	antolho		x	
17	apodo	x		
18	aposto		x	
19	arrocho	x		
20	arrojo	x		
21	arrolho		x	
22	arrolho	x		
23	arroto	x		
24	atocho	x		
25	azoto	x		
26	bagre-calacoco			(bagres-calacoco(s)) ¹³³
27	balofó	x		
28	balordo	x		
29	barroco	x		
30	baúna-de-fogo			(baúnas-de-fogo)
31	baúna-fogo ¹³⁴		x	
32	bojo	x		
33	bolo	x		
34	bolos-de-rodo	x		
35	bolso	x		
36	bom-moço			(bons-moços)
37	bonito-cachorro	x		
38	borco	x		
39	bordo	x		
40	boro			x
41	borro			x
42	bota-fofo			(os bota-fogo)
43	boto	x		
44	broto	x		

¹³³ O recurso de parênteses duplos indica o uso da morfe *-s* seria facultativo.

¹³⁴ Por ser facultativa a flexão do segundo elemento de *baúnas-de-fogo(s)* e por já ser indicada sua flexão dupla na obra para o verbete *fogo* (com timbre aberto), o substantivo composto em questão foi classificado como plural metafônico. Este foi um dos critérios adotados para a classificação de todos substantivos compostos.

45	cabaceiro-amargoso		x	
46	cabeça-de-coco			(cabeças-de-coco)
47	cabeça-de-fogo			(cabeças-de-fogo)
48	caboclo-d'água			(caboclos-d'água)
49	caboclo-velho			(caboclos-velhos)
50	caboclo-vermelho			(caboclos-vermelhos)
51	cachopo	x		
52	cachorro	x		
53	cachorro-do-mato	x		
54	cachorro-quente	x		
55	canhoto	x		
56	capim-amargoso		x	
57	capim-cheiroso		x	
58	caroço		x	
59	carrapato-fogo			(carrapatos-fogo)
60	carta-piloto	x		
61	caruru-amargoso		x	
62	cata-piolho	x		
63	catinga-de-porco			(catingas-de-porco)
64	choco	x		
65	choro	x		
66	cobra-de-fogo			(cobras-de-fogo)
67	cocho	x		
68	coco	x		
69	coco-balão	x		
70	coco-catulé	x		
71	coco-da-baía	x		
72	coco-da-quaresma	x		
73	coco-de-espinho	x		
74	coco-de-indaiá	x		
75	coco-de-macaco	x		
76	coco-de-palmeira	x		
77	coco-de-praia	x		
78	coco-macaúba	x		
79	coco-pindoba	x		
80	colosso	x		
81	conforto	x		
82	congo			x
83	consolo	x		
84	contorno	x		
85	corço	x		

86	corno		x	
87	coro		x	
88	corpo			x
89	corvo		x	
90	corvo-marinho		x	
91	corso ¹³⁵	x		
92	coto	x		
93	couro			x
94	covo	x		
95	coxo	x		
96	creosoto	x		
97	decoro	x		
98	denodo	x		
99	dente-de-ovo			(dentes-de-ovo)
100	desabrocho	x		
101	desacordo	x		
102	desafogo	x		
103	desaforo	x		
104	desbordo	x		
105	descoco	x		
106	desconforto	x		
107	desconsolo	x		
108	descordo	x		
109	desforço		x	
110	desgosto	x		
111	despojo		x	
112	desporto	x		
113	destroço		x	
114	dobro	x		
115	dorso	x		
116	emboço	x		
117	emboso	x		
118	endosso	x		
119	engordo	x		
120	entojo	x		
121	entrecoro	x		
122	entrefolho		x	
123	entreforro	x		
124	entrepasto		x	
125	entressolho		x	

¹³⁵ Ver *conço*.

126	esboço	x		
127	esborro	x		
128	escolho		x	
129	escopo	x		
130	escorço	x		
131	esforço		x	
132	esposo	x		
133	estofo	x		
134	estojo	x		
135	estolho		x	
136	estorço	x		
137	estorno	x		
138	estorvo	x		
139	estroço		x	
140	extorso	x		
141	ferrolho	x		
142	fofo	x		
143	fogo		x	
144	fogo-de-bengala		x	
145	fogo-de-santelmo		x	
146	fogo-fátuo		x	
147	fogo-pagou			(os fogo-pagou)
148	fogo-selvagem		x	
149	folho		x	
150	formiga-de-fogo			(formigas-de-fogo)
151	forno		x	
152	foro	x		
153	forro	x		
154	fosso		x	
155	frangolho	x		
156	furta-fogo		x	
157	gafanhoto	x		
158	gavião-caboclo			(gaviões-caboclos)
159	globo	x		
160	godo	x		
161	gogo	x		
162	golfo	x		
163	gordo	x		
164	gorro	x		
165	gosto	x		
166	gozo	x		

167	grão-de-porco			(grãos-de-porco)
168	grão-tinhoso		x	
169	grosso		x	
170	guarda-fogo		x	
171	hissopo	x		
172	horto	x		
173	imposto		x	
174	ingá-fogo			(ingás-fogo)
175	insosso	x		
176	interposto		x	
177	iodo	x		
178	jacarandá-mimoso		x	
179	jacarandá-roxo			(jacarandás-roxos)
180	joão-bobo			(joões-bobos)
181	joão-congo			(joão(-ões)-congos)
182	joão-teimoso		x	
183	jogo		x	
184	jorro	x		
185	lagarta-de-fogo			(lagartas-de-fogo)
186	lobo	x		
187	lobo-cerval	x		
188	lobo-do-mar	x		
189	lobo-marinho	x		
190	loco	x		
191	lodo	x		
192	logro	x		
193	loto	x		
194	louro ¹³⁶			x
195	louro-abacate			(louros-abacate(s))
196	louro-amarelo			(louros-amarelos)
197	louro-cereja			(louros-cereja(s))
198	louro-cheiroso		x	
199	louro-da-beira			(louros-da-beira)
200	louro-de-casca-preta			(louros-de-casca-preta)
201	louro-de-igapó			(louros-de-igapó)
202	louro-inhamul			(louros-inhamul(is))
203	louro-mamorim			(louros-mamorim(ns))
204	louro-pardo			(louros-pardos)
205	louro-pimenta			(louros-pimenta(s))

¹³⁶ Todos verbetes análogos ao contexto metafônico foram considerados independentemente de seu arranjo silábico, logo *louro*, *pau-pombo*, *papel-carbono* foram contabilizados.

206	louro-preto			(louros-pretos)
207	louro-rosa			(louros-rosas)
208	louro-tamancão			(louros-tamancão(-ões))
209	louro-vermelho			(louros-vermelhos)
210	maçarico-do-bico-torto			(maçaricos-do-bico-torto)
211	maçaroco	x		
212	malogro	x		
213	marimbondo-caboclo			(marimbondos-caboclos)
214	maroto	x		
215	massaroco ¹³⁷	x		
216	mata-piolho	x		
217	meio-corpo			(meios-corpos)
218	melão-caboclo			(melões-caboclo)
219	mel-de-cachorro			(méis-de-cachorro)
220	miolo		x	
221	mocho	x		
222	mocho-diabo	x		
223	mocho-matadeiro	x		
224	mocho-negro	x		
225	mocho-orelhudo	x		
226	molho	x		
227	morro	x		
228	mosca-de-fogo			(moscas-de-fogo)
229	mosco			x
230	muntum-de-assobio			x
231	muxoxo	x		
232	namoro	x		
233	novo		x	
234	novo-rico		x	
235	oco	x		
236	olho		x	
237	olho-d'água		x	
238	olho-de-boi		x	
239	olho-de-boneca		x	
240	olho-de-cabra		x	
241	olho-de-cabra-miúdo		x	
242	olho-de-cão		x	
243	olho-de-fogo		x	
244	olho-de-fogo		x	
245	olho-de-gato		x	

¹³⁷ Ver *maçaroco*.

246	olho-de-peixe		x	
247	olho-de-perdiz		x	
248	olho-de-pombo		x	
249	olho-de-santa-luzia		x	
250	olho-de-sapo		x	
251	olho-sogra		x	
252	olho-grande		x	
253	osso		x	
254	ouro			x
255	ouro-de-gato	x		
256	ouro-pigmento	x		
257	outono			x
258	ovo		x	
259	palmito-amargoso		x	
260	pão-posto		x	
261	papa-coco	x		
262	papagaio-caboclo			(papagaios-caboclos)
263	papagaio-de-peito-roxo			(papagaios-de-peito-roxo)
264	papa-ovo		x	
265	papa-terra-de-assovio			(papas-terra-de-assovio)
266	papel-carbono			(papéis-carbono(-s))
267	papo-de-fogo			(papos-de-fogo)
268	pára-fogo		x	
269	pau-pombo			(paus-pombo(-s))
270	pau-roxo			(paus-roxos)
271	pedra-de-fogo			(pedras-de-fogo)
272	pega-fogo		x	
273	peixe-boto	x		
274	peixe-cachorro	x		
275	peixe-piolho	x		
276	perdigoto	x		
277	pescada-cachorro	x		
278	piloto	x		
279	pipolho	x		
280	pinga-fogo		x	
281	piolho	x		
282	piolho-branco	x		
283	piolho-de-cabeça	x		
284	piolho-de-cação	x		
285	piolho-de-cobra	x		
286	piolho-de-galinha	x		

287	piolho-de-planta	x		
288	piolho-de-são-josé	x		
289	piolho-de-cafeeiro	x		
290	piolho-de-farinheiro	x		
291	piolho-ladro	x		
292	piolho-sugador	x		
293	poço	x		
294	pojo	x		
295	pôlo	x		
296	pombo-correio			(pombos-correio(s))
297	porco		x	
298	porco-do-mato		x	
299	porco-espinho		x	
300	porto		x	
301	posto		x	
302	potro	x		
303	pouco			x
304	pouco-caso			(poucos-casos)
305	povo		x	
306	prego-cachorro	x		
307	pronto-socorro		x	
308	purga-de-caboclo			(purgas-caboclo)
309	rã-cachorro	x		
310	rapa-coco	x		
311	raposo	x		
312	rato-de-esgoto			(ratos-de-esgoto)
313	reboco	x		
314	reboço	x		
315	rebolo	x		
316	rebordo	x		
317	recobro	x		
318	reconforto	x		
319	recosto	x		
320	recovo	x		
321	redobro	x		
322	refolgo	x		
323	refolho		x	
324	reforço		x	
325	remolho	x		
326	renovo		x	
327	repolho	x		

328	resfolgo	x		
329	restolho		x	
330	retorno	x		
331	retorto		x	
332	retovo		x	
333	risoto	x		
334	rodo	x		
335	rogo	x		
336	rojo	x		
337	rolo (1)	x		
338	rolo (2)	x		
339	roto	x		
340	sabiá-cachorro	x		
341	saí-de-fogo			(saís-de-fogo)
342	sanhaço-de-fogo			(sanhaços-de-fogo)
343	serra-osso		x	
344	sobreposto		x	
345	sobro	x		
346	sobrolho		x	
347	sobrosso		x	
348	soco	x		
349	socorro		x	
350	sogro	x		
351	soldo	x		
352	solho	x		
353	sonho			x
354	sopro	x		
355	soro	x		
356	sorvo	x		
357	sota-piloto	x		
358	suborno	x		
359	surucucu-de-fogo			(surucucus-de-fogo)
360	tainha-de-corso			(tainhas-de-corso)
361	tapa-olho		x	
362	tartaruga-de-couro			(tartarugas-de-couro)
363	Terra do Fogo			x
364	tico-tico-guloso		x	
365	tié-fogo		x	
366	tijolo		x	
367	tira-gosto	x		
368	todo	x		

369	todo-poderoso		x	
370	toldo	x		
371	topo	x		
372	torço	x		
373	tordo	x		
374	torno	x		
375	torto		x	
376	toso	x		
377	touro			x
378	trambolho	x		
379	transbordo	x		
380	transtorno	x		
381	troço	x		
382	trolho	x		
383	trono			x
384	volvo	x		
385	voo	x		
386	xoxo			x
387	zarolho	x		
388	zé-povo		x	
389	zopo	x		
390	zorro	x		
TOTAL		220 (56%)	94 (24%)	76 (20%)

Fonte: Elaboração própria com base na obra de Barbosa (1973?).

Como se pode observar na *Quadro 26*, 56% (220/390) das lexias em contextos metafônicos não apresentam alteração vocálica da sílaba tônica; em segundo lugar, apenas 24% (94/390) delas mudariam o timbre da vogal segundo o inventário disposto por Barbosa (1973?). Com percentual semelhante (20%, 76/390), encontram-se as lexias em contexto metafônico que surgem como verbete, mas o autor não indica seus plurais na obra em questão (*amojo*, *boro*, *borro* etc.) ou em outros casos apresenta sua marcação de plural, mas a lexia alvo não sofre flexão de número a exemplo de alguns plurais compostos (*baúnas-de-fogo*[ø], *caatingas-de-porco*[ø], entre outros). De qualquer modo, pelos dados coletados, percebe-se que o número de lexias em contexto de metafonia que não sofre alteração vocálica no plural é superior ao dobro daquelas que abrem o timbre em tal contexto, logo a pluralização dupla não seria a marcação mais frequente no PB corroborando, de fato, a constatação de Câmara Jr. (1975) sobre o número reduzido de lexias com mudança de timbre no plural.

Embora a obra de Barbosa (1973?) seja um dicionário de flexão das palavras, logo não contempla todo inventário da língua portuguesa, seus resultados podem proporcionar uma noção da marcação do plural metafônico na “língua prática”, nas palavras de seu autor. Também por compor uma coleção de grande circulação no Brasil, provavelmente foi uma obra de cunho paradigmático com alcance considerável entre os cultos. Assim sendo, pode influenciar na prescrição de plural de muitos brasileiros como maior acesso à cultura escrita desde a década de 1970. Ademais, os percentuais obtidos no levantamento supracitado podem servir de parâmetro de comparação entre as prescrições atuais e aquelas realizadas há mais de cinco décadas.

Cabe observar que muitas dessas lexias em contexto de metafonía apresentam entrada na língua portuguesa depois de sua formação como língua, logo a explicação para a (não) alteração vocálica em contexto de flexão de número na língua portuguesa pode partir de sua relação com a etimologia latina de algumas lexias, mas as demais teriam motivação variada para a conservação do timbre fechado da vogal /o/ em tais contextos ou sua abertura. Algumas dessas motivações seriam condicionadas fonotaticamente. Entre elas, podem-se citar:

- i) sílaba tônica formada por ditongo decrescente cuja semivogal seja /u/: *ouro, touro, louro* etc.;
- ii) contexto de nasalização posterior à sílaba tônica: *outono, trono*, entre outros;
- iii) lexias proparoxítonas.

Para este último caso, podem-se citar exceções a exemplo *corcovo* (salto). Segundo Barbosa (1973?) e Houaiss (2007), o plural dessa lexia proparoxítona apresentaria alteração vocálica do primeiro /o/ na variedade linguística padrão como ocorrem com os metafônicos paroxítonos. Assim, embora não seja comum, ocorre metafonía na flexão de número entre as proparoxítonas na norma padrão do PB. Para melhor compreender a metafonía na flexão de número, Andrade (1994 apud Miranda, 2002) apresentou a seguinte classificação:

- i) Grupo 1: lexias cujas sílabas tônicas são realizadas sempre com timbre fechado (*moço* > *moça*);
- ii) Grupo 2: lexias cujo timbre é sempre aberto independentemente de sua flexão (*colo* > *colos*);
- iii) Grupo 3: lexias com alteração vocálica na sílaba tônica (*olho* > *olhos*).

Embora não tenha contabilizado, como mesmo informou a autora, Miranda (2002) observa que o primeiro grupo é predominante, apresentando um grande número de exemplos no léxico da língua portuguesa. Ademais, teriam origem tanto no vernáculo quanto em

empréstimos linguísticos. Já o segundo grupo seria composto por poucos exemplares na língua portuguesa. Segundo Cavacas (1920) e Williams (1973) (apud Miranda, 2002), este segundo grupo é formado por palavras eruditas ou semieruditas. Neste caso, o timbre aberto tornou-se uma exceção:

O GRUPO 2 inclui vocábulos que apresentam a vogal média baixa em todas as formas [...] nas quais o *ō* (longo) do latim clássico passou para o *o* (aberto) no latim vulgar, *apresentando um timbre contrário ao da vogal primitiva: remōtum → remoito; sonōrum → sonoro; vōtum → voto [...]* Todos esses vocábulos têm um traço característico comum pois, *embora a vogal média tônica seja *ō* nos seus étimos, ela se manifesta sempre como [ɔ]*, e a entrada dessas palavras para o português ocorreu por *via erudita* (Miranda, 2002, p. 75, grifo próprio).

Segundo a autora, há palavras neste grupo com timbre sempre aberto de origem que não imediatamente latina. Seriam os casos de empréstimos linguísticos a exemplo de alguns galicismos e anglicismos. Também haveria algumas exceções para esta explicação com base no latim, pois algumas dessas palavras teriam origem na própria língua portuguesa a exemplo de *c[ɔ]po* e *tr[ɔ]ço*¹³⁸.

O terceiro grupo formado por lexias cujo plural apresenta mudança de timbre da vogal tônica apresentaria subdivisões. Com base nos postulados da Fonologia lexical (Kiparsky, 1982, 1985 apud Miranda, 2002), fez-se necessária esta distinção hierárquica dentro do desse grupo, propondo-se dois níveis para estes subgrupos. Para Miranda (2002),

Essa divisão [do grupo 3] se faz necessária uma vez que [...] parte-se do princípio de que existe uma íntima associação entre regras morfológicas e regras fonológicas, as quais se organizam no léxico formando estratos hierarquicamente arranjados. Sob essa concepção, os processos derivacionais e flexionais da morfologia podem ser ordenados em uma série de níveis, sendo que a cada um desses níveis estão associadas regras fonológicas. Assume-se que o português tem dois estratos lexicais ordenados: *nível 1, onde ocorre a derivação e a flexão irregular; e nível 2, onde tem lugar a formação produtiva e a flexão regular*. Por isso, é fundamental que se faça a diferenciação entre palavras derivadas e não-derivadas e entre palavras formadas por sufixos de nível 1 e de nível 2 (Miranda, 2002, p. 76, grifo próprio).

Dessa forma, a autora divide as lexias cujo plural sofre metafonía em lexias não-derivadas, lexias formadas por prefixação ou composição, lexias formadas por sufixos de nível

¹³⁸ Exemplos apresentados pela autora. Maiores esclarecimentos, consultar Miranda (2002, p. 75).

1 e, por fim, lexias formadas por sufixos de nível 2. Esses grupos seriam ainda subdivididos em seis categoria:

i) lexias não-derivadas com alternância vocálica no feminino e no plural (ex.: [o]vo > [ɔ]vos > [ɔ]va > [ɔ]vas; p[o]rco > p[ɔ]cos > p[ɔ]rca > p[ɔ]rcas; p[o]sto > p[ɔ]stos > p[ɔ]sta > p[ɔ]stas)¹³⁹;

ii) lexias não-derivadas com alternância vocálica no plural (ex.: f[o]rno > f[ɔ]rmos; [o]sso > [ɔ]ssos; tij[o]lo > tij[ɔ]los; [o]lho > [ɔ]lhos; car[o]ço > car[ɔ]ços;

iii) lexias formadas por derivação ou composição com alternância vocálica no feminino e no plural (ex.: comp[o]sto > comp[ɔ]stos > comp[ɔ]sta > comp[ɔ]stas; ret[o]rto > ret[ɔ]rtos > ret[ɔ]rta > ret[ɔ]rtas);

iv) lexias formadas por prefixação ou composição com alternância vocálica no plural (ex.: ante[o]lho > ante[ɔ]lhos; aerop[o]rto > aer[ɔ]rtos);

v) lexias formadas por derivação sufixal de nível 1 (-oso) com alternância vocálica no feminino e no plural (ex.: f[o]rm[o]so, f[ɔ]rm[ɔ]sos, f[ɔ]rm[ɔ]sa, f[ɔ]rm[ɔ]sas; g[o]st[o]so, g[ɔ]st[ɔ]sos, g[ɔ]st[ɔ]sa, g[ɔ]st[ɔ]sas);

vi) lexias formadas com sufixo de nível 2 com alternância vocálica no feminino e no plural (ex.: p[o]rquinho > p[ɔ]rquinhos > p[ɔ]rquinha > p[ɔ]rquinhas; n[o]víssimo > n[ɔ]víssimo > n[ɔ]víssima > n[ɔ]víssimas > n[ɔ]vivamente).

Sabe-se que as lexias com alternância vocálica no feminino como no subgrupo i) não é recorrente no PB, ou seja, nem todo substantivo possuiria feminino com mudança de timbre, portanto a alternância vocálica seria mais comum na flexão de número no masculino. Ademais lexias dos subgrupos iii), iv) e vi) teriam o favorecimento de processos de derivação ou composição para a manutenção da abertura do timbre da vogal /o/ quando suas lexias primitivas já apresentariam alteração vocálica na forma original mesmo nos casos em que há o deslocamento do acento na formação dos diminutivos no plural. Esse favorecimento da alternância vocálica no feminino e no plural seria ainda mais acentuado em subgrupos como o v) cujas lexias são formadas por derivação sufixal de nível 1 (-oso), uma vez que há alternância do timbre da vogal [o] > [ɔ] no radical da lexia original no masculino singular para aquelas no masculino ou feminino no plural, também neste caso não há o deslocamento do acento da sílaba da lexia primitiva como em vi), o sufixo em questão é frequente no PB e a alteração vocálica

¹³⁹ Alguns dos exemplos foram extraídos de Miranda (2002, p. 76-79).

na flexão de gênero e número seria uma regra produtiva tanto entre substantivos quanto entre os adjetivos. Segundo Santos (2015),

É possível, por outro lado, identificar constituintes sufixais que, sistematicamente, são alvo do processo de alternância vocálica ou, ao contrário, o inibem. *Dentre os poucos sufixos que, depois de associados, criam um contexto fonológico exigido para alternância, o primeiro é o caso do sufixo adjetival, já referido e muito produtivo, -os(o)...* (Santos, 2015, p. 129, grifo próprio).

Ainda no que toca à categoria v), Belando, Seara e Agostinho (2019) apresentam evidências acústicas de que adjetivos formados por derivação sufixal em *-oso* apresentariam outras variantes resposta além da alternância entre timbre fechado e aberto da vogal tônica [o]¹⁴⁰, a saber:

- a) canônica, isto é, dupla marcação de plural, como em [nume'ɾɔzɐs] ou [nume'ɾɔzɐs];
- b) presença da vogal média-alta e da marca do morfema *-s*, como em [nume'ɾozɐs] ou [nume'ɾozɐs], acarretando o comportamento metafônico;
- c) presença da vogal média cujo timbre *não pôde ser perceptivamente identificado, pois ocupam um espaço intermediário entre timbres abertos e fechados* característicos de vogais médias (etiquetadas como [O], “o” capitalizado); e com a marca do *-s* de plural, como em [nume'ɾOzɐs] ou [nume'ɾOzɐs];
- d) pronúncia na qual *não foi observada presença da fricativa não-vozeada final*, além de não apresentar a vogal alta postônica final, sendo observado, apenas, o timbre característico da vogal média-baixa, esse responsável por marcar a palavra como plural: [nume'ɾɔz▲¹⁴¹];
- e) inversão da posição dos segmentos [s] e [ɔ], constituindo o fenômeno denominado *metátese*, como em [nume'ɾɔzɐs];
- f) pronúncia na qual não se observou a presença da fricativa não-vozeada final, apresentando um timbre vocálico entre o aberto e o fechado (etiquetado como [O], “o” capitalizado), como em [nume'ɾOzɔ] (Belando; Seara; Agostinho, 2019, p. 45-6, grifo próprio).

Trabalhos como estes reforçam a tese de que, no terreno da alomorfa de número, as possibilidades de marcação de plural são muito mais amplas que aquelas prescritas ou mesmo descritas por gramáticos, chegando a desafiar os limites da estruturação silábica do PB a

¹⁴⁰ Anos antes desta publicação, já se sinalizariam evidências de indícios dessa vogal intermediária em contexto metafônico. Embora não se teve acesso à obra em questão, segundo Cristóvão Silva, Almeida e Guedri (2007, p. 224), “[...] nos casos de metafoia [...]. Tomaz (2006) [...] oferece indícios da ocorrência de uma vogal com timbre vocálico intermediário entre uma vogal média-alta e média-baixa”.

¹⁴¹ O símbolo original é formado por dois triângulos, com o segundo invertido sobre o primeiro, indicando a ausência da fricativa não-vozeada final (-s).

exemplo de dados empíricos como [nume'rɔzs], [nume'rozs] e [nume'rOzs], pois o arranjo silábico final com duas consoantes sibilantes [zs] não é comum a essa língua. Ademais, não é (tão) perceptível a identificação de uma terceira vogal [O] cujo timbre seria intermediário entre o [o] e [ɔ]. Nessa pesquisa, as autoras entenderam que a realização do timbre intermediário seguido do padrão *-s* seria um legítimo caso de dupla marcação. Essa estratégia foi a segunda mais recorrente no *corpus* analisado, a saber: 75,52% dos dados foram compostos por variantes canônicas (com mudança de timbre), em 14,58% deles não foi possível identificar o tipo de timbre (vogal intermediária), 8,86% sem mudança de timbre e os demais casos não atingiram 1% dos dados. A partir desse resultado geral dos dados, as autoras esclarecem que:

*Tais produções [canônicas] representariam a robustez dos exemplares, visto que, de acordo com a Teoria de Exemplares, quanto mais uma dada produção é utilizada na língua, mais robusto se tornará seu exemplar, e a ausência da vogal alta postônica final em diversos dados, de acordo com a inspeção visual, fortaleceria um determinado padrão fonético da língua (...) Há uma *tênue inclinação das palavras-alvo com alta frequência* (...) em manifestar o comportamento metafônico, ao exibirem timbre característico da vogal média-alta nas quatro condições de teste (Belando; Seara; Agostinho, 2019, p. 46, 54, grifo próprio).*

Também se observou que esse timbre intermediário foi favorecido pela variável baixa frequência de ocorrência. Inicialmente, pode-se pensar que essas realizações intermediárias entre o timbre fechado [o] e o timbre aberto [ɔ] sejam motivadas pela insegurança linguística dos informantes frente ao emprego de lexias pouco recorrentes em seu repertório linguístico. No entanto as autoras observam que esta realização intermediária “... em maior número nas palavras pouco frequentes, corrobora a concepção de gramática como gradiente, capaz de admitir tal categoria intermediária quando na marcação de plural dos adjetivos em questão” (Belando; Seara; Agostinho, 2019, p. 56). Já a variável ordem de realização das lexias foi imperativa no favorecimento do emprego da vogal fechada nos testes 1 e 2 e da vogal aberta nos testes 3 e 4. Segundo as autoras,

[...] à medida que os mesmos adjetivos foram repetidos, verificaram-se pronúncias nas quais as vogais tônicas tornaram-se abertas, principalmente nas condições de teste 3 e 4 (SN sujeito). Isso demonstraria o conhecimento fonético implícito que as participantes têm de sua língua e o uso que fazem de tal faculdade, particularmente, neste estudo, em relação ao timbre característico da vogal média-baixa próprio das formas pluralizadas, transpondo

esse conhecimento para palavras muito menos frequentemente ouvidas (Belando; Seara; Agostinho, 2019, p. 54, grifo próprio).

Dadas as condições de aplicação dos testes, seriam naturais o maior monitoramento e as associações entre itens pluralizados nos últimos momentos das gravações o que favoreceu significativamente o emprego de um tipo específico de terminação que é frequente na língua, ou seja, a dupla marcação de plural com abertura de timbre da vogal tônica¹⁴² para os adjetivos com terminação em *-oso* até em lexias menos frequentes. Essa generalização em direção a alteração de timbre seria justificável segundo Santos (2015):

[...] para o singular com [o], o falante postula a existência (hipótese) de um plural em [ɔ] e poderão indicar que situações de flutuação tenderão a *resolver-se no sentido da generalização da alternância* [...] o comportamento dos itens lexicais é marcado ou idiossincrático, *criando-se as condições para alguma insegurança nos usos* (Santos, 2015, p. 132, grifo próprio).

Sendo assim, o desconhecimento ou pouco uso de algumas pluralizações em *-oso* motivariam não só a generalização em direção à abertura do timbre dessa vogal, mas também em direção a um timbre intermediário como solução para essa não internalização de determinados itens pluralizados do grupo metafônico ou mesmo como mais uma opção de marcação gradativa possível na língua. Também neste sentido, à medida que eventualmente foram lidas as sentenças apresentadas às informantes, a amostra buscou nessa generalização uma forma, em princípio, mais coerente de emprego do plural em contexto de metafoia. Assim sendo, a sistematização com o emprego da dupla marcação se tornaria uma solução imediata para essa eventual insegurança no comportamento linguístico das informantes frente à aplicação de testes como esses aplicados por Belando, Seara e Agostinho (2019).

Cabe observar que o trabalho de Belando, Seara e Agostinho (2019) mesmo sendo composto por dados de uma amostra limitada por razões óbvias (apenas quatro informantes, mulheres com idade entre 35 e 40 anos, com nível universitário e moradoras de duas cidades do estado de São Paulo) e seus dados sejam provenientes da leitura de quatro frases com 24 lexias-alvo, a análise acústica destes dados é expressivamente relevante para sinalização de novas propostas de pesquisa que ampliem seus olhares sobre este fenômeno tão complexo no campo da flexão de número do PB.

¹⁴² Outras variáveis foram controladas pelas autoras em seu trabalho. Para maiores esclarecimentos, consultar Belando, Seara e Agostinho (2019).

Como se pode perceber, a pluralização em contexto de metafonía é um campo minado por particularidades que aparentemente não seriam perceptíveis e/ou relevantes. Sua divisão em três grupos e respectivos subgrupos revelam uma complexidade que pode ou não motivar a abertura do timbre da vogal [o] na flexão de número do PB ou mesmo favorecer a realização de um timbre intermediário. Dessa forma, esta classificação é tão relevante para se compreender o favorecimento ou não da alternância desse timbre na flexão de número entre os substantivos em contextos metafônicos quanto se mostra imperativo considerar a etimologia das lexias para o estudo da realização do plural em *-ão*.

Entre as variáveis previsoras, alguns estudos sobre concordância nominal e/ou alomorfa de número no PB observam o papel da saliência fônica no eventual favorecimento da marcação de plural. Por conta dessa possível relação, pesquisas como Scherre (1988) e Campos e Rodrigues (2002) controlaram a variável grupo morfológico como variável previsora. Segundo o princípio da saliência fônica, seriam mais salientes os plurais cujas formas no singular apresentassem maior distinção de material fônico. Nesse sentido, Azalim et al. (2018) pontuam que:

[...] formas mais salientes, considerando-se a diferenciação do material fônico na oposição singular/ plural, como em *ovo* [o]v[u] versus [ɔ]v[us], *são mais perceptíveis* e, portanto, *mais prováveis de serem marcadas no plural*, do que formas menos salientes, como *menin*[u] - *menin*[us]. Assim, o maior ou menor contraste morfofonológico entre a forma do singular e plural de um dado item seria relevante na ocorrência de marcação redundante ou não redundante (Azalim et al., 2018, p. 518, grifo próprio).

Numa escala de nível de saliência fônica, Scherre (1988) classifica o plural metafônico e dos diminutivos como mais saliente entre os demais (*nóvos*, *esses pósto*, *papeizinhos*), seguidos por lexias terminadas em *-l* (*casais*, *quartéis*), em *-ão* (*selecões*, *as religiõe*), em *-r* (*cores*, *pescadore*), em *-s* (*fregueses*, *mese*) e, por fim, o menos saliente: plurais em vogais orais ou nasais (*materiaizinhos*, *irmãos*)¹⁴³. Assim sendo, nessa escala composta por seis níveis de saliência fônica, o grupo dos metafônicos, por apresentar dupla marcação, estaria entre os mais

¹⁴³ Todos exemplos desta escala foram extraídos da própria tese da autora.

salientes grupos de pluralização no PB, o que eventualmente favoreceria a concordância nominal. A análise atomística¹⁴⁴ dos dados de Scherre (1988)¹⁴⁵ corroboram esta hipótese:

Através destes resultados, podemos verificar que os falantes adultos, com referência a Processos [saliência fônica], evidenciam *mais marcas de concordância nos itens lexicais que apresentam mais diferença material fônica* entre as suas respectivas formas singulares e plurais. *Os plurais duplos favorecem-nas com 0,86 e os regulares [a exemplo de pequenininha ~ pequenininhas¹⁴⁶] inibem-nas com 0,24.* São exatamente estes casos que possuem, respectivamente, maior e menor diferença material fônica na relação singular/plural. Entre os itens terminados em -l (0,56), em -R (0,48) e em -S (0,38), constata-se uma hierarquia em termos de grau de saliência. Todavia, os itens terminados em -ão fogem da hierarquia prevista. Esperava-se que o seu comportamento fosse igual ou bastante semelhante ao dos itens terminados em -l, uma vez que fazem o plural de forma bastante parecida: além da inserção de -S, verificam-se alterações silábicas (Scherre, 1988, p. 79-80, grifo próprio).

Como se pode observar, a concordância nominal foi expressivamente mais significativa no grupo com dupla marcação n[ɔ]vos, papeizinhos, p[ɔ]sto (cf. Scherre, 1988, p. 75). Assim, numa amostra com informantes com escolaridade entre um e onze anos, a maior saliência fônica comum ao grupo metafônico e diminutivo favoreceu a marcação de plural redundante enquanto as lexias com baixa saliência fônica desfavoreceram a concordância nominal muito embora não se possa distinguir qual desses dois grupos mais favoreça a concordância nominal a partir da leitura da tese de Scherre (1988).

No entanto, numa amostra formada apenas por informantes cultos, como o NURC, as variáveis saliência fônica e número de sílabas mostram-se inoperantes. Sobre a variável saliência fônica, “[...] o *corpus* do NURC confirma que para os falantes cultos, independentemente de as formas pluralizáveis serem mais ou menos salientes e, por isso, mais ou menos perceptíveis, elas tendem a ser marcadas na língua falada, como preconiza a norma

¹⁴⁴ A tese de Scherre (1988) é formada por duas análises: uma global (*não atomística*) e outra (*atomística*) voltada para análise de cada elemento do sintagma nominal (SN). Nesta perspectiva, observou-se se cada elemento apresentava ou não a marcação de plural, entre eles, a flexão dos artigos, pronomes, substantivos e adjetivos. Na análise não atomística, “assumimos o SN inteiro como unidade de análise e consideramos, como aplicação da regra, a presença de plural formal em todos os elementos flexionáveis que constituem o SN e, *como não aplicação, a falta de pelo menos uma marca formal de plural...*” (Scherre, 1988, p. 281, grifo próprio). Desta forma, julgou-se coerente apresentar aqui os resultados da análise atomística por se aproximar da perspectiva desta tese, muito embora os dados da autora sejam compostos por um número de categoria mais amplo.

¹⁴⁵ Essa amostra é composta por gravações da primeira etapa do Projeto Censo realizada entre 1982 e 1984 e estratificada da seguinte forma: i) escolarização: 19 informantes do fundamental I; 16 do fundamental II e 13 do ensino médio, ou seja, os informantes têm entre um e onze anos de escolaridade; ii) sexo: 24 homens e 24 mulheres; c) faixa etária: 16 informantes entre 15 e 25 anos; 15 entre 26 e 49 anos e 17 com idade entre 50 e 71 anos.

¹⁴⁶ Exemplos apresentados pela autora.

gramatical” (Campos; Rodrigues, 2002, p. 110). Assim, o contraste entre a amostra da primeira etapa do Projeto Censo e do Projeto NURC revelariam não só o nível de favorecimento das variáveis saliência fônica e escolarização, mas também a interação entre tais fatores frente à marcação de plural do grupo metafônico. Ademais, nesta amostra não houve marcação não padrão, ou melhor, emprego de alternativa para o grupo metafônico ao passo que naquela amostra, a marcação apenas com a abertura do timbre da vogal [o] foi identificada por Scherre (1988, p. 69, 75, 223): “óvo”, “esses posto”, “dez dias mais maravilhoso” bem como tais exemplos foram classificados naturalmente como formas legítimas de concordância nominal. Todavia, entre os mais escolarizados, a esquiva da realização não padrão não foi uma característica comum ao grupo metafônico apenas. Segundo Campos e Rodrigues (2002):

De modo geral, estes últimos (grupo de plural formado com acréscimo de uma vogal grafada em <e>) *se pluralizam como na língua escrita*, isto é [...] *valores, meses, professores, japoneses, raízes, países, maiores etc...* Esse fato não se observa em *apenas dois nomes* específicos do nosso *corpus*: *dólar* e *poster*, que apresentam seu plural formado em *dolars* e *posters*, respectivamente. Em outros tipos de nomes, que apresentam alterações morfofonológicas na formação do plural, como os nomes terminados em *-l*, em *-ão* e *aqueles que apresentam mais de uma marca de plural*, *não se observa nenhuma marca de particularidade* no *corpus* analisado, formando-se o plural da mesma maneira que na língua escrita [...] *a variação se faz entre formas marcadas e não marcadas* (Campos; Rodrigues, 2002, p. 106, grifo próprio).

Portanto, nesta amostra culta, a marcação alternativa não parece ser uma realização comum ao repertório linguístico de seus informantes sobretudo em situação de interação (semi)monitorada como em entrevistas gravadas. Neste caso, prefere-se não marcar o plural a marcá-lo de forma classificada como “irregular”. Entre esses informantes, 87% (2.625/ 3.011) dos itens formam marcados. No grupo de marcação dupla, esta marcação foi categórica (11/11), como no grupo em <-l> (97/97) e em <-r> (110/110), seguidos pelos grupos em <-ão> com 99% (112/113), regular com 97% (2.541/2.625) e em <-s> com 95% dos dados (52/55). Embora não se tenha acesso à tabulação original para conferência apenas dos itens em contexto de metafonia, pela natureza da amostra, não seria estranho que os 11 dados de plurais com dupla marcação fossem formados expressivamente por itens em contexto de metafonia. De qualquer sorte, nesta amostra, toda lexia cujo plural exigia abertura do timbre da vogal ([o] > [ɔ]) foi assim realizado.

Anos depois, com objetivo de estudar a flexão de número do português, Gomes e Manoel (2010) aplicaram um teste a 60 crianças e 20 adultos. As crianças, com idade entre quatro e oito anos, eram alunas de uma escola particular de Irajá, bairro considerado de classe média baixa do Rio de Janeiro. A amostra foi composta por informantes com escolaridade entre o Jardim II e o nível universitário, de ambos os sexos, mas neste nível de escolaridade, o número de mulheres foi superior ao de homens.

Gomes e Manoel (2010) investigaram três estratégias de flexão de número em 12 palavras com pluralização apenas com acréscimo do padrão *-s* (*chapéu + -s*, *coco + -s*), seis palavras com acréscimo do padrão *-is* (*pincel > pincéis*) e mais seis com dupla marcação (*olho > olhos*) totalizando 24 palavras-alvo¹⁴⁷. Neste teste, foram acrescentadas seis pseudopalavras, criadas a partir de padrões relacionados aos grupos supracitados: três com terminação em ditongo oral decrescente (*pokau*, *kalau*, *baléu*) e três em contexto próprio de metáfora (*zoto*, *gopo*, *voko*), além da inserção de outras seis palavras distratoras (com terminação em vogais átonas), totalizando 36 itens. Das 24 palavras-alvo, metade delas eram palavras com maiores frequências de ocorrência¹⁴⁸ e metade com menores frequências, a saber:

i) plural esperado em *-is* menos frequente (*anzóis*, *carretéis*, *carrosséis*) e mais frequente (*animais*, *jornais*, *pincéis*);

ii) plural regular, esperado em *-s* menos frequente (*mingaus*, *véus*, *céus*) e mais frequente (*chapéus*, *pneus*, *paus*);

iii) plural esperado com dupla marcação menos frequente (*tijolo*, *fornos*, *caroços*) e mais frequente (*ovos*, *jogos*, *olhos*);

iv) plural regular, esperado com única marcação¹⁴⁹ (*-s*) menos frequente (*globos*, *repolhos*, *gorros*) e mais frequente (*bolos*, *cocos*, *rolos*).

O teste aplicado pelas autoras foi similar ao elaborado para esta tese¹⁵⁰, com exceção para o fato de que foi considerada apenas a primeira resposta apresentada pelo informante para

¹⁴⁷ No total, foram seis palavras de cada grupo analisado pelos autores além das pseudopalavras observadas.

¹⁴⁸ Em Gomes e Manoel (2010), a frequência de ocorrência e frequência de tipo foram obtidas por meio da consulta do *corpus* do Projeto ASPA da UFMG (www.projetoaspa.org).

¹⁴⁹ As expressões *dupla marcação* e *única marcação* não foram empregadas pelas autoras. No original, o segundo e quarto grupos foram classificados como *plural esperado regular*. O terceiro foi denominado *plural esperado metafônico*.

¹⁵⁰ Segundo as autoras, “o teste aplicado às crianças constou de *figuras dos itens apresentados* como uma unidade, que era nomeada pelo entrevistador, seguida de uma outra figura com mais unidades do mesmo objeto [...]. As figuras das pseudopalavras representavam “seres de outros planetas” e suas respectivas comidas. A mesma lista foi gravada para ser apresentada aos adultos. *Foi estabelecido um intervalo curto de tempo entre os itens, cerca de cinco segundos*. Em ambos os grupos de sujeitos foi considerado, para efeito de análise, *a primeira resposta dada a cada item* (Gomes; Manoel, 2010, p. 126, grifo próprio).

cada palavra-alvo. Assim, não se controlou a variável ordem de realização das palavras. Na amostra composta por crianças, cada um dos cinco grupos de pluralização, incluindo o grupo das distratoras, contabilizou 360 dados, portanto foram arrolados 1800 dados. De modo geral, houve 52% (938/1800) de não marcação de número e 48% (862/1800) de marcação na amostra das crianças. Os percentuais de flexão foram assim distribuídos entre os grupos morfológicos: plural em -l: 175/360 (49%); “regular” em -au, -éu: 159/360 (44%); marcação dupla: 190/360 (53%); “regular” com marcação única: 154/360 (43%), “regular” (distratoras em vogais átonas): 184/360 (51%). Na amostra formada por adultos, cada grupo de pluralização, contando o grupo das distratoras, contabilizou 120 dados, portanto foram arrolados 600 dados. Desse total, houve 20% (118/600) de não marcação de número e 80% (482/600) de marcação entre os adultos. A distribuição dessa marcação ocorreu da seguinte forma: plural em -l: 118/120 (98%); “regular” em -au, -éu: 48/120 (40%); marcação dupla: 96/120 (80%); “regular” com marcação única: 102/120 (85%), “regular” (distratoras em vogais átonas): 118/120 (98%). De modo geral, percebe-se uma expressiva diferença no favorecimento da marcação entre os adultos (80% ou 482/600) em comparação às crianças (48% ou 862/1800) provavelmente por conta da interação com a variável nível de escolaridade desses informantes.

De forma mais detalhada, os resultados obtidos por Gomes e Manoel (2010), em ambas as amostras, mostram que o grupo “regular” em -au, -éu é o menos marcado, com 44% de marcação entre as crianças e 40% entre os adultos. O grupo de marcação dupla foi o mais flexionado na amostra das crianças (53%) e, embora não tenha se mostrado o mais flexionado em relação aos demais na amostra dos adultos, o grupo com dupla marcação totalizou 80% de flexão. Assim, o grupo com marcação dupla parece lograr um lugar de destaque entre os demais grupos.

No grupo das crianças [...] Com relação ao grupo de itens com competição entre plural metafônico [*tijolo, fornos, carochos, ovos, jogos, olhos*] e regular [*globos, repolhos, gorros, bolos, cocos, rolos*], houve *realização quase que categórica das palavras com flexão esperada regular com o morfema -s*, exceção de um único dado. Para o grupo de *itens com plural esperado metafônico*, 45% dos itens flexionados ocorreram com a *metafonia* e 55% foram regularizados. A relevância estatística das variáveis de análise foi *checada somente para este último grupo*, sendo *relevante a frequência de ocorrência* do item no plural ($X^2=14.121$, $p\text{-valor}=0.000$) e a *faixa etária* ($X^2=15.1931$, $p\text{-valor}=0.004$). Os *itens de baixa frequência tenderam à regularização* (72%) e os de alta frequência tenderam a se realizar conforme o esperado (57%). As crianças das faixas etárias entre 4 e 6 tenderam à regularização (realização de -s, respectivamente, 71%, 96%, 71%) e nas *mais velhas predominou o plural esperado (realização da metafonia,*

respectivamente, 59% e 57%) [...]. Entre os adultos [...] em relação aos plurais metafônico e regular, também foi observada alternância nos dois grupos de escolaridade, mas os grupos apresentaram o mesmo comportamento, *com predominância do plural esperado [...] plural metafônico esperado e plural esperado -s*, a frequência de ocorrência do item no plural se mostrou significativa do ponto de vista estatístico [...]. Foi observada a *tendência à realização do plural esperado nas palavras mais frequentes* e, nos dois grupos de itens, houve predominância do plural esperado [...]. Com relação às pseudopalavras do teste [...]. Para os itens *gopo*, *voko* e *zoto* houve *predominância da flexão regular tanto nas crianças quanto nos adultos* – crianças – 84%, adultos – 81%, novamente com comportamento semelhante entre os dois grupos de escolaridade dos adultos. (Gomes; Manoel, 2010, p. 127-130)

Pelos dados apresentados por Gomes e Manoel (2010), nota-se que a frequência de ocorrência se mostrou significativa entre as crianças e os adultos. A faixa etária também se mostrou relevante para marcação entre as crianças. A diferença entre emprego padrão (45%) e não padrão (55%) para o plural esperado com metafoia e o emprego quase categórico do padrão -s no grupo com plural assim esperado revela uma tendência à regularização em -s em ambos os grupos na amostra das crianças. Nos testes aplicados às crianças, alta frequência e mais idade favoreceram o plural esperado em metafoia, logo os usos mais frequentes de algumas palavras ao longo dos anos foram decisivos para a realização do plural metafônico.

Já na amostra adulta, esta diferença no grupo com plural esperado em metafoia é invertida a favor da variante padrão (86% no ensino fundamental e médio e 88% entre aqueles com nível universitário) em detrimento da variante não padrão (14% e 12%, respectivamente). Entre os adultos para o grupo com plural esperado em -s em contexto metafônico, Gomes e Manoel (2010) constataram também a predominância da variante padrão (77% no ensino fundamental e médio e 87% no nível universitário) em comparação com a variante não padrão (23% e 13%, respectivamente). Em comum, tanto na amostra das crianças quanto na dos adultos, a alta frequência favoreceu o plural esperado (padrão) nos dois grupos, mas quando as palavras em contexto metafônico não existiam no PB (pseudopalavras), houve predominância da flexão regular tanto entre as crianças quanto entre os adultos, logo a frequência tipo foi decisiva no favorecimento da regularização em -s para a flexão de eventuais palavras criadas em contexto metafônico posto que a marcação timbre fechado é mais frequente na língua que a marcação com timbre aberto¹⁵¹. Esse favorecimento da frequência tipo foi notado nos grupos

¹⁵¹ Esta informação sobre a frequência tipo para o plural em contexto metafônico não foi obtida com base no *corpus* do ASPA como ocorreu com os demais grupos controlados pelas autoras. Segundo Cafezeiro (1981 apud Gomes; Manoel, 2010, p. 127), “[...] sabe-se que os itens com plural metafônico constituem uma lista menor do que a dos

das pseudopalavras em ditongos decrescente -au, -éu. Tanto entre as crianças (em 60% das realizações) quanto entre os adultos (88%), a pluralização predominante foi *-is*, também a de frequência tipo mais elevada. Assim sendo, para que houvesse predominantemente a marcação regular (-s) para as pseudopalavras em contexto metafônico, tanto as crianças quanto os adultos tomariam como referência o léxico como um todo, “torna[ndo] produtivo o padrão mais frequente” (Gomes; Manoel, 2010, p. 131). Antes mesmo da aplicação de teste com palavras inventadas para o estudo do plural realizado por Gomes e Manoel (2010), parece evidente que a flexão dessas pseudopalavras no PB já era objeto de estudo com foco na frequência tipo desde a transição entre a década de 1970 e 1980:

[...] *É extremamente comum*, no entanto, ouvir plurais como: [...] [bɔwsɔs] ‘bolso’ [...]. *É comum*, também, conseguir formas no feminino e do plural com as vogais médias abertas em respostas a testes com palavras inventadas. O que os fatos, mais uma vez, indicam, é que:

- a) esta também é uma área onde se cometem freqüentes (já que, aqui, mais uma vez, a filiação a uma classe *tem que ser memorizada*);
- b) *os erros mais freqüentes são a favor da alternância de vogal* acompanhando a formação do feminino ou do plural, o que mostra que *a alternância fonológica está sendo usada significativamente para reforçar as noções gramaticais* de “plural” e “feminino” [...] (Gnerre, 1983, p. 153, grifo próprio).

Embora não se mensure o limitado número flexões como o fizeram Gomes e Manoel (2010) em relação ao emprego do timbre aberto em contexto de metafofia para eventuais novas palavras (16% para crianças e 19% para os adultos), Gnerre (1983) observa que a abertura do timbre em contexto de metafofia seria comum em testes com pseudopalavras. Comparadas essas publicações, em princípio, pode-se supor que na década de 2010 a reestruturação na direção de uma “regularização” seria uma tendência no PB para as lexias em contextos fonológicos análogos à metafofia, mas não o seria para outros grupos como aquele com terminação em ditongos decrescentes com terminação em <-au> e <-éu> como da mesma forma constataram Gomes e Manoel (2010). Segundo essas autoras, “para os itens [inventados] pokau, kalau e baléu, tanto nas crianças quanto os adultos, houve *predominância da flexão -is*, crianças - 60%, adultos 88%” (Gomes; Manoel, 2010, p. 130, grifo próprio). Assim sendo, enquanto os eventuais itens novos no PB com terminação em ditongos decrescentes em <-au>

itens com plural regular”. Esta constatação reforça os resultados obtidos com a análise da frequência tipo em Barbosa (1973?), posto que nesta obra o timbre fechado predominou na pluralização em contexto de metafofia dos verbetes arrolados.

e <-éu> favoreceriam reestruturação na direção ao emprego do padrão “irregular” *-is* em detrimento do “regular” *-s*, os itens novos em contexto metafônico seguiria em sentido contrário da dupla marcação para o favorecimento da marcação única “regular” em *-s*. Pelo exposto, os informantes não teriam com referência a “regularidade” do léxico como um todo para marcar o plural de novas palavras com o padrão *-s*, mas a “regularidade” dentro de cada grupo morfológico com a mesma terminação no registro escrito (*-ão* > *-ões*, [o] + [∅] > [o] + [s] por exemplo) ou mesmo grafados com terminações distintas (*-au*, *-éu*, *-al*, *-el* > *-is*), mas realizados da mesma forma no registro oral do PB. Portanto o padrão de marcação mais frequente dentro de cada grupo morfológico passaria a ser também o mais produtivo para a marcação de número de qualquer nova entrada na língua.

3.1.2.2 Possibilidades de pluralização no grupo em *-ão*

O estudo da pluralização de itens nominais ou não sempre chamou a atenção de estudiosos do PB sobretudo quando o ponto de partida seria o nível sintático, em especial, observando-se como se estabeleceria a concordância nominal nessa língua. Mesmo que de forma não sistemática, desde os primeiros trabalhos dialetológicos no Brasil, a concordância nominal já seria objeto de estudo independentemente da terminação dos núcleos dos SNs ou dos demais constituintes dessa estrutura. Assim, sobre o dialeto caipira do início do século XX, Amaral (1976, p. 70-1 [1920]) já observava que “como sinal de pluralidade, [o *-s* final] desaparece: *os pau*, *os nó*, *os ermão*, *os papé* (...) a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos [...]”. Poucos anos depois, também Marroquim (1996 [1934], p. 61) pontuou que “[...] na língua do povo [nordestino] todas as palavras terminam em vogal. Apenas o *s* subsiste excepcionalmente no artigo, nos numerais e demonstrativos, quando está indicando a pluralidade”. Ainda sobre o tema, Nascentes (1953, p. 81-82) observa que:

A flexão numérica por meio de *s* desaparece de todo na classe inculta: *livro* (singular e plural) [...] O *s* final tornou-se implosivo ou decrescente e por conseguinte fraco. É o sentimento do seu valor flexional que o reforça na pronúncia da classe culta (Grammont, *Traité*, 364). Os nomes em *-ão* tendem a fixar a forma *-ões*, que é a mais geral: *capitões* (145), em vez de *capitães*, *cidadões* por *cidadãos*, nos domicílios populares (146) (Nascentes, 1953, p. 81-82).

Embora os três trabalhos citados não sejam baseados em pesquisas com dados intercomparáveis, suas observações se fundamentam em dados empíricos. Ademais, esses trabalhos monográficos já sinalizariam como a concordância nominal em todos os elementos dos SNs não seria comum na fala popular de diferentes estados do Brasil até meados do século XX. Além desses autores citarem a pluralização de lexias com diferentes terminações na fala popular e culta, Nascente (1953) destaca também o emprego de flexão de número na fala popular levando em consideração a estratégia de flexão mais recorrente no PB a exemplo de *-ão > -ões*. Nesse sentido, àquela época, poder-se-ia cogitar que variáveis como saliência fônica ou frequência tipo favoreceriam a marcação de plural de determinados grupos morfológicos como a pluralização do grupo de lexias com terminação em *-ão*.

No entanto apenas em trabalhos futuros como em Braga & Scherre (1976) e Scherre (1988), a investigação da variável saliência fônica foi observada de forma sistemática e/ou intercomparável, o que possibilitaria averiguar se a marcação do grupo regular (marcação de plural com emprego da flexão *-s*) seria menos empregada na fala que a marcação irregular (*-ões*). Assim, Braga e Scherre (1976), ao observar a fala do Rio de Janeiro de forma estratificada, passam a averiguar o favorecimento da variável saliência fônica a partir do estabelecimento de uma escala composta por cinco níveis:

- 1) abertura vocálica ou plural metafônico e inserção de *-s* (grupo metafônico);
- 2) mudança silábica e inserção de *-s* (*-ão > -ões*; *-l > -eis*);
- 3) inserção de *-es* em palavras em *-r* (*-r > -es*);
- 4) inserção de *-s* em palavras de plural regular;
- 5) inserção de *-es* em palavras que terminam com a sibilante [s].

Já neste trabalho, Braga e Scherre (1976) sinalizavam que as formas mais salientes favoreceriam mais a marcação de plural sobretudo na fala das classes média e média alta. Assim, os itens do quinto grupo seriam aqueles com menor probabilidade de marcação de pluralidade. Já no final da década de 1980, esta autora não só apresenta uma nova escala de hierarquização de saliência fônica considerando “três dimensões: 1) processos morfofonológicos de formação do plural; 2) tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares; 3) número de sílabas dos itens lexicais singulares” (Scherre, 1988, p. 74) como também amplia o número de grupos como já descritos na subseção 3.1.2.1 e encontra resultados diferentes daqueles observados em Braga e Scherre (1976) em relação à menor probabilidade de concordância nominal entre as palavras que terminam com a sibilante [s] e pluralizadas com inserção de *-es* como em *rapazes*, *países* etc, pois as palavras com pluralização regular seriam

praticamente as únicas a desfavorecerem a concordância nominal independentemente de sua tonicidade, número de sílabas e nível de escolaridade do informante. Ver destaques na *Tabela 1*:

Tabela 1: Análise final de processos e tonicidade dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas dos adultos por escolarização

SALIÊNCIA FÔNICA		FALANTES			
		Todos	Primário	Ginasial	Colegial
Duplo (novo) (nóvos)	freq.	63/68 (93%)	22/25 (88%)	24/26 (92%)	17/17 (100%)
	peso	0,80	0,81	0,82	+
-L (casal) (casais)	freq.	80/93 (86%)	21/30 (70%)	18/19 (95%)	41/44 (93%)
	peso	0,69	0,64	0,85	0,68
-R (cor) (cores)	freq.	237/268 (88%)	77/94 (82%)	74/83 (89%)	85/90 (94%)
	peso	0,65	0,67	0,64	0,71
-ÃO (dentão) (dentões)	freq.	173/200 (86%)	31/43 (72%)	61/73 (84%)	81/84 (96%)
	peso	0,59	0,56	0,51	0,77
-S (país) (países)	freq.	219/265 (83%)	87/113 (78%)	68/82 (83%)	64/70 (91%)
	peso	0,56	0,64	0,44	0,51
Regular oxítono e monossílabo tônico	freq.	134/185 (72%)	38/67 (57%)	51/66 (25%)	44/51 (86%)
	peso	0,38	0,38	0,38	0,36
Regular proparoxítono	freq.	81/156 (52%)	15/48 (31%)	28/60 (47%)	38/48 (79%)
	peso	0,21	0,16	0,19	0,32
Regular paroxítono	freq.	2604/5242 (50%)	600/1875 (32%)	913/1750 (52%)	1076/1602 (67%)
	peso	0,17	0,19	0,16	0,17

Fonte: Adaptação de Scherre (1988, p. 139).

No entanto, no que diz respeito ao tema desta subseção, pode-se notar que há uma aproximação nos resultados gerais entre o grupo com itens terminados em *-ão* e pluralização em *-ões* e o grupo de palavras cujo plural ocorre inserção de *-es*, muito embora aquele grupo seria classificado como o terceiro mais saliente na escala de saliência proposta por Scherre (1988) uma vez que a distinção entre singular e plural das lexias desse grupo implicaria alteração silábica além da inserção do <-s> final ao passo que este grupo ocuparia a quinta posição nesta hierarquia já que a pluralização de seus itens não provocaria alteração silábica, mas apenas a inserção de material fonológico para a construção de uma nova sílaba <-es>. Assim, a análise final de processos e tonicidade dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas dos adultos por escolarização sinalizaria uma probabilidade de 0,59 do emprego da concordância nominal no grupo de palavras com pluralização em <-ões> e 0,56 para o grupo com pluralização em <-es>. Ademais, o grupo com lexias com terminação em <-r> cuja classificação de saliência ficaria em quarto lugar no favorecimento da concordância nominal apresenta probabilidade de marcação superior ao grupo com pluralização em <-ões> (0,65). O maior distanciamento entre esses grupos só seria percebido quando observados os 0,77 de probabilidade de emprego de concordância nominal no grupo com pluralização em <-ões>, 0,71 entre os itens com terminação em <-r> e apenas 0,51 para o grupo em <-es> entre os mais escolarizados da amostra (colegial). Nesse sentido, entre os mais escolarizados, o índice de concordância nominal estaria em consonância com a proposta de escala hierárquica de saliência fônica proposta por Scherre (1988): maior marcação entre os itens do grupo com pluralização em <-ões>, seguido por itens com terminação em <-r> e grupo em <-es>. Sobre os itens com pluralização em <-ões> e em <-es>, a autora conclui que:

Praticamente tudo que dissemos acima já foi dito nas páginas anteriores. O formato de apresentação é, contudo, mais explícito [na tabela 1 ou tabela 6.2.2.26 no texto original]. É na parte que diz respeito aos *fatores flutuantes - os constituídos pelos itens terminados em -ão e em -S -* que isto se dá com precisão, chegando a trazer novidades nesta nova forma de se analisarem os dados. *Existindo alguma aproximação entre o comportamento dos itens em -ão e dos regulares*, ela não vai se dar com qualquer regular, mas com os *regulares oxítonos*. Mesmo assim, há uma distância considerável entre estes e aqueles. Entre os nomes em *-ão* e os regulares paroxítonos, há um distanciamento muito acentuado. *Mesmo que esteja se processando a regularização dos itens em -ão, ela ainda está longe de se completar* (Scherre, 1988, p. 140, grifo próprio).

Como se sabe, Scherre (1988) não dispôs todos os itens com terminação em <-ão> num mesmo grupo, logo se pode controlar se a concordância nominal seria mais comum entre os itens com pluralização irregular <-ões> ou regular <-ãos>. Embora inicialmente todos os itens regulares terminados no ditongo <-ão> ou em vogal foram analisados dentro de um mesmo grupo, numa de suas análises, a autora os separa. Dessa forma, pode-se notar que pelo menos os falantes do primário e ginasial todos os itens com pluralização em <-ões>, <-ãos> e <-s> para os demais regulares desfavoreceriam a concordância nominal. Ver destaques da *Tabela 2*:

Tabela 2: Concordância nominal dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas considerando os regulares em -ão

PROCESSOS	FALANTES					
	PRIMÁRIO			GINASIAL		
	apl./total	%	Prob.	apl./total	%	Prob.
Duplo (famoso) (famósons)	22/25	88	0,90	24/26	92	0,91
-L (casal) (casais)	21/30	70	0,56	18/19	95	0,76
-R (pescador) (pescadores)	77/94	82	0,57	74/83	89	0,51
-S (rapaz) (rapazes)	87/112	77	0,53	68/82	83	0,31
-ÃO (nação) (nações)	31/43	72	0,45	61/73	84	0,37
Regular (salário) (salários)	648/1973	33	0,35	979/1859	53	0,30
Regular em -ÃO (irmão) (irmãos)	5/17	17	0,11	13/17	76	0,20

Fonte: Adaptação de Scherre (1988, p. 125).

Dessa forma, observando os dados da *Tabela 2*, verifica-se que além dos itens com pluralização em <-ões>, <-ãos> e <-s> para os demais regulares, apenas o grupo com pluralização em <-s> também desfavorecem o emprego da concordância nominal. No entanto o que mais chama a atenção é a distância entre os resultados obtidos em relação ao

desfavorecimento da concordância nominal entre os itens com pluralização em <-ões> e <-ãos>: respectivamente, 0,45 e 0,11 entre os informantes do primário e 0,37 e 0,20 entre os informantes do ginásio. Entre os demais itens regulares, os desfavorecimentos são menores do que aqueles encontrados em <-ãos> independentemente da escolaridade: 0,35 no primário e 0,30 no ginásio. Nesse sentido, analisando apenas os itens com terminação em <-ão>, parece evidente que a concordância nominal seria menos desfavorecida quando sua marcação ocorresse com a flexão <-ões> e <-ãos>. Devido às mais baixas probabilidades de emprego da concordância nominal neste grupo, pode-se pensar que o fator nível saliência fônica seja significativo frente à flexão de número no grupo com terminação em <-ão>, pois a flexão mais saliente é aquela que mais favorece a marcação de plural. No entanto a análise de outros fatores como tipo de lexia e sua frequência de ocorrência ou frequência tipo poderiam trazer à luz novas respostas para a concordância nominal envolvendo o grupo de itens com terminação em <-ão>.

Além de resultados sobre a concordância nominal, Scherre (1988) apresentou resultados sobre o tipo de marcação de plural de forma geral bem como sobre a marcação de plural no grupo de itens com terminação em <-ão>. Assim, a respeito de todos os grupos morfológicos analisados, Scherre (1988, p. 77) destaca que:

É então importante salientar que 72% (568/789) das formas marcadas nos itens não regulares (incluindo os de plural duplo) são do tipo padrão. O percentual acima refere-se a formas totalmente padrão, pois foram excluídas desses 568 casos todas as ocorrências em situações de neutralização ("as mulheres sejam" ou "essas posições são sempre revistas"), embora tais dados tenham sido também analisados: eles são 11% (85/789) do total das formas marcadas. Os 17% (136/789) restantes ficam por conta das formas não padrão (*mese*, *comerciai*, *religiõe*, *óvo* etc.) (Scherre, 1988, p. 77).

Assim sendo, afere-se pelos dados preliminares apresentados pela autora que os grupos classificados como irregular (itens com pluralização em <-ões>, com terminação em <-l>, <-r>, <-s>, plurais no diminutivo e metafônicos) apresentaram expressivo emprego do plural esperado (72% ou 568/789) ao passo que apenas 28% (221/789) dessas pluralizações corresponderiam a migração para uma estratégia não esperada, ou seja, a forma regular. Ademais, esse percentual seria mais expressivo ainda se se considerasse as formas parciais de plural irregular, já que, como salientou a autora, 17% (136/789) restantes ficam por conta das formas como eventual sinalização do emprego do plural esperado irregular já que uma nova estruturação silábica fora iniciada (*mese*, *comerciai*, *religiõe*) ou haveria alteração do timbre da vogal [o] como indicador de plural (*óvo*). Embora não seja discriminado o percentual da

pluralização irregular de cada grupo morfológico, para os grupos de itens com terminação em <-ão>, Scherre (1988, p. 124) observa que:

A nossa tradição gramatical afirma que a formação de plural dos itens terminados em -ão pode se dar de três formas: em -ãos (irmão/irmãos - formação regular); em -ães (capitão/capitães) e -ões (balão/balões - o caso mais comum). Registra-se, inclusive, mais de uma possibilidade para uma só palavra (anciãos, 124 anciões, anciães) (cf. ROCHA LIMA, 1983, p.76). Mesmo admitindo que isto possa estar influenciando o comportamento diferenciado desta categoria, gostaríamos de ressaltar que, nos nossos 200 dados deste tipo para os falantes adultos, só encontramos um dado de plural em -ães (alemães) e nenhum caso de plural em -ão no sentido de regularização (verão/verões, por exemplo). Em todos os dados que já analisamos, incluindo os de 1978, detectamos apenas um caso de regularização (cordãos): ou encontramos sempre a forma totalmente plural ou totalmente singular. É interessante observar ainda que os poucos aumentativos em -ão que ocorreram, precisamente 11 casos, tenderam a se apresentar na forma singular, (amigão, cachorrão, brabão, dentão etc.) e não na sua forma plural irregular (amigões, cachorrões, brabões, dentões) e muito menos na forma regular (amigãos, cachorrãos, brabãos, dentãos). Acreditamos que, em tais situações, os falantes devem evitar o plural por causa da incerteza¹⁵². As duas formas plurais cedem a vez à forma singular, apesar da saliência. Esta é uma hipótese bastante sedutora e que poderia se aplicar a todos os casos de ausência de marca nos nomes irregulares em -ão. Podemos imaginar que esteja ocorrendo um processo de regularização, e, uma vez que os itens são regularizados, eles são pouco marcados, como todo e qualquer regular [...]. Se a hipótese agora levantada estiver correta, é de se esperar que estes casos apresentem menos concordância do que os próprios regulares que não terminam em -ão [...]. Por causa do número de dados, pesquisas futuras podem trazer mais evidências para a hipótese que acabamos de estabelecer (Scherre, 1988, p. 124-126).

Como se pode perceber, mesmo observando os dados de informantes adultos de Scherre (1988) e os dados de Scherre (1978) praticamente não se pode localizar indícios de regularização no grupo morfológico com terminação em <-ão> já que apenas o plural *cordãos* fora localizado nesta amostra. Sobre a pluralização em <-ães>, pode-se inferir pelos dados de Scherre (1988) que sua expressividade se limitaria a 0,5% (1/200) dos dados dos falantes adultos daquela amostra já que *alemães* foi o único exemplo notado. Segundo a autora, foi categórica a ausência de concordância nominal entre os itens no grau aumentativo o que seria justificada pela incerteza do falante mesmo o plural em <-ões> sendo dos mais salientes, mais frequente como flexão neste grupo e aplicável a esta categoria. Senão propriamente por incerteza, pode-se pensar que os itens que compõem essa categoria não apresentem robustez no léxico mental dos informantes. O contrário ocorreria na marcação de plural apenas nos determinantes desses itens já que esse tipo de construção não redundante teria força no léxico desses informantes já

¹⁵² Na nota 56, a autora esclarece que “Esta é uma idéia de Naro que se aplica a formas verbais como *veio/vieram/vinheram*, onde *veio* é preferido apesar da saliência” (Scherre, 1988, p. 530).

que seria uma estratégia de pluralização recorrente em todos os grupos morfológicos. Por outro lado, nota-se que os plurais em <-ões> apresentam robusta força léxica de forma geral quando se observa a *Tabela 3*:

Tabela 3: Relação entre regulares e itens em -ão no favorecimento da concordância nominal

			FALANTES				
			Todos	Primário	Ginasial	Colegial	
PROCESSOS	Regular (filho) (filhos)	freq.	2819/5583 (50%)	653/1980 (33%)	992/1876 (53%)	1158/1701 (68%)	
		peso	0,39	0,43	0,43	0,29	
		-ÃO (patrão) (patrões)	freq.	173/200 (86%)	31/43 (72%)	61/73 (84%)	81/84 (96%)
	peso	0,61	0,57	0,57	0,71		
	TONICIDADE	Oxítono e monossílabo tônico	freq.	307/385 (80%)	69/110 (63%)	112/139 (81%)	125/135 (92%)
			peso	0,66	0,77	0,71	0,62
Paroxítono		freq.	2604/5242 (50%)	600/1865 (32%)	913/1750 (52%)	1076/1602 (67%)	
		peso	0,39	0,41	0,36	0,35	
Proparoxítono		freq.	81/156 (52%)	15/48 (31%)	28/60 (47%)	38/48 (79%)	
		peso	0,45	0,37	0,41	0,53	

Fonte: Adaptação de Scherre (1988, p. 132).

Com a observação dos resultados da *Tabela 3*, pode-se perceber que na comparação entre itens com pluralização regular e itens com pluralização irregular em <-ões>, estes são os únicos

que favorecem a concordância nominal independentemente do nível de escolaridade, muito embora a probabilidade de emprego da concordância desse grupo seja mais expressiva no colegial. De forma geral, enquanto há o desfavorecimento em 0,39 de probabilidade de concordância nominal entre os itens no grupo regular, do lado oposto, há o favorecimento em 0,61 no grupo em <-ão> > <-ões>. Como mostra a *Tabela 3*, não há diferença nos pesos relativos entre os informantes com ensino primário e ginásial para os dois grupos de processos: 0,43 para o grupo regular e 0,57 para o grupo irregular em <-ão>. Apenas no nível colegial há uma queda na probabilidade do grupo regular (0,29) e um aumento expressivo (0,71) para o grupo irregular em <-ão>. Assim sendo, entende-se que os informantes com maior escolaridade empregam o plural esperado em <-ões> mais que aqueles com menor nível de escolaridade, o que revelaria o papel paralelo da educação formal frente à fixação desse padrão de plural no léxico mental de seus alunos.

Como já mencionado, entre os informantes com nível universitário, Campos e Rodrigues (2002) comprovaram o uso (quase) categórico de marcação de plural em determinados grupos morfológicos a exemplo do grupo em <-ão> com 99% (112/113) e regular com 97% (2.541/2.625) desses dados. Assim, muito embora a diferença de marcação entre esses dois grupos não seja tão significativa como o foi em Scherre (1988) quando se compara a pluralização em <-ão> com a regular encontrada em amostras de informantes com ensino primário e colegial como observado na *Tabela 3* com aqueles com nível universitário em Campos e Rodrigues (2002), é indiscutível que a marcação morfológica de plural no grupo em <-ão> é mais frequente à medida que se eleva o nível de escolaridade dos informantes e quando se pluraliza em <-ões>.

Em Huback (2007), apresenta-se uma análise do efeito da frequência nas representações mentais dos plurais cujas lexias no singular são terminadas em <-ão>, <-l> e <-u> a partir da observação de 36 questionários aplicados a informantes da cidade de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro. Diferentemente dos resultados obtidos por Scherre (1988) e na análise dessa tese, o percentual de ausência de marcação de plural para o grupo de lexias com terminação em <-ão> foi inexpressivo como revelam os resultados das rodadas iniciais realizadas no programa SPSS (4,6 % ou 62/1.341 dados). Por este motivo não foram considerados no processamento estatístico realizado pela pesquisadora¹⁵³. Sobre a relação entre a ausência de marcação no grupo em <-ão> e a variável faixa etária em especial, Huback (2007) observa:

¹⁵³ Segundo a autora, “Os 62 casos de ausência de plural (4,6%) ocorreram nos seguintes contextos: 1) No “Conjunto de Figuras”, o falante via uma gravura, como, por exemplo, a que continha quatro balões, e dizia

[...] em nossos dados totais sobre os plurais em *-ão*, houve 62 ocorrências de apagamento das marcas formais de plural, o que corresponde a 6,4% do total de palavras coletadas. Desses casos, 20 (32,2%) ocorreram entre os jovens, 15 (24,1%) entre os medianos e 27 (43,5%) entre os adultos. Não encontramos, portanto, nenhum padrão que demonstre que a perda da marcação de plural é relacionada à faixa etária. No entanto, o número de dados é pequeno demais (62 ocorrências de apagamento de plural) para que qualquer afirmação categórica seja feita. A princípio, observamos que os jovens lideram o processo de migração de plurais, mas não estão à frente na perda das marcas formais de pluralização dos casos em *-ão* (Huback, 2007, p. 218-219).

Como pontuado pela autora e melhor esclarecido ainda nesta subseção, uma eventual migração em progresso no favorecimento da realização <*-ões*> poderia ser desenhada no cenário linguístico entre os mais jovens, mas isso não implicaria também uma inovação em função da ausência de concordância nominal no grupo de pluralização em <*-ão*> nesta estratificação etária, pois os dados são inexpressivos para embasar tal proposição. Sobre a marcação morfológica neste grupo em especial, a Huback (2007, p. 200-202) constatou que

Os resultados gerais indicam preferência dos falantes pelo morfema *-ões* para pluralizar palavras terminadas em *-ão* no singular (60%). As formas *-ãos* e *-ães* foram utilizadas em porcentagens bem menores que *-ões* (19,3% e 15,9% para *-ãos* e *-ães*, respectivamente) [...]. Afirmamos que o plural em *-ões* é mais produtivo e os plurais em *-ãos* e *-ães* são menos produtivos a partir das informações apresentadas nos Capítulos 2 e 3. Conforme vimos, a classe em *-ões* atrai mais membros desde o português arcaico e é adotada nos plurais analógicos. Por outro lado, *-ãos* e *-ães* só sobrevivem em formas que, individualmente, apresentam alta frequência de ocorrência ou em itens marcados, como monossílabos (Huback, 2007, p. 200).

A partir de uma perspectiva do Modelo de Redes e Teoria de Exemplos, descritas na subseção 4.3, compreende-se que os resultados apresentados Huback (2007) corroboram a proposição de que na representação mental do plural os itens mais produtivos na língua (*-ões*, por exemplo), por analogia, atraem para seu feixe de exemplos os demais itens que não apresentam uma alta frequência de ocorrência. Assim sendo, as pluralizações em <*-ãos*> ou <*-ães*>, que não são frequentes na língua, são fixadas no léxico mental de um ouvinte-falante se apresentarem alta frequência de ocorrência, mas não atraem para seu feixe de exemplos novas

“balão”, mesmo que a figura indicasse, claramente, que havia mais de um item da mesma classe; 2) Ainda no “Conjunto de Figuras”, o falante via uma gravura com itens em número maior que um e utilizava expressões quantificadoras com o substantivo no singular, como “uma frota de caminhão”, “vários tipos de grão”; 3) Na “Leitura de Frases”, também aconteceu o uso do singular pelo plural, como, por exemplo, “Crianças geralmente gostam de rodar pião”, ou “Dirigir caminhão é muito perigoso nas estradas brasileiras” (Huback, 2007, p. 200).

pluralizações já que sua representação mental não seria robusta em número de exemplares. Do contrário, sobretudo novas lexias com terminação em <-ão>, passariam a ser pluralizadas em <-ões> por analogia à pluralização mais produtiva na língua, o que tornaria sua representação de plural ainda mais robusta no léxico mental desse ouvinte-falante.

O papel da produtividade também pode ser percebido por Huback (2007) quando a autora observou os comportamentos das flexões a partir do efeito do plural etimológico nas lexias terminadas em <-ão>. Assim, foi possível mensurar eventuais migrações de estratégias. Ver *Tabela 4*:

Tabela 4: Efeito do plural etimológico nos plurais em -ão

Plurais etimológicos	Respostas em -ões		Respostas em -ãos		Respostas em -ães	
	N	%	N	%	N	%
Etim. -ões	627/670	93,5	41/670	6,1	02/670	0,2
Etim. -ãos	141/362	38,9	206/362	56,9	15/362	4,1
Etim. -ães	37/247	14,9	13/247	5,2	197/247	79,7

Fonte: Huback (2007, p. 205).

Pela observação da *Tabela 4*, nota-se que o grupo <-ões> é aquele com menor migração, mantendo-se com sua marcação original em 93,5 (627/670) dos dados, seguido por <-ães> com 79,7 (197/247) e, por fim, o grupo em <-ãos> com apenas 56,9 (206/362) dos dados. É justamente as lexias deste grupo que mais migram em pluralizações para o grupo mais produtivo, pois 38,9 % (141/362) dos dados migram de <-ãos> para <-ões> seguido da migração de <-ães> para <-ões> que pontua em 14,9 % (37/247) de migração. Para compreensão de tal comportamento, Huback (2007, p. 206) justifica que:

Os plurais que mais conservaram sua etimologia são, portanto, em -ões, possivelmente devido à sua alta frequência de tipo. Os plurais em -ães também tenderam a ser preservados, talvez porque haja uma pequena quantidade deles no PB (12, segundo o ASPA, ou seja, 0,8% de todos os dados de -ão no plural), o que os torna bastante marcados, e também porque nessa classe há itens monossílabos de alta frequência de ocorrência (“cães”, “pães”, por exemplo), que, conforme veremos posteriormente, tendem a manter os plurais etimológicos. Houve 43 casos de palavras etimológicas em -ões que adotaram plurais em -ãos e -ães, o que corresponde a 6,3% do total de dados para -ões.

Tais casos foram: “bênçãos¹⁵⁴” (29 casos), “exposições”, “limãos” (cinco casos), “pavãos”, “piãos”, “piães”, “religiões” e “uniões” (quatro casos). Analisando essas palavras, observamos que todas elas são de frequência baixa ou média, então pode existir um efeito da frequência de ocorrência também nesse caso de variação nos plurais etimológicos em *-ões* (Huback, 2007, p. 206).

Como observado, para justificar os poucos dados de migração da estratégia dos plurais etimológicos em *<-ões>* para *<-ãos>* ou *<-ães>*, a autora adverte que essa migração ocorreu em virtude de tais lexias apresentarem baixa ou média de frequência de ocorrência. Muito embora pareça paradoxal, a autora esclarece que “as palavras de baixa e média frequência de ocorrência são mais suscetíveis a mudanças de plural, mesmo na classe de *-ões*, que é o tipo mais freqüente do PB para as palavras terminadas em *-ão* no singular” (Huback, 2007, p. 207). No entanto esse número para esse tipo de migração é inexpressivo o que justificaria o fato de que fosse possível a migração de exemplares mesmo dentro representações mentais robustas formadas por feixes de exemplares produtivos na língua como em *<-ões>*. Assim como foi possível, nas coletas iniciais, localizar nas amostras dessa tese exemplares incomuns como os plurais *navis* (navios), *reises* (reis), *chares* (chás), *DVD(êres)* (DVDs) e *caçuares* (caçuás) (ver *Apêndice C*) como exemplos legítimos de migração entre plurais regulares, também não se pode descartar a possibilidade de migração em sentido contrário ao que é mais produtivo na língua, pois são as variadas experiências de uso e analogias estabelecidas pelo ouvinte-falante que justificariam eventuais migrações por mais contraditórias que possam parecer.

Ao subtrair as lexias com plural etimológico em *<-ões>* do processamento dos dados, Huback (2007) passou a observar a migração apenas de 12 lexias com pluralização em *<-ãos>* ou *<-ães>* (*anão, alemão, cão, cristão, escrivão, grão, guardião, irmão, mão, órgão, pão e vulcão*). A partir desse recorte, a autora notou que 29,2% (178/609) dessas lexias foram pluralizadas em *<-ões>*, 34,8% (212/609) em *<-ães>* e 35,9% (219/609) em *<-ãos>* o que revela a atuação da frequência tipo daquela pluralização sobre estas menos frequentes no PB. Ademais, a atuação também da frequência de ocorrência pode ser notada uma vez que as 5 lexias que não apresentaram migração para *<-ões>* foram justamente aquelas com frequência de ocorrência média (*pão, cão, grão*) ou frequência de ocorrência alta (*irmão, mão*) e 4 delas

¹⁵⁴ Nota da autora: “Conforme afirmamos anteriormente, a palavra “bênção” tem etimologia em *-ões* (latim *benedictio, onis*). No entanto, por ser paroxítona, a pluralização prevista pela gramática normativa é “bênçãos”. Esse é um caso raro de palavra etimológica em *-ões* que adota plural em *-ãos*, mas possivelmente isso ocorre por causa da regra que prevê que paroxítonas terminadas em *-ão* são sempre pluralizadas em *-ãos*” (Huback, 2007, p. 206).

são monossílabas, grupo que normalmente bloqueia essa migração. Em Huback (2010), quando se analisou a migração para <-ões>, a variável plural etimológico se mostrou também relevante uma vez que essa migração foi favorecida em 0.860 (38% ou 140/361) no grupo <-ãos> e a desfavorecida em 0.066 (14.6% ou 36/247) em <-ães>. Segundo a autora, “... talvez esses dois fatores em conjunto (pequeno número de itens léxicos e a estabilidade dos monossílabos) contribua para que a classe em -ães desfavoreça a migração em direção aos plurais em -ões” (Huback, 2010, p. 21).

Com a exclusão da variável palavra da análise de Huback (2007), outras variáveis passaram a ser selecionadas pelo programa estatístico, a saber: quantidade de plural, número de sílaba, frequência de ocorrência e faixa etária (nesta ordem de relevância).

Quanto à quantidade de plurais – ou seja, quantidade de prescrições para cada lexia segundo os manuais de gramática – Huback (2007, p. 212) chega à conclusão de que “quando a palavra tem três possibilidades de plural [-ãos, -ães, -ões] [...], há uma tendência à adoção do plural em -ões (peso relativo de 0.99). Quando há um ou dois plurais possíveis, -ões é desfavorecido (pesos relativos de 0.33 e 0.18, respectivamente)” (Huback, 2007, p. 212). Nesse sentido, concorda-se com a autora quando ela adverte que “o fato de as palavras apresentarem uma, duas ou três possibilidades de plural é uma informação prevista pela gramática normativa do PB, não necessariamente real em termos de uso da língua” (Huback, 2007, p. 212), mas também acredita-se que outras variáveis que não necessariamente quantidade de plurais, como lexia ou sua frequência de uso, estariam interferindo nesses resultados uma vez que normalmente lexias com dois ou três plurais são justamente os itens com baixa frequência de ocorrência (*guardião, vulcão*) ou de média frequência de ocorrência (*anão*) como a própria autora classifica (cf. Tabelas 26 e 27 em Huback, 2007).

Sobre o número de sílaba, Huback (2007) controlou dois grupos: monossílabos como *cão, pão, mão* e polissílabos a exemplo de *órgão, alemão* e *guardião*. Assim, enquanto nenhum dos dados de monossílabos (0/260) foi pluralizado em <-ões>, as lexias polissílabas favoreceram essa migração em 0.99 (51% ou 178/349) (Cf. Huback, 2007, p. 214)¹⁵⁵. Sobre esses resultados, Huback (2007, p. 214) observa que:

Com relação ao número de sílabas, observamos que não houve nenhum caso de item monossílabo a ser pluralizado com o morfema -ões. É importante lembrar que, no léxico do PB, não há itens monossílabos pluralizados em -

¹⁵⁵ Em Huback (2010), os números absolutos e percentuais para a variável número de sílabas são praticamente os mesmos, mas não se apresentam os pesos relativos.

ões. Todas as palavras monossílabas com singular em -ão formam seu plural em -ãos ou -ães, como “grãos” e “pães”. Então, os falantes preservaram essa informação quando pluralizaram as palavras monossílabas (Huback, 2007, p. 214, grifo próprio).

Nesse sentido, essa informação probabilística da formação dos plurais monossílabos em *-ão* provavelmente atua na conservação de pluralizações em <-ãos> ou <-ães> na representação mental dos informantes da amostra em questão. Nas palavras da autora: “[...] o grupo de palavras monossílabas [com terminação em *-ão*] está, de certa forma, imune a essa variação, devido à sua forte representação no léxico mental” (Huback, 2007, p. 214). No entanto cabe ressaltar que esse grupo específico inibe a migração de <-ãos> ou <-ães> para <-ões> como observado na amostra analisada por Huback (2007), mas não inviabiliza essa migração como pode ser conferido no levantamento das pluralizações dessa tese (cf. *Apêndice C: mão > mãos, mães, mões; pão > pães, pãos, pões* etc).

No que diz respeito à variável frequência de ocorrência das lexias, Huback (2007) distribuiu suas variantes em frequência baixa (até 99 ocorrências), frequência média (de 100 a 500 ocorrências) e frequência alta (acima de 500 ocorrências)¹⁵⁶. Entre as variáveis linguística, frequência de ocorrência foi a última selecionada estatisticamente pelo programa SPSS. A partir de seus dados, Huback (2007, p. 215) concluiu que:

As palavras de baixa frequência favorecem o plural em *-ões* (0.84), ao passo que as de frequência média desfavorecem (0.45) e as de frequência alta desfavorecem mais ainda (0.18). Os resultados comprovam, portanto, que os falantes preservam mais os plurais etimológicos nas palavras frequentes. Isso sugere que a forma como as palavras são usadas no cotidiano afeta a organização das informações linguísticas no léxico mental (Huback, 2007, p. 215).

Em trabalho posterior, provavelmente utilizando a amostra já analisada por Huback (2007), mas com o emprego de outro envelope de variáveis, Huback (2010) obteve a mesma direção da gradação dos resultados, mas o peso relativo para o favorecimento de <-ões> foi ainda mais elevado (0.995) em comparação com <-ãos> (0.419) e <-ães> (0.019) em comparação com Huback (2007), ainda que tenha observando essa migração como as mesmas

¹⁵⁶ Para essa classificação, a pesquisadora consultou três *corpora*: *Corpus* NILC/Universidade de São Carlos, que é composto por textos escritos; *Corpus* LAEL (Linguística Aplicada e Estudos da 168 Linguagem), composto por dados de fala e de escrita, muito embora aquele registro seja inexpressivo; e o *Corpus* ASPA (Avaliação Sonora do Português Atual), usado parcialmente pela autora, pois sua transcrição fonética não estava concluída à época em que foi consultado.

12 lexias já mencionadas. Nesse sentido, entende-se que a migração de <-ãos> ou <-ães> para <-ões> é inibida entre as lexias com maior frequência de ocorrência (média ou alta), pois, segundo a Teoria de Exemplares, esses itens teriam força léxica para serem acessados de forma automática ao passo que as lexias com baixa frequência de ocorrência não deixam registros robustos na memória, logo passariam a ser acessados de forma analítica, ou seja, a partir de comparações estabelecidas por meio das semelhanças morfofonológicas entre as lexias em feixe de exemplares, logo o padrão de pluralização mais frequente na língua como <-ões> atrairiam novos exemplares com baixa frequência de ocorrência fortalecendo ainda mais aquele padrão de plural para o grupo em <-ão>.

Por fim, na análise sobre a pluralização do grupo de lexias com terminação em <-ão> realizada por Huback (2007), apenas faixa etária foi indicada como relevante pelo programa SPSS entre as variáveis extralinguísticas. A migração de <-ãos> ou <-ães> para <-ões> totalizou um favorecimento de 0.74 (36% ou 75/208) entre os jovens (de 15 a 20 anos), 0.51 (29,6% ou 61/206) entre os medianos (de 35 a 40 anos) e um desfavorecimento da migração em 0.24 (21,5% ou 42/195) entre os adultos (de 55 a 60 anos) segundo Huback (2007)¹⁵⁷. Segundo a autora, essa eventual mudança em progresso liderada pela inovação entre os jovens teria explicação:

Observamos que a faixa etária mais alta foi a que mais preservou os plurais etimológicos em *-ãos* ou *-ães*. Nossa interpretação para esses resultados é de que o léxico mental dos falantes mais idosos ainda preserva os plurais etimológicos, mas a força do tipo em *-ões* é tanta, que os falantes mais jovens estão aplicando esse paradigma quando querem pluralizar as palavras terminadas em *-ão* no singular¹⁵⁸. Um contra-argumento a essa hipótese é que, se o léxico mental das pessoas é atualizado constantemente, poderíamos esperar que tanto falantes jovens quanto adultos armazenassem e utilizassem formas generalizadas em *-ões*. No entanto, conforme afirmamos anteriormente, o léxico mental armazena itens inteiros e até mesmo informações pragmáticas associadas ao uso das palavras. Assim, pode ser que os falantes mais velhos tenham armazenado formas generalizadas no léxico mental, mas evitem adotá-las, por saberem que essas não são as formas consideradas “corretas” pela norma padrão do português (Huback, 2007, p. 218).

¹⁵⁷ Em Huback (2010), faixa etária também foi o único fator extralinguístico selecionado estatisticamente. Os números absolutos e percentuais são (praticamente) os mesmos nesse trabalho: um favorecimento de <ões> em 0.532 (35.7% ou 74/207) entre os jovens (de 15 a 30 anos), 0.505 (29,6% ou 61/206) entre os medianos (de 31 a 45 anos) e em 0.21 (21,5% ou 42/195) entre os adultos (de 46 a 60 anos), mas a diferença é menos expressiva entre os pesos relativos, porém esses números mantêm a mesma direção de favorecimento de pluralização em <ões>. Esse resultado provavelmente mantenha estreita relação como o ajuste no limite estabelecido entre as faixas etárias.

¹⁵⁸ Segundo nota da autora: a “exceção deve ser feita quanto aos itens monossílabos, porque, como vimos na Tabela 30, esses itens não sofrem variação” (Huback, 2007, p. 218).

Assim, numa perspectiva da Teoria de Exemplos, seria coerente a justificativa da autora, pois apesar de a pluralização em <-ões> ser robusta na representação mental tanto entre jovens quanto entre adultos, quando cada item pluralizado é ouvido, ele passa a ser indexado no léxico mental com informações variadas sobre os contextos de usos daquela pluralização como será descrito na subseção 4.3. Assim, seria natural que os adultos associassem um rótulo “negativo” para determinadas migrações de <-ãos> ou <-ães> para <-ões> mais influenciados pela frequência de ocorrência ao passo que para as novas gerações rotulariam os mesmos plurais com informações menos depreciativas devido a maior influência da frequência tipo. Nesse sentido, informações probabilísticas sobre a pluralização em <-ão> formariam de formas distintas o léxico mental dos ouvintes-falantes conforme sua faixa etária, logo seria natural um conservadorismo entre os adultos e uma abertura à inovação linguística entre os mais novos como constatou Huback (2007).

Ao tratar da pluralização em <-ão> com dados de fala do Rio de Janeiro, Severino (2013) buscou verificar se o comportamento linguístico dessa comunidade de fala seria similar àquele observado por Huback (2010) em Belo Horizonte, ou seja, em sua dissertação, aquela autora passou observar se a pluralização desse grupo morfológico seguiria uma eventual tendência de migração em direção à pluralização em <-ões> como observou Huback (2010) em seus dados. Dessa forma, Severino (2013) aplicou dois testes de produção. No primeiro, empregou lexias reais com quatro itens para cada pluralização esperada conforme sua classificação quanto à frequência de ocorrência de cada lexia, a saber:

i) <-ãos>: palavras pouco frequentes (*não, chão, sótão pagão*) e palavras mais frequentes (*cidadão, irmão, órgão, mão*);

ii) <-ães>: palavras pouco frequentes (*capelão, tabelião, escrivão, catalão*) e palavras mais frequentes (*capitão, pão, cão, alemão*);

iii) <-ões>: palavras pouco frequentes (*circuncisão, mamão, tecelão, pavão*) e palavras mais frequentes (*prisão, ladrão, caminhão, decisão*).

Este teste foi aplicado a 48 informantes da região de Bangu e Campo Grande (Rio de Janeiro), com o mesmo número de sujeitos para o gênero masculino e feminino, nível de escolaridade (fundamental e nível universitário) e faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e 50 anos ou mais). Além dessas variáveis, controlaram-se também frequência de ocorrência, plural esperado conforme prescrição dos dicionários e manuais de gramática do PB e item lexical. No segundo teste, fez-se uso de 18 pseudopalavras (cf. Severino, 2013, *Tabela*

22) controlando-se as variáveis número de sílabas, indivíduo, sexo e estímulo (pseudopalavras). Assim sendo, nos resultados gerais do primeiro teste, Severino (2013) constatou que:

[...] os itens com plural esperado em *-ãos* e *-ães* ocorreram com *-ões* em 21% e 34% das respostas, respectivamente. Já os itens com plural esperado em *-ães* e *-ões* ocorreram com o padrão *-ãos* em 16% e 11% das respostas, respectivamente. Por sua vez, o padrão *-ães* aparece em 2% e 3% das ocorrências de itens lexicais com padrão esperado em *-ãos* e *-ões*. Portanto, há alternância da marca de plural nos três grupos de palavras, aquelas com plural esperado em *-ãos*, em *-ães* e em *-ões*. De fato, *quando há alternância na marca de plural, o padrão -ões é mais utilizado para itens que têm outro plural esperado do que os padrões -ãos e -ães, conforme também observado nos resultados obtidos em Huback (2010) (...) Esse maior índice de uso da variante -ões pode se explicar pelo fato de que nesse grupo específico de palavras dentro do léxico (o grupo das palavras terminadas em -ão), o padrão estrutural mais frequente para a marca de plural (aquele que se aplica ao maior número de itens) é o padrão -ões (...) a busca feita na base ASPA revelou que o padrão -ões se aplica a 238 itens, enquanto os padrões -ãos e -ães se aplicam, respectivamente, a 14 e 6 itens apenas* (Severino, 2013, p. 56, grifo próprio).

Como se pode observar, os dados obtidos por Severino (2013) corroborariam a tendência de migração das pluralizações em *<-ãos>* e *<-ães>* para *<-ões>* já comprovada por Huback (2007). Assim, quando se trata da conservação dessas pluralizações, Severino (2013) constatou que o grupo em *<-ães>* só conserva 48% de suas pluralizações originais, 75% dos itens originais em *<-ãos>* não migram para outros grupos e no grupo em *<-ões>* este total de inibição atinge 85% dos casos (cf. Severino, 2013, p. 55). Essa escala gradual vem corroborar a sequência da frequência de ocorrência dos dados pluralizados no grupo em *<-ão>* obtida no ASPA pela autora ou no controle da frequência tipo, uma vez que apenas 0,7% dos verbetes do grupo em *<-ão>* são flexionados com *<-ães>*, 1,5% com *<-ãos>* e 98,7 em *<-ões>* como observou Huback (2010)¹⁵⁹.

Assim sendo, Severino (2013) assim como Huback (2007) observou a pluralização em *<-ões>* como base de resposta bem como removeu os dados de plural esperado com essa estratégia, logo se passou a analisar estatisticamente apenas 12/18 lexias com plural em *<-ãos>* (*não, chão, sótão pagão, cidadão, irmão, órgão, mão*) e *<-ães>* (*capelão, tabelião, escrivão, catalão, capitão, pão, cão, alemão*). Assim sendo, no primeiro teste antes do controle da variável item lexical, foram selecionadas as variáveis nesta ordem: frequência de ocorrência, nível de escolaridade, plural esperado e faixa etária (cf. Severino, 2013, p. 58).

¹⁵⁹ Conferir *Tabela 1* (Huback, 2010, p. 14). Dados obtidos com a consulta de Houaiss (2001).

Sobre as variáveis linguísticas, Severino (2013) notou que enquanto a frequência de ocorrência corrobora os resultados obtidos por Huback (2010) quando se constatou que os itens lexicais com baixa frequência de ocorrência (*pagão, capelão, tabelião*) favoreceram a migração em 0.689 e aqueles com alta frequência de ocorrência (*irmão, alemão, capitão*) a desfavoreceram em 0,336, na contramão dos resultados obtidos por esta autora, Severino (2013) observou que o grupo de plural esperado em <-ães> favorecem essa migração (0.582) enquanto que o grupo em <-ãos> a desfavoreceu (0.410). Segundo Severino (2013, p. 60), a justificativa possível para esses resultados seria que a pluralização em “[...] -ães, além de ser o padrão com menor frequência de tipo na rede das palavras terminadas em -ão [...] é um padrão composto por itens que têm uma frequência de ocorrência individual baixa se comparada aos itens em -ões e -ãos [...]”, mas a autora também observa que algumas das lexias com plural esperado em <-ães> controladas em seu trabalho são diferentes e menos frequentes do que aquelas presentes na análise de Huback (2010) (Severino, 2013, p. 60).

A respeito das variáveis extralinguísticas, Severino (2013) constatou que o menor nível de escolaridade dos informantes favoreceria a migração para <-ões> em 0.658 enquanto seria desfavorecida entre os informantes com nível universitário em 0.314. A partir de uma respectiva adotada a partir do Modelo de Redes, Severino (2013, p. 62) observa que:

[...] é possível que os indivíduos com menos anos de escolarização tenham sido também *menos expostos aos padrões -ãos e -ães*. Como o padrão -ões parece ser o mais robusto nas representações de todos os falantes, os indivíduos menos escolarizados estariam fazendo um maior uso do padrão mais frequente para marcar *o plural de itens dos quais o plural eles desconhecem ou tiveram dificuldade de acesso*. Além disso, os falantes que possuem ensino superior poderiam estar mais *sensíveis a uma norma de linguagem e mais conscientes do valor social* atribuído ao uso da forma de plural esperada para os itens em questão (Severino, 2013, p. 62, grifo próprio).

Assim, fica evidente que os exemplares no plural são organizados dentro de categorias no léxico mental dos informantes levando em consideração suas experiências de usos e/ou valores sociais que são reforçados em suas nas representações mentais conforme o número de repetições e contextos de uso. Tal postulado também pode justificar os resultados para a variável faixa etária uma vez que das três faixas etárias controladas sem eventual enviesamento dos resultados¹⁶⁰, apenas aqueles considerados medianos (26 a 49 anos) desfavoreceram a

¹⁶⁰ Segundo a autora, o resultado de desfavorecimentos em 0.391 entre aqueles com idade de 7 a 14 anos se deve ao enviesamento dos resultados: “A *variável ensino superior*, por exemplo, não contava com dados relativos a

migração para <-ões> (0.459), pois entre eles, a categorização da pluralização desse grupo imprimiria um valor social a <-ões> menos aceitável para os 12 plurais controlados em <-ães> e <-ãos>. Baseado em Eckert (1994), a pesquisadora justifica esses resultados em função de que “[...] já a faixa etária mediana (26-49 anos) seriam os pais, os pais conservadores, que *estão muito envolvidos em sua carreira profissional* e, portanto, mais cuidadosos com a sua linguagem” (Severino, 2013, p. 64, grifo próprio). Assim sendo, suas experiências de uso no mercado profissional eventualmente motivariam mais repetições dos plurais esperados de modo que suas representações mentais se tornariam mais robustas no léxico dessa faixa etária.

Como observado, nos dados controlados Severino (2013), apenas a variável sexo não foi considerada relevante estatisticamente pelo programa Goldvarb (versão 2001). Com o emprego do Rbrul (Johnson, 2009), constatou-se também a relevância da variável item lexical frente à migração da pluralização para <-ões>. Os resultados obtidos nesta nova rodada corroboram a tese de que haveria uma mudança em progresso com base na difusão lexical já defendida por Huback (2007) em relação à migração para <-ões>. Comprovando a hipótese de Severino (2013), “[...] [essa] mudança estaria atingindo primeiramente os itens “tabeliães”, “catalães”, “cidadãos”, “capelães” e “pagãos”; todos estes (com exceção de “cidadãos” e “pagãos”), *itens com baixa frequência de ocorrência e pertencentes ao grupo -ães*” (Severino, 2013, p. 67, grifo próprio). Ademais, embora a autora concorde com Huback (2007, 2010) sobre a proposição de que os informantes guardariam informações probabilísticas de que os monossílabos em <-ão> não são pluralizações em <-ões> no PB, dados como *mões*, *chões*, *nões* e *pões* foram exemplos legítimos que a migração é possível mesmo neste subgrupo do PB (cf. Severino, 2013, p. 67).

No segundo teste, por Severino (2013) observou a realização dos plurais de pseudopalavras, logo variáveis como item lexical, plural esperado e frequência de ocorrência eventualmente não poderiam favorecer determinado padrão de plural. Assim, sem essas interferências, constatou-se que o plural em <-ães> obteve apenas 7% (55/814) dos dados, <-ãos> com 30% (244/814) deles e 63% (515/814) em <-ões> (cf. Severino, 2013, p. 71), logo esta estratégia de plural se revelou como o padrão mais produtivo no grupo de palavras bem como de pseudopalavras com terminação em <-ão>. Além desses resultados, constatou-se que número de sílaba, indivíduo e estímulo foram selecionadas estatisticamente neste segundo teste.

Quanto ao número de sílaba, os resultados de Severino (2013) contrariam aqueles obtidos por Huback (2010), pois em seus dados não houve monossílabos pluralizados em <-ões> ao

essa faixa etária. Assim sendo, o valor deste peso relativo não pode ser visto como desfavorecedor do uso da variante -ões” (Severino, 2013, p. 63, grifo próprio).

passo que nos dados de Severino (2013), essa é a segunda estratégia mais empregada pelos informantes, a saber: <-ãos> com 51%, <-ões> com 35% e <-ães> com apenas 14% deles, mesmo não existindo pluralizações em <-ões> para esse subgrupo segundo Huback (2010). Para Severino (2013, p. 72) “é possível que este percentual [35% em <-ões>] se deva à associação das pseudopalavras monossílabas com algumas palavras existentes na língua; por exemplo, o sujeito poderia ter associado [ˈgãw] e [ˈlãw] à [fuˈgãw] e [miˈlãw] respectivamente”. Quando as pseudopalavras seriam dissílabas e trissílabas, os percentuais, respectivamente, se aproximaram: 75% e 79% em <-ões>, 22% e 18% em <-ãos> e igualmente apenas 3% <-ães>.

Quanto à variável estímulo ou pseudopalavras, pode-se notar que características como extensão silábica e semelhanças fonológicas entre as pseudopalavras e presentes na estruturação silábica de palavras favoreceram pluralizações em <-ões> (cf. *Tabela 22*, Severino, 2013, p. 73). Segundo Severino (2013),

[...] os estímulos de 2 e 3 sílabas foram realizados majoritariamente com o tipo mais produtivo, -ões. Já 5 das 18 pseudopalavras ([ˈfãw], [ˈgãw], [ˈlãw], [ˈhãw], [ˈzãw]) tenderam à adoção da forma -ãos. Contudo, é interessante apontar que estas cinco pseudopalavras são monossílabas. Dos seis estímulos monossilábicos, [ˈlãw] foi o único cuja forma de plural foi produzida majoritariamente com -ões, o que pode ser decorrente de uma analogia com palavras da língua que apresentam plural em -ões e possuem essa configuração sonora como *milhão*, conforme mencionado anteriormente (Severino, 2013, p. 74, grifo próprio).

Por fim, para o processamento da variável indivíduo, Severino (2013) suprimiu todos informantes que eventualmente produziram apenas uma estratégia de pluralização. Embora determinados informantes demonstraram maior preferência por uma das três alternativas de pluralização, geralmente “[...] a maioria dos falantes prefere o plural -ões quando não existe a influência do item lexical” (Severino, 2013, p. 76). As exceções foram oito informantes: 12, 13, 14, 20, 32, 36, 37 e 48, que preferiram outra estratégia como <-ãos> e <-ães> ou ainda <-ões> empatada com aquelas como primeira opção (informante: 14, 20). Desse recorte como exceções, 80% (6/8) dos informantes preferiram pluralizar as pseudopalavras em <-ãos> e 20% (2/8) <-ães> (cf. *Tabela 23*, Severino, 2013, p. 75). Assim, a partir de seus dados, Severino (2013, p. 76) conclui que “[...] não é possível determinar, para os sujeitos da pesquisa, se apresentam diferenças de composição de léxico em relação ao conhecimento e representação das formas de plural em questão [...] só é possível registrar a variabilidade apresentada pelos indivíduos” (Severino, 2013, p. 76, grifo próprio).

Como se observou nesta subseção, desde os primeiros trabalhos dialetológicos no Brasil já se descrevia a flexão em <-ões> como aquela mais produtiva na classe de plurais das lexias terminadas no ditongo <-ão>. Com o apoio da Sociolinguística, Teoria de Exemplares e Modelo de Redes, pode-se analisar o papel de variáveis de ordens internas e externas à língua portuguesa. Assim, a partir desse diálogo entre essas linhas teóricas, parece evidente que fatores como nível de escolaridade e faixa etária do informante bem como item lexical, sua frequência de ocorrência e frequência tipo são aquelas variáveis que mais se destacam frente a explicação da pluralização de lexias desse grupo. Ademais, a recorrente seleção das variáveis item lexical, frequência de ocorrência e frequência tipo por programas estatísticos nesses trabalhos só reforçam que o estudo desse grupo, como dos demais analisados nesta tese, deve partir da perspectiva teórica de que todas as lexias pluralizadas ou não são armazenadas e acessadas de forma analítica ou automática conforme as experiências de uso de cada informante.

3.1.2.3 Possibilidades de pluralização no grupo de lexias terminadas em ditongos decrescentes -au, -eu ou -al, -el, -il, -ol

Como percebido na subseção anterior, na reportagem de seus dados a partir de uma *análise atomística*, ou seja, analisando “cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais” (Scherre, 1988, p. 62) reconhece a importância da variável processo morfofonológico como favorecedora da indicação de pluralidade¹⁶¹ ou de concordância nominal. Os resultados considerando apenas os dados dos processos morfofonológicos de formação do plural dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas realizados por adultos – que seria o recorte mais próximo das amostras analisadas nesta tese – Scherre (1988, p. 83), revelam que os itens que pertenciam aos grupos morfológicos com terminação em <-l> ou de pluralização dupla seriam os únicos que favoreceriam a indicação de plural ou concordância nominal. Ver *Tabela 5*:

¹⁶¹ Segundo a autora, essa classificação seria mais coerente em “(dois risco verde, um montão de nego velho). Nestes casos, o mais exato seria falar em indicação de pluralidade e não em concordância” (Scherre, 1988, p. 62).

Tabela 5: Processos morfofonológicos de formação do plural dos substantivos, adjetivos e categorias substantivadas dos dados dos adultos

Processos	Aplicação da regra/ Total	%	Probabilidade
Duplo (maravilhoso) (maravilhósons)	63/68	= 93	0,85
-L (internacional) (internacionais)	80/93	= 86	0,56
-ÃO (contradição) (contradições)	173/200	= 86	0,42
-R (pescador) (pescadores)	237/268	= 88	0,49
-S (português) (portugueses)	219/265	= 83	0,39
Regular (pequeninha) (pequeninhas)	2819/5583	= 50	0,24

Fonte: Adaptação de Scherre (1988, p. 83).

Pela observação da *Tabela 5*, nota-se que o plural duplo apresenta 0,85 de probabilidade de emprego da concordância nominal (63/68 ou 93%) seguido do plural com terminação no grafema <-l> com 0,56 de probabilidade de marcação de pluralidade (80/93 ou 86%). No entanto, como já mencionado, naquele grupo foram considerados também o plural do grau diminutivo, logo seriam um grupo com processos morfofonológicos mistos. Da mesma forma, pode-se descrever o grupo regular apresentado na *Tabela 5*, uma vez que formas no diminutivo regular (pequeninha > pequeninhas) e itens com terminação em vogal átona, em ditongos como <-au> e <-eu> ou mesmo em <-ão> (*irmão > irmãos*)¹⁶² eventualmente foram agrupados sob o mesmo rótulo regular. De qualquer sorte, pode-se perceber que as lexias com terminação no grafema <-l> no singular favoreceriam a marcação de plural ao passo que o grupo formado por lexias no diminutivo, com terminação em vogal átona, em ditongos decrescentes como <-au> e <-eu> ou mesmo em <-ão> estariam no extremo do desfavorecimento (0,24) do emprego de lexias pluralizadas. Quando os grupos regulares e com terminação em <-l> foram analisados

¹⁶² Cf. Scherre (1988, p. 75).

separadamente por Scherre (1988), a diferença entre os grupos ainda se revelaria expressiva. Ver *Tabela 6*:

Tabela 6: Relação entre regulares e itens em *-l* no favorecimento da concordância nominal

			FALANTES				
			Todos	Primário	Ginásial	Colegial	
PROCESSOS	Regular (filho) (filhos)	freq.	2819/5583 (50%)	653/1980 (33%)	992/1876 (53%)	1158/1701 (68%)	
		peso	0,33	0,35	0,25	0,31	
	-L (principal) (principais)	freq.	80/93 (86%)	21/30 (70%)	18/19 (95%)	41/44 (93%)	
		peso	0,67	0,65	0,75	0,68	
	TONICIDADE	Oxítono e monossílabo tônico	freq.	201/262 (77%)	58/95 (61%)	67/83 (81%)	75/83 (90%)
			peso	0,66	0,67	0,67	0,62
Paroxítono		freq.	2617/5258 (50%)	601/1867 (32%)	915/1752 (52%)	1086/1614 (67%)	
		peso	0,39	0,44	0,38	0,34	
Proparoxítono		freq.	81/156 (52%)	15/48 (31%)	28/60 (47%)	38/48 (79%)	
		peso	0,44	0,39	0,44	0,54	

Fonte: Adaptação de Scherre (1988, p. 129).

Mesmo os dados dos itens regulares não sendo formados apenas por lexias com terminação em ditongos decrescentes <-au> e <-eu> de sorte que se pudesse inferir com maior certeza sobre o comportamento desse subgrupo em comparação com o grupo morfológico em <-l>, pela observação da *Tabela 6*, pode-se supor o favorecimento da concordância seria (mais) natural no morfológico em <-l>. No entanto essa seria apenas uma hipótese que não pode ser comprovada com a leitura de Scherre (1988) por razões já esclarecidas, mas pelos resultados apresentados nas tabelas da subseção anterior e ainda desta, nota-se que o grupo morfológico com terminação em <-l> favorece a marca de pluralidade independentemente das rodadas apresentadas até então em Scherre (1988), o que fez a autora concluir que:

Acabamos de ver que Processos e Tonicidade são as duas dimensões do eixo da saliência fônica que exercem influência sobre a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal. Com relação a processos especificamente, vimos que todos os nossos falantes apresentam uma oposição entre os itens de plural duplo e os terminados em -l, favorecedores da concordância; e os itens regulares, desfavorecedores (Scherre, 1988, p. 123).

Embora não se possa distinguir os padrões de plural empregados nos grupos lexias com terminação em ditongos decrescentes <-au> e <-eu> em oposição àquelas com terminação em <-l> e eventuais migrações a partir de Scherre (1988), pode-se concluir que este grupo favorece a marcação de plural independentemente de qual estratégia de marcação seja empregada (regular ou irregular). Possivelmente, a ausência de concordância nominal não seja uma alternativa robusta na representação mental desses informantes diferentemente do que acontece com os grupos regulares, mas sim a marcação não redundante no determinante. Assim, outras pesquisas com direcionamento específico ao estudo da alomorfia de número podem esclarecer como se comportam os padrões de plural no grupo com terminação em ditongos decrescentes.

Em sua pesquisa sobre a pluralização dos grupos de lexias com terminação em ditongos decrescentes, Huback (2007) analisou separadamente o grupo com terminação em <-u> (a exemplo de *degrau, chapéu*) do grupo com terminação no grafema <-l> (como *avental, anel, funil, lençol, azul*). Sobre a ausência de marcação de plural nas lexias controladas, o grupo com terminação em <-l> apresentou 2,8 % (33/1.167) de ausência de plural enquanto o grupo com terminação em <-u> computou apenas 1,7% (17/971) dessa estratégia na redundante de marcação (cf. Huback, 2007, p. 219-234). No entanto essa ausência de marcação nesses grupos,

assim como ocorreu como o grupo de lexias com terminação em <-ão> apresenta características afins. Segundo Huback (2007, p. 219-235):

Houve, também, casos de utilização do singular pelo plural, de forma similar à que ocorreu com os dados de <-ão>. Exemplos dessas ocorrências são: “Um conjunto de móvel” ou “Muitas pessoas não gostam de ler jornal”, casos em que o objeto na figura aparecia em número plural, mas os informantes utilizaram formas de singular [...] Os 17 casos de ausência de plural [do grupo de lexias com terminação em <-u>] foram: “ateu”, “berimbau” (seis casos), “chapéu” (três casos), “degrau”, “grau” (dois casos), “mau”, “pneu” e “troféu” (dois casos). A palavra que mais sofreu apagamento de plural foi “berimbau”, que está na faixa de frequência baixa do Corpus NILC/São Carlos. Os casos de ausência de plural ocorreram, sobretudo, na etapa do “Conjunto de Figuras”. Em situações em que o falante via vários berimbaus juntos, a frase pronunciada era, por exemplo, “Um conjunto de berimbau” ou, na figura que mostrava um móvel repleto de chapéus, o falante pronunciava, por exemplo, “Um cabide cheio de chapéu”. Nessas ocorrências, observamos a utilização de uma palavra no singular para referir-se a um conjunto de itens no plural (Huback, 2007, p. 219-235).

Pela descrição dos dados, a natureza da ausência de marcação de plural nesses grupos seria uma possibilidade de generalização do singular de sorte que se evite a realização dos respectivos plurais. Em princípio, nesses casos, não haveria uma explícita ausência de pluralização das lexias, mas uma sinalização dessa ausência de concordância nominal. De qualquer sorte, percebe-se uma eventual hesitação na realização do plural morfológico dessas lexias, mas como os números foram inexpressivos tanto no grupo com terminação em <-u> quanto no grupo de lexias com terminação no grafema <-l>, não se pode fazer inferências desses resultados como o fez Scherre (1988) por razões óbvias.

Além da migração da pluralização <-s> para <-is> como no sentido contrário, Huback (2007) também observou a realização de outros plurais. No grupo de lexias com terminação no grafema <-l>, pois no grupo de lexias com terminação em <-u> essa inovação não foi registrada. Ver Huback (2007):

Ocorrências de outro plural foram: “cachecóiØ”, “goles” (para “gol”), “meles” (para “mel”), “míssis” (quatro casos), “móvis” (11 casos), “sales” (para “sal”) e “útis” (três casos). Dos 22 itens a adotarem outro plural, 18 (81,8%) eram paroxítonos. Parece que essas palavras estão instáveis na classe de plurais em <-l>, já que a maioria dos itens pluralizados em <-l> é oxítona. O ASPA lista 679 palavras do grupo em <-l> que são pluralizadas através da adição de <-is>. Dessa classe, 34 (5%) são paroxítonas e 645 (94,9%) são oxítonas. Já que há mais oxítonos que paroxítonos pluralizados em <-l>, pode estar havendo um efeito dessa frequência de tipo na instabilidade dos itens paroxítonos [...]. Nos plurais em ditongo em <-u>, não houve casos de utilização de outra forma

de plural, diferente da forma em *-l* ou em ditongo em *-u* (Huback, 2007, p. 220-234).

Assim, pelos dados empíricos apresentados pela pesquisadora, nota-se que a variação na pluralização do grupo de lexias com terminação no grafema <*-l*> não inibe construções inovadoras ao passo que no grupo de lexias com terminação em <*-u*> a inovação se limita à pluralização também em <*-is*>. Como pode-se perceber, naquele grupo, as estratégias de pluralização também ocorrem de forma diversificada:

- i) marcação parcial: “cachecói[Ø]”;
- ii) formação de nova sílaba: “gol[es]”, “mel[es]”, “sal[es]”;
- iii) supressão da vogal: “míss[Ø]is” (quatro casos), “móv[Ø]is” (11 casos) e “út[Ø]is” (três casos).

Como observado pelos números, a monotongação na última sílaba é a estratégia mais frequente de pluralização alternativa do grupo de lexias com terminação no grafema <*-l*> depois eventualmente da pluralização também em <*-s*> e <*-is*>. De fato, conforme salienta a autora, provavelmente a frequência tipo estaria favorecendo este número de pluralização diversificada no feixe de exemplares paroxítonos com terminação em <*-l*> e não no grupo dos itens oxítonos, pois aquele não teria um número de exemplares significativo para que se evitasse migrações para outras formas de pluralização além do acréscimo da flexão <*-s*> (cf. Huback, 2007, p. 220).

Quando se compara os resultados gerais analisados por Huback (2007), nota-se que enquanto a ausência de marcação foi maior no grupo de lexias com terminação em <*-l*>, a migração na estratégia de pluralização foi mais expressiva no grupo de lexias com terminação em <*-u*>. Conferir tabelas da autora:

Tabela 7: Resultados gerais para os plurais em -l

Formas de Plural	Número	Frequência
Plural em <i>-l</i>	1.017/1.167	87,1%
Plural em ditongo em <i>-u</i>	95/1.167	8,1%
Ausência de plural	33/1.167	2,8%
Outro plural	22/1.167	1,8%

Fonte: Adaptação de Huback (2007, p. 219).

Tabela 8: Resultados gerais para os plurais em ditongo em *-u*

Formas de Plural	Número	Frequência
Plural em ditongo em <i>-u</i>	762/971	78,4%
Plural em <i>-l</i>	192/971	19,7%
Ausência de plural	17/971	1,7%

Fonte: Adaptação de Huback (2007, p. 234).

Pela comparação das *Tabelas 7 e 8*, nota-se que a pluralização das lexias em <-u> é menos diversificada, porém sua migração para uma estratégia não esperada representa mais que o dobro da migração do grupo em <-l> de <-is> para <-s> e outros plurais juntos como já mencionado. Naquele grupo, houve 19,7% de migração enquanto este não passou de 9,9% de pluralização alternativa. Esse resultado já seria esperado pela pesquisadora uma vez que, segundo o Modelo de Redes, a alta frequência tipo de pluralização em <-is> e não <-s> para ditongos decrescentes no PB tornaria aquela estratégia mais produtiva na língua e, por isso, atrairia para seu grupo mais lexias com terminação em <-u> sobretudo se tais itens forem de baixa frequência de ocorrência.

Quando se recorreu às primeiras análises estatísticas, Huback (2007) removeu os dados de ausência de plural e outros plurais do processamento estatístico e constatou que as variáveis selecionadas pelo SPSS não seriam as mesmas tanto em número fatores quanto às classificações em nível de relevância no favorecimento da migração na pluralização dentro dos grupos de lexias com terminação em <-l> e em <-u>. Assim, nos primeiros processamentos de dados, para o grupo em <-l> foram selecionadas nesta ordem de relevância das seguintes variáveis: i) palavras e ii) escolaridade ao passo que no grupo em <-u> foram selecionadas inicialmente as variáveis: i) palavra, ii) faixa etária, iii) escolaridade e iv) gênero. Para obter resultados mais confiáveis e/ou sem interferência de outros fatores, a autora também suprimiu algumas dessas variáveis de novos processamentos no SPSS bem como variantes que compunham os respectivos envelopes.

A variável palavra foi a primeira selecionada pelo SPSS no grupo de lexias com terminação em <-l>. Huback (2007) observou que 15/27 palavras desse grupo não sofreram migração na pluralização de <-is> para <-s>: *cachecol, anzol, avental, gentil, pincel, pastel*

(baixa frequência de ocorrência), *anel*, *lençol*, *infantil* (média frequência de ocorrência), *espanhol*, *móvel*, *sinal*, *hospital*, *responsável* e *jornal* (alta frequência de ocorrência) ao passo que *gol* foi a única palavra que apresentou migração categórica (35/35 dos dados). Segundo Huback (2007), aquelas lexias estão distribuídas pelas três faixas de frequência de ocorrência e *gol* é o item com o mais alto nível de frequência de ocorrência entre as 27 lexias arroladas. Embora a autora não mencione uma justificativa para tais resultados logo que apresenta esses dados, nota-se que a atuação da frequência tipo foi imperativa para a inibição da migração entre aquelas lexias – que representam mais da metade das lexias arroladas – posto que a distinção entre os níveis de frequência de ocorrência não atuou sobre a inibição da migração entre esses itens. Do contrário, a atuação alta frequência de ocorrência desafiou o papel frequência tipo favorecendo a migração categórica de <-is> para <-s> na contramão do que se era esperado. Dessa forma, diante dos resultados categóricos, essas lexias (16/27) foram removidas do novo processamento dos dados (cf. Huback, 2007, p. 221). Assim, os novos resultados indicaram que:

[...] os itens “mel”, “sal” e “sol” [...] favoreceram a migração de plurais da classe em *-l* para ditongo em *-u*. Como característica comum a essas palavras, apontamos o fato de todas serem monossílabas. Conforme veremos posteriormente, ainda no decorrer desta análise, itens de uma só sílaba costumam favorecer os plurais em ditongo em *-u*. Por outro lado, “mel” e “sol” são palavras de baixa frequência de ocorrência e “sal”, de média. Observamos, portanto, que *as palavras pouco frequentes são, provavelmente, menos acessíveis no léxico mental* e, conseqüentemente, mais suscetíveis a mudanças na classe de pluralização (Huback, 2007, p. 222-223, grifo próprio).

Diante desses resultados, é importante ressaltar a importância da observação da frequência de ocorrência em grupos menores como entre as lexias monossílabas já que itens com essa extensão silábica e com terminação em <-l> como *mel*, *sal* e *sol* não são frequentes na língua como os itens com terminação em <-u>, logo seria natural uma eventual migração para pluralização conforme esperada para este grupo mais produtivo com tal característica de extensão silábica.

Por razões metodológicas, Huback (2007) exclui a variável palavra para uma nova rodada de dados no SPSS e o programa seleciona como relevantes as variáveis: estrutura morfológica, vogal precedente, número de sílabas e escolaridade para a observação da migração no grupo de lexias com terminação em <-l>. Sobre o favorecimento da primeira variável, depois da exclusão

de dados que enviesariam os resultados dos processamentos do SPSS, Huback (2007) concluiu que

[...] a estrutura morfológica é, realmente, um fator determinante para que haja migrações de plural *-l* em direção a ditongo em *-u*. Os resultados demonstram que palavras que não têm sufixo favorecem a variação de plural (0.83) e palavras com sufixo a desfavorecem (0.16). Provavelmente, esse resultado ocorreu porque, no grupo de ditongo em *-u*, existem apenas dois sufixos (*-eu* e *-aréu*), ao passo que, no grupo em *-l*, Coutinho (1981) e Cunha e Cintra (1985) listam oito sufixos diferentes (Cf. Capítulo 2, “Grupos de Plurais”). Sendo assim, a existência de sufixo parece ser uma forte referência para que o falante preserve a forma de plural padronizada em *-l* (segundo a gramática normativa do PB) (Huback, 2007, p. 224, grifo próprio).

Como observado, entre lexias com sufixos em sua formação como *acessível* e *agradável* em comparação com lexias sem sufixação a exemplo de *azul* e *útil*, este grupo favoreceu a migração na pluralização de *<-is>* para *<-s>*. Por aquele grupo ser classificado como de maior frequência tipo, sua maior produtividade inibe migrações de pluralizações de seu feixe de exemplares ao passo que – por analogia estabelecida pelas semelhanças morfofonológicas de seus membros no singular – tem maior probabilidade de atrair para si lexias que serão pluralizadas como os demais membros desse feixe.

Como segunda variável, foram selecionados como relevantes itens com a vogal precedente a exemplo de: [a] (*hospital*), [ɛ] (*anel*), [e] (*acessível*), [i] (*funil*), [ɔ] (*anzol*), [o] (*gol*) e [u] (*azul*). Nesses dois últimos itens, só há um exemplo por grupo. Depois do primeiro processamento dos dados e necessidade exclusão das variáveis estrutura morfológica e número de sílabas, notou-se a relevância dos itens com vogal precedente [o] e [e]. Os itens com aquela vogal favorecem a migração de forma categórica P.R. 1 (35/35) enquanto os itens com esta vogal precedente desfavorecem essa migração com P.R. 0 (1, 2 % ou 2/160). Assim, para aquele resultado, haveria interferência da variável lexia posto que *gol* seria o único item com vogal [o] (cf. Huback, 2007, p. 226-227). Segundo Huback (2007), possíveis explicações para essa migração em *gol* seriam:

i) provavelmente, no Brasil, tanto singular “*goal*” quanto plural “*goals*” teriam passado por um processo de vernacularização desses itens advindos do inglês;

ii) à época da importação da lexia *gol*, no início do século XX, o processo de vocalização da lateral final no PB já estaria num estágio avançado.

Segundo Huback (2007), o número de sílaba foi a quarta variante selecionada no favorecimento da migração na pluralização de *<-is>* para *<-s>*. Entre os monossílabos, houve

o favorecimento da migração em 0.96 (*gol* com 35 casos, *mel* com 25 casos, *sal* com sete casos e *sol* com 15 dos casos) ao passo que itens polissílabos desfavoreceram esse fenômeno com P.R. 0.03 (*acessíveis*, *agradáveis*, *azuls*, *difícils* com dois casos, *farols*, *funils* com dois casos, *míssils* com três casos e *útils* com dois casos). Mais uma vez, entre as justificativas para esse favorecimento, a autora conclui que:

[...] em nossos dados, os monossílabos em *-l* apresentarem maior propensão ao plural em ditongo em *-u* é o fato de que, no léxico do PB, há mais itens monossílabos em ditongo em *-u* do que em *-l*. *No grupo de ditongo em -u no plural*, o ASPA registra 29 palavras totais, das quais 13 (44,8%) são monossílabas; *na classe em -l no plural*, o ASPA apresenta 679 dados totais, dos quais apenas seis (0,88%) são monossílabos. Como há mais monossílabos em ditongo em *-u* do que em *-l*, essa parece ser, também, *uma boa justificativa para que os falantes tenham aplicado o plural em ditongo em -u aos monossílabos em -l* (Huback, 2007, p. 229-230, grifo próprio).

Além as variáveis número de sílabas, estrutura morfológica e vogal precedente, frequência de ocorrência foi considerada relevante quando essas variáveis e a lexia *gol* foram removidas do processamento dos dados. Com essa nova rodada, Huback (2007) constatou que as lexias com alta frequência de ocorrência inibem a migração na pluralização de <*-is*> para <*-s*> em 0.24 enquanto a média frequência de ocorrência mostra-se neutra com P.R. 0.49 e a alta frequência de ocorrência favorece essa migração em 0.75.

Escolaridade foi a última variável selecionada pelo SPSS no favorecimento da migração na pluralização de <*-is*> para <*-s*> segundo Huback (2007). Entre os informantes com ensino fundamental, a migração foi favorecida em 0.71 ao passo que, entre aqueles com nível universitário, o fenômeno foi desfavorecido em 0.28. Para Huback (2007, p. 234), “o falante menos escolarizado [...] teria menos acesso à língua escrita, por isso pode ser que seu léxico mental contenha mais formas generalizadas, já que, normalmente, é na modalidade falada que se originam as variações lingüísticas”. Como mencionado, em Campos e Rodrigues (2002) já se observou que na fala de informantes com nível universitário não houve migração em quase todos os grupos morfológico, inclusive no grupo de lexias com terminação em <*-l*> bem como não houve também registro da não marcação morfológica em 97 dos dados pertencentes a esse grupo morfológico, ou seja, todas as lexias desse grupo foram pluralizadas em <*-is*> na fala culta. Naturalmente, essa repetição de estímulos visuais tornaria mais robustas as representações mentais de pluralizações em consonância com a norma padrão da língua, de modo que a migração na pluralização de <*-is*> para <*-s*> no grupo de lexias com terminação

em <-l> seria inibida entre os informantes mais escolarizados como visto parcialmente em Huback (2007) e categoricamente em Campos e Rodrigues (2002).

Passando sua análise para a observação da migração em sentido contrário: <-s> para <-is> entre as lexias com terminação em ditongos em <-u> e eliminando os dados de ausência de plural, Huback (2007) inicialmente constatou que seriam relevantes as variantes: palavra, faixa etária, escolaridade e gênero com já mencionado. Quanto à primeira variável selecionada, notou-se que *ateu*, *pau* (baixa frequência de ocorrência) e *meu* e *seu* (alta frequência de ocorrência) não apresentaram qualquer migração. Excluídas tais lexias, o programa SPSS sinalizou o favorecimento da migração <-s> para <-is> entre as lexias *berimbau*, *jirau*, *troféu* e *chapéu*. Como aquelas três primeiras são classificadas como de baixa frequência de ocorrência e esta seria classificada como média frequência, mas não com expressivo número de ocorrências (125) segundo Huback (2007).

Assim sendo, sobre a variável palavra, a autora conclui que “[...] a frequência da palavra individualmente é um indício para que ela mantenha sua classe etimológica ou migre para um grupo que apresente um padrão analógico mais freqüente” (Huback, 2007, p. 237). Ademais, embora a autora não mencione como indício relevante em sua análise, *chapéu* está entre as duas primeiras lexias com menor número de ocorrência dentro da classificação de média frequência proposta por ela (100 a 500 ocorrências). Ver *Tabela 47* (Huback, 2007, p. 237). Essa informação da autora, portanto, reforçaria ainda mais sua conclusão sobre o papel da frequência de ocorrência. No entanto, quando Huback (2007) decide excluir a variável palavra, o programa SPSS passa a selecionar um expressivo número de variáveis: vogal precedente, estrutura morfológica, número de sílabas e frequência de ocorrência, faixa etária, escolaridade e gênero.

A vogal precedente é uma variável formada por três variantes: vogal precedente [a] como *grau*, [ɛ] a exemplo de *mausoléu* e vogal precedente [e] como *pneu*. Segundo Huback (2007), as vogais precedentes [a] e [ɛ] favorecem a migração para a pluralização em <-is> em 0.71 e 0.83, respectivamente, enquanto [e] desfavorece esse fenômeno em 0.07. No entanto esse resultado se justificaria pela interferência da variável frequência, pois “[...] as líderes nas migrações de plurais foram ‘berimbau’, ‘degrau’ e ‘jirau’, também de *baixa e média frequência de ocorrência* [...] portanto, é de que *o suposto favorecimento dos segmentos [aw] e [ew] decorre, na verdade, de efeitos de frequência*” (Huback, 2007, p. 238, grifo próprio).

Estrutura morfológica foi a segunda variável selecionada pelo programa SPSS. Segundo Huback (2007), as lexias com sufixação (a exemplo de *judeu*, *européu*) desfavoreceram a migração para a pluralização em <-is> em 0.27 enquanto as lexias sem sufixos (*berimbau*,

museu) favorecerem essa migração em 0.72. Esses resultados já eram esperados pela pesquisadora, pois, no grupo dos itens com terminação em <-l>, as lexias com sufixação também inibiram a migração no sentido contrário: <-is> para <-s>. Nesse sentido, a autora conclui que no grupo de lexias com terminação em ditongo em <-u>, “... quando a palavra não tem sufixo, estabelece conexões menos coesas no léxico mental e, por isso, torna-se mais propensa a adotar o plural em -l” (Huback, 2007, p. 239).

Quanto ao número de sílabas, Huback (2007) constatou que a migração na pluralização no grupo com terminação no ditongo em <-u> foi favorecida pelas lexias polissílabas em 0.74 ao passo que as lexias monossílabas desfavoreceram o fenômeno em 0.25. No entanto Huback (2007) conclui sua análise sobre essa variável com a seguinte ressalva:

[...] os monossílabos são menos suscetíveis a migrações de plural, mas, *se sua frequência de ocorrência for baixa, é possível que tais itens também adotem plural em -l*, por causa da alta frequência de tipo desse paradigma [...]. Existe, portanto, *uma coerência nos resultados sobre número de sílabas para plurais em -l e ditongo em -u*: a classe de itens em -l é maior que a de ditongo em -u, no entanto, como vimos anteriormente, há mais monossílabos no grupo de ditongo em -u que no de -l. Por causa disso, os falantes, *quando têm de pluralizar uma palavra terminada em [w] (com -l ou -u ortográficos), tendem a adotar plural em -l para itens polissílabos e plural em ditongo em -u para palavras monossílabas* (Huback, 2007, p. 240, grifo próprio).

Além do favorecimento da frequência tipo como observado acima, a frequência de ocorrência mostrou-se relevante na observação da migração da pluralização <-s> para <-is> entre as lexias terminadas no ditongo em <-u>. O programa SPSS selecionou frequência de ocorrência como quarta variável relevante. Segundo Huback (2007), frequência alta desfavorece essa migração em 0.27 – com apenas cinco casos representativos: <européis>, <grais>, <judeis> (dois dados) e <pneis> – e aquelas com baixa frequência favorecem-na em 0.67. Assim, corrobora-se a proposição de que exemplares pouco frequentes na língua, como o grupo com terminação em ditongo em <-u>, e seus itens com baixa frequência de ocorrência tendem a migrar para outro feixe de exemplares mais produtivo na língua como o grupo com terminação em <-l> quando ocorre a representação mental da pluralização desses grupos.

Quanto às variáveis extralinguísticas, faixa etária jovem foi a variante que favoreceu a migração da pluralização <-s> para <-is>. Huback (2007) constatou que essa faixa etária favorece a migração em 0.77, enquanto, à medida que se eleva a faixa etária, proporcionalmente aumenta-se o desfavorecimento desse fenômeno: 0.42 para medianos e 0.28 para adultos. Nesse sentido, assim como o emprego do plural em <-ões> foi favorecido entre os jovens em

comparação a outras flexões do grupo em <-ão>, também o foi no emprego do plural em <-is> no grupo em ditongos em <-u>, logo essa inovação na pluralização desses dois grupos indicaria uma mudança em progresso como sinalizou a autora (cf. Huback, 2007, p. 218-242).

Como seria esperado pela autora, assim como o maior nível de escolaridade dos informantes inibiu a migração na pluralização em <-l>, no grupo dos ditongos em <-u> ocorreu o mesmo. A pluralização entre os informantes com ensino fundamental favoreceu a migração para <-is> neste grupo em 0.63 e foi desfavorecida em 0.36 entre aqueles que possuíam nível universitário. Huback (2007), portanto, ressalta o papel da escolarização frente à manutenção de estratégias de pluralização classificadas como variantes padrão nesses grupos (cf. Huback, 2007, p. 243).

Por fim, o programa SPSS selecionou a variável gênero como relevante no favorecimento da migração para <-is> no grupo dos ditongos em <-u>. Os resultados de Huback (2007) indicam o favorecimento desse fenômeno em 0.61 entre informantes do gênero masculino e seu desfavorecimento em 0.38 entre o gênero feminino. Retomando o que se postulou Chambers (1995), Huback (2007, p. 243) justifica esses resultados concluindo que “[...] apesar de o léxico mental dos falantes ser constantemente atualizado, as mulheres [...] são mais cuidadosas com a linguagem, tendem a evitar variantes não-padrão e demonstram ter mais consciência do prestígio que a fala possui” (Huback, 2007, p. 243)¹⁶³.

Antes da análise de seus dados sobre os ditongos decrescentes orais, Gomes e Manoel (2010) observam que tanto na frequência tipo quanto na frequência de ocorrência os dados no singular são expressivamente maiores em comparação com os plurais dos grupos morfológicos a que pertencem como revelam os dados obtidos pela consulta na base ASPA. Segundo o levantamento de Silva et al. (2005 apud Gomes; Manoel, 2010, p. 127) tais frequências seriam assim distribuídas:

¹⁶³ Além desses dados e respectivas análises sobre os grupos em <-ão>, <-l> e ditongos em <-u>, Huback (2007) também analisou a hesitação dos informantes ao apresentarem a pluralização de alguns itens pluralizados a partir do *Teste de Reação* (Ver seção 6.4 em Huback, 2007). Por questão de prioridade, as reflexões sobre os resultados desse teste não serão apresentadas nesta subseção embora sejam relevantes.

Tabela 9: Frequência de tipo e de ocorrência do plural de itens terminados em ditongo oral decrescente – base ASPA

<i>-IS VERSUS -S</i>	PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
singular em <-l>	1551	4.129.773
plural em <-is>	877	1.021.142
singular em <-u>	146	141.957
plural em <-us>	33	33.935

Fonte: Adaptação de Silva et al. (2005 apud Gomes; Manoel, 2010, p. 127).

Como observado na *Tabela 9*, o número de lexias com terminação em <-l> ocorridas apenas uma vez no *corpus* ASPA (frequência tipo) totaliza 64% (1.551/2.428) dos itens no singular e apenas 36% (877/2.428) no plural; no grupo de lexias com terminação em <-u>, o singular representa 82% (146/179) dos dados já o plural não ultrapassa os 18% (33/179). Quando se trata da frequência de ocorrência, no grupo com terminação em <-l>, as lexias no singular atingiram 80% (4.129.773/5.150.915) das ocorrências e apenas 20% (1.021.142/5.150.915) quando pluralizadas. Percentual similar ocorre com a frequência de ocorrência no grupo com terminação em <-u>: 81% (141.957/175.892) com itens no singular e 19% (33.935/175.892) no plural.

Assim sendo, pelos resultados da *Tabela 9*, pode-se inferir naturalmente que a representação mental dos itens no singular é mais robusta em ambos os grupos, mas sobretudo no grupo com terminação em <-u>, já que neste grupo tanto a frequência tipo quanto a frequência de ocorrência o percentual de itens no singular supera os 80% dos dados. A partir desses dados, entende-se que é justificável o acesso no léxico mental dos informantes dessa amostra a feixes de exemplares formados por itens no singular em ambos os grupos morfológico do que a feixes de exemplares no plural, o que justificaria a eventual ausência de marcação redundante em SNs envolvendo lexias de tais grupos.

Como já pontuado pelas autoras anteriormente, houve um grande índice de não marcação de plural nas palavras realizadas pelas crianças. Os percentuais já apresentados na subseção 3.1.2.1 a partir dos dados de Gomes e Manoel (2010) não ultrapassam os 53% de marcação

morfológica entre os grupos controlados (metafônico) e nos grupos de lexias com terminação em <-l> e <-u> não ultrapassaram, respectivamente, os 49% e 44% dos dados controlados. Assim sendo, fica evidente como a marcação no determinante apresentaria representação mental mais robusta do que as marcações redundantes no léxico dessas crianças.

Em Gomes e Manoel (2010), entre as variáveis investigadas frente à migração na pluralização dos ditongos decrescentes orais de <-s> para <-is> ou <-is> para <-s> no teste com palavras reais, foram selecionadas estatisticamente morfema esperado (<-s> ou <-is>) e faixa etária e não se revelaram significativas sexo e frequência de ocorrência. Segundo Gomes e Manoel (2010),

No grupo das crianças [...] Houve predominância de ocorrência de *-is* tanto para os itens com plural esperado em *-is* (85%), quanto para os itens com plural esperado *-s* (69%), o que significa que *nos dois grupos de palavras há alternância das marcas de plural com predominância de -is*. Em relação à faixa etária [...], as crianças mais novas, de 4 a 6 anos, tiveram índices de flexão baixos. *Quando flexionaram tenderam a usar a flexão regular quando o plural esperado era regular*, ao passo que as crianças mais velhas tenderam a usar a flexão *-is* [...]. *Entre os adultos foi observado um comportamento semelhante ao das crianças em relação aos itens terminados em ditongo oral decrescente e com competição de morfema -is e morfema regular. Houve predominância de -is para itens com plural irregular esperado (71%), mas também houve uma incidência significativa de realização de -is quando o plural esperado era o regular (48%)*. No entanto, quando se observa a realização do morfema em função da flexão esperada e grau de escolaridade [...] observa-se que *a predominância de -is para os itens com plural esperado -s ocorreu somente entre os adultos com ensino fundamental incompleto [...]*. *A frequência de ocorrência do item no plural foi relevante para o grupo de itens com plural esperado regular ($X^2 = 4.2517$, p-valor = 0.039) com predominância de -is nos itens menos frequentes (63%)* (Gomes; Manoel, 2010, p. 128-129, grifo próprio).

Como observado, evidencia-se que o léxico mental das crianças mais novas se baseia em informações probabilísticas sobre os usos de sua língua nativa de forma global uma vez que a pluralização mais produtiva no PB para as lexias de forma geral é a flexão em <-s>. Ademais, essa inferência estatística pelas crianças mais novas sobre os usos da língua já se evidencia pelo fato de a não marcação morfológica ser predominante até mesmo sobre a flexão em <-s> já que a ausência de lexias não flexionadas foi superior à flexão em <-s> e <-is> nesta amostra. Já entre as crianças mais velhas tomaram como referência a produtividade de forma específica, ou seja, a partir do grupo de lexias terminadas em ditongos decrescentes orais no PB, logo optaram majoritariamente pela flexão <-is>, o que demonstra que estes informantes apresentam representações mentais mais detalhadas sobre a pluralização de sua língua.

Já entre os adultos, o número de marcação em <-is> cai de 69% para 48% dos dados com pluralização esperada em <-s>. Esse número de migração de <-s> para <-is> não ultrapassa 24% entre aqueles com nível universitário, mas chega a totalizar 63% entre aqueles com ensino fundamental e ensino médio incompleto (cf. Gomes; Manoel, 2010, p. 129). Esses resultados indicam como as experiências de usos da língua também em contextos eruditos reforçariam as representações mentais daqueles informantes com maior nível de educação formal. Além disso, o resultado dessa migração obtido por Gomes e Manoel (2010) ocorreu predominantemente entre os itens com menor frequência de ocorrência, o que reforçaria o papel da repetição da pluralização em <-s> frente a sua representação mental. Sobre o teste com pseudopalavras, Gomes e Manoel (2010) concluíram que:

Com relação às pseudopalavras do teste, as crianças tenderam a não flexioná-las (126/360 – 35%), ao passo que a flexão foi quase categórica entre os adultos (117/120 – 98%). Para os itens pokau, kalau e baléu, tanto nas crianças quanto nos adultos, houve predominância da flexão -is, crianças – 60%, adultos 88%. Entre os adultos foi observado basicamente o mesmo comportamento nos dois grupos de escolaridade – universitários 87% e ensino fundamental incompleto 90% [...]. Os resultados observados para as crianças mostraram a importância da frequência de tipo estrutural nessa fase, já que houve a predominância, entre as crianças mais velhas, da flexão em -is, tipo mais frequente para os itens terminados em ditongos decrescentes orais [...] a tendência observada em crianças e adultos, com escolaridade mais baixa, de utilizar a flexão -is em itens com plural esperado -s mostra a importância da experiência de uso das formas em questão na manutenção de padrões em competição na gramática [...] (Gomes; Manoel, 2010, p. 130, grifo próprio).

Como pontuaram as autoras, a não flexão dos itens novamente foi significativa entre as crianças, mas, quando flexionadas, as pseudopalavras com terminação em ditongos decrescentes orais sofreram migração de <-s> para <-is> de forma predominante independentemente da faixa etária da amostra controlada e com pouca diferença entre os percentuais dos informantes com menor ou maior nível de escolaridade. No entanto as crianças mais velhas mais uma vez recorreram à frequência tipo de forma específica posto que essa migração foi ainda mais significativa em sua amostra bem como o maior nível de escolaridade entre crianças e adultos se mostrou imperativo na inibição dessa migração. Assim sendo, sobre o grupo de lexias com terminação em ditongos decrescentes orais, “os resultados para as pseudopalavras, tanto em crianças quanto em adultos, também indicam que não há uma regra *default*, do tipo ‘acrescente -s’, sendo aplicada toda vez que não existe uma forma irregular representada no léxico (Gomes; Manoel, 2010, p. 130).

Em trabalho similar, Gomes, Amaral e Prado (2018) estudam a pluralização de ditongos decrescentes orais com flexão em <-s> ou <-is> a partir da observação de dois testes – *teste de produção* com 16 palavras com plural esperado em <-s> e 19 com plural em <-is>¹⁶⁴ e *teste de pseudopalavras* com 56 estímulos – aplicados a 55 informantes com dois níveis de escolaridade. Dessa amostra, 26 informantes foram estudantes dos dois primeiros semestres do curso de Letras da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e 29 de um curso de EJA (Educação para Jovens e Adultos) de Niterói. Adotando como suporte a hipótese da representação em exemplares e do Modelo de Redes, observou-se o favorecimento da variável escolaridade, do plural esperado (<-s> ou <-is> para 35 palavras de baixa frequência de ocorrência no PB) e do comportamento do indivíduo conforme a natureza o teste aplicado.

Provavelmente pela diferença entre amostras, diferentemente dos resultados expressivos obtidos em Gomes e Manoel (2010), em Gomes, Amaral e Prado (2018) o número de não marcação de plural não foi tão significativo. Assim sendo, como naquele trabalho, neste também a não marcação ou marcação alternativa não foram o foco de análise. Dessa forma, nesta pesquisa, essas duas possibilidades foram agrupadas sob o rótulo de “*outras respostas*”. Conferir em Gomes, Amaral e Prado (2018):

Tabela 10: Pluralização do grupo de (pseudo)palavras com terminação em ditongos orais decrescentes

TESTES	PLURAIS EM -IS		PLURAIS EM -S		OUTRA RESPOSTA		TOTAL
	N.	%	N.	%	N.	%	
Palavras do PB	1.039	55	796	43	46	2	1.881
Pseudopalavras	676	36.8	1.074	58.5	87	4.7	1.750

Fonte: Adaptação de Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 497).

Os resultados gerais observados na *Tabela 10* indicam que a não marcação ou a marcação alternativa são inexpressivas nos dois testes aplicados, mas quando se trata de pseudopalavras,

¹⁶⁴ As 16 palavras com pluralização em <-s> têm terminação em <-au> (7): *bacalhaus, berimbaus, jiraus, maus, naus, paus, saraus*; em <-eu> (4): *camafeus, europeus, hebreus, plebeus*; em <-éu> (5): *céus, chapéus, mausoléus, troféus, véus* e 19 palavras com pluralização em <-is> têm terminação em <-al> (3): *enxovais, espirais, umbrais*; em <-el> (9): *afáveis, audíveis, cíveis, coquetéis, géis, granéis, méis, níqueis, plantéis* e em <-ol> (7): *aerossóis, anzóis, atóis, cachecóis, paióis, roxinóis e sóis*.

o número de ocorrência representa mais que o dobro dos dados de palavras que existem no PB. No primeiro teste com palavras reais, o plural em *-is* (55%) supera a pluralização em *-s* (43%), mas o inverso ocorre quando se trata do teste de pseudopalavras embora com proporções similares: 58.5% de pluralização em *-s* e 36.8% de pluralização em *-is* como mostram os primeiros resultados presentes na *Tabela 10*.

No primeiro teste com palavras reais, controlou-se as variáveis plural esperado e nível de escolaridade. Quanto àquela variável, o plural esperado foi predominante tanto no grupo com plural esperado em *-s* quanto em *-is* como sugere o *Gráfico 1* (cf. Gomes, Amaral e Prado, 2018, p. 497). Segundo Gomes, Amaral e Prado (2018):

No entanto, houve um percentual maior de plural irregular (35%) nos itens com plural esperado regular, do que de plural regular (23%) entre os itens com plural esperado irregular [...] *houve predomínio da forma -is entre os falantes com nível superior (62%) e distribuição equilibrada das duas formas de plural entre os falantes do EJA*. Esse resultado aponta para uma generalização do padrão *-is* somente entre os falantes com ensino superior (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 498).

No teste de pseudopalavras, Gomes, Amaral e Prado (2018) constataram resultado similar àquele obtido em relação ao favorecimento do padrão *-is* entre os mais escolarizados. Quando os autores observaram a relação escolaridade e a variável indivíduo, notou-se uma correlação positiva entre os resultados dos dois testes e os participantes do EJA já que em ambos os testes a pluralização em *-s* foi favorecida da mesma forma que há uma correlação positiva entre os índices de pluralização em *-is* e os informantes com nível universitário uma vez que os percentuais de pluralização *-is* foram maiores nos testes nesta parte da amostra. Segundo Gomes, Amaral e Prado (2018):

[...] os resultados apresentados por indivíduo para este grupo de escolaridade [EJA] mostram que a generalização do padrão *-is*, no teste de pseudopalavras, percentual acima de 50%, ocorreu em 7 de 16 indivíduos com predominância da forma *-is* no teste do PB. Foram observados percentuais muito baixos de *-is* no teste de pseudopalavras, abaixo de 10%, em 9 indivíduos com índice abaixo de 50% no teste do PB. Já em relação aos indivíduos com nível superior, a mesma tendência é observada, havendo apenas 2 indivíduos com percentual de *-is*, no teste de pseudopalavras, abaixo de 10% [...] (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 500).

Como observado, um número significativo de participantes do EJA que mais empregaram o plural em *-is* no teste com palavras reais também tiveram comportamento similar no teste com

pseudopalavras. O mesmo ocorreu entre os universitários já que a pluralização em *-is* em níveis muito baixos ocorreu apenas na resposta de dois informantes como observado pelos autores. Sobre essa grande variação entre os comportamentos linguísticos dos informantes, Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 502) concluem que, “[...] embora utilizem os mesmos mecanismos de inferência e atribuição de padrões estruturais, fazem inferências em direcionalidades diferentes muito provavelmente em função da experiência diferenciada com a língua” (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 502). Segundo esses autores, a escolaridade seria apenas um dos aspectos que influenciariam as experiências de usos da língua por parte do indivíduo frente à pluralização de palavras reais ou inventadas com o mesmo padrão estrutural. Sobre a não marcação de plural e marcação em *-is*, Amaral e Gomes (2020)¹⁶⁵ concluem que:

[...] se um indivíduo não apresenta marcação de plural na fala, a representação dele em palavras terminadas em ditongo oral decrescente *não será robusta no léxico*, assim, *as inferências do falante no uso do plural neste tipo de ditongo serão a partir do tipo de plural mais frequente em seu léxico* (Amaral; Gomes, 2020, p. 358, grifo próprio).

Assim, o expressivo índice de não marcação de plural nas palavras realizadas pelas crianças mais novas relatados em Gomes e Manoel (2010) em todos os grupos morfológicos controlados, inclusive o grupo de lexias com terminação em ditongo oral decrescente com plural em *-s* ou *-is* bem como o uso categórico da marcação padrão para a pluralização do grupo em *-l* e quase categórica nos grupos em *-ão* e regulares de forma geral em dados de fala culta observados por Campos e Rodrigues (2002) se justificaria como pontuado por Amaral e Gomes (2020) se se levar em consideração que provavelmente aquelas crianças, por serem mais novas, ainda não tiveram experiências de usos do PB envolvendo as pluralizações padrão o suficiente para tornarem suas representações lexicais robustas em suas mentes ao passo que a maior repetição de itens no singular em seu cotidiano influenciaria consequentemente o uso expressivo de construções não redundantes.

O contrário da ausência da pluralização morfológica eventualmente ocorreria com informantes de área urbana, com nível universitário num período em que o ingresso num curso superior se restringia a uma minoria da sociedade brasileira (amostra NURC) como observado em Campos e Rodrigues (2002). Assim sendo, o espaço familiar, social e/ou de trabalho e

¹⁶⁵ Os resultados trazidos em Amaral e Gomes (2020) não foram resenhados, pois a amostra analisada pelos autores parece ser a mesma controlada em Gomes, Amaral e Prado (2018) e aquela análise se assemelha a um recorte atualizado da análise realizada por estes autores.

sobretudo o universitário da primeira metade do século XX exigiriam desses informantes o emprego de uma linguagem mais monitorada do que aqueles a que pertenciam a classes sociais menos favorecidas, logo tais comportamentos linguísticos reforçariam as representações de pluralização culta ou padrão no léxico mental dessa amostra inibindo eventualmente construções não redundantes em situações de fala monitoradas.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Partindo do princípio de que há uma oscilação na escolha de que morfema se deve utilizar para sinalizar o plural no PB e de que existe o uso parcial ou a ausência dessa marcação pelos falantes em contextos linguísticos, espaciais e sociais variados, surgiu a necessidade de compreender-se o plural do PB, mais especificamente do português baiano (PBA), a partir da interface entre os níveis elementares da língua: morfologia, fonologia, fonética e sintaxe, através de uma análise com base na Dialetoлогия Vertical ou Pluridimensional em diálogo com a Teoria de Exemplares¹⁶⁶.

Ao pensar a problemática deste estudo, observou-se que quase sempre as pesquisas em torno do tema em questão analisam a realização de plural apenas em um nível gramatical, sobretudo no nível morfossintático, mas no PB ou no PBA, qual seria o grau de favorecimento de cada nível gramatical frente à marca de plural? Os traços suprasegmentais (acento aberto, por exemplo) não seriam tão robustos na memória do falante como morfema de plural em palavras como “olhos” (questão 20 do questionário morfossintático do *Projeto ALiB*), na oposição [o] não padrão e [ɔ] padrão? Haveria uma tendência de o baiano marcar o plural de forma mais favorável com padrões como *-s* e *-ões* por exemplo, em contextos linguísticos e sociais específicos? Contrariando a ideia de que através de estudos envolvendo níveis lexicais e fonéticos seria mais fácil a demarcação de linhas dialetais (isoglossas), a partir do nível morfossintático, poder-se-ia distinguir variantes de plural mais comuns ao interior do que no perímetro litorâneo do Estado da Bahia? Esses seriam questionamentos basilares que norteariam a tese.

Dessa forma, ao fazer uso de questionários do *Projeto ALiB* e do *QPP*¹⁶⁷, busca-se avaliar o nível de favorecimento de variáveis tradicionais da Sociolinguística de primeira onda (sexo, faixa etária, escolaridade etc.) bem como se questiona em quais estilos de fala (mais monitorado ou menos monitorado, conforme os trechos das entrevistas selecionados) o uso do plural standard seria mais comum. Essas são inquietações complementares à análise diatópica e cognitiva dos dados analisados. Ademais, além do olhar do pesquisador, faz-se muito importante ouvir o falante na construção do saber científico. Deduções são inferências de um

¹⁶⁶ *Dialetoлогия Vertical* ou *Dialetoлогия Pluridimensional* são termos equivalentes. Nesta tese, preferiu-se o uso da segunda denominação, mais bem descrita na Subseção 3.1.

¹⁶⁷ O questionário do *Projeto ALiB* está disponível em: <https://alib.ufba.br/content/2003>. O *QPP* está no apêndice desta pesquisa.

pesquisador, logo se faz necessário saber o que, de fato, pensam as pessoas leigas em estudos sobre a língua e sobre como elas avaliam seus comportamentos linguísticos. Assim, ao aplicar um questionário de percepção e atitude, questiona-se se o informante tem previamente saberes tradicionais sobre o uso do plural standard do PB (ver *Parte 4 do Apêndice*), se ele avalia determinados morfemas como constitutivos de uma norma local ou nacional, comuns a determinadas comunidades ou ainda os associam a um perfil social, cultural ou econômico de um indivíduo. No entanto, nesta pesquisa, este trecho do questionário não será objeto de estudo desta tese.

Pelo exposto, questiona-se, sobretudo, qual a relação entre: i) o *plural prescritivo* (sugerido ou imposto pelos manuais de gramática, ortografias e dicionários); ii) *plural real* (utilizado pelos falantes baianos); e o *plural ideal* (aquele que seria fruto da avaliação das pessoas que, de fato, compartilham a língua em situações reais de fala). Que fosso se abre entre o *saber escolar* e o *saber científico* no que tange à prescrição e ao uso real do plural no PBA? Até que ponto o difícil acesso a itens no plural presentes léxico mental das pessoas comuns não seriam um indicador de que a noção de pluralidade do PBA e até do PB deveria ser revista? Todas essas e outras eventuais inquietações nortearam esta investigação.

Na busca pela compreensão deste e outros questionamentos, o *método hipotético-dedutivo* foi de fundamental importância nesta pesquisa visto que outros, como *dedutivo* ou *indutivo*, por exemplo, trabalham com generalizações aparentemente inquestionáveis, aquele a partir de um princípio geral para explicar fenômenos particulares, este, em sentido contrário, parte de aspectos particulares das coisas para chegar-se a princípios universais. Não importa se no começo ou no final, em ambos os métodos, pressupõe-se a concepção de princípios ou leis inquestionáveis. O *método hipotético-dedutivo*, proposto por Popper (1974 [1934]), vai de encontro a essas verdades inquestionáveis. Para ele, nenhuma pesquisa chega à sua conclusão, ou melhor, nenhuma conclusão é definitiva.

Eu vejo o conservadorismo como um sistema auto-suficiente e defensável [...]. Enquanto da ciência não peço qualquer certeza final, (e, conseqüentemente, não chego a ela), o convencionalista procura na Ciência “um sistema de conhecimento alicerçado em bases definitivas”, para usar a frase de Dingler (Popper, 1974 [1934], p. 84).

Comungando dessa mesma concepção de ciência, para esta pesquisa, apresentam-se hipóteses comuns ou não ao modelo quantitativo variacionista (Labov, 1972) ou Teoria de Exemplares (Bybee, 2001; Pierrehumbert, 2001) com base em variáveis sociais, linguística e

usos da língua geograficamente contextualizados. Se algumas delas foram comprovadas a princípio, seu questionamento é válido por pesquisas futuras deste ou de outros pesquisadores. Outros olhares podem ser lançados sobre a amostra da pesquisa a partir de um novo modelo de investigação. Popper (1974) critica a indução porque a observação do particular para o generalizado não chegaria ao infinito das constatações. Para ele, a investigação parte de um problema provisório (P1), que mesmo depois de analisado, surgem outros desdobramentos, e, conseqüentemente, novos problemas. Assim, ele propõe o seguinte esquema de investigação:

<i>P1</i>	<i>TT</i>	<i>EE</i>	<i>P2</i>
problema	teoria tentativa ou	Eliminação do	Novo problema
provisório	solução provisória	erro, dando origem	
		a um novo	
		problema	

As extremidades de seu esquema mostram que a pesquisa nunca está acabada, configura-se de forma cíclica, logo, sempre passível de reformulações. Nesta concepção de investigação do *método hipotético-dedutivo*, a pesquisa é espaço para a tentativa e erro. A solução provisória (TT) com base em uma determinada teoria e/ou modelo deve ser suscetível a testes, ou, como propõe Popper (Ibidem), ao *falseamento*. Assim, esta pesquisa passou pelos três momentos comuns ao *método hipotético-dedutivo*, a saber:

i) *identificação do problema*: surgiu de inquietações do pesquisador a respeito do resultado de pesquisas realizadas anteriormente a partir de amostra e metodologia diferentes da que foi aplicada nesta investigação;

ii) *conjecturas*: as soluções eventualmente propostas com base em novas teorias durante ou no final da pesquisa estarão passíveis de serem testadas;

iii) *teste de falseamento*: serão testados e eventualmente revistos os seguintes contextos de falseamento: tipo e grupo de lexia, desinência empregada, localidade, escolaridade, sexo e faixa etária etc. Conforme a seleção do programa estatístico, alguns desses contextos serão reanalisados ou não levados em consideração depois de testados.

Tudo isso mostra a urgência de substituir uma hipótese falseada por outra melhor. Na maioria dos casos, antes de falsear uma hipótese, dispomos de outra, pois o experimento falseador é, normalmente, um *experimento crucial*, destinado a decidir entre as duas (Popper, 1974 [1934], p. 92, grifo do autor).

Pelo exposto, a escolha desse método surge da concepção do pesquisador de que esta investigação será mais uma contribuição aberta a novos olhares, inclusive suscetível à autocrítica de quem a conduziu, pois toda teoria que não pode ser questionada não produz conhecimento, mas dogmas.

Para a análise dos dados será empregada a abordagem quantitativa, a partir da comparação de categorias discretas ou mesmo de contínuas, mais bem descrita na subseção 4.4. Por fazer uso da análise de oposições e semelhanças de variáveis tradicionalmente classificadas como dependentes e independentes, a pesquisa fez uso também do *método comparativo*. Como observou Gil (2008), “[...] sua ampla utilização [do método comparativo] nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo” (Gil, 2008, p. 16-17). Por tudo exposto, tanto o *método hipotético-dedutivo* quanto o *método comparativo* são basilares em investigações nos campos da Dialetoлогия, da Sociolinguística e Teoria de Exemplos, inicialmente descritas nas próximas seções.

4.1 A DIALETOLOGIA

Em obras de língua portuguesa desde o manual de gramática de Oliveira (1936) já se reconhecia a variação linguística, entre elas, a variação diatópica. Na primeira metade do século XIX, várias referências trataram da temática, mas ainda de forma dispersa e/ou assistemática¹⁶⁸. No entanto, apenas no final desse século, essa variação passou a ser estudada de forma sistemática e intercomparável na França com a idealização e publicação do *Atlas linguistique de la France (Atlas Linguístico da França)* por Gilliéron e Edmont (1902-1910). Desde então, atlas linguísticos regionais, de países e até de continentes foram publicados e, conseqüentemente, propuseram maior visibilidade e compreensão do objeto de estudo da Dialetoлогия. Segundo Cardoso (2016),

Define-se [a Dialetoлогия] como o ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando-se a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados [...] Os objetivos da Dialetoлогия visam: (i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista

¹⁶⁸ Sobre as fases da Dialetoлогия portuguesa, ler Cardoso (2010, p. 109-131).

social, as ocorrências registradas e; (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas (Cardoso, 2016, p. 13).

Nesse sentido, o espaço geográfico é apenas o ponto de partida por excelência para qualquer estudo dialetológico, mas, como todo homem é fruto também da poeira de seu tempo e da sociedade que lhe acolheu, seu falar seria forjado essencialmente por essa tripla ação: espaço, tempo e sociedade. Assim sendo, da interação desses fatores, os dialetos se formariam e se distinguiriam, de modo que os dialetos seriam, por primazia, o objeto de estudo da Dialectologia. Sobre a conceituação de dialeto, Chambers e Trudgill (1994) descartam três possibilidades comuns:

- i) língua não *substandard*, de pouco prestígio social;
- ii) língua que não tenha tradição escrita, sobretudo aquelas faladas em comunidades isoladas e/ou de difícil acesso;
- iii) comportamento linguístico de algumas classes que foge à prescrição da norma padrão de uma língua.

Já Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) definem dialeto como um “subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua”, mas ampliam essa definição quando repensam o termo *dialeto* para além da noção diatópica. Segundo as autoras, se “há isoglossas diatópicas, diastráticas e diafásicas, poder-se-á concluir que a denominação de *dialeto* não é só pertinente às variações diatópicas, logo há dialetos sociais e, por analogia, dialetos estilísticos” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 16). Essa perspectiva é fundamental para a concepção de Dialectologia vertical, em oposição à Dialectologia horizontal (tradicional, apenas de natureza diatópica).

Deve-se também compreender a noção de dialeto e de língua não como categorias discretas. Pensando dessa forma, Chambers e Trudgill (1994) propõem pensar em contínuos dialetais, assim como Ferreira e Cardoso (1994), numa perspectiva vertical. Para eles, “os contínuos dialetais também podem ser sociais em vez de ser geográficos” (Chambers; Trudgill, 1994, p. 25). Sobre o contínuo geoleto, os autores, na mesma obra, esclarecem que as diferenças linguísticas são acumulativas à medida que se afasta do ponto inicial, sendo menos inteligíveis conforme o falante se distancie de sua comunidade linguística.

A partir de sua definição de dialeto, Coseriu (1982) assim distribui os objetos de estudo da: i) Dialectologia (“unidades sintópicas e, sobretudo, a diversidade diatópica”); ii) Sociolinguística (“unidade sinstrática e a diversidade diastrática”); e iii) Estilística (“unidade sinfásica e diversidade diafásica”) (Coseriu, 1982 apud Ferreira; Cardoso, 1994, p. 17). Como crítica a essa divisão estanque, Blanch (1978 apud Ferreira; Cardoso, 1994, p. 17) adverte:

[O fato de a Dialectologia] haver dedicado o melhor de seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fator definidor, mas como circunstância transitória [...]. Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como vertical (Blanch, 1978 apud Ferreira; Cardoso, 1994, p. 17).

Para o autor, portanto, poderia falar-se em dialetologia rural e dialetologia urbana. Rossi (1967, p. 92) também comunga dessa ideia, assim como muitos autores: “não devemos levar nossa finalidade às origens da Dialectologia Românica ao exagero de só nos ocuparmos das falas populares, das camadas incultas [...] dando destaque não apenas às isoglossas ‘horizontais’”. Embora essas observações tenham sido apresentadas no século XX, desde a sua origem, a Dialectologia já controla variáveis verticais, mas só a partir do advento da Sociolinguística na década de 1960 é que a Dialectologia ampliou sua abordagem frente à elaboração de atlas mais detalhados e buscou uma análise também vertical dos dialetos.

Desde que surgiu até o século XXI, a Dialectologia contou com muitos métodos/abordagens. Inicialmente, os estudos eram sem sistematização, contando apenas com observações *in loco*, concomitantemente com a aplicação de questionários por correspondência. Antes da realização dos primeiros atlas, surgem os primeiros estudos monográficos – cuja abordagem levava em consideração a análise de apenas uma comunidade. Com o advento dos primeiros atlas linguísticos (monodimensionais, pois tratavam apenas da dimensão espacial), um novo método surge: a geografia linguística, atualmente chamada de geolinguística, que deu significativa contribuição à Linguística Geral, mas, sobretudo, à Dialectologia.

A geolinguística não é o único método da Dialectologia, mas, sem sombra de dúvidas, é o método mais usado há quase dois séculos pelos dialetólogos (Cardoso, 2010). Talvez isto se deva ao fato de ser considerado seu método mais sistemático, visto que, na escolha das localidades para a formação da rede de pontos e dos informantes bem como na elaboração dos questionários, são usados critérios rigorosos. Ademais cada pergunta formulada deve levar em consideração a natureza contextual da Dialectologia, ou seja, nenhum fenômeno lexical, fonético, fonológico, morfossintático ou prosódico tem motivo de ser investigado senão em oposição/contraste a uma ou várias variantes, mesmo que essa oposição seja marcada pela ausência de elemento linguístico correspondente, conforme advertiu Rossi (1967).

É importante salientar que os estudos dialetológicos se firmam no tripé: rede de pontos, informante e questionário (Cardoso, 2010). Sobre a escolha de determinada área, observam-se características espaciais e linguísticas da amostra. Segundo Ferreira e Cardoso (1994):

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 24).

A malha da rede de pontos traçada pelo método geolinguístico pode cobrir áreas conforme a natureza do atlas e/ou estudo a ser desenvolvido: local, regional, nacional, continental e de famílias de línguas com já mencionado. Para a escolha do informante, faz-se necessário observar questões como: “número ideal a ser inquerido: a identificação – naturalidade, vinculação familiar, inserção social, características sociais –, a idade, o gênero/sexo, a escolaridade” (Cardoso, 2010, p. 91). Aspectos físicos também devem ser levados em consideração, entre outros, se o falante apresenta algum problema fonoarticulatório, na integridade do aparelho fonador e o tipo de reflexo que acarreta a sua elocução, conforme destaca Cardoso (2010). Vale ressaltar que, com o crescente interesse pela Dialectologia vertical, caiu o interesse pelo perfil de informante HARAS – homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário, como traduziu Zágari (1998 apud Mota; Cardoso, 2006) ou, nas palavras de Chambers e Trudgill (1994): NORMs (*nonmobile, older, rural, males*).

Quanto à natureza, à elaboração e à aplicação do questionário, o pesquisador deve levar em consideração a natureza do fenômeno a ser estudado e a cultura local em que o informante está inserido para, de fato, formular o questionário, buscando sempre “a homogeneização na escolha das informações” (Cardoso, 2010, p. 96). Além do mais, esse conhecimento etnográfico orientará o pesquisador sobre a exequibilidade de questões *onomasiológicas* (quando se busca o conjunto de formar a partir do conceito, ou da utilização do método *coisa-palavra*) e/ou *semasiológicas* (quando se busca diferentes conceitos para uma única forma). Para Cardoso (2010), deve-se dar importância especial também para o tipo de registro das informações, preparação do inquiridor, para a ficha de controle do informante, catalogação e arquivamento do material.

Por levar em consideração todas essas condições, nesta pesquisa, fez-se uso da geografia linguística como método norteador dessa investigação. Junto a este método da Dialectologia, buscou-se o apoio da metodologia da Sociolinguística tradicional com o apoio da Fonologia de Uso uma vez que esta perspectiva teoria entende que a experiência é de fundamental importância para a organização do conhecimento linguístico. Como esta proposta teoria

concebe que esse conhecimento seria organizado com base nas probabilidades de usos da língua, entende-se que parte daí o diálogo com a Sociolinguística Quantitativa descrita na subseção seguinte. Uma vez que a Fonologia de Uso tem como modelo representacional a Teoria de Exemplos, na subseção 4.3, descrever-se-á como as representações mentais do conhecimento linguístico podem ser visualizadas a partir de feixes de exemplares. Assim sendo, a partir do diálogo desses três campos do conhecimento linguístico, propõem-se uma abordagem Geossociolinguística Cognitiva das pluralizações metafônicas, com terminação em -ão e em ditongos com terminação grafemáticas em <u> ou <l>.

4.2 A SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA

Mesmo com o surgimento da Linguística com a publicação dos ensinamentos de Saussure (1916), via de regra, as obras cuja temática seria a língua ainda propunham a concepção de língua como um sistema homogêneo muito embora até mesmo obras normativas como a gramática de Oliveira (1536)¹⁶⁹ já sinalizassem a existência da variação diatópica (espacial), diastrática (social), diafásica (situacional) e diageracional (entre gerações) em terras lusitanas. O próprio Saussure (1916) observou que

[...] o fenômeno lingüístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra [...]. *A linguagem tem um lado individual e um lado social*, sendo impossível conceber um sem o outro (Saussure, 2000, p. 16 [1916], grifo próprio).

Embora desde a origem da Linguística como ciência, o fenômeno linguístico fora tratado a partir de uma perspectiva homogênea e individual, Saussure (1916), como observado, não negou seu caráter social e heterogêneo, só não lhe interessava como objeto de estudo. Dessa forma, as publicações normativas e/ou linguísticas desde então normalmente concentraram suas atenções numa perspectiva homogênea de língua sobretudo com o surgimento dos estudos gerativos. Para esse modelo, a competência linguística do falante-ouvinte real não lhe interessava, mas sim o falante-ouvinte ideal cuja comunidade linguística seria homogênea como defendeu Chomsky (1965).

No entanto, na contramão dessa postura normativa e gerativista, já havia obras que consideravam a variação linguística como legítima e analisável de forma sistemática já no início

¹⁶⁹ Consultar fólhos 58, 59 equivalentes ao capítulo XXXVIII da obra de Oliveira (1536).

do século XX no campo da Dialetoleologia como já mencionado. Assim, na década de 1960, a Sociolinguística cumpriria o papel de ampliar o alcance de análise da variação e mudança linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36 [1968]),

O domínio de um falante nativo [...] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com “mero” desempenho, mas é parte da competência lingüística monolíngüe. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), *a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional* (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 36 [1968], grifo próprio).

Para esses autores, a variação seria a condição *sine qua non* para que uma língua se mantivesse viva e empregada de forma dinâmica a depender de seus contextos de uso, posto que o emprego de uma suposta língua homogênea a tornaria disfuncional à medida que não atenderia a situações de interações com variados níveis de monitoramento e/ou estilos por exemplo. Nesse sentido, a fala (vernáculo) numa perspectiva social ganharia mais atenção dos linguistas como o objeto de estudo em suas pesquisas muito embora desde então já se questionava a própria definição do campo de investigação nesta perspectiva que reafirmava o papel da sociedade frente aos variados comportamentos linguísticos. Para Labov (2008 [1972]), o principal expoente da Sociolinguística,

POR VÁRIOS ANOS, resisti ao termo *sociolingüística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática lingüística bem-sucedida que não é social [...]. Apesar de um considerável volume de atividades sociolingüística, uma lingüística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960 [...]. Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na lingüística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como é usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (Labov, 2008 [1972], p. 13)¹⁷⁰.

Embora se revelasse redundante, a cunhagem do termo Sociolinguística foi importante àquela altura visto que outros modelos teóricos negariam ou minimizariam a relação entre língua e sociedade no intuito de compreender-se os fenômenos linguísticos. No entanto outros campos já tratariam dessa relação como a Sociologia da Linguagem, mas, como pontuou Chambers (1995), o que diferenciaria a Sociolinguística da Sociologia da Linguagem não seria o estudo da relação entre língua(gem) e sociedade, pois ambas se debruçariam sobre tal questão,

¹⁷⁰ Tradução de responsabilidade de Marcos Bagno, Maria Marta Pareira Scherre e Caroline R. Cardoso.

mas sim seus fins: enquanto esta tem como objeto a compreensão da estrutura da sociedade a partir dessa relação, aquela objetiva a compreensão da estrutura da língua(gem).

A partir do modelo teórico-metodológico proposto pela Sociolinguística, poder-se-ia estudar sistematicamente a variação e mudança nas línguas, logo a heterogeneidade seria o ponto de partida para a compreensão dos fenômenos linguísticos e não um obstáculo para tal empreitada, pois “[...] muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico *ou* sincrônico – como um objeto constituído de *heterogeneidade ordenada*” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 35 [1968], grifo próprio)¹⁷¹. Reforçando este princípio postulado pelos autores supracitados, Mollica (2008) observa que

A variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais (Mollica, 2008, p. 28).

Assim sendo, entende-se que a variação linguística poderia ser observada de forma sistemática a ponto de tornar-se possível a mensuração de estágios e direcionalidade do emprego de determinadas variantes linguísticas. Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos partiriam do princípio de que toda mudança seria decorrente de estágios diferentes da variação linguística e que tais estágios poderiam ser caracterizados a partir de análises probabilísticas como atualmente se faz com a análise estatística computacional por meio da plataforma R (R Core Team, 2018)¹⁷², o que permite chegar a generalizações eventualmente questionáveis se a variação linguística de determinado fenômeno fosse observada a partir da comparação de dados de forma individualizada. No entanto, nos primeiros trabalhos sociolinguísticos, faz-se bastante uso do programa estatístico denominado Varbrul para o processamento de dados. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 100), “o método Varbrul é justamente um desses métodos de análise multivariada. O modelo incorpora a ideia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes, tanto linguísticas quanto sociais”. Assim, independentemente de qual programa estatístico seja empregado, normalmente quando pensa a concepção de Sociolinguística Quantitativa, entende-se que o processamento dos dados

¹⁷¹ Tradução de responsabilidade de Marcos Bagno.

¹⁷² Para detalhamento do emprego desse programa, conferir subseção 4.4.4 *Tratamento das variáveis predictoras*.

busca uma análise multivariada em que variáveis distintas favorecem também de formas diferentes o fenômeno linguístico estudado.

Embora sejam variados os métodos comuns à Sociolinguística, merece destaque aquele cujo processamento dos dados levaria em consideração as probabilidades de usos da língua: o método quantitativo, método variacionista ou também chamado de método laboviano (em homenagem William Labov, que junto a outros estudiosos, adaptaram técnicas e/ou métodos já conhecidos da Sociologia como aqueles envolvendo “probabilidade” e “não probabilidade” (Fernández, 1990, p. 81). Com tal metodologia, passou-se a conceber e analisar a variação linguística de forma sistemática/ordenada e não como um fenômeno aleatório e caótico.

Pelo exposto até então, entende-se que a variação linguística seria funcional a ponto de atender às diversas situações de interação verbal sem se tornar inteligível entre os membros de uma mesma comunidade de fala. Ademais, essa variação cumpriria a função de aproximar ou distanciar indivíduos a partir de sua identidade linguística, logo foi necessário compreender o papel de uma comunidade de fala ou comunidade linguística a partir de uma abordagem sociolinguística. Segundo Paiva (2008),

As variedades linguísticas estigmatizadas pela *comunidade de fala* possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. *Se um indivíduo integrar um grupo, deve partilhar, além de suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.* Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um status particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral (Paiva, 2008, p. 40, grifo próprio).

Como observado, a autora resume didaticamente o conceito de comunidade de fala a partir dos postulados da Sociolinguística muito embora a definição de seus limites não seja uma tarefa tão simples quando se propõe um estudo variacionista. Nem sempre um os limites geográficos de um país, estado ou mesmo município são imperativos para tal definição. Ademais, embora a noção de comunidade de fala parta do princípio de que seus membros compartilhem atividades, valores e características linguísticas, a heterogeneidade é perceptível entre os subgrupos que a compõe conforme os contextos internos e externos de usos da língua, logo variáveis independente/previsoras internas (contexto sintático, contexto morfológico etc.) e externas à língua (nível de escolaridade, sexo, idade entre outras) estabeleceriam correlação

com uma eventual variável dependente/¹⁷³ variável resposta em estudo (a exemplo das pluralizações: *os olho, os [o]olhos, os [ɔ]olhos; os cidadão, os cidadãos, os cidadães, os cidadões; os chapéu, os chapéus, os chapéis, os pincel, os pincéis e os pincéus*), portanto, numa mesma comunidade de fala, a variação linguística seria compreensível se estratificada a partir de variáveis estruturais e sociais.

Como observado, a metodologia da Sociolinguística Quantitativa, assim como da Dialetoлогия, segue critérios rigorosos que tornariam seus dados intercomparáveis independentemente de a abordagem ser sincrônica ou diacrônica. Segundo Hudson (1991), a metodologia da Sociolinguística Quantitativa seguiria esta sequência:

- A. seleção dos falantes, circunstância e suas variáveis linguísticas;
- B. coleta de textos;
- C. identificação das variáveis linguísticas e suas variantes nos textos;
- D. processamento das formas;
- E. interpretação dos resultados (Hudson, 1991, p. 144).

Dessa forma, o trabalho sociolinguístico quantitativo¹⁷⁴ se inicia com a escolha de um envelope de variantes que compõe uma variável resposta como objeto de estudo. Também, neste momento, levantam-se as hipóteses de natureza linguística e/ou sociais que eventualmente favoreçam determinada(s) variante(s) controlada(s) na pesquisa bem como já se faz necessário a seleção de uma comunidade linguística e dos respectivos informantes em número representativo visto que a metodologia quantitativa revela resultados e/ou análises confiáveis quando o número de dados e sua distribuição por variáveis ocorre de forma equilibrada.

Ademais os informantes devem apresentar características que correspondam, de fato, às variáveis sociais requeridas na pesquisa. Nesse sentido, por exemplo, para o informante ser considerado membro de uma comunidade de fala, ele só poderia ter se distanciado dessa comunidade por tempo inferior a um terço de sua vida e tal período não deve corresponder aos

¹⁷³ Sobre o tradicional emprego da terminologia *variável dependente* e *variável independente*, Guy e Zilles (2007, p. 74-5, grifo dos autores) observam que “[...] aplicando a terminologia usada em estatística para tal distinção, a escolha [...] [de um fenômeno linguístico] é chamada de *variável dependente*, enquanto a classe social do falante é chamada de *variável independente*. Tal terminologia implica uma dependência ou mesmo uma relação casual entre as duas dimensões”.

¹⁷⁴ Nesta seção, apresentou-se apenas uma das perspectivas da Sociolinguística, ou seja, a Sociolinguística Tradicional (quantitativa), descrita como *first wave of variation studies* (primeira onda de estudos de variação) por Eckert (2012, p. 88), pois esta é a abordagem empregada como base de processamento dos dados e análise desta tese juntamente com o suporte da Dialetoлогия e Teoria de Exemplares. Sobre a segunda e terceira onda da Sociolinguística, ler o texto da autora. Atualmente, a Sociolinguística mantém estreito contato com outros campos de atuação, dando origem ao Sociofuncionalismo, Sociolinguística Cognitiva, Sociolinguística Paramétrica entre outros (cf. Mollica; Ferrarezi Júnior, 2016).

primeiros e últimos anos de vida desse informante, pois, do contrário, o comportamento linguístico desse informante poderia se distanciar daquele empregado da pela comunidade em estudo. Ainda nesta etapa, é importante a idealização da entrevista ou do questionário com vistas a atender às necessidades teórico-metodológicas da pesquisa. Neste sentido, é importante distinguir dados de produção de dados de percepção:

Como o próprio nome indica, no *teste de percepção* você solicitará a seu informante que se manifeste em relação à aceitabilidade ou não de certas variantes [por exemplo: *os degrau ~ os degraus ~ os degrais?*] [...]. O *teste de produção* consiste em mecanismos que levem o informante a construir a variável. Na tentativa de produção da variável ele optará por uma ou outra variante (Tarallo, 2007, p. 55-56, grifo próprio).

Dessa forma, enquanto a *Parte 1* e *Parte 3* do questionário (no *Apêndice A*) aplicado nesta pesquisa têm como objetivo a obtenção de dados produzidos pelos informantes, a *Parte 2* e *Parte 4* visam à avaliação dos informantes sobre determinadas variantes. Sobretudo naquela seção do questionário, ao ouvir cada frase, o informante sinalizaria eventuais alterações na escrita dos trechos lidos. Ao sugerir alterações ou não, o informante o faz a partir de sua percepção dos usos que faz da língua ou que julga aceitável. Normalmente, essas eventuais sugestões são decorrentes dos valores sociais atribuídos a tais variantes linguísticas. No entanto, em decorrência das limitações metodológicas, nesta pesquisa apenas os testes de produção foram analisados.

A coleta de textos por meio de gravação ocorre na área de linguística desde a década de 1930 segundo Tarallo (2007), mas outros recursos podem ser utilizados nas pesquisas linguísticas. Na Sociolinguística, em especial, registros orais ou escritos de variados gêneros textuais podem ser empregados como fonte de pesquisa conforme os objetivos da pesquisa ou limitação de recursos dessa natureza. Tradicionalmente, as gravações ganharam maior visibilidade na metodologia da Sociolinguística Quantitativa uma vez que a fala passaria ser o objeto de estudo dessa área como já mencionado, no entanto alguns cuidados devem ser levados em consideração para que os dados se aproximem da fala espontânea do informante. Dessa forma, como se procedeu nesta pesquisa, quando se realizou a coleta de dados, buscou-se um líder comunitário da localidade visitada ou pessoas de confiança do informante para que o contato se estabelecesse de forma mais confiável. Ademais, é imperativo neste tipo de coleta de dados desviar a atenção do informante do objetivo da pesquisa. Assim, é importante proporcionar momentos em que o informante desenvolva narrativas pessoais, pois, por meio

deste recurso, é possível a obtenção de registros mais próximos do vernáculo uma vez que, ao se emocionarem, o monitoramento linguístico eventualmente se torna menos evidente na fala do informante visto que a temática da narrativa passa a desempenhar papel primário na aplicação da entrevista ou questionário em detrimento da atenção sobre o emprego da língua.

Cabe observar que antes da coleta dos dados, faz-se importante a aplicação do teste piloto, ou seja, a entrevista ou questionário são aplicados com informantes apenas como o intuito de identificar possíveis limitações da metodologia aplicada. Assim, antes da aplicação do questionário (*Apêndice A*), outras versões foram aprimoradas à medida que foram aplicadas como vários informantes. Dessa forma, por exemplo, quando imagens não estavam sendo identificadas com facilidades pelos informantes na aplicação do teste piloto, outras as substituiriam. Só depois de tomados tais cuidados, aplicou-se o questionário.

A terceira etapa da pesquisa da Sociolinguística Quantitativa diz respeito à identificação das variáveis linguísticas e suas variantes nos textos após a devida transcrição dos registros orais ou escritos. Embora aparentemente tal empreitada possa parecer fácil, classificar um dado como pertencente a um envelope de uma mesma variável resposta em estudo se revela uma tarefa trabalhosa sobretudo quando se trata de fenômenos sintáticos a exemplo da classificação de algumas orações relativas ou de fenômenos fonológicos. Neste caso, às vezes, apenas como recursos da Fonética Acústica é possível distinguir variantes fonéticas aparentemente idênticas. Nesse sentido, a classificação de alguns dados como uma variante linguística de forma indevida poderia enviesar os resultados a serem analisados.

O processamento dos dados se mostra como uma das etapas que exige do pesquisador a tomada de decisões que tornem a análise exequível. Neste momento da pesquisa, num modelo de base quantitativa, deve-se considerar a expressividade do número de dados e de variáveis previsoras controladas estatisticamente, pois quando este número não é representativo ou numeroso, respectivamente, deve-se optar por modelos estatísticos como o qui-quadrado¹⁷⁵ como ocorreu no processamento dos dados desta tese. Programas como o de regressão logística, por exemplo, além de uma distribuição equilibrada dos dados por variáveis controladas, também exigiriam um número robusto de dados e redução do número das variáveis previsoras controladas para que os índices de confiabilidade das análises fossem satisfatórios¹⁷⁶.

Como última etapa de uma pesquisa com base na Sociolinguística Quantitativa, os dados obtidos são analisados estatisticamente como já mencionado. Neste momento, o caráter

¹⁷⁵ As informações sobre os programas estatísticos estão na seção 4.4.4 *Tratamento das variáveis previsoras*.

¹⁷⁶ Outras informações sobre esse e outros testes, ver Oushiro (2017).

eminentemente quantitativo da abordagem tradicional da Sociolinguística proporciona um tratamento qualitativo dos percentuais e pesos relativos obtidos através dos programas estatísticos. Embora a perspectiva da Sociolinguística de primeira onda tenha sido muito criticada pela predominância da apresentação dos resultados quantitativos com análises superficiais, os trabalhos atuais nesta mesma abordagem têm se revelados mais próximos de uma perspectiva qualitativa. Ademais, a Sociolinguística Tradicional atualmente se revela como suporte teórico-metodológico para pesquisas de caráter híbrido. Nesse sentido, nesta tese, o diálogo da Sociolinguística Quantitativa com a Dialetoлогия e Teoria de Exemplares possibilitou o tratamento dos dados numa perspectiva da Geossociolinguística Cognitiva.

4.3 NO CAMINHO DE UMA TEORIA DE EXEMPLARES

Antes mesmo de conceituar a Teoria de Exemplares ou Modelo de Exemplares e seu alcance teórico-metodológico, faz-se necessário descrever brevemente o contexto epistemológico em que essa teoria surgiu, ou melhor, passou a ser empregada também no campo da linguística. Assim sendo, é relevante destacar a relação de oposição entre a Teoria de Exemplares e o Gerativismo ou mesmo a teoria de regras e palavras bem como suas semelhanças como o Modelo de Redes. Só desta forma, compreender-se-á por que o Modelo de Redes e, posteriormente, a Teoria de Exemplares despontariam como teorias “revolucionárias” no campo da linguística já que seu ponto de partida não seria a gramática, mas o léxico em si.

Ao longo das últimas décadas, muitos autores buscaram compreender a relação entre gramática e léxico. Enquanto algumas teorias polarizam essa relação priorizando uma análise a partir de derivação de regras abstratas, outras propuseram um diálogo distante de uma perspectiva dicotômica das funções desses níveis da língua, mas voltaram suas atenções para o nível lexical. Grosso modo, o que diferencia a perspectiva do Gerativismo da Teoria de Exemplares, seria o papel que cada teoria atribui ao léxico, a natureza da representação do conhecimento linguístico bem como a relevância conferida a fatores sociais frente ao uso da língua embora outros aspectos também corroboram para a distinção entre tais teorias.

Na realidade, toda teoria nasce limitada, pois seu alcance não contempla todas as nuances e questionamentos sobre uma língua ou mesmo sobre a natureza das línguas. Assim sendo, embora seja inegável a contribuição do Gerativismo desde a segunda metade do século XX para a compreensão da faculdade da linguagem humana, seu escopo teórico-metodológico original:

i) não considerou a complexidade da representação do conhecimento linguístico, uma vez que, na busca de princípios universais que regeriam as línguas, o emprego de “equações linguísticas” deveria responder aos questionamentos sobre a mudança linguística de forma categórica;

ii) por não considerar a variação linguística como um princípio elementar das línguas naturais, compreende que qualquer “irregularidade”¹⁷⁷ não prevista numa língua, não estaria representada na gramática, mas sim no léxico mental do falante;

iii) inicialmente, em decorrência dessas duas concepções, ao se debruçar sobre qualquer fenômeno linguístico, levava à sua classificação como possível ou impossível nas línguas naturais, desconsiderando, portanto, a percepção gradual do objeto em estudo¹⁷⁸;

iv) por pautar sua análise a partir da aplicação de regras derivacionais para a compreensão de fenômenos linguísticos, atribuía papel sobrecomum ao nível gramatical de sorte que tais fenômenos não estariam presentes no léxico mental; assim sendo, minimizou-se o papel do léxico nessa perspectiva de análise;

v) inicialmente, por não considerar dados empíricos, as abstrações sugeridas nas representações do conhecimento linguístico não consideravam eventualmente a noção de frequência de uso desses dados tampouco a indexação de fatores sociais.

Em consonância com a Teoria Gerativa, também adotando uma visão polarizada e limitando a atuação do léxico mental, a Teoria de Palavras e Regras em sua origem (Pinker; Prince, 1988) propunha papéis distintos à gramática e ao léxico, de sorte que a regularidade seria derivada da aplicação de regras gramaticais ao passo que os fenômenos linguísticos classificados como irregulares estariam estocados no léxico mental do falante. Dessa forma, segundo Pinker (1999), espera-se que o reduzido número de verbos irregulares no inglês moderno (em torno de 180 verbos, segundo o autor) seria memorizado e acessado individualmente ao passo que, em princípio, os demais verbos não necessitariam ser estocados no léxico.

Posteriormente, embora Pinker (1999) tenha conferido à aplicação de regras uma vantagem, uma vez que a realização do pretérito em inglês representaria uma economia linguística significativa a partir da derivação de regras, atribui à memória papel primordial frente à derivação de regras na formação das lexias, posto que primeiramente o falante buscaria

¹⁷⁷ O termo *irregularidade* neste contexto não equivaleria à variação sociolinguística, mas a formas como o pretérito irregular do PB (verbo *ser* por exemplo: *é, são*) que não segue um padrão regular de conjugação.

¹⁷⁸ Nos últimos anos, já há teorias de base gerativa que trabalham com traços graduais.

um item em sua memória e só recorreria à aplicação de regras quando tal item não fosse localizado em seu léxico mental. Dessa forma, segundo o autor, “se uma palavra pode fornecer seu próprio pretérito a partir da memória, a regra é bloqueada; em outros lugares (por padrão), a regra se aplica”¹⁷⁹ (Pinker, 1999, p. 17). Ademais, o autor admite a dinamicidade do léxico bem como passa a entender que itens regulares também poderiam ser estocados no léxico mental se frequentes e/ou de fácil acesso, já que, “[...] as pessoas constroem um traço de memória para *formas regulares comuns*, embora logicamente isso não seja necessário [...] [mas] Uma forma regular armazenada na memória *é útil apenas se for forte o suficiente para ser recuperada rapidamente*”¹⁸⁰ (Pinker, 1999, p. 138-139, grifo próprio). Assim sendo, dentro da Teoria de Palavras e Regras, o papel do léxico é ampliado e se entende que a frequência de uso não só afetaria itens irregulares como também os itens regulares.

Ainda na década de 1980, outros trabalhos vieram à luz em oposição à perspectiva de aplicação de regras abstratas para a formação de palavras e sentenças. No campo da morfologia, por exemplo, surgem os primeiros trabalhos que dariam maior autonomia ao léxico mental à medida que não concebiam a estocagem de radicais e afixos, que, combinados a partir de regras de derivação, formariam palavras, mas que tais palavras já existiriam prontas no léxico do falante. Nessa nova perspectiva, com Bybee (1985) e Langacker (1987b; 1988), surge o embrião do Modelo de Redes, mas apenas em Bybee (1995) tal perspectiva é nomeada de *Network Model*¹⁸¹.

O Modelo de Redes proposto inicialmente por Bybee (1985) representaria o primeiro passo para a posterior elaboração do Modelo de Exemplos no campo da linguística, visto que, para a maioria dos autores filiados a essa perspectiva teórica, a unidade de investigação passaria a ser as palavras em si ou uma sequência delas e não seus constituintes morfofonológicos, como tradicionalmente se postulava. Àquela época, a autora questionava a busca dos gerativistas por uma resposta para a pergunta se “estaria no léxico ou não”. Dessa forma, sugeriu voltar sua atenção para outras questões:

Proponho agora abandonar esta forma restrita e binária de pensar sobre armazenamento léxico e tratar o problema como o problema psicológico complexo que ele é. Existem duas perspectivas que servirão como base para o

¹⁷⁹ Do original: “If a word can provide its own past tense from memory, the rule is blocked; elsewhere (by default), the rule applies” (Pinker, 1999, p. 17, tradução minha).

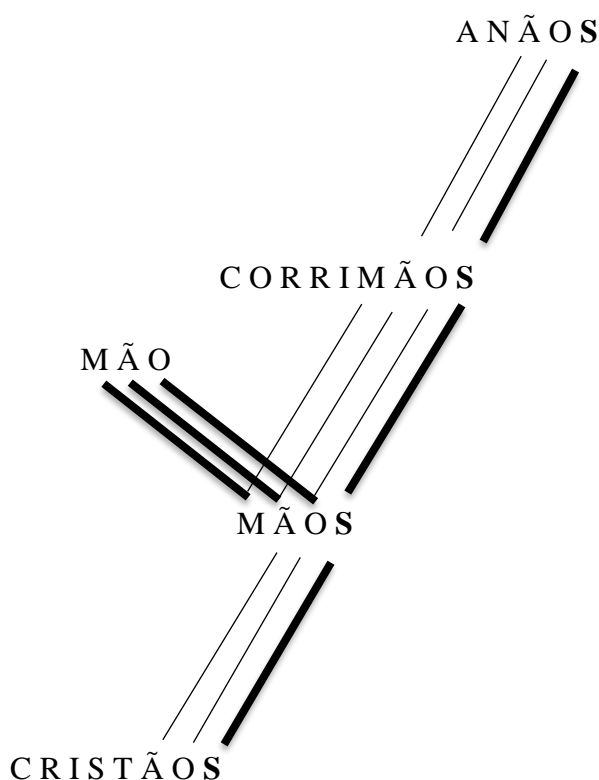
¹⁸⁰ Do original: “[...] people do build up a memory trace for common regular forms, even though logically they don’t have to [...] A regular form stored in memory is useful only if it is strong enough to be retrieved quickly” (Pinker, 1999, p. 138-139, tradução minha).

¹⁸¹ Cf. Bybee (1995, p. 428).

tratamento atual do léxico. A primeira é que toda vez que um falante/ouvinte processa uma palavra, isso afeta o léxico por conta do fortalecimento da representação de um item léxico (MacWhinney 1978). Em segundo lugar, cada item inserido no léxico tem um grande número de diversos tipos de relações ou conexões com outros itens léxicos (Bybee, 1985, p. 116)¹⁸²

No Modelo de Redes, a gramática emergiria das conexões estabelecidas pelos itens lexicais a partir de semelhanças fonológicas e semânticas. Nesse sentido, por exemplo, a formação do plural não seria o resultado da derivação de regras abstratas que combinariam flexões e radicais, mas, ao contrário, a morfologia emergiria da relação de semelhanças estabelecidas entre os itens do léxico, como ilustrado na *Figura 4*:

Figura 4: Representação das conexões fonológicas e semânticas para lexias no singular e no plural com terminação em *-ão*



Fonte: Elaboração própria, com base em Bybee (1988).

¹⁸² Do original: “I now propose to abandon this restricted, binary way of thinking about lexical storage, and treat the problem as the complex psychological problem that it is. There are two proposals that will serve as the basis of the current treatment of the lexicon. The first is that every time a speaker/ hearer processes a word, it affects the lexicon by strengthening the representation of a lexical item (MacWhinney 1978). Second, every item entered in the lexicon has a large number of diverse types of relations or connections to other lexical items” (Bybee, 1985, p. 116, tradução minha).

Como observado na *Figura 4*, no Modelo de Redes, o léxico não se configuraria como uma listagem de itens e sim como uma rede dinâmica de interconexões estreitas (Bybee, 1996; 2002). Segundo a autora, “[...] o léxico não é como um dicionário, em que cada palavra tem o mesmo status e os verbetes são estáveis. Pelo contrário, há diferenças na robustez entre as palavras e a robustez pode mudar com o uso e com as mudanças no contexto”¹⁸³ (Bybee, 1996, p. 61). Assim, o léxico é plástico, uma vez que é reformulado constantemente a partir das experiências individuais de forma probabilística. Nesse sentido, a representação do conhecimento linguístico seria complexa, mas com mapeamento simples e a categorização dos itens léxicos¹⁸⁴ seria concebida de forma gradual.

No esquema apresentado na *Figura 4* – similar a um dos diagramas apresentados por Bybee (1988)¹⁸⁵ – fica evidente como a morfologia emergiria dessa conexão entre os itens lexicais a partir de suas semelhanças fonológicas e semânticas. Segundo Bybee (1988, p. 127), “[...] assim, onde as conexões semânticas e fonológicas coincidem exatamente, a identidade morfológica pode ser estabelecida [...]”¹⁸⁶. Como se pode perceber na *Figura 4*, léxico e gramática interagem uma vez que os itens lexicais já são estocados na memória de forma flexionada. Na metáfora apresentada na *Figura 4*, pode-se perceber que as lexias estão conectadas por linhas paralelas. A ausência delas no diagrama sinaliza a extensão entre os itens que não mantêm relação a partir de semelhanças fonológicas e/ou semânticas. A diferença de tons entre as linhas indicaria que “[...] conexões semânticas e fonológicas paralelas são indicadas por linhas escuras e conexões que são apenas fonológicas são indicadas por linhas mais claras”¹⁸⁷ (Bybee, 1988, p. 127). As linhas escuras estabelecem conexões semântico-fonológicas entre itens no singular e plural bem como entre todos os itens no plural. Dessa relação lexical, portanto, emergiriam as relações morfológicas e a noção de pluralidade.

¹⁸³ Do original: “[...] el léxico no es como un diccionario en que cada palabra tiene el mismo estatus y las entradas son estables. Ao contrário, hay diferencias de robustez entre las palabras y la robustez puede cambiar con el uso y con cambios en el contexto” (Bybee, 1996, p. 61, tradução minha).

¹⁸⁴ Cabe lembrar que o Modelo de Redes não se limita ao campo da linguística cognitiva, informações linguísticas e não linguísticas são estocadas e acessadas da mesma forma no processo de categorização. Assim, informações redundantes como tipos variados de carros são armazenadas em nossa memória por exemplo. Dessa forma, são as semelhanças percebidas na comparação entre todos os carros já vistos por uma pessoa que lhe darão condição de formar um conceito de carro, ou melhor, a formação de um *protótipo*. Na categorização e processamento do conhecimento linguístico em especial, o protótipo *-s* para sinalizar pluralização no PB, por exemplo, emerge da comparação entre as semelhanças fonológicas e semânticas de vários itens lexicais armazenados no léxico mental de um falante, como se pontuará nesta seção.

¹⁸⁵ Cf. *Figura 3* em Bybee (1988, p. 127).

¹⁸⁶ Do original: “Thus where semantic and phonological connections coincide exactly, morphological identity can be established” (Bybee, 1988, p. 127, tradução minha).

¹⁸⁷ Do original: “[...] parallel semantic and phonological connections are indicated by darkened lines, and connections that are only phonological are indicated with lighter lines” (Bybee, 1988, p. 127, tradução minha).

Segundo a autora, as relações entre os itens se multiplicariam rapidamente a ponto de não poderem ser representadas visualmente e, não fossem a disposição das linhas paralelas propostas na representação do conhecimento linguístico pelo Modelo de Redes e a variação na intensidade das conexões, tal representação se assemelharia a uma “tigela de espaguete”¹⁸⁸, grosso modo, por conta da complexidade das conexões entre os itens lexicais.

A partir da proposta de um modelo cujas representações linguísticas são similares àquela da *Figura 4*, Bybee (1988) não só situa as palavras ou sequência delas como unidade de estudo e o léxico como ponto de partida para análises linguísticas como também cria um modelo que considera a experiência do falante, uma vez que agrega a variável frequência de uso dos itens lexicais como um recurso elementar em suas análises. Segundo Bybee (1991), a frequência pode ser mensurada por meio de dois recursos: *token frequency of individual words* (frequência de ocorrência) ou *type frequency* (frequência de tipo). A primeira diz respeito ao número de ocorrências de uma determinada lexia num *corpus*, ou seja, a classificação da frequência de ocorrência seria estabelecida de acordo com a quantidade de vezes em que uma lexia ou expressão é localizada dentro de um *corpus*. A segunda sinaliza o número de lexias que possui determinada estrutura em comum (padrão). Na classificação da frequência de tipo, por exemplo, sabe-se que o número de lexias com pluralização em *-ões* é mais expressivo do que em *-ães* e *-ãos* no PB, logo aquela marcação tem uma frequência de tipo alta em relação a estas. A frequência de uso é um recurso de grande valia para a compreensão das representações mentais dos falantes. Segundo Bybee (2007),

O primeiro efeito da frequência de *token* a ser discutido, que podemos chamar de Efeito Conservador, depende do fato de que a repetição fortalece as representações de memória para formas linguísticas e torna-as *mais acessíveis*. Acessibilidade nesse sentido refere-se ao fato de que em experimentos onde os sujeitos são solicitados a dizer se uma sequência de letras ou sons é uma palavra de sua língua, eles *respondem muito mais rapidamente às palavras de alta frequência* do que às palavras de baixa frequência. Essa maior acessibilidade sugere que cada ocorrência de *uso fortalece a representação da memória para uma palavra ou frase* (Bybee 1985; este volume, capítulos 2, 3, 4, 5 e 8). A força da representação de formas de maior frequência explica por que eles *resistem à modificação com base na analogia com outras formas* (Bybee, 2007, p. 10, grifo próprio)¹⁸⁹

¹⁸⁸ Metáfora empregada pela autora: “bowl of spaghetti” (Bybee, 1988, p. 126).

¹⁸⁹ Do original: “The first effect of token frequency to be discussed, which we can call the Conserving Effect, depends upon the fact that repetition strengthens memory representations for linguistic forms and makes them more accessible. Accessibility in this sense refers to the fact that in experiments where subjects are asked to say whether a string of letters or sounds is a word of their language, they respond much more quickly to high-frequency words than to low-frequency words. This greater accessibility suggests that each token of use strengthens the memory representation for a word or phrase (Bybee 1985; this volume, chapters 2, 3, 4, 5, and 8). The strength of

Assim, o que eventualmente conservaria a emersão de pluralizações “regulares” com terminação em -s para lexias como *mãos*, conforme demonstrado na *Figura 4*, e não sua migração para realizações em *-ães* ou *-ões* seria o favorecimento de sua possível alta frequência de ocorrência. Eventualmente, por ser uma lexia de pluralização muito frequente na fala do informante, a repetição do item *mãos* fortaleceria sua representação no léxico mental do falante, logo o “efeito conservador” inibiria a atuação da frequência de tipo. Nesse sentido, para os demais itens representados nesse mesmo esquema, o acesso à sua forma regular (*anãos*, *corrimãos* e *crístãos*) não seria (tão) automático, logo esses itens não teriam representação lexical forte o suficiente para resistir à analogia com padrões mais frequentes na língua. De acordo com Bybee (2007),

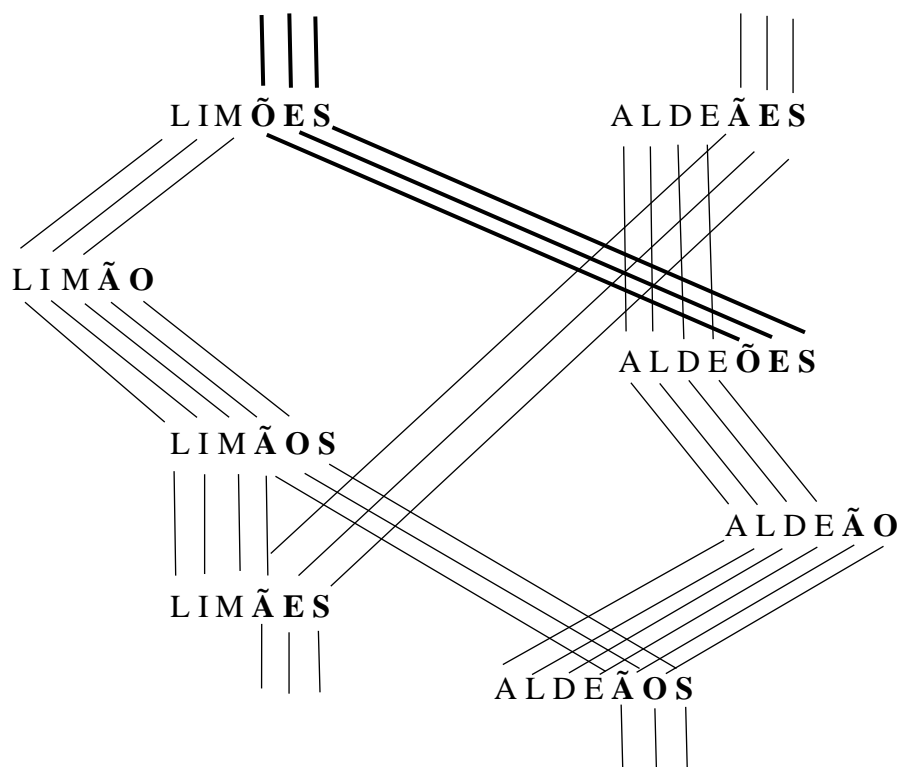
A autonomia é, portanto, probabilística, variando para cada palavra ou frase. Diz-se que três fatores influenciam o grau de autonomia: simplicidade semântica, regularidade morfofonêmica e frequência de palavras. Autonomia é baseada na noção de MacWhinney (1978) de *força léxica*, que é um reflexo da frequência na experiência e discutido mais detalhadamente em Bybee (1985). *Palavras altamente autônomas têm conexões mais fracas com outras palavras relacionadas* – palavras do mesmo paradigma ou palavras da mesma classe lexical. A ideia por trás da autonomia é que quando palavras (e frases) são altamente frequentes, elas podem ser *acessadas independentemente de itens relacionados* e, portanto, não estão tão interconectadas na rede. (Bybee, 2007, p. 13-14, grifo próprio)¹⁹⁰

Nesse sentido, quando um item lexical no plural não apresenta autonomia, o traço semântico indicador de número dependeria de uma rede de conexões mais forte. Em decorrência dessa variação na intensidade entre as conexões, os tons mais escuros das linhas dos diagramas poderiam também sugerir a emersão de um traço semântico compartilhado mais forte na rede de conexões, como ilustrado na *Figura 5*:

representation of higher frequency forms explains why they resist reformation on the basis of analogy with other forms” (Bybee, 2007, p. 10, tradução minha).

¹⁹⁰ Do original: “Autonomy is thus probabilistic, varying for each word or phrase. Three factors are said to influence the degree of autonomy: semantic simplicity, morphophonemic regularity, and word frequency. Autonomy is based on MacWhinney’s (1978) notion of lexical strength, which is a reflection of frequency in experience and discussed more thoroughly in Bybee (1985). Highly autonomous words have weaker connections to other related words – either words of the same paradigm or words of the same lexical class. The idea behind autonomy is that when words (and phrases) are highly frequent they can be accessed independently of related items and are thus not as interconnected in the network” (Bybee, 2007, p. 13-14, tradução minha).

Figura 5: Representação das conexões fonológicas e semânticas para lexias no singular e no plural com terminação em *-ão*



Fonte: Elaboração própria, com base em Huback (2007).

A partir da representação adaptada do diagrama proposto por Huback (2007) ilustrada na Figura 5, pode-se perceber que as linhas escuras interconectam a terminação *-ões*. Nesse esquema, esse recurso visual proposto pela autora evidencia a elevada quantidade de lexias que se flexionam dentro de determinada classe paradigmática. Assim, sabe-se que o padrão *-ões* dispõe de maior força lexical do que as construções *-ãos* e *-ães*, logo se trata de uma construção mais produtiva no PB dentro desse grupo de pluralização. Se eventualmente os plurais *aldeãos* ou *aldeães* nunca foram ouvidos pelo falante ou mesmo não foram ouvidos de forma frequente e/ou recente, suas representações mentais tornam-se, respectivamente, inexistente ou fraca, portanto, o falante recorrerá à classe mais forte (*-ões*) para a realização do plural *aldeões* ou mesmo apresentaria construções como marcação de plural em outro elemento do SN, a exemplo de *os aldeão(ø)* uma vez que sintagmas também poderiam ser estocados no léxico mental. Uma evidência de estoque dessa natureza no léxico das pessoas de forma cristalizada se justificaria em face de corriqueiramente se ouvir a realização do xingamento *os cão* (os cães) no PB para

nomear pessoas peraltas, ou seja, com comportamentos similares ao do Cão (Diabo). Outros exemplos são *Os Cão Cão*, que define uma festa em Conceição do Coité (BA), *os homem*, para se referir a policiais militares no Brasil em registros pouco monitorados bem como ainda é notório como a mídia brasileira prefere usar expressões legítimas como *as mina* (as meninas) em determinadas campanhas para aproximar sua linguagem a um público específico. Expressões como essas só corroboram a capacidade que a mente humana tem de estocagem redundante, embora se possa pensar o contrário. Nesse sentido, redes de conexões como a ilustrada na *Figura 5* evidenciam como a representação do conhecimento linguístico num Modelo de Redes pode ser complexo em virtude da armazenagem redundante (como estocagem de itens no singular e plural que se relacionam fonologicamente) e de sua plasticidade, pois as representações mentais do falante não são categóricas/ideais, mais gradativas e (re)formuladas constantemente a depender das experiências sociais e dialetais de cada falante.

Embora a frequência de ocorrência e a frequência de tipo sejam relevantes e atuem de forma distinta na representação do conhecimento linguístico, esta se destaca por sua relação com a produtividade, pois quanto mais formas participam de um determinado esquema, mais robusto ele fica, aplicando-se a novos itens. Como pontuou Bybee (1996, p. 69, grifo próprio), a “[...] produtividade é a probabilidade de ser aplicada a novas formas que possuem um determinado esquema. Existem vários graus de produtividade que dependem de vários fatores, sendo *o mais importante a frequência do tipo*”¹⁹¹. Ademais, a frequência tipo desempenha um papel imprescindível para a manutenção de “irregularidades” numa língua. Na perspectiva do Modelo de Redes,

[...] combinações altamente frequentes e salientes de características semânticas, simplesmente por causa de sua frequência, serão *altamente distinguíveis cognitivamente*, e suscetíveis a serem *tratadas como inteiros não analisáveis* [...] formas *altamente frequentes são protegidas da regularização* [...]. (Bybee, 1985, p. 209-212, grifo próprio)¹⁹²

Em consonância com a observação da autora, é possível supor que pluralizações com frequência de ocorrência eventualmente recorrentes como *limões* (cf. *Figura 5*) sejam

¹⁹¹ Do original: “La productividad es la probabilidad de ser aplicado a formas nuevas que tienen un esquema dado. Existen varios grados de productividad que dependen de varios factores, el más importante es la frecuencia del tipo” (Bybee, 1996, p. 69, tradução minha).

¹⁹² Do original: “[...] highly frequent and salient combinations of semantic features will, simply because of their frequency, be highly distinguishable cognitively, and susceptible to being treated as unanalyzable wholes [...] highly frequent forms are protected from regularization” (Bybee, 1985, p. 209-212, grifo próprio).

facialmente acessadas no léxico mental do falante, logo não precisariam estabelecer conexões com outros itens em rede para ser realizado, mas, do contrário, sua realização constante reforça a classe em *-ões* e, conseqüentemente, passa a expandir seu alcance a pluralizações pouco frequentes como possivelmente se revelaria no item *aldeãos* no léxico mental do falante. Da mesma forma, em decorrência da expressiva quantidade de itens pluralizados em *-ões* no PB, a emergência de um padrão “irregular” como tal terminação seria perfeitamente justificável no léxico mental de um falante como traço semântico de número para lexias pouco frequentes no PB cujo singular tenham terminação em *-ão*, uma vez que a frequência de tipo da combinação *-ões* é alta, atraindo para sua classe todos os itens pouco frequentes ou recentes no PB. Assim, a depender das experiências sociolinguísticas do falante, os plurais “irregulares” em *-ões* estariam protegidos do processo de regularização em *-s* em função da força léxica daquela categoria.

Embora conceitos como frequência de ocorrência e frequência de tipo sejam basilares para um modelo cognitivo pautado nas experiências de uso da língua, cabe lembrar que outras variantes não são negadas no Modelo de Redes. No tocante a variantes linguísticas, Bybee (2007) pontua que

Algumas repetições no relevante contexto permitem que uma nova construção seja formada (Johnson 1997). Concluo, então, que a repetição é necessária para a formação da gramática (Haiman 1994), mas os diferentes níveis de repetição têm efeitos diferentes (Bybee no prelo). É importante ter em mente, como sempre, que *a frequência interage com outros fatores, como semelhança fonológica e semântica, categorização e mudança semântica/pragmática*. Frequentemente, *é difícil discernir quais fatores são os mais importantes na determinação do comportamento linguístico*. (Bybee, 2007, p. 17, grifo próprio)¹⁹³

Igualmente, a autora salienta que fatores de ordem social podem interagir na formação do conhecimento linguístico (Bybee, 2002)¹⁹⁴. Dessa forma, embora os tipos de frequência sejam um instrumento de recorrente uso em pesquisas na perspectiva do Modelo de Redes, a observação de variáveis de outras ordens pode ampliar a compreensão da categorização e do processamento do conhecimento linguístico.

¹⁹³ Do original: “A few repetitions in the relevant context allow a new construction to be formed (Johnson 1997). I conclude, then, that repetition is necessary for the formation of grammar (Haiman 1994), but that different levels of repetition have different effects (Bybee forthcoming). It is important to bear in mind, as always, that frequency interacts with other factors, such as phonological and semantic similarity, categorization, and semantic/ pragmatic change. It is often difficult to discern which factors are the most important in determining linguistic behavior” (Bybee, 2007, p. 17, tradução minha).

¹⁹⁴ Cf. Bybee (2002, p. 261).

A partir de princípios como os descritos brevemente nesta subseção sobre o Modelo de Redes aplicados à representação do conhecimento linguístico, o campo para a implementação do Modelo de Exemplares tornou-se ainda mais favorável também na linguística no início da década de 2000, em virtude das semelhanças entre tais perspectivas teóricas. Grosso modo, o Modelo de Redes foi um atalho para se chegar à Teoria de Exemplares. À época, a própria Bybee (2002) descreve a Teoria de Exemplares como “*uma proposta recente [cuja] representação cognitiva de uma palavra pode ser construída pelo conjunto de exemplares que foram experimentados pelo falante/ouvinte*” (Bybee, 2002, p. 271, grifo próprio)¹⁹⁵. No entanto o embrião dessa proposta remontaria ao início do século XX em outros campos do conhecimento. Confira-se a linha do tempo da Teoria de Exemplares na *Figura 6*:

Figura 6: Cronologia da Teoria de Exemplares

Biologia	Psicologia	Psicolinguística	Linguística
Semon (1909 [1921])	Hintzman (1986)	Goldinger (1996)	Johnson (1997) Bybee (2001) ¹⁹⁶ Pierrehumbert (2001) Tomasello (2003) Reali; Christiansen (2007) Croft (2007)

Fonte: Elaboração própria com adaptação de Gomes (2021).

Como pode se observar na linha do tempo demonstrada na *Figura 6*, a Teoria de Exemplares surgiu no campo da biologia a partir da publicação do primeiro livro de Semon (1909 [1921]). O biólogo e zoologista alemão apresentou nessa obra uma teoria da memória humana. Com terminologia própria, nesse trabalho, o autor tratou de conceitos como estímulo, excitação e associação para explicar como se caracterizaria o armazenamento da memória humana, destacando o papel da repetição nesse processo. Segundo Semon (1909 [1921]),

Se esta repetição do estímulo original produz o mesmo efeito como em sua primeira aparição, e se minha consciência me diz claramente que meu organismo reteve traços de já ter passado por esse estado de excitação, então

¹⁹⁵ Do original: “A recent proposal is that the cognitive representation of a word can be made up of the set of exemplars that have been experienced by the speaker/hearer” (Bybee, 2002, p. 271, tradução minha).

¹⁹⁶ Nesta adaptação da linha do tempo apresentada na aula de Gomes (2021), conservaram-se apenas as datas dos primeiros textos escritos por cada autor relacionados à Teoria de Exemplares.

aqui certamente está uma evidência de primeira mão de que o segundo estímulo não exerce apenas um efeito sincrônico, mas também ecfórico por me tornar ciente da existência de um engrama por meio de uma reação específica, a saber, o da consciência. (Semon, 1909 [1921], p. 43-44, grifo próprio)¹⁹⁷

Como se pode observar desde Semon (1909 [1921]), o processamento da memória de uma forma geral – assim como do conhecimento linguístico, como já se pontuou nesta subseção – é reforçado pela frequente repetição de estímulos. Nesse sentido, as experiências físicas deixariam impressos traços definitivos na mente humana denominados de engramas. A partir de tais constatações, bastava-se buscar mecanismos para mensurar o papel do reforço desses traços para a formação da memória humana e, conseqüentemente, do conhecimento linguístico.

Já no último quartel do século XX, no campo da Psicologia, Hintzman (1986) e Nosofsky (1986) retomam a discussão sobre a proposição de um modelo de categorização a partir de similaridades. Novamente ressalta-se a importância da repetição, em especial, frente à percepção e categorização visual, pontuando-se que “[...] a repetição também desempenha um papel na aquisição de categorias abstratas” (Hintzman, 1986, p. 411)¹⁹⁸. Uma década depois, a Teoria de Exemplos é incorporada à psicolinguística com o trabalho de Goldinger (1996) e, finalmente, aplicada à linguística em pesquisa sobre a percepção da fala por Johnson (1997). Sobre a percepção dos exemplos, Johnson (1997) esclareceu que:

Em modelos exemplares de percepção (Estes, 1993; Hintzman, 1986; Nosofsky, 1986, 1988, 1991; Nosofsky, Kruschke, & McKinley, 1992) *uma categoria perceptual é definida como o conjunto de todas as instâncias experimentadas da categoria [...]. O processo de categorização envolve a comparação do item a ser categorizado com cada uma das ocorrências lembradas de cada categoria, e a categorização é baseada em somas de similaridade em cada categoria* (Johnson, 1997, p. 146, grifo próprio).¹⁹⁹

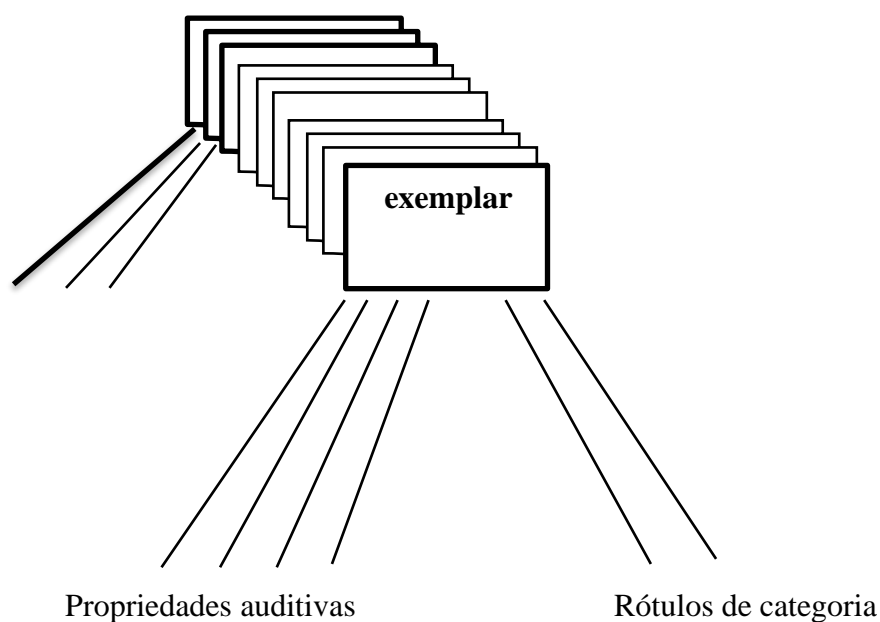
¹⁹⁷ Do original: “If this repetition of the original stimulus produces the same synchronous effect as at its first appearance, and if my consciousness tells me clearly that my organism has retained traces of having already passed through this state of excitement, then here surely is first-hand evidence that the second stimulus does not only exercise a synchronous effect, but also an ecphoric one in making me aware of the existence of an engram by means of a specific reaction, namely, that of consciousness” (Semon, 1909 [1921], p. 43-44, tradução minha).

¹⁹⁸ Do original: “[...] repetition also plays a role in the acquisition of abstract categories” (Hintzman, 1986, p. 411, tradução minha).

¹⁹⁹ Do original: “In exemplar models of perception (Estes, 1993; Hintzman, 1986; Nosofsky, 1986, 1988, 1991; Nosofsky, Kruschke, & McKinley, 1992) a perceptual category is defined as the set of all experienced instances of the category [...]. The process of categorization then involves comparing the to-be-categorized item with each of the remembered instances of each category, and categorization is based on sums of similarity over each category” (Johnson, 1997, p. 146, tradução minha).

Nesse sentido, a categorização do conhecimento linguístico seria o resultado da comparação de um item com as demais ocorrências presentes e acionadas no léxico mental do falante e definida como tal a partir das semelhanças entre os itens agrupados. Em seu trabalho sobre o reconhecimento de fala, Johnson (1997) observou que a fala varia entre e dentro dos falantes, posto que há variação acústica entre enunciados fonologicamente idênticos. Assim, neste trabalho, o autor comprovou que um ouvinte pode identificar o gênero do falante bem como a voz de uma pessoa conhecida sem vê-la de modo que fica evidente que o léxico mental é extenso o suficiente para armazenar detalhes fonéticos, logo o autor pontua que “[...] um exemplar é uma associação entre um conjunto de propriedades auditivas e *um conjunto de rótulos de categoria*” (Johnson, 1997, p. 147, grifo próprio)²⁰⁰. Esses rótulos estariam vinculados a cada exemplar conforme se podem ver na *Figura 7*:

Figura 7: Um conjunto de exemplares relacionando propriedades auditivas a rótulos de categoria



Fonte: Elaboração própria, com adaptação de Johnson (1997, p. 148)²⁰¹.

²⁰⁰ Do original: “[...] an example is an association between a set of auditory properties and a set of category labels” (Johnson, 1997, p. 147, tradução minha).

²⁰¹ Do original a respeito das legendas da *Figura 1* apresentada por Johnson (1997, p. 148, tradução minha): “A set of exemplars relating auditory properties to category labels”.

O diagrama da *Figura 7* foi elaborado por Johnson (1997) para representar a categorização em um modelo de exemplar de percepção da fala. Segundo Johnson (1997), cada retângulo representaria a associação entre som e categoria de sorte que a pilha dessas formas geométricas representaria um conjunto de todos os exemplares devidamente rotulados. Assim, neles estariam as propriedades acústicas que distinguiriam os falantes mesmo sem o suporte visual do ouvinte. Metaforicamente, cada retângulo²⁰² representaria uma espécie de mala cujo conteúdo seriam todas informações indexadas que o falante teria e que julgou relevantes sobre o exemplar no momento em que ele foi armazenado. Dessa forma, cada exemplar relaciona propriedades auditivas (acústicas) a rótulos de categoria distintos como gênero do falante, sua identidade, idade, nível de escolaridade, possível região de origem e, conseqüentemente, valor linguístico do exemplar, entre outras informações associadas a cada exemplar dentro de um conjunto, como representado na *Figura 7*. Provavelmente justificando a pluralidade de setas representadas na rotulação dos exemplares em diagramas como proposto por Johnson (1997), Pierrehumbert (2001, p. 4) esclarece que:

É importante notar que *os mesmos itens [tokens]*²⁰³ lembrados podem estar simultaneamente sujeitos a mais de um esquema de categorização, sob tal modelo. Por exemplo, uma lembrança da frase *O jantar está pronto!* poderia ser rotulada como “mamãe” e “fala feminina”, além de exemplificar palavras e fonemas na frase. (Pierrehumbert, 2001, p. 4, grifo próprio)²⁰⁴

Assim sendo, cada exemplar representaria uma soma de esquemas de categorização conforme as experiências e/ou percepções individuais. No entanto, se frases como essas exemplificadas pela autora ocorrem recorrentemente em um mesmo contexto de uso numa comunidade, suas categorizações podem apresentar número e tipos de rótulos similares na representação mental dos membros dessa comunidade, mas a diversificação dos rótulos pode variar conforme a percepção do ouvinte de sorte que a representação mental de alguns pode apresentar novos rótulos ao exemplar, associando essa materialidade acústica à categoria convite, ordem, ato de subserviência, entre outras categorizações.

²⁰² Na representação original, são usadas formas ovais.

²⁰³ Por conta da variação de significados que o termo adquiriu ao longo dos anos e espraiamento de emprego em áreas distintas, preferiu-se traduzir *token* por *item*, pois seria um conceito neutro.

²⁰⁴ Do original: “It is important to note that the same remembered tokens may be simultaneously subject to more than one categorization scheme, under such a model. For example, a recollection of the phrase *Supper’s ready!* could be labelled as ‘Mom’ and ‘female speech’, in addition to exemplifying the words and phonemes in the phrase” (Pierrehumbert, 2001, p. 4, tradução minha).

A partir dos trabalhos iniciais de Bybee (2001), Pierrehumbert (2001), Tomasello (2003), Reali e Christiansen (2007) e Croft (2007), a Teoria de Exemplares ganhou impulso no campo da linguística e novas representações do conhecimento linguístico e concepções foram aprimoradas a partir de Johnson (1997) e outros autores. Novamente, o papel da repetição/frequência de uso foi um ponto consensual entre os pesquisadores que propuseram um Modelo de Exemplares como suporte na observação da percepção e produção da fala. Nesse sentido, Bybee (2002, p. 271) assim descreve o papel da repetição frente à representação dos exemplares:

Assim todas as variantes fonéticas de uma palavra são armazenadas na memória e organizadas em um feixe [cluster]²⁰⁵: exemplares que são mais semelhantes são mais próximos uns dos outros do que aqueles que são diferentes e exemplares que ocorrem com frequência são mais fortes do que aqueles menos frequentes (Bybee, 2000a, 2001; Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001). Esses aglomerados de exemplares, que representam palavras autônomas, mudam à medida que a experiência com a linguagem muda. Exemplares repetidos dentro do feixe ficam mais fortes e menos frequentemente usados podem desaparecer com o tempo, como outras memórias fazem (Bybee, 2002, p. 271).²⁰⁶

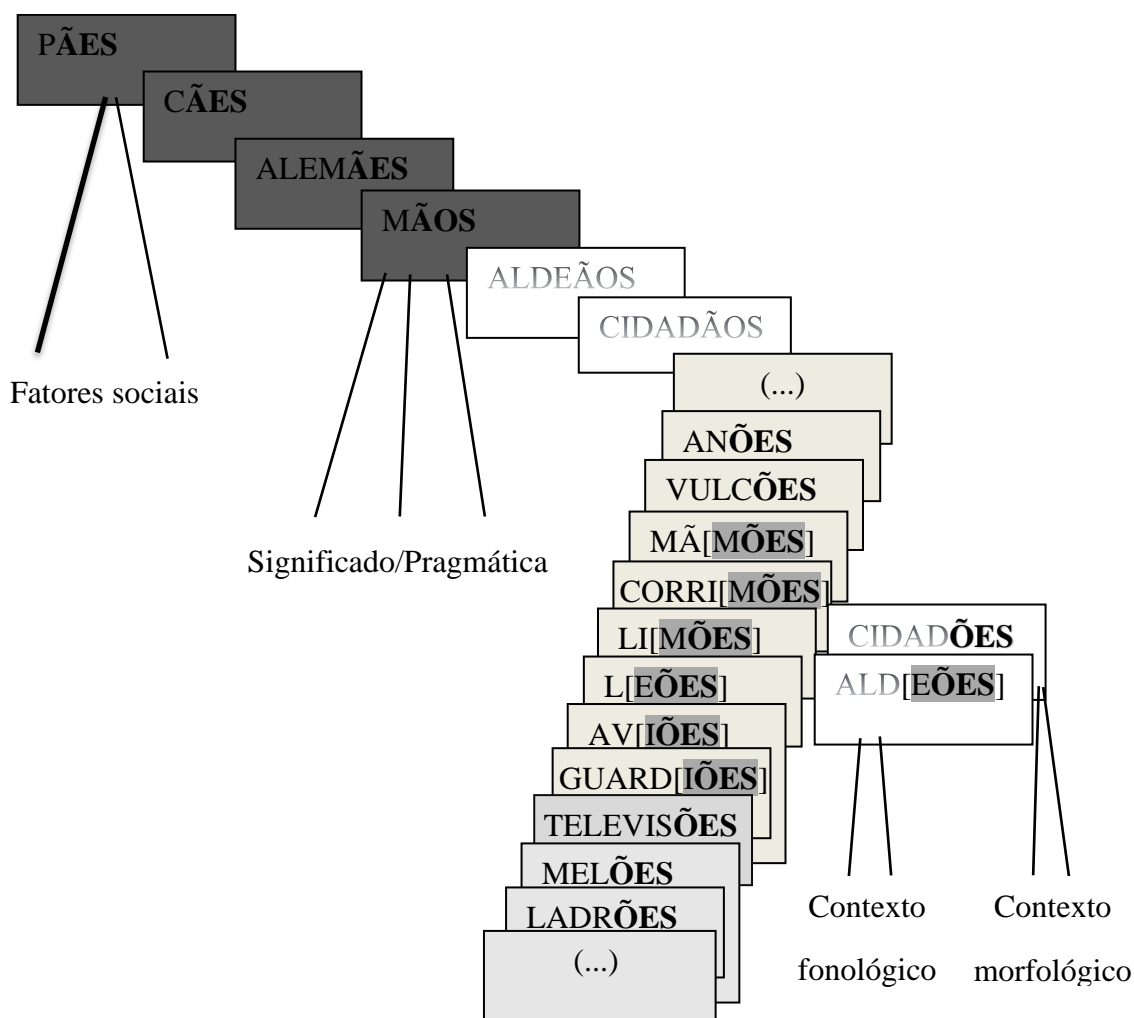
Posto nestes termos, a autora retoma a premissa de que a representação mental é impactada pelas experiências individuais e coletivas, assim como o faz a memória com representações de outras naturezas. Esses exemplares aglomerados não seriam agrupados no léxico mental do falante em feixes estáticos, mas dinâmicos uma vez que são constantemente (re)definidos em conformidade com as experiências linguísticas e extralinguísticas do falante, logo as representações do conhecimento linguístico a partir de feixe de exemplares são moldadas de forma probabilística e/ou proporcional de sorte que, quanto mais frequência de uso (ativação) apresentarem determinados exemplares dentro de um feixe, mais forte se torna

²⁰⁵ Trabalhos como os de Pierrehumbert (2001) e Huback (2007) empregam o conceito de *nuvem de exemplares* (*exemplar clouds*). Nesta tese, preferiu-se o conceito de feixe de exemplares (tradução de *exemplar clusters*), como o fizeram Cristóvão Silva e Gomes (2017). Em princípio, como o Modelo de Exemplares complementa a proposta do Modelo de Redes e ambos podem explicar resultados desta tese, acredita-se que a imagem criada pelo conceito *feixe* dialogue com as representações deste modelo de interconexões por linhas paralelas, como já ilustrado nesta seção.

²⁰⁶ Do original: “Thus all phonetic variants of a word are stored in memory and organized into a cluster: exemplars that are more similar are closer to one another than to ones that are dissimilar, and exemplars that occur frequently are stronger than less frequent ones (Bybee, 2000a, 2001; Johnson, 1997; Pierrehumbert, 2001). These exemplar clusters, which represent autonomous words, change as experience with language changes. Repeated exemplars within the cluster grow stronger, and less frequently used ones may fade over time, as other memories do” (Bybee, 2002, p. 271, tradução minha).

em sua representação mental. Dessa forma, como o fez Huback (2007), julgou-se relevante contemplar o efeito da frequência de uso e outros fatores de forma representativa no diagrama do feixe de exemplares:

Figura 8: Reinterpretação da competição entre itens num feixe de exemplares



Fonte: Elaboração própria com base em Johnson (1997), Bybee (2001) e Huback (2007).

Como as representações mentais são definidas a partir das experiências linguísticas de percepção e uso do falante-ouvinte como pontuado também por Bybee (2002), exemplares não ouvidos não poderiam ser estocados em memória do falante, logo os feixes de exemplares variariam em número de itens, nível de ativação e rótulos de indexação entre os indivíduos

conforme os estímulos recebidos. Nessa proposta despretensiosa de *Diagrama Canastra*²⁰⁷ de própria autoria (*Figura 8*), esses aspectos podem ser visualizados numa perspectiva que envolveria percepção e uso de forma integrada. Aqui, adotou-se essa expressão, pois metaforicamente os itens estariam estocados na memória do falante hipoteticamente como cartas de vários baralhos juntos para a realização de uma partida de canastra: ora juntas ora separadas conforme a percepção e os usos dos jogadores envolvidos. Assim, a noção de jogo associada à formação do léxico mental evidencia seu aspecto dinâmico e não estático como se fosse uma lista de cartas ou verbetes estocados, respectivamente, num maço de baralho ou na mente do falante-ouvinte.

Nesse sentido, numa proposta de *Diagrama Canastra* para a representação do conhecimento linguístico (*Figura 8*), entende-se que ao longo do tempo, o baralho (repertório linguístico compartilhado ou língua) passa a se revelar “vicioso”, ou seja, as cartas seriam embaralhadas às pressas pelo número de partidas realizadas (usos), de modo que as combinações do jogo anterior teriam grandes possibilidades de não serem desfeitas ou teriam apenas alguns de seus itens desvinculados desse conjunto de cartas recebidas por cada jogador. Dessa percepção de semelhanças entre as cartas, ao recebê-las, cada jogador passaria a fazer uso delas e as agrupariam em jogos (combinações distintas) à mão quando possível, como analogicamente se faria com os exemplares percebidos e categorizados no léxico mental do falante-ouvinte em virtude de suas semelhanças, como pode ser perceber na *Figura 8*: categorizações de pluralizações em lexias terminadas em *-ãos*, *-ães* e *-ões*.

Pode-se perceber que alguns exemplares do *Diagrama Canastra* (*Figura 8*) estão mais próximos do que outros, como sugeriu Bybee (2002) a respeito dos itens aglomerados em feixes de exemplares mais produtivos. No jogo de canastra, as cartas adquiridas (compradas ou cavadas) frequentemente com o mesmo naipe (espadas, paus, copas ou ouros) têm mais probabilidade de formar uma canastra sequenciada, ou seja, um jogo forte. Igualmente, na formação dos feixes na representação do conhecimento linguístico, os exemplares estariam representados de forma mais próxima no léxico mental do falante à medida que fossem frequentemente ouvidos. Analogicamente, os exemplares em *-ões* estão mais próximos na representação canastra do que aqueles em *-ães* e *-ãos*, como pode se perceber na *Figura 8*.

²⁰⁷ Jogo também denominado de *buraco* ou *biriba*. Nesse jogo de cartas formado por duas duplas normalmente, o objetivo principal seria a formação da *canastra* (combinação de sete ou mais cartas sequenciadas do mesmo naipe ou conjunto de sete cartas com o mesmo valor, mas com naipes distintos).

Também se nota que no lado esquerdo do *Diagrama Canastra*, há a categorização de três exemplares em *-ães* (*pães, cães, alemães*) e outros três exemplares categorizados em *-ãos* (*mãos, aldeãos, cidadãos*), mas apenas estes dois são representados de forma quase imperceptível por conta do tom claro desses exemplares em relação aos demais. Assim como Huback (2007), Cristófaró Silva (2015) fez uso desse recurso com a distinção entre dois tons (branco e cinza) em suas representações em diagramas:

Exemplares agregam informações linguísticas e não linguísticas à representação. Assume-se que *exemplares* são categorizações da experiência e são *organizados por efeitos probabilísticos* [...]. O *diagrama em cinza* (ver p. 105) *indica que aquela forma é a mais recorrente na comunidade em questão* e é, possivelmente, a forma de produção utilizada pelos falantes daquela comunidade (Cristófaró Silva, 2015, p. 105, grifo próprio).

Esse recurso distintivo empregado pelas autoras, assim como nesta tese, indica que os exemplares em tons escuros apresentariam mais frequência de ocorrência do que os exemplares em tons claros ou ainda que a ausência de frequência de ocorrência dos exemplares *aldeãos* e *cidadãos* com o tempo poderia representar o desaparecimento desses itens na representação mental do falante, como sinalizou Bybee (2002). Assim sendo, a categoria prototípica ao centro da representação (categorização em *-ões*) atrairia para si novos exemplares com frequência de ocorrência fraca representada hipoteticamente pelo carteadado paralelo (*aldeões, cidadãos*), pois seriam exemplares que dependeriam da classe, visto que são como *cartas coringa* que mudam de posição num jogo, pois não têm identidade própria (força léxica), diferentemente das realizações autônomas dos exemplares dispostos no lado oposto do diagrama (*pães, cães, alemães* e *mãos*), que têm força léxica e resistem dentro de sua categoria original, mas que dela decididamente não dependem. Nesse modelo, portanto, o feixe com exemplares juntos ao centro da representação indicaria a atuação da frequência de tipo (itens mais distantes seriam menos frequentes na língua), ao passo que a atuação da frequência de ocorrência seria deduzida pelos tons dos exemplares na representação canastra (tons mais escuros indicariam maior frequência de ocorrência).

Metaforicamente, as categorizações em *-ãos, -ães* e *-ões* apresentadas na *Figura 8* desempenhariam a mesma função dos naipes num jogo de canastra. Eles representam o traço de similaridade/familiaridade entre as cartas, ou seja, as cartas de numerações distintas seriam agrupadas por naipes fortalecendo eventuais canastras, assim como lexias distintas seriam agrupadas a partir de suas similaridades em categorias como *-ãos, -ães* e *-ões*. Assim sendo, os

naipes ganham relevo na mão de um jogador à medida que cada carta passa a compor uma possível canastra, do mesmo modo que cada categorização (classe) é fortalecida com a inserção de novos exemplares num feixe com determinada rotulação.

Os rótulos dos exemplares apresentados na *Figura 8* seriam comparados às impressões deixadas desde a fabricação de cada carta de um baralho até aquelas adquiridas ao longo de seu uso. Nesse sentido, cartas, como rótulos dos exemplares, podem variar e mudar ao longo do tempo. Os rótulos de cada exemplar seriam como a cor do verso das cartas, que variariam num mesmo baralho, suas fontes e/ou estilos tipográficos, marcas de uso ou mesmo riscos deixados de propósito por alguns jogadores. Neste caso, tais riscos poderiam sinalizar um estigma ou um indício de afetividade associados a um item lexical, pois, respectivamente, alguns rótulos dos exemplares poderiam revelar informações sobre os valores sociais ou mesmo emocionais de tais itens. Basta lembrar que lexias arcaicas ou próprias de uma determinada região poderiam ser rotuladas no léxico mental de alguns falantes como itens estigmatizados em determinados contextos de uso, mas também podem ser rotuladas como uma representação póstuma de um familiar querido, como uma mãe ou avó. Ademais, quanto mais exemplares são rotulados como pertencentes a moradores de uma determinada região ou grupo social, por exemplo, mais essa rotulação fica mais evidente e/ou acessível na representação mental do falante-ouvinte. Como no jogo se escolhem as cartas que se tem em mão, far-se-á uso de um exemplar numa interação verbal se este for acessível no léxico mental do falante-ouvinte a partir de sua eventual rotulação (valor simbólico).

Por fim, no *Diagrama Canastra*, as reticências nos extremos do feixe de exemplares prototípico seria um recurso para contemplar sua capacidade de crescimento: produtividade em relação aos demais feixes de exemplares. Já os colchetes sombreados cumprem o papel de indicar semelhanças sonoras e semânticas (-ões) ou apenas fonológicas ([-mões], em *ma[mões]*, *corri[mões]*, *li[mões]* e [-iões] em *av[iões]*, *guard[iões]*) entre os itens dentro do feixe de exemplares central ou com exemplares que eventualmente migrarão para esse feixe também por conta dessa identificação ([-eões] em *l[eões]* e *ald[eões]*), como visto na *Figura 8*. Dessa forma, com o uso desses colchetes e não de linhas paralelas, essa despreziosa reinterpretação do mapeamento do conhecimento linguístico sob a forma de *Diagrama Canastra* buscou também adequar a proposta de representação do Modelo de Redes ao Modelo de Exemplares, ou seja, propuseram-se noções de um modelo de representação única em cuja visualização fossem percebidas semelhanças de variadas ordens, atuação dos rótulos, nível de ativação e migração de exemplares, entre outros aspectos.

Como pontuou Huback (2007), o Modelo de Redes e o Modelo de Exemplares convergem ao invés de se excluírem, uma vez que consideram possível o armazenamento de informações redundantes e formas flexionadas, tomam a atuação da frequência de ocorrência e frequência de tipo como basilares na representação do conhecimento linguístico, sobretudo desta, para a categorização e generalização de padrões linguísticos. Além disso, pode-se notar que em ambos os modelos rótulos sociais e pragmáticos são imperativos nessa representação do conhecimento linguístico, embora suas atuações sejam evidenciadas de forma explícita nos diagramas do Modelo de Exemplares. Nesse sentido, nesta tese, o Modelo de Redes e o Modelo de Exemplares se revelariam imprescindíveis junto ao suporte da Dialetologia Pluridimensional frente à análise das realizações de plural no Estado da Bahia, portanto dessa necessidade surgiu a proposta da representação dos feixes de exemplares a partir da metáfora do jogo de canastra em que a representação desses modelos fosse unificada.

4.4 AMOSTRA E PROCEDIMENTOS

Entende-se por amostra o grupo de falantes selecionados para uma pesquisa. Este recurso pode ser classificado como aleatório (simples, estratificada e agrupada) ou seletivo (acidental, qualificada, intencionada e efeito bola de neve [*snowball sampling*])²⁰⁸. Como não existe uma amostra pura, ou melhor, que seja classificada de forma categórica, entende-se que no caso desta pesquisa, fez-se uso dos dados coletados de duas amostras de forma seletiva. Segundo Bagno (2017, p. 12):

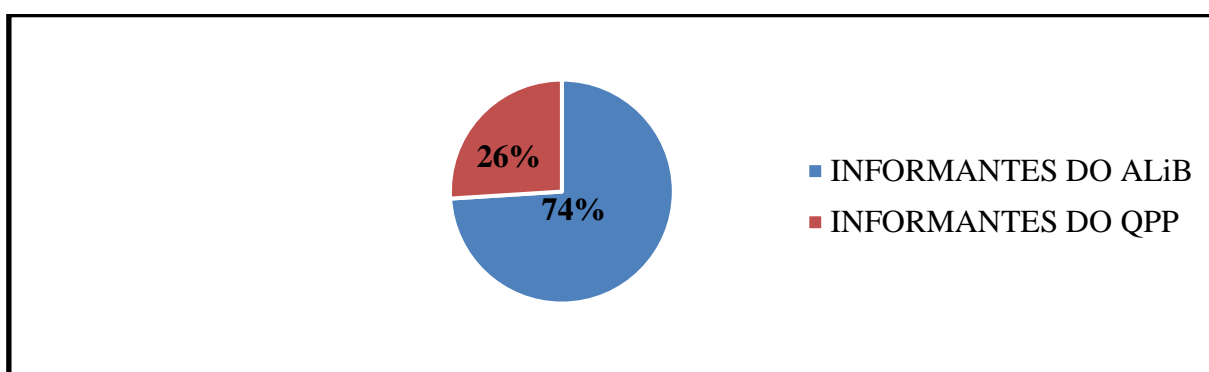
[A amostra seletiva] pode ser *qualificada*, ou por cotas de atribuição proporcional ou uniforme, com escolha de informantes predeterminada pelo pesquisador na qualidade de protótipos que se ajustam ao perfil do (sub)grupo sociodemográfico (para cada célula). Há também a amostragem seletiva efeito *bola de neve* [*snowball sampling*], que usa as **redes sociais** dos informantes para conseguir outros conhecidos (técnica “amigo de um amigo”) que estejam dispostos a ser inqueridos [...] (Bagno, 2017, p. 12, grifo do autor).

Portanto pode-se classificar a amostra geral tanto como *seletiva qualificada* quanto como *snowball sampling*. Aquela caracteriza de forma mais abrangente as duas amostras em análise, pois tanto na escolha dos informantes do *Projeto ALiB* (amostra I) quanto do *QPP* (amostra II), houve a intenção de coletar dados de pessoas com estratificação pré-determinada. Como a

²⁰⁸ Mais informações, ver Bagno (2017, p. 11-12).

localização de informantes com o perfil original do *Projeto ALiB* já foi cara a sua época de execução, na aplicação do *QPP* foi ainda mais. Dessa forma, os *sites* de redes sociais foram de expressiva relevância para a localização desses informantes. Assim, por meio desta tecnologia, alguns informantes e respectivos amigos foram localizados e entrevistados. Dessa forma, o percentual de informantes das amostras I e II pode ser representado assim:

Gráfico 1: Representação da amostra do *Projeto ALiB* e do *QPP*



Fonte: Elaboração própria.

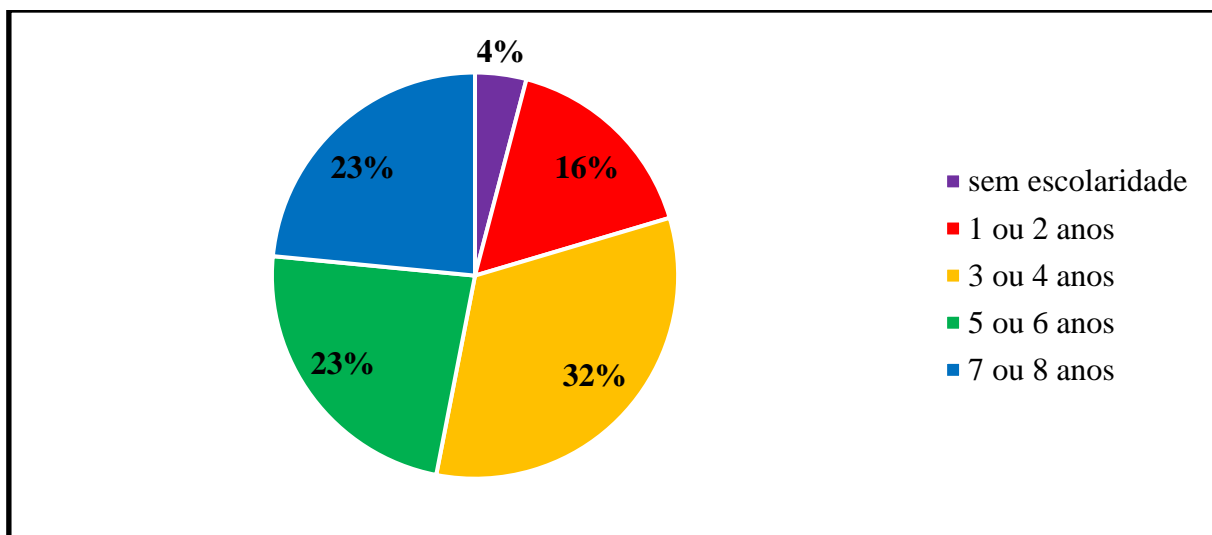
As entrevistas da amostra I foram realizadas entre 2003 e 2009 e aquelas da amostra II mais recentemente, em 2020. Da amostra total do *Projeto ALiB*, apenas as entrevistas referentes ao Estado da Bahia foram utilizadas nesta pesquisa. Assim, a amostra I abrange 74% (92/124) dos informantes observados nesta pesquisa e seus inquéritos totalizam 245:18:56 horas. A amostra II é representada por 26% (32/124) do total dos entrevistados, totalizando 34:47:39 horas de gravação. Desta forma, as amostras totalizam juntas 280:06:35 horas de gravação.

Em relação ao nível de escolaridade dos informantes das amostras, buscou-se a melhor forma de manter-se um possível equilíbrio entre as faixas de exposição à educação formal. De sorte que ao comparar as proporções de nível de escolaridade dos informantes que compõem a amostra do *Projeto ALiB* e do *QPP*, fica evidente a dificuldade que os inquiridores daquela e desta amostra teriam em uniformizar a distribuição desse perfil se essa fosse uma meta possível de ser atingida em tempo exequível. Já no processo de sondagem dos informantes que participariam da aplicação do questionário do *Projeto ALiB*, notou-se a dificuldade de localizar-se informantes da faixa etária 1 que não tivesse ainda cursado alguma série do ensino médio²⁰⁹.

²⁰⁹ Segundo Cardoso et al. (2014a, p. 91, grifo próprio), “[...] decidiu-se, ‘esgotadas todas as possibilidades’, admitir informantes com 17 anos e meio, estender até 32 anos a primeira faixa [...] o tempo de escolarização para os não universitários foi limitado, inicialmente, a quatro anos [...]. O desenvolvimento da pesquisa mostrou a inviabilidade deste limite, principalmente com relação aos informantes da primeira faixa etária, uma vez que os

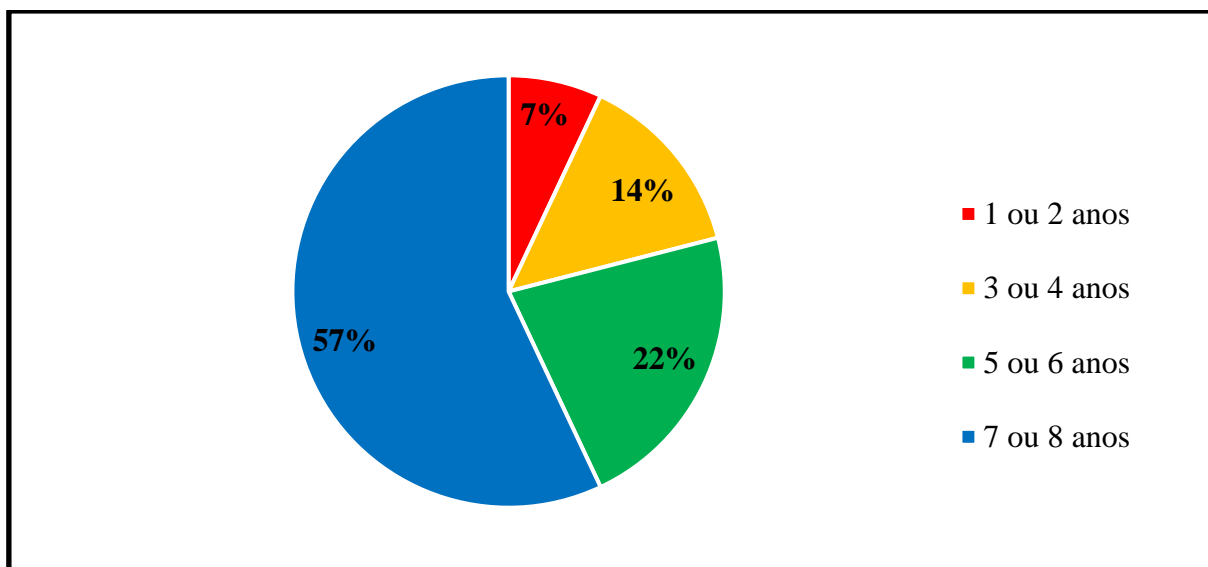
Com todas as adversidades expostas, a distribuição das amostras por nível de escolaridade pode assim ser apresentada. Confirmam-se *Gráfico 2* e *Gráfico 3*:

Gráfico 2: Distribuição do nível de escolaridade na amostra do Projeto ALiB



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3: Distribuição do nível de escolaridade na amostra do QPP



Fonte: Elaboração própria.

programas governamentais de ensino básico (cursos supletivos e de aceleração) vêm possibilitando, à maioria da população, o acesso ao 2º grau. Em vista disso, estendeu-se o grau mais baixo de escolarização até o curso fundamental, que abrange as oito primeiras séries (nove, atualmente), com preferência por aqueles que não houvessem completado e, em casos especiais, admitiu-se até o segundo grau incompleto (até 11 anos de escolaridade) [...].”

Dessa forma, como visto no *Gráfico 2*, a amostra do *Projeto ALiB* utilizada nesta pesquisa foi composta por 4% (4/88) de informante sem escolaridade, 16% (14/88) com 1 ou 2 anos de escolaridade, 32% (28/88) com 3 ou 4 anos de escolaridade e com a mesma proporção de 23% (21/88) de informantes com 5 ou 6 anos e com 7 ou 8 anos de escolaridade. Assim sendo, houve um razoável equilíbrio na distribuição do nível de escolaridade nessa amostra.

Em contrapartida, as dificuldades relatadas por Cardoso et al. (2014a) em localizar informantes da faixa etária 1 com escolaridade igual ou inferior ao 9^o ano já em 2003 foi ainda mais perceptível em 2020 com a aplicação do *QPP*. Dessa forma, embora se buscou seguir exaustivamente todos os critérios para a seleção dos informantes conforme as diretrizes originais do *Projeto ALiB*, como se pode notar com a observação do *Gráfico 3*, à medida que se elevou o nível de escolaridade da amostra, proporcionalmente também se elevou o percentual de informantes que a compõe, de sorte que 7% (2/28) deles têm 1 ou 2 anos de escolaridade, 14% (4/28) possuíam 3 ou 4 anos de escolaridade, 22% (6/28) com 5 ou 6 anos de escolaridade e 57% (16/28) com 7 ou 8 anos de escolaridade.

Nesse comparativo entre as amostras, pode-se notar que além de não haver informantes sem escolaridade na amostra do *QPP*, sua composição é majoritariamente formada por informantes com 7 ou 8 anos de escolaridade ao passo que a amostra do *Projeto ALiB* além de possuir informantes sem escolaridade em sua composição, também é formada majoritariamente por informantes com 3 ou 4 anos de escolaridade. Embora com essas efetivas adversidades encontradas, com esta configuração das amostras, foi possível a realização de estudos de *mudança de tempo aparente e mudança de tempo real*. Ambas as metodologias adotadas já são empregadas há décadas na Sociolinguística. Resumindo a distinção entre tais estudos, pontuam Paiva e Duarte (2003):

O estudo de *mudança no tempo aparente* está baseado no pressuposto de que diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes. O comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas [...]. O *estudo da mudança em tempo real* (de curta ou de longa duração) permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelo estudo em tempo aparente, distinguindo mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade lingüística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento lingüístico do indivíduo ao longo de sua vida (Paiva; Duarte, 2003, p. 14-17, grifo próprio).

Com apenas a análise dos dados de uma das amostras, ter-se-ia um estudo de *mudança em tempo aparente*, ou seja, compara-se o comportamento linguístico ocorrido num mesmo momento, mas com informantes que aparentemente apresentariam comportamentos linguísticos de momentos distintos no tempo, pois seriam informantes de gerações diferentes. No entanto, com o retorno a algumas das localidades do primeiro projeto, pode-se observar a variação e a *mudança em tempo real de curta duração*. Por meio da comparação do comportamento linguístico entre as mesmas comunidades de fala²¹⁰ e/ou mesorregião, executa-se um estudo de *mudança em tempo real do tipo tendência*. Os projetos, amostras e respectivas metodologias serão mais bem descritos nas próximas subseções.

4.4.1 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Desde 1952, com a publicação do Decreto n. 30.643, o Governo Federal previa a elaboração de um atlas linguístico nacional (Brasil, 1952). Com este documento, visava-se ao mapeamento da variação linguística em todo território do Brasil. Já na década de 1960, na Bahia, surgiria o primeiro atlas regional do país. Tratava-se do *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi, 1965 [1963]), mas só em 1996, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), volta-se à discussão sobre a necessidade da criação do atlas linguístico do Brasil²¹¹.

Segundo Cardoso et al. (2014a), a escolha das localidades do *Projeto ALiB* ocorreu após um estudo sistemático da realidade do Brasil. Para tal empreitada, contou-se com a colaboração de geógrafos, antropólogos, indigenistas e historiadores. Por formar o tripé basilar dos estudos dialetológicos, a rede de pontos assim como a escolha dos informantes e formulação do questionário seguiram critérios rigorosos. Assim, cinco critérios nortearam o estabelecimento do número de pontos para cada estado:

- a) as localidades apresentadas por Antenor Nascentes, em 1958, em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*; b) a densidade demográfica; c) as zonas dialetais já determinadas por meio de pesquisas anteriores, por pesquisadores da área; [...] [d)] a distribuição espacial das localidades, para que um ponto não ficasse demasiadamente próximo de outro e se mantivesse, em cada estado, um distanciamento mais ou menos homogêneo – procurou-se, neste caso, conjugar o critério de equidistância ao da densidade

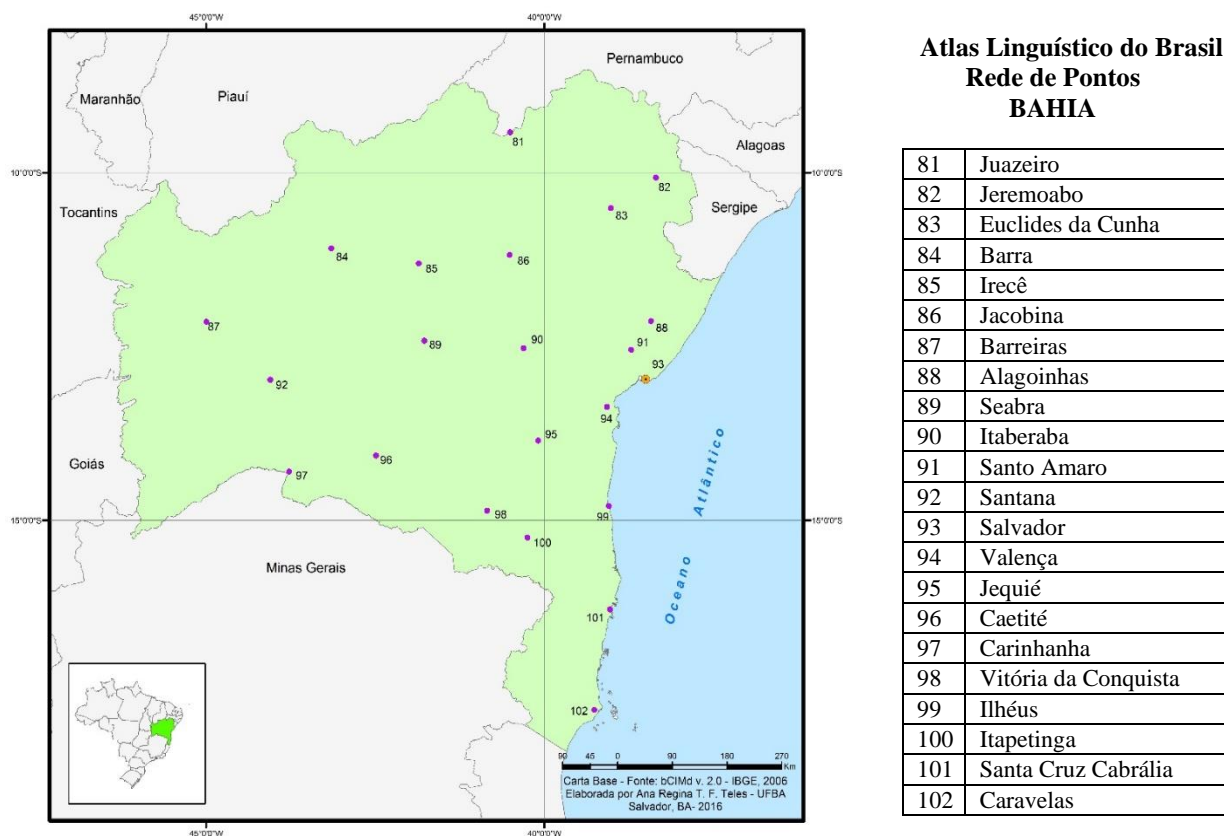
²¹⁰ O conceito de *comunidade de fala* empregado nesta pesquisa é o mesmo que norteia a Sociolinguística tradicional, como proposto por Labov (2008 [1972]).

²¹¹ A *Carta de Salvador* foi o documento assinado por pesquisadores de várias universidades do Brasil em 6 de novembro de 1996 na ocasião do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Ver cópia do documento em Cardoso et al. (2014a, p. 21).

demográfica; e, por fim [...] e) a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou diglossia, se localizada em zona fronteiriça de limites internacionais ou se em zona limítrofe interestadual (Cardoso et al., 2014a, p. 39).

Estes critérios possibilitaram a escolha técnica de 250 pontos distribuídos por todo país²¹². Com as exceções de Palmas, capital de Tocantins e Brasília, capital do Distrito Federal, todas capitais dos estados brasileiros foram visitadas. À época da coleta dos dados, Palmas seria uma capital de criação recente (1989). Brasília, embora inaugurada anos antes (1960), seria “uma cidade jovem em busca de sua identidade linguística e cultural” (Cardoso et al., 2014a, p. 68). Na Bahia, a rede de pontos do *Projeto ALiB* cobre um total de 22 localidades visitadas:

Figura 9: Rede de pontos da Bahia



Fonte: Elaboração própria com base em Cardoso et al. (2014a, p. 74).

²¹² Sobre a rede de pontos, ver: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

Pela observação da *Figura 9*, nota-se que a malha de pontos no Estado da Bahia contempla suas sete mesorregiões, mas, por serem de extensões distintas, algumas dessas mesorregiões apresentam número maior de pontos:

- i) Nordeste Baiano: Jeremoabo (ponto 82), Euclides da Cunha (83), Alagoinhas (88);
- ii) Região Metropolitana de Salvador: Santo Amaro (91), Salvador (93);
- iii) Sul Baiano: Valença (94), Ilhéus (99), Santa Cruz Cabrália (101), Caravelas (102);
- iv) Centro Sul Baiano: Seabra (89), Jequié (95), Caetité (96), Vitória da Conquista (98), Itapetinga (100);
- v) Centro Norte Baiano: Irecê (85), Jacobina (86), Itaberaba (90);
- vi) Vale São-Franciscano da Bahia: Juazeiro (81), Barra (84), Carinhanha (97);
- vii) Extremo Oeste Baiano: Barreiras (87), Santana (92).

Assim, a Região Metropolitana de Salvador, Centro Norte Baiano e Extremo Oeste Baiano foram contempladas com dois pontos, Nordeste Baiano e Vale São-Franciscano da Bahia com três pontos, Sul Baiano com quatro pontos e Centro Sul Baiano com o número mais expressivo: cinco pontos. Quase todas as localidades visitadas na Bahia pelo *Projeto ALiB* são cidades importantes para o estado do ponto de vista histórico, econômico e cultural.

Diferentemente da natureza monodimensional comum à maioria dos atlas tradicionais, sobretudo antes da contribuição da metodologia sociolinguística, o *Projeto ALiB* tem natureza pluridimensional, ou seja, considera outras variáveis além da espacial, a saber: sexo, faixa etária e escolaridade. Estes são aspectos relevantes para a caracterização dos informantes e, conseqüentemente, ampliam a margem de análise a partir dos dados obtidos. Outras informações foram coletadas para caracterização do perfil do informante (exposição aos meios de comunicação, renda, ocupação etc.²¹³), mas elas não foram condicionantes para a escolha de cada informante da amostra *ALiB*, ao contrário, só foram conhecidas durante as gravações.

Assim sendo, em cada localidade foram escolhidos quatro informantes de ambos os sexos, de duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos de idade)²¹⁴, cujas vivências nas localidades fossem iguais ou superiores a 2/3 de suas vidas. Em reunião do *Comitê Nacional do Projeto ALiB*, decidiu-se:

²¹³ Algumas destas informações também foram controladas na análise desta tese.

²¹⁴ O grupo intermediário (31-50 anos) não foi controlado “[...] para não aumentar demasiadamente o número de informantes, dificultando a tarefa que já apresentava bastante onerosa [...]” (Cardoso et al., 2014a, p. 91). Em raros casos, aceitaram-se informantes com o mínimo de 17 anos e meio e máximo de 32 anos para primeira faixa e entre 48 e 67 anos para segunda faixa.

[...] [evitar] indivíduos cujas profissões exigissem muita mobilidade (caminhoneiros, por exemplo) ou que, por algum motivo, fossem marginalizados pela comunidade. Nas capitais e nas cidades de mais de 500.000 habitantes, a seleção de informantes levou em conta também, a localização dos bairros, evitando-se o registro de indivíduos de áreas socioculturalmente muito distintas (alguns residentes em bairro dito de classe A e outros em favelas, por exemplo), procedimento que poderia levar à interpretação de casos de variação social como variáveis diageracional ou diassexual (Cardoso et al., 2014a, p. 91).

Entre estes dois perfis extremos, optou-se por informantes que morassem em bairros de classe média quando as cidades fossem populosas como estas. No entanto foram admitidos trabalhadores destes bairros mesmo que residissem em bairros periféricos. Também se evitou entrevistar mais de um membro por família salvo quando não houvesse outra possibilidade.

No interior dos estados, entrevistaram-se apenas informantes com escolaridade até atual 9º ano (8ª série) da educação básica. Entre informantes não alfabetizados e aqueles com pouca escolaridade, optou-se por este indivíduo. Também em casos excepcionais, aceitaram-se informantes com o segundo grau incompleto (como máximo de 11 anos de escolaridade). Ademais, apenas nas capitais foram entrevistados oito informantes, pois quatro deles deveriam ter também nível universitário completo. Desta forma, na amostra da Bahia, apenas em Salvador foram entrevistados informantes com escolaridade universitária.

Como terceiro elemento do tripé metodológico, a versão final do questionário foi resultado de várias reuniões do Comitê Nacional do *Projeto ALiB*. Para tal empreitada, foram levados em consideração os trabalhos dialetológicos sobretudo dos atlas regionais publicados até 1996²¹⁵. À medida que foram promovidos os *workshops*, surgiram as publicações da primeira (1998), segunda (2000) e última versão do questionário (2001) (Comitê Nacional do *Projeto ALiB*, 2001, 2003 [2000], 2014 [1998]). Desta forma, o questionário recebeu muitas contribuições e passou por testes experimentais, por conseguinte, sofreu muitas modificações necessárias embora se saiba que nenhum questionário esteja acabado depois de pronto e aplicado²¹⁶. Dado o rigor exigido para sua elaboração, só depois de dois anos de sua última versão, o questionário do *Projeto ALiB* foi aplicado na Bahia. Ademais, devido às adversidades, os questionários foram aplicados entre 2003 e 2009, assim foram precisos seis anos para sua aplicação nas 22 localidades do estado.

²¹⁵ Ver Cardoso et al. (2014a, p. 79).

²¹⁶ Observação pontuada pela saudosa Suzana Cardoso em aula da disciplina *Variação Espacial do Português Brasileiro* em 2017. À época, a professora Suzana Cardoso era Diretora-Presidente do Projeto ALiB e lecionava no curso de pós-graduação Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O questionário foi sequenciado em *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)*, dispendo de 170 questões, das quais 11 são relativas ao caráter das frases (afirmativa, interrogativa, imperativa); *Questionário Semântico-Lexical (QSL)* que contemplou 14 áreas semânticas, com 202 perguntas; *Questionário Morfossintático (QMS)* com mais 49 questões; *Questões de Pragmáticas (QP)* com quatro questões, *Temas para Discursos Semidirigidos (TDS)*, contendo quatro temas – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal; *Perguntas Metalinguísticas (PM)* com seis questões e *Texto para Leitura*. Somadas todas as perguntas, os entrevistados na Bahia, assim como nos demais estados do Brasil, responderam ao mínimo de 435 perguntas²¹⁷, além da eventual leitura de uma fábula quando suas limitações físicas, psicológicas e/ou escolares não lhes tolham. Deste modo, os inquiridos do *Projeto ALiB* na Bahia têm extensão entre 1:01:46 e 4:42:01 horas de duração. De forma geral, os informantes gastaram tempo semelhante nas entrevistas, ou seja, 70% (64/92) deles levaram entre 2:00:00 e 3:00:00 horas para responder às perguntas propostas pelos inquiridores. Em casos pontuais, os informantes preferiram responder às questões em mais de um dia dadas a suas limitações de tempo; outros poucos, porém, não participaram da aplicação de todo questionário por forças maiores. Quanto à formatação das questões, o questionário do *Projeto ALiB* dispõe essencialmente de perguntas de duas naturezas já mencionadas por Chambers e Trudgill (1994 apud Cardoso et al. 2014a, p. 81):

[...] as perguntas *naming*, em que se solicita ao informante uma denominação, utilizando, quando necessário, os recursos de mímica, gravuras, fotos ou de apresentação de objetos (*realia*), e as [perguntas] do tipo *completing*, em que se espera que o informante complete a elocução do inquiridor com um determinado vocábulo, utilizadas, sobretudo, no QFF. (Cardoso et al. 2014a, p. 81)

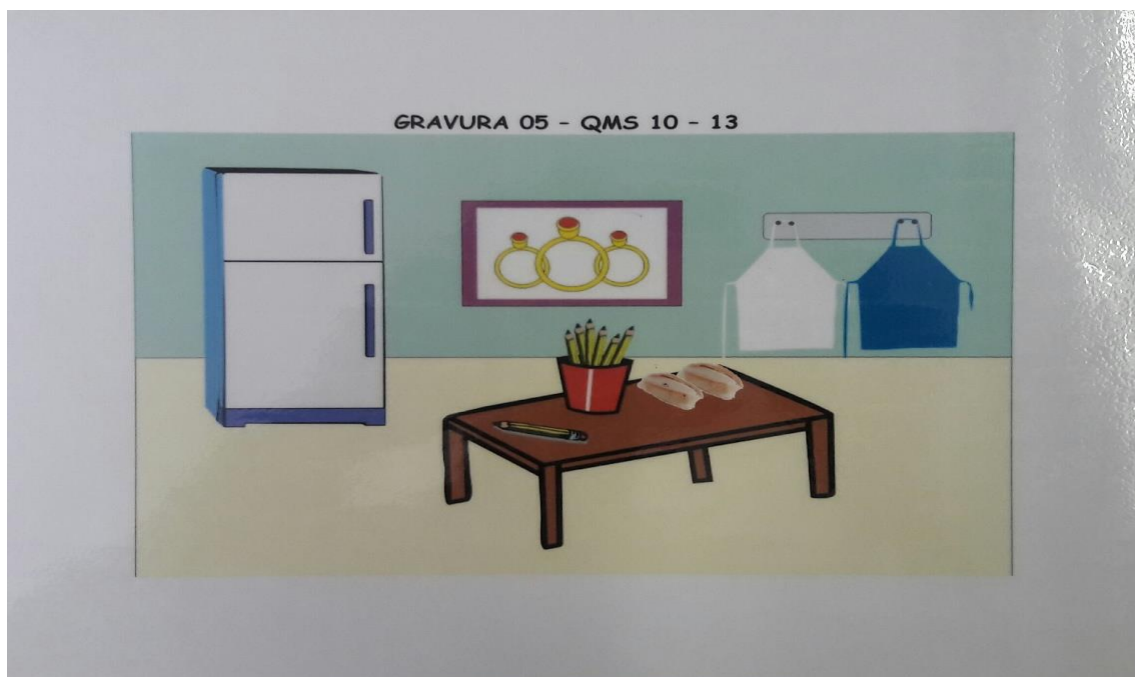
Esta variação na natureza das questões não só permitiria a ampliação de recursos para a obtenção das respostas pertinentes como também tornaria mais dinâmica a interação entre entrevistado e entrevistador e, conseqüentemente, minimizaria o *paradoxo do observador* apontado por Labov (1983 [1972] apud Cardoso et al. 2014a, p. 81). Segundo Labov (2008 [1972]), a pesquisa linguística tem como objeto de estudo do vernáculo, ou seja, a fala das pessoas quando não estão sob a observação sistemática, todavia a coleta destes dados ocorreria

²¹⁷ Diz-se o mínimo de 435 perguntas porque foi muito recorrente (re)fazer a mesma pergunta várias vezes para obter-se a resposta pertinente bem como quase sempre se fazia outras perguntas para obtenção de dados complementares.

através da observação sistemática, logo o *Comitê do Projeto ALiB* chegou à conclusão de que “a variedade de tipos de questão é um dos procedimentos que pode contribuir para minimizar o caráter artificial do diálogo informante-documentador” (Cardoso et al. 2014a, p. 81).

No questionário, a alomorfia de plural também foi tema contemplado como objeto de estudo. De forma sistemática, as respostas poderiam ser intercomparáveis a partir da observação dos dados obtidos na seção *Número* do *QMS*. Nela, buscou-se as realizações de pluralização alternativa para 11 lexias: *lápiz* (questão 10), *anéis* (11), *aventais* (12), *pães* (13), *mãos* (14), *leões* (15), *degraus* (16), *flores* (17), *chapéus* (18), *anzóis* (19) e *olhos* (20). As perguntas para aquisição de tais dados foram do tipo *naming*²¹⁸. Assim, no questionário, tem-se a orientação: “Mostrar ao/ à informante gravuras, com solicitação: ‘Poderia dizer tudo o que você/ o(a) senhor(a) está vendo nesta(s) gravura(s)?’” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 40). Vejam-se as *Figuras 10, 11 e 12*:

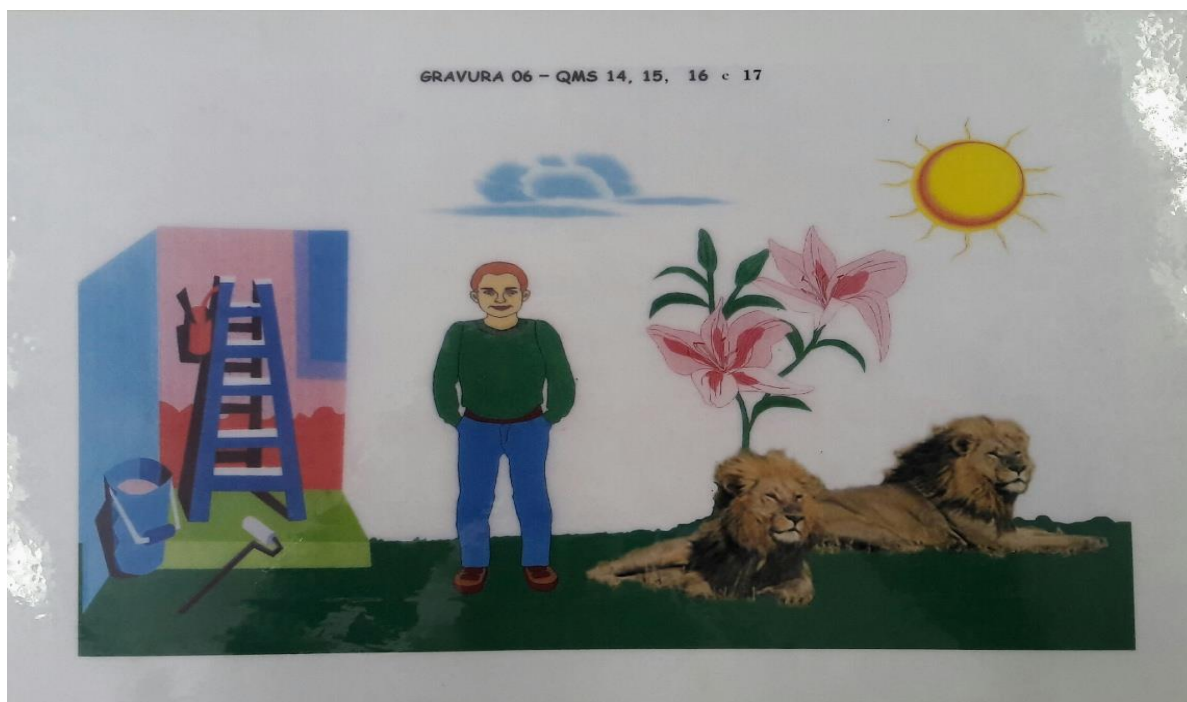
Figura 10: Gravura 5 do QMS



Fonte: Acervo do *Projeto ALiB*.

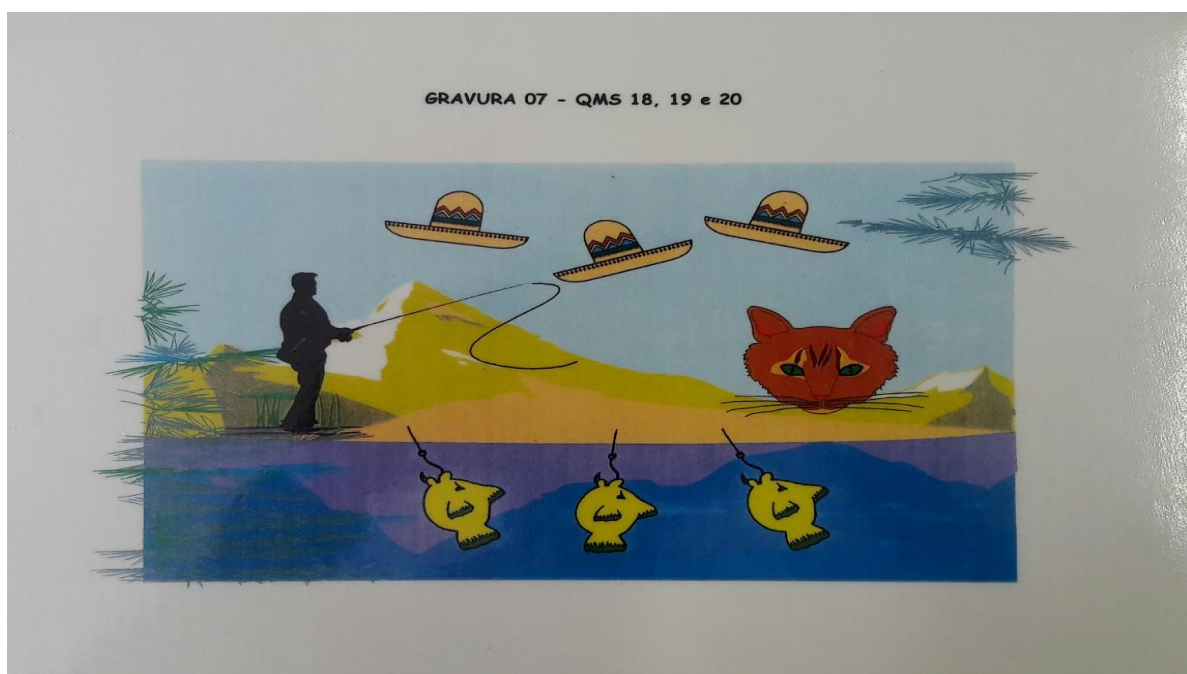
²¹⁸ Esta escolha por perguntas do tipo *naming* foi uma inovação entre a versão do questionário de 1998 e 2001. Na primeira versão, havia o enunciado: “Dizemos: livros para *mais de um* livro. [Questão] 23. Se for mais de um LÁPIS, como e que se diz?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 1998, p. 51). Este tipo de pergunta seria realizado também citando as lexias: *anel* (24), *grão* (25), *chapéu* (26), *farol* (27), *flor* (28), *animal* (29), *pão* (30), *olho* (31) e *botão* (32). Em seguida, havia a seção de *Concordância nominal* como 4 enunciados semelhantes envolvendo outras pluralizações sobretudo tratando do plural metafônico dos substantivos (*ovo*, *fogo*) e dos adjetivos (*choco*, *gostoso*). Assim, entre as duas versões dos questionários, houve mudança nas lexias abordadas, suas classes gramaticais, número de questão e em sua abordagem.

Figura 11: Gravura 6 do QMS



Fonte: Acervo do Projeto ALiB.

Figura 12: Gravura 7 do QMS



Fonte: Acervo do Projeto ALiB.

A mudança na natureza da questão do tipo *completing* presente na primeira versão do questionário para perguntas do tipo *naming* na última versão foi muito importante para a

minimização do paradoxo do observador, pois ao invés de solicitar explicitamente ao informante que indicasse o plural de algumas palavras ao completar sentenças, neste tipo de abordagem o informante bastaria dizer o que estava vendo nas gravuras. Foram apresentadas a *Figura 10, 11 e 12* nesta ordem. Na primeira gravura (*Figura 10*) praticamente os informantes não encontrariam dificuldade em indicar indiretamente os plurais (três *anéis*, dois *pães*, sete *lápis*, dois *aventais*). A proposta neste momento se assemelharia a uma atividade de reconhecimento, como se fosse um psicoteste ou mesmo um exame de vistas. Com a apresentação das demais figuras, alguns informantes mostraram-se inseguros às vezes, pois já reconheciam a necessidade de acionarem-se habilidades linguísticas além das habilidades de reconhecimento de elementos e sua descrição.

Como já dito, além da seção *Número* do *QMS*, todas demais seções foram controladas, inclusive a variação linguística presente no ato da leitura da fábula muito embora seus dados não foram contabilizados, pois não seriam dados de produção. Tais ocorrências serviram apenas como exemplos. Desta forma, foi possível observar se o tipo de questionário e/ou momento da entrevista favoreceriam mudança de comportamento linguístico do informante por exigirem níveis distintos de monitoramento por parte do informante. Além das 9/11 lexias intercomparáveis, pois fazem parte da abordagem original da seção *Número*, outras lexias foram controladas no questionário do *Projeto ALiB* para serem comparadas com aquelas presentes no *QPP*. Veja-se o *Quadro 27*:

Quadro 27: Localização das lexias controladas no questionário do Projeto ALiB

LOCALIZAÇÃO DAS LEXIAS CONTROLADAS NO QUESTIONÁRIO DO ALiB			
N.	GRUPOS	QUESTIONÁRIO	
		ORIGINAL (QMS)	OUTROS
1	1. METAFÔNICOS	1. olhos	1.bolsos
2			2.cachorros
3			3.caroços
4			4.morros
5			5.olhos
6			6.ossos
7			7.ovos
8			8.porc0s

9			9.tijolos
10	2. -ÃO	1.mãos	1.mãos
11		2.pães	2.alemães
12		3.leões	3.cães
13			4.pães
14			5.leões
15			6.televisões
16	3. DITONGO -AU, -EU	1.degraus	1.degraus
17		2.chapéus	2.graus
18			3.paus
19			4.chapéus
20	4. -L	1.aventais	1.aventais
21		2.anéis	2.hospitais
22		3.anzóis	3.policiais
23			4.queixais
24			5.reais
25			6.anéis
26			7.pincéis
27			8.anzóis
28			9.faróis
29			10.lençóis

Fonte: Elaboração própria.

Como observado, foram controladas 20 pluralizações controladas, além das nove presentes na proposta original do *QMS*. Desta forma, considerando toda extensão dos inquéritos, chegou-se a 29 lexias controladas a partir da amostra do *Projeto ALiB*. No entanto, assim como alguns plurais alvo do *QPP* não foram localizados em toda amostra do *ALiB*, algumas lexias flexionadas da amostra do *Projeto ALiB* não foram controladas e/ou localizadas no *QPP*. Este questionário foi idealizado também com o intuito de ampliar o inventário de plurais controlados originalmente no *Projeto ALiB*. Assim, em princípio, o *QPP* traria consigo as 9/11 lexias do *QMS* mais novas lexias alvo, no entanto se percebeu que as novas lexias alvo do *QPP* foram localizadas no plural também em outros trechos dos inquéritos do *Projeto ALiB*,

logo elas também passaram a ser controladas além das 9/11 lexias originais do *QMS*. Por fim, depois da aplicação do *QPP*, notou-se que algumas estratégias de alomorfa de número localizadas apenas nos inquéritos do *Projeto ALiB* seriam de grande valia para análises futuras, sobretudo no tocante a pluralização do grupo das vogais e ditongos orais e dos diminutivos²¹⁹. Assim, a amostra I e amostra II apresentam pontos de intersecção e de disjunção quanto às pluralizações controladas, mas com a junção de todas as lexias inventariadas nas duas amostras pode-se ampliar a compreensão do fenômeno em estudo.

4.4.2 Pisando no mesmo solo 17 anos depois do *Projeto ALiB*: a aplicação do *Questionário de Produção e Percepção (QPP)*

Após cursar a disciplina *Variação Espacial do Português Brasileiro* na UFBA, ministrada por pesquisadores do *Projeto ALiB*, surgiu o interesse por estudar a variação flexional de número. No entanto, ao observar os inquéritos experimentais do *Projeto ALiB*, já se percebia que tal fenômeno não seria de fácil controle, pois o número de dados e eventuais variações não seriam tão recorrentes nesta amostra, portanto, depois das primeiras orientações, decidiu-se retornar a algumas das comunidades visitadas pelo *Projeto ALiB* e aplicar não só um novo questionário como formatação similar à seção *Número (QMS)* mas também propor novas lexias e outras abordagens ao tema.

Deste modo, uma vez conhecendo os critérios essenciais para escolha das localidades e dos respectivos informantes bem como sabendo da importância do cuidado na elaboração do questionário, julgou-se pertinente retornar a algumas das localidades depois de 17 anos da aplicação do primeiro questionário do *Projeto ALiB* no Estado da Bahia²²⁰. Para tal empreitada, julgou-se necessário reduzir o número de localidades a serem revisitadas para que a execução deste novo projeto aos moldes do ALiB não fosse comprometida. Embora o número de pontos

²¹⁹ Estes dois grupos não fazem parte do projeto do doutorado. Passaram a ser controlados depois da primeira audição dos inquéritos do *Projeto ALiB* e aplicação do *QPP*. Devido a sua importância, passaram a ser controlados, mas não fizeram parte dos dados analisados. Ver lista completa no *Apêndice*.

²²⁰ Como já dito, os questionários foram aplicados entre 2003 e 2009. No entanto se apresentou a margem de 17 anos de diferença entre a aplicação dos questionários do *Projeto ALiB* na Bahia e a datação do retorno às localidades originais, pois ao observar a datação das entrevistas realizadas nas sete localidades revisitadas, notou-se que 41% (13/32) delas ocorreram em 2003, 28% (9/32) em 2004 e 31% (10/32) entre 2005 e 2009. Dessa forma, 2003 foi o ano com o maior número de entrevistas realizadas. Ademais se somadas todas as entrevistas, aquelas realizadas entre 2003 e 2004 corresponderiam a 69% (22/32) do total da amostra, logo, em última análise, de modo geral, a diferença entre a amostra I e a amostra II ficaria entre 16 e 17 anos.

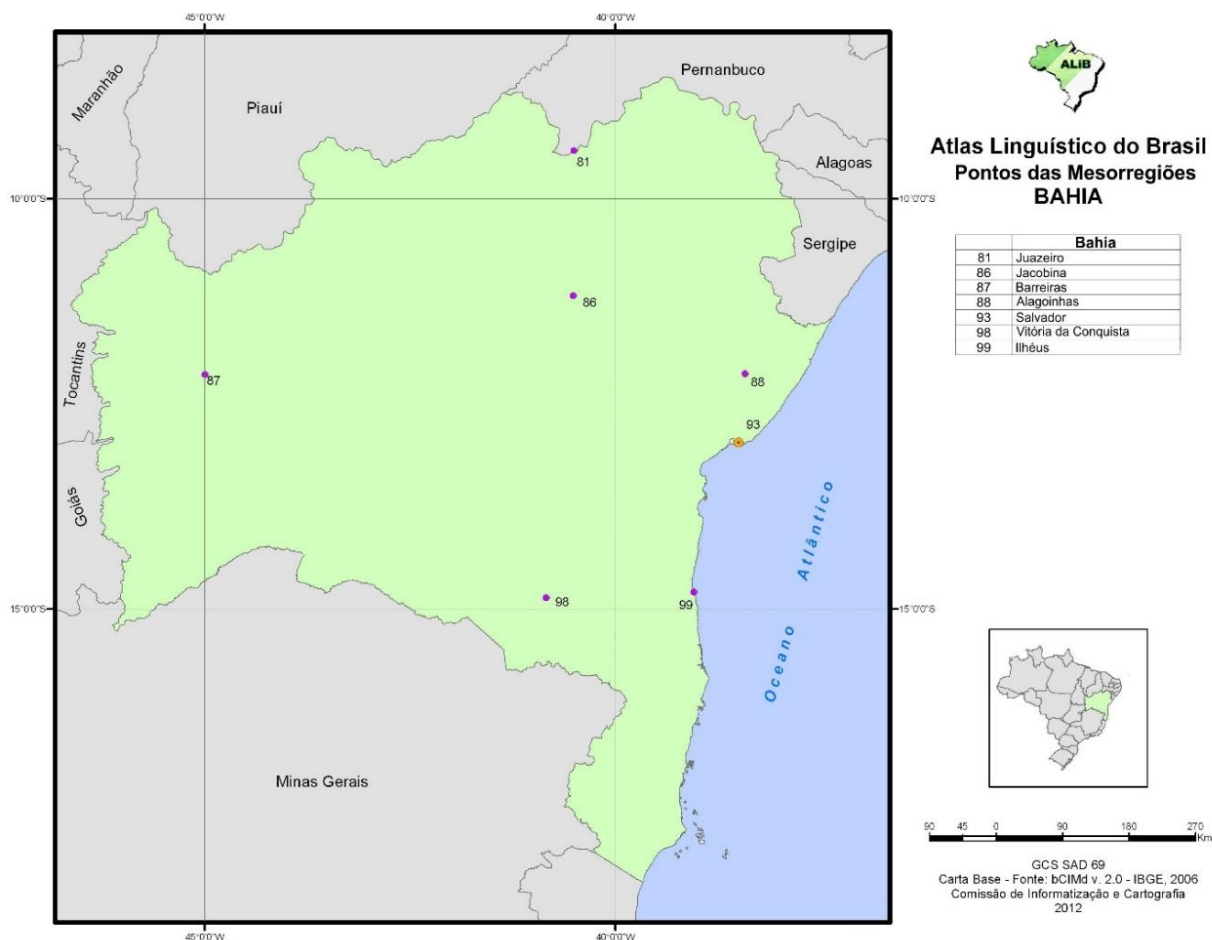
deste segundo projeto corresponda a 32% (7/22) do *Projeto ALiB*, a malha de ponto do *QPP* cobre todas as mesorregiões do Estado da Bahia. Comparem-se as *Figuras 13 e 14*:

Figura 13: Distribuição dos pontos do Projeto ALiB por mesorregiões na Bahia



Fonte: Adenilson da Silva Peixoto Júnior.

Figura 14: Pontos revisitados nas sete mesorregiões da Bahia



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode notar na comparação da *Figura 13* e *14*, todas mesorregiões baianas foram contempladas com um ponto a ser revisitado. Para escolha de cada ponto, observou-se o critério maior densidade demográfica associado a maior representatividade histórica, social e econômica de cada localidade frente às demais por mesorregião. Levando em consideração estes critérios, foram escolhidas as seguintes localidades:

- i) Nordeste Baiano: Alagoinhas (ponto 88);
- ii) Região Metropolitana de Salvador: Salvador (93);
- iii) Sul Baiano: Ilhéus (99);
- iv) Centro Sul Baiano: Vitória da Conquista (98);
- v) Centro Norte Baiano: Jacobina (86);
- vi) Vale São-Franciscano da Bahia: Juazeiro (81);
- vii) Extremo Oeste Baiano: Barreiras (87).

Também foi levado em consideração a distribuição espacial das localidades para que se mantivesse um distanciamento relativamente homogêneo como pode ser observado na *Figura 14*. Como proposto pelo *Projeto ALiB*, densidade demográfica e equidistância foram critérios indissociáveis na escolha de cada ponto por mesorregião. Dessa forma, buscou-se montar a nova malha de pontos de forma mais homogênea possível, ou seja, tentou-se escolher localidades que não fossem tão diferentes, sobretudo quanto à sua densidade demográfica.

Quanto à caracterização dessa amostra II, seguiu-se exatamente os mesmos critérios basilares da amostra I. Dessa forma, foram selecionados 4 informantes em cada ponto do interior e 8 na capital baiana. Em cada localidade foram escolhidos informantes de ambos os sexos, das duas faixas etárias (faixa 1: 18-30 anos e faixa 2: 50-65 anos de idade). Também só foram admitidos informantes nativos que passaram no máximo 1/3 de suas vidas fora da localidade. Este eventual afastamento do município não poderia ter ocorrido nos anos iniciais ou nos últimos anos, ou melhor, se um informante tivesse 30 anos de idade, ele só faria parte da amostra se seu afastamento tivesse ocorrido entre os 10 e 20 anos de sua vida. Neste mesmo sentido, pessoas com ocupações que exigissem recorrente deslocamento entre cidades não foram aceitas exceto quando esgotadas todas as tentativas conforme se sugeriu no *Projeto ALiB*.

No entanto os informantes só foram contactados e entrevistados depois da aprovação deste projeto pelo *Comitê de Ética e Pesquisa (CEP)*²²¹. O projeto inicialmente intitulado *Alomorfia de plural no português da Bahia: uma análise pluridimensional do atlas linguístico do Brasil (ALiB)* foi submetido à apreciação do CEP com a descrição desta amostra, localidades a serem visitadas e apresentação do respectivo questionário. Conforme determinação do próprio CEP, todos os envolvidos assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)*. Também se evitou pronunciar o nome do informante, preferiu-se quase sempre chamá-lo por apelido e/ou pronomes de tratamento, logo apenas nas fichas do informante constaria sua identificação e só o pesquisador teve acesso a tais gravações.

Para aplicação do questionário (ver *Apêndice A*), preferiu-se locais com pouco ou nenhum barulho, escolhidos preferencialmente pelo informante. Desta forma, utilizaram-se parelhos *smartfone* para gravação dos inquéritos relativamente distante do campo de visão do informante para deixá-los mais à vontade. Em alguns casos, o(a) auxiliar do entrevistador foi dispensado(a) para que o informante não se sentisse constrangido ao responder a questões da *Parte 2* e, sobretudo, da *Parte 3* do *QPP*, pois a esta altura da entrevista, solicitava-se que o informante,

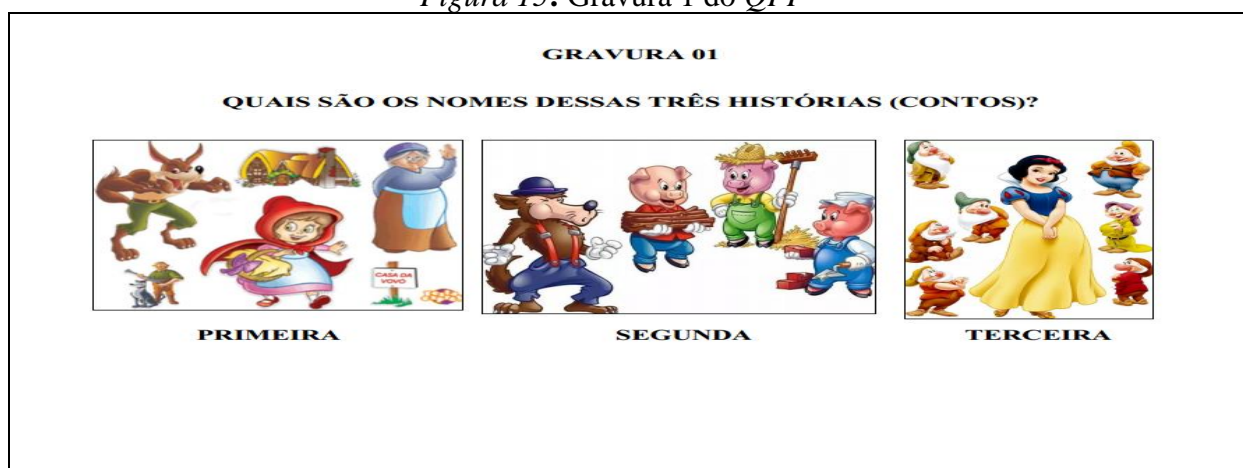
²²¹ Parecer número 3.608.843, emitido como aprovação do projeto em 30 de setembro de 2019.

respectivamente, avaliasse sentenças e indicasse quais os plurais das lexias apresentadas. Além da presença do entrevistador, uma outra presença poderia deixar o entrevistado (mais) constrangido. Neste sentido também, o inquiridor buscou manter-se simpático, às vezes, rindo ou narrando fatos pessoais para que a relação entre ambos ficasse menos impessoal e, conseqüentemente o paradoxo do observador fosse minimizado. Esta eventual aproximação ocorria antes da aplicação do questionário com o preenchimento da ficha do informante.

Foram aplicados oito inquéritos experimentais em Salvador o que possibilitou fazer ajustes na metodologia e/ou formatação das perguntas e imagens do *QPP*. Também para evitar o cansaço inevitável de alguns informantes ao responder ao longo questionário do *Projeto ALiB*, ao idealizar-se o *QPP*, buscou-se reduzir o número de lexias ideais para cada parte do questionário, logo os inquéritos do *QPP* tiveram extensões inferiores a 50 minutos. De forma precisa, a aplicação dos questionários ocorreu num espaço entre 23:59 e 49:34 minutos. Isto foi possível, pois o *QPP* é um questionário específico. Neste tempo, os informantes responderam a quatro questionários identificados como *Parte 1*, 2, 3 e 4, todavia, por questões teórico-metodológicas, apenas a *Parte 1* e a *Parte 3* foram consideradas no levantamento dos dados, pois as demais partes trazem consigo dados de percepção (crenças e atitudes) e não de produção.

A *Parte 1* do *QPP*, assim como a seção *Número* do *QMS* do *Projeto ALiB*, é composta por perguntas do tipo *naming*. A escolha por este tipo de pergunta no primeiro momento da entrevista foi importante para que o informante se desprendesse do real objetivo da identificação das figuras. Assim, entre as 20 gravuras apresentadas na *Parte 1*, as primeiras perguntavam pelo nome do conto e não o nome (no plural) de cada imagem, logo, na primeira delas, não foram apresentadas imagens controladas ou mais de um mesmo elemento, portanto é um exemplo de distrator. Veja-se a *Figura 15*:

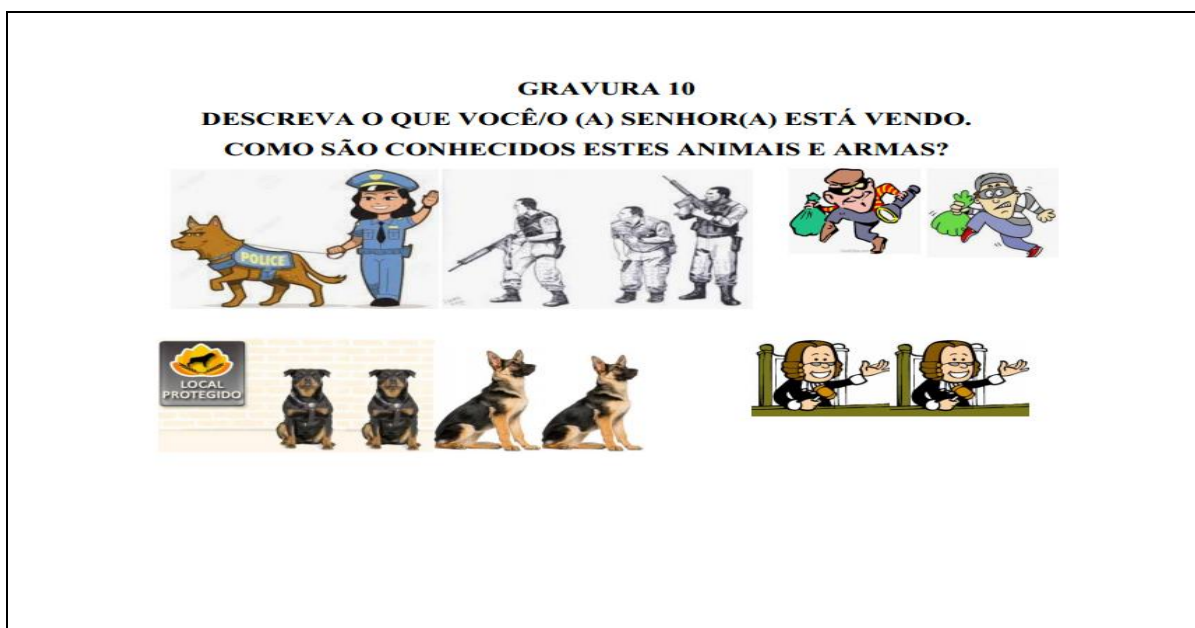
Figura 15: Gravura 1 do QPP



Fonte: Elaboração própria.

Também nesta parte do *QPP* foi possível agrupar figuras numa mesma gravura²²² sob o rótulo de um campo semântico. Deste modo, quase sempre os informantes criaram uma narrativa para os elementos descritos em determinadas gravuras. Esta postura dos informantes relativamente vai ao encontro da proposta de Labov (2008 [1972]) para minimizar o paradoxo do observador. Para ele, “[...] uma forma de superar o paradoxo é *romper os constrangimentos da situação de entrevista* com vários procedimentos que *desviem a atenção do informante* e permitam que o vernáculo emerja [...]” (Labov, 2008 [1972], p. 244, grifo próprio). Portanto, como já dito, buscou-se evitar constrangimentos e com o agrupamento das imagens por campo semântico nesta parte do questionário, visou ao parcial desvio da atenção do informante com o propósito de coletar-se dados o mais espontâneo possível. Veja-se a *Figura 16*:

Figura 16: Gravura 10 do *QPP*



Fonte: Elaboração própria.

Na *Figura 16*, apresentou-se o campo semântico *criminalidade*. De tal forma que em vários inquéritos, os informantes narraram a fuga dos ladrões, descreveram em detalhes suas roupas e o que levavam nas mãos. Alguns citaram a importância dos cães na captura dos criminosos e o papel dos juizes frente ao delito. Também na tentativa de desviar temporariamente a atenção do informante, alguns enunciados foram elaborados se assemelhando a desafios de percepção. Durante as aplicações de alguns questionários, a

²²² Todas as imagens foram extraídas aleatoriamente do *Google*.

exemplo das ocorridas no ponto 81 e 93, alguns os informantes perguntaram se a *Parte 1* seria um psicoteste. Veja-se o exemplo da *Figura 17*:

Figura 17: Gravura 2 do QPP



Fonte: Elaboração própria.

Além de procurar agrupar as imagens por campo semântico para tornar a aplicação mais espontânea, na *Parte 1* e na *Parte 2* e *3*, evitou-se dispor em sequência as lexias ou imagens de um mesmo (sub)grupo em observação²²³. Também muitas imagens e lexias aleatórias (distratores) foram dispostas entre aquelas controladas para tentar desviar a atenção do informante. Estes e outros procedimentos foram necessários ora para deixar o informante mais à vontade nesta parte do questionário, ora para evitar a migração na escolha da estratégia de pluralização por influência de um eventual efeito dominó nos momentos em que o informante estivesse (mais) consciente do verdadeiro objetivo da apresentação das imagens.

²²³ Houve poucos momentos em que lexias alvo de um mesmo grupo de pluralização ocorreram numa mesma gravura. Quando inevitavelmente estas coincidências não puderam ser evitadas, durante a amostragem destas gravuras aos informantes, o inquiridor apontou para cada imagem de modo que as respostas não fossem apresentadas de forma sequenciada, o que evitou um eventual efeito cascata sobre as realizações de plural. Neste caso, a imagem referente a *ladrões* foi a primeira apontada e *televisões* foi a última delas. Igualmente ocorreu com *mamões* e *melões*. Embora não exista a figura deste elemento na *Gravura 8* (Ver *Apêndice A*), muitos informantes a citaram, logo o plural de *melão* passou a ser controlado também. Na *Gravura 10* (Ver *Apêndice A*), primeiro foi perguntado pelo referente *cães* e, no final, perguntou-se pela raça dos animais e qual a sua quantidade vista. Igualmente as imagens de *hospital* e *real* estão em gravuras distintas.

Pode-se notar também uma repetição até cinco vezes das imagens alvo na mesma gravura como percebido com *degrau* na *Figura 17*. Às vezes, imagens semelhantes da mesma lexia alvo ou lexias de um mesmo grupo foram repetidas ao longo de todas as partes do *QPP*. Este procedimento foi necessário para controlar a variável previsora número da ocorrência (se foi primeira, segunda ou outra posição na realização dentro de uma mesma parte do questionário ou em partes distintas) bem como para apresentar alternativas de imagens incomuns à sua identificação pelo informante, como no caso das imagens de fuzil ou para diferenciar homem de rapaz e anel de aliança. Depois da aplicação dos questionários experimentais, notou-se, por exemplo, que para se conseguir o dado referente a *fuzil*, sua repetição em duas gravuras não seria suficiente para a maioria dos informantes contactados. Foi necessário apresentar uma caixa de munição com o nome *fuzil* ao seu lado na gravura para que um número mais expressivo de informantes pudesse reconhecer as imagens dos fuzis e, conseqüentemente, realizar as pluralizações desta lexia. Mesmo assim, houve casos do não reconhecimento da arma apresentada.

Pelo exposto nesta subsecção, ao utilizar-se parte das mesmas localidades, o mesmo tipo de amostra, de metodologia e/ou de questão, os dados obtidos na seção *Número* do *Projeto ALiB* e na *Parte 1* do *QPP* são intercomparáveis. Ademais, para a elaboração da *Parte 1* do *QPP*, partiu-se das 9/11 pluralizações alvo da seção *Número* do *Projeto ALiB* (*anéis, aventais, pães, mãos, leões, degraus, chapéus, anzóis e olhos*), no entanto mais 36 outras pluralizações alvo puderam ser também controladas nesta sequência: *anãos, corrimãos, bolsos, televisões, ladrões, postos, gols, reais, hospitais, graus, carochos, mamões, melões, pastéis, funis, ovos*²²⁴, *limões, policiais, fuzis, cães, cachorros*²²⁵, *alemães, troféus, aviões, faróis, pedais, ossos, paus, tijolos, barris, porcos, bocais, véus, lençóis, fornos e pincéis*. Como se tratou da aplicação de um questionário específico, para análise nesta tese, pode-se ampliar significativamente o inventário de pluralizações a serem controladas bem como se pode controlar outros subgrupos não inventariados na seção *Número* do questionário alibiano, a exemplo do plural das lexias dos seguintes casos:

- i) subgrupo em *-il* (como *barril*);

²²⁴ Os plurais alvo *ovos* e *faróis* foram retomados propositalmente no *QPP*, pois eles figuravam na primeira versão do questionário do *Projeto ALiB* (1998) como já mencionado. Seria a oportunidade de saber-se se tais plurais seriam realizados de forma alternativa à norma padrão utilizando os mesmos recursos e metodologia alibiana. Não se sabe, porém, porque essas lexias foram substituídas, respectivamente, por *olhos* e *anzóis* na última versão do questionário do *Projeto ALiB* (2001).

²²⁵ Foram considerados *cães/cachorros*, porque foram dados apresentados como variantes para uma mesmo referente. Alguns informantes só realizaram uma das alternativas para cada par de variantes.

ii) subgrupo com plural etimológico em -ão (*avião, televisão* entre outros), evitando-se usar apenas lexias com plural etimológico latino (*-anus, -anes, -ones*).

Assim, comparadas apenas as perguntas do tipo *naming* das duas amostras, as lexias controladas no questionário do *Projeto ALiB* correspondem a apenas 25% (9/36) do total daquelas controladas no *QPP*, mas foram muito relevantes para compreender a variação do emprego do plural morfossintático. Além de apresentar uma malha de pontos mais densa, maior número de informantes, os dados do *Projeto ALiB* são muito importantes para esta pesquisa, pois, em comparação com os dados do *QPP*, possibilitaram reflexões sobre o papel do tempo e do espaço na realização do plural no Estado da Bahia.

Por se tratar também de dados de produção, as ocorrências da *Parte 3* do *QPP* foram controladas. Suas questões foram do tipo *completing* (cf. *Apêndice A*). Assim sendo, o enunciado deste questionário solicitava que o informante apresentasse “*os plurais* para cada [substantivo]”, conseqüentemente, a esta altura da aplicação do *QPP*, o informante poderia sinalizar a existência de lexias com pluralização dupla ou tripla se fosse de seu conhecimento ou apenas indicar uma das alternativas de marcação para cada lexia, pois só na *Parte 3* foram sugeridas lexias alvo com prescrição única, dupla ou tripla no que se refere ao grupo de lexias com terminação em *-ão*. Este seria o principal objetivo desta parte do *QPP*, pois neste momento viria à tona se a pluralização alternativa seria de conhecimento da amostra controlada e se tais informantes julgavam como legítima a possibilidade de marcações duplas ou triplas.

Como na *Parte 1*, na *Parte 3*, evitou-se apresentar mais de uma lexia alvo de um mesmo grupo numa mesma sentença. Com a proposta da *Parte 3*, foi possível controlar as pluralizações de lexias pouco comuns à fala dos informantes como *guardiães, cristãos, cidadãos*, entre outros. Elas não poderiam ser controladas em perguntas do tipo *naming*, pois não seriam de fácil reconhecimento pelo informante, por tal motivo foram idealizadas neste momento, portanto, com o acréscimo de lexias desta natureza, pode-se controlar com maior rigor a variável frequência das lexias frente à realização do plural além da primeira parte do *QPP*²²⁶.

Assim como nos questionários anteriores, na *Parte 3*, lexias alvo foram intercaladas com distratores bem como novamente se evitou o sequenciamento de lexias pertencentes a um mesmo grupo. Neste momento, algumas lexias da *Parte 1* foram retomadas e outras passaram a ser alvejadas. Ao grupo em *-ão*, acrescentaram-se: *cristãos, vulcões(ões), guardiães(ões)* e *aldeões (ãos, ães)*, e ao grupo em *-s, meses* e *países*, portanto, na *Parte 3*, foram adicionadas 6

²²⁶ Tratar-se-á desta questão ainda nesta seção.

novas lexias alvo. Essas lexias só foram adicionadas na terceira parte do *QPP*, pois, como já dito, não seriam de fácil identificação via apresentação de imagens como ocorrido na *Parte 1*. Deste modo, algumas lexias foram sugeridas em um, dois ou três momentos da aplicação do *QPP*. Considerando apenas os dados da *Parte 1* e 3, as lexias alvo assim foram distribuídas e/ou reapresentadas aos informantes:

Quadro 28: Localização das lexias controladas no QPP

LOCALIZAÇÃO DAS LEXIAS CONTROLADAS NO QPP			
N.	GRUPOS	QUESTIONÁRIO	
		PARTE 1	PARTE 3
1	1. METAFÔNICOS (10) ²²⁷	1.bolsos	
2		2.cachorros (2) ²²⁸	
3		3.caroços	1.caroços
4		4.fornos	2.fornos
5		5.olhos (2)	3.olhos
6		6.ossos (2)	
7		7.ovos	4.ovos
8		8.porcos	
9		9.postos	
10		10.tijolos	
11	2. -ÃO (19)	1. anãos ²²⁹	
12		2. corrimãos (3)	1. corrimãos
13		3.mãos (4)	
14			2.cidadãos
15			3.cristãos
16			4. vulcãos
17		4.alemães	5.alemães
18		5.cães (2)	
19		6.pães (2)	
20			6. guardiães
21		7.avíões	
22		8.ladrões (2)	
23		9.leões	
24		10.limões	

²²⁷ Às frente de cada grupo, segue a indicação do total das respectivas lexias controladas.

²²⁸ A numeração entre parênteses corresponde ao número de repetições das imagens ou lexias alvo.

²²⁹ As lexias em negrito apresentam dupla ou tripla marcação de plural.

25		11.mamões	7.mamões
26		12.melões	
27		13.televisões	8.televisões
28			9.aldeões
29	3. DITONGO -AU, -EU (6)	1.degraus (8)	1.degraus
30		2.graus (2)	
31		3.paus	
32		4.chapéus	2.chapéus
33		5.troféus (2)	
34		6.véus	
35	4.-L (16)	1.aventais	1.aventais
36		2.bocais	
37		3.hospitais	
38		4.pedais	
39		5.policiais	
40		6.reais	
41		7.anéis (2)	2.anéis
42		8.pastéis	
43		9.pincéis	
44		10.barris	
45		11.funis	
46		12.fuzis (2)	3.fuzis
47		13.anzóis	4.anzóis
48		14.faróis	
49		15.gols (2)	
50		16.lençóis (3)	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme observação do *Quadro 28*, nota-se que foram controladas 45 lexias na primeira parte e 19 lexias na terceira parte do *QPP*. Somas as duas partes, chegou-se a um inventário de 50 lexias controladas de forma independente (sem repetição de item), contemplando 4 grupos de pluralização. Ademais, embora não tenham sido sugeridas, algumas dessas 50 lexias pluralizadas foram realizadas na *Parte 4*, e por ocorrerem logo após a aplicação da terceira parte do *QPP*, foram controladas como realizações pertencentes a este momento do questionário.

Nota-se também que nem todas as lexias ou todos os grupos foram controlados nos dois momentos do *QPP*. Esta redução foi uma tentativa encontrada para viabilizar a realização do questionário sem que provocasse cansaço no informante e, conseqüentemente, ele se mostrasse indiferente às perguntas que lhe seriam apresentadas, o que comprometeria a qualidade dos dados obtidos. Também, depois da análise dos questionários experimentais, notou-se que

algumas lexias apresentavam pouca ou nenhuma variação, logo foram preteridas frente a outras com comportamento diferente. Para compensar a não repetição de algumas lexias, na *Parte 3*, por exemplo, buscou-se contemplar os respectivos grupos de que elas fazem parte, sobretudo daquelas que pertenciam a grupos que provocaram mais insegurança aos informantes sondados na aplicação dos questionários experimentais. Com a comparação principalmente da primeira parte com as demais do *QPP*, pode-se perceber o papel do monitoramento e eventuais favorecimentos da realização de plurais a partir de analogias com estratégias mais recorrentes na língua.

A *Parte 4* foi propositalmente apresentada ao informante no último momento da aplicação do *QPP*, pois, a esta altura, cada participante teria total consciência do propósito dos questionários. Ademais, sobretudo depois da aplicação das *Parte 2* e *3*, um considerável inventário de lexias foi acionado pelo informante e, conseqüentemente, ele pode pensar sobre as particularidades da marcação do plural no PB. Como na *Parte 2*, as respostas obtidas na *Parte 4* serão objeto de estudo de outros trabalhos.

Como exposto nesta subseção, o *QPP* apresentou diferentes formatos de questões ao longo das quatro partes que o compõem. A primeira é aquela mais próxima da proposta idealizada pelo *Projeto ALiB* e, portanto, seria inicialmente a melhor para o estabelecimento da comparação entre os dados da amostra I e II. No entanto se fez necessário ampliar o inventário de lexias controladas originalmente no *Projeto ALiB* para que melhor se compreendesse a realização do plural no Estado da Bahia embora se saiba que o controle deste fenômeno em ambos os questionários encontrou limitações de muitas naturezas.

4.4.3 Tratamento dos dados

Como em todo em trabalho variacionista, o objeto de estudo mesurado estatisticamente recebe o nome de variável dependente ou também variável de resposta²³⁰. No caso desta pesquisa, a escolha entre as três variantes que compõem a variável resposta conforme o grupo analisado (no grupo metafônico, por exemplo: dupla marcação ~ única marcação ~ não marcação morfológica) na fala dos informantes seria favorecida por determinados fatores que compõem as variáveis previsoras. A título de ilustração, considerando a variável previsora escolaridade e seus fatores maior nível de escolaridade e menor nível de escolaridade, poder-

²³⁰ Por questões teóricas, optar-se-á por esta nomenclatura por julgá-la mais coerente embora aquela definição seja a mais tradicional nos trabalhos variacionistas.

se-ia supor que o fator maior nível de escolaridade favoreceria ou não o uso de alguma das três variantes que compõem a variável resposta. Desta forma, a variável resposta seria “influenciada” diretamente por uma ou mais variáveis previsoras e não o contrário²³¹.

Metodologicamente, a variável resposta em estudo foi considerada de natureza ternária, ou seja, três variantes compuseram o envelope²³² de respostas. No entanto, em alguns dos quatro grupos controlados, há mais de três variantes controladas a exemplo de *car[o]çø ~ car[ɔ]ços ~ car[o]ços ~ car[ɔ]çoø*. Nesse sentido, a última variante foi analisada separadamente e se passou a uma análise estatística binária descrita detalhadamente no final da subseção 4.4.4. Considerando os dados das amostras I e II, todas 182 variantes que compuseram a variável resposta foram inventariadas como observado no *Quadro 29*:

Quadro 29: Inventário das variantes observadas nas amostras I e II

INVENTÁRIO DAS VARIANTES OBSERVADAS NO ALiB E QPP			
N.	GRUPOS	LEXIAS	VARIANTES
1	1. METAFÔNICOS (11)	1.bolso	1.b[o]lsoø
2			2.b[o]lsos
3			3.b[ɔ]lsos
4		2.cachorro	1.cach[o]rroø
5			2.cach[o]rros
6			3.cach[ɔ]rros
7		3.carçoço	1.car[o]çø
8			2.car[ɔ]ços
9			3.car[o]ços
10			4.car[ɔ]çoø
11		4.forno	1.f[o]rnø
12		2.f[ɔ]rnos	
13		3.f[o]rnos	
14	5.morro	1.m[o]rros	
15		2.m[ɔ]rros	
16		3.m[ɔ]rroø	
17	6.olho	1.[o]lhoø ²³³	
18		2.[ɔ]lhos	
19		3.z[ɔ]jis	
20		4.[ɔ]ios	
21		5.[o]lhos	
22		6.[ɔ]lhoø	
23		7.z[ɔ]jiø	

²³¹ Tratar-se-á das variáveis resposta de forma detalhada na próxima subseção.

²³² Segundo Tarallo (2007), por *envelope* se compreende o “[...] elenco de todas as variantes que compõem uma variável” e *variantes* seriam “várias maneiras de se dizer a mesma coisa, como o mesmo valor de verdade. Conjunto de formas lingüísticas que compõem uma variável; podem ser padrão, não padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada e de prestígio” (Tarallo, 2007, p. 86-88).

²³³ A não marcação morfológica foi padronizado com base na grafia original *olho*, logo [o]ioø e [o]lhoø se equivalem neste quadro.

24			8.[ɔ]ioø
25		7.osso	1.[o]ssoø
26			2.[ɔ]ssos
27			3.[o]ssos
28			4.[ɔ]ssoø
29		8.ovo	1.[o]voø
30			2.[ɔ]vos
31			3.[o]vos
32			4.[ɔ]voø
33		9.porco	1.p[o]rcoø
34			2.p[ɔ]rcos
35			3.p[o]rcos
36			4.p[ɔ]rcoø
37		10.posto	1.p[o]stoø
38			2.p[ɔ]stos
39			3.p[o]stos
40		11.tijolo	1.tij[o]loø
41			2.tij[ɔ]los
42			3.tij[o]los
43			4.tij[ɔ]loø
44	2. - $\tilde{A}O$ (18) > - $\tilde{A}O$ ²³⁴	1.aldeão	1.aldeãoø
45			2.aldeões
46			3.aldeãos
47			4.aldeães
48		2.avião	1.aviãoø
49			2.aviões
50			3.aviãos
51			4.aviães
52		3.cidadão	1.cidadãoø
53			2.cidadãos
54			3.cidadões
55			4.cidadães
56			5.cidadãs ²³⁵
57		4.limão	1.limãoø
58			2.limões
59			3.limãos
60			4.limães
61		5.mamão	1.mamãoø
62			2.mamões
63			3.mamãos
64			4.mamães
65		6.televisão	1.televisãoø
66			2.televisões
67			3.televisãos
68	> -ANUS	7.anão	1.anãoø
69			2.anãos
70			3.anões

²³⁴ Os parênteses angulares indicam a existência de subgrupos à frente. Neste caso, são plurais com base na etimologia das lexias pertencentes ao grupo com terminação em *-ão*.

²³⁵ *Cidadãs* não é o plural de *cidadã* neste caso, mas o plural de *cidadão*. Por questões metodológicas, os dois dados dessa natureza registrados nas gravações serão analisados à parte.

71		8.corrimão	1.corrimãoø
72			2.corrimãos
73			3.corrimões
74			4.corrimães
75		9.cristão	1.cristãoø
76			2.cristãos
77			3.cristães
78			4.cristões
79		10.guardião	1.guardiãoø
80			2.guardiães
81			3.guardiões
82			4.guardiãos
83		11.mão	1.mãoø
84			2.mãos
85			3.mães
86			4.mões
87		12.vulcão	1.vulcãoø
88			2.vulcãos
89			3.vulcões
90	> -ANES	13.alemão	1.alemãoø
91			2.alemães
92			3.alemãos
93			4.alemões
94		14.cão	1.cãoø
95			2.cães
96			3.cãos
97		15.pão	1.pãoø
98			2.pães
99			3.pãos
100			4.pões
101	> -ONES	16.ladrão	1.ladrãoø
102			2.ladrões
103			3.ladrãos
104		17.leão	1.leãoø
105			2.leões
106			3.leãos
107			4.leães
108		18.melão	1.melãoø
109			2.melões
110			3.melãos
111	3. -AU, -EU (6) > -AU	1.degrau	1.degrauø
112			2.degraus
113			3.degrais
114			4.degrai
115		2.grau	1.grauø
116			2.graus
117		3.pau	1.pauø
118			2.paus
119			3.pais
120	> -EU	4.chapéu	1.chapéuø
121			2.chapéus

122			3.chapéis
123		5.troféu	1.troféuø
124			2.troféus
125			3.troféis
126		6.véu	1.véuø
127			2.véus
128			3.véis
129	4. -L (17) > -AL	1.aventail	1.aventailø
130			2.aventais
131			3.aventaus
132		2.bocal	1.bocalø
133			2.bocais
134			3.bocaus
135		3.hospital	1.hospitalø
136			2.hospitais
137		4.pedal	1.pedalø
138			2.pedais
139			3.pedai
140			4.pedaus
141			5.pedalo
142			6.pedalos
143			7.pedales
144		5.policiaill	1.policiaillø
145			2.policiais
146		6.queixail	1.queixailø ²³⁶
147			2.queixais
148			3.queixares
149		7.real	1.realø
150			2.reais
151	> -EL	8.anell	1.anellø
152			2.anéis
153			3.anéus
154		9.pastell	1.pastellø
155			2.pastéis
156		10.pincell	1.pincellø
157			2.pincéis
158			3.pincéus
159	> -IL	11.barrill	1.barrillø
160			2.barris
161			3.barrius
162		12.funill	1.funillø
163			2.funis
164			3.funius
165		13.fuzill	1.fuzillø
166			2.fuzis
167			3.fuzi
168			4.fuzius
169			5.fuzíveis ²³⁷

²³⁶ A não marcação foi realizada como *queixail*, *queixar* e *queixo*, mas neste quadro foram também padronizadas como *queixail*.

²³⁷ Grafou-se *fuzíveis* com o grafema <z>, pois o referente é *fuzil* e não *fusível*.

170	> -OL	14.anzol	1.anzolø
171			2.anzóis
172			3.anzóus
173			4.anzós
174		15.farol	1.farolø
175			2.faróis
176			3.faróus
177		16.gol	1.golø
178			2.gols
179			3.gois
180		17.lençol	1.lençolø
181			2.lençóis
182			3.lençóus

Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Quadro 29*, algumas lexias apresentaram até sete variantes de pluralização. Como o objeto de estudo deste trabalho não é a variação fonológica tampouco variação na ortografia, foram considerados uma mesma variante resposta o item independentemente dos rearranjos silábicos em seu interior. Assim, para a classificação das variantes resposta, certos critérios foram estabelecidos:

i) quando houve *marcação parcial* do plural como em *faróiø*, *pedaiø* em casos como *car[ɔ]çoø*, *[ɔ]lhoø* etc., pois, respectivamente, a marcação de número foi realizada apenas com o acréscimo da vogal temática ou mudança de timbre da vogal [o] e em todos esses casos houve omissão do padrão -s, aquelas pluralizações não foram agrupadas à variante -is bem como não estas agrupadas à variante única marcação²³⁸, mas analisadas à parte;

ii) também não foram agrupadas à variante -is *pedales*, nem *pedalo* e *pedalos* foram classificados, respectivamente, como não marcação e pluralização “regular” como *pedaus*;

iii) não foram considerados marcações “regulares” indiferentemente casos em que há o acréscimo do padrão -s, mas se suprime a VT do plural padrão como em *anzó[ø]s* ou *anzóus*;

Para a classificação de uma ocorrência como não marcação morfológica de número, redobrou-se a atenção sobre os dados e muitos deles foram descartados da análise, pois não havia distinções nítidas se em tais casos os informantes tinham consciência de que estariam realizando o plural de algumas lexias controladas ou se tais realizações estariam no singular. Desta forma, dois critérios também nortearam a escolha e classificação dos dados com marcação morfológica ø:

²³⁸ Em sua tese, Scherre (1988, p. 77, grifo próprio) pontuou: “*consideramos plurais* os elementos nominais analisados que *tenham uma marca formal, padrão ou não padrão* [...] formas não padrão (*mese, comercial, religiõe, óvo* etc.)”. Diferentemente, no controle dos dados da amostra do *Projeto ALiB* e *QPP*, optou-se por analisar dados similares separadamente, ou seja, sem processamento por testes estatísticos.

i) como condição *sine qua non*, só foram consideradas marcações morfológicas \emptyset os casos em que as lexias não apresentaram qualquer marca de número, mas foram acompanhadas por determinantes no plural ou expressão com o mesmo valor²³⁹ seja na própria fala do informante seja no turno do inquiridor, mas, neste caso, sua fala foi imediatamente concluída com um *SNs simples*²⁴⁰, ou seja, sob a forma de pergunta, o inquiridor realizava o determinante no plural e o informante completava sua fala com lexias sem marca de número;

ii) foram consideradas não marcação aquelas ocorrências que não apresentaram qualquer distinção morfológica da lexia original no singular como [o]lho \emptyset ou [o]io, mas com valor de plural, logo não foram considerados como variante não marcação [ɔ]lho \emptyset ou [ɔ]io \emptyset , pois embora não tragam a marca final indicativa de plural, foram marcadas parcialmente como já descrito acima.

Ademais, para que determinadas classificações dos dados não deixassem dúvida de que as lexias estavam no plural ou que tais ocorrências não implicariam enviesamento das análises ou mesmo descrédito de seu controle, outros cuidados foram necessários mesmo sabendo que alguns dados seriam descartados do inventário. Desta forma, alguns dados foram classificados, aceitos ou excluídos por alguns motivos. Assim, plurais como *mães, cidadãs, fuzíveis, padales* ~ *pedalo(s)* foram considerados como plurais legítimos dos respectivos referentes *mão, cidadão, fuzil* e *pedal*, pois os informantes que os realizaram tinham consciência das imagens vistas (*mão, fuzil, pedal*²⁴¹); também, em muitos casos, os informantes repetiram tais plurais espontaneamente durante a aplicação dos questionários ou porque o inquiridor refez a pergunta para verificar se ele(as) realmente tinham consciência do referente (*cidadão* (no masculino) e *fuzil* e não *fusível*).

As realizações ocorridas depois de efeitos gatilho durante a aplicação do questionário do *Projeto ALiB* foram desconsideradas, pois não se pode saber se tais realizações são legítimas do comportamento linguístico do informante ou se essas pluralizações foram apenas reproduções texto escrito ou da fala do inquiridor. Também não foram consideradas realizações como:

²³⁹ A exemplo de *conjunto de anel* (inf. 41).

²⁴⁰ *SN simples* seriam respostas curtas, normalmente compostas apenas por uma lexia. Este recurso foi bastante empregado no *QFF* e *QSL* do questionário do *Projeto ALiB*, mas na aplicação da seção *Número* do *QMS* esse recurso foi muito usado nas reformulações das perguntas feitas pelos inquiridores para obter as realizações dos plurais alvo. Todas as perguntas da *Parte 3* do *QPP* são formuladas para completar enunciados, logo são respostas com *SNs simples*. Neste caso, ora o informante apenas apresentava o plural ora repetia o determinante e acrescia o plural alvo à sua frente.

²⁴¹ Outros testes seriam necessários para verificar se *pedalo* e *pedale* seriam apenas variantes lexicais de *pedal*.

(1) *Naø televisãos* (inf. 64)

(2) *Naø mãos* (inf. 66)

(3) *Aø mãos* (inf. 83)

(4) *Um aventaus* (inf. 75)

(5) *Um pedais* (inf. 101)

(6) *Zero gols* (inf. 106)²⁴²

Em casos como entre os exemplos (1) e (6), não há certeza de que tais realizações sejam pluralizações legítimas com a supressão da marca de plural no determinante ou se para o informante a realização do [s] seria apenas um fone e não um indicador de pluralidade. Descartaram-se também as lexias realizadas em momentos em que o áudio foi corrompido e/ou com sobreposição de falas, interrupção da realização lexia e em casos de dúvida do dado ouvido. Por tais motivos, em casos de dúvida quando se aplicou do *QPP*, questionou-se mais de uma vez a respeito da lexia alvo para que o dado fosse considerado (*cidadãs, fuzíveis*). Em contrapartida, foram consideradas realizações como:

(7) *Porta-aventais* (inf. 41)

(8) *Par de pedais* (inf. 101)

(9) *Conjunto de anel* (inf. 41)

Nestes casos, o contexto anterior à lexia sugere que ela seria flexionada em número. Também em alguns casos, considerou-se o controle de realizações de plural de algumas lexias com valores semânticos aproximados: *mãos* (humana), *mãos* (pata de cavalo) ou *mãos* (carinho-de-mão). Em casos como estes, em princípio, a noção de mão humana seria um referente, logo estes três dados foram tratados como variantes de uma mesma lexia.

4.4.4 Tratamento das variáveis previsoras

A partir dos postulados sociolinguísticos impressos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) bem como dos ensinamentos dialetológicos deixados por Chambers e Trudgill (1994), decidiu-se pela seleção de algumas das principais variáveis previsoras e seu tratamento nesta tese. Outras, porém, surgiram da necessidade de ampliação

²⁴² Outros exemplos similares foram localizados nos *corpora* embora não fossem objeto de estudo deste trabalho: *Uma flores* (inf. 36), *Da flores* (inf. 61), *Do rapazes* (inf. 95), *A nuvens* (inf. 39), *Um bombons* (inf. 75), *O rins* (inf. 79), *Um rins* (inf. 118), *O cacuás* (inf. 39), *(D)os reis* (inf. 43) e *No reis* (inf. 78).

deste escopo teórico-metodológico e/ou contemplar informações coletadas pelo *Projeto ALiB* durante suas gravações. Inicialmente, muitas hipóteses e respectivas variáveis foram arroladas para explicação do objeto em estudo, no entanto se fez necessário fazer uso da *navalha de Occam*²⁴³ para que fosse exequível o processamento dos dados sem prejuízo para a análise dos resultados. Por tudo exposto, 14 das variáveis pensadas a princípio foram descartadas:

- i) contexto sintático antecedente ao núcleo do SN;
- ii) tonicidade;
- iii) terminação da lexia;
- iv) parte do questionário;
- v) campo semântico;
- vi) saliência fônica;
- vii) número de sílabas;
- viii) crença ou religião;
- ix) nível de exposição a TV;
- x) nível de exposição a rádio;
- xi) programa de rádio preferido;
- xii) programa de TV preferido;
- xiii) contato dos familiares com o público;
- xiv) contato com a cultura escrita.

Embora algumas destas variáveis previsoras sejam acolhidas na literatura linguística de forma geral bem como para explicação da concordância nominal e/ou marcação de número, nota-se que algumas delas só seriam coerentes para a explicação de limitados grupos morfológicos. Em muitos casos, não há razão de controlá-las a exemplo da variável tonicidade para explicar a variação no grupo metafônico ou no grupo com terminação em *-ão*, já que todas as lexias daquele grupo são paroxítonas ou todas controladas neste grupo são oxítonas. Em todas as variáveis previsoras descartadas, há distribuição insatisfatória dos dados por seus fatores mesmo quando foi possível amalgamar fatores similares. Ademais, houve expressivo comprometimento de algumas gravações da amostra I e respectivas fichas técnicas de cujos

²⁴³ A *navalha de Occam (lei da parcimônia)* é o princípio pautado na simplificação para resolução de problemas. Aplicado à Teoria Variacionista como um princípio metodológico, entende-se que algumas variáveis não devem ser controladas se não há nenhuma correlação entre elas e o fenômeno linguístico em observação bem como se deve descartar o controle de uma variável se ela tem valor secundário para tal explicação, ou melhor, entre dois envelopes de variáveis, escolhe-se aquele cuja explicação esteja exclusivamente direcionada ao fenômeno linguístico estudado.

conteúdos foram subtraídos dados de alguns informantes o que conseqüentemente tornou muito distorcida a distribuição das ocorrências. Também, em alguns casos, o informante não se mostrou seguro da informação apresentada a exemplo a que religião pertencia, nível de exposição a TV, nível de exposição a rádio; e relação com a cultura escrita. Em momentos distintos das gravações ou na comparação do áudio com a ficha do mesmo informante há indicações ou relatos de pertencimento a religiões ou crenças diferentes ou mesmo predileção por programas de rádio ou de TV também distintos e/ou variados. Por fim, algumas destas variáveis descartadas não seriam explicitamente “independente” entre si, ou seja, duas variáveis poderiam ser equivalentes a exemplo parte do questionário e ordem de realização (de ocorrência de cada lexia). Pelo exposto, foram arroladas 11 variáveis previsoras de natureza linguística, diatópica, diacrônica, diastrática, diafásica. Ver variáveis e respectivos fatores no *Quadro 30*:

Quadro 30: Variáveis previsoras controladas e respectivos fatores

DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS PREVISORAS		
N.	VARIÁVEIS	FATORES
1	Grupo morfológico	Lexias com metafonía
		Lexias em ditongo <-ão>
		Lexias em <-l> ou em ditongos <-au>, <-éu>
2	Ordem de realização	Primeira realização da ocorrência
		Segunda realização
		Terceira realização
		Quarta ou outra ordem de realização
3	Frequência de ocorrência ²⁴⁴	Plurais com frequência baixa (1-99) ²⁴⁵
		Caroço, forno, aldeão, limão, mamão, corrimão, guardião, vulcão, melão, pau, troféu, véu, avental, bocal, pedal, queixal, pastel, pincel, funil, anzol
		Plurais com frequência média (100-499)
		Bolso, cachorro, osso, porco, tijolo, televisão, anão, cristão, cão, pão, leão, degrau, chapéu, anel, barril, fuzil, farol, lençol

²⁴⁴A classificação da frequência de ocorrência tomou como base os *corpora* do CoNE (mensagens de correio eletrônico não-endereçadas), C-Oral-Brasil (português brasileiro oral informal), Museu da Pessoa (entrevistas realizadas pelo Museu da Pessoa), Português Falado – Documentos Autênticos (textos orais transcritos (1995-7) e NILC/ São Carlos (formado majoritariamente por textos jornalísticos, mas também cartas comerciais e textos didáticos). Conferir informações no *site*: https://www.linguatca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAO_CARLOS.

²⁴⁵ A classificação da frequência de ocorrência foi a mesma empregada por Huback (2007).

		Plurais com frequência alta (a partir de 500)
		Morro, olho, posto, ovo, avião, cidadão, mão, alemão, ladrão, grau, hospital, policial, real, gol
4	Lexia	Aldeão, alemão, anão, anel, anzol, avental, avião, barril, bocal, bolso, cachorro, cão, caroço, chapéu, cidadão, corrimão, cristão, degrau, farol, forno, funil, fuzil, gol, grau, guardião, hospital, ladrão, lençol, leão, limão, mamão, mão, melão, morro, olho, osso, ovo, pão, pastel, pau, pedal, pincel, policial, porco, posto, queixal, real, televisão, tijolo, troféu, véu, vulcão.
5	Mesorregião da Bahia	Nordeste Baiano
		Região metropolitana de Salvador
		Sul Baiano
		Centro Sul Baiano
		Centro Norte Baiano
		Vale São-Franciscano da Bahia
		Extremo Oeste Baiano
6	Ano da coleta (amostra)	2003 (<i>ALiB</i>)
		2020 (<i>QPP</i>)
7	Sexo	Homem
		Mulher
8	Faixa etária	Faixa 1 (18 a 30 anos)
		Faixa 2 (50 a 65 anos)
9	Nível de escolaridade	Fundamental I (0 a 4 anos de escolaridade)
		Fundamental II (5 a 8 anos de escolaridade)
10	Contato com o público no mercado ocupacional (ocupação) ²⁴⁶	Com menor contato com público
		Administrador de fazenda (caseiro), agricultor (lavrador), ajudante de mecânico, ajudante de pedreiro, alfaiate, artesão, auxiliar de açougueiro, carpinteiro, carregador, caseiro, costureiro (em fábrica), cozinheiro, diarista, dono de casa, eletricitista, empilhador, entregador, encanador, lavadeira, lavador de carro, lavrador, maquinista, marceneiro, marisqueiro, mecânico, meleiro, metalúrgico, montador de banda, montador de bomba, montador em indústria, operário, padeiro, pedreiro, pescador, pintor, repositor, sapateiro,

²⁴⁶ Quando o informante indicou mais de uma ocupação e, entre elas, houve alguma que sinalizasse maior contato com o público por tempo considerável, o informante foi classificado como ocupante de trabalho ou emprego com maior contato com o público.

		serviços gerais, técnico eletrônico, trabalhador de fábrica, tratorista, vaqueiro, vidraceiro.
		Com maior contato com público
		Açougueiro, agente (de saúde); ajudante de professor, assessor de colégio, atendente de consultório, ator; autônomo (vendedor), auxiliar administrativo, barbeiro, bibliotecário, cabeleireiro, caminhoneiro, cobrador, comerciante, corretor de café, dançarino, delegado, divulgador, dono de bar, embalador, empresário, estudante, feirante, garçom, guarda, manicure, mestre de obras, motoboy, motorista, palhaço, policial, porteiro, professor, secretário, segurança, taxista, vendedor (em lojas ou ambulante), vigilante, zelador.
11	Grau de monitoramento	Menor monitoramento linguístico
		<i>ALiB: QFF, QSL, Temas para Discursos Semidirigidos; QPP: Parte 1</i>
		Maior monitoramento linguístico
		<i>ALiB: Questões de Prosódia, QMS²⁴⁷, Questões de Pragmática, Perguntas Metalinguísticas; QPP: Parte 3</i>

Fonte: Elaboração própria.

No envelope das variáveis linguísticas, quase todas foram controladas estatisticamente de forma recorrente e sistemática. Uma vez que não seria coerente analisar estatisticamente todos os dados dos quatro grupos juntos, pois são de naturezas distintas, a “variável previsor” grupo morfológico foi analisada à parte, ou seja, sem processamento estatístico como se observará na seção 5 ou mesmo com processamento estatístico quando se controlaram alguns subgrupos. A escolha desta e de outras variáveis linguísticas surgiram das seguintes hipóteses:

i) grupo morfológico: por tratar-se de variados grupos morfológicos com características linguísticas e extralinguísticas peculiares, acredita-se que o emprego mais recorrente de cada estratégia de marcação de plural ou mesmo de sua não marcação seja diferente a depender do

²⁴⁷ Embora se note certa tensão ao responder à seção *Número (QMS)* por parte dos informantes, por ser o modelo de questionário *Projeto ALiB* mais próximo daquele mais informal do *QPP*, quando as amostras tiveram de apresentar-se de forma mais intercomparável, *QMS* e *Parte 1* foram tratadas como semelhantes quanto ao grau de monitoramento.

grupo morfológico analisado bem como seria provável que o favorecimento de cada variável previsora fosse diferente conforme o grupo morfológico analisado uma vez que algumas variáveis resposta possuem avaliações ou acesso ao léxico diferentes a depender da estratificação de quem a realiza, comunidade linguística onde mora ou mesmo do seu grau de monitoramento ao falar, nesse sentido, pelas observações empíricas, seria natural que grupos de lexias com terminação em *-ão* ou nos ditongos orais decrescentes *-au* e *-éu* apresentassem significativa variação nas estratégias de marcação de plural no PBA²⁴⁸ em direção aos padrões mais produtivos em cada grupo morfofonológico (*-ões* e *-is*, respectivamente).

ii) ordem de realização: algumas lexias eventualmente não seriam pluralizadas no primeiro momento ao passo que em outras ordens de realização da estratégia mais frequente na língua poderia ser acessada no léxico mental a partir de conexões analógicas estabelecidas com itens mais robustos no feixe de exemplares quando durante a realização do questionário se notou a necessidade de marcar também o núcleo do SN como respostas às perguntas do inquiridor.

iii) frequência de ocorrência (*token*): é sabido que algumas lexias são mais comuns no repertório linguístico de alguns falantes do que outras que seriam empregadas com pouca frequência e/ou em contextos limitados, ademais, notou-se com observações empíricas, que algumas delas raramente seriam empregadas no plural. Provavelmente, esse comportamento dos falantes seja motivado também pela robustez de SNs não pluralizados em suas falas e, portanto, com fraca representação mental. Assim sendo, lexias pouco frequentes no plural como *forno* e *vulcão* não teriam o mesmo reforço do uso de plurais comuns como *olho* e *mão*, logo aquelas seriam acessadas no léxico mental de forma analítica (por associações), portanto essa pouca frequência poderia favorecer a não marcação morfológica ou formas alternativas de pluralização para aquelas lexias.

iv) lexia: por saber que cada lexia tem uma história, empregos variados bem como frequência de uso no singular e plural em níveis distintos, acredita-se que a pluralização de cada item no léxico poderia ir de encontro ao que seria esperado pela norma padrão ou mesmo na língua a depender da lexia analisada. Assim, seria compreensível que lexias como *gol* não fossem pluralizadas seguindo a estratégia mais produtiva (*-is*) no grupo de lexias terminadas com o grafema <-l> por exemplo, mas o que seria mais comum em todos os grupos morfológicos do PB ou também em sua língua de origem (*-s*).

²⁴⁸ As motivações para as escolhas de algumas destas hipóteses têm origem em estudos já foram mencionados na revisão da arte, pois parte destas hipóteses já foram testadas na literatura linguística. Por questão de organização da redação das hipóteses, tais trabalhos serão correlacionados a cada uma delas nas subseções da seção 4.

Para além das variáveis linguísticas, buscou-se compreender a correlação entre o emprego de determinadas flexões de número e o espaço onde vive o informante (variável diatópica), a diferença de tempo em que foram aplicados os questionários (variável diacrônica), a condição social do informante (variável diafásica) e do estilo empregado em face da interação verbal entre o informante e documentador (variável diafásica). No que diz respeito à variável diacrônica, acredita-se que fosse mais frequente o emprego do plural esperado e/ou menos produtivo na amostra do *QPP* haja vista o maior nível de escolaridade e de interação entre os informantes da nova geração já no que toca à variável diatópica, acredita-se que regiões próximas ao litoral baiano e/ou cidades com maior densidade demográfica apresentariam comportamento linguístico menos distante da norma padrão no que tange à marcação de plural. Nos grandes centros urbanos do estado, sobretudo na cidade de Salvador, a difusão da cultura escrita ocorreu em períodos e proporções distintas de cidades afastadas desses centros. Ademais, em espaços urbanos com maior densidade demográfica, a necessidade de profissões que exigiriam maior letramento também seria mais comum dadas as demandas do comércio, da indústria, entre outros segmentos. Muito embora nos últimos anos essas demandas, acesso à escolarização e aos meios de comunicação se tornariam mais frequentes em cidades de médio e até de pequeno porte, provavelmente os informantes da faixa 2 não tiveram o mesmo nível de exposição a comportamentos linguísticos cultos proporcionados por estes recursos como aqueles da faixa 1, sobretudo no que diz respeito à amostra I. Assim sendo, acredita-se que as flexões de número de alguns grupos morfológicos ou mesmo de algumas lexias em especial sejam favorecidas pela variável diatópica no Estado da Bahia.

No controle da variável diafásica, levam-se em consideração mais quatro variáveis, três delas comumente intercomparáveis em trabalhos alibianos (sexo, faixa etária e escolaridade) e outra pouco comuns em trabalhos com amostra do *Projeto ALiB* na Bahia (contato com o público no mercado ocupacional). A princípio, algumas hipóteses foram formuladas para:

i) sexo: entre os homens, seria mais comum a ausência de marcação morfológica ou o uso não padrão do plural conforme a avaliação atribuída a algumas flexões entre seus pares, mas entre as mulheres, a aplicação do plural padrão seria mais frequente e atingiria também um maior número de grupos morfológicos e lexias. Como algumas realizações de plural seriam consideradas *marcadores*²⁴⁹ – estando no nível de consciência dos indivíduos, a exemplo de

²⁴⁹ *Marcadores* (ou *marcas*) se opõe ao conceito de *indicadores* a saber: “*indicadores* (são) variáveis, tais como traços dialetais, distribuídas de maneira regular segundo grupos sócio-econômicos, etários, de sexo, etc., *utilizadas por cada indivíduo com a mesma frequência, independentemente do contexto*. Os indicadores escapam à correção e constituem *indícios de pertença de um falante a um dado grupo* [...] *marcas* (são) variáveis que desempenham

fo[ɔ]nos ou *car[ɔ]ços* – as mulheres não costumariam inovar em seu comportamento linguístico na mesma proporção que os homens no que diz respeito a algumas flexões de número.

ii) faixa etária: é muito frequente perceber inovações sobretudo lexicais no repertório linguístico dos adolescentes ou mesmo na fala de pessoas adultas, mas são pouco empregadas de imediato por outras faixas etárias. Em sentido contrário, muitas variações lexicais, fonológicas ou mesmo sintáticas são abandonadas com maior frequência pelas novas gerações. Provavelmente, a nova configuração da sociedade brasileira veria acentuar esta distinção. À medida que foram passando as últimas décadas do século XX, de forma geral, a maioria dos jovens baianos também passaram a ter mais acesso à escolarização e a ocupar com maior frequência trabalhos que exigiam níveis de letramento mais elevados. Ademais, entre eles, houve maior migração para os centros urbanos, interação com pessoas de cidades ou regiões diferentes e acesso mais regular aos meios de comunicação como rádio, TV, internet etc. Esta e outras mudanças que ocorreram até a década de 2020, mesmo que ainda insatisfatórias, possivelmente poderiam provocar reflexos na representação mental da pluralização desses informantes. Pelo exposto, entre as duas faixas etárias estratificadas nesta pesquisa (18-30 e 50-65 anos), acredita-se que seria mais recorrente o plural esperado e/ou mesmo mais produtivo indiferentemente entre os informantes da primeira faixa enquanto a segunda faixa etária empregaria mais a variante inovadora (não marcação) uma vez que entre informantes da faixa etária 2, a exigência do mercado de trabalho eventualmente não cobraria tal monitoramento quanto entre os informantes da faixa etária 1.

iii) escolaridade: a proposta de progressão de série no ambiente escolar pressupõe o desenvolvimento de competências e habilidades no alunado, logo, em circunstâncias normais, seria neste espaço que a maioria das pessoas teria acesso a um maior número de variedades linguísticas e maior exposição à variedade linguística padrão, e, conseqüentemente, reconheceria o valor de seus empregos. Neste sentido, espera-se que estratégias de pluralização com frequência tipo baixa em cada grupo morfológico (marcação dupla, *-ãos/-ães* e *-s* em oposição a *-is*) sejam mais recorrentes no comportamento linguístico de informantes maior tempo tiveram acesso à educação formal.

iv) contato com o público no mercado ocupacional: tradicionalmente a Dialectologia Monodimensional ou mesmo a pluridimensional priorizou estratificações em torno do

uma distribuição específica segundo os grupos sociais mas cujos valores podem *variar em função do grau de atenção que o interlocutor dispensa ao discurso que produz*. As marcas apresentam uma *estratificação social e estilística*” (Xavier; Mateus, 1990, p. 209-238, grifo próprio).

informante HARAS, mas mesmo o homem adulto, rurícola, “analfabeto” e sedentário mantém relações interpessoais com membros de uma mesma comunidade cujos comportamentos linguísticos são mais próximos da variedade padrão por vários motivos. Neste sentido, ao se deslocar para a zona urbana, por exemplo, o rurícola com pouca ou nenhuma escolarização passaria a desempenhar novos papéis sociais que exigiriam dele maior monitoramento em alguns contextos de falar quando ocupando funções como a de vendedor na feira livre, açougueiro, barbeiro ou dono de bar, logo se acredita na hipótese de que informantes cujas ocupações normalmente exijam maior competição de mercado, contato com público e uso de outras formas de letramento provavelmente empregariam com maior frequência o plural padrão ou mesmo do plural não padrão em detrimento do uso mais corrente da não marcação morfológica de número, pois aquelas estratégias teriam maior representação mental entre os informantes que estabelecem maior contato com o público do que aqueles com menor contato com o público em seu trabalho.

Por fim, o controle da variável diafásica, ou melhor, do grau de monitoramento ao falar surgiu da hipótese de que não importa o nível da língua, o pouco monitoramento comum a alguns tópicos discursivos, gêneros e tipos textuais estaria correlacionado ao emprego de variedades linguísticas de menor prestígio, logo o estilo menos monitorado poderia se correlacionar à não marcação ou mesmo aos padrões mais produtivos em cada grupo morfológico.

Para a compreensão do favorecimento das variáveis linguísticas e extralinguísticas em relação à realização do plural na amostra em controle, fez-se uso da análise estatística computacional por meio da plataforma R²⁵⁰ (R Core Team, 2018) aplicada à análise linguística, como idealizou Baayen (2008), com base em obras precursoras, como as de Becker e Chambers, Wilks (1988) e Venables e Ripley (2002). Em relação à escolha do teste estatístico do R, optou-se pelo qui-quadrado (também representado por χ^2)²⁵¹.

Embora o número total de ocorrências das duas amostras seja significativo, quando fracionado por grupos, em alguns deles houve um número limitado de dados ou sua distribuição por célula mostrou-se irregular mesmo com eventuais redistribuições em novos grupos de fatores, assim, optou-se pelo teste qui-quadrado. Este teste estatístico é o mais indicado por mostrar-se mais confiável em situações análogas às apresentadas neste parágrafo. Por meio da aplicação do teste qui-quadrado, obtém-se análises univariadas, ou seja, a variável resposta é

²⁵⁰ Programa disponível em: <http://cran.at.r-project.org/>.

²⁵¹ Mais informações sobre o R e seus testes, ver Oushiro (2017).

testada em relação a cada variável previsor isoladamente. O resultado de cada processamento aponta o índice de relevância da diferença entre os percentuais dos fatores que compõem o envelope de cada variável previsor. Assim, pela aplicação do teste qui-quadrado, sabe-se se as diferenças entre as proporções das variantes são significativas se o valor-p for abaixo de 0,05 (representado apenas por > 0.5). A fórmula deste teste pode ser concebida como indicada na *Figura 18*:

Figura 18: Fórmula para cálculo qui-quadrado

$$\chi^2 = \sum \frac{(O - E)^2}{E}$$

Fonte: Oushiro (2017, p. 101).

Nesta fórmula, *O* representa valores observados e, valores esperados. O valor de qui-quadrado é o resultado da soma das diferenças dos valores da frequência observada e frequência esperada elevadas ao quadrado. Por fim, divide-se o resultado obtido pela frequência esperada²⁵². O valor esperado é a divisão do total de ocorrências, o que legitimaria a hipótese nula, pois haveria 50% de possibilidade de ocorrência para duas variantes por exemplo. Já o valor observado é o número real de ocorrências, que pode descartar a hipótese nula. A título de exemplo, se num processamento estatístico em que são contabilizadas 300 ocorrências de uma variável resposta, sua metade (150 dados) corresponderia ao valor esperado. No entanto, se o resultado de cada variável resposta for diferente deste, por exemplo, 140 dados de uma determinada variante resposta, este novo resultado corresponderia ao valor observado. Com essas noções aplicadas à fórmula da *Figura 18*, é possível verificar se diferenças entre proporções entre fatores de uma variável previsor são significativas de fato, mesmo sem o emprego do R. Processados os dados no R, os resultados são assim reportados:

Figura 19: Reportagem de resultados do teste de qui-quadrado

$$\chi^2 = 196,2 (2), p. > 0.5$$

Fonte: Elaboração própria.

²⁵² Não confundir frequência (número de ocorrências) com proporção (percentagem).

Como pode ser observado no exemplo da *Figura 19*, os resultados do teste qui-quadrado são reportados com mais dois valores: qui-quadrado (196,2), seguido do grau de liberdade (df: 2) entre parênteses e, por fim, reporta-se o valor-p (> 0.5). O grau de liberdade depende do número de fatores controlados em uma variável. Assim, se um pesquisador controla três fatores (três faixas etárias, por exemplo), o valor de df será $3 - 1 = 2$, consequentemente, fd será reportado como (2). Já o valor do qui-quadrado é distribuído em uma tabela levando em consideração grau de liberdade e probabilidade²⁵³. Em suma, desses três valores, basta observar o valor-p para identificar se uma das variáveis arroladas apresenta diferença significativa de percentagem entre seus fatores. Assim, merecem maior atenção as variáveis com valor-p (> 0.5). Nesta pesquisa, o teste qui-quadrado foi realizado em duas rodadas no R por grupo morfológico:

i) rodada 1: não marcação em relação a dupla marcação (grupo em potencial contexto metafônico);

ii) rodada 2: única marcação em relação a dupla marcação (grupo em potencial contexto metafônico);

iii) rodada 1: não marcação em relação a *-ões* (grupo em $\langle -\tilde{a}o \rangle$);

iv) rodada 2: *-ãos* e *-ães* em relação a *-ões* (grupo em $\langle -\tilde{a}o \rangle$);

v) rodada 1: não marcação em relação a *-is* (grupo em $\langle -l \rangle$ e $\langle -u \rangle$);

vi) rodada 2: *-s* em relação a *-is* (grupo $\langle -l \rangle$ e $\langle -u \rangle$).

É importante observar que não se buscou tomar como referência apenas a migração para a estratégia mais produtiva em cada grupo. Na rodada 1, a disposição dessas variáveis resposta levaram em consideração a oposição da não marcação à marcação dupla no grupo em potencial contexto metafônico – já que que todos os dados analisados neste grupo apresentam pluralização esperada com esta marcação – e às marcações mais produtivas nos demais grupos (*-ões* e *-is*). Na rodada 2, buscou-se observar os percentuais da marcação única – já que esta estratégia não é esperada nos dados controlados – em relação à marcação dupla e os percentuais das outras marcações (*-ãos* e *-ães*) e estratégia *-s* em oposição a *-ões* e *-is*, respectivamente.

A escolha pela combinação destes tipos de rodada visa compreender a relação entre os níveis da língua frente à marcação de número do PBA bem como entender o papel da ausência de marcação morfológica para o estabelecimento de um padrão produtivo em determinados

²⁵³ Tabela e maiores esclarecimento em Oushiro (2017, p. 103).

grupos de plural. Assim como o não dito significa para análise do discurso (AD), a não marcação (não dita) tem relevante papel para compreensão da pluralização uma vez que todas as estratégias de pluralização analisadas nesta tese são legítimas representantes da marcação de número e, portanto, quando possível, poderiam ser comparadas com vistas a ranqueá-las. Com tais ordens de emprego de cada estratégia, grosso modo, seria possível compreender novas tendências de marcação de plural no PB. No caso desta pesquisa, a comparação entre as três estratégias poderia indicar novos caminhos para a compreensão da representação mental dos padrões de plural através de uma análise geossociolinguística cognitiva da fala do PBA.

5 REALIZAÇÃO DO PLURAL NA FALA BAIANA: UMA ANÁLISE DOS DADOS DE PRODUÇÃO DO QUESTIONÁRIO DO *ALiB* E DO *QPP*

Uma observação preliminar dos *corpora* já indicava algumas características dos dados coletados e sobre o fenômeno em estudo. Talvez a que mais mereça destaque seja a diversidade de padrões de plural empregados para um mesmo grupo morfológico ou mesmo para uma lexia. Assim sendo, além da realização da marcação esperada e/ou marcação padrão e a não marcação morfológica, as possibilidades de pluralizações se mostraram variadas, o que revela o potencial de inovações possíveis no campo da alomorfia de número no PB.

Mostrou-se imperativa a divisão das análises probabilísticas em três grupos cujas rodadas no R foram realizadas com duas possibilidades de comparação (rodada 1 e rodada 2 como já descritas) visto a complexidade do fenômeno linguístico em análise e do número expressivo de não marcação morfológica presente na amostra. Cabe pontuar que nas demais pesquisas sobre alomorfia de número no PB arroladas ao longo da tese, a não marcação morfológica não foi objeto de processamento de dados em programas estatísticos em face do número reduzido desses dados nesses trabalhos. Provavelmente, a abordagem e/ou questionário aplicado nesta tese favorecerem um comportamento linguístico mais próximo do vernáculo propriamente dito, o que justificaria o número expressivo da não marcação de plural no núcleo da maioria dos SNs controlados, logo não só foi exequível como imperativo o processamento estatístico dessa estratégia.

Com vistas a direcionar a atenção do leitor para os percentuais relevantes, apenas os resultados com diferença probabilística significativa serão analisados nas próximas subseções. No entanto, em casos pontuais, algumas reflexões foram apresentadas quando se julgou necessárias depois de arroladas as variáveis predictoras não selecionadas pelo R. Para tornar mais evidente esta distinção entre os resultados com e sem diferença probabilística significativa, aqueles serão reportados por meio de gráficos e este através de tabelas, por meio de tópicos ou mesmo no interior de parágrafos. Ademais, a disposição dos resultados será ordenada não por uma hierarquia de favorecimento das variáveis, mas por sua natureza: variáveis linguística seguidas de variáveis não linguísticas.

Realizações pouco frequentes em cada grupo foram analisadas à parte a exemplo de marcação única aberta: *tij[ɔ]lo*, *[ɔ]vo* entre outros no grupo metafônico; *dois cidadãs* no grupo com terminação em *-ão*; *degrai*, *farói*, *pedai*, *pedalos*, *pedales* (variante de *pedais*), *fuzi*, *fusível* (variante de *fuzis*), *queixares*, *anzós*, entre outros do grupo com terminação em ditongo [aw].

Realizações dessa natureza foram analisadas antes dos resultados dos dados processados estatisticamente bem como dados de subgrupos a exemplo dos metafônicos tradicionalmente denominados regulares (*bolso, morro, cachorro*) ou daqueles dados com terminação em <-il> e <-ol> com vista a evitar o enviesamento dos resultados com o processamento de realizações que não seriam intercomparável dentro de um mesmo grupo morfológico ou ainda que não promovessem a distribuição dos dados de forma ortogonal. Nesse sentido, as próximas subseções trataram especialmente dos resultados dos processamentos dos grupos metafônicos tradicionalmente denominados irregulares (plurais esperados com abertura da vogal [ɔ]), lexias com terminação em *-ão* e daquelas com terminação nos ditongos [aw] e [ɛw], independentemente de serem representados pelos grafemas em <-u> ou em <-l> já que o contexto fonético idêntico desse subgrupo permite processar as respectivas lexias como dados legítimos de um mesmo envelope variacional.

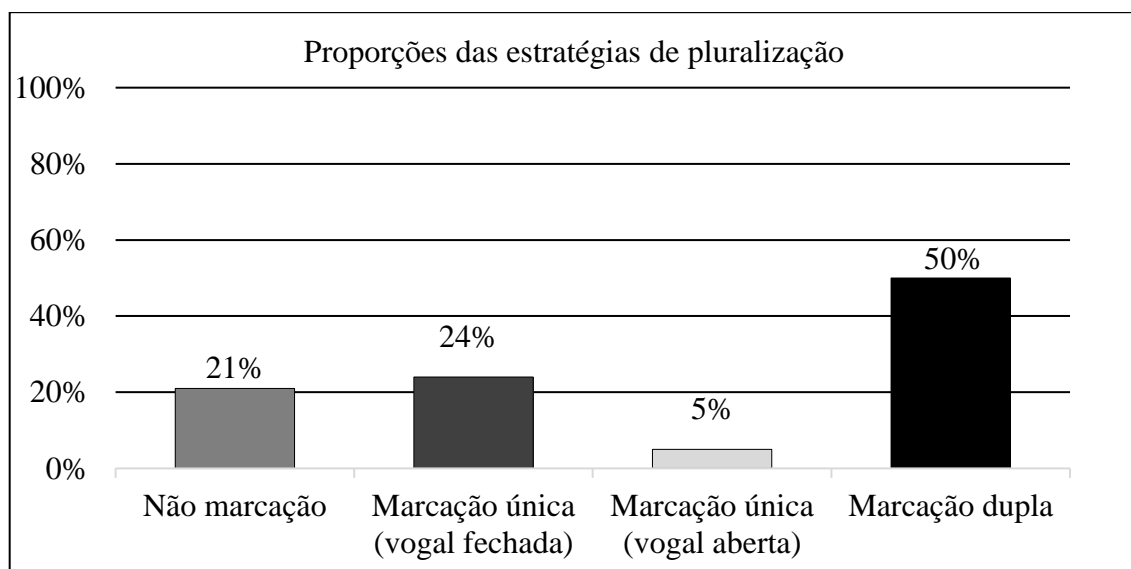
Por conta desta particularidade do objeto de estudo, por meio dos resultados apresentados nas próximas subseções, notar-se-á que nem sempre as mesmas variáveis previsoras se mostram relevantes nas duas rodadas dentro de um mesmo grupo morfológico tampouco em comparação com as demais rodadas estatísticas processadas a partir de dados de outros grupos controlados. Pelos resultados obtidos, pode-se notar que as representações de padrões de pluralização são constantemente atualizadas no léxico mental com uma natureza plástica conforme as experiências de usos da língua de cada comunidade de fala ou mesmo de cada indivíduo, assim sendo, aspectos de ordem social e espacial apresentariam atuações distintas na cognição frente à (não) marcação de plural morfológica.

5.1 O PLURAL METAFÔNICO

Embora alguns autores considerem que a metaforia para a marcação de número ocorra com o emprego do timbre fechado para a vogal tônica [o] como já explicado anteriormente, assim como Gomes e Manoel (2010) e outros autores, nesta tese, denominar-se-á plural metafônico ou dupla marcação o padrão de plural formado por mudança de timbre de [o] > [ɔ] e acréscimo do padrão *-s*. Assim, o plural esperado com abertura da vogal [ɔ] em lexias paroxítonas terminadas no grafema <-o>, equivalente a [w], denominar-se-á de *marcação dupla*; plural sem a alteração vocálica, *marcação única fechada* ou apenas *marcação única*; plural com a alteração vocálica, mas sem acréscimo do padrão *-s*, *marcação única aberta* e marcação de plural apenas no determinante, *não marcação*.

Dessa forma, entre as 11 lexias controladas, três delas seriam consideradas como plural esperado regular (*bolso*, *cachorro* e *morro*) como assim classificam essas autoras e oito lexias com plural esperado com metafonia (*caroço*, *forno*, *olho*, *osso*, *ovo*, *porco*, *posto* e *tijolo*). Embora não seja necessário fazer esta subdivisão a partir de critérios etimológicos e/ou normativos – pois alguns desses itens teriam sua classificação questionada e porque todos os itens desses subgrupos pertencem a um mesmo envelope de variantes já que todas elas têm em comum um mesmo contexto fonológico – para evitar eventuais enviesamento dos resultados, devido ao inexpressivo número de dados daquele subgrupo, apenas este subgrupo foi submetido a processamentos na Plataforma R. Pelos mesmos motivos, as realizações de *marcação única aberta* não foram abordadas de forma sistemática. Assim sendo, os resultados da pluralização do subgrupo de metafônicos regulares e *marcação única aberta* cumpririam o papel de provocar reflexões sobre as possibilidades de pluralização nos subgrupos metafônicos já que o limitado número de dados desses subgrupos não permite conclusões generalizadas. Veja-se o *Gráfico 4*:

Gráfico 4: Realizações diversificadas dos subgrupos em contextos metafônicos
 $\chi^2 = 594.9$ (4) p. < 2.2e-16



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 4*, a diferença entre as proporções é significativa como revela com maior precisão o valor de $p. < 2.2e-16$ ²⁵⁴. A amostra geral do grupo metafônico²⁵⁵ é composta por um total de 776 dados. Desses, apenas 36 dados são referentes à marcação única aberta (5%); 166 de não marcação (21%); 188 de marcação única fechada (doravante marcação única) (24%) e 386 de marcação dupla (50%). Como observado no *Gráfico 4*, somadas todas as formas de marcação no núcleo dos SNs, tem-se 79% (610/776) de pluralização na própria lexia, independentemente de ser de sua natureza parcial (marcação única ou marcação única aberta) ou duplamente marcada.

Diferentemente da não marcação cujas pluralizações dos SNs são evidenciadas no determinante presente na fala do informante ou mesmo do inquiridor, na marcação única aberta, além desse recurso de marcação de número, restam vestígios da pluralização esperada com a alteração vocálica [o] > [ɔ] na sílaba tônica nos núcleos desses SNs. Nesse sentido, são classificadas com marcação única aberta as ocorrências desta natureza:

- (10) *Os [ɔ]lho* (inf. 16)
- (11) *Dos z[ɔ]i* (inf. 20)
- (12) *Quatro [ɔ]io* (inf. 109)
- (13) *Tij[ɔ]lo* (inf. 68)
- (14) *Esses [ɔ]sso* (inf. 86)
- (15) *[ɔ]vo* (inf. 92)
- (16) *Dois p[ɔ]rco* (inf. 102)
- (17) *Dois car[ɔ]ço* (inf. 114)
- (18) *Dos m[ɔ]rro* (inf. 44)

Como se pode observar nos exemplos de 10 a 17, todas pluralizações dos SNs são marcadas de forma evidente no determinante presente na fala do informante ou mesmo do

²⁵⁴ Sempre que a letra *e* vier acompanhando o nível de significância, ele representa a quantidade de zeros que devem ser considerados como existentes à esquerda. Esse número de zeros é indicado depois do hífen à direita. Neste caso em particular, $p. < 2.2e-16$ equivale a $p. < 0,00000000000000022$, ou seja, valor menor que 0,05, logo essa diferença é significativa (confiável). Sobre o gráfico, para reportar o valor de *p.*, basta a indicação de forma resumida como $p. < 0.5$. Assim sendo, doravante, não será indicado valores específicos de significância, mas apenas $p. < 0.5$ para indicar que a diferença entre os percentuais é confiável.

²⁵⁵ Preferiu-se empregar a denominação no plural *subgrupos em contextos metafônicos* em virtude de evitar eventuais nomenclaturas que possivelmente atribuísem juízos de valor aos subgrupos como *contexto metafônico regular* e *contexto metafônico irregular*. Não obstante, eventualmente se empregaram essas nomenclaturas por serem recorrentes na literatura.

inquiridor. No entanto todos núcleos dos SNs em questão apresentam também alteração vocálica [o] > [ɔ] na sílaba tônica dessas lexias. Esse fenômeno ocorreu em 6 lexias do grupo metafônico irregular (*olho, tijolo, osso, ovo, porco* e *caroço*) e em apenas uma lexia do grupo metafônico regular (*morro*) como percebido no exemplo (17). Naquele subgrupo, a lexia *olho* apresentou três variantes fonológicas com acompanhamento de abertura do timbre da vogal [o] como observado nos exemplos de 11 a 13. Ademais, essa lexia foi o item que mais apresentou alteração vocálica sem o acréscimo do padrão -s, o que representou 73% (27/37) de marcação única aberta para *olho*; 5.5% (2/37) para *caroço, osso, porco* e *tijolo*; 3% (1/37) para *ovo* e *morro*. Com exceção da lexia *olho*, a distribuição entre os percentuais de marcação única aberta se assemelha entre as demais lexias o que eventualmente descartaria a correlação entre a variável lexia e a realização dessa estratégia de marcação de plural.

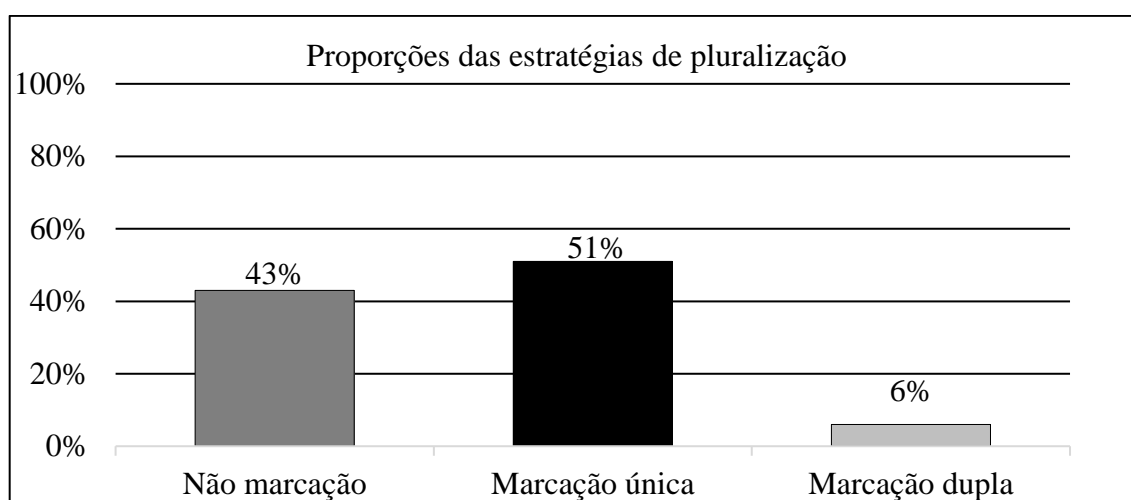
No caso da lexia *olho*, é natural que ocorra também variação fonológica acompanhada da alternância vocálica, pois se trata de uma lexia frequente e, como tal, está sujeita a maiores chances de variação no nível fonológico (cf. Phillips, 1984). Como se notará a partir dos resultados observados ainda na subseção 5.1, *olho* assim como *ovo*, são as lexias que apresentam menor correlação com a não marcação ou mesmo a marcação única. Nesse sentido, a representação mental de tais lexias está especialmente associada à alternância do timbre vocálico [o] > [ɔ] como marca de pluralidade. No caso particular de *olho*, essa representação é mais diversificada e compreende novas possibilidades quanto à sua pluralização. Embora a marcação única aberta tenha se revelado incomum no comportamento linguístico dos informantes para o subgrupo classificado como regular, pois apenas um dado dessa natureza foi identificado como visto no exemplo 18, outros exemplos com alteração vocálica foram notados neste subgrupo ainda que em número também inexpressivos como se notará ainda nesta subseção.

Dessa forma, somadas as ocorrências de marcação única aberta e marcação dupla, tem-se um total de 55% de pluralização formada a partir da alteração do timbre da vogal tônica [o] em toda amostra geral, o que revela como esse traço suprasegmental ainda está associado à noção de plural no grupo metafônico na representação mental dos falantes do PBA mesmo que desacompanhado do padrão -s. A marcação única aberta surgiria como uma alternativa de representação mental da pluralização desse grupo morfológico. Numa análise a partir da perspectiva da TE, é possível afirmar que o feixe de representação da dessa estratégia estaria próxima aos feixes de representação mental das lexias pluralizadas com a dupla marcação.

À medida que a representação mental do feixe de lexias com pluralização duplamente marcada torna-se mais robusta conforme o uso recorrente dessa estratégia esperada no subgrupo irregular, indiretamente o feixe das respectivas lexias com marcação única aberta tornar-se-ia também mais forte. As evidências empíricas desse fortalecimento entre os feixes de exemplares na representação mental da pluralização no grupo metafônico pode ser percebida quando se observa que apenas um exemplo (18) do subgrupo regular apresentou marcação única aberta, ou seja apenas 3% (1/37) dos dados ao passo que 97% (36/37) dessa estratégia parcial de marcação ocorreu com lexias pertencentes ao subgrupo com pluralização esperada com marcação dupla, logo naturalmente a representação do feixe de lexias com marcação única aberta é mais robusta entre as lexias que pertence ao feixe de pluralização esperada com marcação dupla.

Como o resultado do processamento dos dados presentes no *Gráfico 4* não atendem aos percentuais adequados para uma análise definitiva das variáveis marcação dupla, marcação única e não marcação visto a natureza mista das lexias envolvidas e dos tipos de variáveis resposta obtidos, apenas a variável marcação única aberta foi analisada a partir desse resultado da amostra geral. Também para a obtenção de uma análise com dados de natureza similares, observou-se apenas a pluralização dos itens do subgrupo regular separadamente. Ver *Gráfico 5*:

Gráfico 5: Proporções dos plurais em eventual contexto metafônico (*bolso, cachorro, morro*)
 $\chi^2 = 17.765 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como esperado, a diferença se revelou significativa entre os percentuais observados no *Gráfico 5* uma vez que a marcação dupla foi representada por um número inexpressivo neste

subgrupo com eventual contexto metafônico²⁵⁶. Apenas 6% (3/51) das estratégias de pluralização no grupo regular são representadas por marcação dupla. Conferir exemplos:

(19) *B[ɔ]lsos* (inf. 4)

(20) *Dos m[ɔ]rros* (inf. 44)

(21) *Quatro cach[ɔ]rros* (inf. 111)

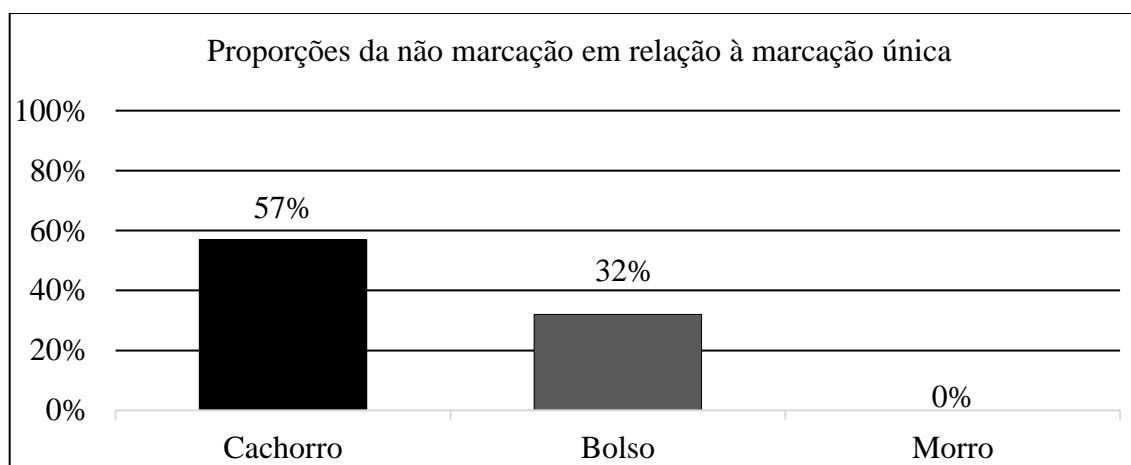
Como observado nos exemplos de (19), (20) e (21), todas as três lexias que representam o subgrupo regular têm um exemplo de migração para a pluralização com marcação dupla. Para casos como esses, Leitão (2016, p. 111, grifo próprio) observou que “... há também vocábulos que, *por vezes*, se pronunciam de forma indevida com vogal aberta: *bolsos* e *cachorros* são dois *exemplos bem comuns*”. No entanto se notou que o emprego da marcação dupla entre lexias em eventual contexto metafônico não é “bem comum” como sugerido pelo autor. Essa frequência de uso sugerida pelo autor pode variar conforme a natureza do *corpus* e/ou informante observados, mas tal migração sim seria empiricamente comprovável como observado com a coleta dos dados. Já a não marcação representa 43% (22/51) entre as estratégias de pluralização e a marcação única totaliza 51% (26/51) das ocorrências do subgrupo regular. Como a amostra de dados desse subgrupo não é expressiva, não é possível chegar a conclusões seguras sobre os resultados obtidos. No entanto seria possível sugerir que os exemplares que compõem o subgrupo em eventual contexto metafônico regular (regulares) resistiriam à migração para feixes de exemplares pluralizados com marcação dupla no léxico mental dos informantes, pois aqueles exemplares formariam feixes com maior robustez em face de a sequência morfofonológica [o] + [-s] ser significativamente mais frequente na língua que a pluralização sequenciada por [ɔ] + [-s] como sinalizado por Barbosa (1973?) já que se observando novamente a pluralizações prescritas de forma explícita no *Quadro 26*, nota-se que, em contexto metafônico, 70% (220/314) dos verbetes apresentados pelo autor não mudam o timbre da vogal tônica [o] e apenas 30% (94/314) deles o fazem ao serem pluralizados.

Como observado no *Gráfico 5*, no subgrupo em contexto metafônico regular há um considerável percentual de não marcação. O total de 43% dessa estratégia nesse subgrupo

²⁵⁶ A nomenclatura *eventual contexto metafônico* corresponde ao subgrupo que tradicionalmente se define por *plural regular*, mesmo que o contexto fonológico das lexias sob esse rótulo seja semelhante ao daquelas lexias cujo plural seja propriamente classificado como metafônico. Em oposição àquela definição, passou-se a classificar como *potencial contexto metafônico* as lexias que, segundo a GT, pertencem ao plural metafônico.

representa mais que o dobro do percentual da não marcação no subgrupo irregular como ainda será apresentado nesta subseção. Se observada a amostra do subgrupo regular, nota-se que 56% (29/52) dos dados são referentes à lexia *cachorro*, 38% (20/52) à lexia *bolso* e 6% (3/52) à lexia *morro*. Além de ser a lexia com maior número de dados na amostra, *cachorro* é o item com maior percentual de não marcação em comparação a marcação única. Veja-se *Gráfico 6*:

Gráfico 6: Correlação entre lexia e a não marcação em eventual contexto metafônico
 $\chi^2 = 10.231$ (2) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

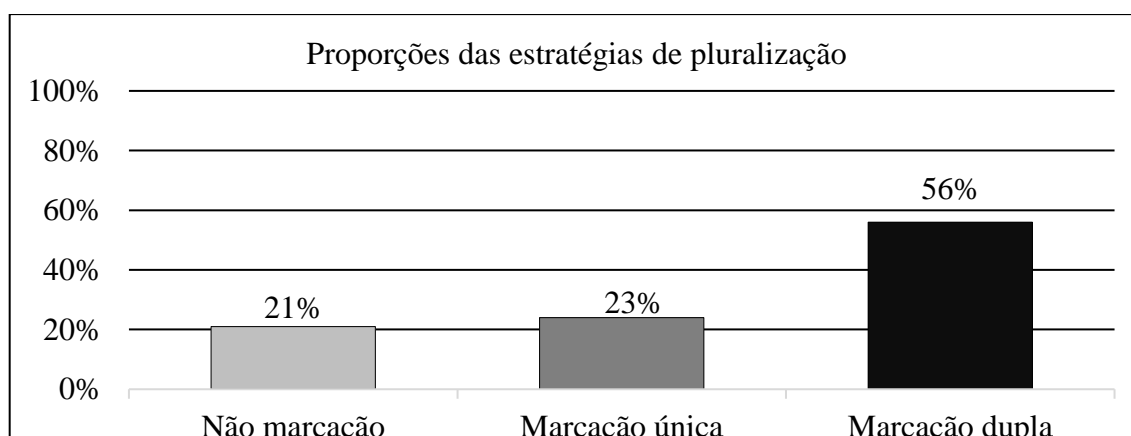
Como observado no *Gráfico 6*, a diferença entre os percentuais da não marcação em comparação com a marcação única entre as lexias se revelou estatisticamente relevantes ($p. < 0.5$): 57% (16/28) de registros da não marcação para a lexia *cachorro*, 32% (6/19) para *bolso* e 0% (0/1) *morro*. Embora os dados sejam limitados, nota-se que a lexia *cachorro* segue uma tendência para sua realização do plural apenas no determinante, já que possivelmente seria natural ouvir esse tipo de construção para denominar animais (próximos) como *os gato*, *as vaca*, *os mosquito* entre os informantes observados²⁵⁷. Ademais seria justificável que a não marcação fosse mais recorrente no subgrupo em contexto metafônico regular em comparação com os dados dessa estratégia no subgrupo em contexto metafônico irregular uma vez que 2/3 das lexias (*bolso* e *cachorro*) controladas naquela amostra são consideradas de frequência média e apenas uma com frequência alta (*morro*), mas praticamente não há dados de pluralização envolvendo esta lexia ao passo que neste subgrupo há um maior número de lexias e/ou dados considerados

²⁵⁷ Agradeço às contribuições da Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota sobre esse esclarecimento da eventual correlação entre não marcação e a lexia *cachorro* durante a defesa da tese.

como de frequência alta como *olho, posto* e *ovo* (cf. *Quadro 2, Apêndice E*) que mais inibiram a não marcação como ainda se notará ao longo da leitura desta subseção.

Removidos todos dados do subgrupo em eventual contexto metafônico (*bolso, cachorro* e *morro*) e daqueles com marcação única aberta, pode-se obter ortogonalidade na distribuição dos dados. Assim, os próximos resultados analisados ainda nesta subseção compreendem apenas dados de lexias em potencial contexto metafônico (*caroço, forno, olho, osso, ovo, porco, posto* e *tijolo*). Dessa forma, a amostra geral que, a princípio, era composta por 776 dados ficou reduzida a 689 ocorrências que foram processadas no programa R de forma sistemática. Com o processamento dessa nova amostra, nota-se que houve alterações apenas no percentual da marcação dupla quando comparado ao *Gráfico 4*. Conferir em comparação ao *Gráfico 7*:

Gráfico 7: Realizações diversificadas do subgrupo em potencial contexto metafônico²⁵⁸
 $\chi^2 = 154.26$ (2) p. < 0.5



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 7*, antes da realização das rodadas 1 e 2, foi realizado o teste qui-quadrado comparando os dados gerais com o processamento das três possíveis estratégias de pluralização em potencial contexto metafônico. O mesmo processamento e dinâmica de apresentação foram aplicados aos demais grupos morfológicos. Assim, por meio desse resultado geral, ficou evidente que é significativa a diferença probabilística entre a variante dupla marcação, única marcação e não marcação nesse subgrupo. A marcação dupla foi a estratégia predominante com 56% (383/689) das ocorrências, seguida pela marcação única com 23% (162/689) e a não marcação com 21% (144/689) dos dados. Esse resultado panorâmico

²⁵⁸ Passou-se a classificar como *potencial contexto metafônico* todas as lexias que são pluralizadas com elevação do timbre da vogal tônica [o] em contexto metafônico segundo a prescrição da GT.

não só revela o quanto a marcação dupla goza de uma representação mental relativamente robusta dentro deste subgrupo mesmo no léxico daqueles com pouca escolaridade como também deixa evidente a forte tendência à marcação independentemente de ela ser considerada marcação dupla ou de marcação única já que somados os números de ocorrências dessas duas marcações, o total chega a 79% (545/689) dos dados tabulados para esse subgrupo morfológico.

Esse resultado formado majoritariamente por dados de marcação única ou dupla se justificaria em virtude de a maioria das realizações serem formadas por *SNs simples* (respostas curtas), às vezes, em contextos avaliativos, muito embora 75% (516/689) dos dados dessa amostra sejam formados por *SNs* cujos determinantes foram realizados pelos próprios informantes o que eventualmente desfavoreceria a marcação no núcleo desses sintagmas. Embora não seja uma variável previsora controlada neste trabalho, cabe observar que esse percentual de marcação indiferentemente de sua classificação (única ou dupla) atingiu 86% (148/173) em oposição a 14% (25/173) de não marcação quando os respectivos determinantes dos *SNs* pluralizados não eram realizados no turno de fala do informante ao passo que quando o informante realizava também os determinantes seguidos dos núcleos dos *SNs*, aqueles percentuais caíam para 77% (397/516) das marcações indiferentemente de suas naturezas e a não marcação se elevou a 23% (119/516) dos dados.

O contexto sintático antecedente e também posterior ao núcleo do sintagma nominal já havia sido testado por Scherre (1988) sob o rótulo de *posição no sintagma nominal*. A autora levou em consideração a posição (primeira, segunda ou terceira) de várias classes gramaticais frente ao nível de marcação de plural de cada uma delas. Os resultados se mostram significativos estatisticamente. Sobre a análise de melhor combinação de variáveis, Scherre (1988) concluiu:

Os resultados da tabela 6.2.3.25 confirmam as nossas expectativas [...] *Os substantivos não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira são sempre mais marcados do que na segunda*, o que refuta conclusões de que o *substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas* (cf. CEDERGREN, 1973, p.46; POPLACK, 1980a, p.1-62; POPLACK, 1980b, p.373 e POPLACK, 1981, p.61), embora Poplack já afirmasse também que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição (cf. 1980a, p. 65). *Com relação ao comportamento do substantivo na terceira posição, os nossos resultados não têm precedentes na literatura lingüística* [...] O fato de se marcarem mais os substantivos e os pronomes pessoais da primeira posição [...] atua aí a *tendência de línguas como o Português e o Espanhol marcarem qualquer elemento nuclear na primeira posição* (Scherre, 1988, p. 219-223, grifo próprio).

As conclusões da autora corroboraram a tese de que as classes não nucleares antepostas são mais marcadas, logo, numa ordem direta, naturalmente categorias como os artigos, numeral ou pronome adjetivo seriam mais favorecidas pela marcação quando realizadas no SN do que os substantivos posto que aquelas classes gramaticais normalmente ocupam a(s) primeira(s) posição(ões) no SN. Com os resultados de suas pesquisas, Campos e Rodrigues (2002) também concluíram que “[...] a primeira posição, isto é, aquela à esquerda do núcleo, favorece a presença de marcas, seja ela ocupada por determinante ou pelo núcleo” (Campos; Rodrigues, 2002, p. 102). Segundo Scherre (1988), entre os adultos, a primeira posição do substantivo chegou a 0,62 de probabilidade de marcação em oposição a 0,33 na segunda e 0,20 na terceira. Na amostra das crianças, respectivamente, as probabilidades foram de 0,29, 0,28 e também 0,28²⁵⁹. Nesse sentido também concluiu Lopes (2016, p. 112): “[...] os elementos nucleares, quando em outra posição [que não a primeira], são fortemente desfavorecedores no que diz respeito à presença da marca de plural”.

Assim sendo, de modo geral, fica evidente que a representação mental do plural com marcação apenas no determinante dos SNs seria imperativa na eliminação da redundância quando o substantivo não ocupa a primeira posição. Sobre a eliminação de redundância, pontuou López Morales (1993) ao tratar da realização do padrão *-s* em San Juan e outros pontos não caribenhos:

Efetivamente, em todos os casos em que *-s/* desaparece da superfície *outras marcas de pluralidade nominal ou de pessoa verbal se mantém, deixando assim sem comprometer a boa inteligência da mensagem [...]*. Se a FN (frase nominal/SN) consiste apenas de núcleo, a marca fonológica de plural nunca desaparece [...] o caso da supressão do segmento *-s/*: a análise dos contextos demonstra que a circunstância que mais impulsiona as variantes suprimidas é a redundância da marca plural das frases nominais, de modo que quando a pluralidade já está marcada em um dos elementos da frase (fonologicamente ou por algum outro recurso), a supressão de *-s/* pode se tornar muito frequente se alguns fatores sociais específicos ocorrerem. No entanto, a supressão fica bloqueada, não importa qual fator social esteja presente, quando é necessário preservar algum contraste morfológico e, do contrário, aumenta naquelas ocasiões em que só reduz a redundância funcional. (López Morales, 1993, p. 91-141, grifo próprio)²⁶⁰

²⁵⁹ Mais informações, consultar *Tabela 6.2.3.24*, análise C, em Scherre (1988, p. 214).

²⁶⁰ Do original: “Efectivamente, em todos los casos em que *-s/* desaparece de la superficie *se mantienen otras marcas de pluralidad nominal o de persona verbal, dejando así sin comprometer la buena inteligencia del mensaje [...]*. Si la FN sólo consta de núcleo, la marca fonológica de plural nunca desaparece [...] el caso de las realizaciones elididas del segmento *-s/*: el análisis de los contextos denuncia que la circunstancia que impulsa más las variantes elididas es la redundancia de la marca de plural de las frases nominales, de manera que, cuando la pluralidad ya está marcada en uno de los elementos de la frase (fonológicamente o a través de algún otro recurso), la elisión de *-s/* puede llegar a ser muy frecuente si concurren algunos factores sociales específicos. Sin embargo, la elisión queda bloqueada, no importa qué factor social esté presente, cuando es necesario preservar algún contraste

Como pontua o autor através da observação de dados empíricos, a função comunicativa/interativa da língua espanhola não é comprometida com a elisão da marca de plural num dos componentes do SN, normalmente de seu núcleo. Nessa perspectiva “sociofuncionalista”, o autor destaca o papel funcional da língua em contextos pontuais de seu uso. A redundância não teria razão de ser favorecida sobretudo em alguns estratos sociais. Nesse sentido, pontuou Lopes (2016, p. 99), “a concordância, no português, é uma exigência mais social que linguística”.

Dessa forma, os resultados da rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico já apresentados nesta seção corroborariam as conclusões a que chegaram Scherre (1988), Morales López (1993), Campos e Rodrigues (2002), Lopes (2016) entre outros, já que o preenchimento do contexto sintático antecedente por um determinante favoreceu a não marcação nos substantivos seguintes quando este está em segunda posição, logo fica evidente que os feixes de exemplares com não marcação nos núcleos dos SNs dispõem de uma robusta representatividade no léxico mental das amostras observadas por essas pesquisadoras, mas em proporções menores nas amostras observadas nesta tese devido à natureza dos questionários aplicados no *Projeto ALiB* e *QPP*. Igualmente, em trabalhos que versam sobre alomorfa de número no PB, como os já mencionados, raramente obtiveram dados de não marcação devido às suas estratégias de obtenção dos dados majoritariamente formados por SNs simples.

Assim sendo, os resultados com apresentação de não marcação em potencial contexto metafônico como revelado no *Gráfico 7* – e com maior expressividade nos grupos de lexias com terminação em <-ão> ou ditongo com terminação em <-u> e <-l> como se observará nas próximas subseções – evidenciam que a natureza dos questionários aplicados bem como a abordagem descontraída do inquiridor podem estar eventualmente correlacionadas à elevação dos percentuais de não marcação mesmo na aplicação de questionário envolvendo SNs simples e/ou contexto de avaliação. A título de ilustração, quando comparados os dados inventariados nas partes dos questionários do *QMS* do *Projeto ALiB* e a *Parte 1* e *Parte 3* do *QPP*, pode-se comprovar que a não marcação atingiu 32% (113/351) dos dados realizados durante a *Parte 1*, apenas 9% (8/89) no *QMS* e 8% (11/134) na *Parte 3*.

Nesse sentido, a obtenção de dados da não marcação sobretudo na *Parte 1* do *QPP* para o grupo em potencial contexto metafônico evidencia relativa proximidade dessa estratégia ao

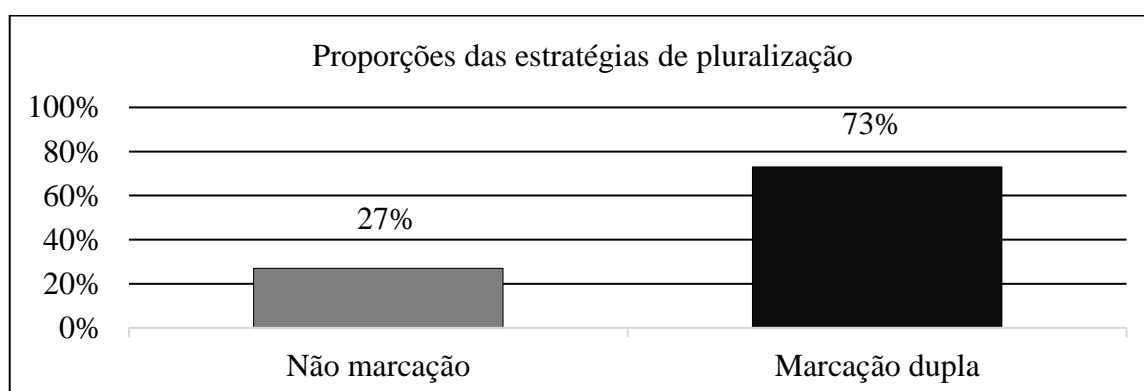
morfológico y, pelo el contrario, aumenta en aquellas ocasiones em que sólo reduce la redundancia funcional” (López Morales, 1993, p. 91-141, grifo próprio, tradução minha).

vernáculo propriamente dito e como essa estratégia de pluralização assume ainda uma considerável representação nestes contextos especificamente mais espontâneos de uso da língua. Ademais, os resultados do *Gráfico 7* revelariam que a não marcação e a marcação única juntas praticamente têm a mesma força léxica na representação mental dos informantes em comparação à marcação dupla em potencial contexto metafônico.

5.1.1 Variante não marcação em comparação à marcação dupla em potencial contexto metafônico

Nesta subseção, buscou-se compreender, respectivamente, os níveis da não marcação e da marcação única em comparação à marcação dupla bem como identificar e analisar as variáveis previsoras que demonstraram estabelecer correlação com aquelas estratégias de marcação em comparação a dados de marcação dupla. Quanto ao teste qui-quadrado da rodada 1, que considerou apenas as variáveis não marcação *versus* marcação dupla, seu resultado também sinalizou ser significativa a diferença entre as percentagens controladas. Veja-se o *Gráfico 8*:

Gráfico 8: Realizações da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 108.39 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apresentados no *Gráfico 8* não levam em consideração dados de marcação única. Considerando tão-somente as 527 ocorrências dessa rodada 1, 73% (383) delas correspondem à marcação dupla e 27% (144) à não marcação. Portanto se nota que a não marcação no nível morfológico, ou seja, na lexia em si, não apresenta a mesma força léxica na representação mental da amostra se comparada à marcação dupla, uma vez que esta variante

apresenta quase o triplo de possibilidade de estarem representadas no léxico mental da amostra do PBA se comparada à não marcação.

Das 10 variáveis predictoras testadas na rodada 1 para o grupo metafônico, apenas uma não se mostrou significativa do ponto de vista estatístico segundo o teste qui-quadrado. Trata-se da variável sexo. Confirma-se o valor de *p.* na *Tabela 11*:

Tabela 11: Variável não significativa apontada pela rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico²⁶¹

Variável	Variantes	Não marcação		Marcação dupla		Significância do teste χ^2
		freq.	%	freq.	%	
Sexo	homem	69/274	25%	205/274	75%	p. = > 0.5.
	mulher	75/253	30%	178/253	70%	

Fonte: Elaboração própria.

A título de esclarecimento para análise também dos próximos resultados, cabe observar que embora alguns percentuais estejam diferentes e/ou distantes como revelam os resultados para a não marcação entre os informantes de sexo oposto: 30% para a variante mulher e 25% para homem, o nível de significância obtido no teste qui-quadrado para essa variável foi *p.* = > 0,5. Dessa forma, entende-se que essa variável não é significativa estatisticamente. As variáveis predictoras testadas na rodada 1 para o grupo em potencial contexto metafônico que se mostraram significativas no teste qui-quadrado foram:

- i) ordem de realização;
- ii) frequência de ocorrência;
- iii) lexia;
- iv) mesorregião da Bahia;
- v) ano/amostra;
- vi) faixa etária;
- vii) nível de escolaridade;

²⁶¹ Para facilitar a leitura ou mesmo possibilitar uma eventual leitura dinâmica, dentro da seção 4, as tabelas apresentam percentuais não processados na Plataforma R e os gráficos trazem consigo resultados processados e significativos estatisticamente.

- viii) contato com o público no mercado ocupacional;
- ix) grau de monitoramento.

Como percebido, as variáveis previsoras selecionadas na rodada 1 foram de naturezas diversificadas. No entanto a disposição da ordem das variáveis entre i) e ix) não é estabelecida por nível de relevância. Assim sendo, primeiramente sempre serão analisados os resultados das variáveis linguísticas quando selecionadas pelo teste qui-quadrado.

5.1.1.1 Ordem de realização

A variável ordem de realização de uma mesma lexia não é (muito) controlada na literatura sobre a marcação de plural no PB. Gomes e Manoel (2010, p. 126), por exemplo, pontuaram que “... foi considerado, para efeito de análise, a primeira resposta dada a cada item”. Já outras pesquisas não deixam tão evidentes o (não) controle das demais realizações. No entanto ordem de realização foi um dos fatores analisados já em Labov (1966). O autor observou a realização de /r/ pós-vocálico em lexia como *fourth* e *floor* por trabalhadores de três lojas de Nova Iorque com perfis socioeconômicos distintos (Saks, Macy’s e S. Klein’s). Sempre que o pesquisador ouvia a primeira realização dessas lexias, (re)fazia a mesma pergunta como num pedido de repetição para obter novamente a realização da mesma lexia. Assim, Labov (1966) controlou o grau de ênfase casual (primeira realização) e grau de ênfase enfático (segunda realização). Nesta pesquisa, a presença do /r/ foi mais frequente na segunda realização. Com base neste método empregado por Labov (1966), nesta tese, codificaram-se os dados como primeira, segunda, terceira e quarta ou mais respostas. No entanto, diferentemente do método empregado pelo autor, nem sempre a realização a partir da segunda ocorrência ocorreu por pedido de repetição feito pelo pesquisador. Quase sempre, o próprio informante repetia os SNs com função de revisar o que foi dito ou mesmo efetuar “correções” a determinadas pluralizações, como em (22) e (25):

(22) Dois [ɔ]lhos verde dois, um lado do [o]lho, dois [o]lhos amarelo do lado (inf. 9).

(23) Dois [ɔ]lhos verde dois, um lado do [o]lho, dois [o]olhos amarelo do lado (inf. 9).

(24) É tudo diferente [...]. Mistura os car[o]ços do limão com os car[o]ço da laranja cravo [...] hum, os car[o]ço [...] (inf. 16).

(25) Só que são dois f[o]rnos, tem mais dois f[o]rnos menores, bem menores [...]

Dois quê? (inquiridor)

F[o]rnos.

Se é pequeno? (inquiridor)

Dois *f[or]nos* pequenos [...] (inf. 104).²⁶²

Dessa forma, os exemplos em destaque em (22), (23), (24) e (25) foram classificados como sendo de primeira, segunda, terceira e quarta realização, respectivamente²⁶³. Em alguns contextos de uso, a segunda ou outras realizações ocorreram em seções diferentes dos questionários, logo não seria uma variável destinada exclusivamente para verificar o paralelismo formal, mas, sobretudo para analisar a dinâmica de acesso à pluralização de uma mesma lexia nos feixes de exemplares nas representações mentais da amostra frente à eventuais atitudes de hipercorreções. Essa possibilidade de hipercorreção, por exemplo, ocorreria num segundo momento de realização de uma mesma lexia através da recorrência a feixes de exemplares pluralizados mais produtivos na língua como o padrão *-s* e/ou a marcação única ou mesmo com o acionamento de conexões com lexias com frequência de ocorrência mais significativas no singular (cf. *Quadro 1, Apêndice E*), o que, eventualmente fortaleceria o feixe de não marcação e favoreceria realizações dessa natureza como alternativas de pluralização em outra ordem de realização do plural de uma mesma lexia.

Os resultados obtidos para a variável ordem de realização na rodada 1 sinalizam uma diferença acentuada nos percentuais a favor do emprego da marcação dupla a partir da terceira resposta/realização. Houve 72% (185/256) de emprego da marcação dupla na primeira realização/resposta, 67% (87/130) na segunda, 78% (65/83) na terceira e 79% (46/58) na quarta e outras respostas. Com esses resultados, percebe-se que quase metade dos dados não são de primeira realização (51% ou 271/527), logo além do favorecimento da natureza repetitiva de determinadas imagens ou lexias alvo de alguns questionários de forma propositiva²⁶⁴, da maior frequência de ocorrência de algumas pluralizações bem como da eventual intervenção (insistência) do inquiridor para obtenção dos dados, parece evidente também que parte significativa das demais realizações foram motivadas pela mudança na dinâmica do acesso ao léxico mental para conexões analíticas motivadas eventualmente por uma atitude avaliativa do informante para com a pluralização realizada no primeiro momento, numa tentativa de

²⁶² Os exemplos (22) e (23) são trechos do *QMS*, (24) foi extraído do *QSL* e (25) é um trecho da *Parte 1* do *QPP*. As reticências representam trechos curtos que foram suprimidos desta transcrição.

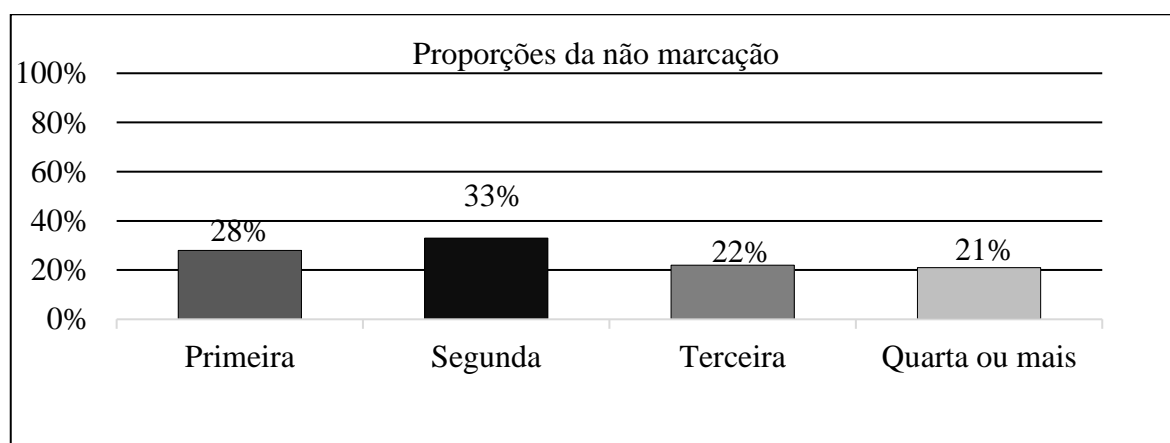
²⁶³ Já a quinta realização de *fornos* pela informante 104 na *Parte 3* foi codificada com pertencendo também à quarta realização como já pontuado visto que foram poucos informantes que repetiram mais de quatro vezes uma mesma lexia pluralizada, o que provocaria uma distribuição insatisfatória dos dados com a criação de mais variantes.

²⁶⁴ Do grupo metafônico, *olho(s)* foi imagem ou lexia alvo reportada em mais de um questionário do *Projeto ALiB* (ver *Quadro 44*) e no *QPP*, *caroço(s)*, *formo(s)*, *ovo(s)* e *olho(s)* foram lexias alvo repetidas na *Parte 3* (ver *Quadro 45*). Assim, apenas 4/11 lexias deste grupo possuíam maiores chances de serem repetidas, mas, como revelam os dados, não só foram essas que motivaram a repetição e/ou (hiper)correção por parte dos informantes.

“correção” como demonstrado em (22), (23) ou realização de uma pluralização mais acessível no léxico mental como visto em (24).

Com exceção dos resultados para a segunda realização, os percentuais supracitados mostram um crescimento do emprego da marcação dupla nas últimas realizações. Provavelmente, este crescimento tenha relação com a variável monitoramento (parte do questionário) já que no *QPP*, por exemplo, as questões seguintes à *Parte 1* são explicitamente de caráter metalinguístico (ver *Apêndice A*). Assim sendo, acredita-se ser mais pertinente a comparação entre a primeira e segunda realização. Com este recorte, nota-se uma queda tímida no emprego da marcação dupla de 72% na primeira realização para 67% na segunda numa tentativa de “esquiva” por parte do informante. Embora os percentuais supracitados sejam próximos, a inexpressiva diferença entre eles pode se revelar significativa. Foi o que ocorreu com os resultados estatísticos relacionados à não marcação na rodada 1. O teste qui-quadrado indicou ser significativa a diferença entre as proporções ($\chi^2 = 119.72$ (3) $p. < 2.2e-16$) referentes a ocorrência da não marcação na primeira (28% ou 71/256), segunda (33% ou 43/130), terceira (22% ou 18/83) e quarta ou mais realizações (21% ou 12/58). Veja-se o *Gráfico 9*:

Gráfico 9: Correlação entre ordem de realização e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 119.72$ (3) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Gráfico 9*, percebe-se uma diferença maior entre as duas primeiras realizações em comparação com as demais. Se na terceira realização houve 22% de não marcação e 21% na quarta, certamente esses dados foram realizados predominantemente nas seções finais, momento de maior monitoramento e/ou de caráter avaliativo como ocorrido na *Parte 3* do *QPP* por exemplo, logo o desfavorecimento dessa estratégia de marcação é

compreensível. Como já observado, houve um aumento no número de não marcação da primeira (28%) para a segunda realização (33%). Embora essa diferença seja de apenas cinco pontos percentuais, tais proporções são significativas como revelou o teste de qui-quadrado e ainda que tenha a possibilidade de “corrigir” eventuais realizações e/ou manter o emprego da marcação dupla, paradoxalmente no segundo momento de realização, o informante deixaria de realizar qualquer pluralização com marcação no núcleo dos SNs, pois o acesso a qualquer alternativa de pluralização se tornariam menos automática já que para a pluralização do grupo metafônico seria arbitrária. Dessa forma, como numa roda de carteados não se deve apostar se não se tem provisões, num mercado com pouco capital linguístico, o silêncio é a oferta mais segura. Nesse sentido, Bourdieu (2008 [1982]) observou que:

*O conhecimento e o reconhecimento práticos das leis inerentes de um mercado, e das suas sanções através das quais elas se manifestam, determinam as modificações estratégicas do discurso, quer se trate do esforço para “corrigir” uma pronúncia desvalorizada em presença de representantes da pronúncia legítima e, por extensão, de quaisquer correções tendentes a valorizar o produto lingüístico mediante uma mobilização mais intensa de recursos disponíveis, ou então, ao contrário, pela tendência a recorrer a uma sintaxe menos complexa, a frases mais curtas, conforme observações de psicossociólogos em relação aos adultos quando se dirigem a crianças [...]. A antecipação prática das sanções prometidas constitui um sentido prático, quase corporal, da verdade da relação objetiva entre uma certa competência lingüística e social e um dado mercado através do qual se realiza esta relação e que pode ir da certeza da sanção positiva, em que se funda a *certitudo sui*, a *segurança*, até a *certeza da sanção negativa*, que condena à *demissão e ao silêncio*, passando por todas as formas de *insegurança* e da *timidez* (Bourdieu, 2008 [1982], p. 66-69, grifo próprio).*

Como pontuou o autor, o falante molda seu comportamento linguístico em busca de certa aceitação ou melhor avaliação entre seus pares, mas nem sempre ele dispõe de competência linguística para tal empreitada ou, se o tem, não exigiria de si tal esforço cognitivo em todos os contextos de uso da língua. Dessa forma, se seus esforços para “corrigir” a realização do plural de determinadas lexias são limitados, resta-lhe seu silenciamento, que, neste caso, seria silenciar ainda mais qualquer forma de pluralização no núcleo dos SNs numa segunda possibilidade com eventual “correção” por meio da marcação de número, hipoteticamente, apenas no nível sintático. No entanto apenas em momentos de natureza avaliativa como a partir da terceira realização, esse falante se sente mais pressionado a apresentar a marca de número, emergindo o nível morfológico, seja ela como uma estratégia de marcação dupla como visto no *Gráfico 9* ou mesmo marcação única a partir da quarta realização como se verá ainda nesta subseção.

5.1.1.2 Frequência de ocorrência

Como em outras pesquisas, a frequência de ocorrência se mostrou também relevante para análise da rodada 1. Por não existir um padrão de mensuração de frequência de ocorrência, como já salientou Bybee (2007)²⁶⁵, essa variável linguística apresenta classificações/mensurações relativas, logo o corte depende do *corpus* observado. No caso desta pesquisa, as lexias do grupo em potencial contexto metafônico foram classificadas como frequência baixa (entre 1 e 99 realizações: *caroços, fornos*,) e frequência média (entre 100 e 499 realizações: *porcos, tijolos, ossos*) e frequência alta (a partir de 500 realizações: *ovos, postos, olhos*)²⁶⁶.

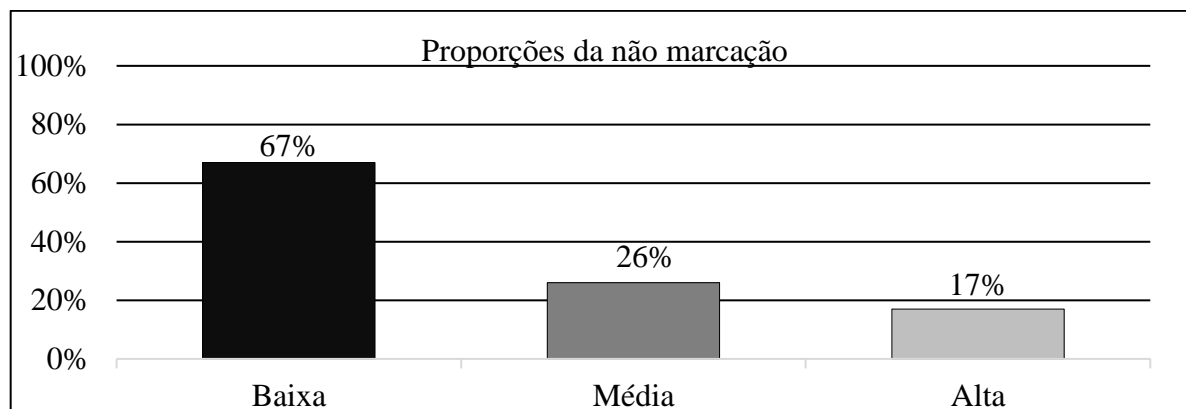
Os percentuais para a variável frequência de ocorrência na rodada 1 apontaram uma diferença relevante a favor do emprego da marcação dupla entre os grupos como maior frequência sobretudo no grupo de frequência média e frequência alta. No grupo das lexias com frequência baixa, a marcação dupla ocorreu em 33% (29/88) dos dados em oposição aos 67% (59/88) de não marcação; no grupo das lexias com frequência média, a marcação dupla já alcançaria 74% (89/121) dos dados em comparação aos 26% (32/121) de não marcação e no grupo com frequência alta, a marcação dupla totalizou 83% (265/318) das ocorrências e apenas 17% (53/318) de não marcação. Confira-se o *Gráfico 10*:

²⁶⁵Conferir seção 3. *How high, how low?* (Bybee, 2007, p. 16).

²⁶⁶A ordem de apresentação dos plurais entre parênteses está disposta conforme o número crescente de frequência de ocorrência, assim *olhos* é o item mais frequente desse terceiro grupo bem como em comparação a todas as lexias controladas. Embora a distribuição dos dados não seja razoavelmente equilibrada por conta do número de lexias que compõe cada uma dessas frequências (185/689 dados de frequência baixa, 146/689 de frequência média e 358/689 de frequência alta), os resultados se revelam coerentes.

Gráfico 10: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

$$\chi^2 = 235.7 (2) p. < 0.5$$



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se, portanto, uma queda proporcional e vertiginosa do emprego da não marcação à medida que também se reduz nível de frequência de ocorrência das lexias controladas. Como observado, há 67% de ocorrências de não marcação no grupo de lexias com frequência baixa, 26% no grupo de frequência média e tão somente 17% dessa variante resposta no grupo com frequência alta. Essa diferença entre proporções se revelou significativa com os resultados do teste qui-quadrado ($\chi^2 = 235.7 (2) p. < 0.5$). Dessa forma, torna-se evidente que à medida que uma lexia deixa de ser pluralizada com frequência alta, menores são as chances de ela ser flexionada no plural quando necessário, favorecendo a marcação de número apenas no determinante em contexto de frequência baixa. A partir da perspectiva do Modelo de Redes proposto por Bybee (1985), pontua esta autora:

[...] itens de alta frequência tendem a ser armazenados como unidades autônomas inteiras, enquanto itens de baixa frequência são armazenados com conexões fortes com outros itens. Em outras palavras, *os falantes analisam itens de baixa frequência mais do que itens de alta frequência* [...] formas altamente frequentes são aprendidas pela memorização por repetição, e armazenadas e processadas como unidades não analisadas [...] formas altamente frequentes estão protegidas da regularização, e de uma forma positiva, visto que a alta frequência contribui para a formação de paradigmas flexíveis [...] (Bybee, 1985, p. 133-212, grifo próprio).²⁶⁷

²⁶⁷ Tradução do original: “[...] high-frequency items tend to be stored as whole autonomous units, while low-frequency items are stored with strong connections to other items. Stated differently, speakers analyze low-frequency items more than high-frequency items [...] highly frequent forms are learned by rote memorization, and stored and processed as unanalyzed units [...] highly frequent forms are protected from regularization, and in a positive way, since high frequency contributes to the formation of suppletive paradigms [...]” (Bybee, 1985, p. 133-212, tradução minha).

Assim o nível de frequência de ocorrência se mostraria como uma variável relevante frente à maior marcação de número entre as lexias recorrentemente mais pluralizadas como sinalizou o *Gráfico 8*. Como observou a autora, a recorrência no uso de determinadas lexias por meio de repetição reforçaria sua memorização e, portanto, plurais mais frequentes seriam mais facilmente acessados no léxico mental dos informantes do que aqueles com pouca ou nenhuma frequência de ocorrência. Dessa forma, como mostraram os resultados, seria muito fácil e/ou dinâmico realizar a marcação de lexias de frequência alta, como *ovos*, pois o informante acessaria tal pluralização de forma autônoma e não por associações com outras lexias com estrutura fonológica semelhante do que a marcação de lexias classificadas como de frequência de ocorrência baixa como *caroços* e *fornos*. Estas não são lexias tão frequentes nas amostras consultadas como referência bem como nas próprias falas da amostra do *Projeto ALiB* e *QPP* (cf. *Quadro 6*, *Apêndice E*) sobretudo de forma flexionada, portanto se estas lexias raramente são empregadas no plural. O plural *Fornos*, por exemplo, não foi realizado por nenhum informante do *Projeto ALiB* e *QPP* em contexto não induzido. Quando tal necessidade se revela imperativa como em situações em que são induzidos a realizar tal pluralização, o falante optaria pela estratégia de pluralização mais robusta em sua representação mental como a não marcação. Por tal razão, o registro da não marcação para as lexias com frequência de ocorrência de plural baixa como *caroços* e *fornos* mostrou-se quase quatro vezes mais natural (67%) do que para *ovos*, *postos* e *olhos* (17%) por estas serem classificadas com maior frequência de ocorrência.

Como observou Bybee (1985), os itens com baixa frequência de ocorrência são mais analisados pelos falantes por meio de associações do que itens de alta frequência de ocorrência, logo seria mais natural o emprego da não marcação no início do contínuo (frequência baixa), posto que muitas dessas lexias não só teriam baixa frequência de ocorrência no plural como também teriam taxas de realização no singular superior a seu uso no plural como ainda se poderá observar nesta subseção (*Tabela 13*). Assim sendo, associações com feixes de exemplares de ocorrência no singular ou mesmo feixes de não marcação dentro de um grupo morfológico seriam recursos cognitivos funcionais para a realização de uma alternativa de pluralidade para lexias raramente pluralizadas na comunidade linguística de que os informantes fazem parte ou, em especial, por ele mesmo.

Sobre a variável frequência de ocorrência, pouco se pesquisou no campo da marcação de número no PB sobretudo no grupo metafônico. Embora Gomes e Manoel (2010) não tratem da correlação da variável frequência de ocorrência no que diz respeito à estratégia da não

marcação²⁶⁸, as autoras o fizeram com relação ao *plural metafônico esperado* em comparação ao *plural esperado regular* nos respectivos subgrupos em potencial contexto metafônico e eventual contexto metafônico como será relatado ainda nesta seção. Huback (2010) também constatou a correlação da frequência de ocorrência em sua pesquisa sobre o PB, mas não investigou em seu trabalho o grupo metafônico. Apesar de Scherre (1988) e Campos e Rodrigues (2002) considerarem o grupo metafônico como umas das variantes da variável processos morfofonológicos ao tratarem da marcação de número em suas pesquisas, esses trabalhos também não consideraram o fator frequência de ocorrência por razões justificáveis.

Assim sendo, dadas essas limitações para eventuais comparações no referente à estratégia de não marcação no grupo em potencial contexto metafônico, cabe apenas pontuar que a maior frequência de ocorrência pode atenuar e/ou favorecer a mudança linguística a depender do nível da língua. Segundo Phillips (1984), no nível fonológico, a alta frequência de ocorrência favoreceria mudanças motivadas fisiologicamente a exemplo de fenômenos como a assimilação. Analisando quatro fenômenos do PB, dois de natureza fonológica e dois morfológica (plurais), Huback (2013) corrobora a hipótese daquela autora “[...] uma vez que fenômenos que são relacionados à fisiologia da fala afetaram as palavras mais frequentes primeiro, ao passo que *processos baseados em analogia afetaram as palavras menos frequentes primeiro* (Huback, 2013, p. 92, grifo próprio). Neste sentido, os resultados da rodada 1 corroboram os resultados e reflexões de Huback (2013) a respeito da interferência da frequência de ocorrência no plural do PB.

Por ser um processo baseado na analogia, a pluralização com marcação dupla no grupo em potencial contexto metafônico se mostrou menos acessível no léxico mental da amostra entre as lexias com menor frequência de uso, o que eventualmente acentuou a recorrência à estratégia da não marcação como alternativa legítima de pluralização. Portanto, este proeminente emprego da não marcação entre as lexias com menor frequência seria o primeiro passo para implementação de outras estratégias de marcação de plural no grupo em potencial contexto metafônico que não fossem a marcação dupla.

²⁶⁸ Por conta do recorte do objeto de estudo, sobre as ocorrências de não marcação, as autoras apenas pontuam que “No grupo das crianças foram obtidos 1800 dados de palavras reais [360 distratoras], 762 *sem flexão* / 678 com flexão [...]. No grupo dos adultos foram obtidos 600 dados de palavras reais, 118 *sem flexão* / 482 com flexão [...]. Com relação às pseudopalavras do teste [pokau, kalau, baléu, gopo, voko e zoto], as crianças tenderam a não flexioná-las (126/360 – 35%), ao passo que a flexão foi quase categórica entre os adultos (117/120 – 98%)” (Gomes; Manoel, 2010, p. 127-130, grifo próprio).

5.1.1.3 Lexia

Para a obtenção de uma análise confiável, a variável lexia passou por agrupamento de algumas de suas variantes. Das 8 lexias controladas na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico, apenas quatro puderam ser analisadas de forma independente (*caroço*, *forno*, *olho* e *ovo*). As demais lexias foram agrupadas sob o rótulo de *outras* (*osso*, *porco*, *posto*, *tijolo*). Mesmo a variante *outras* dispondo metade das lexias, seu número de dados equivaleu a apenas 30% (157/527) do total de ocorrência da rodada 1. Ademais, foi imperativa esta decisão a favor do agrupamento, pois havia células não preenchidas por dados ou com número insignificante perante as demais células, o que acarretaria uma distribuição irregular dos dados para uma análise estatística segura. De forma detalhada, as lexias agrupadas obtiveram os seguintes resultados independentes na rodada 1. Conferir *Tabela 12*:

Tabela 12: Correlação entre *outras lexias* e a realização da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico

Lexias	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
osso	39/45	87%	6/45	13%
porco	30/42	71%	12/42	29%
tijolo	20/34	59%	14/34	41%
posto	9/36	25%	27/36	75%
Total	98/157	62%	59/157	38%

Fonte: Elaboração própria.

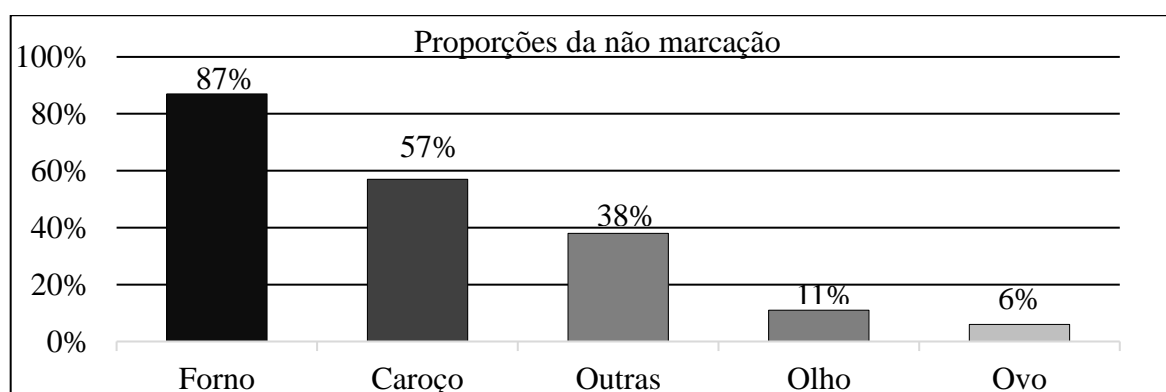
Pela observação da *Tabela 12*, justifica-se a decisão de codificar tais lexia de forma agrupada. Assim, no cômputo total desse grupo de lexias, os percentuais de marcação dupla estão bem distantes. Nos extremos, encontram-se *postos* com 25% do emprego de marcação dupla e *ossos* com 87% dessa estratégia. Ademais, não fosse as restrições imposta pela ortogonalidade²⁶⁹ e esta lexia fosse controlada de forma independente, seu percentual de marcação dupla ficaria muito próximo das lexias que mais foram pluralizadas dessa forma.

²⁶⁹ Para que exista ortogonalidade no controle e processamento dos dados, é necessário que todas as células sejam preenchidas ou ainda preenchidas como número de dados relativamente bem distribuído. A ausência de dados numa célula que representa uma variante controlada (ex.: mulher) implicaria quebra de ortogonalidade.

Efetuada o agrupamento das lexias *osso*, *porco*, *posto*, *tijolo*, pelos resultados obtidos, a variável lexia apresentou percentuais com diferenças expressivas que opuseram as lexias *fornos* e *caroços* num extremo e *olhos* e *ovos* no ponto oposto. A variante *outras* ficou em situação intermediária. Pelo exposto, ao observar tão somente os percentuais de marcação dupla, *ovos* lidera com 94% (81/86) das ocorrências, seguida por *olhos* (89% ou 175/196), *outras* (62% ou 98/157), *caroços* (43% ou 25/58) e, por fim, *fornos* com apenas 13% (4/30). Portanto, especificamente, as lexias *ovos* e *olhos* foram aquelas que apresentam correlação com a realização da marcação dupla nessa rodada.

Levando em consideração os percentuais da não marcação, o teste qui-quadrado classificou a diferença entre as proporções como significativa ($\chi^2 = 236.2$ (4) $p. < 0.5$). De fato, a oposição entre os percentuais de registros da não marcação entre as lexias é considerável. Confira-se o Gráfico 11:

Gráfico 11: Correlação entre *lexia* e a realização da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 236.2$ (4) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do Gráfico 11, nota-se o destaque no emprego da não marcação quando o informante pretende pluralizar a lexia *forno*. Essa lexia lidera no que diz respeito à sua correlação com essa estratégia de pluralização com 87% (26/30) dos dados, seguida da lexia *caroço* (57%, 33/58). Em sentido contrário, os percentuais da não marcação em *outras lexias* (38%, 59/157), *olho* (11%, 21/196) e especialmente *ovo* (6%, 5/86) foram menos expressivos. Em *outras lexias*, de forma independente, merece destaque a não marcação em *posto* (75%, 27/36) como observado na Tabela 12. Observando por esta perspectiva, *forno* seguida de *posto* seriam as lexias que mais se destacam na correlação com a não marcação. Esse resultado eventualmente teria motivações variadas, mas o condicionamento pragmático mereceria maior

destaque entre elas. O expressivo número de não marcação dessas lexias, em especial, estaria indiretamente relacionado à noção quantificação dos substantivos, ou melhor, às possibilidades reais de pluralização dessas lexias no cotidiano dos informantes. Seriam essas possibilidades efetivas de pluralização de uma determinada lexia que impactariam diretamente na classificação da frequência de ocorrência desse item com marcação em si.

Quanto maior for a frequência de ocorrência de uma lexia pluralizada, maiores seriam as possibilidades de ela ser também pluralizada sobretudo de acordo com a variedade linguística esperada, pois o falante teria acesso automático a esse plural já que se a lexia em questão comumente é pluralizada em uma comunidade de fala. Esse *input*²⁷⁰ naturalmente seria decisivo para o conhecimento de pluralização mesmo para um plural arbitrário como seria o caso do grupo em potencial contexto metafônico. Também de mesmo modo, quanto maior o emprego de uma lexia no singular, mais robustos se tornariam os feixes de exemplares formados por não marcação. Conferir frequências de ocorrência *Tabela 13*:

Tabela 13: Frequência de ocorrência das lexias controladas no *Projeto ALIB* e no *QPP*²⁷¹

N.	Lexias	SINGULAR		PLURAL	
		freq.	%	freq.	%
1 ^a	OLHO	1.200/4.635	26%	3.435/4.635	74%
2 ^a	OVO	293/894	33%	601/894	67%
3 ^a	TIJOLO	56/167	34%	111/167	66%
4 ^a	OSSO	374/802	47%	428/802	53%
5 ^a	POSTO	1.390/2.675	52%	1.285/2.675	48%
6 ^a	CAROÇO	29/43	67%	14/43	33%
7 ^a	PORCO	253/364	70%	111/364	30%
8 ^a	FORNO	261/340	77%	79/340	23%

Fonte: Elaboração própria.

²⁷⁰ Embora esse seja um termo próprio da Teoria Gerativa, seu uso é recorrente em textos de variadas correntes linguísticas, por tal razão se fez uso dele para esta explicação. Segundo Dubois et al. (2001 [1973], p. 346, grifo próprio), “chama-se *input*, ‘entrada’, o conjunto de informações que chegam a um sistema e que esse sistema (organismo, mecanismo) vai transformar em informação de saída (ou *output*, ‘saída’)”.

²⁷¹ Tabela elaborada a partir dos dados e amostras detalhados no *Quadro 1* (Apêndice E).

Como observado na *Tabela 13*, metade das lexias controladas apresentou frequência de ocorrência no singular superior àquelas lexias com frequência de ocorrência no plural (*forno*, *porco*, *caroço* e *posto*). Percebe-se, portanto, que há uma correlação entre as lexias controladas de forma independente com maior percentual de ocorrência no singular como *forno* (77% ou 261/340) e *caroço* (67% ou 29/43) e suas realizações expressivas através da não marcação de plural na própria lexia. Em sentido oposto, os itens que menos percentual de frequência relativa de singular em relação ao plural²⁷² como *olho* (26% ou 1.200/4.635) e *ovo* (33% ou 293/894) foram justamente aqueles que apresentaram menor percentuais de não marcação entre os itens controlados.

Para se compreender por que motivo a lexia *forno* seguida de *caroço* seriam aquelas que maior correlação estabelece com a não marcação e as demais não atingiram percentual superior a 57%, é importante se questionar: i) qual a relação entre essas lexias com comportamentos distintos e sua frequência de ocorrência? e ii) o que levaria uma lexia ser realizada de forma pluralizada como maior ou menor frequência de ocorrência? Inicialmente, deve-se pensar o que torna uma lexia contável ou não contável não só a partir da observação de aspectos normativos e/ou teóricos, mas sobretudo levando em consideração aspectos de ordens pragmática e cognitiva. Langacker (1987a) apontou alguns critérios para tentar distinguir os substantivos contáveis dos não contáveis (*massivos* segundo o autor), a saber:

Assim, os substantivos contáveis especificam o limite em seu domínio primário, enquanto os substantivos massivos não possuem essa condição. A delimitação, no entanto, é apenas um dos vários fatores que distinguem substantivos contáveis e substantivos massivos: os outros incluem HOMOGENEIDADE, EXPANSIBILIDADE/CONTRABILIDADE e REPLICABILIDADE. Esses fatores são interdependentes e podem de fato ser considerados como manifestações diferentes do mesmo contraste fundamental. Começarei argumentando que a substância designada por um substantivo massivo é interpretada como sendo internamente homogênea. (Langacker, 1987a, p. 64, grifo do autor)²⁷³

²⁷² Os exemplos de frequência relativa de singular seriam baseados em dados como *o olho*, *o ovo* em relação à frequência de plural: *os olhos*, *os ovos*, respectivamente.

²⁷³ Tradução do original: “Thus count nouns specify bounding in their primary domain, while mass nouns lack this stipulation. Bounding, however, is only one of several factors that distinguish count and mass nouns: others include HOMOGENEITY, EXPANSIBILITY/CONTRACTIBILITY, and REPLICABILITY. These factors are interdependent, and can in fact be regarded as different manifestations of the same fundamental contrast. I will begin by arguing that the substance designated by a mass noun is construed as being internally homogeneous” (Langacker, 1987a, p. 64, grifo do autor, tradução minha).

Para o autor, delimitação, homogeneidade, expansibilidade/contrabilidade e replicabilidade seriam critérios interdependentes que norteariam o caminho para uma eventual classificação dos substantivos quanto a sua possibilidade de quantificação. Por serem interdependentes, pode-se pensar que homogeneidade está para expansibilidade/contrabilidade assim como a delimitação está para replicabilidade. Posto nestes termos, entidades não-contáveis ou massivas como *gel, açúcar, arroz, enxofre, cloro, vinagre, álcool, azeite, algodão, ouro*²⁷⁴ entre outros são substâncias formadas por natureza tão homogênea que suas vendas ocorrem levando em consideração medidas como litro e/ou quilograma posto que, de modo geral, não podem ser vendidas indiferentemente levando em consideração o valor por unidade (forma discreta) como ocorre com algumas frutas (ex.: dúzia de banana ou quilograma da fruta). No entanto os substantivos contáveis ao nomear entidades discretas, fá-lo porque tais entidades são delimitadas no tempo e no espaço. Essa propriedade condicionaria uma outra: a replicabilidade. Segundo Langacker (1987a), por se tratar de entidades discretas, os substantivos contáveis nomeiam elementos sujeitos à replicabilidade, ou seja, passíveis de multiplicação de seu número. Sobre essas relações, pontuam Camacho e Pezatti (2002):

Justamente por causa de sua homogeneidade concebida, a substância designada por nome de massa pode ser indefinidamente expandida ou contraída [...]. *O limite de um nome contável é responsável por sua replicabilidade*: há um ponto que se esgota uma instância da categoria, de modo que incrementá-la resulta iniciar outra. *Nomes de massa, por outro lado, são não-replicáveis por não haver tal limite, isto é, são indefinidamente expansíveis*. Incrementar uma instância de uma categoria de nome de massa não inicia uma segunda instância, distinta da primeira, apenas a torna maior. O uso particular de quantificadores e de pluralização ilustra caracteristicamente essa propriedade: diz-se *mais areia* [...] (Camacho; Pezatti, 2002, p. 163-164, grifo próprio).

Salvo algumas particularidades, tais propriedades seriam um norte para a classificações dos substantivos em contáveis e não-contáveis e, por conseguinte, favoreceriam explicações mais coerentes decorrentes de tais classificações. Inicialmente, pode-se tratar tais categorias não de forma dicotômica, mas como um contínuo [- contável > + contável]. Assim algumas

²⁷⁴ Estas lexias foram escolhidas de forma aleatória. Para conferir suas possibilidades de pluralização, consultaram-se apenas os *corpora* já conferidos para classificação da frequência de ocorrência, pois se trata de representações de fala e escrita com variados níveis de monitoramento e com significativa expressividade (44. 007. 098 unidades), mas priorizados os *corpora* mais próximos do vernáculo e/ou fala das amostras controladas no *Projeto ALiB e QPP*. Dessas 10 lexias controladas de forma ilustrativas que nomeiam entidades não-contáveis ou massivas, apenas a lexia *azeite* apresentou três ocorrências de pluralização em *corpora* menos formais. As demais lexias só apresentaram inexpressivo número de ocorrência de pluralização no *corpus* contendo textos mais monitorados com textos jornalísticos, cartas comerciais e material didático (cf. *Quadro 7, Apêndice E*).

lexias como *caroço* poderiam ser situadas entre os extremos desse contínuo conforme os variados contextos de uso reais da língua já que, por conta de sua dimensão, quando agrupados, alguns caroços são menos homogêneos/mais perceptíveis e, portanto, mais pluralizáveis (*caroços de jaca, caroços de azeitona*) e outros, menos perceptíveis (*caroços de papoula, caroços de uva, caroços da maçã, caroços de algodão*) seriam menos pluralizáveis, às vezes, sendo tratados apenas como *semente de papoula, semente da uva, semente da maçã, semente de algodão*. Sob a denominação do “sinônimo” *semente*, *caroços* se distancia do conceito de substantivo contável. Ademais, no caso de caroço do algodão, essa classificação parece mais coerente, pois esta entidade é vendida no mercado agrícola em toneladas mesmo com a denominação de *caroços* e não *semente* em suas etiquetas de venda, o que o torna essa entidade mais próxima do conceito de homogeneidade, expansibilidade/contrabilidade e, por conseguinte, mais próximo do polo menos contável.

Além da necessidade de se estabelecer um contínuo [- contável > + contável], também se faz necessário propor um conceito que complemente as noções de delimitação e replicabilidade propostas por Langacker (1987a) para compreender-se por que algumas lexias, mesmo de natureza contável, não são recorrentemente pluralizáveis. Levando em consideração os contextos pragmáticos de pluralização, nem sempre delimitação ou mesmo replicabilidade seriam condições favorecedoras de pluralização mesmo quando uma entidade se situa no extremo do contínuo + contável. Assim, para que uma lexia apresente maior frequência de ocorrência de forma pluralizada, ela deve nomear não só uma entidade delimitável e replicável mas também deve estar situada no extremo do contínuo + contável e, sobretudo, ser empregada para nomear entidades com efetiva *proximidade imediata* ou *referenciação associativa*²⁷⁵. Seriam estas propriedades que, de fato, não só reforçaria a noção de nome contável, mas também favoreceria a representação de plural no léxico mental dos falantes.

O que se denomina aqui como *proximidade imediata* seria a condição como alguns referentes mais concretos se apresentam como maior frequência ao falante de forma mais perceptível (menos homogênea, discreta) e replicável de forma pragmática e não apenas teoricamente. De forma mais abrangente, por *referenciação associativa*, define-se a condição de associar-se quaisquer referentes incluindo os menos concretos (*policia, grau* etc.) com maior frequência. Associados à noção de contínuo, entende-se que os conceitos de *proximidade imediata* ou *referenciação associativa* partem da premissa de que alguns referentes (mais)

²⁷⁵ Conceitos de autoria própria.

concretos apresentariam *menor proximidade imediata* (*forno, véu* etc.), logo também apresentariam menor frequência de ocorrência de pluralização na língua assim como outros referentes com *menor referenciação associativa* – como *guardião* ou *aldeão*, diferentemente de *policia* e de *grau* por exemplo – que não seriam percebidos ou referidos em conjuntos, também apresentariam pluralização com menor frequência de ocorrência. Dessa forma, referentes com *menor proximidade imediata* ou *referenciação associativa* não favoreceriam suas representações de pluralização de forma tão robusta no léxico mental como referentes às percepções pragmáticas contrárias.

Assim, as entidades nomeadas por *olho* e *ovo* são replicáveis não só teoricamente, mas de forma prática posto que um par de olhos faz parte do corpo humano e dos animais e *ovo* é facilmente encontrado de forma efetivamente replicada ao passo que o referente *caroço* nem sempre se apresenta de forma replicada (*manga, abacate, pêssego, jambo*, entre outros) e praticamente a entidade *forno* não se materializa de forma replicável nas cozinhas domiciliares. Em tempo, cabe pontuar que a efetiva *proximidade imediata* poderia ser concebida como um contínuo muito embora sua mensuração seria muito relativa a depender da entidade a ser classificada e da sociedade em que ela estaria inserida. Posto nestes termos, a efetiva replicabilidade proporcionada pela maior proximidade imediata das entidades nomeadas seria eventualmente a razão pela qual a frequência de ocorrência de nomes flexionados fosse proporcionalmente mais elevada. Em sentido contrário, a menor proximidade imediata das entidades desfavoreceria a frequência de ocorrência de nomes flexionados. Este reforço no campo visual pela proximidade imediata teria consequências na formação do léxico mental dos informantes, posto que a força léxica na mente humana está diretamente condicionada pelos usos que se faz da língua. Sobre essa força, observa Bybee (1985):

Se supormos metaforicamente que uma palavra pode ser escrita no léxico, então toda vez que uma palavra em processamento é mapeada em sua representação léxica é como se a representação fosse rastreada novamente, gravando-a com linhas mais profundas e escuras cada vez. *Toda vez que uma palavra é ouvida e produzida deixa um leve traço no léxico, ela aumenta em força léxica.* A noção de força léxica nos permite explicar os diversos efeitos que a frequência tem sobre o comportamento das palavras (Bybee, 1985, p. 117, grifo próprio)²⁷⁶.

²⁷⁶ Do original: “If we metaphorically suppose that a word can be written into the lexicon. then each time a word in processing is mapped onto its lexical representation it is as though the representation was traced over again, etching it with deeper and darker lines each time. Each time a word is heard and produced it leaves a slight trace on the lexicon, it increases in lexical strength. The notion of lexical strength allows us to account for the various effects that frequency has on the behavior of words” (Bybee, 1985, p. 117, tradução minha).

Assim sendo, toda vez que uma entidade (mais) concreta²⁷⁷ se encontra em contexto de *proximidade imediata*, suas chances de ser pluralizável seriam relativamente maiores. Consequentemente, toda vez que uma lexia é ouvida no plural e produzida da mesma forma, deixaria um leve traço no léxico dos interlocutores, aumentando a força léxica desse plural para aqueles que participaram da eventual interação verbal. Portanto, é justificável por que *forno* e *caroço* sejam aquelas lexias que se destacaram frente ao registro da não marcação e as demais não superarem os 38% na realização dessa estratégia, visto que ambas pertençam ao grupo de lexias pluralizadas com frequência de ocorrência baixa.

Por tudo exposto, entende-se que a força léxica de *forno* e *caroço* é fraca perante as demais lexias como *ovo* e *olho*, acarretando que aquelas lexias sejam as que maior correlação estabeleça com qualquer marcação que não seja a marcação dupla como se observará com a apresentação dos resultados da rodada 2 posteriormente. Assim sendo, nota-se que as propriedades de uma entidade contável reforçadas pela noção de um contínuo [- contável > + contável] e pela noção de *proximidade imediata* podem compreender melhor a atuação da força léxica como um fator decisivo frente à (não) realização do plural morfológico.

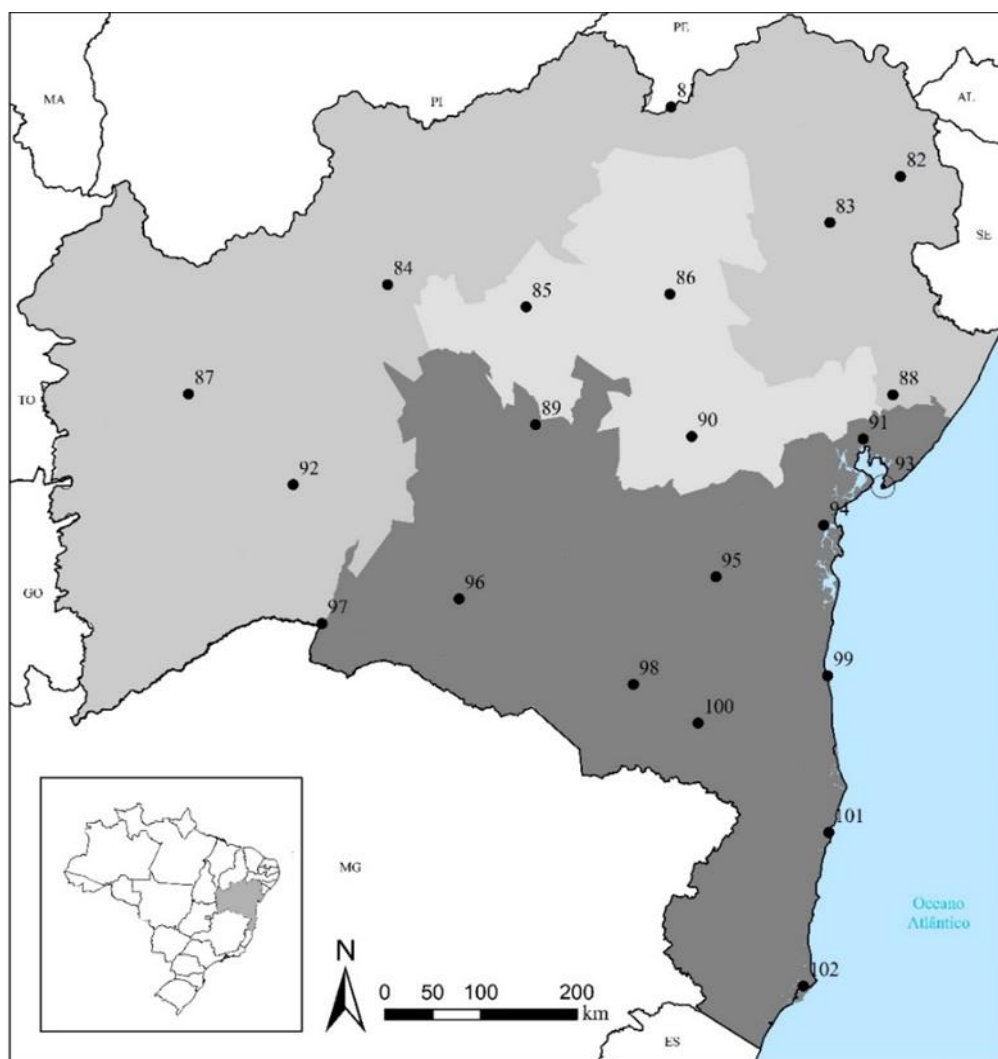
5.1.1.4 Mesorregião

Quanto à variável diatópica, notou-se que a marcação dupla foi mais recorrente no Sul Baiano com 89% (66/74), seguida por Região Metropolitana de Salvador com 85% (51/60), Centro Sul Baiano com 76% (76/100), Nordeste Baiano com 72% (50/69), Vale São-Franciscano da Bahia²⁷⁸ com 71% (52/73), Extremo Oeste Baiano com 68% (41/60) e o Centro Norte Baiano com 52% (47/91). Esses percentuais sugerem áreas dialetais que podem ser mais bem visualizadas e/ou compreendidas a partir da observação do traçado das isoglossas proposto na *Figura 20*:

²⁷⁷ Os substantivos concretos designem seres “de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*” (Bechara, 2009, p. 113). Embora todos esses substantivos se oponham aos substantivos abstratos, por estes serem de natureza dependente, acredita-se aqui que aquela categoria pode ser pensada também como um contínuo que parte de entidade menos concretas (*filho, mãe*) para mais concretas (*casa, mar, sol, automóvel*), pois estas entidades seriam mais perceptíveis e/ou identificáveis que aquelas que correspondem a *status* (situação, condição, estado, qualidade etc).

²⁷⁸ Assim como o fez Houaiss (2007), adotar-se-á a grafia *São-franciscano* embora muitos grafem o nome da mesorregião como *Vale Sanfranciscano da Bahia*.

Figura 20: Correlação entre as mesorregiões e a *marcação dupla* em potencial contexto metafônico



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 1

REALIZAÇÃO DA MARCAÇÃO DUPLA VERSUS NÃO MARCAÇÃO:

- Entre 76% e 89%
- Entre 68% e 72%
- Máximo de 52%

Pluralização de *caroço, forno, olho, osso, ovo, porco, posto* e *tijolo*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Embora sejam limitados os números de informantes e pontos por mesorregião, pode-se reagrupar as mesorregiões em três grandes áreas delimitadas por isoglossas que levam em consideração as faixas de emprego da marcação dupla como observado na *Figura 20*. Por essa proposta de delimitação das áreas dialetais, nota-se um maior emprego da marcação dupla nas áreas que contornam todo Estado da Bahia como sinalizam as duas primeiras legendas abaixo:

i) Realizações entre 76% e 89%: Sul Baiano, Região Metropolitana de Salvador e Centro Sul Baiano²⁷⁹;

ii) Realizações entre 68% e 72%: Extremo Oeste Baiano, Vale São-franciscano da Bahia e Nordeste Baiano;

iii) Máximo de realizações em 52%: Centro Norte Baiano.

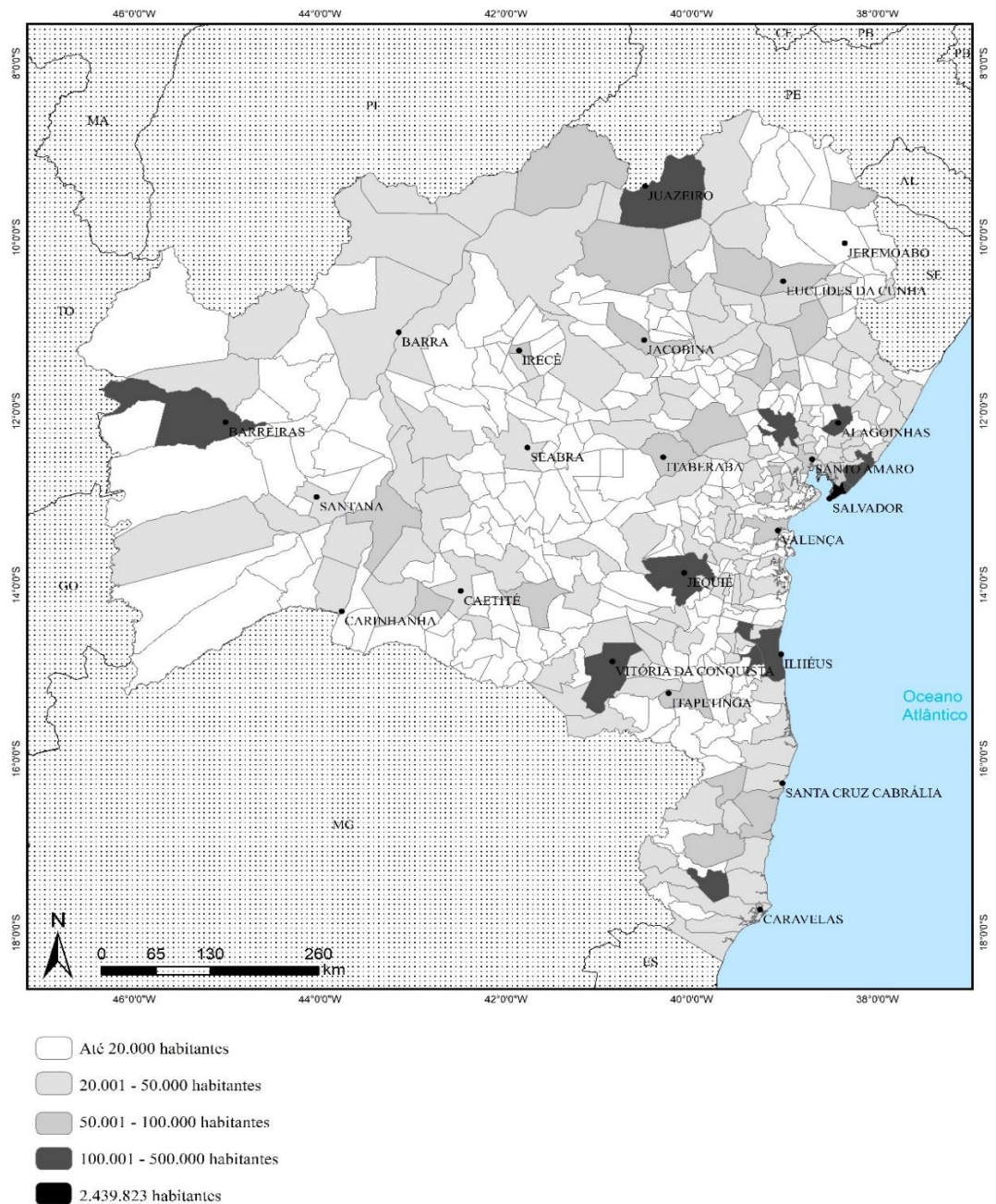
Nesta classificação, a área dialetal que cobre toda Região Metropolitana de Salvador, Sul Baiano e Centro Sul Baiano é aquela que se destaca no emprego da marcação dupla em comparação como a não marcação no grupo em potencial contexto metafônico. Aquelas, que se estendem por quase todo litoral baiano, apresentam média geral do emprego da marcação dupla mais elevada enquanto esta, que segue em direção ao interior do estado, representa um percentual mais próximo da segunda faixa com limite em 72%. Dessa forma, o Centro Sul Baiano se revelaria como uma área de intersecção entre as áreas dialetais situadas nos extremos do estado não só por conta do percentual intermediário na realização da marcação dupla, mas também por seu espraiamento estar situado entre tais extremos das faixas de marcação dupla.

A redução no emprego da marcação dupla segue esse espraiamento iniciado na mesorregião do Centro Sul Baiano cobrindo todo o contorno do território baiano que se estende do Nordeste Baiano, passando pelo Vale São-franciscano da Bahia até chegar ao Extremo Oeste Baiano já com 68% das realizações de marcação dupla. Toda essa área dialetal que cobre estas três mesorregiões, a marcação dupla continua prevalecendo embora com percentuais ligeiramente reduzidos, tratar-se-ia de uma faixa dialetal intermediária na realização da marcação dupla. No centro do mapa, encontra-se isolada a área dialetal cujo percentual tecnicamente mostra-se neutro com marcação dupla (52% desse emprego). Essa área corresponde ao Centro Norte Baiano. Alguns aspectos geográficos do Estado da Bahia

²⁷⁹ Nesta classificação, optou-se por iniciar a faixa mais alta a partir dos 76% incluindo o Centro Sul Baiano embora tal percentual fosse próximo da faixa intermediária com final em 72%, pois 3/5 dos percentuais específicos por municípios que compunham essa mesorregião são inquestionavelmente pertencentes à faixa mais alta de marcação dupla (Caetité: 80% ou 4/5, Seabra: 94% ou 16/17 e Itapetinga: 100% ou 11/11).

poderiam ter relação com essa hierarquização no emprego da marcação dupla. Conferir *Figura 21, 22, 23, 24 e 25*:

Figura 21: População dos municípios da Bahia (2000)

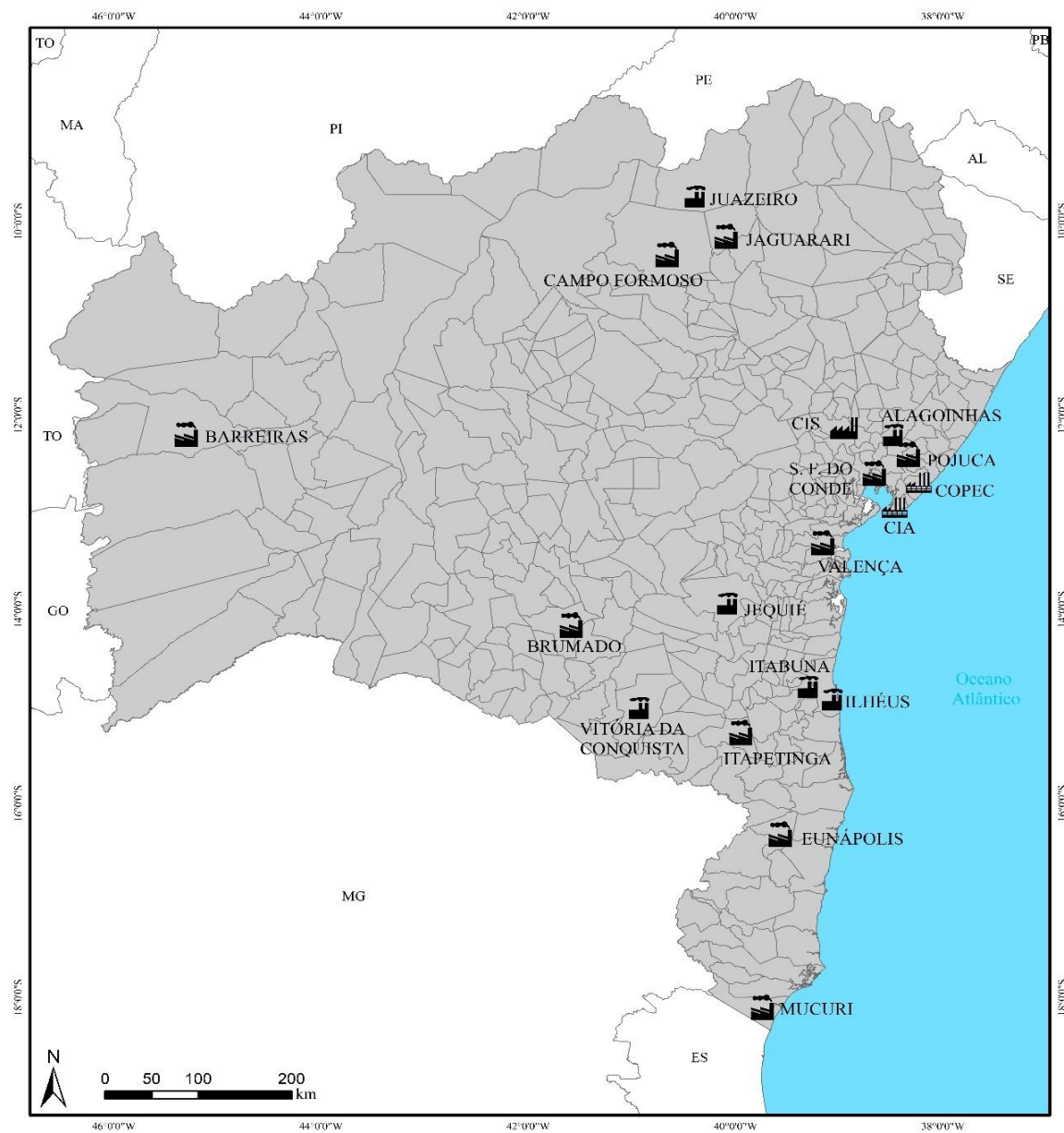






Informações cartográficas
 Projeção: Coordenadas geográficas
 Datum: WGS 84
 Fonte das informações:
 IBGE. Censo demográfico - 2000
 Elaboração: Santiago, 2021.

Fonte: IBGE, Censo demográfico – 2000 e Silva et al. (2004, p. 96)²⁸⁰.

²⁸⁰ Os mapas cujas fontes secundárias são Silva et al. (2004) são adaptações desta obra elaboradas por Luan da Silva Santiago.

Figura 22: Polos e centros industriais da Bahia (2002)

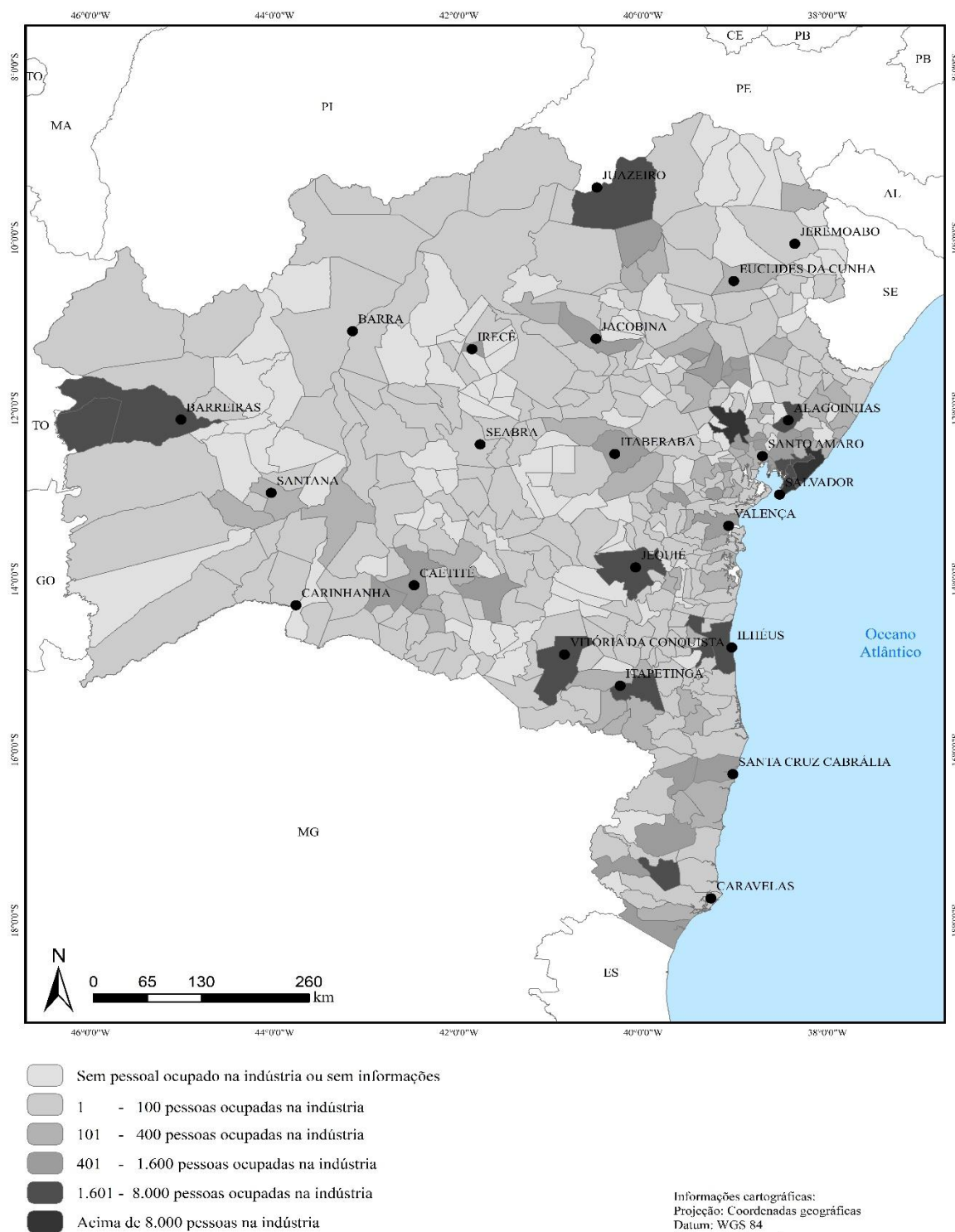


-  Polos industriais
-  Médios centros industriais
-  Distritos industriais
-  Núcleos industriais

Informações cartográficas:
 Projeção: Coordenadas geográficas
 Datum: WGS 84
 Fonte das informações:
 FIEB. Guia industrial do Estado da Bahia - 2002 (adaptado)
 Elaboração: Santiago, 2021.

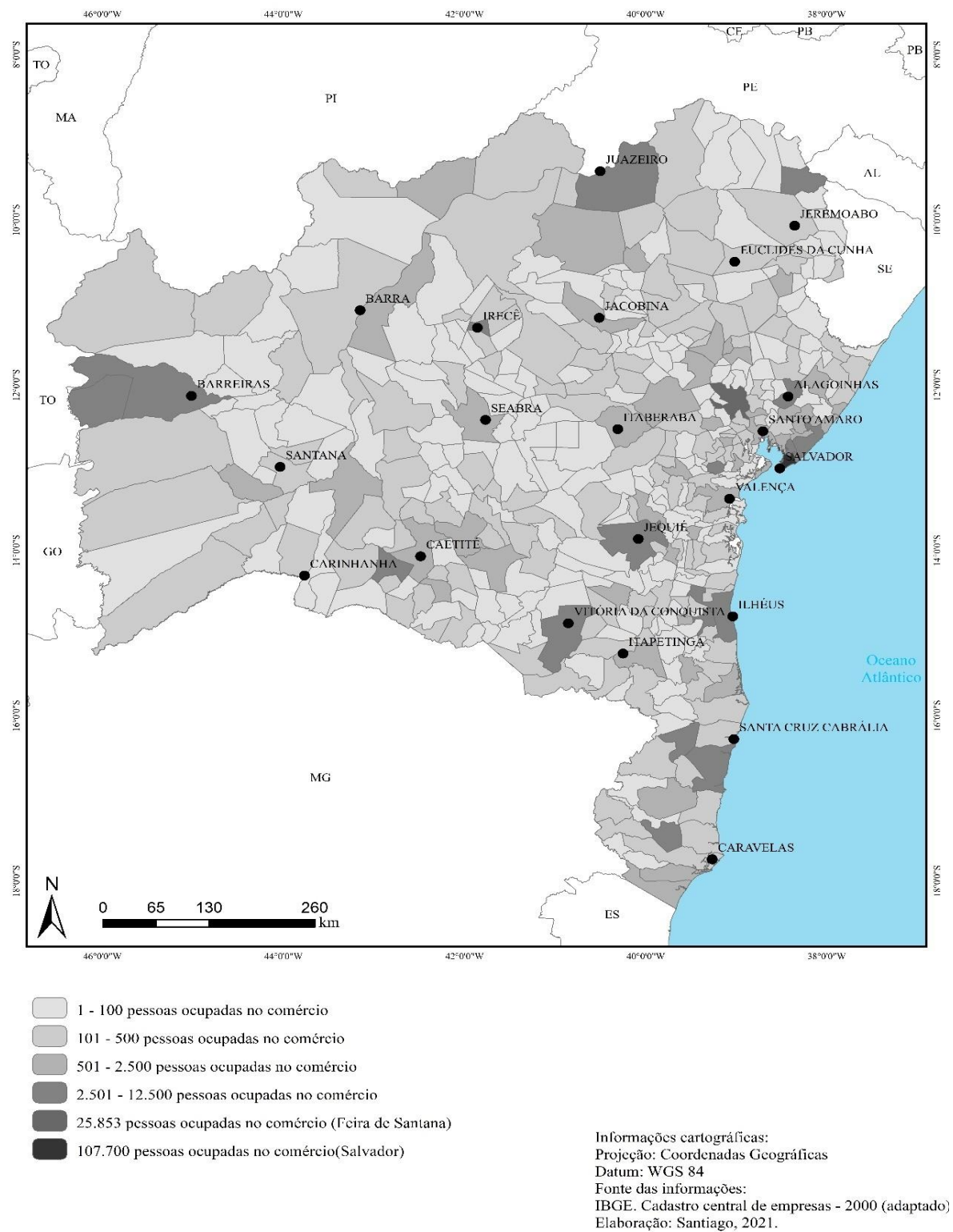
Fonte: FIEB, Guia Industrial do Estado da Bahia – 2002 e Silva et al. (2004, p. 127).

Figura 23: Distribuição da ocupação das indústrias na Bahia (2000)



Fonte: IBGE – Cadastro central de empresas – 2002 e Silva et al. (2004, p. 125).

Figura 24: Ocupação do pessoal no comércio da Bahia (2000)



Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas – 2000 e Silva et al. (2004, p.131).

Figura 25: Distribuição das agências bancárias na Bahia (2000)



- 1 - 4 agências bancárias
- 5 - 8 agências bancárias
- 9 - 12 agências bancárias
- 22 agências bancárias (Feira de Santana)
- 201 agências bancárias (Salvador)

Informações cartográficas
 Projeção: Coordenadas geográficas
 Datum: WGS 84
 Fonte das informações:
 SEI. Estatísticas dos municípios baianos - 2002
 Elaboração: Santiago, 2021.

Fonte: SEI – Estatísticas dos Municípios Baianos – 2002 e Silva et al. (2004, p. 132).

Os mapas observados trazem dados sobre a população dos municípios baianos (*Figura 21*), distribuição dos centros e polos industriais (*Figura 22*), distribuição do pessoal em indústrias e no comércio local (figuras 23, 24, respectivamente) e número de agências bancárias por municípios (*Figura 25*). Essas informações correspondem aos anos de 2000 e 2002, sobretudo daquele. Esse período é imediatamente anterior à aplicação do primeiro questionário do *Projeto ALiB* na Bahia (2003). Com a comparação entre essas figuras e a *Figura 20*, nota-se que por onde se espraiam as duas áreas dialetais como maior incidência do uso da marcação dupla também são aquelas com as seguintes características:

i) conforme *Figura 21* – com exceção de Feira de Santana que pertence à mesorregião do Centro Norte Baiano, mas faz limite com a Região Metropolitana de Salvador – apenas na extensão em análise há municípios com população entre 100.001 e 500.000 habitantes, faixa inferior apenas ao número da população de Salvador à época (2.439.823 habitantes);

ii) observando a *Figura 22*, vê-se que, em 2002, só no perímetro em análise existiam polos industriais, distritos industriais ou núcleos industriais, concentrados sobretudo nos municípios próximos ao litoral baiano²⁸¹;

iii) com exceção de Feira de Santana, pela conferência da *Figura 23*, nota-se que também apenas nesta extensão há municípios que empregam mais de 1600 pessoas em suas indústrias;

iv) da mesma forma, nesta extensão em observação se concentraria o maior número de pessoas empregadas no comércio local e com exceção de Irecê e Feira de Santana, na mesorregião do Centro Norte Baiano e até em municípios em seu entorno, o número de pessoas trabalhando no comércio se limita à faixa entre 501 e 2.500 trabalhadores como revela a *Figura 14*;

v) provavelmente em decorrência dos aspectos socioeconômicos já descritos, como revela a *Figura 25*, com exceção de Feira de Santana, apenas na extensão em observação há cidades como mais de 9 agências bancárias, de tal forma que o Centro Norte Baiano e até os municípios em seu entorno imediato possuem em média entre 5 e 8 agências.

Pela comparação entre os mapas apresentados entre as figuras 20 e 25, parece evidente que o emprego da marcação dupla está diretamente relacionado a aspectos socioeconômicos que diferenciam a mesorregião do Centro Norte Baiano daquelas que se situam em seu entorno. Dessa forma, o maior desenvolvimento econômico de algumas mesorregiões estaria correlacionado à marcação dupla na Bahia sobretudo em cidades próximas ao litoral baiano

²⁸¹ Feira de Santana seria o único município com médio centro industrial na Bahia.

onde há intensa interação de nativos como pessoas de diferentes origens, classes sociais e nível de escolaridades. Segundo Silva et al. (2004), em 1999, o Sul Baiano e a Região Metropolitana de Salvador seriam as únicas mesorregiões que dispunham de até 10.972 leitos de hotéis numa cidade. Nas demais mesorregiões, este número não excederia 500 leitos, com exceção da cidade de Vitória da Conquista que possuía à época até 1000 deles. Assim sendo, seria natural que os nativos dessas mesorregiões tivessem maior contato com pessoas de nível sociocultural mais erudito e, conseqüentemente, contato com um maior envelope de variedades cultas da língua portuguesa, dentre elas, a marcação dupla em potencial contexto metafônico visto que viajar ainda não é um hábito tão frequente para as classes menos favorecidas, logo no contato com esses turistas poderia haver um reforço no hábito de empregar-se mais naturalmente essa estratégia de pluralização²⁸². Já nas primeiras décadas do século XX, Marroquim (1996 [1934]) pontuava sobre a diferença entre o comportamento linguístico dos nativos que viviam no litoral e no interior dos estados de Alagoas e de Pernambuco:

Enquanto no litoral, desde o descobrimento, as comunicações fáceis, o meio cosmopolita, a instrução largamente difundida encaminhavam a macha normal da língua; no interior, o povo recolhido aos latifúndios e neles vivendo ignorado, esquecido, anônimo, conservava a língua herdada, alterando-a, é verdade, de acordo com as tendências de evolução fonética impostas pelos meios, mas sem desprezar os termos e expressões recebidas.

Já hoje a difusão das escolas, as estradas carroçáveis, o automóvel estão destruindo as barreiras que isolavam o matuto. Aproximam-no da civilização [...] Conservou-se assim o matuto nordestino, em sua linguagem, expressões que se arcaizaram na língua culta. Essas reminiscências constituem a primeira das funções originárias do seu dialeto.

A contribuição da língua arcaica é léxica, semântica e sintática. (Marroquim, 1996 [1934], p. 106, grifo próprio)

Como pontuou o autor, com a expansão do número de escolas, melhoria das estradas e o advento do automóvel, o eventual isolamento desse interiorano (“matuto”) seria minimizado, mas este “ostracismo” de outrora deixaria ainda marcas nos hábitos e no comportamento linguístico desses indivíduos de sorte que aquelas mesorregiões ou áreas da Bahia cujas malhas rodoviárias, ferroviárias, fluviais e aéreas não interagiram no desfavorecimento desse isolamento conseqüentemente favoreceriam o afastamento de seus nativos em relação ao maior acesso à cultura erudita e, por extensão, menores seriam suas condições de memorização e realização da marcação dupla por conta de um *input* eventualmente fraco. Assim, como

²⁸² Mais detalhes, ver *Mapa 67: Estado da Bahia: municípios mais importantes segundo leitos de hotel – 1999* em Silva et al. (2004).

ilustraram Silva et al. (2004), em 2001, o Sul Baiano e Região Metropolitana de Salvador seriam aquelas com intensa interação entre as quatro malhas enquanto na mesorregião do Centro Norte Baiano e em alguns municípios em seu entorno tal interação é inexpressiva e/ou limitada a duas dessas malhas, com predominância da malha rodoviária. Ademais as linhas de ônibus intermunicipais até 1998 se concentrariam naquelas mesorregiões numa faixa entre 21 (Ilhéus) e 350 linhas (Salvador) por município (Silva et al., 2004, p. 154-155) de modo que, com exceção de Feira de Santana, nenhuma cidade da mesorregião do Centro Norte Baiano, Vale do São-franciscano ou Extremo Oeste se enquadrariam nesta faixa de linhas intermunicipais com origem em suas cidades²⁸³.

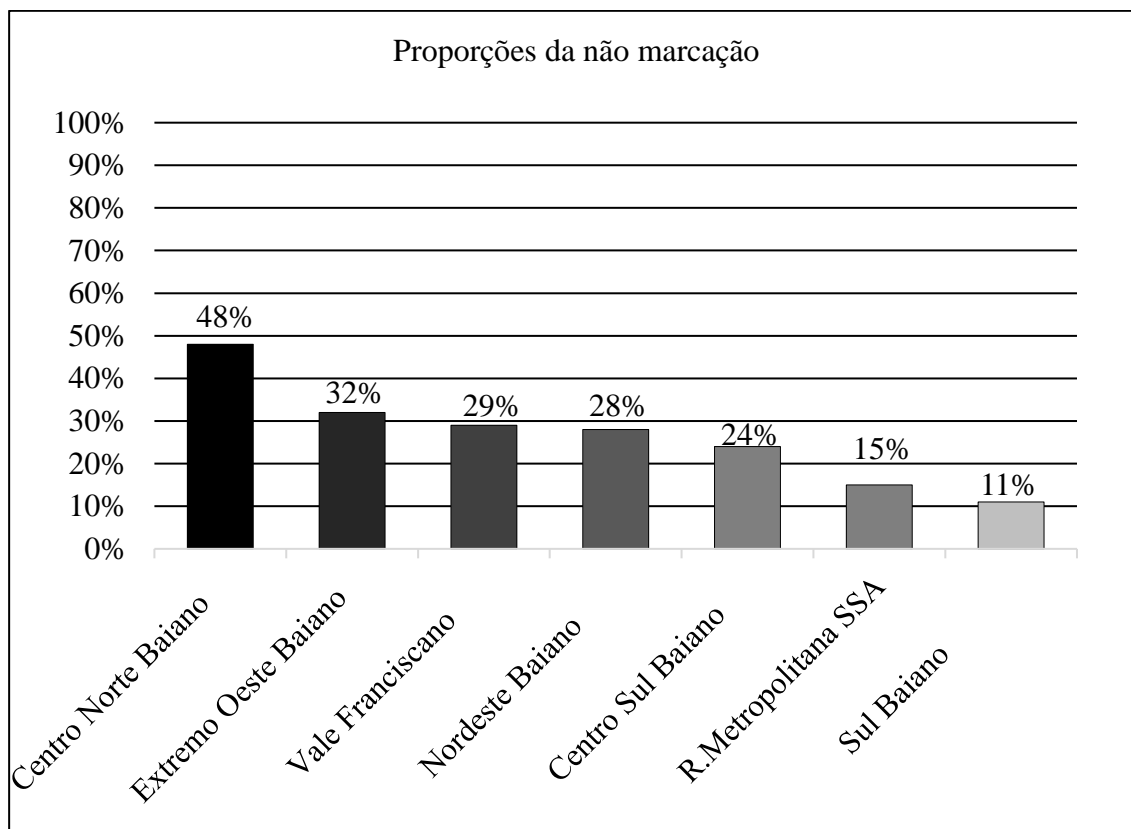
Pelo exposto, a constatação de Marroquim (1996 [1934]) parece ainda coerente embora em proporções com diferenças menos significativas entre o falar do baiano de quem moraria nas mesorregiões próximas e distantes do litoral do estado, posto que as mesorregiões do Sul Baiano e Região Metropolitana de Salvador foram aquelas cujos informantes mais empregaram a marcação dupla enquanto nas demais mesorregiões os percentuais foram menores ou até tecnicamente neutros como ocorreu no Centro Norte Baiano.

Corroborando a relevância dos percentuais já analisados com relação à variável diatópica, os percentuais da não marcação testados pelo qui-quadrado classificaram a disputa entre as proporções como significativa ($\chi^2 = 15.927$ (6) p. < 0.5). Embora os percentuais de não marcação não sejam elevados para nenhuma das variáveis controladas, pois os dados não ultrapassam o limite da neutralidade (50% dos resultados), esses números indicariam em quais mesorregiões esta estratégia seria mais empregada pelos informantes que compuseram as duas amostras analisadas.

Os resultados considerando apenas a variante não marcação apresentam percentuais entre 11% e 48% dos dados a saber: Centro Norte Baiano com 48% (44/91), Extremo Oeste com 32% (19/60), Vale do São-franciscano com 29% (21/73), Nordeste Baiano com 28% (19/69), Centro Sul Baiano com 24% (24/100), Região Metropolitana de Salvador com 15% (9/60) e Sul Baiano com 11% (8/74). Confira-se o *Gráfico 12*:

²⁸³ Segundo Silva et al. (2004, p. 155), *Tabela 23*, no Estado da Bahia, a origem das linhas de ônibus intermunicipais em 1998 estaria concentrada nas cidades de Salvador (350 linhas), Itabuna (77), Feira de Santana (66), Vitória da Conquista (47), Vera Cruz (Bom Despacho) (43), Camaçari (31), Jequié (29), Lauro de Freitas (29), Alagoinhas (27), Simões Filho (26), Eunápolis (25) e Ilhéus (21).

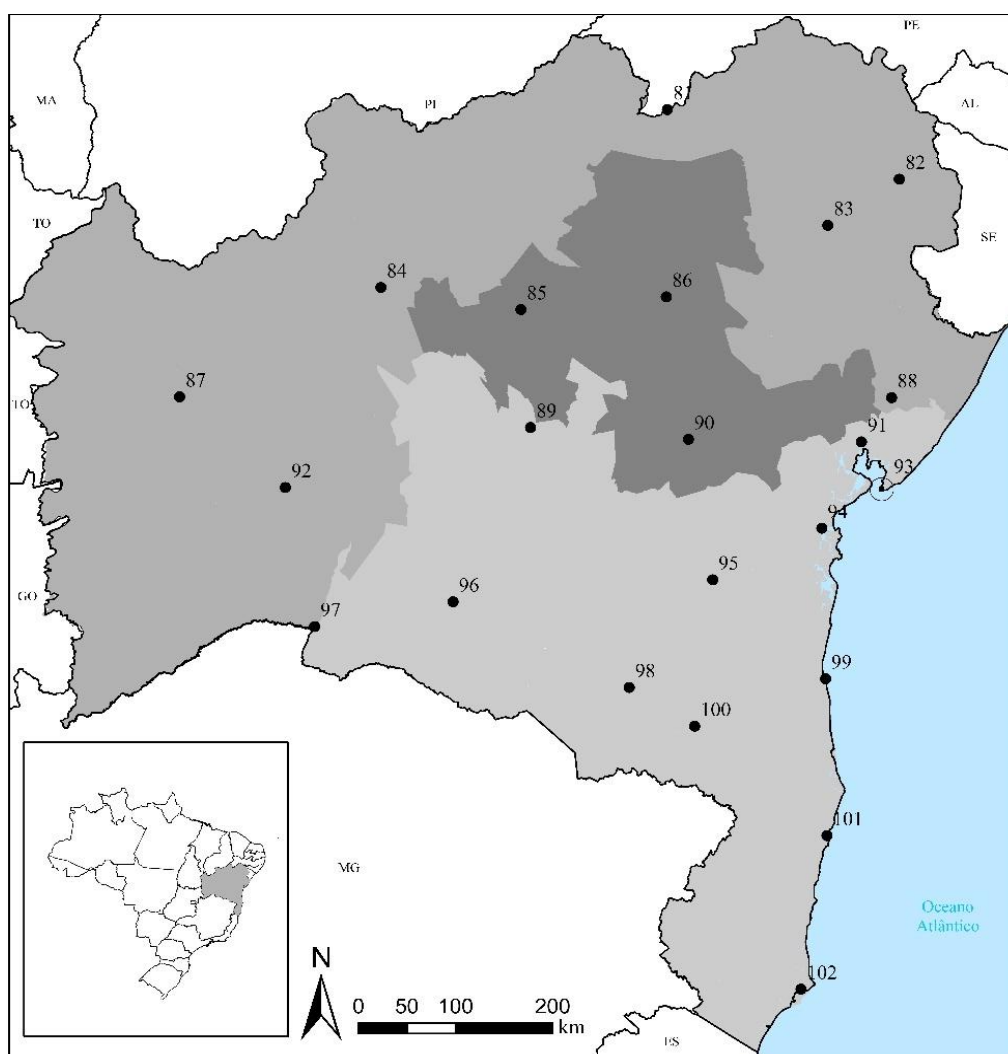
Gráfico 12: Correlação entre mesorregiões e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 15.927 (6) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pode-se perceber no *Gráfico 12* o quanto a não marcação foi desfavorecida em todas as amostras analisadas, sobretudo porque os informantes quase sempre apresentam estes dados em respostas curtas como já pontuado, às vezes, os realizando apenas os núcleos dos SNs. Essa variante é menos comum na fala da mesorregião Sul (11%) e Metropolitana de Salvador (15%). Provavelmente, este comportamento mais conservador atinja também a mesorregião Centro Sul (24%) por sua proximidade com aquelas e por compartilhar das mesmas características socioeconômicas como se observou nas figuras 21, 22, 23, 24 e 25. Em oposição e/ou complementação à Figura 20, o mapa a seguir ilustra a situação do emprego da não marcação no Estado da Bahia. Veja-se a *Figura 26*:

Figura 26: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em potencial contexto metafônico



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 2

REALIZAÇÃO DA NÃO MARCAÇÃO

VERSUS MARCAÇÃO DUPLA:

- Máximo de 48%
- Entre 28% e 32%
- Entre 11% e 24%

Pluralização de *caroço, forno, olho, osso, ovo, porco, posto e tijolo*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Pela observação da carta apresentada na *Figura 26*, é possível perceber que o eventual “isolamento” socioeconômico durante anos como ocorrido na mesorregião do Centro Norte Baiano a colocou dentro da área dialetal como maior incidência de registros da não marcação (até 48% dos dados) enquanto as demais mesorregiões com menor isolamento juntas ficaram na faixa intermediária (entre 28% e 32% de registros da não marcação: Nordeste Baiano (28%), Vale do São-franciscano (29%) e Extremo Oeste (32%). Corroborando essa proposição, a área dialetal classificada como de pouca incidência da realização dessa estratégia corresponde às mesorregiões cujas mobilidades são intensas e compunham a extensão com o mais alto desenvolvimento econômico do estado, portanto é justificável que as mesorregiões Sul, Região Metropolitana de Salvador e, por espraiamento, a Centro Sul fossem classificadas como área dialetal como menor emprego da não marcação: entre 11% e 24% dos dados. Parece natural que o Centro Sul – classificada dentro da faixa como a menor percentagem (entre 11% e 24%) – seja aquela entre as três mesorregiões a que apresenta o maior número de não marcação (24%) pela aproximação com o Centro Norte, mas ela não pode ser enquadrada em outra faixa mesmo que a intermediária (entre 29% e 33%), pois as características socioeconômicas do Centro Sul bem como os percentuais obtidos da não marcação se aproximam mais das mesorregiões Sul e Região Metropolitana de Salvador que das demais mesorregiões. Cabe lembrar que o Centro Sul, durante três séculos, foi um importante centro econômico no Estado da Bahia:

Da mesma maneira que as áreas montanhosas de Minas Gerais, esta zona baiana [Planalto Central] foi, durante o século XVIII, produtora de ouro. No século XIX e XX os diamantes substituíram o ouro: a mineração de diamantes é ainda [1930] uma *importante atividade econômica especialmente em torno de Lençóis, Palmeira, Andaraí e Mucugê*. (Wagley; Azevedo; Pinto, 2016 [1930], p. 38, grifo próprio)²⁸⁴

Como salientaram os autores, Lençóis, Palmeira, Andaraí e Mucugê foram os municípios com maior destaque na mineração de diamantes no Estado da Bahia até aquele momento. Junto a esses municípios, Iraquara, Seabra e Itaetê formam o centro de turístico *circuito do diamante*, contando inclusive com aeroporto em Lençóis (Silva et al., 2004, p. 134-154). Por tais razões

²⁸⁴ A tradução é de responsabilidades dos organizadores da obra (Jaci Maria Ferraz de Menezes, Wilson Roberto de Mattos e Ednei Otávio da Purificação Santos), com base no texto original localizado em Menezes; Mattos; Santos (2016, p. 59-60): “Like the mountain areas of Minas Gerais, this zone in Bahia was, once during the 18th century, a producer of gold. In the 19th and 20th centuries, diamonds replaced gold and especially in the area around Lençóis, Palmeira, Andaraí and Mucugê, diamond mining is still an important economic activity” (Wagley; Azevedo; Pinto, 2016 [1930], p. 7-8).

históricas, econômicas e turísticas, naturalmente nesse perímetro ainda há constante interação entre nativos e pessoas de outras localidades do estado sobretudo com turistas de outros estados e países nos últimos anos. Assim sendo, Seabra, que faz limites com aqueles municípios do Centro Sul, não apresentou mais que 6% (1/17)²⁸⁵ de ocorrência da não marcação, percentual bem abaixo da média de toda mesorregião do Centro Sul (24%) da qual Seabra faz parte, logo seria justificável que o Centro Sul fosse classificada dentro da faixa como a menor percentagem de ocorrência da não marcação por conta dos números apresentados e pela semelhança socioeconômica, entre outras, com as mesorregiões Sul e Região Metropolitana de Salvador.

Ainda sobre a Região Metropolitana de Salvador, embora não sejam de mesma natureza, os resultados específicos até aqui apresentados dialogam com os resultados similares disponibilizados por Lopes (2013) sobre a (não) marcação de plural especificamente na cidade de Salvador. Segundo a autora, a concordância no sintagma nominal totalizaria 81% (11251/13905) dos dados analisados na fala popular dos soteropolitanos. Apesar de esse resultado não sejam intercomparáveis com os desta tese, eles revelam que, de modo geral, a principal cidade da mesorregião Metropolitana de Salvador se mostra ainda conservadora quanto à marcação do plural entre seus falantes, logo seria justificável que cidades com características mais próximas daquelas da capital baiana – como os maiores centros urbanos da Sul, Região Metropolitana de Salvador e Centro Sul – empreguem mais a marcação dupla que a não marcação como foi verificado nessas três mesorregiões da Bahia. Já a não marcação, mesmo não sendo predominante, mostrar-se-ia mais frequente em municípios mais voltados para a cultura agrícola e com maior isolamento, pois, diferentemente dos demais grupos de plurais, a aquisição e aprendizado do plural metafônico só são possíveis via interação oral diferentemente das demais pluralizações que têm o reforço da materialização da marca de plural por meio do contato do informante com a escrita. Corroborando essa proposição sobre a correlação entre isolamento e a não marcação, os resultados sobre a variável contato com o público no mercado de trabalho – a serem apresentados ainda nesta seção – sinalizam a correlação entre menor contato com o público no mercado de trabalho e a não marcação.

Nesse sentido, pontuou Bueno (1967, p. 222) que realizações como “*os ovo* etc.” comuns na fala do homem do campo no Brasil seriam frutos de “hábitos lingüísticos que lhes ficaram

²⁸⁵ Julgou-se confiável apresentar este percentual separadamente além do geral para mesorregião do Centro Sul Baiano para justificar o argumento apresentado e não de outras cidades dessa extensão, pois os dados de Seabra são mais numerosos (17 na rodada 1) que das demais localidades. Além desses 16 dados de pluralização com marcação dupla das lexias *ovo* e *olho* e um dado de não marcação envolvendo a lexia *olho* processados na rodada 1, houve mais um dado de marcação única envolvendo esta mesma lexia.

inveterados, *de geração em geração*, construídos nas primeiras épocas do bilingüismo, transferidos depois *cada vez mais agravados, de pais para filhos*” (Bueno, 1967, p. 222, grifo próprio). Assim sendo, parece justificável que em áreas dialetais como a que coincide com o Centro Norte, o *prestígio encoberto*²⁸⁶ atue entre os nativos motivando o uso indiferente da marcação dupla e da não marcação, como fica evidente nas falas de uma informante da faixa 2 de Jacobina (*Parte 1, QPP*):

(26) Dois *caminhão*[ø], dois *caminhões*, como queira... (inf. 116)

(27) Quatro [*o*]vo[ø] [...] quatro [*o*]vo[ø], quatro [*o*]vos como você queira. (inf. 116)

(28) Três *limão*[ø], três *limões*, como queira [...] um copo com os *limão*[ø] dentro. (inf. 116)

(29) Dois *faróis*, *farol*[ø], *faróis*, como queira! (inf. 116)

(30) Duas *mão*[ø], quatro [*o*]lhos [...]

Quatro quê? (inquiridor)

[*o*]lhos ou [*o*]lhos como queira. (inf. 116)

(31) Dois *barril*[ø], *barril*[ø] ou *barris* como queira. (inf. 116)

(32) Cinco quê? (inquiridor)

Anzó[ø], *anzóis*, *anzóis*, como queira. *Anzóis* né? (inf. 116)

Como se pode notar nos exemplos acima, em 86% (6/7) deles quando a informante empregou a expressão “como (você) queira”, tal atitude surge como uma observação logo depois que ela empregou a não marcação independentemente do grupo de plural a que pertence a lexia realizada. Apenas no exemplo (30) essa expressão foi apresentada ao inquiridor como forma de “correção” de uma realização não padrão ([*o*]lhos) ou para uma realização padrão ([*o*]lhos). No que diz respeito ao grupo em potencial contexto metafônico, como se pode observar no exemplo (27), a informante emprega a não marcação duas vezes (quatro [*o*]vo[ø])

²⁸⁶ Segundo Labov (1972), a mudança linguística decorre da avaliação que os falantes fazem de uma variante. O prestígio de uma variante linguística em competição pode ser diferente entre comunidades de fala ou mesmo numa mesma comunidade. De forma didática e/ou pontual, Bagno (2007) retoma esta discussão laboviana sobre o prestígio: “Por isso, Labov introduziu uma distinção entre *prestígio manifesto* ou *explícito* e *prestígio encoberto*. *O prestígio explícito se vincula tipicamente às variedades empregadas pelas classes dominantes* na hierarquia social: urbanas e mais letradas, principalmente, além de detentoras de alto poder aquisitivo [...]. *O prestígio encoberto*, por seu turno, exige *conotações mais localmente situadas* e tem a ver com os *modos de falar altamente valorizados dentro de subgrupos ou subculturas*. Assim, o prestígio explícito é atribuído a variantes que sinalizam o status social elevado dos falantes que as usam, enquanto o *prestígio encoberto sinaliza a solidariedade intergrupala*” (Bagno, 2007, p. 387, grifo próprio).

[...] quatro [o]vo[ø]) e só depois, faz a “correção” (quatro [ɔ]vos) seguida da expressão “como queira”. Todos esses exemplos, pertencendo ou não ao grupo metafônico, deixam evidente que a informante realiza a não marcação em seu cotidiano e avalia essa estratégia como legítima, só fazendo algumas “correções” como forma de ser bem avaliada pelo inquiridor. Embora “muitas vezes, o prestígio encoberto atribuído a variedades que se distanciam da fala ‘cultura’ se vinculam a percepções positivas de *masculinidade*” (Bagno, 2007, p. 387, grifo do autor) como já havia constatado Trudgill (1974), como notado no caso da informante, o emprego da não marcação revelaria seu prestígio encoberto em toda sua comunidade de fala, mesmo porque nas duas amostras, a variante sexo não se revelou significativa do ponto de vista estatístico. Assim sendo, pelos dados analisados, fica evidente que no Centro Norte o registro da não marcação no grupo em potencial contexto metafônico goza de maior prestígio local que nas demais mesorregiões do Estado da Bahia.

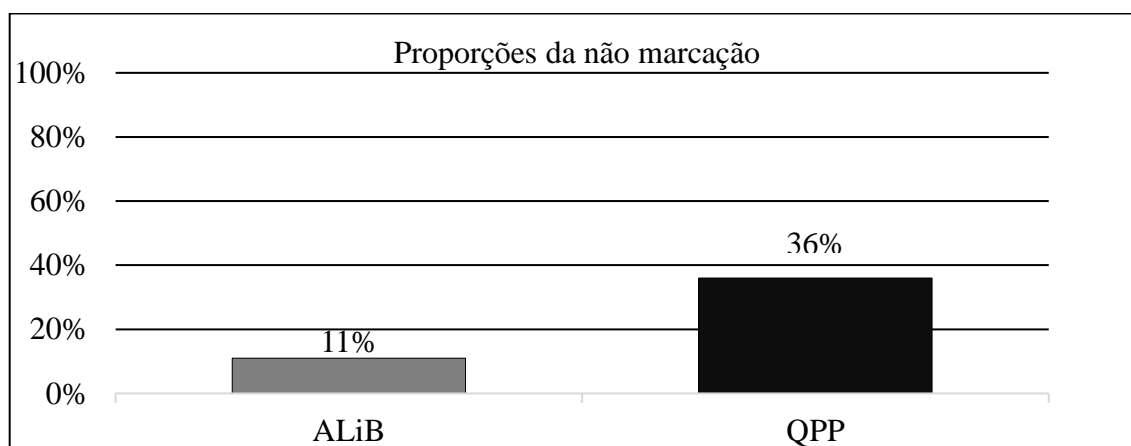
5.1.1.5 Amostra/ano

Quanto à variável ano/amostra, ou apenas amostra, ficou perceptível que o retorno a parte das localidades visitadas pelo *Projeto ALiB* (7/22) depois de 17 anos foi relevante para melhor compreensão do emprego do plural metafônico no Estado da Bahia. A princípio, os resultados indicam que a amostra do *ALiB* se mostrou mais conservadora quanto à marcação de número. Esta amostra apresentou 89% (160/180) de realização de marcação dupla enquanto a amostra do *QPP* apenas 64% (223/347). Nesta visão panorâmica, nota-se que em ambas as amostras a marcação dupla prevalece sobre a não marcação, mas aquela lidera em percentual. Como se pode notar, embora a amostra do *QPP* seja composta por gravações com duração reduzida e não tenha contemplado um terço dos pontos visitados para formação da amostra *ALiB*, seu quantitativo de dados absolutos é expressivamente maior que aquele obtido com a amostra do *ALiB*. Esses resultados absolutos se justificam em função da natureza dos questionários aplicados e do número de lexias alvo investigadas.

Com relação aos percentuais do emprego da não marcação para a variável amostra, o teste qui-quadrado classificou as diferenças entre as proporções da amostra do *Projeto ALiB* e do *QPP* como significativas ($\chi^2 = 10.363$ (1) p. < 0.5). Quando se compara os dados dessas amostras, os resultados da rodada 1 indicam o maior emprego da não marcação como estratégia de pluralização no *QPP*, totalizando-se 36% das realizações (124/347). Já o emprego da mesma estratégia na amostra do *Projeto ALiB* se limita a menos de um terço dos encontrados nos dados

obtidos no *QPP*: 11% (20/180). Essa diferença entre as proporções pode ser mais bem visualizada no *Gráfico 13*:

Gráfico 13: Correlação entre *amostra/ano* e a realização da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 10.363 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode visualizar no *Gráfico 13*, é nítido o maior emprego da não marcação no *QPP*. No entanto, com a comparação desses resultados, seria possível afirmar que as novas gerações baianas passaram a empregar mais a não marcação como estratégia de pluralização no grupo em potencial contexto metafônico do que a geração anterior? Provavelmente, essa resposta só seria possível tornando eventualmente as amostras em questão mais intercomparáveis, evitando-se enviesamento dos resultados.

Posto nestes termos, sob outra perspectiva, seria possível tornar as amostras (mais) intercomparáveis ao observar-se apenas os dados obtidos em localidades em comum às duas amostras: Salvador, Ilhéus, Vitória da Conquista, Alagoinhas, Jacobina, Juazeiro e Barreiras. Ademais, como na amostra do ALiB contando dados de todos os pontos da malha apenas *olho* foi tomada como lexia alvo e essa limitação metodológica implicou que 79% (143/180) dos dados do ALiB da rodada 1 fossem referentes a pluralizações dessa lexia, seguida da lexia *ovo* com 10% (18/180), julgou-se pertinente observar apenas as realizações de pluralização dessas duas lexias ocorridas nas falas desses sete municípios. Com esse recorte no controle dos dados, seria possível mensurar a relevância da variável diacrônica sobre o registro da não marcação. Observe-se inicialmente a *Tabela 14*:

Tabela 14: Correlação entre municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Amostras	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
ALiB	40/43	93%	3/43	7%
QPP	223/347	64%	124/347	36%
Média	263/390	67%	127/390	33%

Fonte: Elaboração própria.

Consideraram-se apenas as ocorrências de marcação dupla e não marcação nos sete principais municípios dessa amostra, como se pode perceber na *Tabela 14*, apenas os dados do Projeto ALiB foram reduzidos de 180 para 43 dados. Como os dados do QPP são todos dessas mesmas localidades, não houve alteração no número de dados desta amostra até o momento. Como se pode verificar na *Tabela 14*, mesmo desconsiderando os dados de todos os pontos do Projeto ALiB que eram diferentes do QPP, os percentuais de não marcação daquela amostra caíram de 11% (20/180, *Gráfico 13*) > 7% (3/43). No entanto esta inexpressiva redução na configuração dos pontos não estaria enviesando os resultados e, conseqüentemente, induzindo a amostra ALiB a se revelar como menos inovadora. Assim sendo, em princípio, a justificativa para o resultado menos inovador nesta amostra estaria relacionada às lexias controladas ou talvez ao período de sua coleta de dados. Veja-se a *Tabela 15*:

Tabela 15: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB E QPP e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Amostras	Lexias	Marcação dupla		Não marcação	
		freq.	%	freq.	%
ALiB	Olho	30/33	91%	3/33	9%
	Ovo	9/9	100%	-	-
Total		39/42	93%	3/42	7%
QPP	Olho	45/53	85%	8/53	15%
	Ovo	64/68	94%	4/68	6%
Total		109/121	90%	12/121	10%

Fonte: Elaboração própria.

Conforme verificado na *Tabela 15*, o percentual da não marcação no *QPP* cai de 36% (124/347, *Gráfico 13*) para 10% (12/121) quando as lexias observadas nas duas amostras são apenas aquelas mais recorrentes na amostra ALiB, dentre ela, a lexia alvo do *QMS* para a investigação do plural metafônico (*olho*). As médias para as lexias *ovo* e *olho* praticamente se igualam para o registro da não marcação uma vez que o percentual do ALiB cai de 11% (20/180, *Gráfico 13*) para 7% (3/42). Assim, o percentual da marcação dupla da amostra ALiB se eleva de 89% inicialmente (160/180) para 93% (39/42) bem como o percentual da amostra do *QPP* se eleva, mas de forma mais expressiva de 64% (223/347) da análise inicial para 90% (109/121) quando apenas essas duas lexias foram controladas. Desta forma, não haveria diferença significativa entre períodos de coleta dos dados, mas entre amostras cujos envelopes de variantes linguísticas são de natureza distinta e/ou complementar.

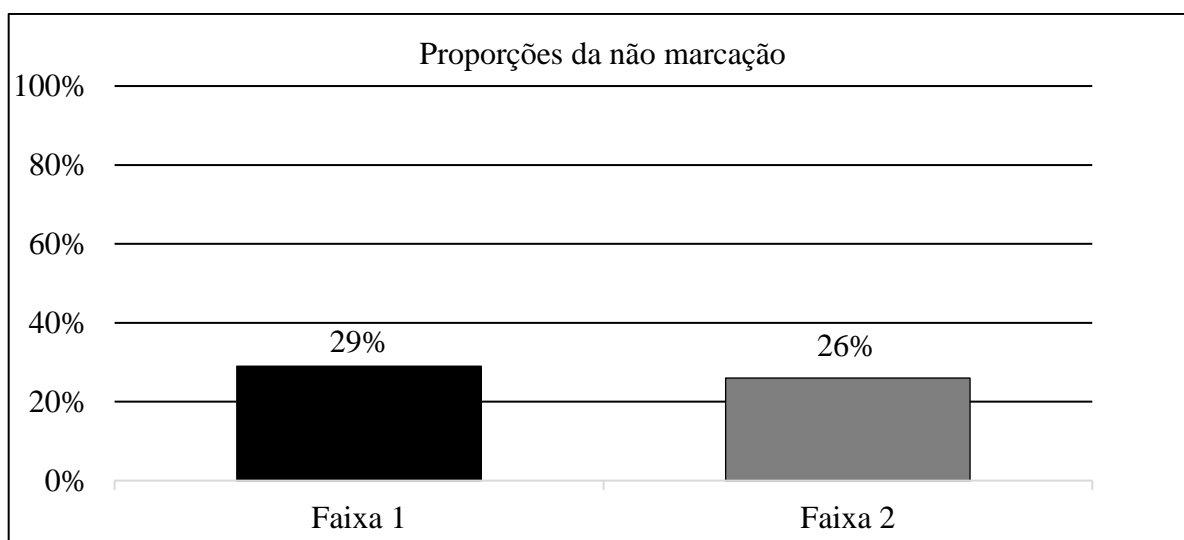
De qualquer sorte, mesmo com estes recortes que tornam as amostras (mais) intercomparáveis, a amostra do *Projeto ALiB* mostrou-se ligeiramente mais conservadora. Entre as duas lexias, *ovo* liderou como aquela com pluralização mais conservadora independentemente da amostra: 94% (64/68) no *QPP* e de emprego categórico da marcação dupla no ALiB (9/9). A diferença significativa revelada no *Gráfico 11* tem origem nas lexias complementares presentes de forma majoritária ou mesmo exclusiva na amostra do *QPP*. Só nesta amostra, por exemplo, há dados para as lexias *posto* e *forno*. De sorte que, na rodada 1, aquela lexia favoreceu em 75% (27/36) o emprego de não marcação e esta chegou aos 87% (26/30) do emprego dessa estratégia de pluralização, logo houve 25% (9/36) de emprego da marcação dupla para *posto* e tão somente 13% (4/30) para marcação de plural de *forno*. Conclui-se que a diferença significativa indicada pelo teste de qui-quadrado sinalizando o maior emprego da não marcação na amostra do *QPP* se justifica em função da inserção das lexias complementares empregadas apenas nesta amostra como *posto* e *forno*, pois entre esses itens houve o maior predomínio da não marcação nesta pesquisa, logo essa diferença significativa se deve especialmente à natureza das amostras e não ao período em que foram coletadas.

5.1.1.6 Faixa etária

Indiferentemente da faixa etária controlada, também a variável marcação dupla se revelou como a variante resposta predominante na rodada 1. Notou-se que essa marcação foi ligeiramente mais recorrente entre os informantes da faixa etária 2 (74% ou 217/293) se comparados aos informantes da faixa etária 1 (71% ou 166/234). Assim, os informantes com

idade entre 18 e 30 anos de idade realizaram mais a não marcação quando comparados àqueles com idade entre 50 e 65 anos. Conferir *Gráfico 14*:

Gráfico 14: Correlação entre *faixa etária* e a realização da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 6.7911 (3) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 14*, os informantes da faixa etária 1 realizaram 29% (68/234) da não marcação ao passo que a faixa etária 2 obtiveram 26% (76/293) dos dados dessa estratégia no grupo em potencial contexto metafônico. Embora a diferença entre os percentuais obtidos entre as duas faixas etárias seja de apenas três pontos percentuais, o teste estatístico revelou ser significativa esse distanciamento entre os resultados. Nesse sentido, nota-se que há um conservadorismo linguístico na realização do plural em potencial contexto metafônico ligeiramente maior entre os adultos como mais idade ou mesmo entre os idosos.

Esses números reduzidos e proximidade nos percentuais de não marcação entre as duas faixas etárias não parecem tão questionáveis quando se leva em consideração a natureza das amostras mesmo entre aqueles da faixa etária 2, uma vez que muitos desses informantes ainda estariam ocupando o mercado de trabalho e têm acesso a ambientes e/ou redes que permitem o contato direto com o emprego da variedade linguística culta assim como aqueles da faixa etária 1. Como observa Preti (1991, p. 124-5),

[...] embora certas marcas linguísticas possam tornar-se genéricas na linguagem dos idosos, *nada impede que haja falantes desse tipo que mantêm*

dentro da linguagem de faixas mais jovens, ou porque sua decadência psicofísica tenha sido menor, ou porque tenham sofrido uma pressão menor do ambiente social em que viviam [...] é preciso lembrar que a linguagem de idosos não constitui, de forma alguma, uma linguagem arcaica, perdida no tempo, *porque a interação desses falantes com os mais jovens ou com o ambiente social* (através, por exemplo *da televisão, rádio, jornais etc.*) permite que ocorra, em geral, *um processo contínuo de atualização...* (Preti, 1991, p. 124-125, grifo próprio).

Como concluiu o autor, no caso dos idosos, embora haja casos de “intensificação de problemas de disfluência, manifestados em nível prosódico e sintático” (Preti, 1991, p. 125), na contemporaneidade eles compartilham de interações que favoreceriam a atualização do comportamento linguístico dessa parcela da sociedade. De fato, atualmente, essas pessoas buscam meios de não se isolarem de forma tão perceptível como era imperativo há algumas décadas antes das coletas dos dados dessas amostras quando a interação entre idosos, novas gerações, mercado de trabalho formal, acesso às mídias e práticas de lazer em público eram menos habituais.

Possivelmente, essa ligeira queda nos percentuais de não marcação entre os informantes da faixa 2 se deva a mudanças no comportamento entre esses informantes e aqueles pertencentes à faixa 1. Depois de observados os perfis das duas faixas etárias, notou-se que uma evidência empírica corroboraria essa hipótese: o fato de que aqueles informantes declararam ter maior exposição a mídias e a programações em que a norma culta seria predominante. Nas amostras analisadas, entre os 116 informantes contactados, apenas 37 informaram ouvir rádio todos os dias. Desses, 54% (20/37) pertencem à faixa etária 1 e 46% (17/37) à faixa etária 2. Quando se observa a exposição a programas mais formais, apesar de a predileção por programas com maior monitoramento linguístico como jornais neste veículo de comunicação ser timidamente mais recorrente entre os informantes da faixa etária 1: 53% ou 17/32 e 47% ou 15/32 para faixa etária 2, apenas informantes da faixa etária 2 indicaram programas religiosos como prediletos (2/2). Quanto àqueles que responderam assistir a TV todos os dias, 53% (35/66) deles são da faixa etária 2 e 47% (31/66) da faixa etária 1. No entanto apenas 24% (14/58) da faixa etária 1 indicaram telejornais como programa favorito ao passo que entre aqueles da faixa etária 2, esse percentual foi maior: 36% (21/58). Já programas religiosos só foi sinalizado como favorito pelos informantes da faixa etária 2 mesmo com percentual baixo: 6% (4/62)²⁸⁷. Nesse sentido, além de outras variáveis, parece coerente estabelecer uma eventual correlação entre maior

²⁸⁷ Os programas de TV indicados como favoritos foram: programa de auditório, desenho, esporte, filme, jornal, telenovela, religiosos, outros ou nenhum deles.

exposição a programas midiáticos que dispõe de maior monitoramento linguístico entre os informantes da faixa etária 2 e a discreta diferença com maior emprego da variante esperada apenas neste grupo de pluralização²⁸⁸.

Scherre (1988) também obteve percentuais não polarizados quando controlou a variável exposição à mídia e sua relação com concordância nominal: 74% de marcação entre aqueles com maior exposição à mídia, 71% com exposição intermediária e 64% entre aqueles com menor exposição à mídia de massa. Embora a autora não tenha levado em consideração apenas o nível de exposição a televisão, o contato com este meio de comunicação se destaca em sua amostra²⁸⁹, logo parece coerente ressaltar o papel da relação de seus resultados principalmente com a variável exposição a televisão. Assim sendo, tais resultados não revelariam diferenças expressivas na marcação de plural no núcleo dos SNs entre os informantes que tiveram maior exposição a esse veículo de comunicação, como concluiu a autora: “O efeito da Mídia *pouco se fez sentir*, embora haja uma *leve oposição* entre cotação positiva (0,53) e a negativa (0,48)” (Scherre, 1988, p. 492, grifo próprio). Menor oposição ainda se poderia notar se levado em consideração o resultado da cotação intermediária, que se situa mais próximo (PR 0,49) ainda da cotação positiva²⁹⁰.

Segundo Antonino (2013) em estudo sobre a concordância nominal de número no português popular de Salvador, quanto maior a exposição do informante à mídia, maiores são as chances da aplicação da regra de concordância em predicativos e em estruturas passivas. Nesse trabalho, considerando apenas as variantes baixa e alta exposição à mídia, a não aplicação da regra chegou a 94% (75/80) entre aqueles como menor exposição e a 87% (113/130) entre

²⁸⁸ A variante maior exposição a mídias e programação formal entre os informantes da faixa etária 2 foram as únicas justificativas coerentes que se observou no controle do perfil da amostra frente à tímida redução do emprego da não marcação entre estes informantes mesmo notando que entre os informantes da faixa etária 1 seja maior o número de informantes que tenham cursado o ensino fundamental 2 (63% ou 40/64) do que no grupo do fundamental 1 (35% ou 18/52) ao passo que a amostra da faixa etária 2 teria apenas 37% ou 24/64 de informantes que cursaram ou concluíram o ensino fundamental 2 do que no grupo do fundamental 1 (65% ou 34/52). Mesmo com maior escolaridade, os informantes da faixa etária 1 realizaram mais dados de não marcação.

²⁸⁹ Segundo a autora, “considerou-se *indiferentemente a influência da televisão*, do rádio, de jornais e de revistas. Indubitavelmente, *o tempo de exposição à televisão é maior*, de acordo com o depoimento dos próprios falantes, e, conseqüentemente, a sua influência deve ser mais forte do que qualquer outro meio de comunicação” (Scherre, 1988, p. 487, grifo próprio).

²⁹⁰ De forma aproximada, *cotação positiva, negativa e intermediária* equivaleriam, respectivamente, aos conceitos de maior, menor e razoável exposição à mídia. Segundo a autora, “a classificação positiva (+) ou negativa (-) foi atribuída aos falantes que se apresentavam nitidamente polarizados. A classificação intermediária foi reservada para os casos duvidosos, por que razão que fosse: carência de informação para uma classificação segura, falta de consenso entre os avaliadores ou ainda, porque os falantes apresentavam características realmente intermediárias” (Scherre, 1988, p. 488).

os informantes com maior exposição à mídia²⁹¹. Embora a autora também não tenha tratado especificamente do tema abordado nesta tese e os percentuais obtidos por ela sejam bem mais elevados para a perda da marca de plural para o tema proposto, da mesma forma chama a atenção a diferença de apenas 7 pontos percentuais a menos para aqueles com baixo nível de exposição à mídia no que diz respeito à não aplicação da regra de concordância nominal.

Em tempo, segundo Antonino (2013), se consideradas as variantes baixa e alta exposição à mídia como um só fator (mídia laica) em oposição a mídia religiosa, a diferença de favorecimento da norma padrão entre aqueles que só assistem a programas religiosos é significativamente maior, atingindo o PR 0.841 (46,4% ou 13/28) em comparação àqueles com comportamento laico com PR em 0.443 (10,9% ou 22/201). Dessa forma, maiores esclarecimentos seriam eventualmente possíveis se a variável tipo de programação fosse controlada e/ou cruzadas com a variável faixa etária, no entanto a confiabilidade dessas informações e/ou relativizações apresentadas pelos informantes sobre sua preferência em relação à programação na televisão foram os principais motivos para não se aventurar nesta empreitada. Ademais, mesmo com este controle inicialmente, percebeu-se uma inquestionável falta de ortogonalidade na distribuição desta possível variável de sorte que, neste momento, apenas se pode concluir que na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico aqueles que relataram assistir a televisão diariamente e maior exposição a programas como telejornais e programas religiosos apresentaram proporções menores do emprego da não marcação.

Nesse sentido, as tímidas diferenças constatadas por Antonino (2013) e Scherre (1988) em relação ao condicionamento da variante menor exposição a televisão e/ou sobretudo a programas religiosos e sua correlação com o maior número de dados sem concordância nominal justificariam também a diferença de 5 pontos percentuais a menos para o emprego da não marcação no grupo em potencial contexto metafônico entre aqueles informantes da faixa etária 2 (*Gráfico 14*) já que entre eles é maior a exposição a televisão diariamente bem como a programas com maior monitoramento linguístico como telejornais e programas religiosos.

No que diz respeito a programações como telejornais e programas religiosos, o *input* oral de lexias pluralizadas com timbre aberto ou fechado em potencial contexto metafônico reforçaria o léxico mental de seus ouvintes ou telespectadores de sorte que seria mais fácil acioná-las automaticamente ou manter relação delas como outras lexias menos frequentes desse

²⁹¹ Percentuais inferidos a partir dos dados apresentados pela autora sem levar em consideração a variante mídia religiosa que, junto as variantes nível de exposição à mídia baixo e alto, compunham a *Tabela 6*. Ver Antonino (2013, p. 23).

grupo. Dessa forma, quanto maior o nível de exposição a essas programações, maiores seriam as possibilidades da realização da marcação dupla mesmo que de forma tímida sobretudo em situações de aplicação de questionários como o do *Projeto ALiB* e do *QPP*. Além de tudo exposto, pela observação dos dados e cruzamento complementares entre variáveis previsoras, observou-se que os informantes da faixa etária 2 se mostraram mais conservadores se comparados aos informantes da faixa 1 quanto à pluralização especificamente no grupo em potencial contexto metafônico quando as duas amostras estavam em mesma situação e/ou condição de uso da língua como se pode conferir na *Tabela 16, 17, 18 e 19*:

Tabela 16: Correlação entre faixa etária e programa de TV e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico²⁹²

Fatores	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
Telejornal	130/192	68%	62/192	32%
Faixa etária 1	42/68	62%	26/68	38%
Faixa etária 2	88/124	71%	36/124	29%
Prog. religiosos	17/31	55%	14/31	45%
Faixa etária 1	-	-	-	-
Faixa etária 2	17/31	55%	14/31	45%
Total geral	147/223	66%	76/223	34%

Fonte: Elaboração própria.

²⁹² As tabelas com as informações complementares referentes as três marcações com cruzamento entre variáveis previsoras estão disponíveis no *Apêndice F*.

Tabela 17: Correlação entre faixa etária e nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	97/160	61%	63/160	39%
Faixa etária 1	23/28	82%	5/28	18%
Faixa etária 2	74/132	56%	58/132	44%
Fundamental 2	286/367	78%	81/367	22%
Faixa etária 1	143/206	69%	63/206	31%
Faixa etária 2	143/161	89%	18/161	11%
Total geral	383/527	73%	144/527	27%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 18: Correlação entre faixa etária e contato com o público no mercado de trabalho e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
Menor contato	163/255	64%	92/255	36%
Faixa etária 1	59/95	62%	36/95	38%
Faixa etária 2	104/160	65%	56/160	35%
Maior contato	220/272	81%	52/272	19%
Faixa etária 1	107/139	77%	32/139	23%
Faixa etária 2	113/133	85%	20/133	15%
Total geral	383/527	73%	144/527	27%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 19: Correlação entre faixa etária e grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
Menor grau	239/364	66%	125/364	34%
Faixa etária 1	96/158	61%	62/158	39%
Faixa etária 2	143/206	69%	63/206	31%
Maior grau	144/163	88%	19/163	12%
Faixa etária 1	70/76	92%	6/76	8%
Faixa etária 2	74/87	85%	13/87	15%
Total geral	383/527	73%	144/527	27%

Fonte: Elaboração própria.

Pela comparação dos dados da realização da marcação dupla em comparação à não marcação presentes na *Tabela 16, 17, 18 e 19*, nota-se que há o maior emprego daquela estratégia na faixa etária 2 quando as duas amostras são compostas por informantes que apresentam predileção pelo mesmo programa formal de TV (*Tabela 16*) bem como quando ambas amostras cursaram o nível fundamental 2 (*Tabela 17*), apresentam igualmente maior contato com o público no mercado de trabalho (*Tabela 18*) e ambas amostras realizaram as pluralizações analisadas em maior grau de monitoramento (*Tabela 19*). Quando se observa a *Tabela 16*, percebe-se que não há dados de informantes da faixa etária 1, como já pontuado anteriormente, logo não é possível estabelecer comparações entre o comportamento linguístico das duas faixas etárias, mas entre esses informantes da faixa etária 2 com tal predileção, nota-se que a marcação dupla foi a realização majoritária com 55% (17/31) seguida da não marcação com 45% (14/31). Ademais, quando se comparam as realizações dos informantes das duas faixas etárias com predileção por telejornal, constata-se que 71% (88/124) da marcação dupla ocorreram na fala dos informantes da faixa etária 2 ao passo que entre os informantes da faixa etária 1, esse número não ultrapassa os 62% (42/68). Portanto, mesmo compartilhando das mesmas predileções por programações formais, entre os informantes da faixa etária 2, o comportamento mais conservador prevalece em comparação à faixa etária 1.

Igualmente, quando se observa a realização da marcação dupla dos informantes das duas faixas etárias que cursaram ou concluíram o ensino fundamental 2 (*Tabela 17*), percebe-se que essa estratégia ocorreu em 89% (143/161) dos dados da faixa etária 2 e em 69% (143/206) da faixa etária 1. Também entre aqueles informantes das duas faixas etárias que desempenham funções com maior contato com o público no mercado de trabalho com observado na *Tabela 18*, a marcação dupla foi mais recorrente na faixa etária 2 com 85% (113/133) dos dados e com 77% (107/139) entre aquelas da faixa etária 1. Mesmo quando as amostras foram compostas por informantes que exercem funções que estabelecem menor contato com o público no mercado de trabalho, a marcação dupla foi um pouco mais recorrente na faixa etária 2 (65% ou 104/160) se comparada à faixa etária 1 (62% ou 59/95). Por fim, comparando os resultados da *Tabela 19*, nota-se que mesmo nos trechos dos questionários com menor grau de monitoramento, os informantes da faixa etária 2 realizaram 69% (143/206) dessa estratégia e os informantes da faixa etária 1 foram responsáveis por 61% (96/158) desses dados. Embora, essa diferença não seja também superior nos percentuais de marcação dupla na faixa etária 2 quando se elevaria o monitoramento na interação verbal como se nota na *Tabela 19* ao analisar dados de apenas duas estratégias, se se considerar as três variantes resposta em situação de maior monitoramento (*Tabela 4*, no *Apêndice F*), a marcação dupla chega a 67% (74/111) na amostra da faixa etária 2 e 60% (70/117) na amostra da faixa etária 1.

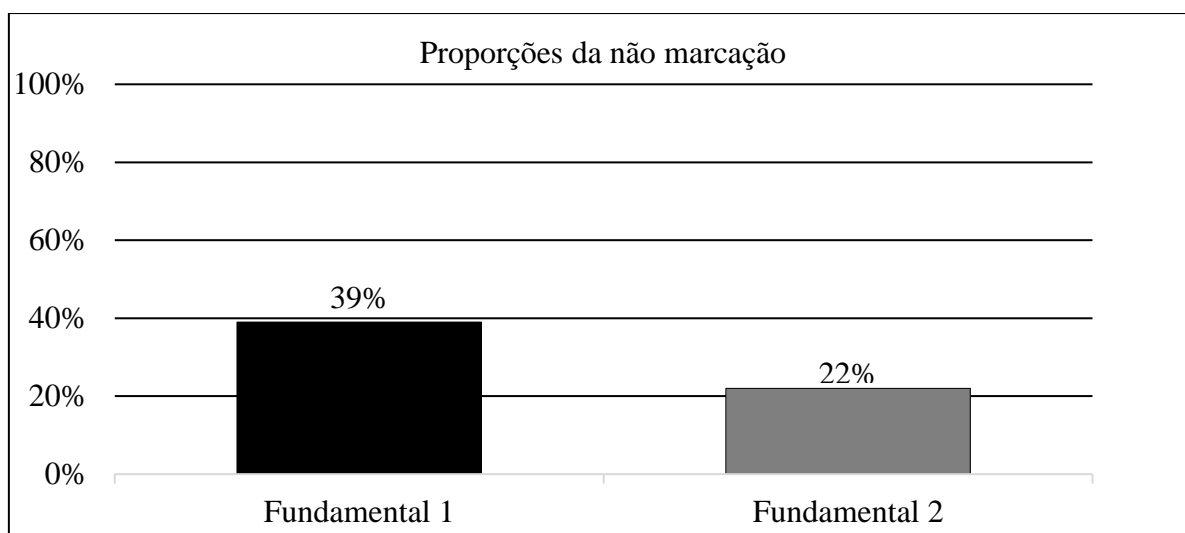
Por tudo exposto, infere-se que a maior interação social dos informantes da faixa etária 2 na atualidade e seus hábitos como telespectador, entre outros comportamentos, eventualmente poderiam estar associados à discreta elevação do emprego da marcação dupla nos questionários respondidos pelos informantes dessa faixa etária. Ademais, pelos cruzamentos de outras variáveis com a variável faixa etária, notou-se que mesmo possuindo o mesmo nível de escolaridade (geralmente fundamental 2) e maior nível de exposição ao público no mercado de trabalho ao responder aos questionários, os informantes da faixa etária 2 elevaram ainda mais os índices de realização da marcação dupla, pois provavelmente entre aqueles de sua geração esse padrão de pluralização goze de maior prestígio social.

5.1.1.7 Nível de escolaridade

Ao avaliar a variável nível de escolaridade, constatou-se que a marcação dupla foi mais frequente entre os informantes que cursaram ou concluíram o ensino fundamental 2 (78% ou 286/367). Já os informantes que cursaram ou concluíram o ensino fundamental 1 o percentual

dessa pluralização atingiu 61% (97/160) dos casos registrados. Nesse sentido, aqueles informantes realizaram com menor frequência a não marcação. Conferir *Gráfico 15*:

Gráfico 15: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 93.266 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Gráfico 15*, nota-se que a diferença entre os percentuais da não marcação é mais comum entre aqueles informantes que cursaram ou concluíram apenas o ensino fundamental 1 já que essa estratégia ocorreu em 39% (63/160) dos dados da rodada 1 ao passo que entre aqueles que possuíam maior nível de escolaridade esse percentual não ultrapassou os 22% (81/367) dos dados dessa estratégia no grupo em potencial contexto metafônico.

Embora algumas variantes dialetais estejam presentes indistintamente no comportamento de pessoas com maior ou menor nível de escolarização, no caso do fenômeno da pluralização e/ou concordância nominal esta indistinção não se evidencia com a observação de dados empíricos. Mesmo controlando grupos morfológicos variados e perspectivas distintas, como já observado, Scherre (1988), Campos e Rodrigues (2002), Severino (2013), dentre muitos outros, constataram que a marcação de plural esperada é mais frequente entre aqueles informantes como maior nível de escolarização. No caso do plural em potencial contexto metafônico, os resultados obtidos nesta tese corroboram essa correlação entre maior emprego da não marcação e menor nível de escolarização.

Pela diferença significativa de percentuais de não marcação majoritariamente obtidos na amostra dos informantes que cursaram ou concluíram apenas o ensino fundamental 1, infere-se que esses informantes eventualmente foram menos expostos à pluralização com marcação dupla em espaços de instrução formal ou pouco instruídos a respeito da alternância vocálica nesse grupo morfológico. Mesmo a marcação dupla apresentando maior percentual nos dados dos dois níveis de escolaridade na rodada 1, essa estratégia foi mais recorrente entre os informantes cursaram ou concluíram o ensino fundamental 2, portanto, entende-se a amostra constituída por informantes com maior nível de escolaridade teria maior consciência linguística dos valores sociais atribuídos à marcação dupla de sorte que evitaria ainda mais o emprego da não marcação.

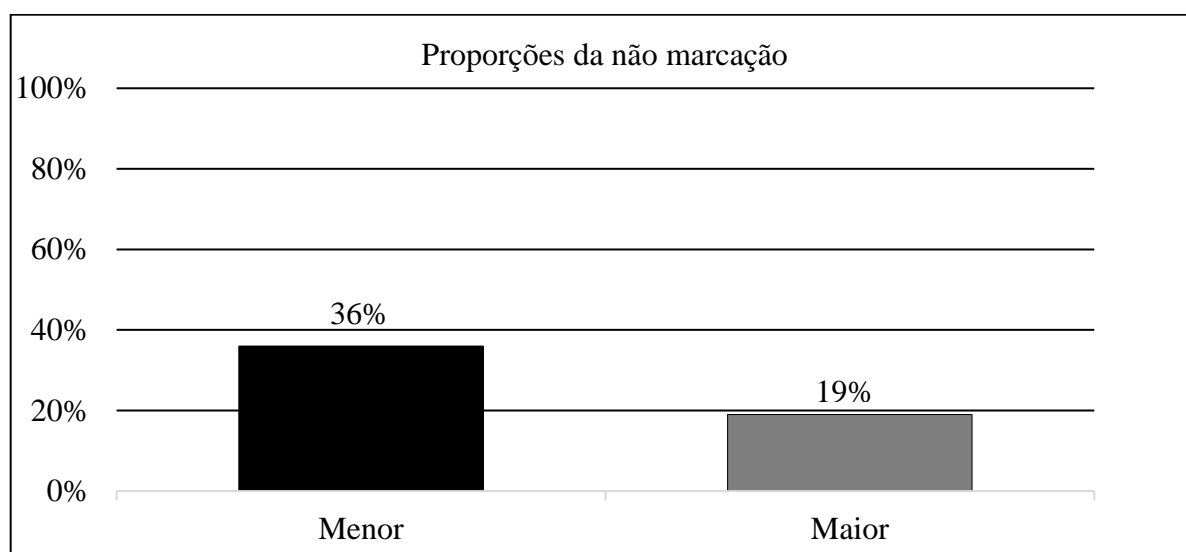
5.1.1.8 Nível de público no mercado de trabalho

É importante observar que a classificação dos informantes dentro dessas variantes não mantém qualquer relação com seus níveis de escolaridade, faixa etária ou classe social, de sorte que um proprietário de um bar modesto foi classificado como com maior contato com o público mesmo desprovido de qualquer instrução formal, pois em seu ambiente de trabalho seu contato com outras pessoas seria constante ao passo que um fazendeiro rico como nove anos de escolaridade foi classificado na variante menor contato com o público quando, entre suas ocupações, ele não comercializava seus produtos num estabelecimento comercial, eventos, feiras, entre outros. Essa também foi uma preocupação de Scherre (1988). Segundo a autora, “a variável não convencional de efeito mais forte é o Mercado ocupacional, pois apresenta resultados polarizados [...] *Os falantes com cotação positiva no Mercado ocupacional fazem mais concordância* (0,69) do que os de cotação negativa (0,33)” (Scherre, 1988, p. 492, grifo próprio). A cotação positiva sinalizaria que os informantes desempenham ocupações em cujas atuações há necessidade de maior emprego da norma culta, logo seria mais natural o emprego da concordância nominal e desfavorecimento da ausência desse fenômeno linguístico.

Com relação à variante contato com o público no mercado ocupacional nesta pesquisa, notou-se que os informantes que realizam atividades profissionais com maior contato com o público realizaram a marcação dupla em 71% das ocorrências (220/272) e aqueles que realizavam atividades com menor contato com o público apresentaram 64% (163/255) dessa estratégia de pluralização em seus dados. Assim, parece evidente que o maior contato dos informantes com o público apresenta correlação com o emprego da marcação dupla no grupo

em potencial contexto metafônico. O teste qui-quadrado nesta pesquisa para o grupo em potencial contexto metafônico corroborou os resultados já obtidos em Scherre (1988). Confirmam-se os resultados no *Gráfico 16*:

Gráfico 16: Correlação entre *contato com o público no mercado ocupacional* e a realização da não marcação *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 8.483 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 14*, o qui-quadrado sinalizou como significativa a diferença entre os percentuais da não marcação para a variável contato com o público ($\chi^2 = 8.483 (1) p. < 0.5$). Foi mais frequente o emprego dessa estratégia entre os informantes com menos contato com o público (36%, 92/255) que entre aqueles com maior contato com o público (19%, 52/272). Portanto se pode notar que houve quase o dobro de pontos percentuais da não marcação na amostra daqueles informantes.

Pensando os conceitos de ocupação com menor ou maior contato com o público como similares às variantes postostas em Scherre (1988) como cotação negativa ou positiva²⁹³, respectivamente, pode-se notar que a diferença notada no *Gráfico 16* parcialmente foi a mesma encontrada nos dados de concordância nominal de Scherre (1988), pois ausência de concordância nos dados controlados pela autora totalizou 39% (1222/3153) entre os

²⁹³ Assim como no trabalho realizado por Scherre (1988), o pesquisador que realizou tal classificação não conhecia os informantes exceto pelas informações presentes em sua ficha social e escutas dos respectivos questionários. Dessa forma, buscou-se classificar os informantes com base apenas em seu nível de contato com o público sem qualquer intervenção de outra variável social.

informantes com cotação negativa e 19% (445/2361) entre aqueles com cotação positiva ²⁹⁴. Pela comparação entre esses resultados, fica evidente que o registro da não marcação – quer seja em fenômenos mais abrangentes como o estudado por Scherre (1988) quer seja em fenômenos mais específicos como os apresentados na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico – é menos frequente entre os informantes com cotação positiva e/ou ocupações com maior contato com o público haja vista que normalmente em mercados ocupacionais dessa natureza a interação verbal se aproxima mais da normal culta mesmo que de forma inexpressiva conforme o tipo de ocupação.

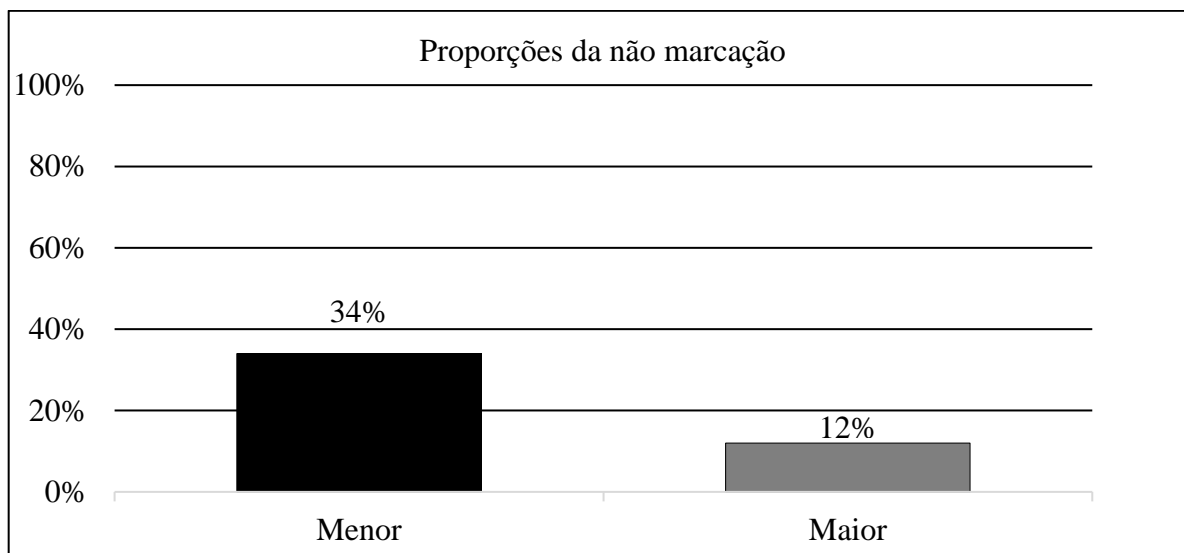
5.1.1.9 Grau de monitoramento

Por fim, entre as análises estatísticas realizadas na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico, o grau de monitoramento também foi selecionado como variável relevante entre as demais. A marcação dupla foi a estratégia de pluralização predominante tanto no estilo de fala com maior monitoramento quanto em situações com menor monitoramento. No entanto a marcação dupla ocorreu com maior frequência naquele contexto de fala, atingindo 88% (144/163) dos dados e como menor frequência neste contexto de fala com 66% (239/364) das ocorrências. Dessa forma, nota-se que em situações em que o informante sentiu que seu comportamento linguístico estava sendo (mais) avaliado, maiores foram as possibilidades de emprego da marcação dupla em potencial contexto metafônico.

O teste qui-quadrado classificou como significativa a diferença entre as probabilidades de emprego da não marcação entre os dois graus de monitoramento ($\chi^2 = 23.564$ (1) p. < 0.5). Essa estratégia foi empregada em 34% (125/364) das realizações em contextos com menor monitoramento e em 12% (19/163) em contextos com maior monitoramento. Confira-se o *Gráfico 17*:

²⁹⁴ Percentuais de ausência de concordância nominal inferidos a partir da *Tabela 9.4.2* de Scherre (1988, p. 492) sobre a concordância nominal sem mencionar a cotação intermediária.

Gráfico 17: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 23.564 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser visualizado no *Gráfico 17*, o menor emprego da não marcação é maior em situações mais formais de elocuições, de modo que os contextos de fala com maior monitoramento obtiveram 22 pontos percentuais a mais dessa estratégia de pluralização em comparação com situações de fala com menor monitoramento. Ao estudarem a indicação de pluralidade em SNs no *corpus* do *Projeto NURC-Brasil*, Campos e Rodrigues (2002) já haviam sinalizado a relevância do grau de formalidade tanto para o tipo de inquérito analisado quanto para o grau de formalidade da lexia²⁹⁵. Segundo as autoras,

[...] é nas *EFs* [Elocuições formais] que não só ocorre maior número de formas marcadas (100%), mas são elas também que com *maior probabilidade têm de apresentar estas formas flexionadas* (.97) [...]. Quanto ao *grau de formalidade dos itens lexicais*, os resultados obtidos confirmam o peso deste fator, na medida em que *são os itens informais que menos marcas flexionais apresentam* (84%) e que *maior probabilidade tem de favorecer o apagamento da desinência de número* (.23) (Campos; Rodrigues, 2002, p. 116-117, grifo próprio).

²⁹⁵ Quanto ao grau de formalidade do tipo de inquérito, os DIDs (Diálogo entre o informante e o documentador) foram considerados como de natureza intermediária, os EFs (Elocuições formais) formais e os D2 (Diálogo entre dois informantes) mais informais (Preti; Urbano, 1988 apud Campos; Rodrigues, 2002). Já no que diz respeito ao grau de formalidade da lexia, as autoras classificaram lexias como *filme* no extremo do contínuo como menos informal e *bração* no outro extremo como uma lexia mais informal).

Embora a amostra e o objeto de estudo destas autoras sejam mais amplos, posto que Campos e Rodrigues (2002) observaram informantes de cinco capitais brasileiras com apenas escolaridade universitária no final da década de 1960²⁹⁶, seus resultados dialogam com aqueles presentes no *Gráfico 17*, posto que independentemente de se tratar de concordância nominal ou da marcação de plural em potencial contexto metafônico, em ambos se nota que maiores são as probabilidades de apresentar-se formas no plural quando o contexto de uso da língua é mais formal e/ou monitorado. Como pontuou Lopes (2016):

[...] sempre que a situação se apresenta com *um maior grau de formalismo, cobra-se dos falantes que marquem os plurais nos verbos e nos nomes* para fazê-los concordar com seus elementos regentes. E esse fenômeno funciona como um marcador social (LABOV, 2008 [1972]), que *demarca grupos ou territórios*, pois é indicador de separação social de diversos tipos: classe social, escolaridade, região, gênero e idade de quem fala (Lopes, 2016, p. 99-100, grifo próprio).

Posto nestes termos, em princípio, a maior probabilidade de emprego da marcação dupla em potencial contexto metafônico seria uma extensão de um comportamento de maior marcação de pluralidade pelo falante em situações formais independentemente do fenômeno linguístico observado, pois o falante saberia que naquela situação ele seria mais cobrado socialmente. Sua avaliação social dependeria também de empregar a marcação dupla ou a não marcação, pelo menos, do emprego mais recorrente de uma dessas estratégias de pluralizações, eventualmente excetuados os casos com atuação do prestígio encoberto.

Segundo Bourdieu (2008 [1982]), entre outros fatores, a variação na forma do discurso depende da tensão objetiva do mercado, do distanciamento social entre emissor e receptor ou entre os grupos a que pertencem²⁹⁷. Nesse sentido, ao produzirem textos injuntivos (receitas) ou responderem à *Parte 3* do *QPP*, por exemplo, os informantes naturalmente poderiam se mostrar mais tensos, pois naquele momento, o informante passa ao papel de quem ensina e, neste momento, à condição de aluno que responde a questões de uma prova tradicional, portanto haveria um aumento no “grau de oficialismo da situação” (Bourdieu, 2008 [1982], p. 67). Obviamente que em ambos os registros, o grau de monitoramento é maior do que quando os informantes relataram fatos pessoais. Também naqueles momentos, o distanciamento entre

²⁹⁶ O Projeto NURC teve início em 1969. Conferir em Leite e Callou (2004, p. 65).

²⁹⁷ Outras informações, ler Bourdieu (2008 [1982], p. 64-69).

informante e inquiridor e/ou os grupos de que fazem parte se revelaria mais nítido posto que nestas condições os *status* de ambos se polarizariam. Com essa mudança na relação estabelecida entre informante e inquiridor ou mesmo entre informante e tema, há uma mudança no *footing* cujos reflexos se revelariam no emprego mais frequente da marcação dupla ou da não marcação. De acordo com Goffman (1981 [1979]):

Uma mudança no relacionamento [*footing*] implica uma mudança de alinhamento que levamos a nós mesmos e aos outros presentes como expressa na forma como gerenciamos a produção ou recepção de um enunciado. Uma mudança em nosso relacionamento é outra maneira de falar sobre uma mudança em nosso enquadramento [*frame*] para eventos [...] os participantes ao longo de sua fala mudam constantemente de seu relacionamento, essas mudanças são uma característica persistente da conversa natural (Goffman, 1981 [1979], p. 128)²⁹⁸.

Dessa forma, o conhecimento compartilhado ou representações que o informante construiu ao longo de suas práticas em determinados eventos em comunidade (*freme*) são basilares para o enquadramento de novas práticas e, conseqüentemente, são esses *fremes* que influenciam a forma de perceber ou produzir novos discursos, ou ainda, de aceitação e realização de determinadas variantes linguísticas. Os *frames* são imperativos no relacionamento e/ou posicionamento (*footing*) desse informante em relação ou outro, ao contexto de fala ou ao tema proposto, portanto uma eventual mudança de *footing* aconteceria em decorrência de uma mudança nessas relações ou como uma determinada situação é enquadrada (*framed*).

Em diálogo com tais conceitos, López Morales (1993) observa que “[...] a variação diafásica se insere num parâmetro que vai desde as posturas mais coloquiais e espontâneas às mais formais, tudo *depende do grau de participação da consciência linguística* no ato de fala (López Morales, 1993, p. 43, grifo próprio)²⁹⁹. Nesse sentido, Bagno (2017, p. 136) também pontua que “a variação estilística e a alternância de código podem ser interpretados em termos de mudança de *footing* entre os participantes”. Pelo exposto, parece evidente que o comportamento linguístico revelado nas amostras observadas mantém estreita relação com a

²⁹⁸ Do original: “A change in footing implies a change in alignment we take up to ourselves and the others present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance. A change in our footing is another way of talking about a change in our frame for events [...] participants over the course of their speaking constantly change their footing, these changes being a persistent feature of natural talk” (Goffman, 1981 [1979], p. 128, tradução minha).

²⁹⁹ Do original: “La variación diafásica se inserta em um parâmetro que va desde las posturas más coloquiales y espontâneas a las más formales, todo depende del grado de participación de la conciencia lingüística en el momento de hablar” (López Morales, 1993, p. 43, tradução minha).

mudança de *footing* entre informante e inquiridor e/ou entre informante e tema/gênero textual abordado, de sorte que os *frames* foram decisivos frente a uma eventual tomada de consciência linguística em determinados momentos das aplicações dos questionários.

Assim sendo, tanto na aplicação do questionário do *Projeto ALiB* quanto do *QPP*, houve um predomínio da marcação dupla sobretudo em contextos de maior monitoramento em ambas as amostras, pois o enquadramento realizado pelos informantes corroborava a necessidade do maior emprego dessa e de outras variedades padrão da língua em situações como aplicação de questionário ou de uma entrevista realizada por pesquisadores. Dessa forma, o emprego da não marcação foi significativamente maior em contextos com menor monitoramento, pois a mudança de *footing* permitiu um menor distanciamento entre informante e inquiridor ou entre informante e assunto tratado, de sorte que o emprego da variedade linguística esperada se tornou menos imperativa.

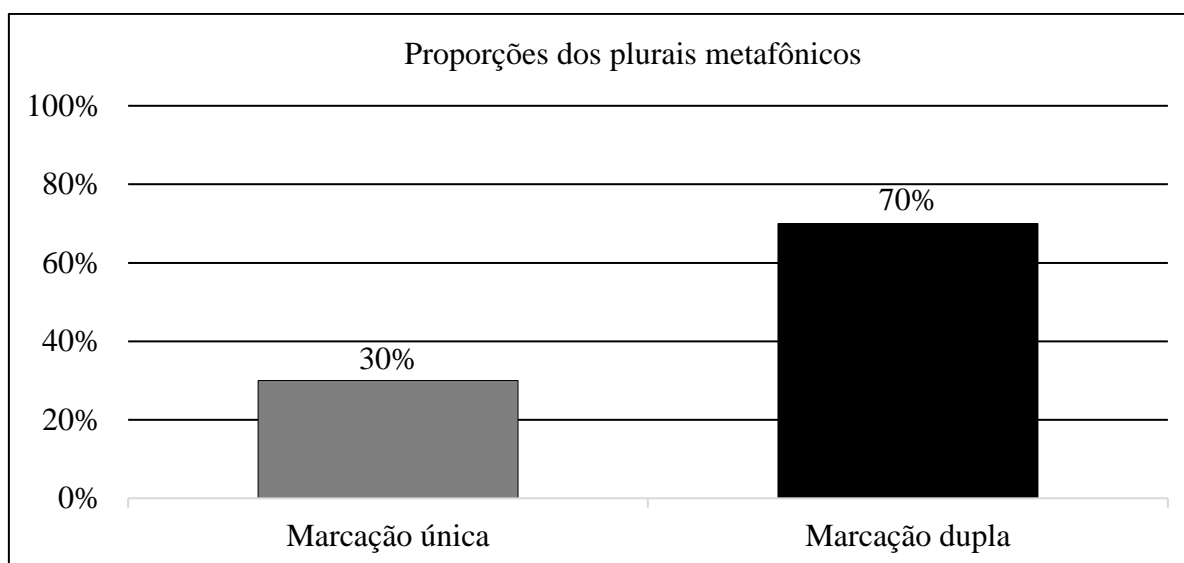
5.1.2 Variante marcação única em comparação à marcação dupla em potencial contexto metafônico

Complementando a análise realizada até o momento, nesta subseção, passa-se à análise dos dados da rodada 2 do grupo de lexias em potencial contexto metafônico. Assim, os próximos testes qui-quadrado desta subseção consideram a marcação única em comparação com a marcação dupla. Como já demonstrado anteriormente, levando em consideração todos os dados (689), a marcação dupla obteve um pouco mais da metade das ocorrências (56%), seguida pela marcação única com 23% e a não marcação com 21% das realizações. Como já se pode notar, a marcação única seria a segunda estratégia mais frequente nas amostras.

Quando se leva em consideração apenas os dados da rodada 2 (545/689) – ou seja, 79% de todas as realizações – fica nítida a necessidade de marcação morfológica com alguma estratégia de pluralização independentemente de sê-lo com marcação dupla ou não em amostras controladas, sobretudo na fala dos informantes em momentos como a *Parte 3* do *QPP*, pois em tais contextos, os informantes foram praticamente direcionados a apresentarem alguma forma de pluralização nos núcleos dos SNs. De sorte que na amostra do *QPP*, por exemplo, comparando os resultados obtidos na *Parte 1* em relação à *Parte 3*, naquela houve 68% (238/351) de alguma marcação de plural e nesta chegou a 92% (123/134) das realizações de marcação dupla ou marcação única. Assim sendo, a estratégia de não marcação perdeu espaço sobretudo em momentos similares à *Parte 3*.

Considerando apenas os dados da rodada 2, a marcação dupla obteve 70% (383/545) dos dados e a marcação única totalizou apenas 30% (162/545) deles. Assim como na rodada 1, o teste qui-quadrado da rodada 2 sinalizou ser significativa a diferença entre essas percentagens ($\chi^2 = 89.617$ (1) $p. < 0.5$). Veja-se o *Gráfico 18*:

Gráfico 18: Realizações da marcação única *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 89.617$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 16*, o percentual de emprego da marcação dupla corresponde a mais do que o dobro da marcação única. Assim sendo, em relação àquela variante, esta estratégia ora desponta tão somente como uma alternativa complementar à pluralização em potencial contexto metafônico ora venha superar à marcação dupla ou não marcação como em situações de segunda realização de uma mesma lexia a exemplo do que ocorreu na *Parte 1* do *QPP* (ver *Tabela 21* ainda na subseção 5.1.2.1). Ademais, marcar o plural na lexia e/ou realizar a concordância nominal se revelou como uma alternativa legítima como em determinados contextos formais proporcionados com a aplicação dos questionários de sorte que marcar o plural de forma única (apenas com acréscimo do padrão *-s*) mostrou-se como uma forma “paliativa” para não se usar a não marcação como em casos cuja mesma lexia foi realizada pela segunda vez em contextos de maior monitoramento como se notará na subseção 5.1.2.1 (*Tabela 21*) quando não se registraram ocorrências de não marcação como alternativa à marcação dupla ou única.

No entanto, além dos percentuais gerais obtidos na rodada 2, alguns fatores poderiam explicar melhor esse resultado panorâmico. Neste segundo momento, entre as 10 variáveis previsoras controladas na rodada 2, apenas sexo e nível de contato público no mercado de trabalho não se mostraram significativas do ponto de vista estatístico de acordo com o teste qui-quadrado. Ver *Tabela 20*:

Tabela 20: Variáveis não significativas apontada pela rodada 2 do grupo em potencial contexto metafônico

N.	Variável	Fatores	Marcação única		Marcação dupla		Significância do teste χ^2
			freq.	%	freq.	%	
1	Sexo	homem	71/276	26%	205/276	74%	p. = > 0.5.
		mulher	91/269	34%	178/269	66%	
2	Nível de contato público no mercado de trabalho	menor	69/232	30%	163/232	70%	
		maior	93/313	30%	220/313	70%	

Fonte: Elaboração própria.

Embora o percentual da marcação única seja mais recorrente na amostra das mulheres (34% ou 91/269 dos dados) em comparação aos homens (26% ou 71/276), essa diferença não se revelou significativa como pode ser observado na *Tabela 20*. De forma mais nítida, percebeu-se que houve um empate em 30% no percentual de marcação única na amostra formada por informantes com menor ou mesmo maior contato com o público no mercado de trabalho em que se exerce uma função. Assim, na rodada 2, os resultados apresentaram diferenças significativas entre os percentuais dispostos nos seguintes grupos de fatores:

- i) ordem de realização;
- ii) frequência de ocorrência;
- iii) lexia;
- iv) mesorregião da Bahia;

- v) ano/amostra;
- vi) faixa etária;
- vii) nível de escolaridade;
- viii) grau de monitoramento.

Como observado, as variáveis predictoras selecionadas na rodada 2, assim como na rodada 1, foram de natureza diversificada. Novamente a variável predictora sexo não se revelou significativa já que na rodada 1 esse fator também não apresentou diferenças expressivas do ponto de vista estatístico e a variável contato com o público no mercado de trabalho passou a não apresentar significativas diferenças entre seus percentuais na rodada 2. Ademais, como na análise com os dados da rodada 1, na análise com os dados de marcação única em comparação com a marcação dupla, algumas variáveis predictoras foram cruzadas apenas em alguns casos pontuais em que se percebeu tal necessidade como se observará na subseção 5.1.2.1.

5.1.2.1 Ordem de realização

No que diz respeito à variável ordem de realização/resposta, nota-se uma semelhança entre os resultados da rodada 1 e aqueles da rodada 2. De forma geral, considerando todos os dados dessa variável, na oposição não marcação *versus* marcação dupla e marcação única, estes atingiram 78% (245/316) das realizações como primeira resposta, e 74% (120/163) na segunda, 83% (87/105) na terceira e 89% (93/105) a partir da quarta resposta (cf. *Tabela 1, Apêndice G*). Como se pode notar, nas duas primeiras realizações, as marcações indiferentes já são expressivas, mas elas atingem percentuais ainda mais numerosos a partir da terceira realização, sobretudo da quarta à décima realização. Entre outros aspectos, esses percentuais globais revelam que à medida que uma mesma lexia do grupo em potencial contexto metafônico era repetida pelos informantes ao longo da aplicação do questionário, eles sentiram a necessidade de marcar o plural indiferentemente da estratégia escolhida, logo a marcação apenas no determinante perdera espaço provavelmente pela tomada de consciência linguística dos informantes sobretudo em contextos explicitamente tensos e/ou avaliativos. De forma mais detalhada, pode-se notar a oscilação dos percentuais de marcação dupla e marcação única em oposição à não marcação a partir da observação da *Tabela 21*:

Tabela 21: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	185/316	59%	60/316	19%	71/316	22%
Segunda	87/163	53%	33/163	20%	43/163	27%
Terceira	65/105	62%	22/105	21%	18/105	17%
Quarta ou mais	46/105	44%	47/105	45%	12/105	11%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

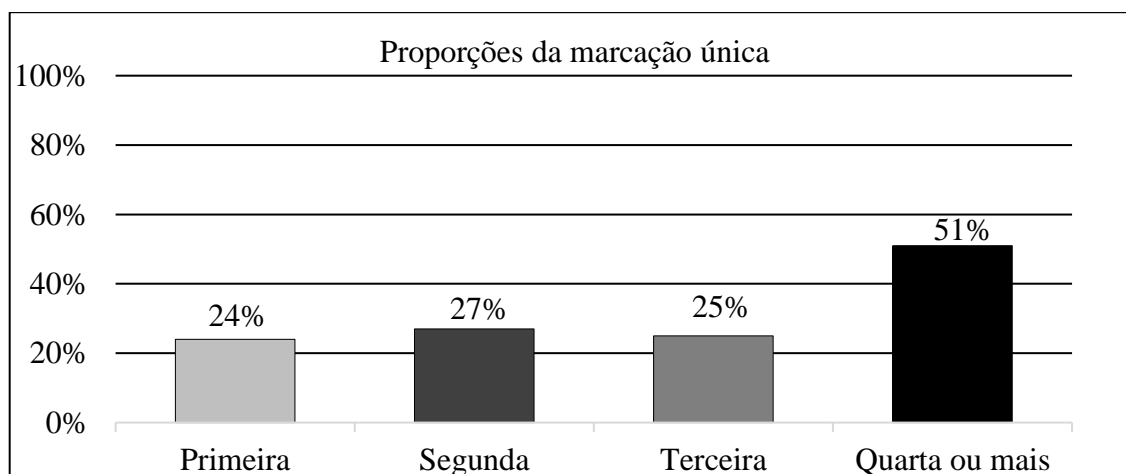
Por esta observação panorâmica dos dados da *Tabela 21*, nota-se que a marcação de plural no núcleo do SN mantém relativa estabilidade nos percentuais entre a primeira e terceira realização. A marcação dupla apresenta 59% (185/316) dos registros na primeira realização, 53% (87/163) na segunda realização, 62% (65/105) na terceira realização e recua para 44% (46/105) a partir da quarta realização. É justamente neste momento das realizações que a marcação única passa a ocorrer com um percentual mais expressivo. Gradativamente, a marcação única tem seus percentuais de realização elevados: 19% (60/316) na primeira realização, 20% (33/163) na segunda realização, 21% (22/105) na terceira e finalmente totalizou 45% (47/105) das ocorrências a partir da quarta realização. Dessa forma, conclui-se que a mudança de comportamento fica mais nítida a partir da quarta realização independentemente de qual estratégia de pluralização passa a ser empregada, já que a partir desse momento, a marcação dupla bem como a não marcação apresentam os menores percentuais de ocorrência e a marcação única se destaca como a estratégia mais empregada pelos informantes.

Assim como na rodada 1, os resultados alcançados na rodada 2 também se revelaram significativos. No entanto, em determinados momentos das realizações, a marcação dupla foi expressivamente menos recorrente quando comparada à marcação única. Entre as lexias realizadas no primeiro momento dos inquiridos, a marcação dupla ocorreu em 76% (185/245)

dos registros; na segunda realização, houve 73% (87/120) desse emprego; na terceira realização, eleva-se a 75% (65/87) dos dados. Todavia a partir da quarta realização, essa estratégia se limitou a 49% (46/93) das ocorrências controladas.

Nesse sentido, na rodada 2, a marcação única em comparação à marcação dupla apresenta menor frequência de emprego na primeira realização. Nesse momento em que cada lexia foi pluralizada, a marcação única não ultrapassou os 24% (60/245) das ocorrências; na segunda realização da pluralização da mesma lexia, essa estratégia passa a representar 27% (33/120) do representativo; na terceira, reduz-se a 25% (22/87) dos dados. No entanto, como percebido, a diferença mais expressiva no emprego da marcação única ocorre a partir da quarta realização, quando o percentual dessa estratégia chega a 51% (47/93). Confira-se o *Gráfico 19*:

Gráfico 19: Correlação entre ordem de realização e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 119.72$ (3) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se notou no *Gráfico 17*, há uma proximidade nos percentuais da marcação única nas três primeiras realizações. No entanto, numa comparação entre os resultados levando em consideração a formação de dois blocos: primeira e segunda realizações em oposição a terceira e quarta em diante, percebe-se que há um aumento no uso da marcação única dentro de cada bloco, mas o esse aumento se intensifica no segundo bloco. Essa comparação em blocos inviabilizaria o enviesamento da análise por conta da variável lexia já que no primeiro bloco há maior representatividade de todas as lexias arroladas ao passo que no segundo bloco o número

de lexias arroladas é reduzido de modo que na variante a partir da quarta realização, só 7/8 lexias controladas³⁰⁰ foram registradas e em número simbólico para algumas delas.

Ademais, esse agrupamento em blocos também se mostrou coerente visto que a relação entre os componentes de cada bloco se estabelecia quase sempre pela proximidade entre a ocorrência da primeira com a segunda realização, da terceira com as demais ou mesmo dentro de uma mesma variante como no caso da quarta ou mais realizações visto que quase sempre o segundo elemento e/ou elemento seguinte de cada bloco surgia como uma eventual “correção” do primeiro em muitas falas. Assim sendo, justifica-se a relação de aumento da realização da marcação única da primeira para segunda e da terceira para quarta ou mais realização como visto no *Gráfico 19*. Como a última variante agrupou uma sequência de sete realizações para que o número de dados fosse próximo ao da variante terceira realização, nela ficou evidente uma redução da tensão frente à pluralização do grupo em potencial contexto metafônico que culminou no elevado número de pluralizações menos salientes e/ou mais recorrente na língua, ou seja, na predominância da marcação única sobre a marcação dupla.

Não houve dados de primeira realização em momentos mais tensos como na *Parte 3* do *QPP*. Analisando os resultados obtidos a partir dos cruzamentos das variáveis previsoras ordem de realização e as principais partes dos questionários no primeiro bloco de realizações (primeira e segunda realizações apenas), pode-se constatar se o fator monitoramento estabeleceria correlação com a estratégia de marcação empregada num segundo momento de realização de uma mesma lexia de sorte que a segunda realização se caracterizaria como uma alternativa de “correção” expressa pelo aumento da marcação dupla na segunda realização ou se a marcação única seria mais recorrente como segunda realização demonstrando menor tensão por parte do informante independentemente da parte dos questionários analisados. Conferir *Tabela 22*:

³⁰⁰ A lexia *posto* não foi realizada mais de três vezes num mesmo questionário. Com formação de blocos, o número de dados do segundo bloco passaria de 105 para 210 ocorrências, tornando mais equilibrada a distribuição dos dados por células na plataforma R.

Tabela 22: Correlação entre ordem de realização no primeiro bloco e partes dos questionários e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico³⁰¹

Fatores	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
Primeira realização	130/181	72%	51/181	28%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	113/158	72%	45/158	28%
<i>QMS (ALiB)</i>	17/23	74%	6/23	26%
Segunda realização	72/103	70%	31/103	30%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	29/53	55%	24/53	45%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	15/19	79%	4/19	21%
<i>QMS (ALiB)</i>	28/31	90%	3/31	10%
Total geral	202/284	71%	82/284	29%

Fonte: Elaboração própria.

Como notado *Tabela 22*, quando se comparam os dados gerais entre a primeira e segunda realizações, a diferença entre o emprego da marcação única é de 28% (51/181) naquela ordem de realização e 30% (31/103) nesta ordem de realização. Dessa forma, a diferença não se revela tão expressiva se observados os resultados gerais dessa marcação nestas partes dos questionários em especial. No entanto, quando se observa a diferença do emprego da marcação única a partir da natureza da parte do questionário onde fora registrada a segunda realização, a diferença entre os percentuais se revela mais expressiva.

Nesse sentido, observou-se que no *QMS* do *Projeto ALiB*, há uma redução de 26% (6/23) para 10% (3/31) no emprego da marcação única entre a primeira e a segunda realização, respectivamente neste trecho do questionário. Em sentido oposto, houve um aumento no percentual entre as realizações dessa estratégia da primeira (28% ou 45/158) para a segunda (45% ou 24/53) realização na *Parte 1* do *QPP*. Embora não foram localizados dados de primeira realização na *Parte 3* do *QPP* para que se estabelecesse comparações semelhantes, nota-se que nesta parte do inquérito, a marcação única é menor (21% ou 4/19) do que os 26% e 28% da primeira realização ocorridos no *QMS* e na *Parte 1* do *QPP* como já demonstrado, respectivamente. Assim sendo, entende-se que no *QMS* houve uma redução da marcação única

³⁰¹ A tabela completa constando os resultados das três variantes resposta estão disponíveis na *Tabela 5*, no *Apêndice F*.

na segunda realização, pois os informantes preferiram a resposta [ɔ]lhos em substituição a [o]lhos (única lexia controlada nesta subseção) na rodada 2 como uma possível correção da primeira realização. Já na *Parte 1* do *QPP*, com a diversificação das lexias controladas, há uma significativa ampliação da marcação única em substituição à marcação dupla que fora mais presente na primeira realização. Diferentemente do ocorrido no *QMS*, não houve uma maior tensão na segunda realização que culminou na redução da marcação única como uma eventual correção, mas sim uma redução dessa tensão que provocou uma significativa ampliação da marcação única. Por tudo exposto, parece evidente que a segunda realização em situações de menor tensão e com diversificada amostra de lexias tende a ocorrer sem abertura do timbre da vogal [o] no grupo em potencial contexto metafônico.

Quando se passa a observar o segundo bloco de realizações a partir dos dados coletados nas mesmas partes do questionário, nota-se uma elevação nos percentuais de marcação única na *Parte 1* e na *Parte 3* do *QPP* em comparação aos resultados observados nessas seções do primeiro bloco de realizações já apresentados na *Tabela 22*. Compara-se com resultados da *Tabela 23*:

*Tabela 23: Correlação entre ordem de realização no segundo bloco, partes dos questionários e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico*³⁰²

Fatores	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
Terceira realização	55/76	72%	21/76	28%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	7/16	44%	9/16	56%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	35/46	76%	11/46	24%
<i>QMS (ALiB)</i>	13/14	93%	1/14	7%
A partir da quarta realização	35/82	43%	47/82	57%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	4/11	36%	7/11	64%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	20/58	34%	38/58	66%
<i>QMS (ALiB)</i>	11/13	85%	2/13	15%
Total geral	90/158	57%	68/158	43%

Fonte: Elaboração própria.

³⁰² A tabela completa está disponível na *Tabela 6*, no *Apêndice F*.

Como se pode notar na *Tabela 23*, o percentual que não ultrapassava os 45% de marcação única no primeiro bloco de realizações na *Parte 1* do *QPP*, passa a 56% (9/16) e até 64% (7/11) de representação dessa estratégia na mesma seção do questionário. Na *Parte 3* do *QPP*, não só há uma outra elevação dos percentuais, como a distância entre os números é mais expressiva: de 21% de marcação única no primeiro bloco de realizações na *Parte 3*, passa-se a 24% (11/46) e 66% (38/58) dessa estratégia na terceira e na quarta realização, respectivamente. Assim, no segundo bloco houve uma redução gradativa na tensão dos informantes em comparação ao que ocorreu no primeiro. Ademais, essa redução na tensão está correlacionada à ampliação dos percentuais da marcação única mesmo dentro do segundo bloco já que na *Parte 1* do *QPP* essa estratégia se elevou de 56% da terceira realização para 64% a partir da quarta realização e na *Parte 3* do *QPP* a marcação única também se elevou de 24% da terceira realização para 66% a partir da quarta realização.

Embora os dados sejam limitados, em sentido contrário ao notado no primeiro bloco do *QMS* do *Projeto ALiB* – em que houve uma redução no emprego da marcação única da primeira para a segunda realização de 26% para 10%, respectivamente – no segundo bloco de realizações ocorridas nessa mesma seção, houve um aumento simbólico dessa estratégia da terceira (7% ou 1/14) para a quarta ou mais realizações (15% ou 2/13). Portanto, observando os dados de todas as partes dos questionários apresentados na *Tabela 23*, conclui-se que no decorrer da interação entre inquiridor e informante, houve um aumento no emprego da marcação única no segundo bloco independentemente de a parte do questionário apresentar um caráter avaliativo como no caso da *Parte 3* do *QPP*³⁰³, já que essa alternativa de marcação de plural, que é a mais produtiva na língua, não só lidera nos percentuais a partir da quarta realização de modo geral como visto no *Gráfico 19* como também passar a apresentar normalmente os percentuais mais elevados quando há alteração da resposta dentro de um mesmo bloco de realizações como observado na *Tabela 22 e Tabela 23*, logo a marcação dupla parece gozar de maior prestígio social quando a pluralização ocorre no primeiro momento de cada bloco de realizações.

5.1.2.2 Frequência de ocorrência

No que diz respeito à frequência de ocorrência, ao observar todos os dados antes de analisar-se propriamente a rodada 2, é possível perceber a relação entre maior frequência e o

³⁰³ Essa elevação da marcação única dentro do segundo bloco também foi constatada se se levar em consideração as três variantes resposta. Conferir *Tabela 6*, no *Apêndice F*.

aumento de realizações da pluralização no núcleo dos SNs de alguma forma. Assim, numa análise considerando a oposição não marcação *versus* marcação dupla e marcação única, estas totalizaram 68% (125/185) dos dados quando as lexias são classificadas como de frequência de ocorrência baixa ao passo que atingem 78% (114/146) quando as lexias são de frequência de ocorrência média e 85% (305/358) quando são de frequência de ocorrência alta³⁰⁴. Quando observados os resultados das três variantes resposta separadamente, também se percebe a correlação entre nível de frequência e emprego das três estratégias de pluralização. Comparar com resultados da *Tabela 24*:

Tabela 24: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	29/185	16%	97/185	52%	59/185	32%
Média	89/146	61%	25/146	17%	32/146	22%
Alta	265/358	74%	40/358	11%	53/358	15%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

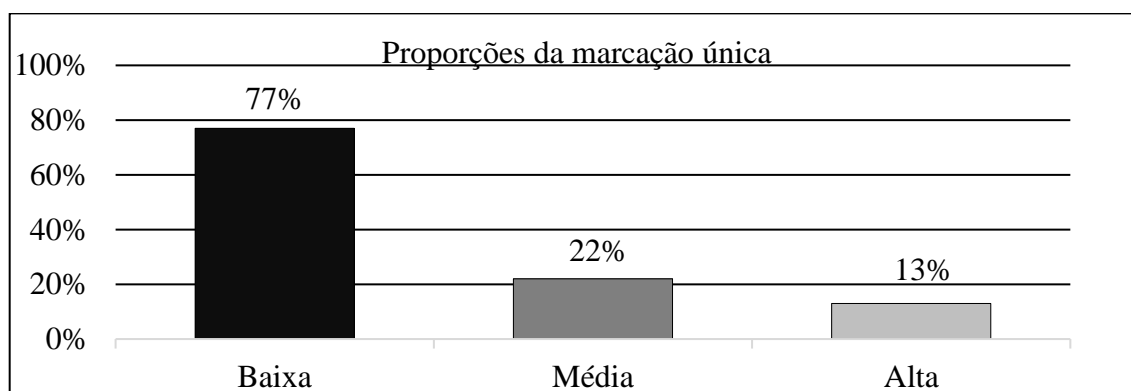
Como se observou nos destaques da *Tabela 24*, o percentual a marcação única tem sua representatividade reduzida gradativamente de 52% (97/185) entre as lexias com frequência de ocorrência baixa para 17% (25/146) na frequência média e finalmente a 11% (40/358) entre as lexias de frequência alta. Esse comportamento de redução gradativa da representatividade foi acompanhado pelos resultados da não marcação: 32% (59/185) entre as lexias com frequência baixa, 22% (32/146) entre aquelas com frequência média e 15% (53/358) entre as lexias classificadas como de frequência alta. Portanto, por esses resultados panorâmicos, entende-se que enquanto a elevação da marcação dupla ocorre de forma diretamente proporcional ao aumento da frequência de ocorrência do grupo de lexias controladas, a redução da marcação única assim como da não marcação ocorre de forma inversamente proporcional à elevação das taxas de frequência de ocorrência.

Passando a comparar os resultados específicos obtidos através da aplicação do teste do qui-quadrado, como já visto, na rodada 1, a não marcação foi expressivamente mais recorrente

³⁰⁴ Resultados obtidos a partir da inferência dos dados dispostos na *Tabela 2, Apêndice G*.

entre os itens com menor frequência sobretudo quando entre as lexias com frequência baixa ao passo que a marcação dupla nessa rodada foi significativamente mais recorrente entre os itens com níveis maiores de frequência de ocorrência. Da mesma forma, na rodada 2, a marcação dupla apresentou o mesmo comportamento em comparação à marcação única, de forma que aquela estratégia pontuou 33% (29/88) dos dados na amostra com frequência de ocorrência baixa, 74% (89/121) entre aqueles itens com frequência de ocorrência média e 83% (265/318) entre as lexias com frequência de ocorrência alta. A marcação única foi mais recorrente entre os itens classificados como de frequência de ocorrência média ou baixa. Veja-se o *Gráfico 20*:

Gráfico 20: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 235.7 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

O teste qui-quadrado aplicado na rodada 2 sinalizou como significativa as diferenças entre as proporções apontadas no *Gráfico 20* ($\chi^2 = 235.7 (2) p. < 0.5$). Os resultados indicam que 77% (97/126) das realizações da marcação única ocorrem entre as lexias com frequência de ocorrência baixa, 22% (25/114) entre aquelas com frequência de ocorrência média e apenas 13% (40/305) entre as lexias com frequência de ocorrência alta. Assim como ocorrido nos resultados panorâmicos (*Tabela 24*), nos resultados da rodada 2, também se observou que a relação entre o emprego da marcação única e o nível de frequência de ocorrência é inversamente é proporcional uma vez que à medida que uma lexia se revela mais frequente de forma pluralizada, menos marcações únicas foram registradas. Dessa forma, os resultados da rodada 2 mostram novamente a importância da frequência de uso das lexias pluralizadas para que elas fossem acessadas no léxico mental de forma automática como também ocorreu na rodada 1, pois assim como nesta rodada, naquela os informantes realizaram expressivamente outra opção

que não a marcação dupla quando as lexias são classificadas como de frequência de ocorrência média e, sobretudo quando classificadas como de frequência ocorrência baixa.

Muito embora a metodologia aplicada, classificação de frequência e lexias não sejam as mesmas por razões óbvias e apenas o número de lexias controlado para o grupo em contexto metafônico seja próximo ao analisado nesta pesquisa, os resultados levantados na rodada 2 corroboram aqueles obtidos por Gomes e Manoel (2010). Segundo essas pesquisadoras:

Com relação ao grupo de itens com competição entre plural metafônico (*tijolo, forno, caroço, ovos, jogos, olho*) e regular (*bolo, coco, rolo, globo, repolho, gorro*), houve realização quase que categórica das palavras com flexão esperada regular com o morfema -s, exceção de um único dado. Para o grupo de itens com plural esperado metafônico, 45% dos itens flexionados ocorreram com a metafonia e 55% foram regularizados [...]. Os itens de *baixa frequência* (*tijolo, forno, caroço*) tenderam à regularização (72%) e os de *alta frequência* (*ovos, jogos, olho*) tenderam a se realizar conforme o esperado (57%) (Gomes; Manoel, 2010, p. 128-129).

Como relatado pelas autoras, parece evidente que o grupo em eventual contexto metafônico (regular) mostra-se indiferente à variável frequência de ocorrência posto que tanto as lexias mais frequentes desse grupo (*bolo, coco, rolo*) quanto as menos frequentes (*globo, repolho, gorro*) obtiveram praticamente o mesmo resultado com o emprego da marcação esperada já que apenas um dado foi marcado com a forma não esperada, logo esses resultados apresentam correlação com a frequência tipo já que dentro do grupo em eventual e potencial contexto metafônico assim como nos demais grupos de pluralização do PB, a marcação regular é a mais frequente. Já entre as lexias em potencial contexto metafônico (irregular), aquelas com baixa frequência tenderam à marcação única segundo Gomes e Manoel (2010). Assim sendo, neste subgrupo, as autoras também constaram que a frequência de ocorrência apresentaria correlação com realização da marcação única ou da marcação dupla.

A baixa frequência também apresentaria correlação com a realização de estratégias com timbre intermediário em estudos envolvendo adjetivos com terminação em *-oso*. No trabalho realizado por Belando, Seara e Agostinho (2019) controlando 24 adjetivos com essa terminação cuja amostra foi composta por 4 mulheres com nível universitário (SP), as autoras constataram que:

A produção de vogais tônicas com timbre intermediário entre o aberto e o fechado, em maior número nas palavras pouco frequentes, corrobora a concepção de gramática como gradiente, capaz de admitir tal categoria

intermediária quando na marcação de plural dos adjetivos em questão (Belandro; Seara; Agostinho, 2019, p. 56, grifo próprio).

Embora o timbre intermediário e a categoria adjetivo não tenham sido o objeto de estudo desta tese, os resultados trazidos à tona por essas autoras além de reforçarem as conclusões a que se chegaram Gomes e Manoel (2010), também vão ao encontro daquelas obtidas a partir dos resultados da rodada 1 e 2 nesta tese já que a baixa frequência de ocorrência não só apresentou correlação com o emprego da marcação única como também estabeleceu a mesma correlação com a não marcação.

Segundo o que postulou Bybee (1985), formas como a marcação dupla devem ser altamente frequentes para serem mantidas no léxico mental. Isso só seria possível pelo aprendizado rotineiro, pois apenas o contato auditivo e a eventual realização de tais plurais reforçariam a memorização de plurais com baixa frequência tipo como a pluralização em potencial contexto metafônico. Assim sendo, tanto os resultados da rodada 1 quanto os da rodada 2 sinalizam que a estratégia de marcação dupla é mais recorrente entre as lexias com maior frequência de ocorrência, pois, como também sinalizou Bybee (1991), lexias mais frequentes seriam acessadas mais rapidamente em experimentos de acesso ao léxico uma vez que elas teriam representação mental mais forte ao passo que a marcação única e a não marcação seriam mais recorrentes entre as lexias com menor frequência de ocorrência em potencial contexto metafônico, pois o feixe de exemplares de pluralização dessas lexias com timbre aberto teria representação mental fraca. Dessa forma, quando uma lexia se revela pouco habitual no plural com timbre aberto, o informante passa acessar o feixe de exemplares com pluralização mais produtiva na língua como a marcação única e/ou regular ou mesmo sua forma no singular.

5.1.2.3 Lexia

Na rodada 2, a variável lexia mais uma vez apresentou correlação com a estratégia de pluralização realizada pelo informante. No entanto, antes de tratar do resultado dessa segunda rodada, é importante pontuar que inicialmente, numa observação binária opondo não marcação ao objeto de estudo da rodada 2 (marcação dupla ou marcação única), nota-se que essa marcação indiferente para as lexias controladas ocorre em 62% (53/86) da lexia *caroço*, 68% (127/186) em *outras lexias (osso, porco, tijolo, posto)*, 74% (73/99) em *forno*, 91% (208/229) em *olho* e 94% (84/89) em *ovo*. Como observado, das lexias controladas de forma independente, *caroço* e *forno* foram aquelas que menor percentual de marcação indiferente apresentaram em

comparação a *olho* e *ovo*. Essa polarização nos percentuais também pode ser percebida com a observação das três variantes respostas apresentadas separadamente. Conferir *Tabela 25*:

Tabela 25: Correlação entre *lexia* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Lexia	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Forno	4/99	4%	69/99	70%	26/99	26%
Caroço	25/86	29%	28/86	33%	33/86	38%
Outras	98/186	53%	29/186	15%	59/186	32%
Olho	175/229	77%	33/229	14%	21/229	9%
Ovo	81/89	91%	3/89	3%	5/89	6%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

Como se observou também com todos os dados presentes na *Tabela 25*, a marcação dupla foi mais frequente como pluralização em *ovo* (91% ou 81/89 dos dados) e *olho* (com 77% ou 175/229) e, no polo oposto, encontram-se as *lexias* *caroço* com 29% (25/86) e *forno* com apenas 4% (4/99) dos resultados obtidos. Em direção contrária, a *lexia* *forno* com 70% (69/99) se destaca com o emprego da marcação única. No entanto as demais variantes não ultrapassam os 33% (28/86) dessa marcação como em *caroço*, *outras* *lexias* com 15% (29/186), *olho* com 14% (33/229) e *ovo* com apenas 3% (3/89) desse cômputo. Já a não marcação comparada às demais alternativas, não ultrapassou os 38% (26/99) de representatividade como ocorrido com *caroço*, *outras* *lexias* computaram 32% (59/186), *olho* 9% (21/229) e *ovo* apenas 6% (5/89). Como notado nessa observação panorâmica, a *lexia* *caroço* é aquela cuja distribuição entre os percentuais se encontra com diferenças menos representativas: 38% de não marcação, 33% de marcação única e 29% de marcação dupla. Nesse sentido, *caroço* estaria em processo de variação estável no PBA em oposição aos outros estágios observados quanto à pluralização das demais *lexias* controladas.

Passando para uma análise mais detalhada como se propõe a rodada 2, os resultados já apresentados sobre a variável *lexia* ficam mais compreensíveis. Na rodada 2, a marcação dupla se sobressai como a estratégia mais recorrente na maioria das *lexias* arroladas. Em ordem crescente, essa estratégia obteve apenas 5% (4/73) dos dados de *forno*, 47% (25/53) das realizações em *caroço* ao passo que obteve 77% (98/127) de dados em *outras lexias*, 84% (175/208) em *olho* e 96% (81/84) em dados de *ovo*. Mais uma vez, os percentuais indicam haver uma polarização entre os resultados da marcação dupla observados entre as *lexias* independentes.

Além da observação das *lexias* controladas de forma independente, na rodada 2, notou-se que a ocorrência da marcação dupla atingiu a média de 77% de sua realização no agrupamento *outras lexias*. Esse grupo, depois das *lexias* *olho* e *ovo*, é a variante que mais favorece essa estratégia na segunda rodada. Provavelmente, esse resultado intermediário para o emprego da marcação dupla para *outras lexias* e sua aproximação com os resultados de *olho* se justifiquem principalmente porque – com exceção de *posto*, as demais *lexias* são classificadas com frequência de ocorrência média (portanto, intermediária) já *posto* é classificada com a mesma frequência de ocorrência alta como é classificada *olho*. Já *ovo*, por também apresentar a maior frequência de ocorrência em todo grupo em potencial contexto metafônico foi aquela que liderou o emprego da marcação dupla. Ademais, quando os itens de *outras lexias* são analisados de forma independente, alguns deles superam a média de realização da marcação dupla nessa variante. Confira-se a *Tabela 26*:

Tabela 26: Correlação entre *outras lexias* e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico

Lexia	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
Osso	39/44	89%	5/44	11%
Porco	30/36	83%	6/36	17%
Posto	9/13	69%	4/13	31%
Tijolo	20/34	59%	14/34	41%
Total geral	98/127	77%	29/127	23%

Fonte: Elaboração própria.

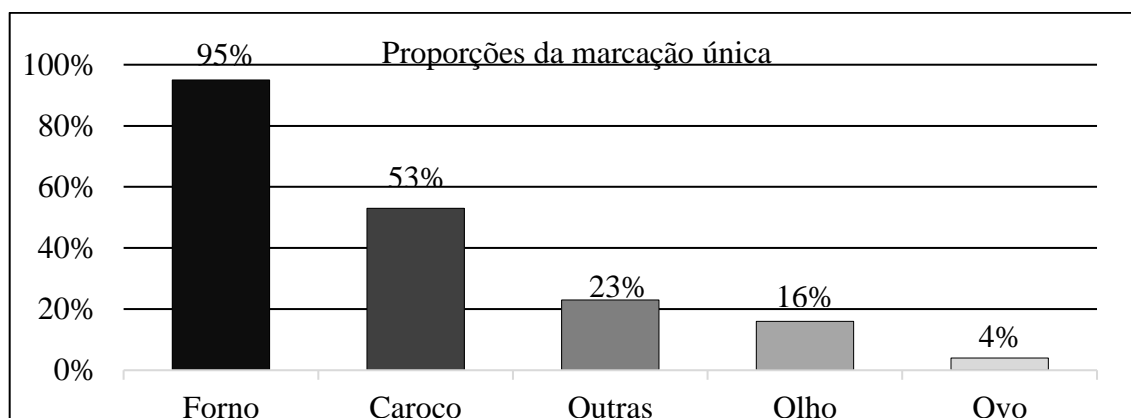
Como se pode observar na *Tabela 26*, todos os itens que formam a variante *outras lexias* apresentam percentual superior de marcação dupla em comparação com a marcação única. *Ossó* e *porco* foram as lexias com maior emprego da marcação dupla ao passo que *posto* e sobretudo *tijolo* foram aquelas com menores percentuais de ocorrências dessa estratégia. O menor percentual da marcação dupla para esta lexia em comparação às demais seria justificado em virtude de sua maior extensão silábica e da natureza de sua estrutura sufixal já que lexias com maiores extensões silábicas e determinadas terminações como *-olo* ou *-oço* representariam limitada parcela dos itens com marcação dupla no PB.

Como se pode observar no *Quadro 26* (subseção 3.1.2.1), no levantamento das pluralizações em contexto metafônico proposto por Barbosa (1973?), as lexias dissílabas apresentaram 62% (94/152) de prescrição com marcação única e 38% (58/152) com marcação dupla já entre as lexias com três ou mais sílabas, a prescrição única chegou a totalizar 78% (126/162) dos verbetes arrolados e a prescrição com marcação dupla se limitou a 22% (36/162)³⁰⁵ dos verbetes com essa extensão. Desses verbetes em contexto metafônicos arrolados pelo autor, apenas 5% (18/390) apresentavam terminação com o sufixo *-oço* (ex.: *aboço*, *almoço*, *alvoroço*) ou *-osso* (ex.: *colosso*, *endosso*) e 3% (10/390) deles com a terminação em *-olo* (ex.: *arroló*, *boló*, *consoló*, *desconsoló*, *mioló*, *reboló*, *roló*, *tijoló*). Ademais, as lexias com terminação em *-oço* ou *-osso* apresentam 39% (7/18) de pluralização com marcação dupla e entre aquelas com terminação em *-olo*, essa estratégia só seria empregada em 20% (2/10) dos verbetes elencados pelo autor. Assim, entende-se que a marcação dupla seria menos frequente na língua entre os itens com extensão silábica superior a duas sílabas e seria ainda menos recorrente entre aquelas lexias em contexto metafônico com terminação em *-olo*, logo se justifica o fato de a lexia trissílaba *tijolo* apresentar menor marcação dupla em comparação com os itens dissílabos e com outras terminações que compõem a variante *outras lexias* bem como se justificaria o emprego intermediário da marcação dupla para a lexia trissílaba *caroço* como se notará com a observação do *Gráfico 21* ainda nesta subseção.

Quando verificados os percentuais da rodada 2, o teste qui-quadrado sinalizou como significativa a diferença entre eles ($\chi^2 = 236.2$ (4) p. < 0.5). Esse resultado deixa evidente a migração para o emprego da marcação única em duas das variantes ao passo que na maioria delas, essa migração não ultrapassou os 23% dos registros. Veja-se o *Gráfico 21*:

³⁰⁵ No Cômputo, não foram considerados os 76 verbetes presentes no *Quadro 26* (seção 3.1.2.1) em contexto metafônicos, mas que não havia sinalização para quaisquer pluralizações em Barbosa (1973?) como se pode perceber na indicação da terceira coluna do quadro em questão.

Gráfico 21: Correlação entre *lexia* e a realização da marcação única *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 236.2 (4) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como percebido no Gráfico 21, com 95% (69/73) dos dados de marcação única, lidera a *lexia forno* em comparação com os demais itens, seguida por *carçoço* com 53% (28/53), *outras lexias* com 23% (29/127), *olho* com 16% (33/208) e com o menor percentual a *lexia ovo* com apenas 4% (3/84) dos dados. Dessa forma, *forno* e *carçoço* foram as *lexias* com maior índice de pluralização com marcação única. A oposição entre os extremos com *forno* sendo a *lexia* com maior emprego da marcação única e *ovo* em sentido oposto se justifica por conta de suas classificações na escala de frequência de ocorrência, pois enquanto aquela é classificada com frequência de ocorrência baixa, esta é classificada como a *lexia* mais frequente entre todas controladas no grupo em potencial contexto metafônico.

Embora para *carçoço* o emprego da marcação única se situe na segunda posição entre os percentuais obtidos, nota-se que a diferença entre essa *lexia* e a primeira (*forno*) no emprego dessa estratégia atinge 42% de pontos percentuais a menos. Essa diferença entre essas duas *lexias* – com mesma frequência de ocorrência baixa observada a partir dos *corpora* do Projeto AC/DC (Quadro 2, Apêndice E) – poderia eventualmente ser elucidada se se a frequência de ocorrência levasse também em consideração as gravações do Projeto ALiB uma vez que este *corpus* disponibilizaria a frequência de ocorrência a partir do uso da língua por parte substancial dos próprios informantes³⁰⁶ (Quadro 6, Apêndice E). Em sua tese, Huback (2007) também levantou esse questionamento quando pontuou que:

³⁰⁶Antes do Exame de Qualificação desse trabalho, a frequência de ocorrência levou em consideração 76% (88/116) dos inquiridos controlados que correspondem à amostra do Projeto ALiB. Naquele momento, para o levantamento e classificação da frequência de ocorrência não levou em consideração pluralizações que foram induzidas pelos inquiridores como no QMS ou similares. Assim, essa classificação anterior considerou

[...] não era de se esperar que o item “judeu” (de alta frequência de ocorrência) também provocasse dúvidas nos falantes. Uma hipótese para que essa palavra tenha sido uma das líderes nas hesitações é o fato de que, apesar de frequente, ela não é familiar para os informantes consultados em nossos experimentos. Esse item é frequente no *Corpus NILC/São Carlos*, que contém dados de escrita; no entanto, na linguagem cotidiana, pode ser que os falantes não usem a palavra “judeu” com a mesma recorrência com que ela 253 aparece em um corpus de escrita. Por causa disso, quando são questionados sobre o plural desse item, os falantes tendem a hesitar (Huback, 2007, p. 252-253, grifo próprio).

Embora nesta pesquisa tenha-se buscado apenas parte do *corpus* do *Projeto AC/DC* como referência de modo a usar como referência o menor número de textos escritos, ainda assim não se anula a diferença entre o perfil e tipo de registro desta amostra e o perfil dos informantes do *Projeto ALiB* e *QPP* controlados nesta pesquisa. Nesse sentido, assim como a autora, acredita-se que algumas lexias como *forno* são ainda menos frequentes na fala dos informantes como sugere o *corpus NILC/São Carlos* já que esse material também contém dados de escrita (textos jornalísticos, didáticos, epistolar e redações de alunos). Na própria amostra do *Projeto AC/DC*, ao observar o detalhamento das ocorrências (*Quadro 1, Apêndice E*), nota-se que *forno* – assim como na amostra do *Projeto ALiB* – não teria a frequência de ocorrência baixa, mas sim frequência ocorrência zero se se computasse apenas sua pluralização no *CoNE, C-Oral-Brasil*. Assim, o uso expressivo de *forno* passa a ocorrer apenas em corpus do *NILC/ São Carlos* quando se passa a considerar registros escritos na base de dados consultada.

Por tudo exposto, com base na classificação da frequência de ocorrência a partir da amostra *Projeto do ALiB, caroço*, assim como quase todas as outras – com exceção de *posto* isoladamente – apresenta frequência de ocorrência superior à lexia *forno*, logo se entende que a menor frequência de ocorrência na fala da própria comunidade analisada estaria correlacionada ao maior nível de realização da marcação única primeiramente para a lexia *forno* – de frequência de ocorrência zero se se levar em consideração apenas dados de fala independentemente de serem do *Projeto ALiB* ou mesmo do *CoNE, C-Oral-Brasil* – e em segundo lugar para a lexia *caroço* como notado no *Gráfico 21*.

Por fim, as lexias *olho* e principalmente *ovo* seriam aquelas que, de forma independente, mais inibiriam a realização da marcação única. Tais lexias seriam igualmente classificadas

essencialmente dados localizados em comentário dos informantes, relatos pessoais, relatos de terceiros, receitas etc. Depois daquele momento na pesquisa, passou-se a usar como referência a amostra do *Projeto AC/DC* em virtude de sua maior extensão de dados.

como de frequência de ocorrência alta. Embora a classificação de frequência de ocorrência seja relativa conforme a perspectiva de cada autor, cabe lembrar os resultados de Gomes e Manoel (2010), pois as autoras classificaram *forno*, *caroço*, *tijolo* como lexias de frequência de ocorrência baixa e *ovos* e *olho* como lexias de frequência de ocorrência alta. Corroborando os resultados de Gomes e Manoel (2010), os resultados desta tese indicam que aquelas lexias favoreceram a migração para a pluralização com marcação única em 72% e estas junto à lexia *jogo* em apenas 57% dos dados. Segundo as autoras, quanto maior frequência de ocorrência dessas lexias, menores são as chances de suas pluralizações migrarem para a estratégia de marcação única. No entanto, nesta pesquisa, observando apenas os dados de *olho* e *ovo*, notaram-se percentuais de migração para a marcação única ainda menores do que aqueles observados em Gomes e Manoel (2010) de forma global. Como já percebido, *olho* obteve 16% de migração para a marcação única e *ovo* apenas 4% dos registros. Embora a diferença entre os percentuais seja de apenas 12% pontos, questiona-se por que essa diferença desses índices se ambas seriam igualmente classificadas como de frequência de alta. Pode-se supor que haveria também a interferência da frequência de ocorrência das terminações dessas lexias bem como da frequência tipo dessas mesmas estruturas fonológicas sobre os resultados obtidos, logo se observaram tais frequências a partir de dois *corpora* distintos. Confirmam-se *Tabela 27* e *Tabela 28*:

Tabela 27: Inventário da frequência de ocorrência das terminações -ovo(s) e -olho(s) a partir dos corpora do Projeto AC/DC³⁰⁷

N.	Terminações	Corpora					Total
		Cone	C.O.B.	M.P.	P.F.	NILC	
1	-ovo	531	185	746	64	21.422	22.948
2	-ovos	313	10	178	13	8.311	8.825
3	-olho	16	30	72	12	1.721	1.851
4	-olhos	33 ³⁰⁸	3 ³⁰⁹	63	9 ³¹⁰	3.540	3.648

Fonte: Elaboração própria.

³⁰⁷ Cone, C.O.B, M.P, P.F. e NILC são abreviações que correspondem, respectivamente, aos *corpora*: *CoNE*, *C-Oral-Brasil*, *Museu da Pessoa*, *Português Falado - Documentos Autênticos* e *NILC/ São Carlos*. Conferir o site: https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAO_CARLOS.

³⁰⁸ Neste caso, cabe observar que os 33 dados são na verdade unidades independentes *olhos* e não sufixos *-olhos*.

³⁰⁹ Neste *corpus*, também os 3 dados são de unidades independentes *olhos* (palavras).

³¹⁰ Igualmente, os nove dados são apenas exemplos de palavras.

Tabela 28: Inventário da frequência tipo em terminações *-ovo* e *-olho* a partir de Barbosa (1973?)³¹¹

N.	Terminações	Prescrições				Total
		Marcação única		Marcação dupla		
		freq.	%	freq.	%	
1	<i>-ovo</i>	1	10%	9	90%	10
2	<i>-olho</i>	25	58%	18	42%	43

Fonte: Elaboração própria.

Observando a *Tabela 27*, a terminação *-ovos* já acompanhada da marcação de plural apresenta um índice de 8.825 ocorrência ao passo que a terminação *-olhos* totalizou 3.648 como índice de frequência de ocorrência no *corpus* do *Projeto AC/DC*, portanto a terminação em *-ovos* apresentaria mais que o dobro de possibilidade de uso real, o que tornaria o feixe de exemplos de todos os plurais com essa terminação mais robusta na representação mental do informante se comparado ao feixe de exemplares com lexias terminadas em *-olhos*.

No entanto, como não é possível compreender o papel preciso da frequência de ocorrência das terminações em *-ovos* e *-olhos* sobre a realização da marcação dupla a partir de bancos de dados sem transcrições fonéticas sinalizando a alteração da vogal [o] em contexto metafônico, fez-se uso da prescrição da frequência tipo a partir da obra de Barbosa (1973?). Assim, a partir da leitura dos resultados da *Tabela 28*, pode-se computar 42% (18/43) de prescrição de marcação dupla como pluralização para as lexias com terminação em *-olho* e 58% (25/43) para marcação única com a mesma terminação ao passo que para os itens com terminação em *-ovo*, a marcação dupla atinge 90% (9/10) de prescrição para os verbetes em questão e apenas 10% (1/10) com marcação única. Nessa perspectiva normativa, entende-se que no PB haveria mais possibilidades de pluralização com marcação única entre os as lexias com terminação em *-olho* do que com *-ovo*.

Dessa forma, os indícios sugeridos a partir da análise da *Tabela 27* e da *Tabela 28* indicam que a terminação *-ovos*, em comparação com *-olhos*, não só é a terminação pluralizada mais recorrente na fala dos brasileiros como também é a terminação com maior probabilidade de ocorrer com timbre aberto da vogal [o]. Em princípio, por tais considerações, entende-se que as conexões da partícula *-ovos* com timbre aberto a partir do Modelo de Redes, em comparação com *-olhos*, forma um feixe de exemplares mais robusto na representação mental dos

³¹¹ Inventário elaborado a partir do *Quadro 26* (subseção 3.1.2.1).

informantes controlados de sorte que *ovos* teriam ainda mais probabilidade de ser realizada com marcação dupla do que *olhos* mesmo ambas apresentando igual nível de frequência de ocorrência.

Por tudo exposto sobre a marcação única das lexias controladas de forma independente na rodada 2, conclui-se que *caroço* se encontra em variação estável ao passo que *forno* concluiu o processo de mudança pelo menos na fala menos monitorada como já havia sinalizado Leitão (2016) ao afirmar que “*no uso coloquial*, algumas dessas formas [dentre elas, *forno*] são pronunciadas com o timbre fechado (/ô/): *coros*, *fornos*, etc.” (Leitão, 2016, p. 111, grifo próprio). Corroborando a constatação do autor, nesta pesquisa, os 5% de realização de $f[\text{ɔ}]rnos$ se limitam a apenas 4 dados registrados na *Parte 3* do *QPP* referentes à fala de informantes diferentes, logo são realizações que ocorreram em situação de avaliação explícita, conseqüentemente, houve também maior monitoramento do informante nesse trecho do inquérito. Ademais, essas poucas ocorrências foram registradas predominantemente nas falas de homens da faixa etária 2 (3/4): correram apenas como segunda (3/4) ou quinta realização (1/4), sempre depois da realização da marcação única (3/4) ou da não marcação (1/4). Assim sendo, pelos dados analisados, infere-se que a variante $f[\text{o}]rnos$:

i) não demonstra ser uma pluralização estigmatizada entre os informantes, posto que as mulheres de forma geral não a evitaram;

ii) é acessada com facilidade no léxico mental da nova geração baiana, pois se a marcação dupla para a lexia *forno* não é uma alternativa frequência no cotidiano dos informantes devido à baixa *proximidade imediata* de seu referente, logo a marcação única ganha espaço, pois é a estratégia de pluralização mais produtiva no PB dentro do grupo metafônico;

iii) é sempre a primeira estratégia de realização na fala dos informantes quando a marcação ocorre no núcleo do SN;

iv) é a única alternativa de pluralização legítima da fala menos monitorada, pois não houve registro da variante $f[\text{ɔ}]rnos$ em contextos de fala dessa natureza.

Assim sendo, entende-se que das lexias com pluralização esperada com mudança de timbre da vogal [o] pretônica, *forno* se revela como aquela que estabelece maior correlação com inovação e *ovo* é aquela que mais mantém a pluralização conservadora. Em comum, todas lexias controladas de forma independente ou não inibem a realização da marcação dupla conforme se eleva sua classificação no nível de frequência de ocorrência. Ademais, conclui-se que o maior índice de frequência de ocorrência das terminações de algumas lexias bem como da frequência tipo dessas estruturas com timbre aberto fortalecem as representações mentais do feixe de

exemplares com marcação dupla de determinadas lexias o que elevariam ainda mais as possibilidades de pluralização com essa estratégia em lexias com alta frequência de ocorrência.

5.1.2.4 Mesorregião

Numa oposição de dados de não marcação em comparação aos dados de marcação dupla e marcação única, percebeu-se que sinalizar o plural na lexia independentemente de qual estratégia seria adotada foi mais frequente no Sul Baiano com 92% (92/100) e na Região Metropolitana de Salvador com 88% (66/75). Esses índices de marcação indiferente caem no Nordeste Baiano para 80% (78/97) e há um empate em 79% desse recurso alternativo de pluralização no Centro Sul Baiano (92/116), no Vale Franciscano (78/99) e Extremo Oeste Baiano (73/92). No Centro Norte Baiano, a marcação indiferente não ultrapassou os 60% (66/110). Nesse sentido, numa observação a partir de todos os dados controlados no grupo em potencial contexto metafônico, conclui-se que a marcação indiferente apresenta maior representatividade do que a não marcação em todo território baiano e a não marcação é menos frequente no perímetro que acompanha o litoral baiano ao passo que a apresentaria maior expressividade ao centro do Estado da Bahia, na região do Centro Norte Baiano. De forma mais detalhada, observe-se a *Tabela 29*:

Tabela 29: Correlação entre *mesorregiões* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Centro Norte Baiano	47/110	43%	19/110	17%	44/110	40%
Centro Sul Baiano	76/116	65%	16/116	14%	24/116	21%
Extremo Oeste Baiano	41/92	44%	32/92	35%	19/92	21%
Metropolitana	51/75	68%	15/75	20%	9/75	12%
Nordeste Baiano	50/97	51%	28/97	29%	19/97	20%
Sul Baiano	66/100	66%	26/100	26%	8/100	8%
Vale Franciscano	52/99	53%	26/99	26%	21/99	21%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

Como se observou com todos os dados presentes na *Tabela 24*, a não marcação foi menos recorrente no Sul Baiano com 8% (8/100) dos resultados e na Região Metropolitana de Salvador com 12% (9/75) entre todos os registros computados. No sentido oposto, o Centro Norte Baiano se destacaria com a mesorregião com o maior percentual dessa estratégia com 40% (44/110) por motivos já sinalizados. No entanto, numa observação detalhada a partir de dados dos municípios, nota-se que Jacobina é a única localidade cujos percentuais de não marcação tecnicamente estão empatados com os índices de marcação indiferente (*Tabela 5, Apêndice G*). Aquela alternativa de marcação chegou aos 49% (44/90) de representatividade enquanto a marcação indiferente pontuou 51% (46/90).

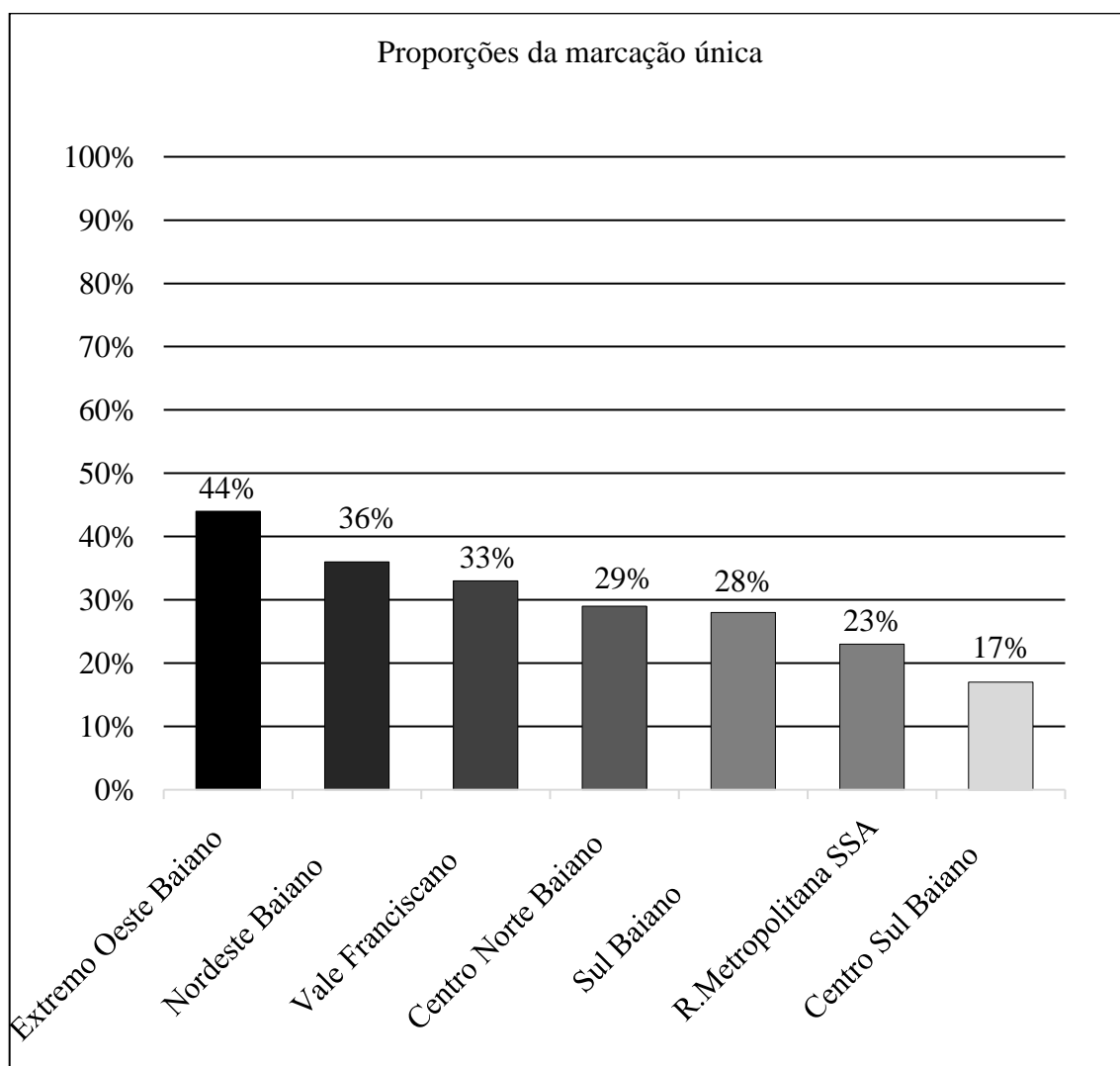
Em contrapartida, cabe observar que houve localidades do Estado da Bahia sem qualquer registro de não marcação a saber: Caetité, Itapetinga (Centro Sul Baiano); Santa Cruz Cabralia (Sul Baiano); Santo Amaro (Região Metropolitana de Salvador); Irecê e Itaberaba (Centro Norte Baiano). No entanto não se pode apresentar conclusões definitivas sobre esses resultados em comparação aos dados obtidos na amostra de Jacobina já que nessas últimas localidades citadas os dados registrados são inexpressivos, mas em comparação às demais localidades revisitadas com a aplicação do *QPP*, Jacobina também se destaca como o município com maior emprego da não marcação em potencial contexto metafônico (*Tabela 5, Apêndice G*).

Como notado na *Tabela 24*, praticamente são as mesmas mesorregiões com menor emprego da não marcação que justamente se destacaram no emprego da marcação dupla como ocorrido com a Região Metropolitana de Salvador com 68% (51/75) de marcação dupla e o Sul Baiano com 66% (66/100) de registros dessa estratégia. Finalmente, quanto a marcação única, essa estratégia foi mais recorrente no Extremo Oeste Baiano com 35% (32/92), seguida do Nordeste Baiano com 29% (28/97), Vale Franciscano com 26% (26/99), Sul Baiano com 26% (26/100), Região Metropolitana de Salvador com 20% (15/75), Centro Norte Baiano com 17% (19/110) e Centro Sul Baiano com apenas 14% (16/116). Assim sendo, apenas no Extremo Oeste Baiano com 35%, a marcação única apresentaria percentuais de representação superiores àqueles referentes à marcação dupla (44% 41/92) e a não marcação (21% ou 19/92).

Passando para observação dos resultados da rodada 2, as diferenças entre as proporções obtidas para a variável mesorregião pelo teste qui-quadrado se revelaram significativas. Não muito diferente da sequência dos primeiros resultados da marcação única apresentados na *Tabela 24*, os resultados para essa estratégia sinalizados pela rodada 2 apontam o Extremo Oeste Baiano também em primeiro lugar no emprego da marcação única, mas com percentual ainda mais elevado: 44% (32/73), seguida do Nordeste Baiano com 36% (28/78), Vale

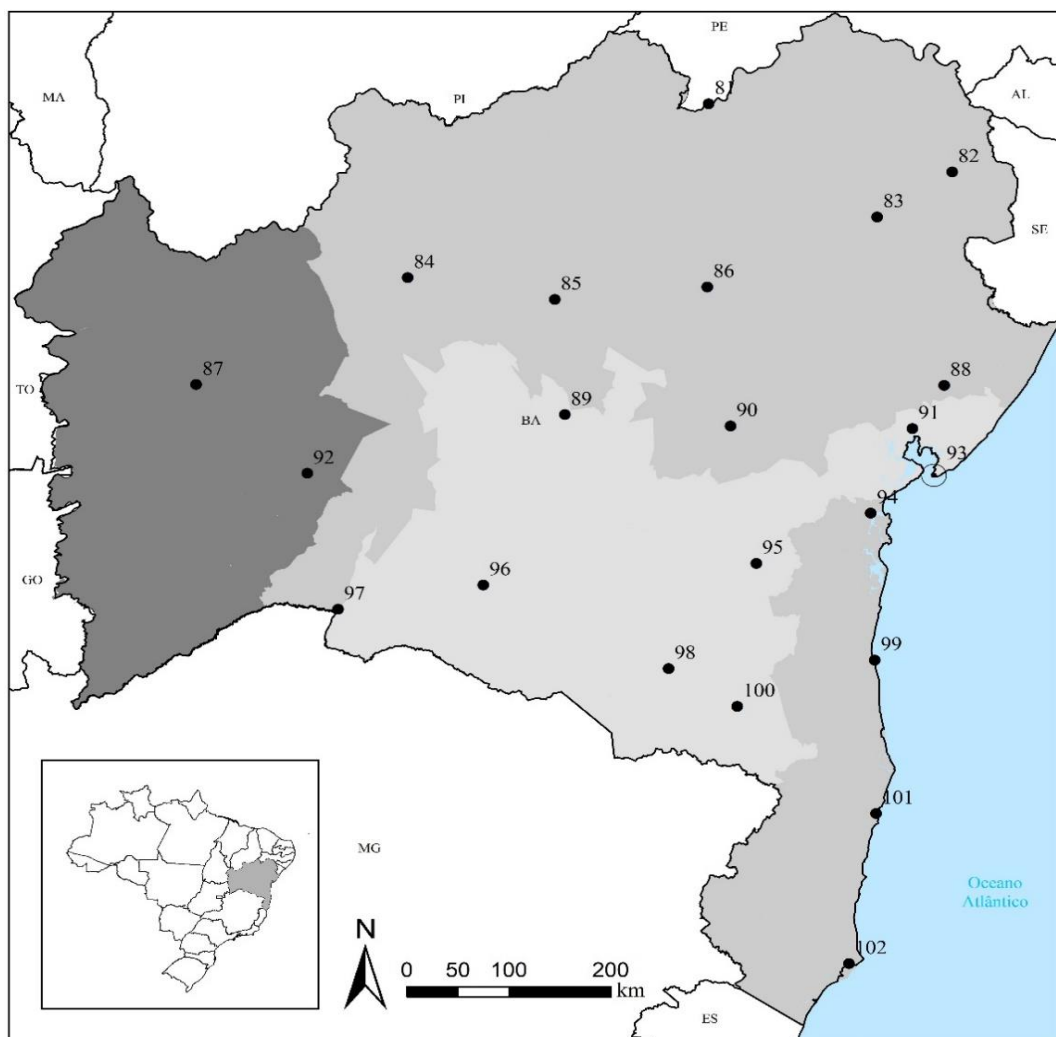
Franciscano com 33% (26/78). Praticamente empatadas, encontram-se o Centro Norte Baiano (29% ou 19/66) e o Sul Baiano (28% ou 26/92). Os menores índices dessa estratégia em comparação com a marcação dupla estão presentes na Região Metropolitana de Salvador (23% ou 15/66) e no Centro Sul Baiano (17% ou 16/92). Observem-se as apresentações desses resultados no *Gráfico 22* e possível proposta de áreas dialetais com variados índices de marcação única no Estado da Bahia a partir da observação da *Figura 27*.

Gráfico 22: Correlação entre *mesorregiões* e a realização da marcação única *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 15.927 (6) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Figura 27: Correlação entre as mesorregiões e a *marcação única* em potencial contexto metafônico



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 3

REALIZAÇÕES DA MARCAÇÃO ÚNICA

VERSUS A MARCAÇÃO DUPLA:

- Máximo de 44%
- Entre 28% e 36%
- Entre 17% e 23%

Pluralização de *caroço*, *forno*, *olho*, *osso*, *ovo*, *porco*, *posto* e *tijolo*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

A partir da junção de alguns percentuais obtidos no *Gráfico 22*, pode-se estabelecer três eventuais faixas de frequência de uso da marcação única distribuídas pela malha de pontos em observação. Dessa forma, ao observar a *Carta 3 (Figura 27)*, percebe-se que a marcação única apresentou 44% de possibilidade de ocorrer no Extremo Oeste Baiano, entre 28% e 36% nas mesorregiões que se estende desde o Vale Franciscano, espraiando-se pelo Centro Norte Baiano, Nordeste Baiano e acompanha parte do litoral pelo Sul Baiano. Já a faixa que se estende da Região Metropolitana até o Centro Sul Baiano, esse percentual recua para a faixa de realização da marcação única entre 17% e 23%.

Como se notou com a apresentação dos resultados da rodada 1 dispostos na *Carta 2 (Figura 26)*, a não marcação foi mais frequente sobretudo no Centro Norte Baiano (faixa alta: máximo de 48%), mas na faixa intermediária (28% a 32%) foi seguida pelo Extremo Oeste Baiano que atingiu o percentual mais elevado nesta faixa, logo essas mesorregiões, mesmo em faixas distintas, foram aquelas com maior percentual de não marcação. Em situação similar, na rodada 2 (*Carta 3, Figura 26*), a marcação única também foi mais recorrente no Extremo Oeste Baiano. Nesse sentido, a não marcação e a marcação única se revelaram mais frequente em mesorregiões distantes do perímetro onde se localizam o maior número de centros urbanos com a maior densidade demográfica (entre 100.001 e 500.000 habitantes) como se observou na *Figura 21*. Evidências dessa correlação entre maior densidade demográfica associada a desenvolvimento socioeconômico (*Figuras 22, 23, 24 e 25*) diretamente proporcional maior emprego da marcação dupla em detrimento do emprego da não marcação ou mesmo da marcação única pode ser constatada pelo maior emprego da marcação dupla justamente na Região Metropolitana de Salvador cujo polo apresenta a maior densidade demográfica do Estado da Bahia (2.439.823 habitantes).

Também se notou o predomínio da marcação dupla no Sul Baiano e Centro Sul Baiano na rodada 1 e igualmente nesta mesorregião na rodada 2, o que reforçaria a tese de que perímetros próximos ao litoral baiano formariam áreas dialetais com maiores probabilidades de emprego da marcação dupla. Em sentido contrário, mesorregiões que se limitam ou são compostas por grande número de municípios com baixa densidade demográfica a exemplo do Centro Norte Baiano e do Extremo Oeste Baiano ou mesmo formadas por municípios com grandes extensões territoriais como neste caso, estariam mais suscetíveis ao maior emprego de formas alternativas de pluralização que não a marcação dupla já que ainda são áreas do Estado da Bahia onde a demanda por ocupações que visam ao contato com o público ou a cultura escrita não é tão comum como nos grandes centros urbanos onde atividades do comércio, indústria,

turismo e entretenimento desenvolveriam, grosso modo, um comportamento linguístico mais próximo da norma culta.

5.1.2.5 Amostra/ano

Quanto à variável amostra, nota-se que em dados gerais, numa comparação levando em consideração a oposição não marcação *versus* marcação dupla e marcação única, estas estratégias juntas obtiveram de 90% (184/204) dos dados na amostra do *Projeto ALiB* e 74% (361/485) na amostra do *QPP*. A princípio, com nessa configuração de análise binária, a marcação indiferente obteve 16 pontos percentuais entre os dados do *Projeto ALiB*. Igualmente na rodada 1 como já observado, ao considerar apenas a oposição não marcação *versus* marcação dupla, esta estratégia isolada foi favorecida e com diferença superior entre os percentuais (25%) em favor da amostra do *Projeto ALiB*.

Numa perspectiva ternária, pode-se notar um equilíbrio entre os percentuais da não marcação e da marcação única nas duas amostras quando analisadas separadamente. A diferença expressiva ocorre quando tais estratégias são comparadas à marcação dupla em ambas as amostras. Confira-se a *Tabela 30*:

Tabela 30: Correlação entre amostra e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

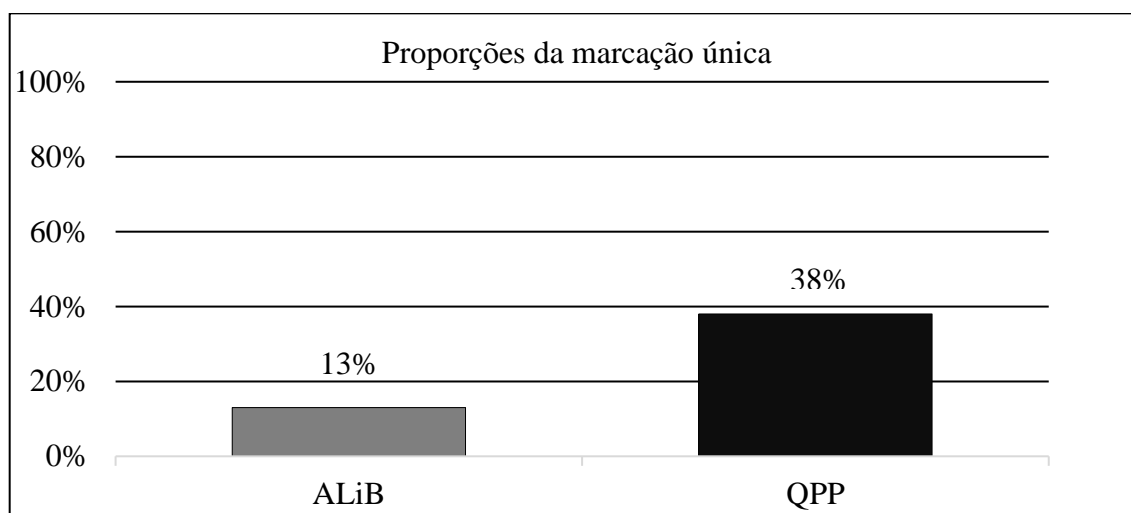
Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	160/204	78%	24/204	12%	20/204	10%
<i>QPP</i>	223/485	46%	138/485	28%	124/485	26%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

Conferindo os dados da *Tabela 30*, na amostra *ALiB*, houve 12% (24/204) de marcação única e 10% (20/204) de não marcação. A distância entre os percentuais só se eleva quando comparados à marcação dupla que obteve 78% (160/204) dos registros. Na segunda amostra, constataram-se 46% (223/485) marcação dupla, 28% (138/485) de marcação única e 26% (124/485) de não marcação. Dessa forma, na amostra *QPP*, mesmo com índices diferentes, a sequência dessas proporções bem como o distanciamento se mantém análogo à amostra *ALiB*.

Na rodada 2, ao comparar dados de marcação dupla e marcação única, aquela marcação atingiu 87% (160/184) de ocorrência na amostra do *Projeto ALiB* e apenas 62% (223/361) na amostra do *QPP*. A princípio, corroborando a relevância dessa diferença de 25% pontos percentuais, o teste qui-quadrado sinalizou como significativa ($\chi^2 = 10.363$ (1) p. <0.5) a diferença entre os percentuais de realização da marcação única em favor da amostra do *QPP* nesse mesmo processamento estatístico. Essa diferença pode ser visualizada no *Gráfico 23*:

Gráfico 23: Correlação entre amostra/ano e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 10.363$ (6) p. < 0.5



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no *Gráfico 23*, a marcação única não seria predominante em nenhuma das amostras controladas, no entanto, na amostra do *Projeto ALiB*, essa realização seria ainda menos recorrente. Nesta rodada, essa estratégia chegou a atingir 38% (138/361) dos dados do *QPP* ao passo que não ultrapassou os 13% (24/184) na amostra do *Projeto ALiB*. No entanto, assim como se observou anteriormente nos resultados do emprego da não marcação mais recorrente na amostra do *QPP* em oposição à marcação dupla nos resultados da rodada 1, pode-se justificar que o maior emprego da marcação única observado na rodada 2 também esteja diretamente relacionado à natureza das amostras, que são parcialmente intercomparáveis. Portanto, para tornar as amostras mais intercomparáveis – assim como na rodada 1, como próximo passo –, será necessário comparar apenas os dados coletados nos mesmos municípios das duas amostras. Confira-se nova formatação na *Tabela 31*:

Tabela 31: Correlação entre cidades em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	40/46	87%	6/46	13%
<i>QPP</i>	223/361	62%	138/361	38%
Total geral	263/407	65%	144/407	35%

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar na *Tabela 31*, mesmo levando em consideração apenas as sete cidades em comum nas duas amostras (Salvador, Alagoinhas, Jacobina, Juazeiro, Ilhéus, Barreiras e Vitória da Conquista), a diferença entre os percentuais de realização da marcação única não só sinalizou um menor emprego dessa estratégia na amostra do *Projeto ALiB* como já havia demonstrado o *Gráfico 23* como também os percentuais se mantiveram iguais aos apresentados quando se controlaram os dados das 22 localidades tomadas como amostra na rodada 2: 13% (6/46) de marcação única na amostra do *Projeto ALiB* e 38% (138/361) na amostra do *QPP*. Dessa forma, julgou-se necessário tornar as amostras ainda mais intercomparáveis, analisando-se apenas as lexias *olho* e *ovo* nesses municípios em comum. Veja-se a *Tabela 32*:

Tabela 32: Correlação entre as principais lexias controladas nas cidades em comum nas amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Fatores	Lexia	Marcação dupla		Marcação única	
		freq.	%	freq.	freq.
<i>ALiB</i>	Olho	30/35	86%	5/35	14%
	Ovo	9/10	90%	1/10	10%
Total parcial		39/45	87%	6/45	13%
<i>QPP</i>	Olho	45/61	74%	16/61	26%
	Ovo	64/66	97%	2/66	3%
Total parcial		109/127	86%	18/127	14%

Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente do resultado apresentado tanto no *Gráfico 23* quanto na *Tabela 31*, ao observar-se os destaques da *Tabela 32*, nota-se que a diferença de 25 pontos percentuais constatada inicialmente a favor da marcação única na amostra do *QPP* quando se levou em consideração apenas as lexias *olho* e *ovo* nesta tabela, passa à condição de tecnicamente inexistente quando se observa os totais parciais da amostra do *QPP* com 14% (18/127) de marcação única e do *Projeto ALiB* com 13% (6/45) de registros dessa estratégia. No entanto, quando se observa os percentuais das lexias isoladamente com melhor distribuição dos dados na *Tabela 32*, merece atenção a lexia *olho* uma vez que no *QPP* houve 26% (16/61) de marcação única e no *Projeto ALiB* apenas 14% (5/35) dos registros dessa pluralização. Portanto, intuitivamente se entende que o que distingue a marcação única nas duas amostras ou períodos distintos seria a pluralização da lexia *olho* correlacionada eventualmente a outras variáveis. O espraiamento da pluralização [o]lhos pode ser mais bem compreendida com a observação da *Tabela 33*:

*Tabela 33: Correlação entre a lexia olho, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico*³¹²

Amostra	Nível de escolaridade	Marcação dupla		Marcação única	
		freq.	%	freq.	freq.
ALiB	Fundamental 1	16/20	80%	4/20	20%
	Fundamental 2	14/15	93%	1/15	7%
Total parcial		30/35	86%	5/35	14%
QPP	Fundamental 1	5/14	36%	9/14	64%
	Fundamental 2	40/47	85%	7/47	15%
Total parcial		45/61	74%	16/61	26%

Fonte: Elaboração própria.

Por fim com a observação dos destaques da *Tabela 33*, pode-se notar que a marcação única da lexia *olho* em particular é mais frequente em ambas as amostras no ensino fundamental 1, todavia é na segunda amostra que esse percentual se eleva significativamente como já constatado anteriormente. Na amostra do *Projeto ALiB*, houve 20% (4/20) de marcação única

³¹² Outras variáveis foram cruzadas com a lexia *olho*, mas apenas essas apresentadas na tabela obtiveram resultados relevantes. Essa tabela visa a um recorte apresentando apenas a pluralização da lexia *olho*. Dados da lexia *ovo* encontram-se na *Tabela 7, Apêndice F*.

no ensino fundamental 1 e 64% (9/14) na amostra do *QPP* nesse mesmo nível de escolaridade. Ademais, levando em consideração os dados da amostra contemporânea, desses 16 dados de [o]lhos em destaque, nenhum foi registrado na fala de informantes da Região Metropolitana de Salvador (0/9) ou do Sul Baiano (0/8). Já no interior do Estado da Bahia, a marcação única da lexia *olho* foi notada em 71% (5/7) dos dados do Extremo Oeste Baiano, 60% (3/5) no Nordeste Baiano, 36% (4/11) no Centro Norte Baiano, 33% (3/9) no Vale Franciscano e 17% (1/6) dos registros observados na Região do Centro Sul.

Por tudo o que foi exposto sobre a correlação entre a variável amostra e a realização da marcação única em oposição à marcação dupla, entende-se que só seria mais bem compreendida com amostras mais robustas e com distribuição satisfatória dos dados. No entanto se pode concluir a partir dos últimos resultados apresentados nesta subseção que a lexia *olho*, em particular, apresentou um aumento na probabilidade de pluralização com marcação única na fala da nova geração baiana sobretudo entre os informantes com menor nível de escolaridade e numa área dialetal que não compreende o perímetro litorâneo do Estado da Bahia.

5.1.2.6 Faixa etária

Levando em consideração os dados gerais, na oposição não marcação *versus* marcação dupla e marcação única, a pluralização indiferente totalizou igualmente de 79% dos dados na amostra da faixa etária 1 (254/322) bem como entre os informantes da faixa etária 2 (291/367). Quando se observam os percentuais separadamente, percebe-se que a distância efetiva ocorre na representatividade da marcação dupla em relação às demais estratégias. Confere-se *Tabela 34*:

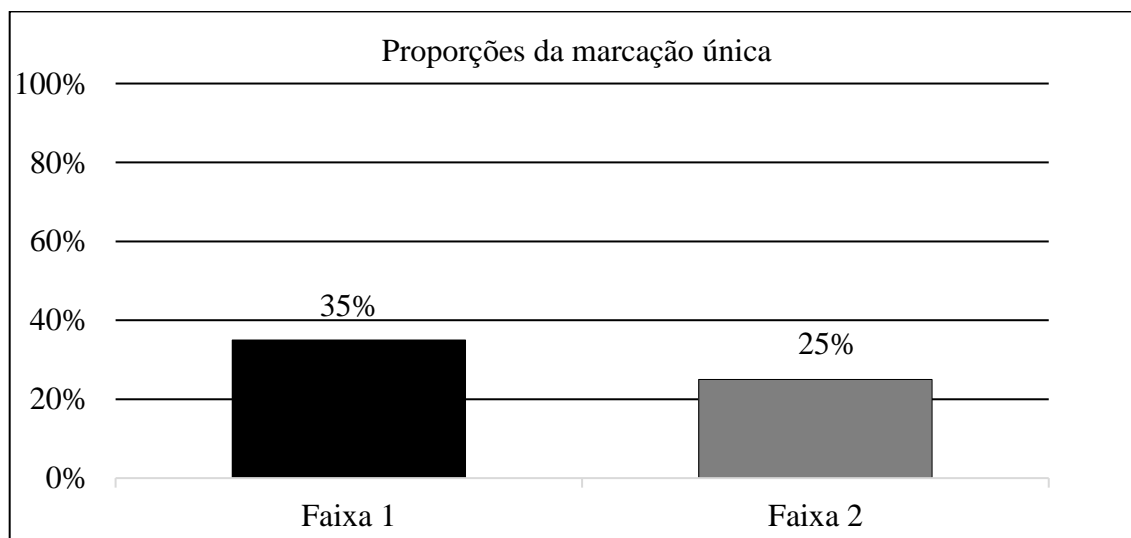
Tabela 34: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	166/322	52%	88/322	27%	68/322	21%
Faixa 2	217/367	59%	74/367	20%	76/367	21%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

Fonte: Elaboração própria.

Como notado com a observação das três variantes resposta dispostas na *Tabela 34*, a não marcação apresentou igualmente 21% dos dados entre os informantes da faixa etária 1 (68/322) e informante da faixa etária 2 (76/367). Esses percentuais se aproximam daqueles obtidos para a marcação única: 27% (88/322) entre os informantes da faixa etária 1 e apenas 20% (74/367) na faixa etária 2. Já para a marcação dupla, os índices se elevam em ambas as faixas: 52% (166/322) entre os informantes da faixa etária 1 e apenas 59% (217/367) na faixa etária 2. Dessa forma, com os resultados panorâmicos, nota-se que ambas as faixas preteriram a não marcação na mesma proporção e preferiram sobretudo a marcação dupla. Assim, a principal distinção no comportamento linguístico dos informantes para com a marcação de plural em potencial contexto metafônico se evidenciaria na proporção de marcação única em relação à marcação dupla. Observe-se *Gráfico 24*:

Gráfico 24: Correlação entre *faixa etária* e a realização da marcação única *versus* marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 6.7911 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como percebido no *Gráfico 24*, na comparação com a marcação dupla, a marcação única totalizou 35% (88/254) dos dados realizados pelos informantes da faixa etária 1 e 25% (74/291) entre aqueles da faixa etária 2. Nesse sentido, assim como ocorrido na rodada 1, na rodada 2, a marcação dupla também foi mais frequente na amostra da faixa etária 2 ao passo que a não marcação assim como a marcação única se revelaram mais frequentes na faixa etária 1 como se observou, respectivamente, com os resultados da rodada 1 e da rodada 2. Assim sendo, no grupo em potencial contexto metafônico, a faixa etária 2 demonstrou um comportamento linguístico

mais conservador uma vez que esses informantes realizaram ainda mais a marcação esperada em comparação a amostra formada por informantes da faixa etária 1. No entanto vale ressaltar que nem em todos os grupos controlados, a variável faixa etária se revelou significativa. Ademais, a preferência pela não marcação na rodada 1 e por determinadas estratégias nas rodadas 2 podem variar entre de faixa etária conforme o grupo controlado.

5.1.2.7 Nível de escolaridade

Ao observar os dados gerais, a não marcação representou 29% (63/216) dos registros dos informantes que cursaram o ensino fundamental 1 e apenas 17% (81/473) dos dados de informantes que cursaram o ensino fundamental 2. Assim, a pluralização indiferente totalizou 71% (153/216) dos registros entre os informantes que cursaram o ensino fundamental 1 e 83% (392/473) das realizações entre os informantes que cursaram o ensino fundamental 2. Já nesta perspectiva, percebe-se que a elevação da marcação indiferente está diretamente relacionada à elevação do nível de escolaridade da amostra analisada. Passando à observação da marcação nos núcleos dos SNs de forma independente, nota-se que a marcação dupla é a estratégia mais recorrentes nas duas amostras, mas sobretudo entre os informantes que cursaram o ensino fundamental 2. Confira-se a *Tabela 35*:

Tabela 35: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	97/216	45%	56/216	26%	63/216	29%
Fundamental 2	286/473	61%	106/473	22%	81/473	17%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

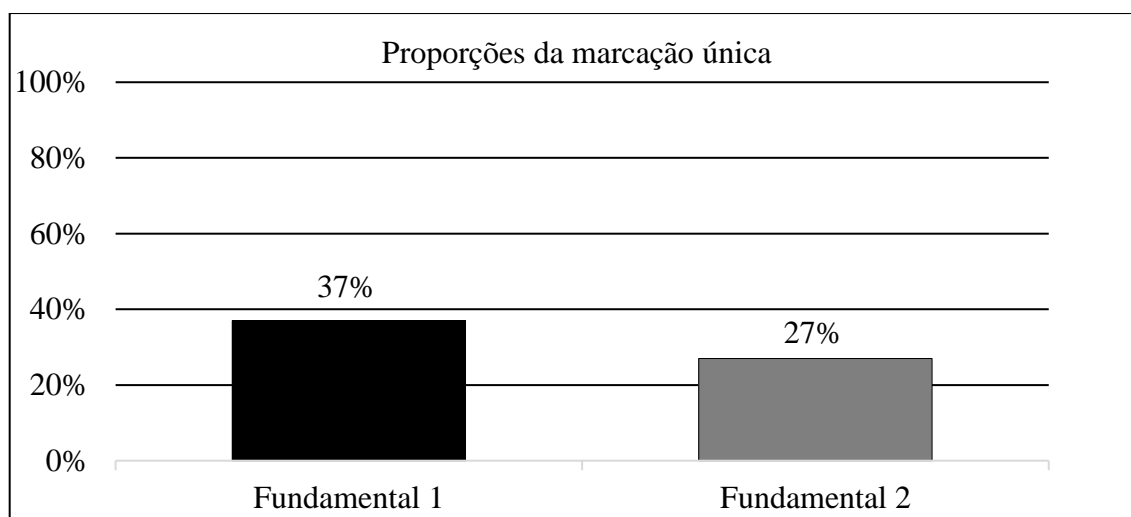
Fonte: Elaboração própria.

Com os resultados obtidos na *Tabela 35*, pode-se comprovar a hipótese inicial de que o emprego da marcação dupla seria diretamente proporcional ao nível de escolaridade do informante. Ademais, o maior emprego da marcação única e da não marcação se revelaram inversamente proporcional ao nível de escolaridade do informante. Dessa forma, como se observou na *Tabela 35*, a marcação dupla lidera com 61% (286/473) na amostra composta por

informantes que cursaram o ensino fundamental 1 e representa apenas 45% (97/216) dos dados daqueles informantes que cursaram o ensino fundamental 2.

Também se nota na *Tabela 35*, que dentro de cada nível de escolaridade, a diferença entre a marcação única e a não marcação não se revelou tão expressiva: no fundamental 1, a marcação única totalizou 26% (56/216) e a não marcação 29% (63/216) já no fundamental 2, a marcação única representou 22% (106/473) dos registros e a não marcação 17% (81/473). Portanto, dentro de cada nível de escolaridade, a marcação única e a não marcação apresentariam praticamente o mesmo nível de representação no léxico mental dos informantes diferentemente da representação mental dos feixes de exemplares compostos por itens com marcação dupla. Estes feixes de exemplares não só seriam mais robustos na representação mental das duas amostras como seriam acessados automaticamente sobretudo entre os informantes como maior exposição à educação formal. Numa perspectiva que considera apenas as marcações nos núcleos dos SNs, o nível de escolaridade também apresentou significativa correlação com o emprego da marcação única. Observe-se o *Gráfico 25*.

Gráfico 25: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 93.266 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstrado no *Gráfico 25*, quando se trata das marcações nos núcleos dos SNs, a marcação dupla amplia ainda mais sua liderança em relação à marcação única: 63% (97/153) dos registros dos informantes com nível fundamental 1 e até 73% (286/392) das realizações entre aqueles com nível fundamental 2. Assim a marcação única obteve 37%

(56/153) dados naquela amostra e apenas 27% (106/392) das nesta amostra. Além do maior emprego da marcação única como notado entre os menos escolarizados, esses percentuais podem ainda se elevar conforme a lexia pluralizada. Comparem-se os principais dados em destaques da *Tabela 36* com os complementares na *Tabela 37*:

Tabela 36: Correlação entre nível de escolaridade, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Nível de escolaridade	Lexia	Marcação dupla		Marcação única	
		freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	Caroço	1/9	11%	8/9	89%
	Forno	1/13	8%	12/13	92%
	Olho	66/87	76%	21/87	24%
	Osso	3/5	60%	2/5	40%
	Ovo	21/24	88%	3/24	12%
	Porco	2/6	33%	4/6	67%
	Posto	-	-	-	-
	Tijolo	3/9	33%	6/9	67%
Total parcial		97/153	63%	56/153	37%
Fundamental 2	Caroço	24/44	55%	20/44	45%
	Forno	3/60	5%	57/60	95%
	Olho	109/121	90%	12/121	10%
	Osso	36/39	92%	3/39	8%
	Ovo	60/60	100%	0/60	0%
	Porco	28/30	93%	2/30	7%
	Posto	9/13	69%	4/13	31%
	Tijolo	17/25	68%	8/25	32%
Total parcial		383/545	70%	162/545	30%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 37: Correlação entre *nível universitário*, *lexia* e a realização da marcação dupla *versus* marcação única em potencial contexto metafônico

Lexia	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
Caroço	6/11	55%	5/11	45%
Forno	10/22	45%	12/22	55%
Olho ³¹³	17/17	100%	-	-
Oso	7/7	100%	-	-
Ovo	14/14	100%	-	-
Porco	5/5	100%	-	-
Posto	4/4	100%	-	-
Tijolo	4/5	80%	1/5	20%
Total parcial	67/85	79%	18/85	21%

Fonte: Elaboração própria.

Embora os dados dos oito informantes com nível universitário não tenham sido processados por razões já expostas, pode-se perceber que nos totais parciais dessa amostra, há ainda mais a elevação dos índices de marcação dupla: de 63% no fundamental 1 e 70% no fundamental 2, como já relatado (cf. *Gráfico 18*), para 79% (67/85) ao passo que a marcação única passou a ser reduzida de 37% da amostra do fundamental 1 e 30% no fundamental 2 chegando a apenas 21% (18/85) entre os informantes com nível universitário. No entanto, com o cruzamento das variáveis nível de escolaridade e *lexia* com essa amostra complementar, pode-se avaliar essa distribuição da marcação única em *lexias* distintas não só em uma amostra do português popular³¹⁴, com também do português culto.

Nesse sentido, notou-se que na amostra do português popular enquanto a marcação única atingiu todas as *lexias* da amostra do fundamental 1, no fundamental 2 já não houve nenhum dado dessa pluralização para a *lexia ovo*. No português culto da cidade de Salvador, cinco dessas

³¹³ *Olho* foi a única *lexia* na amostra complementar com universitários que apresentou realização de não marcação (1/17).

³¹⁴ Neste trabalho, entende-se por *português popular* o comportamento linguístico dos informantes do ensino fundamental 1 e 2. A amostra do *português culto* é aquela cujos informantes possuem nível superior e moram em espaço urbano como já pontuado quando se tratou do *Projeto NURC*.

lexias (*olho, osso, ovo, porco e posto*) inibiram de forma categórica o emprego dessa estratégia de pluralização conforme se observou na *Tabela 37*.

Assim, entre os informantes com nível universitário, apenas três lexias foram pluralizadas com a marcação única: *forno* com 55% (12/22) dos dados, *caroço* com 45% (5/11) e *tijolo* com apenas 20% (1/5) das realizações como percebido na *Tabela 37*. Assim sendo, entende-se que na fala culta a lexia *forno* apresentaria uma oscilação eventualmente estável quanto a sua pluralização e *caroço* segue nessa direção. No entanto aquela lexia mais que esta, estaria liderando essa migração da marcação dupla para a marcação única mesmo numa amostra culta, pois além de ser classificada como de frequência de ocorrência na própria amostra ainda mais baixa que *caroço*, também apresentaria baixa *proximidade imediata* já que o referencial *forno* dificilmente é observado e referido de forma plural nos lares ou em outros espaços visitados pelos informantes controlados entre outros aspectos já citados (cf. subseção 4.1.2.3).

Já entre os informantes que compõem as amostras do português popular, a limitada diferença entre os níveis de escolaridade parece não inibir o emprego da marcação única para a lexia *forno* já que o plural *f[o]rnos* ocorreu em 92% (12/13) das realizados dos informantes do fundamental 1 e em 95% (57/60) daqueles do fundamental 2. No entanto, na amostra do português popular, essa relativa diferença entre os níveis de escolaridade pode inibir a realização da marcação única entre os informantes com maior exposição à educação formal quanto ao plural de *caroço* já que *car[o]ços* foi registrado em 89% (8/9) dos dados dos informantes do fundamental 1 e em apenas 45% (20/44) daqueles do fundamental 2 como notado na *Tabela 36*.

Pelo exposto, entende-se que a migração da marcação conservadora para a marcação inovadora é atenuada pelo fator escolaridade uma vez que, entre os informantes com maior nível de escolaridade, o emprego da marcação única é significativamente menor do que entre aqueles com menor nível de escolaridade. Ademais, pelas observações complementares, percebeu-se que a depender da frequência de ocorrência, algumas lexias favorecem essa migração até em amostra do português culto. Dessa forma, em princípio, comprova-se a hipótese inicial de que no grupo em potencial contexto metafônico o emprego da marcação dupla seria mais frequente entre os informantes com maior nível de educação formal, pois entre eles a exposição à pluralização com marcação dupla seria mais recorrente devido ao maior convívio com a cultura erudita.

5.1.2.8 Grau de monitoramento

Quando se observa, em princípio, apenas a concordância nominal por meio da oposição marcação dupla e marcação única em oposição à não marcação como uma variante resposta, obtém-se 92% (209/228) de pluralização indiferente em contextos de maior monitoramento e 73% (336/461) em contextos de menor monitoramento, de sorte que houve apenas 8% (19/228) de emprego de não marcação naquele contexto e 27% (125/461) neste contexto. Embora essa análise não fora submetida a testes estatísticos, entende-se que o contexto com maior formalidade favoreça ainda mais a dupla ou única marcação e acentue a inibição da não marcação como pode ser notado na *Tabela 38*:

Tabela 38: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Fatores	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	239/461	52%	97/461	21%	125/461	27%
Maior	144/228	63%	65/228	29%	19/228	8%
Total geral	383/689	56%	162/689	23%	144/689	21%

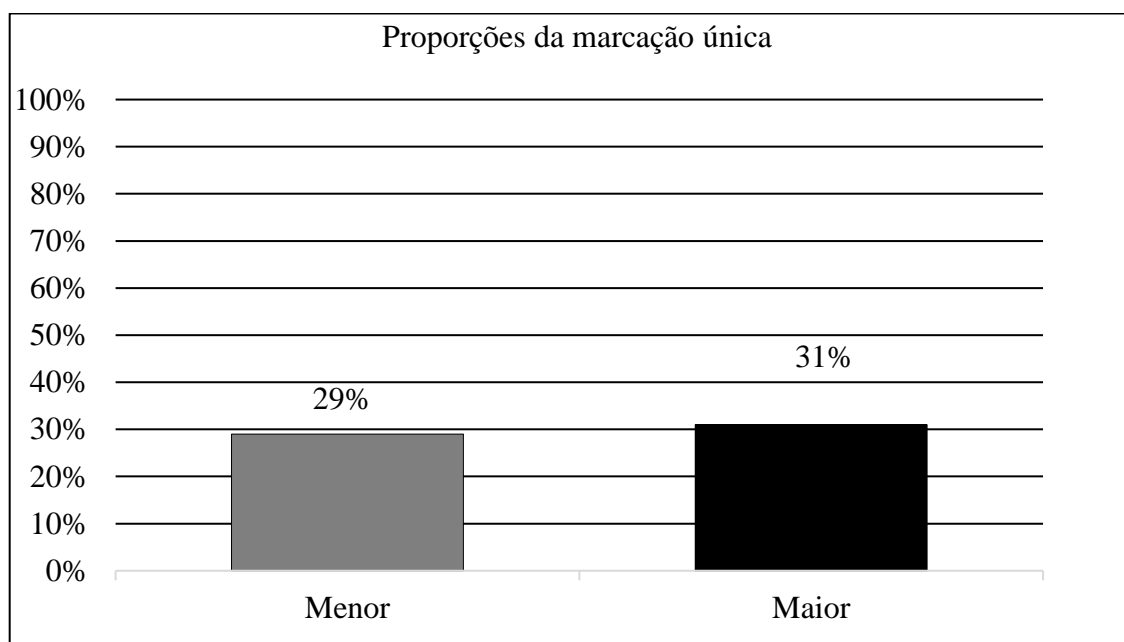
Fonte: Elaboração própria.

Observando os três padrões de plural de forma independente na *Tabela 38*, nota-se que o percentual mais elevado de representatividade de marcação de plural ocorre no maior grau de monitoramento com 63% (144/228) das ocorrências. Também é nesse grau de monitoramento que se apresenta o menor índice entre as marcações dispostas na *Tabela 38*: 8% (19/228) de não marcação. Essa diferença de 55 pontos percentuais é a mais expressiva entre os percentuais apresentados. Nesse sentido, quando o informante se encontrou numa situação de maior monitoramento na aplicação do questionário, a marcação dupla foi a alternativa mais recorrente e/ou majoritária, seguida da marcação única e, por fim, a não marcação se torna a pluralização preterida devido a sua inexpressiva representatividade em situações de maior tensão.

Ao passar-se para uma análise considerando apenas a marcação nos núcleos dos SNs, nota-se um aparente empate técnico entre as proporções da estratégia não padrão, no entanto a

submissão dos dados dessa análise ao teste qui-quadrado classificou como significativa essa ligeira diferença entre as proporções ($\chi^2 = 23.564$ (1) p. < 05). Confira-se o *Gráfico 26*:

Gráfico 26: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização da *marcação única versus marcação dupla* em potencial contexto metafônico
 $\chi^2 = 23.564$ (1) p. < 0.5



Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito à variável grau de monitoramento, novamente esse fator se mostrou relevante na rodada 2. No entanto, enquanto a diferença entre os percentuais da rodada 1 foi expressiva inibindo a não marcação em contextos com maior monitoramento, na rodada 2, isso não ocorreu com a mesma expressividade considerando a marcação única no mesmo contexto de monitoramento. Pela observação do *Gráfico 26*, percebe-se como é discreta a diferença de proporções de marcação única entre os graus de monitoramento. Essa estratégia de marcação totalizou 29% (97/336) de realizações em contextos de menor monitoramento e 31% (65/209) em contextos com maior monitoramento, logo a marcação dupla obteve 71% (239/336) de sua ocorrência em situações de menor monitoramento e 69% (144/209) em situações com maior monitoramento. Dessa forma, a princípio, entender-se-ia que quando se eleva o grau de monitoramento num contexto de interação verbal, haveria uma tímida, porém relevante elevação da marcação única do ponto de vista estatístico.

Nesse sentido, quando se pareiam os *Gráfico 17* e *Gráfico 26*, percebe-se que a marcação dupla é mais recorrente em contexto de maior monitoramento na rodada 1 (88%) do que em

relação à rodada 2 (69%). Dessa comparação, infere-se que em situações mais formais, a não marcação não goza de uma avaliação positiva ao passo que a marcação única surge como uma efetiva alternativa intermediária legítima entre os extremos em cujo limite de melhor avaliação estaria marcação dupla como já sinalizavam as gradativas percentagens demonstradas na *Tabela 38*. No entanto, quando se busca uma análise a partir de uma melhor distribuição das lexias por grau de monitoramento, nota-se que a(s) variável(is) lexia e/ou frequência de ocorrência interage(m) com a variável grau de monitoramento na rodada 2 como se pode verificar na *Tabela 39*:

Tabela 39: Correlação entre grau de monitoramento/ parte do questionário e lexia e a realização da marcação única versus marcação dupla em potencial contexto metafônico³¹⁵

Fatores	Marcação dupla		Marcação única	
	freq.	%	freq.	%
Ovo	64/68	94%	4/68	6%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	35/36	97%	1/36	3%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	29/32	91%	3/32	9%
Olho	45/53	85%	8/53	15%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	25/32	78%	7/32	22%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	20/21	95%	1/21	5%
Caroço	23/52	44%	29/52	56%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	6/33	18%	27/33	82%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	17/19	89%	2/19	11%
Forno	4/30	13%	26/30	87%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	-	-	21/21	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	4/9	44%	5/9	56%
Total geral	136/203	67%	67/203	33%

Fonte: Elaboração própria.

³¹⁵ Tabela completa com informações sobre a não marcação está disponível no Apêndice F (*Tabela 12*).

A proposta de cruzamento das variáveis presentes na *Tabela 39* surgiu da observação do *Apêndice A*, pois das 8 lexias controladas no grupo em potencial contexto metafônico, apenas 4 delas estão dispostas no momento mais tenso do *QPP (Parte 3)*: *caroço*, *forno*, *ovo* e *olho*. Ademais, *caroço* e *forno* são as únicas lexias com frequência de ocorrência baixa em toda amostra, mas representam apenas 25% (2/8) das lexias controladas no momento menos tenso do *QPP (Parte 1)*, mas, como já citado, elas representam 50% das lexias da *Parte 3*. Nesse sentido, em princípio, haveria mais possibilidades de redução dos percentuais da marcação dupla em favor da marcação única na rodada 2 mesmo no maior grau de monitoramento, pois parte substancial da amostra desse grau encontra-se na *Parte 3* do *QPP*.

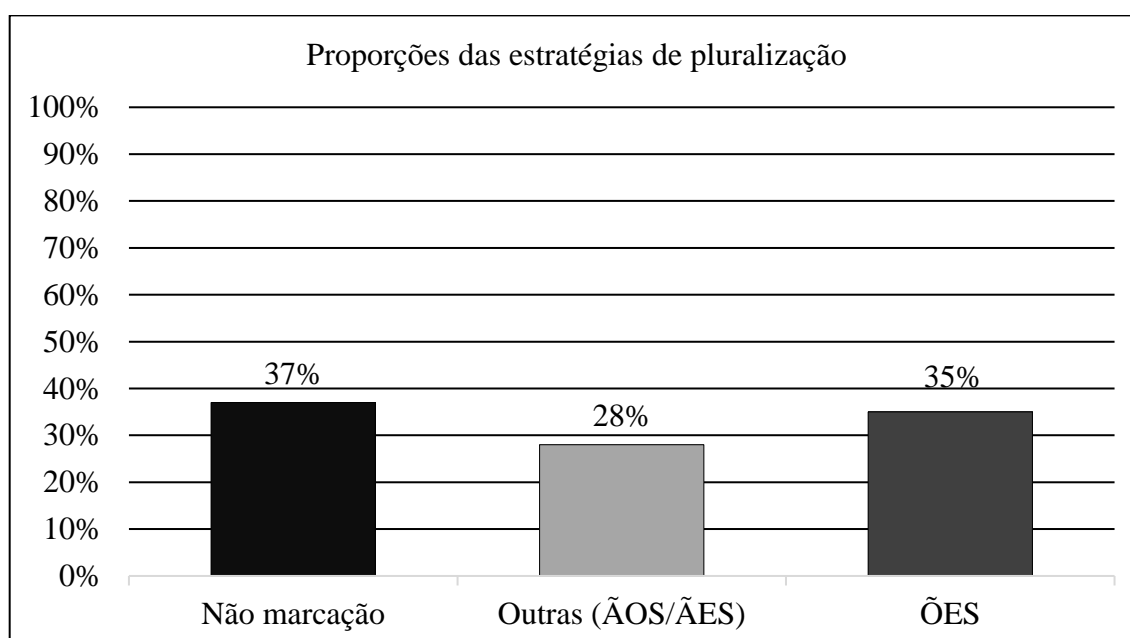
Para comprovar as evidências expostas, quando se passou a comparar apenas as quatro lexias presentes na *Parte 3* do *QPP (Tabela 39)*, apenas *ovo* (com pouco dados) segue a tendência de elevação da marcação única no momento do inquérito com maior grau de monitoramento. Para as demais lexias, a marcação única se reduz quando as pluralizações são realizadas em situação mais tensa. Respectivamente, os percentuais da marcação única foram reduzidos do momento de menor monitoramento para maior monitoramento em *forno* de 100% (21/21) para 56% (5/9), em *caroço* de 82% (27/33) para 11% (2/9) e em *olho* de 22% (7/32) para 5% (1/21), logo fica evidente a correlação entre maior grau de monitoramento e maior inibição da marcação única. Assim sendo, marcação de plural em potencial contexto metafônico se caracterizaria com um marcador e não um indicador, já que os informantes da amostra têm consciência desse capital linguístico ao reduzirem os índices de marcação única em momentos que se percebem avaliados. Ademais, por se tratar de um marcador, a pluralização desse subgrupo é também favorecida por estratificação social e estilística com visto até então, sobretudo nesta última análise da variável grau de monitoramento.

Os resultados da rodada 1 e 2 bem como outros apresentados de forma complementar ao longo dessa subseção sinalizam o quão importante é considerar a correlação entre variáveis de naturezas distintas e, em algumas considerações, refletir sobre a importância de variáveis complementares mesmo que não controladas estatisticamente como aquelas arroladas na metodologia. Pelos resultados obtidos nessas duas rodadas estatísticas somadas as análises complementares, notou-se que apenas a variável sexo não manteve correlação com a realização da marcação dupla em relação às demais marcações e contato com o público em mercado de trabalho parcialmente se revelou significativa, pois apresentou correlação entre o maior contato do informante com o público no trabalho e elevação da marcação dupla apenas em relação à não marcação.

5.2 O PLURAL DE LEXIAS TERMINADAS EM *-ÃO*

Diferentemente da natureza dos dados registrados nos subgrupos em contextos metafônicos, o grupo de lexias com terminação no grafema <-ão> não apresentou diversidade de padrões de representação salvo duas exceções de registros da pluralização *cidadãs*³¹⁶. Nesse sentido, a marcação de plural no grupo de lexias com terminação em *-ão* se revelou menos diversificada já que as estratégias para pluralização desse grupo se limitaram à não marcação ou às marcações com *-ões*, *-ães* e *-ãos*. Removidos esses dois dados, a amostra geral passou a ser composta por 1197 registros que também foram processados no programa R. Inicialmente com a observação panorâmica dos dados, pode-se constatar que a marcação indiferente na própria lexia representa 63% (753/1197) das ocorrências e a não marcação, 37% (444/1197) dos dados controlados. No entanto essa estratégia se revela como aquela predominante quando mais variantes respostas foram analisadas pelo teste qui-quadrado como se pode verificar no *Gráfico 27*:

Gráfico 27: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 18.451 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

³¹⁶ Os registros *duas cidadãs* foram realizados pelo mesmo informante (111), da cidade de Vitória da Conquista (amostra *QPP*).

Como visto no *Gráfico 27*, a diferença entre os percentuais da não marcação, de outras marcações (-*ães* e -*ãos*) e da marcação em -*ões* se revela significativa embora os percentuais desses resultados estejam próximos. A não marcação lidera com 37% (444/1197) seguida por -*ões* com 35% (423/1197) e outras marcações juntas (-*ães* e -*ãos*) com apenas 28% (330/1197). Diferentemente dos resultados obtidos por Huback (2007), que obteve apenas 4,6% (62/1.341) de casos “de plural não-marcado”³¹⁷, a não marcação de plural para lexias terminadas em -*ão* apresentaram considerável percentual de registros. Ademais, o resultado dessa estratégia no grupo de lexias com terminação em -*ão* é ainda superior àquele localizado no grupo de lexias em potencial grupo metafônico com apenas 21% dos dados como já citado no *Gráfico 7*. Quando se observam os dados agrupados por seu plural etimológico e as estratégias -*ões*, -*ães* e -*ãos* separadamente, nota-se o quanto a não marcação é representativa em comparação às pluralizações em -*ães* e -*ãos* como pode observar na *Tabela 40*:

Tabela 40: Correlação entre *plural etimológico* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -*ão*

Fatores: Etimologia/ Pl. esperado	Respostas apresentadas							
	- <i>ões</i>		- <i>ãos</i>		- <i>ães</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Lat. - <i>anus</i> (- <i>ãos</i>)	147/438	34%	89/438	20%	15/438	3%	187/438	43%
Lat. - <i>anes</i> (- <i>ães</i>)	17/272	6%	15/272	6%	160/272	59%	80/272	29%
Lat. - <i>ones</i> (- <i>ões</i>)	108/206	53%	9/206	4%	2/206	1%	87/206	42%
Port. - <i>ão</i> (- <i>ões</i>)	151/281	54%	20/281	7%	20/281	7%	90/281	32%
Total geral	423/1197	35%	133/1197	11%	197/1197	17%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

³¹⁷ Nas palavras da autora, “[...] em primeiro lugar, *excluímos os dados de ausência de plural* porque os 62 casos de plural não-marcado formalmente representam *uma pequena parcela dos dados* (4,6%) e porque tais ocorrências já foram exploradas nos parágrafos anteriores” (Huback, 2007, p. 202, grifo próprio).

Embora o total geral dos percentuais da estratégia *-ões* apresente tecnicamente a mesma representatividade que a não marcação, como se pode observar na *Tabela 40*, é no grupo etimológico em *-anus* (*anão, mão, corrimão, cristão, guardião, vulcão*) que a não marcação se destaca com 43% (187/438) dos dados em relação à estratégia *-ões* com 34% (147/438). Assim, apenas neste grupo etimológico, a marcação esperada *-ãos* foi inferior (20% ou 89/438) à não marcação e à estratégia *-ões*. A marcação esperada *-ãos* só se revelou mais relevante que a marcação em *-ães*, que obteve apenas 3% (15/438) dos registros como se observou na *Tabela 40*.

Pelos resultados expostos sobre a pluralização do grupo etimológico em *-anus*, nota-se que o percentual da marcação esperada em *-ãos* foi significativamente menor que aqueles constados por Huback (2007): 56,9% e sobretudo em Severino (2013): 75%³¹⁸ como já relatado. No entanto as amostras utilizadas por essas autoras são compostas por informantes do Rio de Janeiro, com instrumentos de coleta de dados e lexias distintas, maior percentual de itens com maior frequência de ocorrência e sobretudo apresentam também informantes com nível universitário³¹⁹. Assim, por se tratar de uma amostra composta apenas por informantes que cursaram apenas o ensino fundamental e somente a lexia *mão* é classificada como de frequência de ocorrência alta no subgrupo com plural etimológico em *-anus* (cf. *Quadro 3, Apêndice E*), justifica-se a migração expressiva de 80% (349/438) dos dados de pluralização de *-ãos* para outras estratégias incluindo o significativo número de migração para a não marcação.

No sentido contrário, nos demais grupos etimológicos observados na da *Tabela 40*, a pluralização esperada foi a estratégia predominante e com percentuais próximos: o plural etimológico em *-anes* (*alemão, cão e pão*) lidera com 59% (160/272), seguidas por aquelas em *-ão* (*aldeão, avião, cidadão, limão, mamão e televisão*) com 54% (151/281), *-ones* (*ladrão, leão, melão*) com 53% (108/206) dos registros. Essa estratégia de liderança do plural esperado nesses grupos etimológicos corrobora o resultado de outras pesquisas. Como já se pontuou, também em Huback (2007) o plural esperado foi a estratégia predominante no grupo

³¹⁸ Os demais resultados estão disponíveis, respectivamente, na *Tabela 23* (Huback, 2007, p. 205) e na *Tabela 14* (Severino, 2013, p. 55) ou na subseção 3.1.2.2.

³¹⁹ Em Severino (2013), 43% (30/70) dos informantes possuíam nível universitário, apenas 12,5% (1/8) das lexias apresentavam o mesmo plural esperado em *-ãos* (*mãos*) e metade desses itens são classificados como mais frequentes: *cidadão, irmão, órgão e mão* (palavras mais frequentes) e *não, chão, sótão e pagão* (palavras pouco frequentes) conforme apresentado na *Tabela 9* (Severino, 2013, p. 46). Na amostra de Huback (2007), 50% (18/36) dos informantes cursaram ou ainda estavam cursando o nível universitário, apenas a lexia *corrimão* não foi controlada pela autora no grupo etimológico em *-ãos* e a maioria das lexias com pluralização em *-ãos* também foram classificadas como de frequência de ocorrência média ou alta. Conferir *Tabela 19 e Tabela 26* (Huback, 2007, p. 193, 209).

etimológico em *-ães* com 79% e no grupo etimológico em *-ões*³²⁰ com 93,5% (cf. *Tabela 4*, subseção 3.1.2.2). Com proporções distintas, igualmente em Severino (2013) o plural esperado predominou, mas com percentuais reduzidos tanto no grupo etimológico em *-ães* para 48% (256/528) quanto no grupo etimológico em *-ões* para 85% (456/535).

Embora já se saiba que apenas 0,7% dos verbetes em *-ão* são pluralizados com *-ães* e 1,5% com *-ãos* (Huback, 2010) o que eventualmente desfavoreceria a fixação da representação mental desses padrões de plural, a atuação da frequência de ocorrência média para *cão* e *pão* e da frequência de ocorrência alta para *alemão* inibem relativamente a migração da pluralização esperada para o grupo etimológico em *-anes* em comparação ao grupo de plural etimológico em *-anus*. Embora o grupo de pluralização em *-ões* atinja 98,7 das lexias do PB como mensurou Huback (2010), nesta pesquisa os percentuais intermediários dessa marcação para os grupos etimológico em *-ones* e *-ão* possivelmente foram pouco expressivos em face de 50% (3/6) dos itens controlados no grupo etimológico em *-ão* serem considerados de baixa frequência de ocorrência (*aldeão*, *limão*, *mamão*) bem como 2/3 daquelas do grupo etimológico em *-ones* serem classificados como frequência baixa (*melão*) ou média (*leão*).

No entanto a migração é inibida dos grupos etimológico em *-ones* e *-ão* para *-ãos* e *-ães*. Naquele grupo etimológico, a migração esperada de *-ões* foi de apenas 4% (9/206) para *-ãos* e 1% (2/206) para *-ães*. Neste grupo, essa migração também foi inexpressiva com 7% tanto para *-ãos* quanto para *-ães* (20/281) como notado na *Tabela 40*. No entanto a migração desses grupos etimológicos segue uma tendência de migração para a não marcação em 42% (87/206) no grupo etimológico em *-ones* e em 32% (90/281) no grupo etimológico em *-ão*. Portanto a interação da frequência tipo com a frequência de ocorrência são decisivas, respectivamente, para a inibição da migração da pluralização de *-ões* para *-ãos* ou *-ães* e da recorrente migração de *-ões* para a não marcação já que, com exceção do item *ladrão*, as demais lexias controladas apresentam (expressivamente) maior frequência de ocorrência no singular, diferentemente do notado no grupo em potencial contexto metafônico (*Quadro 1*, *Apêndice C*) cujos percentuais gerais de não marcação foram menores (21%) do que aqueles do grupo de lexias com terminação em *-ão* (37%) como pode ser conferidos, respectivamente, no *Gráfico 7* e no *Gráfico 27*.

Além da variável plural etimológico, observou-se a variável número de pluralizações possíveis em manuais de gramática do PB a partir das prescrições previstas em Abaurre e Pontara (2006), Bechara (2009) e Lima (2011) (*Quadro 3*, *Apêndice D*). *Anão*, *guardião*,

³²⁰ A autora não fez distinção entre os plurais etimológicos com terminação em *-ones* (latim) e *-ão* (português).

aldeão, *corrimão* e *vulcão* foram as cinco lexias controladas que apresentavam prescrição alternativa segundo a norma padrão. Delas, apenas *aldeão* é classificada como de tripla prescrição. As demais lexias apresentaram dupla possibilidade de pluralização conforme os manuais de gramática supracitados. Pelas respostas obtidas, os empregos das pluralizações variam conforme as possibilidades de prescrições. Confira-se valores na *Tabela 41*.

Tabela 41: Correlação entre número de prescrições e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-ão*

Fatores	Respostas apresentadas							
	<i>-ões</i>		<i>-ãos</i>		<i>-ães</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Única	276/961	29%	108/961	11%	195/961	20%	382/961	40%
Dupla	122/204	60%	24/204	12%	2/204	1%	56/204	27%
Tripla	25/32	78%	1/32	3%	-	0%	6/32	19%
Total geral	423/1197	35%	133/1197	11%	197/1197	17%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar os empregos das estratégias *-ãos* e *-ães* dispostos na *Tabela 41*, nota-se um declínio do emprego dessas marcações no grupo de lexias com prescrição tripla. A marcação com *-ãos* ocorreu 11% (108/961) das lexias com prescrição única, 12% (24/204) no grupo com prescrição dupla e apenas 3% (1/32) com prescrição tripla. Ainda mais acentuada é a queda nos percentuais da marcação com *-ães*: de 20% (195/961) entre as lexias com prescrição única para 1% (2/204) no grupo com prescrição dupla e 0% (0/32) com prescrição tripla. Também a não marcação apresentou uma redução de seus percentuais com a elevação das prescrições: 40% (382/961) entre os itens com prescrição única para 27% (56/204) no grupo com prescrição dupla e 19% (6/32) com prescrição tripla. Em sentido contrário, quando se compara o número dos percentuais das realizações em *-ões*, nota-se um gradual crescimento do emprego dessa estratégia da marcação única para a marcação tripla: 29% (276/961) na prescrição única, 60% (122/204) na prescrição dupla e até 78% (25/32) na prescrição tripla. Nesse sentido, as demais estratégias de marcação de plural migram gradativamente para a marcação com o padrão *-ões* à medida que os grupos de lexias são prescritas com mais formas alternativas.

Em Huback (2007), essa variável foi a primeira selecionada na regressão logística realizada no programa SPSS. Com algumas ressalvas, seus resultados corroboram a tendência de crescimento no emprego da estratégia *-ões* sobretudo no grupo de lexias com três possibilidades de pluralização. Segundo Huback (2007),

[...] quando a palavra tem três possibilidades de plural (de acordo com as gramáticas normativas), *há uma tendência à adoção do plural em -ões* (peso relativo de 0.99). Quando há um ou dois plurais possíveis, *-ões* é desfavorecido (pesos relativos de 0.33 e 0.18, respectivamente). Esses resultados parecem comprovar que o morfema *-ões* é o mais disponível no léxico mental, então, quando a palavra tem, potencialmente, três plurais, *-ões* é o preferido. Pode-se argumentar que *o fato de as palavras apresentarem uma, duas ou três possibilidades de plural é uma informação prevista pela gramática normativa do PB, não necessariamente real em termos de uso da língua* (Huback, 2007, p. 212, grifo próprio).

Os dados obtidos na *Tabela 41* sugerem um diálogo com a reflexão da autora. Naturalmente, quando os manuais de gramáticas apresentam alternativa de prescrição para um mesmo item lexical, trata-se de lexias pouco frequentes no cotidiano de pessoas que não tiveram acesso ao nível universitário e/ou não tem comportamento erudito. Assim, para amostra de informantes como a controlada nesta pesquisa, lexias com frequência de ocorrência média (*anão*) e sobretudo com frequência de ocorrência baixa (*guardião*, *aldeão*, *corrimão* e *vulcão*) não são predominantemente acessadas de forma automática no léxico mental desses informantes, mas de forma analítica através de analogia com o padrão mais recorrente na língua, logo o emprego da marcação *-ões* demonstrou ser a estratégia mais legítima de pluralização sobretudo em segmentos menos favorecidos da sociedade independentemente do número de prescrições previstas nos manuais de gramática.

Ademais, cabe salientar que das cinco lexias que compõem o recorte apresentado na *Tabela 41*, apenas *corrimão* e *vulcão* apresentaram eventuais evidências do legítimo uso alternativo da norma padrão entre os informantes. Para as lexias *anão*, *guardião* e *aldeão* não houve qualquer migração de marcação de plural entre *-ões* e outras marcações e vice-versa, mas apenas migração de algumas dessas marcações para a não marcação na fala de um mesmo informante. Houve apenas um exemplo de uso alternativo pelo *informante 120* para a lexia *vulcão* (*vulcões* na primeira realização e *vulções* na segunda realização da *Parte 3* do *QPP*). No entanto 11 informantes oscilaram quanto ao emprego do plural de *corrimão*. Observem-se os exemplos a seguir:

- (33) *Corrimãos... corrimÕES*. (inf. 95)
- (34) *Corrimão*³²¹... *corrimãos... corrimÕES... corrimÕES... corrimÕES... corrimÕES*. (inf. 101)
- (35) *Corrimão... corrimão... corrimãos... corrimÕES*. (inf. 102)
- (36) *Corrimão... corrimão... corrimãos... corrimÕES*. (inf. 103)
- (37) *Corrimãos... corrimãos... corrimÕES*. (inf. 104)
- (38) *Corrimãos... corrimão... corrimão... corrimÕES... corrimÕES*. (inf. 106)
- (39) *Corrimãos... corrimÕES... corrimÕES... corrimÕES*. (inf. 107)
- (40) *Corrimão... corrimão... corrimão... corrimÕES... corrimãos*. (inf. 108)
- (41) *Corrimão... corrimãos... corrimÕES*. (inf. 110)
- (42) *Corrimãos... corrimãos... corrimãos... corrimãos... corrimÕES... corrimÃES... corrimÕES... corrimÕES*. (inf. 111)
- (43) *CorrimÕES... corrimÕES... corrimão... corrimão... corrimãos... corrimãos*. (inf. 117).

Como pode se observar, entre os exemplos 33 e 43, houve um total de 50 registros de pluralização da lexia *corrimão*. Nesse recorte da amostra, houve 40% (20/50) de registros da estratégia *-ões*, 32% (13/50) de estratégia *-ãos*, 26% (13/50) de não marcação e apenas 2% (1/50) de registros da estratégia *-ães*. Assim, numa análise preliminar com dados empíricos, constatou-se que todas as estratégias de pluralização podem ser selecionadas pelo léxico mental dos informantes baianos para a marcação de plural da lexia *corrimão* mesmo que em proporções distintas.

Em um segundo momento, pode-se notar que a primeira realização de plural da lexia *corrimão* ocorre na mesma proporção tanto para a marcação *-ãos* quanto para a não marcação: 45.5% (5/11) e a marcação com *-ões* só ocorreu como primeira alternativa na fala de um dos informantes: 9% (1/11). Em sentido contrário, ao observar os destaques dos exemplos de 33 a 43, apenas as estratégias *-ãos* e *-ões* são as alternativas empregadas de forma reiterada no final das respostas dos informantes, no entanto aquela ocorre de forma reiterada apenas no final dos turnos de fala de 18% (2/11) desses informantes enquanto esta estratégia não só ocorre em 82% (9/11) das últimas pluralizações de *corrimão* como a forma *corrimões* é repetida várias vezes depois de outras formas de pluralização como notado nos exemplos (34), (38), (39) e (42) numa

³²¹ Para facilitar a leitura da sequência dos dados obtidos nas falas dos informantes, apenas a lexia foi citada nos exemplos se qualquer determinante, logo as formas *corrimão* citadas nestes exemplos são registros de não marcação e não um dado da lexia no singular.

eventual demonstração de reafirmação da estratégia *-ões* como pluralização mais aceita e/ou acessível no léxico mental para a lexia *corrimão*.

Numa perspectiva da Teoria de Exemplares, entende-se que a disposição das estratégias de pluralização da lexia *corrimão* apresentada entre os exemplos 33 e 43 é uma evidência de que o acesso aos padrões de plural no léxico mental ocorre mediante conexões fonológicas e semânticas com outras lexias tanto no plural quanto em sua forma singular como demonstrado na *Figura 4 (subseção 4.3)* e reinterpretado pela proposta do *Diagrama Canastra (Figura 8, subseção 4.3)*. A evidência empírica para tal constatação reside no fato de que entre as cinco lexias recordadas da amostra principal (*Tabela 41*) com praticamente a mesma frequência de ocorrência, apenas *corrimão* apresentou emprego da pluralização em *-ãos* (32%) próximo ao percentual de registros em *-ões* (40%) como já notado o que revela que, no primeiro momento, as conexões estabelecidas com os feixes de exemplares ocorre a partir da associação à etimologia da palavra (*mão*) e sua pluralização (*mãos*). Dessa forma, ao longo da entrevista com a ativação de outros feixes de exemplares compostos majoritariamente por estruturas morfofonológicas em *-ões*, os informantes passam a evitar o plural etimológico *-ãos* e adotam o plural em *-ões*, por ser o mais recorrente na língua e em sua representação mental para feixes de exemplares com lexias com terminação em *-ão*.

Por fim, enquanto a lexia *mão* apresenta frequência de ocorrência alta em sua forma pluralizada, *corrimão* é classificada como um item de frequência de ocorrência baixa. Ademais, ao passo que aquela lexia apresenta inferior frequência de ocorrência no singular comparada à sua forma no plural, esta apresenta comportamento contrário (*Quadro 1, Apêndice C*). Dessa forma, como sugerido no *Diagrama Canastra (Figura 8, subseção 4.3)*, lexias como *mão* e seu plural *mãos* teriam uma representação mental robusta ao ponto de provocar relativa migração de itens de origem no próprio PB como *corrimão* e que, em princípio, seriam pluralizados em *-ões* apenas por compartilharem similaridades fonológicas e semânticas ainda que a estratégia *-ões* seja a mais produtiva para o grupo em *-ão*. Nesse sentido, o que tornaria coerente a prescrição alternativa do plural no PB não seria a normatização especulativa e/ou arbitrária, mas sim, baseada em dados e explicações a partir de constatações empíricas a exemplo da justificativa ocorrida a partir da relação entre termos como *mão* e *corrimão* e as possíveis estratégias de pluralização desta lexia como demonstrado entre os exemplos 33 e 43, logo prescrições baseadas apenas nos usos reais da língua como já sugeridas pelos gramáticos Souza

(1804) e Cortesão (1907)³²² sobre as lexias com terminação em *-ão* seriam legítimas possibilidades de normatização.

Sobre a natureza dos dados analisados nas subseção 5.2.1 e sobretudo na subseção 5.2.2, é importante salientar que nenhum dos 18 itens lexicais analisados foi isento da pluralização através da não marcação ou foram pluralizados com apenas uma alternativa de padrão independentemente a qual grupo etimológico pertença como se verá nas nessas seções posto que não é apenas o plural etimológico que eventualmente influencia o comportamento linguístico dos informantes, mas muitas outras variáveis previsoras como frequência de ocorrência ou frequência tipo por exemplo. Assim sendo, distribuindo-se os dados em proporções equilibradas entre os quatro grupos etimológicos – e não três é importante ressaltar – e sobretudo entre os três níveis de frequência de ocorrência demarcados, não se pode notar qualquer impedimento teórico-metodológico para a manutenção de todas as lexias controladas inicialmente.

Por questões metodológicas, em pesquisas como as realizadas por Huback (2007) e Severino (2013), quando trataram do processamento dos dados da pluralização de lexias terminadas em *-ão*, preferiram controlar a migração da marcação de plural apenas em lexias com pluralização eventualmente esperada em *-ãos* e *-ães*. As autoras justificaram que seus objetos de estudo seriam a migração dessas estratégias para o plural em *-ões* como sinalizou especialmente aquela autora. Em princípio, poderia haver enviesamento dos resultados obtidos nessas pesquisas. Segundo Huback (2007, p. 207), “[...] se investigamos um grupo de itens em *-ãos* e *-ães* que migram para *-ões*, não faz sentido incluir, nessa mesma classe, palavras cujo plural etimológico já é em *-ões* e, conseqüentemente, *não migrariam para aquilo que já são*”. Nesse sentido, como o objeto de estudo dessa pesquisa não é necessariamente a migração da pluralização de *-ãos* e *-ães* para *-ões*, mas também a migração legítima da não marcação para *-ões* e *vice-versa*, a redução da amostra adotada por Huback (2007) e Severino (2013) não se fez necessária.

Ademais, lexias cujos plurais etimológicos no latim seriam *-ones* ou no português *-ões* podem até não migrar para “*aquilo que já são* [-ões]” como pontuou Huback (2007, p. 207), mas podem migrar majoritariamente para o que não o seriam em princípio (*-ãos*, não marcação ou *-ães*) como já observado com os registros de pluralização da lexia *corrimão*. Por fim, por

³²² Como já citado, esses gramáticos pontuaram que: “só o uso he que póde ensinar os que formão de huma ou de outra sorte, pois não se podem reduzir a regras” (Souza, 1804) e “[...] dos substantivos terminados em *-ão* [...] o uso, melhor que as regras, os fará conhecer” (Cortesão, 1907, p. 8).

entender que apenas 17% (3/18) das lexias controladas nesta tese teriam o plural etimológico em *-ones* de fato (*leão, melão e ladrão*), não haveria potenciais riscos de enviesamentos dos resultados. Por tudo exposto, nas análises apresentadas nas subseções 5.2.1 e 5.2.2 não houve a subtração desses itens, pois o principal objetivo dessas seções seria compreender o papel das variáveis previsoras que estariam correlacionadas à migração de *-ões* para outras marcações ou mesmo para a não marcação e *vice-versa*.

5.2.1 Variante não marcação em comparação à marcação *-ões*

Dos 1197 dados controlados inicialmente no grupo de lexias com terminação em *-ão*, apenas 867 compuseram a amostra referente à rodada 1. Nesta rodada, o teste qui-quadrado foi aplicado com vistas a averiguar o nível de significância da diferença entre os percentuais da não marcação em relação à marcação em *-ões*. Os registros de não marcação na rodada 1 totalizaram 51% (444/867) de representatividade e a marcação em *-ões* 49% (423/867) dos dados. Essa diferença de 2 pontos percentuais a favor da não marcação não foi considerada estatisticamente significativa pelo teste qui-quadrado ($\chi^2 = 0.50865$ (1) p. = 0.4757), logo se constatou que na amostra do PBA a não marcação goza do mesmo prestígio que a estratégia *-ões* mesmo esta marcação sendo a mais produtiva na língua portuguesa entre as lexias com terminação em *-ão*.

Quando processadas as variáveis previsoras na rodada 1, em que se o emprego da estratégia não marcação em relação à marcação em *-ões*, os resultados obtidos pelo teste qui-quadrado descartaram a variável sexo. Confirma-se o valor de p. na *Tabela 42*:

Tabela 42: Variável não significativa apontada pela rodada 1 do grupo de plural de lexias com terminação em *-ão*

Variável	Fatores	Não marcação		<i>-ões</i>		Significância do teste χ^2
		freq.	%	freq.	%	
Sexo	homem	197/427	46%	230/427	54%	p. = > 0.5.
	mulher	247/440	56%	193/440	44%	

Fonte: Elaboração própria.

Como notado na *Tabela 42*, a estratégia *-ões* ocorreu em 54% (230/427) dos registros da fala dos homens e em 44% (193/440) dos inquéritos respondido por mulheres. Assim, a não

marcação ocorreu em 46% (197/427) nas falas dos homens e em 56% (247/440) nas falas das mulheres entrevistadas. Embora a diferença a favor das mulheres seja de 10 pontos percentuais em relação ao emprego da não marcação, o nível de significância apresentado pelo teste qui-quadrado para essa diferença foi $p. = > 0,5$. Dessa forma, as variáveis selecionadas na rodada 1 para o grupo de lexias com terminação em *-ão* foram:

- i) ordem de realização;
- ii) frequência de ocorrência;
- iii) lexia;
- iv) mesorregião da Bahia;
- v) ano/amostra;
- vi) faixa etária;
- vii) nível de escolaridade;
- viii) contato com o público no mercado ocupacional;
- ix) grau de monitoramento.

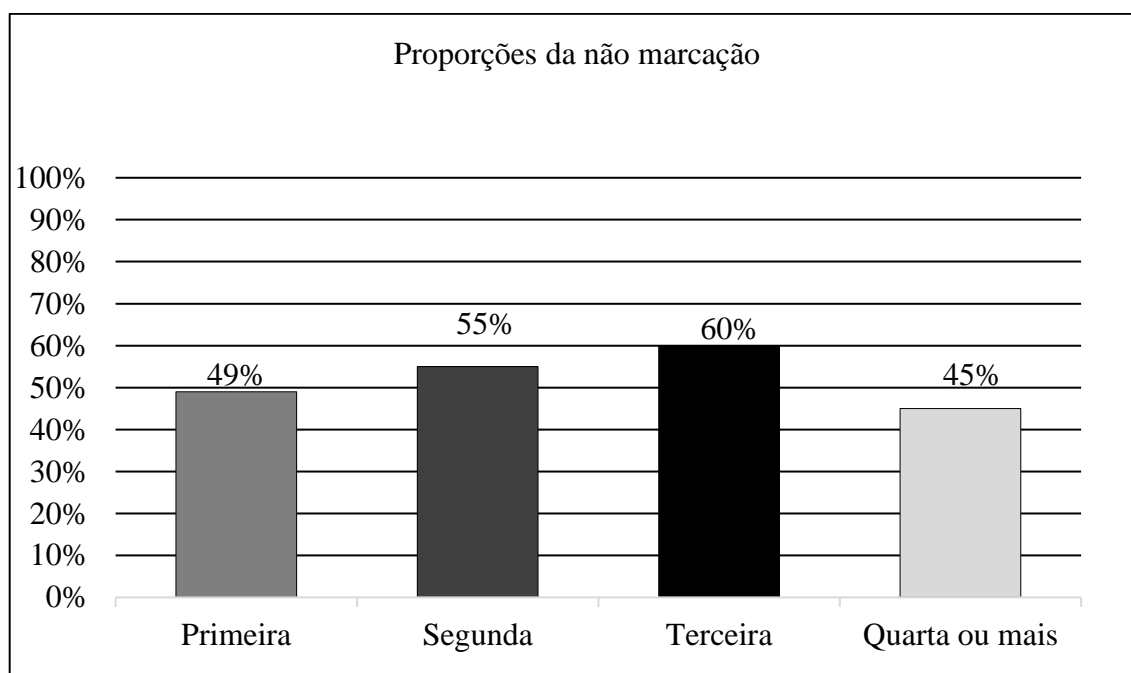
Como observado, as variáveis previsoras testadas na rodada 1 para o grupo de lexias com terminação em *-ão* que se mostraram significativas foram as mesmas selecionadas pelo teste qui-quadrado na rodada 1 para o grupo de lexias em potencial contexto metafônico.

5.2.1.1 Ordem de realização

Os resultados para a variável ordem de realização obtidos na rodada 1 apontam uma elevação significativa do emprego da marcação em *-ões* a partir da quarta resposta. Essa constatação se assemelha àquela observada na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico quando a não marcação também perdeu espaço para a marcação dupla a partir da terceira realização e manteve percentual equilibrado a partir da quarta realização (cf. *Gráfico 9*). Na rodada 1 do grupo de lexias com terminação em *-ão*, constataram-se 51% (257/507) de registros da marcação em *-ões* na primeira realização, 45% (89/197) na segunda realização, 40% (36/89) na terceira realização e 55% (41/74) na quarta realização. Portanto, em comparação à não marcação, a estratégia *-ões* se revela com a estratégia predominante na primeira ocorrência de cada lexia realizada, mas sua representatividade é reduzida gradativamente à medida que a mesma lexia é realizada novamente pelo mesmo informante e só depois da terceira repetição, a estratégia *-ões* apresenta sua maior representatividade.

Em sentido contrário, os percentuais da não marcação são desfavorecidos nos extremos das realizações de cada lexia. Seu crescimento gradativo pode ser percebido a partir da segunda realização como se pode conferir no *Gráfico 28*:

Gráfico 28: Correlação entre *ordem de realização* e a realização da não marcação *versus* marcação *-ões* em lexias com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 304.63 (3) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 28*, a não marcação ocorreu em 49% (250/507) dos dados da primeira realização, em 55% (108/197) da segunda realização, em 60% (53/89) da terceira realização e em apenas 45% (33/74) das ocorrências a partir da quarta realização. Essa redução da não marcação notada nos extremos do *Gráfico 28* se deve ao fato de que os informantes se mostravam mais tensos quando realizaram a pluralização de cada lexia pela primeira vez. À medida que realizavam novamente a pluralização para o mesmo item lexical, o vernáculo propriamente dito se revelava com o maior emprego da não marcação uma vez que notoriamente se observava uma redução no monitoramento em relação aos atos de fala. Novamente ocorria uma redução significativa da não marcação nas respostas realizadas mais de três vezes para a pluralização de uma mesma lexia, pois a essa altura os informantes respondiam às perguntas das últimas seções dos questionários. No que diz respeito ao *QPP*, a *Parte 3* corresponde a um questionário com natureza avaliativa, logo novamente a tensão se

elevava e os informantes naturalmente passavam a evitar a não marcação como ocorrido com os resultados dessa estratégia na rodada 1 das lexias em potencial contexto metafônico.

No entanto é importante observar que a atuação da variável ordem de realização ocorre mesmo quando observada dentro da mesma parte do questionário. Na *Parte 1* do *QPP*, por exemplo, quando os informantes se revelavam menos tensos, a não marcação se eleva à medida que uma mesma lexia era pluralizada nesta seção. Com percentuais mais reduzidos, a mesma elevação da não marcação ocorreu na *Parte 3*.

Dessa forma, independentemente de qual seção observada, a não marcação apresentou uma elevação de sua representatividade tanto em momentos de menor quanto de maior monitoramento. Evidenciou-se, respectivamente, esse comportamento na comparação entre os percentuais obtidos na seção *Parte 1* e *Parte 3*. Naquele momento do inquérito, a não marcação em comparação à marcação em *-ões* ocorreu em 52% (114/220) dos registros da primeira realização, 57% (60/105) na segunda realização, 71% (29/41) na terceira realização e em até 84% (16/19) a partir da quarta realização. Já neste momento da aplicação do inquérito, a não marcação ocorreu em apenas 10% (12/23) dos dados da primeira realização, 20% (9/45) na segunda realização, 24% (7/29) na terceira realização e 32% (15/47) dos dados a partir da quarta realização. De tal modo se conclui que à medida que o informante pluraliza uma mesma lexia ao longo do inquérito, a tendência ao emprego da não marcação se eleva mesmo em momentos de maior monitoramento.

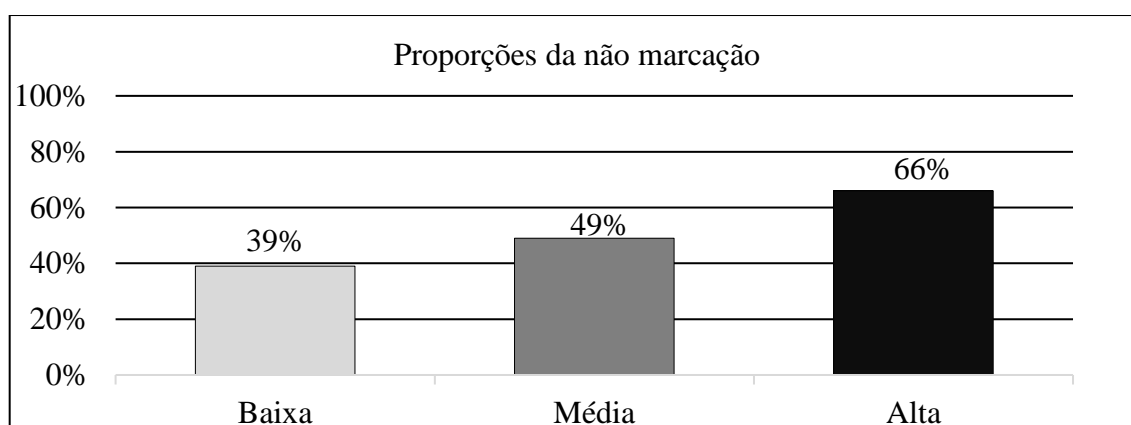
5.2.1.2 Frequência de ocorrência

Para a observação da correlação entre a variável frequência de ocorrência e o emprego da não marcação em relação à marcação em *-ões*, classificaram-se as lexias em três grupos: frequência de ocorrência baixa (*aldeão, limão, mamão, corrimão, guardião, vulcão* e *melão*), frequência de ocorrência média (*televisão, anão, cristão, cão, pão* e *leão*) e frequência de ocorrência alta (*avião, cidadão, mão, alemão* e *ladrão*) conforme parâmetros apresentados no *Quadro 3* (*Apêndice E*). Em cada nível de frequência, há lexias com plural esperado em *-ãos, -ães* e *-ões* com vista a evitar o enviesamento dos resultados. Ademais, como recurso complementar, também se observou a atuação da frequência de ocorrência com base na própria amostra do *ALiB* (cf. *Quadro 6, Apêndice E*).

Em comparação com a não marcação, a marcação em *-ões* representou 61% (181/295) dos dados das lexias com frequência de ocorrência baixa, 51% (140/272) entre os registros de

frequência de ocorrência média e apenas 34% (102/300) entre os dados de frequência de ocorrência alta. Em sentido contrário, a não marcação apresentou elevação de seus percentuais proporcionalmente ao aumento da frequência de ocorrência dos grupos de lexias controladas como se pode notar no *Gráfico 29*:

Gráfico 29: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 22.142 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria

Como observado no *Gráfico 29*, a não marcação obteve 39% (114/295) dos dados das lexias com frequência de ocorrência baixa, 49% (132/272) com frequência de ocorrência média e até 66% (198/300) dos dados com frequência de ocorrência alta. Esse resultado vai de encontro à constatação de que a representação da não marcação é inversamente proporcional ao aumento dos níveis de frequência de ocorrência como se observou nas rodadas 1 considerando os demais grupos morfológicos. Além disso, não parece coerente à luz da Teoria de Exemplos que as experiências de uso da língua não favorecessem resultados em outra direção.

Assim sendo, é importante observar que a frequência de pluralização disponibilizada a partir da própria amostra ALiB (cf. *Quadro 6, Apêndice E*) releva usos da língua distintos daqueles observados no inventário da frequência de ocorrência a partir de *corpora* do *Projeto AC/DC*. Nesse sentido, na amostra das comunidades visitadas, *pão*, *mão*, *cão* e *alemão* são os únicos itens com maior frequência de ocorrência e não *avião*, *cidadão*, *ladrão* além de *alemão* e *mão* como observado nesta amostra. Provavelmente, porque no cotidiano dos informantes que compõem aquela amostra pluralizar referentes como *avião* e *cidadão*, por exemplo, não seja

um ato corriqueiro em seus discursos diários. Posto nestes termos, cabe observar que *cão*, *mão*, *pão* e *alemão* foram as lexias que lideraram o favorecimento da não marcação em comparação à marcação em *-ões* como se observará na subseção 5.2.1.3, posto que tais lexias apresentam plurais esperados diferente do padrão em *-ões*, logo é natural que entre esta estratégia e a não marcação, a marcação em *-ões* seja predominantemente inibida.

Pela distinção entre as amostras referência, acredita-se que haja uma interferência da variável lexias com a variável frequência de ocorrência a partir da amostra *ALiB* já que os itens com alta frequência de ocorrência que compõem esse fator apresentado no *Gráfico 29* são justamente *cão*, *mão*, *pão* e *alemão* pelo proposto *Quadro 6, Apêndice E*, portanto, é natural que entre esses itens haja lexias que não sejam pluralizadas com *-ões* ou que esse emprego seja simbólico com se notará na subseção 5.2.2.3. Ademais, quando se observar os resultados panorâmicos das três variantes resposta considerando a classificação de frequência a partir da amostra *ALiB*, nota-se que a diferença nos percentuais da não marcação não é tão expressiva quanto observado no *Gráfico 29*. Confirmam-se os resultados na *Tabela 43*:

Tabela 43: Correlação entre frequência de ocorrência a partir da amostra do Projeto ALiB e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Fatores	<i>-ões</i>		Outras marcações		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Frequência zero	404/725	56%	84/725	11%	237/725	33%
Frequência baixa	19/472	4%	246/472	52%	207/472	44%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

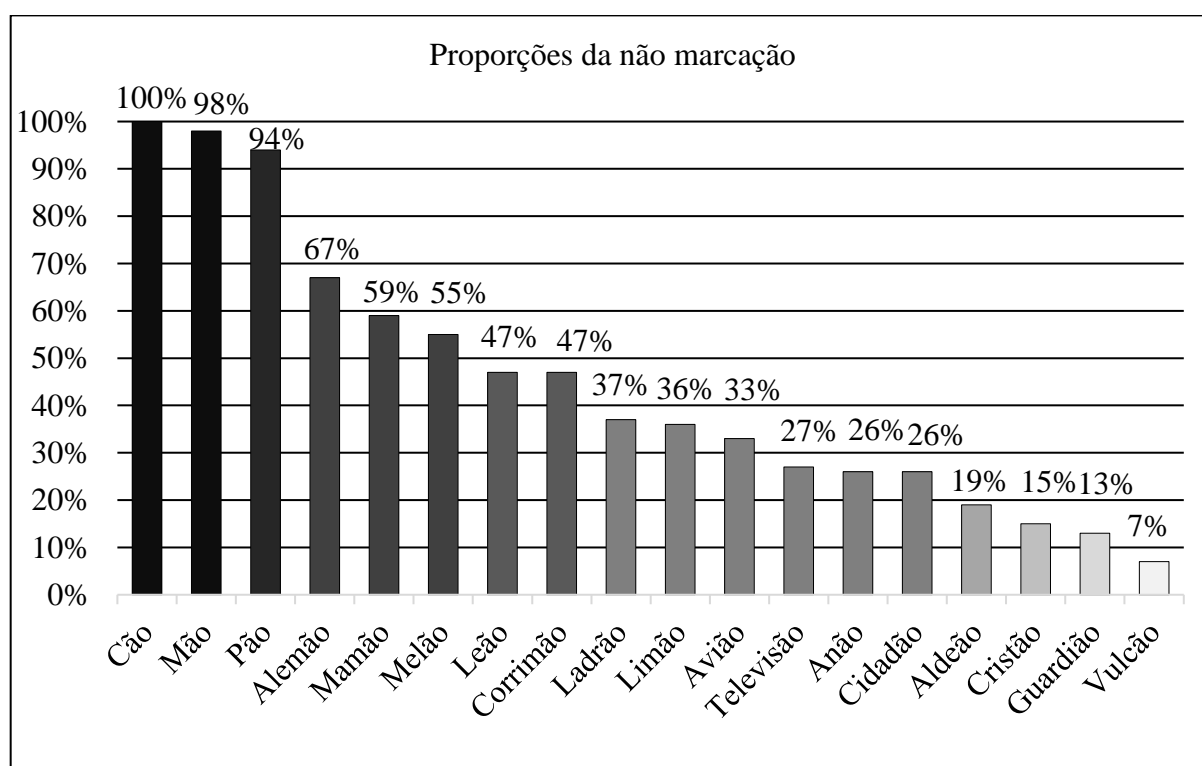
Fonte: Elaboração própria.

Como percebido na *Tabela 43*, a não marcação obteve uma diferença de apenas 11 pontos percentuais entre os itens com frequência de ocorrência zero (33% ou 237/725) e aqueles com frequência de ocorrência baixa (44% ou 207/472). Nesse cenário, seguramente merece maior atenção o crescimento substancial de outras marcações em relação à estratégia *-ões* quando se eleva o nível da frequência de ocorrência independentemente de qual amostra se tome como referência (como se verá na subseção 5.2.2.2) já que entre os itens com maior frequência, a marcação com *-ões* não apresenta maior representatividade que outras marcações.

5.2.1.3 Lexia

A variável *lexia* apresentou uma polarização nos resultados para alguns dos itens analisados por motivações variadas. Em comparação à não marcação, a estratégia *-ões* ocorreu em 93% (26/28) dos dados de *vulcão*, 87% (26/30) dos dados de *guardião*, 85% (22/26) dos dados de *cristão*, 81% (25/31) dos dados de *aldeão*, 74% (23/31) dos dados de *cidadão*, 74% (23/31) dos dados de *anão*, 73% (29/40) dos dados de *televisão*, 67% (22/33) dos dados de *avião*, 64% (23/36) dos dados de *limão*, 63% (41/65) dos dados de *ladrão*, 53% (47/89) dos dados de *corrimão*, 53% (63/120) dos dados de *leão*, 45% (5/11) dos dados de *melão*, 41% (29/70) dos dados de *mamão*, 33% (14/42) dos dados de *alemão*, 6% (3/50) dos dados de *pão*, 2% (2/129) dos dados de *mão*, 0% (0/5) dos dados de *cão*. Assim, em sentido contrário, notou-se que o emprego da não marcação foi categórico em *cão* e quase categóricos em *mão* como pode se conferir no Gráfico 30:

Gráfico 30: Correlação entre *lexia* e a realização da não marcação *versus* marcação *-ões* em *lexias* com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 185.81$ (17) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Ao observar o *Gráfico 30*, nota-se que a não marcação foi mais frequente entre os três itens monossilábicos e com pluralização esperada diferente da estratégia *-ões*: *cão*, *mão* e *pão*. Assim, houve 100% (5/5) de registro de não marcação para *cão*, 98% (127/129) para *mão*, 94% (47/50) para *pão*, 67% (28/42) para *alemão*, 59% (41/70) para *mamão*, 55% (6/11) para *melão*, 47% (57/120) para *leão*, 47% (42/89) para *corrimão*, 37% (24/65) para *ladrão*, 36% (13/36) para *limão*, 33% (11/33) para *avião*, 27% (11/40) para *televisão*, 26% (8/31) para *anão*, 26% (8/31) para *cidadão*, 19% (6/31) para *aldeão*, 15% (4/26) para *cristão*, 13% (4/30) para *guardião* e apenas 7% (2/28) para os dados de *vulcão*. Assim, a princípio, entende-se que a atuação da frequência tipo foi fundamental para a inibição da estratégia *-ões* e favorecimento da não marcação na marcação de plural de *cão*, *mão* e *pão* posto que no PB não há pluralização com aquela estratégia em grupos de lexias monossilábicas e com terminação em *-ão*³²³. Sobre pluralizações como destas lexias, Huback (2007, 214) pontuou:

Os plurais em *-ãos* e *-ães* são infreqüentes, mas, em geral, itens como “cães”, “irmãos”, “mãos”, “pães” tendem a preservar suas formas. Na tentativa de justificar por que tais itens não se conformam ao paradigma mais freqüente (pluralização em *-ões*), a autora levanta as seguintes hipóteses: [i] São substantivos primitivos *originários do latim e do grego*, sendo, portanto, *muito antigos e estáveis na língua*, em oposição aos *nomes pluralizados em -ões*, que são *mais recentes na língua*; [ii] Nomeiam *substantivos concretos, de uso familiar e freqüente na vida cotidiana*; [iii] Muitas dessas palavras são *monossílabos tônicos, o que as torna relativamente imunes à mudança [...]* No léxico mental, as similaridades fonológicas entre palavras terminadas em *-ão* fazem com que elas componham uma rede. Informações morfológicas, como o fato de que todos os monossílabos são pluralizados em *-ãos* ou *-ães*, derivam dessas redes, daí o fato de *nenhuma palavra de uma sílaba ter sido pluralizada em -ões*. Apesar de *-ões* ser o tipo de plural mais freqüente para a classe de *-ão* no singular, *o grupo de palavras monossílabas está, de certa forma, imune a essa variação*, devido à sua forte representação no léxico mental (Huback, 2007, p. 68-214, grifo próprio).

As hipóteses e constatações da autora vão ao encontro dos resultados encontrados para a variável lexia tanto na rodada 1 quanto na rodada 2. Como se observará na subseção 5.2.2.3, os resultados obtidos na rodada 2, apresentaram também a sequência *cão*, *mão*, *pão*, *alemão* e *mamão* como aqueles com menores percentuais de marcação em *-ões*. Observando a princípio, os resultados da rodada 1, nota-se a inibição desta estratégia só é categórica para a lexia *cão*, mas que para as demais lexias a migração para a pluralização em *-ões* é possível a partir da

³²³ Sobre o número de lexias com terminação em *-ãos* e *-ães*, consultar *Tabela 6* em Huback (2007, p. 78). Quanto à pluralização dos monossílabos com essas estratégias, verificar Huback (2007, p. 180, 187, 202, 210, 246, 262).

observação de dados empíricos mesmo com percentuais simbólicos o que favoreceu a migração para a não marcação como ocorrido até nas lexias monossilábicas como *pão* e *mão* como notado no *Gráfico 30*.

Dessa forma, mesmo a lexia *pão* sendo classificada com lexias frequência de ocorrência média e *mão* e *alemão* com frequência de ocorrência alta (cf. *Quadro 3, Apêndice E*), o tipo de plural mais frequente (*-ões*) ainda motivou migrações das respectivas pluralizações esperadas a sua direção. Ademais, a robusta representação mental da não marcação como estratégia mais forte, como se observou no *Gráfico 27*, motivou a migração de pluralização esperada em *-ões* e *-ães* mesmo entre os itens com maior frequência de ocorrência.

A partir da observação dos percentuais das lexias monossilábicas, nota-se que a não marcação é menos frequente nas demais lexias, como notado no *Gráfico 27*. Mesmo assim, as lexias *alemão* – por pertencer ao grupo etimológico em *-anes* e dispor de frequência de ocorrência alta – e *maMÃO* – por apresentar terminação similar a *mão* e *corriMÃO* formando uma rede de conexões fonológicas e semânticas – inibem parcialmente a pluralização com a estratégia *-ões* e, portanto, dispõem de percentuais intermediários de não marcação. Assim, variáveis como grupo etimológico, frequência de ocorrência e as interconexões estabelecidas pelos feixes de exemplares justificariam os altos índices de não marcação em detrimento da pluralização em *-ões*.

No polo oposto do *Gráfico 27*, os itens com percentuais de não marcação pouco expressivos e altos índices de pluralização em *-ões* são *cidadão*, *aldeão*, *cristão*, *guardião* e *vulcão*. Além de serem majoritariamente classificados como de baixa frequência de ocorrência (cf. *Quadro 3, Apêndice E*)³²⁴, essas lexias ocorreram exclusivamente na *Parte 3* do *QPP*, logo o maior grau de monitoramento seria imperativo para a expressiva redução dos percentuais de não marcação entre essas cinco lexias. Assim sendo, conclui-se que apenas os itens monossilábicos e/ou com frequência de ocorrência alta inibem de fato a marcação em *-ões* e favorecem a não marcação em seu lugar.

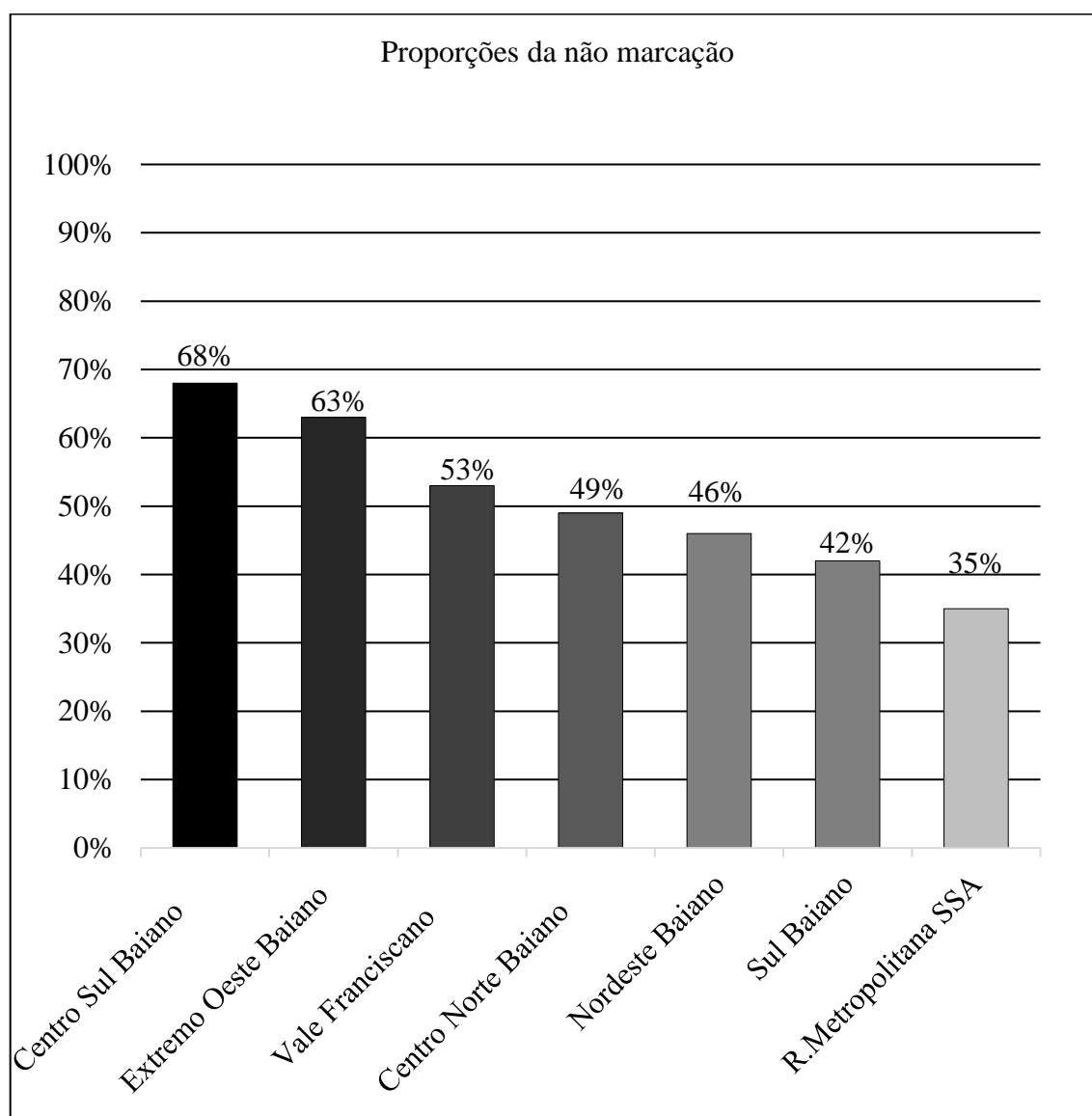
5.2.1.4 Mesorregião

Quanto à variável *diatópica*, em comparação à não marcação, notou-se que a estratégia *-ões* foi mais recorrente na Região Metropolitana de Salvador com 65% (70/107), Sul

³²⁴ Na frequência complementar observada na amostra *ALiB*, *cidadão*, *aldeão*, *cristão*, *guardião* e *vulcão* apresentam frequência de ocorrência zero.

Baiano com 58% (69/120), Nordeste Baiano com 54% (65/120), Centro Norte Baiano com 51% (70/137), Vale Franciscano 47% (68/146), Extremo Oeste Baiano com 37% (39/105) e o Centro Sul Baiano com 32% (42/132). Logo os menores percentuais de não marcação estão presentes na Região Metropolitana de Salvador, Sul Baiano e Nordeste Baiano com se pode observar no *Gráfico 31* e na respectiva proposta de áreas dialetais com variadas faixas de emprego da não marcação no Estado da Bahia como apresentadas da *Figura 28*.

Gráfico 31: Correlação entre mesorregiões e a realização da não marcação versus marcação - ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 18.761 (6) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Figura 28: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em lexias terminadas em -ão



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 4

REALIZAÇÕES DA NÃO MARCAÇÃO

VERSUS A MARCAÇÃO -ÕES:

● Entre 63% e 68%

○ Entre 46% e 53%

○ Entre 35% e 42%

Pluralização de *mão*, *corrimão*, *cristão*, *guardião*, *vulcão*, *anão*; *cão*, *pão*, *alemão*; *leão*, *ladrão*, *melão*; *avião*, *aldeão*, *cidadão*, *limão*, *mamão* e *televisão*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Como observado no *Gráfico 31*, a não marcação ocorreu no Centro Sul Baiano com 68% (90/132), Extremo Oeste Baiano com 63% (66/105), Vale Franciscano com 53% (78/146), Centro Norte Baiano com 49% (67/137), Nordeste Baiano com 46% (55/120), Sul Baiano com 42% (51/120) e Região Metropolitana de Salvador com apenas 35% (37/107). A partir desses dados específicos, nota-se que o Nordeste Baiano ocupa uma posição intermediária no desfavorecimento da não marcação, mas, como percebido na *Carta 4 (Figura 28)*, a não marcação foi menos frequente entre a Região Metropolitana de Salvador e o Sul Baiano (faixa entre 35% e 42% de registros dessa estratégia), seguido pela área intermediária que se espalha de forma crescente do Nordeste Baiano, passando pelo Centro Norte Baiano e atinge o Vale Franciscano (faixa entre 46% e 53% de emprego de não marcação) e os percentuais mais altos dessa estratégia (63% e 68%, respectivamente) foram registrados no Extremo Oeste Baiano e no Centro Sul Baiano. Nesse sentido, constatou-se que a não marcação é a estratégia de pluralização mais representativa no interior do Estado da Bahia sobretudo nas mesorregiões limítrofes com os estados de Minas Gerais, Goiânia, Tocantins e parte do Piauí.

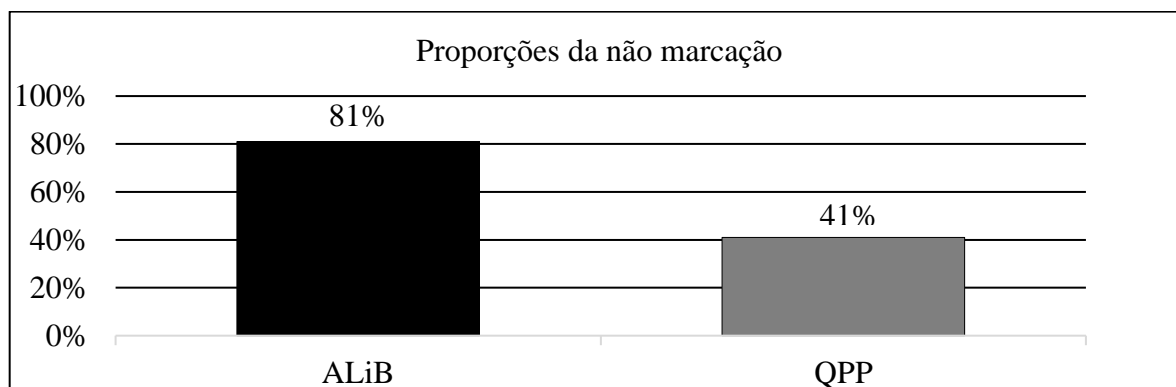
Comparando as isoglossas traçadas na *Carta 4 (Figura 28)* com aquelas observadas anteriormente na *Carta 2 (Figura 26)*, nota-se que a Região Metropolitana de Salvador e o Sul Baiano compreende uma área dialetal que mais desfavorece a não marcação seja comparada à marcação dupla no grupo de lexias em potencial contexto metafônico seja comparada à estratégia *-ões* no grupo de lexias com terminação em *-ão* como observado, respectivamente, nessas figuras. Dessa forma, comparando os resultados da rodada 1 desses dois grupos de pluralização analisados até então, conclui-se que enquanto no interior do Estado da Bahia a representação da não marcação se revela mais robusta no léxico mental de seus nativos, na eventual área dialetal que se estende desde o Sul Baiano até Região Metropolitana de Salvador, seus moradores se revelam mais conservadores uma vez que evitam o emprego desta estratégia de pluralização de forma mais expressiva do que nas demais mesorregiões do estado.

5.2.1.5 Amostra/ano

Quanto à variável *amostra/ano*, notou-se que a estratégia *-ões* foi mais recorrente na amostra *ALiB* com 19% (43/224) dos dados e no *QPP* com 59% (380/643) dos registros. No entanto é importante observar que 1/3 das lexias alvo controladas naquela amostra apresentam pluralização esperada em *-ões (leão)*, logo é justificável a inibição da ocorrência dessa pluralização para os demais itens lexicais com outras pluralizações esperadas e com frequência

de ocorrência elevada (*mão* e *pão*). Assim, são justificáveis os percentuais mais elevados de não marcação na amostra *ALiB* como observado no *Gráfico 32*:

Gráfico 32: Correlação entre *amostra/ano* e a realização da não marcação *versus* marcação *-ões* em lexias com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 268.48$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 32*, a não marcação ocorreu na amostra *ALiB* com 81% (181/224) dos dados e no *QPP* com 41% (263/643) dos registros. Com esses resultados iniciais, a princípio, poder-se-ia supor que houve um declínio significativo no emprego dessa estratégia em comparação à marcação em *-ões* na fala das novas gerações. Para tal constatação, seria importante controlar apenas os dados intercomparáveis como apresentados na *Tabela 44*:

Tabela 44: Correlação entre *as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP* e a realização da não marcação *versus* marcação em *-ões* em lexias com terminação em *-ão*

Amostras	Lexia	<i>-ões</i>		Não marcação	
		freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i> (<i>QMS</i>)	Leão	15/28	54%	13/28	46%
	Mão	-	-	21/21	100%
	Pão	-	-	7/7	100%
Total		15/56	27%	41/56	73%
<i>QPP</i> (<i>Parte 1</i>)	Leão	21/30	70%	9/30	30%
	Mão	2/41	5%	39/41	95%
	Pão	1/6	17%	5/6	83%
Total		24/77	31%	53/77	69%

Fonte: Elaboração própria.

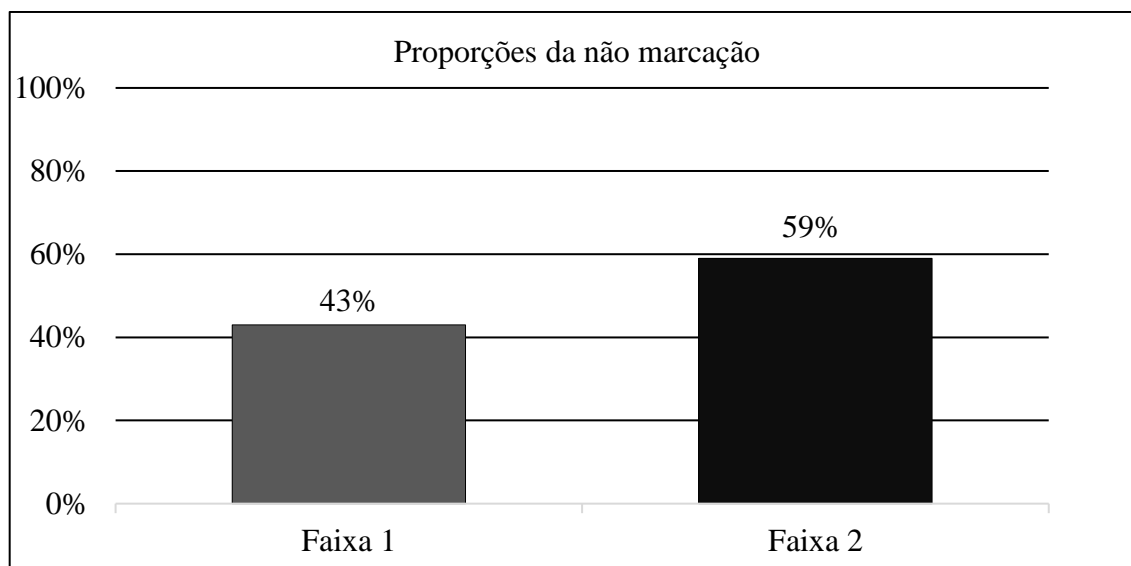
Com os resultados observados na *Tabela 44*, pode-se verificar também o papel da variável diacrônica na pesquisa embora a partir de um reduzido número de itens lexicais. Dessa forma, levando em consideração apenas as mesmas lexias localizadas nas seções com menor monitoramento tanto na amostra do *Projeto ALiB (QMS)* quanto no *QPP (Parte 1)*, notou-se que o percentual da não marcação se eleva de 41% no *QPP (Gráfico 32)* para 69% (53/77) quando as lexias observadas nas duas amostras são intercomparáveis (*Tabela 44*). No entanto, quando se comparam os resultados apresentados nessa nova amostragem, percebe-se que a não marcação passa ocorrer em 73% (41/56) dos dados do *ALiB* e em 69% (53/77) na amostra do *QPP*. Dessa forma, ainda que haja uma redução nos percentuais da não marcação e conseqüentemente uma elevação dos percentuais da estratégia *-ões* dos dados do *ALiB* (27% ou 15/56) para os registros do *QPP* (31% ou 24/77), essas diferenças são expressivas.

Por fim, merece destaque o aumento de 54% (15/28) para 70% (21/30) no emprego da pluralização *-ões* em registros da lexia *leão* da amostra *ALiB* para o *QPP*, respectivamente, ao passo que houve uma redução de 46% (13/28) para 30% (9/30) no emprego da não marcação nos dados da nova geração baiana. Quando se observou a migração de outras pluralizações esperadas para a marcação em *-ões*: *mões* (2) e *pões* (1) melhor descrita na subseção 5.2.2.3, também se percebeu a força dessa estratégia de pluralização, porém apenas na amostra do *QPP*. Como observado anteriormente na comparação entre os perfis da amostra do *Projeto ALiB (Gráfico 2)* com a amostra *QPP (Gráfico 3)*, esta amostragem apresenta um número de informantes com acesso à escolarização por mais tempo, logo provavelmente essa variável venha influenciar no maior emprego da estratégia *-ões* na nova geração como corroboram os resultados apresentados na subseção 5.2.1.7.

5.2.1.6 Faixa etária

Quanto à variável *faixa etária*, notou-se que a estratégia *-ões* foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária 1 com 57% (239/423) dos dados do que na faixa etária 2 com 41% (184/444) das ocorrências. A princípio, entende-se que os informantes com idade entre 18 e 30 anos de idade realizaram mais a estratégia *-ões* quando comparados àqueles com idade entre 50 e 65 anos ao passo que a não marcação foi predominante apenas nesta faixa etária como pode ser notado no *Gráfico 33*:

Gráfico 33: Correlação entre faixa etária e a realização da não marcação versus marcação - ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 7.1513 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como demonstrado no *Gráfico 33*, a não marcação ocorreu entre os informantes da faixa etária 1 com 43% (184/423) dos registros e na faixa etária 2 com 59% (260/444) dos dados. Diferentemente dos resultados obtidos na rodada 1 apresentados anteriormente quando se controlou o grupo de lexias em potencial contexto metafônico, na mesma rodada do grupo de lexias com terminação em *-ão*, a não marcação foi mais recorrente na faixa etária 2. Ademais naquela rodada, a diferença foi de apenas 3 pontos percentuais a mais de não marcação na faixa etária 1 (cf. *Gráfico 14*), enquanto nesta rodada, essa diferença foi mais expressiva e ocorreu em sentido contrário: 16 pontos percentuais a mais de não marcação entre os informantes da faixa etária 2 (*Gráfico 33*).

Por tudo exposto sobre o perfil dos informantes da faixa etária 2 (cf. subseção 5.1.1.6) e a respeito dos resultados de não marcação no grupo de lexias em potencial contexto metafônico em comparação com aqueles obtidos no grupo de lexias com terminação em *-ão*, conclui-se que essa estratégia apresenta maior representatividade no léxico mental na amostra composta por informantes da faixa etária 2, sobretudo entre os itens com terminação em *-ão*. Assim, embora na atualidade haja uma maior interação social dos informantes da faixa etária 2 com outras faixas etárias e maior ocupação dos espaços sociais e/ou educacionais, os informantes dessa faixa etária, por questões pragmáticas, eventualmente ainda não apresentariam as mesmas

frequências de usos reais das pluralizações de lexias terminação em *-ão* como o fazem com o grupo de itens em potencial contexto metafônico.

É importante observar que, nos resultados gerais, a não marcação foi elevada à condição de estratégia predominante quando comparada às demais pluralizações no grupo de lexias com terminação em *-ão* (*Gráfico 27*), diferentemente do que aconteceu no resultado panorâmico referente ao grupo em potencial contexto metafônico (*Gráfico 7*). Nesse sentido, parece coerente que haja também um aumento mesmo que expressivo dessa estratégia na fala dos informantes da faixa etária 2, pois ainda que apresente um comportamento inclusive linguístico semelhante aos informantes da faixa etária 1 na atualidade como descrito na subseção 5.1.1.6, os informantes daquela faixa etária se limitam a 45% (25/56) da amostra daqueles que trabalham em contato com o público enquanto nesta faixa essa possibilidade foi mais recorrente (55% ou 31/56). Também 62.5% (40/64) dos informantes que cursaram o ensino fundamental 2 são representantes da amostra da faixa etária 1 e apenas 37.5% (24/64) são da amostra da faixa etária 2, como já pontuado, portanto naturalmente a amostra composta por informantes da faixa etária 2 teria menos contato com o maior número de pluralizações pouco frequentes que compuseram, em especial, o grupo de lexias terminadas em *-ão* controladas neste trabalho³²⁵. Ademais, no grupo de lexias com terminação em *-ão*, o número de frequência de itens no singular comparados a seus plurais é mais representativo do que a mesma comparação estabelecida com itens do grupo em potencial contexto metafônico com já foi observado no *Quadro 1* (*Apêndice C*), o que possivelmente reforçaria o emprego da não marcação entre os informantes como menor contato com o público e menor exposição à educação formal a exemplo da amostra composta por informantes da faixa etária 2.

Por todas as particularidades ocorridas especialmente com a amostra do grupo de lexias com terminação em *-ão*, conclui-se que é justificável que os informantes da faixa etária 2 passassem a apresentar um comportamento mais inovador empregando ainda mais a não marcação como estratégia de pluralização na rodada 1 em comparação aos resultados já obtidos na mesma rodada quando se controlaram dados do grupo em potencial contexto metafônico haja vista que as representações mentais dos informantes da faixa etária 2, em princípio, não teriam as mesmas condições de audições repetidas dessas pluralizações quanto os informantes

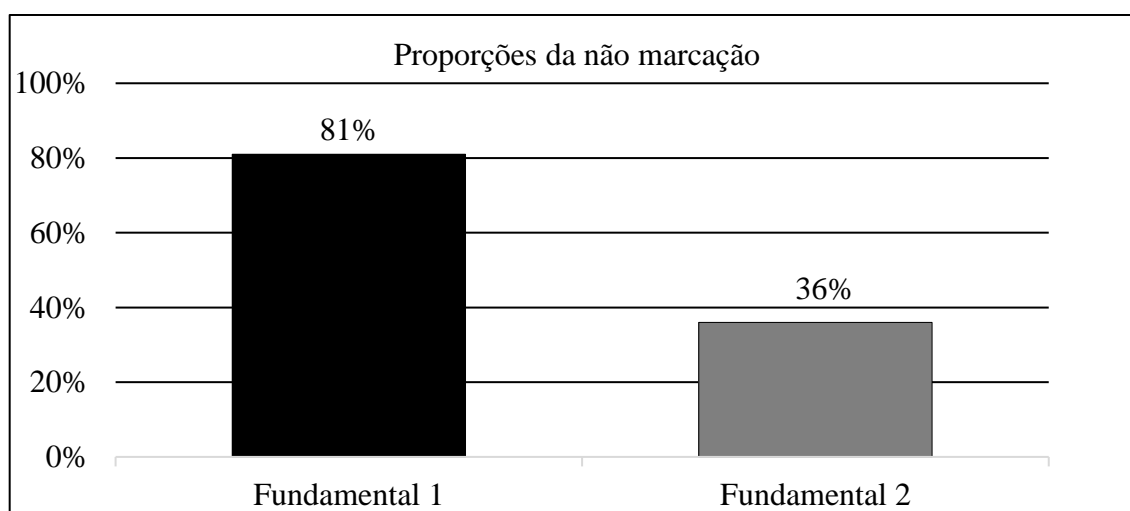
³²⁵ Enquanto no grupo de lexias em potencial contexto metafônico, houve apenas 25% (2/8) de lexias com frequência de ocorrência baixa, no grupo com lexias terminadas em *-ão*, esse percentual é maior: 39% (7/18) como observado no *Quadro 2 e Quadro 3* (*Apêndice C*).

da faixa etária 1 sobretudo para itens pouco comuns em seus cotidianos, logo a não marcação se tornaria a alternativa mais robusta no léxico mental daqueles informantes.

5.2.1.7 Nível de escolaridade

Diferentemente dos resultados da rodada 1 quando se observou o grupo de lexias em potencial contexto metafônico, nessa mesma rodada considerando as lexias com terminação em *-ão*, a não marcação passou a destacar-se como a estratégia predominante em comparação à outra variante resposta entre os informantes que tiveram menor exposição à educação formal. Assim sendo, notou-se que a estratégia *-ões* foi reduzida a 19% (57/299) dos dados entre os informantes do fundamental 1, mas passou a ser a estratégia majoritária no fundamental 2 com 64% (366/568) dos registros. Ao observar o *Gráfico 34*, nota-se o quanto a não marcação foi recorrente entre os menos escolarizados:

Gráfico 34: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 225.72 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

A partir da observação do *Gráfico 34*, percebe-se que a não marcação ocorreu entre os informantes do fundamental 1 com até 81% (242/299) dos dados. Já no fundamental 2, essa estratégia não ultrapassa os 36% (202/568) dos registros. Em comparação com os resultados da variável nível de escolaridade já apresentados na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico (*Gráfico 15*) bem como aqueles referentes à mesma rodada do grupo de lexias com

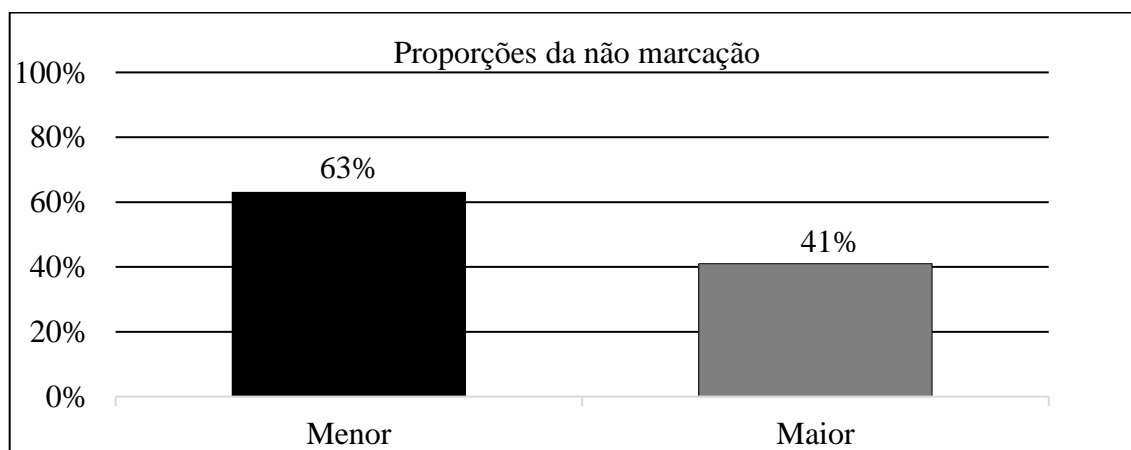
terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* a serem apresentados na subseção 5.3.1.7, a não marcação se destaca como seu maior percentual de representatividade na amostra dos informantes que cursaram ou ainda cursam o ensino fundamental 1.

Assim sendo, conclui-se que a não marcação é a alternativa mais recorrente em comparação a outros padrões de plural controlados neste trabalho entre os informantes com menor nível de escolaridade. Mesmo quando se observar as três variantes resposta na subseção 5.2.2.7, notar-se-á o quão expressivo se mantém o percentual da não marcação na amostra do fundamental 1 em comparação aos percentuais dessa estratégia no fundamental 2. Nesse sentido, evidencia-se o papel da escolaridade na inibição da não marcação sobretudo no grupo de lexias com terminação em *-ão*.

5.2.1.8 Nível de contato com o público no mercado de trabalho

Quanto à variável *contato com o público*, também se notou que a não marcação não predominou como a estratégia mais recorrente independentemente do nível de contato com o público. A estratégia *-ões* foi predominante entre os informantes com maior contato com o público no mercado ocupacional com 59% (275/465) dos dados, mas obteve apenas 37% (148/402) dos registros entre os informantes com menor contato com o público, logo a não marcação foi majoritária apenas na amostra composta por informantes como menor contato com o público como se pode notar no *Gráfico 35*:

Gráfico 35: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 38.13 (1) p. < 0.5$



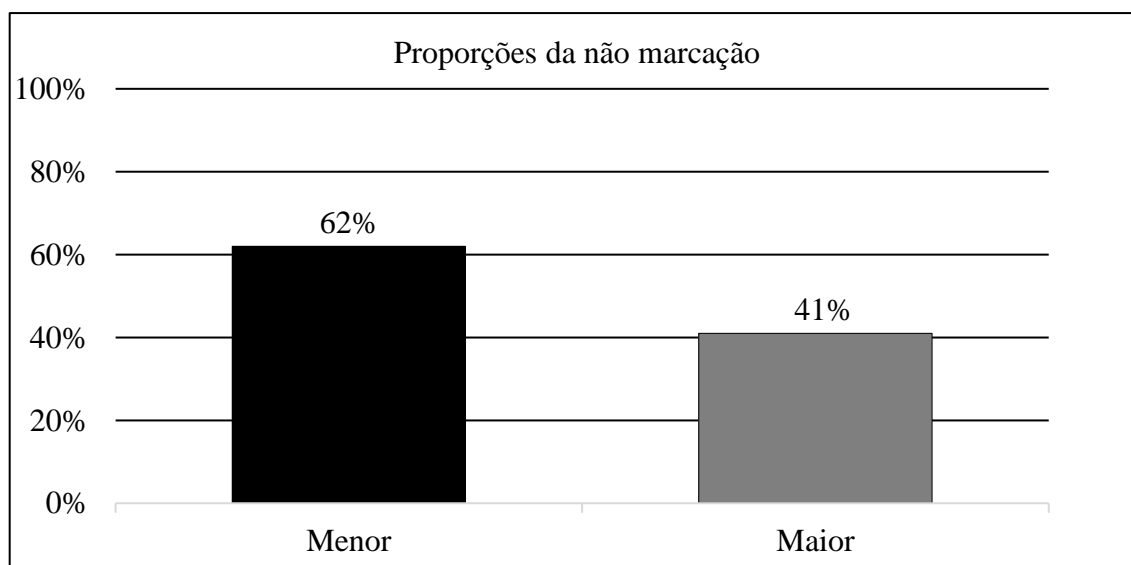
Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 35*, a não marcação ocorreu em 63% (254/402) dos registros dos informantes com o menor contato e em 41% (190/465) entre os informantes com o maior contato com o público em seus ambientes de trabalho. Essa diferença favorável à não marcação naquela amostra corrobora a direção dos resultados também obtidos na rodada 1 do grupo de lexias em potencial contexto metafônico. Portanto, é seguro afirmar que o maior contato entre as pessoas em seus ambientes de trabalho se revelaria como um fator que impulsiona a migração da não marcação para a estratégia *-ões* no grupo de lexias com terminação em *-ão* assim como a mesma migração ocorreria em direção à dupla marcação em lexias em potencial contexto metafônico.

5.2.1.9 Grau de monitoramento

No que diz respeito à variável *grau de monitoramento*, notou-se que a estratégia *-ões*, ocorreu em 38% (166/434) dos dados ocorridos em momentos dos questionários com menor grau de monitoramento e com 59% (257/433) em situação de maior monitoramento. Nesse sentido, a marcação em *-ões* se mostrou menos recorrente em comparação à não marcação naquele contexto de monitoramento quando esta estratégia predomina como pode ser comprovado com a observação do gráfico a seguir:

Gráfico 36: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da não marcação versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 19.577 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Na observação do *Gráfico 36*, percebe-se que a não marcação ocorreu em 62% (268/434) dos dados ocorridos em situações com menor grau de monitoramento e em 41% (176/433) com maior grau de monitoramento. Mesmo quando observadas as três variantes resposta, como se notará na subseção 5.1.2.9, perceber-se-á que a representatividade da não marcação não só dialoga com os resultados da rodada 1 apresentados no *Gráfico 36*, como também se destaca como a estratégia mais recorrente em contexto de menor monitoramento em comparação a todas as pluralizações controladas.

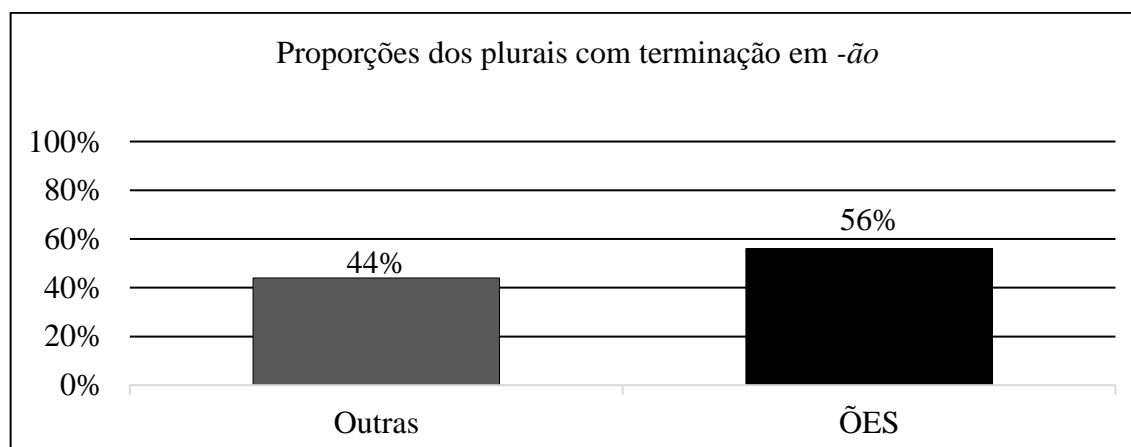
Embora a não marcação tenha se revelado predominante nas duas amostras em contextos de monitoramento distintos na rodada 1 quando se observou a variável não marcação em comparação à marcação dupla no grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 17*), ainda assim aquela estratégia apresentou quase o triplo do percentual na amostra com menor monitoramento (34%) em comparação a amostra com maior monitoramento (12%). Nesse sentido, nota-se que a não marcação não só apresentou percentuais mais elevados no grupo de lexias com terminação em *-ão* como notado no *Gráfico 36*, independentemente do grau de monitoramento, como também os índices dessa estratégia em contextos de menor monitoramento são expressivamente maiores que aqueles observados no grupo de grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 17*).

Com essa convergência dos percentuais da não marcação nas rodadas 1, entende-se que seguramente o menor monitoramento apresenta correlação com o emprego dessa estratégia de pluralização ao passo que a estratégia *-ões* assim como a dupla marcação, quando comparadas à não marcação, apresentam representatividade predominante e/ou expressiva quando realizadas em contexto de maior monitoramento. Dessa forma, mesmo as amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* sendo compostas por informantes com baixo nível de escolaridade, notou-se que esses informantes avaliam a não marcação como menos adequada a situações de interação verbal com maior monitoramento.

5.2.2 Variante outras marcações (-ãos, -ães) em comparação à marcação -ões

Na rodada 2, as alternativas de pluralização menos recorrentes *-ãos* e *-ães* foram agrupadas sob o rótulo de *outras marcações* com vista à realização de processamentos estatísticos binários. Dessa forma, constatou-se que a diferença entre os percentuais dessas duas variantes resposta se revelaria significativa como se pode notar no *Gráfico 37*:

Gráfico 37: Realizações de outras marcações (-ãos, -ães) versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 11.486 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como notado no Gráfico 37, a marcação -ões se revela majoritária com 56% (423/753) enquanto as estratégias -ãos e -ães juntas representam 44% (330/753) da amostra. Na variante *outras marcações*, a estratégia -ães desponta com a alternativa mais relevante com 60% (197/330) dos registros dessa amostragem enquanto a marcação -ãos ocorreu em 40% (133/330) desses dados. Dessa forma, evidencia-se que na representação mental dos informantes controlados, a não marcação seguida da estratégia -ões compõem os feixes de exemplares mais robustos no léxico mental do grupo de lexias com terminação em -ão enquanto as estratégias -ães seguida de -ãos não gozam dessa mesma representatividade sobretudo porque são padrões esperados com inexpressivo número das pluralizações das lexias no PB.

Assim como nos resultados obtidos na rodada 1, na rodada 2 com o controle de lexias com terminação em -ão, apenas a variável sexo não se revelou significativa do ponto de vista estatístico de acordo com o teste qui-quadrado como pode ser observado na Tabela 45:

Tabela 45: Variável não significativa apontada pela rodada 2 do grupo de lexias com terminação em -ão

Variável	Fatores	Outras marcações (-ãos/-ães)		-ões		Significância do teste χ^2
		freq.	%	freq.	%	
Sexo	homem	159/389	41%	230/389	59%	p. = > 0.5.
	mulher	171/364	47%	193/364	53%	

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação da *Tabela 45*, nota-se um ligeiro aumento no emprego de outras marcações na amostra das mulheres. Essas estratégias juntas ocorreram em 41% (159/389) da amostra dos homens e em 47% (171/364) na amostra das mulheres. Assim, a estratégia *-ões* ocorreu entre os homens com 59% (230/389) dos dados e representou 53% (193/364) dos registros na amostra das mulheres. Em sentido contrário, na rodada 2, os demais resultados apresentaram diferenças significativas em todas as variáveis controladas, como se observará nos gráficos das próximas subseções.

5.2.2.1 Ordem de realização

Passando à observação panorâmica da variável ordem de realização das lexias com terminação em *-ão*, na oposição não marcação *versus* marcação indiferente (*-ões/-ães/-ãos*), constatou-se que estas estratégias juntas atingiram 64% (441/691) das realizações como primeira resposta, 62% (175/283) na segunda, 56% (68/121) na terceira e 68% (69/102) a partir da quarta resposta (cf. *Tabela 1, Apêndice H*). Dessa forma, assim como observado na ordem das respostas apresentadas no resultado panorâmico das pluralizações das lexias em potencial contexto metafônico (cf. *Tabela 1, Apêndice G*), no grupo de lexias com terminação em *-ão*, também a não marcação obteve sua menor representatividade a partir da quarta realização quando a marcação indiferente atingiu 68% dos registros: 40% (41/102) de dados de *-ões* e 28% (28/102) de ocorrências de outras marcações como se observa na *Tabela 46*:

Tabela 46: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

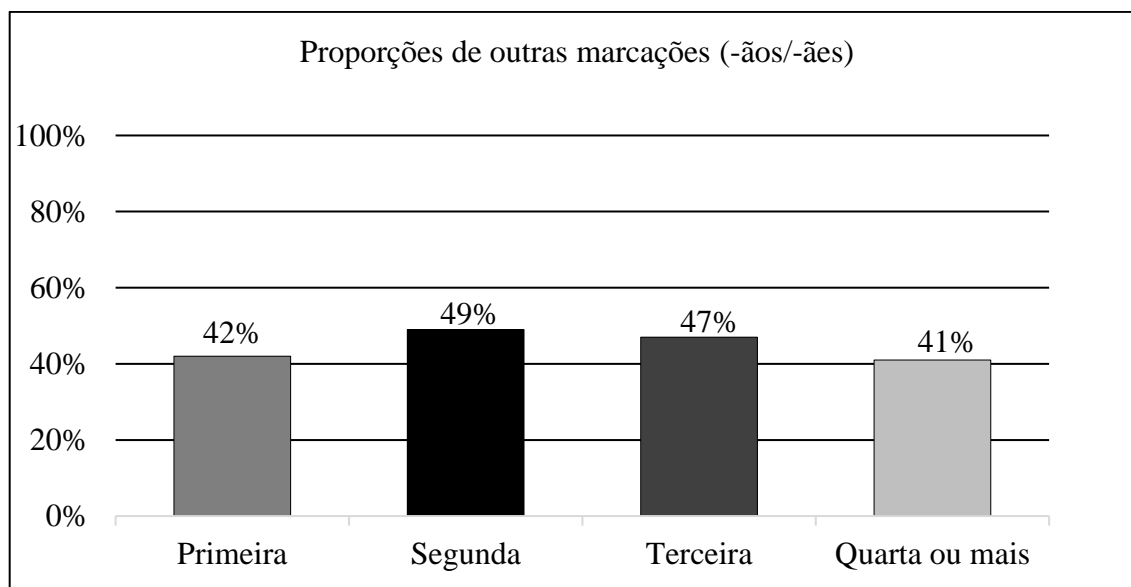
Fatores	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	257/691	37%	184/691	27%	250/691	36%
Segunda	89/283	32%	86/283	30%	108/283	38%
Terceira	36/121	30%	32/121	26%	53/121	44%
Quarta ou mais	41/102	40%	28/102	28%	33/102	32%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

Como observado na *Tabela 46*, enquanto há uma relativa estabilidade nos percentuais de outras marcações que oscilam entre 26% e 30% de representatividade entre as ordens de realização, quando atinge os dados a partir da quarta realização de plural de uma mesma lexia, a não marcação apresenta seu menor percentual e a estratégia *-ões* lidera como a pluralização mais recorrente. Entende-se, portanto, que a partir da quarta realização, apenas os dados da não marcação tendem a migrar para a estratégia *-ões* numa tentativa de marcação de plural com o padrão mais produtivo no grupo em *-ão*.

Quando se observar os resultados obtidos na rodada 2, nota-se que a estratégia *-ões* ocorreu em 58% (257/441) dos dados da primeira realização, 51% (89/175) dos dados da segunda realização, 53% (36/68) das ocorrências da terceira realização e 59% (41/69) a partir da quarta realização. Corroborando os resultados da amostra geral apresentados na *Tabela 46*, essa estratégia lidera nos extremos das ordens de resposta enquanto outras marcações são mais recorrentes na segunda e terceira realizações como se pode perceber no *Gráfico 38*:

Gráfico 38: Correlação entre ordem de realização e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 304.63 (3) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se, no *Gráfico 38*, que outras marcações ocorreram em 42% (184/441) dos dados da primeira realização. A partir desse momento, há um aumento para 49% (86/175) dos registros da segunda realização e 47% (32/68) daqueles da terceira realização. Por fim, essa representatividade passa a 41% (28/69) dos dados a partir da quarta realização. Dessa forma,

conclui-se que no tocante à variável ordem de realização, assim como ocorrido na observação das rodadas 1 e 2 do grupo de lexias em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 9* e *Gráfico 19*, respectivamente), evidencia-se também uma semelhança entre os resultados da rodada 1 e aqueles da rodada 2 no grupo de lexias com terminação em *-ão* (cf. *Gráfico 28* e *Gráfico 38*), já que, respectivamente, em ambos os grupos a marcação dupla e a marcação em *-ões* são mais recorrentes no primeiro momento de ocorrência de cada pluralização.

Nas rodadas 1 e 2 do grupo de lexias com terminação em *-ão* – como notado na comparação entre o *Gráfico 28* e *Gráfico 38* – na primeira e nas últimas realizações de plural de uma mesma lexia, a marcação *-ões* novamente prevalece em relação à segunda e à terceira realização. Essas curvas sinalizadas nesses gráficos³²⁶ indicariam momentos de maior tensão que demandariam dos informantes a realização de pluralizações mais produtivas no grupo em *-ão* e, portanto, mais acessíveis no léxico mental dessas pessoas. Dessa forma, por se tratar de momentos com caráter introdutório (primeira realização) ou avaliativo (a partir da quarta realização), a necessidade de apresentar uma estratégia de pluralização robusta e/ou assertiva no grupo de lexias com terminação em *-ão* justificariam a tendência à marcação com a estratégia mais produtiva no grupo em *-ão* (*-ões*) na primeira e a partir da quarta realização.

5.2.2.2 Frequência de ocorrência

Levando em consideração os percentuais da não marcação *versus* marcação indiferente (*-ões/-ães/-ãos*), notou-se que estas alternativas apresentam praticamente os mesmos percentuais nas frequências de ocorrências menos elevadas. Na amostra de frequência de ocorrência baixa, houve 68% (237/351) de ocorrências semelhante à representatividade da marcação indiferente na amostra de frequência de ocorrência média: 69% (300/432). Já entre os itens com frequência de ocorrência alta, esse percentual é reduzido a 52% (216/414) como se pode observar na *Tabela 2, Apêndice H*. Em sentido oposto, no grupo de lexias com terminação em *-ão*, a não marcação obteve sua maior representatividade entre os itens como maior frequência de ocorrência por motivos já expostos na subseção 5.2.1.2: 32% (114/351) entre os itens de frequência baixa, 31% (132/432) entre os itens de frequência média e chegando a 48% (198/414) na amostra de frequência de ocorrência alta como se observa na *Tabela 47*:

³²⁶ Esta curva também foi registrada na rodada 1 do grupo de lexias em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 9*).

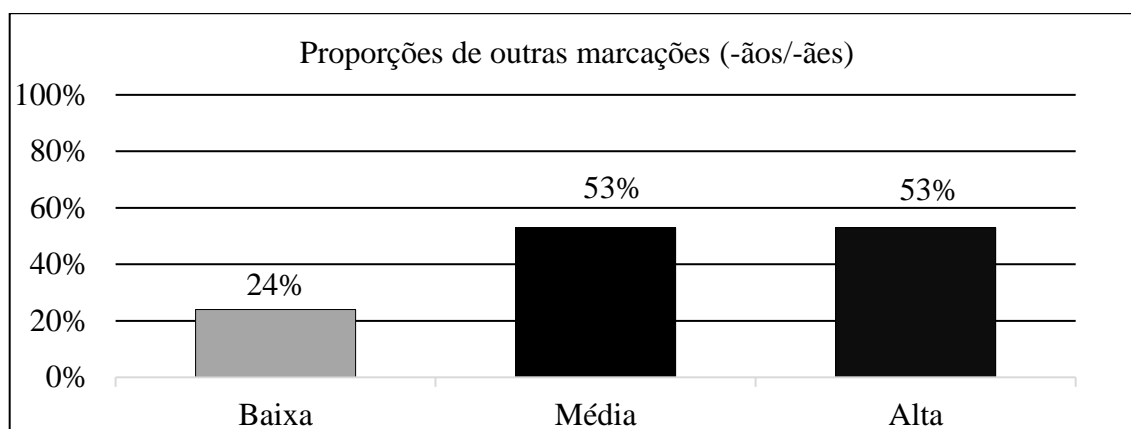
Tabela 47: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Fatores	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Frequência baixa	181/351	52%	56/351	16%	114/351	32%
Frequência média	140/432	32%	160/432	37%	132/432	31%
Frequência alta	102/414	25%	114/414	27%	198/414	48%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

Como notado na *Tabela 47*, evidencia-se uma redução gradativa no emprego da estratégia *-ões* à medida que se eleva a classificação da frequência de ocorrência de cada amostragem observada: 52% (181/351) na frequência baixa, 32% (140/432) na frequência média e apenas 25% (102/414) na frequência alta. A correlação entre essa variável previsora e o emprego de outras marcações também pode ser notada se se observar dos percentuais apresentados nos extremos dos níveis de frequência de ocorrência: apenas 16% (56/351) na frequência baixa e até 27% (114/414) na frequência alta. Essa correlação entre emprego de outras marcações e o nível de frequência de ocorrência também pode ser evidenciada nos resultados obtidos na rodada 2 como se pode conferir no *Gráfico 39*:

Gráfico 39: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 22.142$ (2) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Com a observação do *Gráfico 39*, nota-se que outras marcações ocorreram em 24% (56/237) dos dados de frequência de ocorrência baixa, mas passaram a 53% de representatividade tanto entre os dados de frequência média (160/300) quanto entre aqueles com frequência de ocorrência alta (114/216). Nesse sentido, entende-se que a diferença significativa estabelecida a partir do teste qui-quadrado nesta rodada diz respeito à oposição frequência de ocorrência baixa em relação a outras frequências de ocorrências mais elevadas.

Portanto, na rodada 2, constatou-se que a estratégia *-ões* ocorreu em 76% (181/237) dos dados de frequência de ocorrência baixa e igualmente com 47% dos dados da frequência de ocorrência média (140/300) e dos registros de frequência de ocorrência alta (102/216). Dessa forma, conclui-se que a estratégia *-ões* não só se revelou mais recorrente como predominante entre as lexias com baixa frequência de ocorrência ao passo que as estratégias *-ãos* ou *-ães* juntas despontaram como uma alternativa predominantes apenas entre os itens lexicais eventualmente mais recorrente no cotidiano. Por se tratar de grupos de plurais etimológicos inexpressivos no PB – ou seja, com baixa frequência tipo – lexias com pluralizações como *-ães* ou *-ãos* só poderiam inibir a migração para a pluralização *-ões* se estas lexias fossem pluralizadas de forma muito recorrente no cotidiano, já que apenas a atuação da frequência de ocorrência alta de pluralizações em *-ães* ou *-ãos* poderia atenuar o efeito de uma frequência tipo alta como a pluralização com a estratégia *-ões*.

Dessa forma, com os resultados obtidos na rodada 2 tanto para o grupo de lexias em potencial contexto metafônico quanto para o grupo de lexias com terminação em *-ão*, constatou-se, respectivamente, que a marcação dupla e outras marcações (*-ães* ou *-ãos*) foram mais recorrentes entre os itens lexicais com frequência de ocorrência alta enquanto as marcações mais produtivas em cada grupo foram mais frequentes entre as lexias com baixa frequência de ocorrência. Nesse sentido, conclui-se que em ambos os grupos, as estratégias de pluralização com frequências tipo inexpressivas como a dupla marcação e outras marcações (*-ães* ou *-ãos*) só conservariam suas pluralizações se elas forem muito frequentes no uso cotidiano.

5.2.2.3 Lexia

Ao observar os dados gerais de pluralização das lexias com terminação em *-ão*, nota-se como a marcação indiferente (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) é predominante em quase toda amostra. Já a não marcação só se revela predominante na pluralização de *mão* com 63% (127/201) dos dados

e apresenta o mesmo percentual da marcação indiferente na pluralização da lexia *melão* (50% ou 6/12) como se pode notar a *Tabela 48*:

Tabela 48: Correlação entre *lexia* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-ão*

Lexia	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Vulcão	26/31	84%	3/31	10%	2/31	6%
Guardião	26/32	81%	2/32	6%	4/32	13%
Aldeão	25/32	78%	1/32	3%	6/32	19%
Anão	23/32	72%	1/32	3%	8/32	25%
Televisão	29/42	69%	2/42	5%	11/42	26%
Cristão	22/32	69%	6/32	19%	4/32	12%
Avião	22/35	63%	2/35	6%	11/35	31%
Cidadão	23/37	62%	6/37	16%	8/37	22%
Ladrão	41/67	61%	2/67	3%	24/67	36%
Limão	23/41	56%	5/41	12%	13/41	32%
Leão	63/128	49%	8/128	6%	57/128	45%
Corrimão	47/109	43%	20/109	18%	42/109	39%
Melão	5/12	42%	1/12	8%	6/12	50%
Mamão	29/94	31%	24/94	25%	41/94	44%
Alemão	14/74	19%	32/74	43%	28/74	38%
Pão	3/159	2%	109/159	68%	47/159	30%
Mão	2/201	1%	72/201	36%	127/201	63%
Cão	-	0%	34/39	87%	5/39	13%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

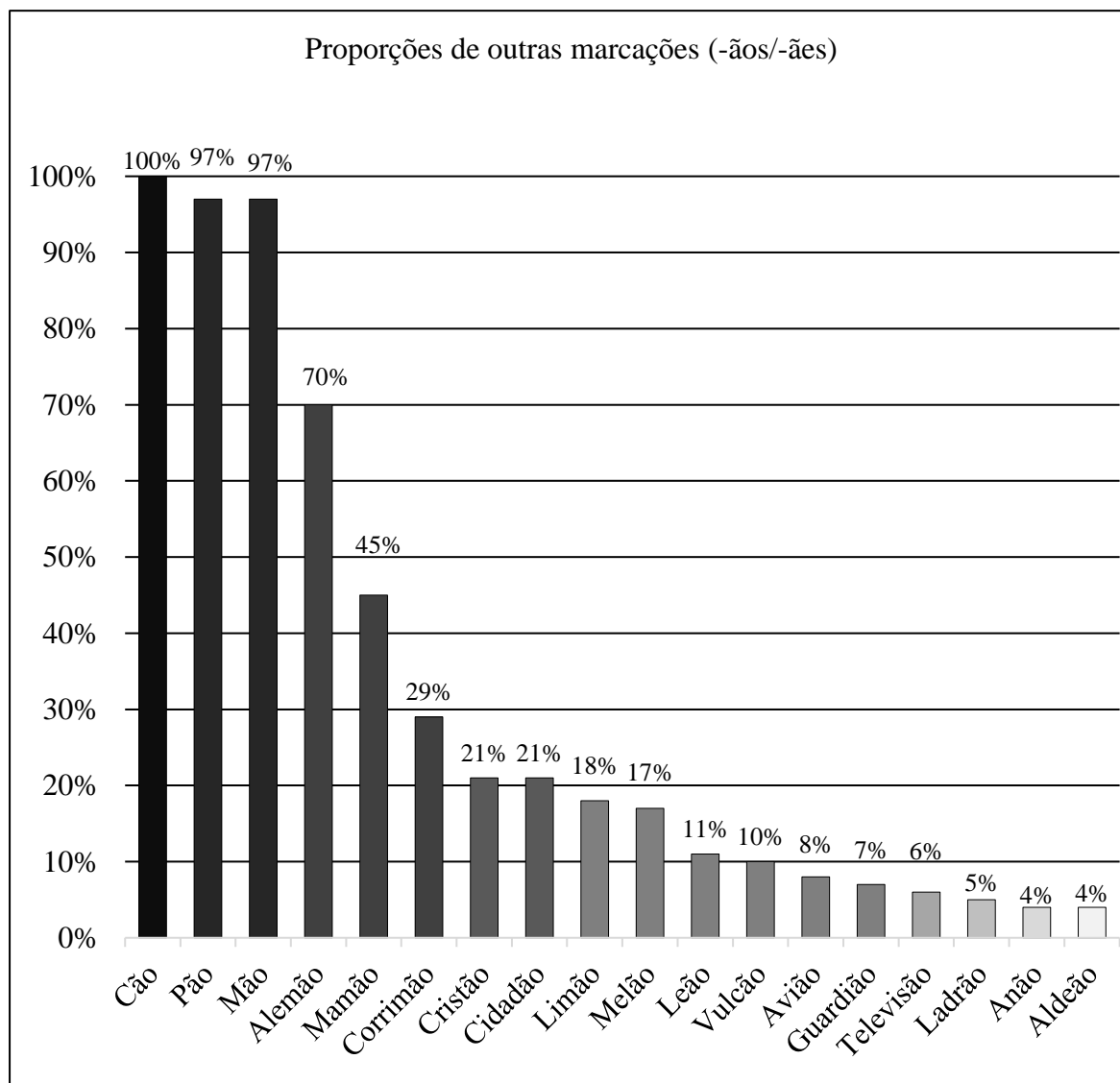
A partir da observação da *Tabela 48*, nota-se que as *lexias* estão dispostas conforme os respectivos percentuais de emprego da estratégia *-ões*. Em comparação com outras marcações e a não marcação, constatou-se que a alternativa *-ões* é a estratégia predominante em 56% dos itens controlados (10/18), a saber: *vulcão* lidera no emprego dessa pluralização com 84%

(26/31) seguida por *guardião* com 81% (26/32), *aldeão* com 78% (25/32), *anão* com 72% (23/32), *televisão* com 69% (29/42) assim com *cristão* (22/32), *avião* com 63% (22/35), *cidadão* com 62% (23/37), *ladrão* com 61% (41/67) e *limão* com 56% (23/41). Desses, 40% (4/10) são lexias com plural etimológico em *-anus* (*vulcão*, *guardião*, *anão* e *cristão*), logo os principais índices de pluralização em *-ões* é resultado da migração de *-ãos* > *-ões*. Se se considerar que o plural esperado de *cidadão* também seria *cidadãos* – embora esse não seja seu plural etimológico como já explicado – conclui-se que metade desses itens com predominância da estratégia *-ões* é resultado dessa migração.

Como observado na *Tabela 48*, o emprego da estratégia *-ões* passa a ser desfavorecido em *leão* com 49% (63/128), *corrimão* com 43% (47/109), *melão* com 42% (5/12), *mamão* com 31% (29/94), *alemão* com 19% (14/74), *pão* com 2% (3/159), *mão* com 1% (2/201) e *cão* sem registros dessa pluralização entre as 39 ocorrências controladas. Nessa observação preliminar, constatou-se que as lexias com índices intermediários entre 31% e 49% de emprego da estratégia *-ões* são todas com pluralização (eventualmente) esperada com essa possibilidade de marcação de plural: *leões*, *corrimões*, *melões* e *mamões*. Ademais, como segunda possibilidade de pluralização mais recorrente, essas quatro lexias foram pluralizadas apenas nos respectivos determinantes, inibindo o emprego de outras marcações. Já as lexias *alemão*, *pão*, *mão* e sobretudo *cão* foram aquelas que mais inibiram a migração para a estratégia *-ões* (cf. *Tabela 48*). Como já pontuado na subseção 5.2.1.3, essas lexias com pluralização esperada em *-ãos* e sobretudo em *-ães* são formadas também por monossílabos pluralizados apenas com essas estratégias, com frequência de ocorrência alta ou com ambas as características e, portanto, inibem a migração para uma pluralização não esperada.

Desconsiderando os dados de não marcação, na oposição do emprego da marcação *-ões* em relação a outras marcações, notou-se que aquela estratégia ocorreu em 96% (25/26) dos dados de *aldeão* e também em 96% (23/24) dos dados de *anão*, 95% (41/43) de *ladrão*, 94% (29/31) de *televisão*, 93% (26/28) de *guardião*, 92% (22/24) de *avião*, 90% (26/29) de *vulcão*, 89% (63/71) de *leão*, 83% (5/6) de *melão*, 82% (23/28) de *limão*, 79% (23/29) de *cidadão*, igualmente 79% (22/28) dos dados de *cristão*, 71% (47/67) dos dados de *corrimão*, 55% (29/53) dos dados de *mamão*, 30% (14/46) dos dados de *alemão*, 3% (2/74) dos dados de *mão*, da mesma forma 3% (3/112) dos dados de *pão* e nenhum dado para *cão* (0/34). Nesse sentido, constatou-se que a estratégia *-ões* foi predominante em 78% (14/18) dos itens lexicais controlados na rodada 2, logo outras marcações só se revelaram predominantes como pluralização entre as lexias *cão*, *pão*, *mão* e *alemão* como se pode conferir no *Gráfico 40*:

Gráfico 40: Correlação entre *lexia* e a realização de outras marcações *versus* marcação *-ões* em *lexias* com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 185.81 (17) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode observar no Gráfico 40, outras marcações (*-ãos* e *-ães*) ocorreram em 100% (34/34) dos dados *cão*, 97% dos dados de *pão* (109/112) e de *mão* (72/74), em 70% (32/46) dos dados de *alemão*, 45% (24/53) de *mamão*, 29% (20/67) de *corrimão*, 21% (6/28) de *cristão* e igualmente 21% (6/29) dos dados de *cidadão*, 18% (5/28) dos dados de *limão*, 17% (1/6) de *melão*, 11% (8/71) de *leão*, 10% (3/29) de *vulcão*, 8% (2/24) de *avião*, 7% (2/28) de *guardião*, 6% (2/31) de *televisão*, 5% (2/43) de *ladrão* e 4% dos dados de *anão* (1/24) e de *aldeão* (1/26). Esses resultados mais uma vez revelam uma polarização das estratégias de marcação. Assim como na rodada 1 (cf. Gráfico 30), na rodada 2 (cf. Gráfico 40) notou-se que

as lexias *cão*, *pão*, *mão* e *alemão* são aquelas que (mais) desfavorecem o emprego da marcação *-ões*. Em Huback (2007), a representatividade de migração para a pluralização em *-ões* dessas quatro lexias se revelou ainda mais limitada uma vez que apenas *alemão* apresentou plural em *-ões* (13,8% ou 5/36)³²⁷. Em Severino (2013)³²⁸, não houve registros dessa migração para lexia *cão*, mas foram observados 1,5% de ocorrências de *pões*, 2,9% de *mões* e 24,3% de *alemões* (cf. *Tabela 5, Apêndice H*). Assim, os percentuais de migração observados nesta pesquisa se assemelham aos conferidos na amostra *ALiB* e no *QPP*. Como observado também nestas amostragens, por se tratar de lexias com plurais etimológicos consolidados há séculos na língua portuguesa e por serem pluralizações com frequência de ocorrência média (*cão* e *pão*) e alta (*mão* e *alemão*) (cf. *Quadro 3, Apêndice E*), essas lexias inibiriam a migração da pluralização esperada para a estratégia *-ões*. Ademais, como pontuou Huback (2007), devido à forte representação mental motivada pela frequência tipo, os monossílabos estariam protegidos dessa migração já que não é comum no PB pluralização com *-ões* para lexias com terminação em *-ão* com essa extensão silábica.

Quando se passa considerar os resultados de outras marcações em relação às demais lexias apresentadas no *Gráfico 40*, nota-se que *mamão*, *corrimão* e *limão* ocupam, respectivamente, a quinta, sexta e nona posição no emprego dessas alternativas de pluralização. Cabe observar que enquanto em Huback (2007) *limão* obteve apenas 8,2% de representatividade de outras marcações e *mamão* 29,4% em Severino (2013), nas amostras *ALiB* e *QPP* juntas *limão* obteve 18% de registros de outras marcações e *mamão*, 45% como notado no *Gráfico 40*. Naturalmente, em virtude de a natureza destas amostras não serem compostas por informantes como maior nível de escolaridade e por apresentarem variação de monitoramento durante a aplicação dos questionários, nas amostras *ALiB* e *QPP*, *limão* e *mamão* apresentaram maior migração em sentido inesperado: *-ões* > outras marcações.

Como observado inicialmente na *Figura 5* (subseção 4.3) e reiterado na subseção 5.2.1.3, uma vez que as pluralizações das lexias *mamão*, *corrimão* e *limão* não são classificadas como frequência de ocorrência alta como o plural da lexia *mão*, por manterem com esta lexia similaridades fonológicas e semânticas, *maMÃO*, *corriMÃO* e *liMÃO* passam a estabelecer uma rede de conexões no léxico mental também com o plural *mãos*, logo apresentariam maior resistência à migração para a pluralização em *-ões* do que as demais lexias sem essas semelhanças com itens com frequência de ocorrência alta. Corroborando essa evidência, ao

³²⁷ Conferir *Tabela 22* (Huback, 2007, p. 204).

³²⁸ Observar *Tabela 28* no *Anexo III* (Severino, 2013, p. 96).

observar o detalhamento de outras marcações (cf. *Tabela 5, Apêndice H*), nota-se que 65% (32/49) das migrações de *mamão*, *limão* e *corrimão* são direcionadas à estratégia *-ãos* e apenas 35% (17/49)³²⁹ em direção a *-ães*. Desses três itens, merece destaque o emprego de 90% (18/20) do plural em *-ãos* e apenas 10% (2/20) em *-ães* para lexia *corrimão*. A partir da ótica da Teoria de Exemplares, conclui-se que além da influência da frequência tipo já que no PB a marcação *-s* seria a mais frequente, as semelhanças fonológicas e semânticas entre pluralizações com frequência de ocorrência baixa, a exemplo de *mamão*, *limão* e *corrimão*, e itens com frequência de ocorrência alta, como *mãos*, apresentariam correlação como a migração sobretudo em direção à estratégia *-ãos* como segunda opção mais recorrente.

Entre os itens com índices relativamente intermediários de outras marcações, estão *corrimão* com 29%, *cristão* e *cidadão* igualmente com 21% como observado no *Gráfico 40*³³⁰. Todos com marcação esperada (eventualmente) em *-ãos*. No entanto é importante ressaltar que os poucos dados de outras marcações são compostos por plurais em *-ães* para *cristão* (4) e *cidadão* (4) já a marcação esperada *-ãos* obteve menor número de ocorrências: 2 dados de *cristãos* bem como de *cidadãos*. Já para a *corrimão*, prevaleceu uma das alternativas esperadas: 18 dados de *corrimãos* e apenas 2 de *corrimães* (cf. *Tabela 4, Apêndice H*). Como *cristão* e *cidadão* foram lexias localizadas apenas na *Parte 3* do *QPP*, justificar-se-ia o emprego de estratégias mais salientes como *-ães* – embora o número de dados seja limitado para tal empreitada – pois, como se notou na análise da ordem de realização, em momentos de maior monitoramento como *Parte 3* do *QPP*, houve também o maior emprego de pluralização redundante (cf. *Gráfico 28*) e/ou mais saliente *-ões* (cf. *Gráfico 38*), como se alguns informantes quisessem evidenciar ainda mais a marcação de plural dessas lexias, sobretudo por se tratar de plurais com baixa frequência de ocorrência e, portanto, acionadas no léxico mental de forma analítica.

Por fim, ao observar o *Gráfico 40*, percebe-se que entre os dez itens com menor representatividade de outras marcações (entre 4% e 18%) estão as lexias com pluralização esperada (eventualmente) *-ões*: *limão*, *melão*, *leão*, *vulcão*, *avião*, *guardião*, *televisão*, *ladrão*, *anão* e *aldeão*, portanto, questões de ordem normativista e/ou etimológicas estariam correlacionadas à inibição da migração do plural esperado em *-ões* para outras estratégias. Ademais, metade dessas pluralizações não ocorreu também com o emprego da marcação *-ães*,

³²⁹ Conforme se observa na *Tabela 4, Apêndice H*, desses 49 dados, houve 3 registros de *limãos* e 2 de *limães*, 18 de *corrimãos* e 2 de *corrimães*, 11 de *mamãos* e 13 *mamães*.

³³⁰ Em Huback (2007), atingiu-se os 65,8% de dados de outra marcação para *cristão* e em Severino (2013), 46,4% dessa estratégia para pluralização de *cidadão*. Dados aferidos a partir dos resultados da *Tabela 5, Apêndice H*.

mas apenas com a estratégia *-ãos* como alternativa ao padrão *-ões* ou à não marcação, a saber: de *vulcãos* (3), *guardiãos* (2), *televisãos* (2), *aldeãos* (1) e *anãos* (1) como se pode conferir na *Tabela 4 (Apêndice H)*. Assim sendo, entende-se que entre os itens com pluralização esperada (eventualmente) com a estratégia *-ões* normalmente não migram para marcação *-ães*, mas sim para *-ãos* já que se trata da estratégia de pluralização mais produtiva de modo geral na língua portuguesa.

Por tudo exposto sobre a rodada 2, conclui-se que os itens com marcação esperada em *-ães*, mas com frequência de ocorrência alta são os únicos que apresentam expressivos quando não categóricos percentuais de emprego dessa alternativa, inibindo a migração para *-ões* – como já notado por Huback (2007) e Severino (2013). Independentemente de serem do grupo com pluralização esperada em *-ães* ou *-ãos*, os itens monossilábicos com *cão*, *pão* e *mão* parecem seguir uma tendência de inibição dessa migração já que não existem pluralizações com a estratégia *-ões* para lexias com essa extensão silábica no PB, logo é perceptível a atuação da frequência tipo para esses casos. Já entre as lexias com pluralização (também) esperada em *-ões*, relações estabelecidas por semelhanças fonológicas e semânticas entre os feixes de exemplares na alimentação das representações mentais como ocorridas entre itens de frequência de ocorrência alta a exemplo de *mão(s)* e itens de frequência de ocorrência baixa como *corrimão(s)* ou mesmo *limão(s)* e *mamão(s)* elevariam as possibilidades de migração *-ões* > *-ãos*. No entanto a mesma relação entre *mão(s)* e *alemão* não potencializaria o emprego do plural *alemãos* haja vista o limitado número desse plural (7) (cf. *Tabela 4, Apêndice H*), já que *alemão* é um item também de frequência de ocorrência alta mesmo que num patamar expressivamente menor do que aquele em que se encontra a lexia *mão*³³¹. Assim sendo, a atuação da frequência tipo, da frequência de ocorrência e as conexões estabelecidas pelas semelhanças fonológicas e semânticas nas representações mentais de plural das lexias com terminação em *-ão* justificariam as possíveis direções das migrações de padrões de plurais neste grupo.

5.2.2.4 Mesorregião

A marcação indiferente (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) predominou em todas as mesorregiões da Bahia. Na Região Metropolitana de Salvador, essa alternativa alcançou 74% (106/143) de

³³¹ Totalizaram-se 4.591 pluralizações de *mão* e 988 de *alemão* (cf. *Quadro 1, Apêndice C*).

representatividade, tecnicamente empatada com o Sul Baiano com 73% (135/186), seguida pelo Nordeste Baiano com 68% (115/170), Centro Norte Baiano com 61% (116/173), Vale Franciscano com 59% (113/191), Extremo Oeste Baiano com 55% (80/146) e Centro Sul Baiano com apenas 52% (98/188) de emprego dessa estratégia diversificada. Portanto, com essa observação panorâmica dos dados, conclui-se que nas três regiões que acompanha todo perímetro litorâneo, a marcação indiferente apresentou seus maiores percentuais de representação caracterizando uma área dialetal com o maior emprego de pluralização indiferente e maior inibição da não marcação.

Em contrapartida, quando se observa as três variantes resposta, constata-se que, em três das mesorregiões controladas, os percentuais de não marcação se revelaram superiores a outras marcações (-ãos e -ães) e até mesmo à estratégia -ões. Trata-se do Centro Sul Baiano, Extremo Oeste Baiano e Vale Franciscano. Confirmam-se os destaques na *Tabela 49*:

Tabela 49: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

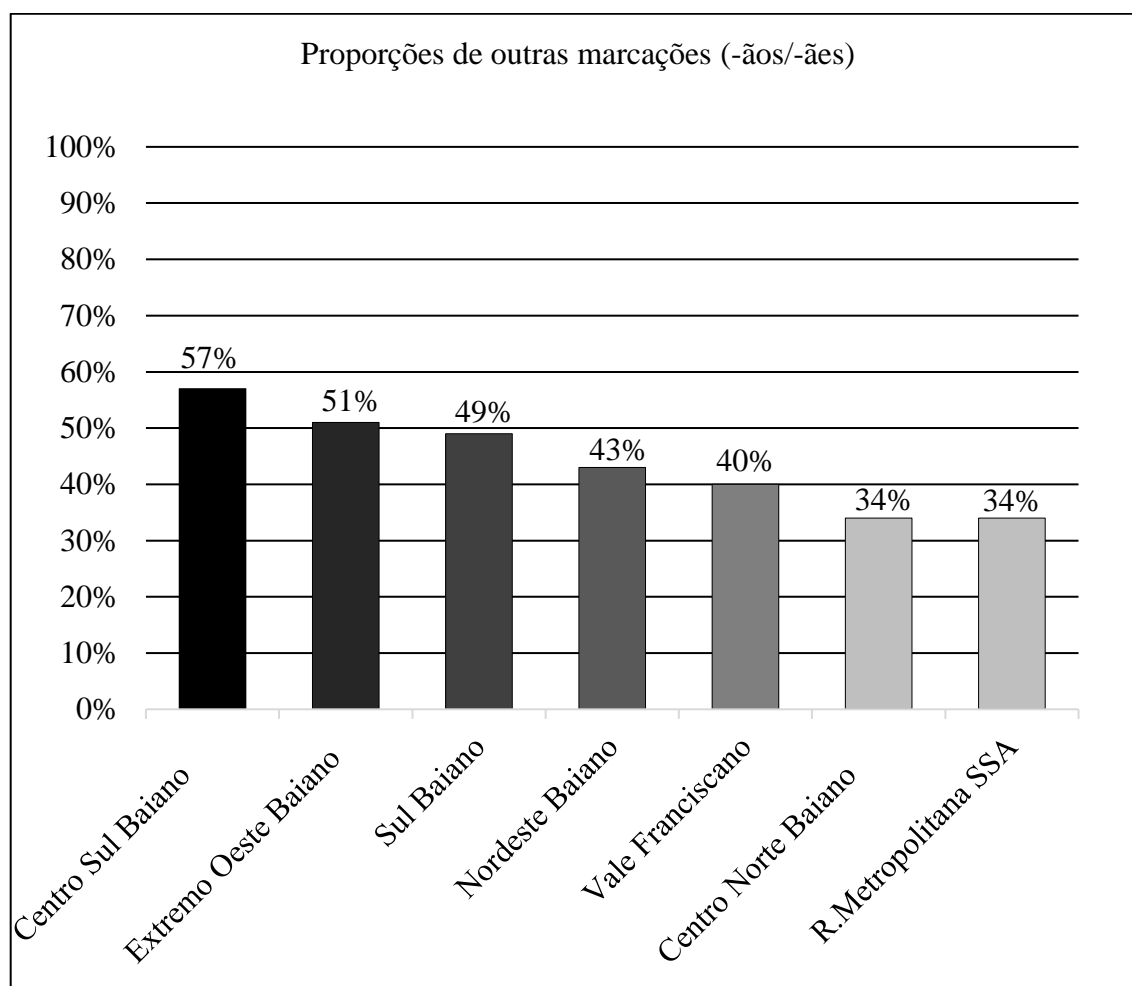
Fatores	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. M. de SSA	70/143	49%	36/143	25%	37/143	26%
C. Norte Baiano	70/173	40%	36/173	21%	67/173	39%
Nordeste Baiano	65/170	38%	50/170	30%	55/170	32%
Sul Baiano	69/186	37%	66/186	36%	51/186	27%
Vale Franciscano	68/191	36%	45/191	23%	78/191	41%
E. Oeste Baiano	39/146	27%	41/146	28%	66/146	45%
Centro Sul Baiano	42/188	22%	56/188	30%	90/188	48%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a *Tabela 49*, nota-se que a estratégia -ões ocorre em 49% (70/143) na Região Metropolitana de Salvador e em 40% (70/173) no Centro Norte Baiano. Tecnicamente empatados estão o Nordeste Baiano com 38% (65/170), Sul Baiano com 37% (69/186) e Vale

Franciscano com 36% (68/191). Já os menores percentuais dessa estratégia foram observados no Extremo Oeste Baiano com apenas 27% (39/146) e do Centro Sul Baiano com 22% (42/188). Portanto, numa observação panorâmica dos dados, constatou-se que a pluralização *-ões* foi mais recorrente na Região Metropolitana de Salvador e menos comum no Centro Sul Baiano haja vista que a não marcação passar a liderar entre as estratégias de pluralização com 48% (90/188) dos dados e outras marcações assumem a segunda posição com 30% (56/188). Para melhor compreensão da relação entre o emprego desta variante e a estratégia *-ões*, passa-se a observar os resultados da rodada 2. Confirmam-se *Gráfico 41* e síntese na *Figura 29*:

Gráfico 41: Correlação entre mesorregiões e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 18.761$ (6) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Figura 29: Correlação entre as mesorregiões e as *marcações -ãos e -ães* em lexias terminadas em *-ão*



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 5

REALIZAÇÕES DE *-ÃOS* E *-ÃES*

VERSUS A MARCAÇÃO *-ÕES*:

- Entre 51% e 57%
- Entre 40% e 49%
- 34%

Pluralização de *mão*, *corrimão*, *cristão*, *guardião*, *vulcão*, *anão*; *cão*, *pão*, *alemão*; *leão*, *ladrão*, *melão*; *avião*, *aldeão*, *cidadão*, *limão*, *mamão* e *televisão*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Ao observar apenas os dados da rodada 2, percebe-se que a estratégia *-ões* foi outra vez mais recorrente na Região Metropolitana de Salvador com 66% (70/106) assim como o Centro Norte Baiano com 66% (70/106). Em seguida, Vale Franciscano com 60% (68/113), Nordeste Baiano com 57% (65/115), Sul Baiano com 51% (69/135), Extremo Oeste Baiano com 49% (39/80) e o Centro Sul Baiano com 43% (42/98). Dessa forma, como observado no *Gráfico 41*, outras marcações ocorreram com maior representatividade no Centro Sul Baiano com 57% (56/98), Extremo Oeste Baiano com 51% (41/80), tecnicamente empatada com a mesorregião Sul Baiano com 49% (66/135), seguida pelo Nordeste Baiano com 43% (50/115), Vale Franciscano com 40% (45/113), Centro Norte Baiano com 34% (36/106) e igualmente a Região Metropolitana de Salvador com 34% (36/106) de emprego de outras marcações. Nesse sentido, a Região Metropolitana de Salvador bem como o Centro Norte Baiano seriam não só as mesorregiões com uso predominante da estratégia *-ões* como também com o menor emprego de outras marcações.

Passando à análise da síntese apresentada na *Carta 5* (cf. *Figura 29*), visualiza-se o predomínio de uso de outras marcações (entre 51% e 57%) apenas no Extremo Oeste Baiano e Centro Sul Baiano. Numa faixa intermediária, encontram-se as mesorregiões do Vale Franciscano, Nordeste Baiano e Sul Baiano com emprego dessa variante entre 40% e 49%. Por fim, na faixa que não ultrapassa os 34% desse emprego, estão empatadas a Região Metropolitana de Salvador e o Centro Norte Baiano. Desse modo, conclui-se que a marcação *-ões* é a pluralização predominante em quase todo território baiano haja vista essa estratégia que predomina em 5/7 mesorregiões do estado.

Assim como notado nos resultados da rodada 1 e sintetizados na *Carta 4* (*Figura 28*), aqueles obtidos na rodada 2 (cf. *Carta 5*, *Figura 29*) sinalizam que a estratégia *-ões* é desfavorecida se comparada à não marcação ou a outras marcações, respectivamente, sobretudo no Centro Sul Baiano e no Extremo Oeste Baiano. Essa eventual área dialetal teria em comum o emprego da não marcação como alternativa predominante e outras marcações como segunda alternativa mais representativa como já exposto também na *Tabela 49*. Em contrapartida, na comparação entre os resultados da rodada 1 e 2, constatou-se que a Região Metropolitana de Salvador foi a única que em ambos resultados a não marcação e outras marcações apresentaram os menores índices de representação, logo nesta mesorregião em particular houve não só o predomínio como a maior representatividade da estratégia *-ões* independentemente a qual estratégia fora comparada.

Por tudo exposto nas subseções 5.1.1.4 e 5.2.1.4, conclui-se que, nas rodadas 1, a não marcação se revelou menos recorrente na área dialetal que compreende de forma reiterada toda faixa litorânea que se espraia do Sul Baiano até Região Metropolitana de Salvador, logo nessa área dialetal haveria os maiores índices de marcação dupla e emprego da estratégia *-ões* se comparadas à não marcação. Já com a observação dos resultados localizados nas subseções 5.1.2.4 e 5.2.2.4, constatou-se que, nas rodadas 1 e 2, estas marcações mais salientes apresentam maior recorrência de uso de forma reiterada apenas na Região Metropolitana de Salvador. Como se notará também nas subseções 5.3.1.4 e 5.3.2.4, independentemente da rodada controlada, quando não em perímetros próximos ao litoral baiano, na Região Metropolitana de Salvador em particular, sempre prevalecerão os índices de estratégia de pluralizações mais salientes em comparação às demais mesorregiões do Estado da Bahia. Dessa forma, enquanto especialmente na capital baiana e, às vezes, em parte do perímetro litorâneo do estado há uma tendência de emprego de pluralizações mais produtivas como *-ões* e *-is*, também nesses mesmos espaços alternativas menos produtivas e/ou conservadoras predominam como a marcação dupla.

5.2.2.5 Amostra/ano

A princípio, os dados gerais sinalizariam uma tendência à marcação redundante na amostra *QPP*. O emprego da pluralização indiferente (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) totalizou apenas 47% (158/339) dos dados na amostra do *Projeto ALiB* e atingiu 69% (595/858) no *QPP*, logo a não marcação ocorreu em 53% (181/339) na amostra do *Projeto ALiB* e em apenas 31% (263/858) no *QPP* como se pode conferir na *Tabela 50*:

Tabela 50: Correlação entre amostra/ano e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

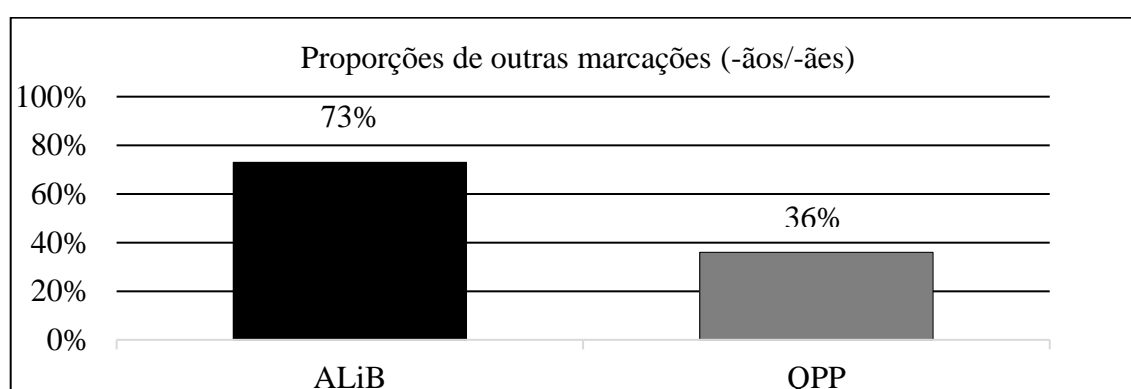
Fatores	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	43/339	13%	115/339	34%	181/339	53%
<i>QPP</i>	380/858	44%	215/858	25%	263/858	31%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

Observando os dados de forma detalhada a partir dos resultados dispostos na *Tabela 50*, nota-se que na amostra do *Projeto ALiB*, a não marcação é a estratégia predominante, seguida por outras marcações com 34% (115/339) e como terceira opção, surge a estratégia *-ões* com em apenas 13% (43/339) das ocorrências. No *QPP*, predomina a estratégia *-ões*, seguida da não marcação com 31% (263/858) como segunda opção e, por fim, outras marcações com apenas 25% (215/858). Dessa forma, a princípio, os dados da amostra *QPP* sugeririam uma elevação considerável no emprego da estratégia *-ões* e uma redução no emprego da não marcação e outras marcações no comportamento linguístico das novas gerações. No entanto, apenas com um recorte dessas amostras, poder-se-ia apresentar inferências mais confiáveis com ainda se fará ao longo desta subseção.

Para conferir o nível de significância das diferenças entre os percentuais obtidos, alguns desses dados foram processados no teste qui-quadrado. Assim, na rodada 2, notou-se que a estratégia *-ões* foi menos recorrente na amostra *ALiB* com 27% (43/158) dos dados e foi a variante predominante no *QPP* com 64% (380/595) dos registros, portanto, nesta rodada, outras marcações ocorreu na amostra *ALiB* com 73% (115/158) dos dados e no *QPP* com 36% (215/595) dos registros como pode ser visualizado no *Gráfico 42*:

Gráfico 42: Correlação entre *amostra/ano* e a realização de outras marcações *versus* marcação *-ões* em lexias com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 268.48$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Gráfico 42*, constata-se que na amostra do *Projeto ALiB* outras marcações ocorrem com mais do dobro de sua representatividade presente na amostra *QPP*. No entanto, como salientado na subseção 5.2.1.5, como as amostras apresentam naturezas distintas, cabe observar apenas os dados localizados em circunstâncias intercomparáveis. Como as

principais lexias controladas no *Projeto ALiB* foram *pão*, *mão* e *leão*³³², naturalmente a ocorrência da estratégia *-ões* estaria reduzida a um terço das possibilidades em princípio já que apenas *leão* tem sua pluralização esperada com essa estratégia e não goza de maior frequência de ocorrência ou de maior consolidação de sua pluralização esperada que *pão* e *mão*. Assim, para que os resultados observados no *Gráfico 42* apontassem uma legítima atuação da variável diacrônica, assim como na rodada 1, apenas essas três lexias passaram a ser controladas e tão somente em contextos de menor monitoramento possível tanto no *Projeto ALiB (QMS)* quanto no *QPP (Parte 1)* e nas mesmas localidades revisitadas: Salvador, Alagoinhas, Vitória da Conquista, Ilhéus, Barreira, Juazeiro e Jacobina. Confirmam-se os novos resultados na *Tabela 51*:

Tabela 51: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras ALiB e QPP e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão

Amostras	Lexia	Outras marcações					
		<i>-ões</i>		<i>-ãos</i>		<i>-ães</i>	
		freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB (QMS)</i>	Leão	15/17	88%	1/17	6%	1/17	6%
	Mão	-	-	4/5	80%	1/5	20%
	Pão	-	-	-	-	23/23	100%
Total		15/45	33%	5/45	11%	25/45	56%
<i>QPP (Parte 1)</i>	Leão	21/25	84%	4/25	16%	-	-
	Mão	2/43	5%	35/43	81%	6/43	14%
	Pão	1/29	3.5%	1/29	3.5%	27/29	93%
Total		24/97	25%	40/97	41%	33/97	34%

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação dessa nova configuração das amostras apresentada na *Tabela 51*, deduz-se que em relação à lexia *leão* na amostra do *Projeto ALiB*, houve uma migração de 12% (2/17) da pluralização esperada *-ões* para outras marcações (*leãos* e *leães*). Em sentido contrário, em relação a *mão* e *pão*, não se registrou migração de outras marcações para o padrão *-ões*, mas se registrou uma ocorrência de *mães*. Na amostra *QPP*, registrou-se também a migração em relação à lexia *leão*, mas de 16% (4/25) em direção a outras marcações, especificamente apenas

³³² Na amostra *ALiB*, além dessas lexias, só se observou 1 dado de *alemão* e *cão* (apenas registros de não marcação), 3 dados de *televisão* apresentados sob a forma de duas não marcações e uma estratégia *-ãos*.

para a estratégia *-ãos*. Já nesta amostra, passa-se a ocorrer percentuais de migração em direção a *-ões* para as lexias *mão* com 5% (2/43) dessa migração e *pão* com apenas 3% (1/29)³³³. No entanto, dentro da variante outras marcações, houve também migração: 14% (6/43) de dados de *mães* (plural de *mão*) e 3.5% (1/29) registro de *pãos*.

De modo geral, ao observar os destaques referentes às lexias *pão*, *mão* e *leão* nas duas amostras (*Tabela 51*), deduz-se uma migração de apenas 18% (3/17) para *-ões*, 35% (6/17) para *-ãos* e 47% (8/17) para *-ães*. Especificamente na amostra *ALiB*, constatou-se que não houve migração da estratégia *-ãos* e *-ães* para *-ões* no que diz respeito às lexias *pão*, *mão* e *leão*. Os três únicos dados de migração ocorreram em direção a *-ães* (*leães*, *mães*) ou *-ãos* (*leãos*). Já no *QPP*, houve 14 registros de migração incluindo na direção a *-ões* (3): *mões* (2) e *pões* (1); em direção a *-ãos* (5): *leãos* (4) e *pãos* (1) e em direção a *-ães* (6): todos registros de *mães* (plural de *mão*). Por esses limitados dados de migração, constatou-se que houve apenas 18% (3/17) de migração na amostra *ALiB* e 82% (14/17) no *QPP*. Dessa forma, observando os dados panorâmicos de migração, conclui-se que as novas gerações baianas seguem uma tendência de migração mesmo quando se pluraliza lexias com frequência de ocorrência média (*pão* e *leão*) ou alta (*mão*) e em contexto de menor monitoramento linguístico.

Quando se passa finalmente à comparação das pluralizações de cada lexia em momentos distintos, nota-se que as diferenças expressivas não estão voltadas para a estratégia *-ões* ou outras marcações. Pela observação da *Tabela 51*, já se percebe que houve uma tímida redução da representatividade do padrão de plural *-ões* para *leão*: 88% (15/17) no *ALiB* e 84% (21/25) no *QPP*. Em contrapartida, as lexias *mão* e *pão* passam a serem pluralizadas com a estratégia *-ões* com, respectivamente, 5% (2/43) e 3.5% (1/29) no *QPP*. Quanto ao plural de *mão*, embora o limitado número de dados³³⁴, tecnicamente não se notou mudança em sua representatividade de pluralização esperada: 80% (4/5) no *ALiB* e 81% (35/43) no *QPP*. No entanto a lexia *leão* aumenta sua migração para o padrão *-ãos*: de 6% (1/17) no *ALiB* para 16% (4/25) no *QPP* e *pão* passa timidamente a ser pluralizada com a estratégia *-ãos* com 3.5% (1/29) no *QPP*. No que diz respeito à lexia *pão*, no *QPP*, ocorrem os primeiros dados de migração de 3.5% tanto para o padrão *-ões* (1/29) quanto para *-ãos* (1/29). Em suma, conclui-se que, de modo geral, notaram-se nos dados das novas gerações: um aumento na migração e de forma diversificada,

³³³ Como se pode verificar na amostra geral (cf. *Tabela 4*, Apêndice H), dentro das variantes resposta outras marcações ou *-ões*, há inexpressivo número de migração do padrão esperado para as lexias *leão*, *pão* e *mão*. Nas duas amostras, houve 6 dados de *leãos*, 2 de *leães*, 3 de *pões* e 3 de *pãos*, 2 de *mões* e 9 de *mães* (plural de *mão*).

³³⁴ *Mão* apresentou expressivo número de não marcação na amostra do *Projeto ALiB* quando se observaram os dados gerais (cf. *Tabela 9*, Apêndice H).

os primeiros registros de migração de pluralização de *-ãos* e *-ães* para *-ões* e quanto às lexias especificamente, *pão* passa a ser pluralizada com outros padrões (*-ões* e *-ãos*).

Por tudo exposto e atendendo à observação complementar da *Tabela 9* (cf. *Apêndice H*), nota-se que, de fato, a correlação entre a variável diacrônica é mais evidente quando se compara o emprego da não marcação entre as pluralizações de *leão*, *mão* e *pão*. Essa estratégia de pluralização apresentou redução de sua representatividade entre as gerações de 23% para 15% em *pão*, 43% para 26% em *leão* e de 81% para 48% em *mão*. Dessa forma, conclui-se que essa redução no uso da não marcação implicou no aumento da pluralização indiferente no grupo de lexias com terminação em *-ão*, portanto, pluralizações como da lexia *leão* aumenta sua migração para o padrão *-ãos* e plurais esperados das lexias *pão* e *mão* não só passam pelo processo de migração como essa migração ocorre de forma diversificada.

5.2.2.6 Faixa etária

Ao observar todos os dados das lexias com terminação em *-ão*, nota-se que a marcação indiferente (*-ãos*, *-ães* ou *-ões*) se revela predominante tanto na amostra dos informantes da faixa etária 1 (de 18 a 30 anos de idade) quanto entre aqueles da faixa etária 2 (entre 50 e 65 anos). No entanto essa pluralização diversificada é mais recorrente naquela amostra. Entre os informantes da faixa etária 1, houve 68% (391/575) de marcação indiferente enquanto na faixa etária 2, essa representatividade se limitou a 58% (362/622) das ocorrências controladas como se pode deduzir pelos dados apresentados na *Tabela 52*:

Tabela 52: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-ão*

Fatores	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	239/575	42%	152/575	26%	184/575	32%
Faixa 2	184/622	29%	178/622	29%	260/622	42%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

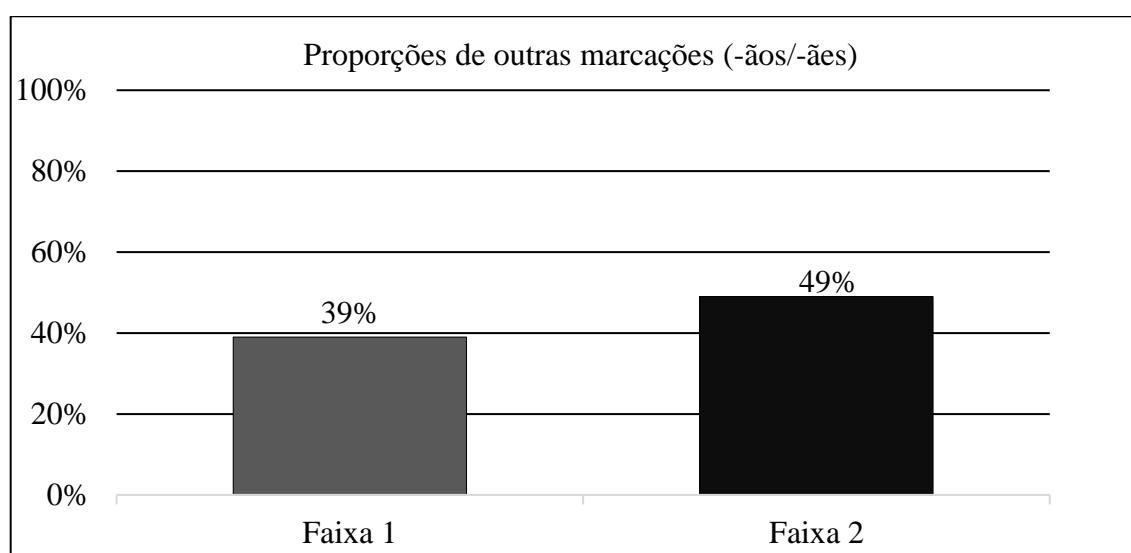
Fonte: Elaboração própria.

Mesmo assim, como se notou na *Tabela 52*, a não marcação apresentou significativos percentuais comparados às demais alternativas de pluralização: 32% (184/575) de dados dessa

estratégia na faixa etária 1 e até 42% (260/622) na amostra da faixa etária 2. Dessa forma, numa observação panorâmica dos dados, constatou-se que a não marcação apresenta estatisticamente a mesma relevância para a faixa etária 2 quanto a estratégia *-ões* representa para faixa etária 1 haja vista que ambas não só são as estratégias predominantes em cada amostra como também apresentaram a mesma representatividade: 42% em cada faixa etária. Já os percentuais das demais estratégias de pluralização juntas apresentam uma tímida elevação da faixa etária 1 (26% ou 152/575) para a faixa etária 2 (29% ou 178/622). Ademais, para esta faixa etária, outras marcações apresenta o mesmo valor estatístico da estratégia *-ões* já que esta marcação também pontuou 29% (184/622) como observado na *Tabela 52*.

Passando ao controle apenas dos dados da pluralização *-ões* em comparação a outras marcações, na rodada 2, verificou-se que a estratégia *-ões* foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária 1 com 61% (239/391) dos dados e na faixa etária 2 com 51% (184/362) dos registros. Assim, outras marcações apresentaram tecnicamente a mesma representatividade que a estratégia *-ões* na amostra da faixa etária 2 como se pode verificar no *Gráfico 43*:

Gráfico 43: Correlação entre faixa etária e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 7.1513 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como notado no *Gráfico 43*, outras marcações ocorreram entre os informantes da faixa etária 1 com 39% (152/391) dos dados e na faixa etária 2 com 49% (178/362) desses registros. Nesse sentido, entende-se que as novas gerações das duas amostras apresentam um

comportamento inovador em direção à estratégia mais produtiva no PB ao passo que a faixa etária 2 se revela com comportamento linguístico mais conservador. Esses resultados corroboram aqueles obtidos por Huback (2007), mas não necessariamente os mesmos encontrados por Severino (2013) como se observará ainda nesta subseção.

Segundo hipótese levantada por Huback (2007), mas comprovada parcialmente haja vista os números reduzidos de dados de não marcação (62 ocorrências), “os jovens favorecem os plurais em *-ões*, e *lideram, também, o processo de cancelamento das marcas formais de plural [não marcação]*” (Huback, 2007, p. 2018, grifo próprio). Segundo a autora, entre os jovens (15 a 20 anos), houve 36% de emprego de *-ões*, entre os medianos (35 a 40 anos) 29.6% e entre os adultos (55 a 60 anos) apenas 21,5% de registros dessa estratégia³³⁵. Dessa forma, sobre a liderança do emprego da estratégia *-ões* entre os mais jovens, os resultados obtidos pela autora corroboraram sua hipótese. Sobre a migração de itens especificamente com pluralização esperada em *-ães* e *-ãos* em direção à estratégia *-ões*, Huback (2007, p. 2018) conclui que

[...] existe uma distribuição dos dados compatível com *mudança em progresso* (em termos labovianos), já que *os jovens tendem a adotar as formas inovadoras* (com plurais em *-ões*) mais que os adultos (peso relativo de 0.74 para os jovens, contra 0.24 para os adultos). Observamos que *a faixa etária mais alta foi a que mais preservou os plurais etimológicos em -ãos ou -ães*. Nossa interpretação para esses resultados é de que *o léxico mental dos falantes mais idosos ainda preserva os plurais etimológicos*, mas a força do tipo em *-ões* é tanta, que os falantes mais jovens estão aplicando esse paradigma quando querem pluralizar as palavras terminadas em *-ão* no singular (nota: exceção deve ser feita quanto aos itens monossílabos, porque, como vimos na Tabela 30, esses itens não sofrem variação). Um contra-argumento a essa hipótese é que, se o léxico mental das pessoas é atualizado constantemente, poderíamos esperar que tanto falantes jovens quanto adultos armazenassem e utilizassem formas generalizadas em *-ões*. No entanto, conforme afirmamos anteriormente, o léxico mental armazena itens inteiros e até mesmo informações pragmáticas associadas ao uso das palavras. Assim, pode ser que os falantes mais velhos tenham armazenado formas generalizadas no léxico mental, mas evitem adotá-las, por saberem que essas não são as formas consideradas “corretas” pela norma padrão do português (Huback, 2007, p. 218, grifo próprio).

Corroborando a conclusão a que a autora chegou, os indícios obtidos nas amostras *ALiB* e *QPP* vão ao encontro da premissa de que os informantes em faixa etária limítrofe ou mesmo já idosos ainda apresentam expressivo emprego de outras marcações, pois em suas representações mentais há informações pragmáticas associadas a essas estratégias que são

³³⁵ Conferir *Tabela 33* (Huback, 2007, p. 218).

pluralizações melhores avaliadas pela sociedade. No entanto, como o léxico mental é atualizado constantemente, naturalmente a marcação *-ões* apresenta forte representação no léxico mental dos informantes da faixa etária 2, posto que suas interações com faixas etárias mais jovens são mais comuns na atualidade como pontuou Preti (1991). Quanto à segunda hipótese levantada por Huback (2007), os dados localizados na amostra *ALiB* e *QPP* – embora diversificados, pois se consideraram todos os plurais etimológicos – vão de encontro à correlação entre o emprego da não marcação e a variante faixa etária 1 (cf. *Tabela 52*) como sugeriu a autora.

Analisando também a mesma migração dos itens com pluralização esperada em *-ães* e *-ãos* para *-ões*, Severino (2013, p. 63) conclui em sentido contrário a Huback (2007). Segundo aquela autora, “[...] estes resultados [*Tabela 18*] apresentam um padrão de variação estável e não de variação em progresso [...] os indícios de mudança em progresso são constatados através das diferenças na distribuição das variantes pelos extremos ternários [...] é possível que este seja um fenômeno de mudança, mas que se implementa gradualmente pelo léxico atingindo primeiramente os itens menos frequentes [...]” (Severino, 2013, p. 63, grifo próprio). Para discorrer de forma mais responsável sobre os resultados obtidos por Huback (2007) e Severino (2013) e suas conclusões, seguem resultados das amostras *ALiB* e *QPP* cujas lexias controladas pertencem apenas aos mesmos grupos etimológicos estudados pelas autoras: *-ães* (*cão, pão e alemão*) e *-ãos* (*mão, corrimão, cristão, anão, guardião e vulcão*). Comparem-se os resultados na *Tabela 53*:

Tabela 53: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em lexias com plurais etimológicos em *-anes* (*-ãos*) e *-anus* (*-ães*)

Fatores	<i>-ães</i>		<i>-ãos</i>		<i>-ões</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	85/344	25%	46/344	13%	94/344	27%	119/344	35%
Faixa 2	90/336	25%	58/336	16%	70/336	19%	148/336	40%
Total geral	175/710	25%	104/710	15%	164/710	23%	267/710	37%

Fonte: Elaboração própria.

Observando os resultados encontrados nos dois grupos etimológicos presentes na *Tabela 53*, já se constata que as diferenças mais significativas que separariam o emprego dos padrões de plural dos informantes com diferentes faixas etárias estariam na comparação dos percentuais da não marcação e da estratégia *-ões*. A não marcação ocorre em 35% (119/344) dos registros

da faixa etária 1 e em 40% (148/336) da faixa etária 2, ao passo que a estratégia *-ões* é mais recorrente na faixa etária 1 com 27% (94/334) que na faixa etária 2 com apenas 19% (70/336) das ocorrências. Não há diferença nos percentuais de emprego da estratégia *-ães*, posto que tanto na faixa etária 1 quanto na faixa etária 2 sua representatividade foi igual: 25% ou 85/344 para aquela faixa e 90/336 para esta faixa etária. Há, no entanto, uma tímida diferença no emprego da estratégia *-ãos* entre os informantes da faixa etária 2 que foram responsáveis por 16% (58/336) dessa estratégia, próximos aos 13% (46/344) encontrados na amostra da faixa etária 1. Nesta perspectiva, assim como Huback (2007), constatou-se que a estratégia *-ões* realmente é mais recorrente na fala das novas gerações, todavia a não marcação não seria mais recorrente nesta amostra como sugerido pela autora.

Embora com amostras mais intercomparáveis como observado na *Tabela 53*, as lexias controladas nessa amostragem específica do *Projeto ALiB* e *QPP* não correspondem a todos os itens controlados por Huback (2007) e Severino (2013) como se pode conferir na *Tabela 5* (*Apêndice H*). Apenas três lexias seriam intercomparáveis com esta amostra (*alemão, cão e mão*) enquanto mais itens também estiveram presentes na amostra daquela pesquisa (*alemão, vulcão, guardião, anão e cristão*)³³⁶, logo seria compreensível a semelhança entre os resultados obtidos nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* em comparação com a amostra de Huback (2007). Cabe observar que as diferenças entre os percentuais são mais nítidas quando se controlam os dados por grupo etimológico separadamente. Confirmam-se os dados da *Tabela 54*:

Tabela 54: Correlação entre faixa etária e grupos etimológicos e a realização das marcações de plural em lexias com plurais etimológicos em -anes (-ãos) e -anus (-ães)

Pl. etimológico/ Faixa etária		<i>-ães</i>		<i>-ãos</i>		<i>-ões</i>		Não marcação	
		freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>-ães</i>	Faixa 1	76/130	58.5%	7/130	5%	10/130	8%	37/130	28.5%
	Faixa 2	84/142	59%	8/142	6%	7/142	5%	43/142	30%
<i>-ãos</i>	Faixa 1	9/214	4%	39/214	18%	84/214	39%	82/214	39%
	Faixa 2	6/224	3%	50/224	22%	63/224	28%	105/224	47%
Total geral		175/710	25%	104/710	15%	164/710	23%	267/710	37%

Fonte: Elaboração própria.

³³⁶ As lexias *pão, mão e cão* foram excluídas dos processamentos realizados pela autora em virtude de apresentarem resultados categóricos (cf. Huback, 2007, p. 210).

Como notado na *Tabela 54*, independentemente do grupo etimológico, a não marcação é sempre predominante na faixa etária 2. No grupo com plural etimológico *-ães*, essa estratégia ocorre em 28.5% (37/130) dos dados da faixa etária 1 e em 30% (43/142) da faixa etária 2. Já no grupo com plural etimológico *-ãos*, tanto os números como as diferenças entre eles são mais elevadas: 39% (82/214) de não marcação na faixa etária 1 e 47% (105/224) na faixa etária 2. Dessa forma, no grupo com plural etimológico *-ãos*, a não marcação seria não só a estratégia predominante em relação às demais estratégias entre os informantes da faixa etária 2 como também obteve o maior percentual dessa estratégia, logo parece evidente que a pluralização das lexias do grupo etimológico *-ãos* seria aquela com representação mental mais fraca no léxico dos informantes da faixa etária 2 haja vista a robustez da representação mental da não marcação nesta amostragem.

Quanto à pluralização em *-ães*, *-ães* e *-ões*, mesmo nesta outra perspectiva proposta na *Tabela 54*, também se corrobora a tendência de mudança em progresso com implementação da estratégia *-ões* nas novas gerações como já sugerido tanto na amostra geral (*Tabela 52*) quanto na rodada 2 (*Gráfico 43*). No entanto, neste último demonstrativo da *Tabela 54*, passa-se a notar que essa mudança em progresso é acentuada de fato no grupo com plural etimológico *-ãos*. Nesse grupo, o plural esperado ocupa a terceira posição na representatividade dos dados obtendo apenas 18% (39/214) na faixa etária 1 e 22% (50/224) na faixa etária 2. Os percentuais de migração *-ãos* > *-ães* se assemelham: 4% (9/214) na faixa etária 1 e 3% (6/224) na faixa etária 2. Já a migração se acentua na direção *-ãos* > *-ões*, totalizando-se até 39% (84/214) da estratégia *-ões* na faixa etária 1 e 28% (63/224) na faixa etária 2. Dessa forma, nota-se que a migração é mais recorrente nas novas gerações na direção *-ãos* > *-ões*.

No grupo com plural etimológico *-ães*, o plural esperado tecnicamente apresenta o mesmo valor nas duas faixas etárias: 58.5% (76/130) na faixa etária 1 e 59% (84/142) na faixa etária 2. Da mesma forma, praticamente não há diferença na representatividade da migração de *-ães* > *-ãos*: apenas 5% (7/130) na faixa etária 1 e 6% (8/142) na faixa etária 2. Já a migração *-ães* > *-ões* apresenta uma tímida elevação na faixa etária 1. Nesta faixa, obtiveram-se 8% (10/130) dos dados e 5% (7/142) na faixa etária 2. Portanto, as diferenças dos percentuais entre as faixas etárias no emprego das estratégias esperadas ou não são inexpressivas do ponto de vista estatístico.

Pelo exposto, conclui-se que uma eventual mudança em progresso como sugerido por Huback (2007) e com ressalvas por Severino (2013) em relação ao emprego da estratégia mais produtiva implementar-se-ia inicialmente pelo grupo de lexias com plural etimológico em *-ãos*.

Da mesma forma, para a manutenção do plural esperado em *-ães*, não haveria correlação entre as faixas etárias, mas, para a manutenção do plural esperado em *-ãos*, nota-se que a faixa etária 2 apresenta comportamento mais conservador. Dessa forma, as informações pragmáticas associadas à marcação esperada no grupo de lexias com plural etimológico em *-ãos* levam a uma representação positiva dessa pluralidade nas representações mentais dos informantes da faixa etária 2 enquanto para a faixa etária 1 tais informações não seriam imperativas frente à inovação proposta pelo emprego da estratégia *-ões*, logo a implementação de uma eventual mudança em progresso através do maior emprego do padrão *-ões* entre os mais jovens seria um reflexo de outros comportamento comuns a essa faixa etária.

5.2.2.7 Nível de escolaridade

Pela observação dos dados gerais, constatou-se que a marcação indiferente (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) é a estratégia predominante apenas na amostra com maior exposição à educação formal. Na amostra do ensino fundamental 1, houve apenas 37% (140/382) de marcação indiferente enquanto na amostra do fundamental 2, essa alternativa totalizou 75% (613/815) das ocorrências, portanto, naquela amostra, a não marcação obteve 63% (242/382) dos registros ao passo que nesta amostra passou a ser desfavorecida com apenas 25% (202/815) dos dados como se pode verificar na *Tabela 55*:

Tabela 55: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Fatores	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	57/382	15%	83/382	22%	242/382	63%
Fundamental 2	366/815	45%	247/815	30%	202/815	25%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

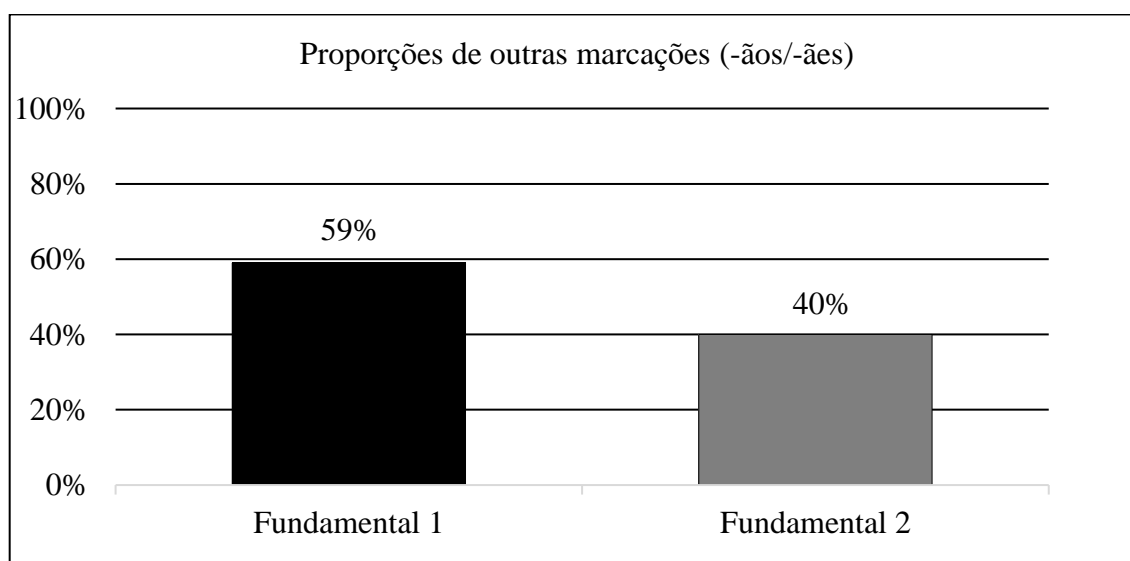
Fonte: Elaboração própria.

Pela observação dos resultados gerais presentes na *Tabela 53*, constata-se que a estratégia *-ões* é aquela com representatividade inexpressiva na amostra do fundamental 1 enquanto a não marcação seria a estratégia menos presente no comportamento linguístico do fundamental 2.

Naquela amostra, outras marcações aparecem como segunda alternativa mais empregada com 22% (83/382) dos registros e a estratégia *-ões* como a terceira opção com apenas 15% (57/382). Já nesta amostra, a estratégia *-ões* é a mais recorrente com 45% (366/815) das ocorrências, seguida por outras marcações com 30% (247/815). Dessa forma, conclui-se que a estratégia *-ões* na amostra do fundamental 1 foi a alternativa menos empregada em relação a todos os resultados obtidos na *Tabela 55*, posto que entre os informantes menos escolarizados houve uma migração de todas as estratégias em direção da não marcação incluindo a estratégia *-ões*.

Passando à rodada 2, notou-se que a estratégia *-ões* foi menos recorrente entre os informantes do fundamental 1 com 41% (57/140) dos dados e predominante na amostra do fundamental 2 com 60% (366/613) dos registros. Assim sendo, outras marcações é a variante majoritária apenas na amostra do fundamental 1. Confiram-se os percentuais do *Gráfico 44*:

Gráfico 44: Correlação entre nível de escolaridade e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 225.72 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Pela observação do *Gráfico 44*, percebe-se que outras marcações ocorreram em 59% (83/140) dos dados da amostra do fundamental 1 e em apenas 40% (247/613) dos registros da amostra do fundamental 2. No entanto é importante ressaltar que essa predominância de outras marcações na amostra fundamental 1 não diz respeito ao uso da estratégia *-ãos* e *-ães* como estratégias esperadas (variantes padrão). Observando esse aspecto normativo, ao considerar ainda esses 753 dados que compõem a amostra apenas com estratégia de *-ãos*, *-ães* e *-ões*, constatou-se que o plural esperado compôs 77% (108/140) da amostra do fundamental 1 e 82%

(501/613) da amostra do fundamental 2 ao passo que o plural não esperado compôs 23% (32/140) daquela amostra e nesta amostra 18% (112/613) dos registros. Nesta perspectiva normativa, chega-se à conclusão de que o emprego de qualquer alternativa que compõe os resultados apresentados no *Gráfico 44* não apresenta relação direta com seu plural etimológico e/ou esperado, logo o maior emprego de outras marcações na amostra do fundamental 1 não significa que essas marcações estejam eventualmente prescritas pela norma padrão do PB.

Observando as três estratégias de marcação separadamente, pode-se notar de fato a relação entre outras marcações e o emprego do plural esperado, ou seja, se os percentuais de outras marcações presentes *Gráfico 44* corresponderiam a pluralizações esperadas. Dessa forma, cruzaram-se as variáveis plural etimológico e nível de escolaridade com vista a avaliar as direções das eventuais migrações, a saber:

Tabela 56: Correlação entre nível de escolaridade e plural etimológico e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Plural etimológico/ Nível de escolaridade		-ães		-ãos		-ões	
		freq.	%	freq.	%	freq.	%
-anes (-ães)	Fundamental 1	42/48	88%	4/48	8%	2/48	4%
	Fundamental 2	118/144	82%	11/144	8%	15/144	10%
-anus (-ãos)	Fundamental 1	4/41	10%	18/41	44%	19/41	46%
	Fundamental 2	11/210	5%	71/210	34%	128/210	61%
-ão (-ões)	Fundamental 1	6/26	23%	6/26	23%	14/26	54%
	Fundamental 2	14/165	8.5%	14/165	8.5%	137/165	83%
-ones (-ões)	Fundamental 1	1/25	4%	2/25	8%	22/25	88%
	Fundamental 2	1/94	1%	7/94	7%	86/94	92%
Total geral		197/753	26%	133/753	18%	423/753	56%

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode notar na comparação dos destaques presentes na *Tabela 56*, no grupo com plural etimológico em *-anes (-ães)*, o plural esperado ocorreu em 88% (42/48) na amostra do

fundamental 1 e em 82% (118/144) do fundamental 2. No grupo com plural etimológico em *-anus (-ãos)*, o plural esperado apresentou representatividade menos expressiva: 44% (18/41) na amostra do fundamental 1 e em apenas 34% (71/210) do fundamental 2. Portanto, nesses dois plurais etimológicos, o plural esperado é majoritário na amostra dos informantes com nível fundamenta 1. Quando se passa a observar o grupo com plural etimológico em *-ão (-ões)*, o plural esperado eleva sua representatividade para 54% (14/26) no fundamental 1 e 83% (137/165) no fundamental 2. Por fim, com os percentuais mais expressivos, estão os resultados do grupo com plural etimológico em *-ones (-ões)*: com plural esperado em 88% (22/25) dos dados no fundamental 1 e 92% (86/94) no fundamental 2. Nesse sentido, diferentemente do notado nas amostras dos grupos com plurais etimológicos em *-anes (-ães)* e *-anus (-ãos)*, nos grupos com plurais etimológicos em *-ão* e *-ones (-ões)*, o plural esperado foi expressivo na amostra dos informantes como maior exposição à educação formal.

Conferindo ainda a *Tabela 56*, constata-se que também é na amostra do fundamental 2 que ocorreram os números mais representativos de migração nas direções *-ães > -ões*: 4% (2/48) no fundamental 1 e 10% (15/144) no fundamental 2 e na direção *-ãos > -ões*, 46% (19/41) no fundamental 1 e totalizando 61% (128/210) no fundamental 2. Dessa forma, evidencia-se não só uma inclinação no emprego da estratégia *-ões* na amostra dos informantes com maior exposição à educação formal, como também se nota que entre eles haveria uma tendência de migração até preterindo o plural esperado em *-ãos*.

Na contramão, apenas no grupo com plural etimológico em *-anes (-ães)*, o plural esperado seria mais recorrente na amostra do fundamental 1 e passaria a inibir migração em outras direções de forma significativa. Cabe observar que a amostra do ensino fundamental 1 é formada majoritariamente dos informantes da faixa etária 2³³⁷ e como as lexias que compõem esse grupo não apresentam itens com baixa frequência de ocorrência, possivelmente o comportamento mais conservador desses informantes inibiriam eventuais migrações de pluralizações já consolidadas no PB.

Em Huback (2007), a variável escolaridade não foi selecionada como significativa nos testes estatísticos quando se controlaram itens com pluralização esperada em *-ãos* e *-ães* e suas eventuais migrações para o padrão *-ões*. Já em Severino (2013), com o mesmo objeto de estudo,

³³⁷ Dos informantes da faixa etária 1 que compõem as amostras *ALiB* e *QPP*, 31% (18/58) cursaram apenas o fundamental 1 e 69% (40/58), o fundamental 2. Já entre os informantes da faixa etária 2, 59% (34/58) deles cursaram apenas o fundamental 1 e 41% (24/58) o fundamental 2. Dessa forma, conclui-se que há um número predominante e/ou expressivo de informantes da faixa etária 1 com o nível fundamental 2 enquanto na amostra da faixa etária 2, há predomínio de informantes apenas com o nível fundamental 1.

constatou-se que a migração para *-ões* alcançou 38% (209/548) das ocorrências controladas na amostra do ensino fundamental e apenas 16% (77/459) entre os informantes com nível universitário³³⁸. Segundo Severino (2013),

Como o padrão *-ões* parece ser o mais robusto nas representações de todos os falantes, os indivíduos menos escolarizados estariam fazendo um maior uso do padrão mais frequente para marcar o plural de itens dos quais o plural eles desconhecem ou tiveram dificuldade de acesso. Além disso, os falantes que possuem *ensino superior poderiam estar mais sensíveis a uma norma de linguagem e mais conscientes do valor social* atribuído ao uso da forma de plural esperada para os itens em questão (Severino, 2013, p. 62, grifo próprio).

Mesmo não controlando dados de informantes com nível universitário, se se observar os resultados secundários sobre o plural esperado na amostra do *Projeto AliB* e *QPP*, nota-se que entre os informantes com maior exposição à educação formal, o plural esperado também foi mais recorrente como já se pontuou nesta subseção assim como constatou Severino (2013) embora em proporções distintas e se restringindo aos grupos com plurais etimológicos não controlados por essa autora: *-ão* e *-ones*. Até o momento, pode-se apenas afirmar com segurança que haveria a migração imperativa em direção de *-ões* e outras marcações para a não marcação entre os menos escolarizados como se pode verificar na *Tabela 55* e um maior emprego do plural esperado *-ões* entre os informantes com maior nível de escolaridade. Dessa forma, conclui-se que, entre informantes com pouco nível de escolaridade (entre 1 e 9 anos de educação formal), a estratégia *-ões* não seria estigmatizada e até seria bem avaliada já que seria a estratégia predominante na maioria dos grupos etimológicos pelos dois níveis de escolaridade analisados sobretudo pelos informantes do ensino fundamental 2.

5.2.2.8 Nível de contato com o público no mercado de trabalho

Analisando inicialmente a correlação entre o nível de contato com o público no mercado ocupacional e a realização de pluralização indiferente (*-ãos*, *-ães* e *-ões*) em comparação com a não marcação, percebeu-se que entre os informantes com menor contato com o público em ambiente de trabalho houve apenas 53% (290/544) de registros de marcação indiferente enquanto na amostra com informantes com maior contato com o público esse percentual atingiu 71% (463/653) das ocorrências. Assim como observado nos resultados da rodada 1 (cf.

³³⁸ Consultar *Tabela 17* (Severino, 2013, p. 62).

Gráfico 35, subseção 5.2.1.8), a não marcação em comparação às demais pluralizações se destaca entre os informantes com menor contato com o público em ambiente de trabalho como se pode perceber na *Tabela 57*:

Tabela 57: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Fatores	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	148/544	27%	142/544	26%	254/544	47%
Maior contato	275/653	42%	188/653	29%	190/653	29%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

Fonte: Elaboração própria.

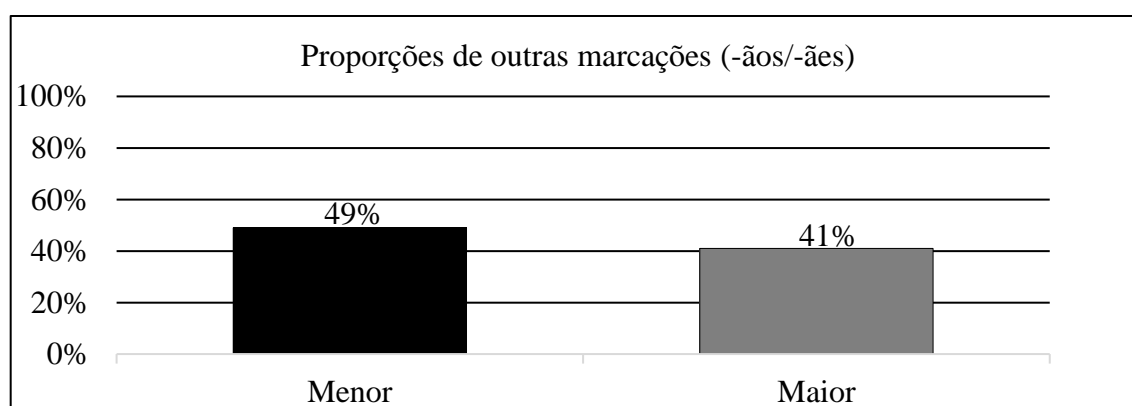
Como notado na *Tabela 57*, 47% (254/544) da não marcação se concentram na amostra dos informantes com menor contato com o público ao passo que essa representatividade não ultrapassa os 29% (190/653) entre aqueles com maior contato com o público no mercado ocupacional. Numa observação panorâmica, nota-se não apenas que a não marcação predomina na amostra com menor contato com o público como também a estratégia *-ões* e outras marcações apresentariam tecnicamente o mesmo valor estatístico 27% (148/544) de emprego daquela marcação e 26% (142/544) de registros desta variante. Portanto, por esta ótica, entre os informantes com menor contato com o público em ambiente de trabalho, a não marcação seria a estratégia como representação robusta ao passo que a estratégia *-ões* e outras marcações juntas apresentariam baixa representatividade no léxico mental desses informantes.

Em contrapartida, observando os resultados gerais referentes à amostra com informantes com maior contato com o público (cf. *Tabela 57*), constata-se que a estratégia *-ões* seria aquela com representação robusta no léxico mental desses informantes haja vista que se registraram 42% (275/653) dessa estratégia nessa amostra e com 29% empataram os percentuais de outras marcações (118/653) com os resultados da não marcação (190/653) entre os informantes com menor contato com o público. Portanto, numa observação preliminar, nota-se que o padrão *-ões* apresenta representação mental robusta enquanto a estratégia outras marcações juntas assim

como a não marcação apresentariam baixa representatividade no léxico mental dos informantes com menor interação no ambiente de trabalho.

Passando aos resultados da rodada 2, notou-se que a estratégia *-ões* predominou em ambas as amostras. No entanto essa estratégia ocorreu em 51% (148/290) dos dados dos informantes com menor contato com o público e em 59% (275/463) das ocorrências daqueles com maior contato com o público no mercado ocupacional, logo outras marcações não foi a estratégia predominante nas duas amostras, mas apresentou diferença significativa correlacionada à variante menor contato com o público no mercado ocupacional como se pode conferir no *Gráfico 45*:

Gráfico 45: Correlação entre *contato com o público no mercado ocupacional* e a realização de outras marcações *versus* marcação *-ões* em lexias com terminação em *-ão*
 $\chi^2 = 38.13$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, na rodada 2, outras marcações ocorreram em 49% (142/290) dos registros dos informantes com o menor contato com o público e apenas em 41% (188/463) dos dados dos informantes com o maior contato com o público. Assim como o maior contato entre as pessoas eventualmente impulsionou a migração da não marcação para a estratégia *-ões* como notado na rodada 1 (*Gráfico 35*), da mesma forma parece se aplicar à migração de outras estratégias em direção ao padrão *-ões* entre os informantes com maior interação com pessoas em seu mercado ocupacional como se evidenciou com os resultados do *Gráfico 45*. Dessa forma, conclui-se que informantes inseridos em mercado ocupacional com maior contato com o público, mesmo com nível de escolaridade fundamental, estariam mais sensíveis ao valor social da marcação de plural em seu ambiente de trabalho sobretudo se for o padrão mais produtivo no grupo morfológico independentemente de ser a pluralização esperada.

Ademais, como observado nas subseções 5.2.1.4 e 5.2.2.4, as mesorregiões com maior densidade demográfica e/ou interação entre habitantes em atividades comerciais ou industriais, a exemplo da Região Metropolitana de Salvador, lideraram os índices de emprego da estratégia *-ões* em comparação à não marcação ou a outras marcações (cf. *Carta 4, Figura 28 e Carta 5, Figura 29*), logo se reforça a tese de que espaços laborais como maior interação verbal inibiriam o uso da não marcação por seus funcionários bem como apresentariam correlação com a migração de estratégias de pluralizações de lexias sobretudo entre aquelas com menor frequência tipo e menor frequência de ocorrência para pluralizações mais produtivas a exemplo do padrão *-ões*.

5.2.2.9 Grau de monitoramento

Quanto à correlação entre a variante grau de monitoramento e emprego da pluralização indiferente (*-ãos, -ães e -ões*) em comparação com a não marcação, constatou-se que nos momentos com menor monitoramento houve 55% (332/600) de ocorrências da marcação indiferente. Em contrapartida, nos momentos dos inquéritos com maior monitoramento, totalizaram-se 70% (241/597) dos registros. Além da marcação indiferente se revelar predominante em ambos os contextos de monitoramento, sua representatividade é mais expressiva quando houve maior tensão durante a aplicação dos inquéritos. Dessa forma, a não marcação predominou em contexto de menor tensão como se pode perceber na *Tabela 58*:

Tabela 58: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Fatores	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	166/600	27,5%	166/600	27,5%	268/600	45%
Maior	257/597	43%	164/597	27%	176/597	30%
Total geral	423/1197	35%	330/1197	28%	444/1197	37%

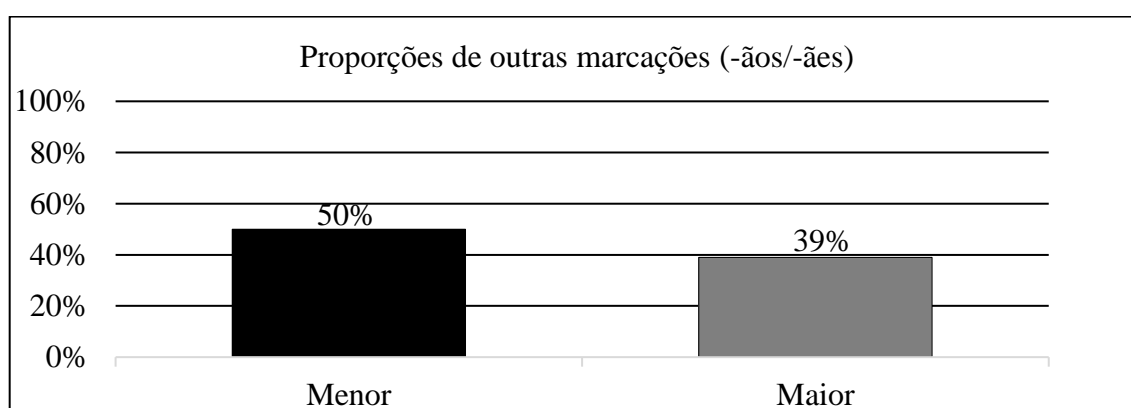
Fonte: Elaboração própria.

Conforme observação dos resultados da *Tabela 58*, em contexto de menor monitoramento, houve 45% (268/600) de registro de não marcação enquanto 27,5% dos dados

corresponderam tanto à realização de outras marcações quanto da estratégia *-ões* (166/600). No entanto em contexto de maior monitoramento, predomina-se o padrão *-ões* com 43% (257/597), seguido pela não marcação com 30% (176/597) e por outras marcações com 27% (164/597) dos dados. Dessa forma, a partir dessa observação preliminar, constata-se que a não marcação seria a estratégia predominante em contextos com menor monitoramento ao passo que o padrão *-ões* seria mais recorrente em contextos de maior monitoramento, enquanto tecnicamente não há diferença na avaliação de outras marcações em contexto de menor (27.5%) ou de maior monitoramento (27%), logo informações pragmáticas de natureza avaliativa rotuladas aos feixes de exemplares que compõem as representações mentais de informantes com pouca escolaridade (ensino fundamental) seriam associadas apenas ao padrão *-ões*, atribuindo-lhe um *status* de estratégia adequada a situações que exigissem maior monitoramento linguístico enquanto o uso da não marcação seria avaliada negativamente no mesmo contexto de monitoramento.

Observando os resultados da rodada 2, constatou-se que o padrão *-ões* predominou apenas em contexto de maior monitoramento. Nesta rodada, a estratégia *-ões* ocorreu em 50% (166/332) dos dados em menor grau de monitoramento e em 61% (257/421) das ocorrências em situação de maior monitoramento, logo a estratégia outras marcações apresentaria a mesma representatividade que a estratégia *-ões* como se pode conferir no *Gráfico 46*:

Gráfico 46: Correlação entre grau de monitoramento e a realização de outras marcações versus marcação -ões em lexias com terminação em -ão
 $\chi^2 = 19.577 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como ilustrado no *Gráfico 46*, outras marcações ocorreram em 50% (166/332) dos dados em momentos de menor grau de monitoramento e em apenas 39% (164/421) em grau de maior monitoramento. Cabe observar que na *Parte 3 (QPP)* – principal contexto com maior

monitoramento dos inqueritos – há nove lexias com pluralização em *-ão* e com variadas classificações quanto à frequência de ocorrência: *corrimão, guardião, aldeão, vulcão, mamão* (frequência baixa), *televisão, cristão* (frequência média), *cidadão e alemão* (frequência alta). Como alguns desses itens apresentam prescrições duplas ou triplas, para essa lista com 9 lexias haveria 14 possibilidades de pluralização: *-ães* (3), *-ãos* (5) e *-ões* (6). Posto nestes termos, a probabilidade de emprego de outras marcações como plural esperado seria maior que da estratégia *-ões*. No entanto justamente nesse contexto de maior monitoramento, o emprego da variante outras marcações passa a ser desfavorecido como percebido no *Gráfico 46*. Portanto, com tais evidências, pode-se afirmar que o emprego do padrão *-ões* em interações mais monitoradas não só é concebida como realização legítima no PBA como goza de uma avaliação mais positiva que outras marcações em amostra formada por informantes com pouca exposição à educação formal.

5.3 O PLURAL DE LEXIAS TERMINADAS EM DITONGOS DECRESCENTES *-AU, -EU* OU *-AL, -EL, -IL, -[ɔ]L, -OL*

Assim como ocorrido nos processamentos anteriores, para apresentação dos resultados nesta seção, foram realizadas várias possibilidades de rodadas pelo teste qui-quadrado visando à ortogonalidade na distribuição dos dados controlados e/ou tornar as amostras intercomparáveis. Nesse sentido, continuando o processamento estatístico em duas rodadas por grupo morfológico, controlaram-se inicialmente os seguintes (sub)grupos:

- i) todas as lexias (não marcação *versus -is*);
- ii) todas as lexias (*-s versus -is*);
- iii) subgrupo *-au, -éu* (não marcação *versus -s*);
- iv) subgrupo *-au, -éu* (*-is versus -s*);
- v) subgrupo *-al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l* (não marcação *versus -is*);
- vi) subgrupo *-al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l* (*-s versus -is*);
- vii) subgrupo *-al, -el, -il, -[ɔ]l* (não marcação *versus -is*)³³⁹;

³³⁹ Não se controlou a lexia *gol* nesta rodada.

- viii) subgrupo *-al, -el, -il, -[ɔ]l* (*-s versus -is*)³⁴⁰;
- ix) subgrupo *-al, -el* (não marcação *versus -is*);
- x) subgrupo *-al, -el* (*-s versus -is*);
- xi) subgrupo *-il, -[ɔ]l* (não marcação *versus -is*);
- xii) subgrupo *-il, -[ɔ]l* (*-s versus -is*);
- xiii) subgrupo *-il* (não marcação *versus -is*);
- xiv) subgrupo *-il* (*-s versus -is*);
- xv) subgrupo *-[ɔ]l* (não marcação *versus -is*);
- xvi) subgrupo *-[ɔ]l* (*-s versus -is*);
- xvii) subgrupo *gol* (não marcação *versus -s*)³⁴¹;
- xviii) subgrupo *-au, -éu, -al, -el* (não marcação *versus -is*);
- xix) subgrupo *-au, -éu, -al, -el* (*-s versus -is*).

Como se observou brevemente nas subseções 4.2 e 4.4.4, como os coeficientes de confiabilidade dos testes de regressão logística não foram satisfatórios devido ao reduzido número de dados em alguns subgrupos e/ou falta de ortogonalidade bem como pelo fato de o envelope ser formado por 10 de variáveis previsoras, optou-se por análises univariadas. Dessa forma, jugou-se imperativo analisar separadamente parte das amostras tanto dos grupos em contexto metafônico quanto daqueles com terminação em ditongos orais decrescentes do tipo (vogal + w). Neste caso particularmente, entre outras razões, por não haver dados controlados com terminação em *-iu, [ɔ]u* e *[o]u* para serem contrapostos àqueles com terminação a *-il, [ɔ]l*, e *[o]l* naturalmente haveria enviesamento dos resultados em direção à pluralização em *-is*, logo os resultados dos grupos com esta terminação foram apresentados de forma não sistemática.

Como observado, as rodadas de i) a xix) levaram em consideração desde o microgrupo contendo todas as lexias arroladas, a exemplo de i) e ii) (23) – a saber: *degrau, pau, grau; chapéu, troféu, véu; avental, queixal, bocal, pedal, hospital, policial, real* (moeda); *anel, pastel,*

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Não houve duas rodadas para o subgrupo *[o]l*, pois neste recorte da amostra não se registrou a realização de *gois*.

pincel; funil, barril, fuzil; anzol, farol, lençol e gol –, a seus subgrupos. No entanto dessas 19 rodadas descritas, apenas aquelas envolvendo o subgrupo *-au, -éu, -al, -el* foram analisadas sistematicamente ao longo desta seção. De forma complementar, também se fez uso dos resultados das rodadas envolvendo o subgrupo *-au, -éu* e subgrupo *-al, -el* isoladamente. Em princípio, assim como na escrita atual não haveria marcas distintivas que justificassem o controle separadamente dos subgrupos com plural esperado em *-ãos, -ães e -ões*, também não haveria razão para se separar o subgrupo de lexias com terminação em *-au, -éu* daquele com terminação em *-al, -el* já que a lateral raramente é realizada em posição de coda no PB salvo à necessidade de observação mais detalhada dos resultados. Especialmente por esta razão e por tornar os resultados (mais) intercomparáveis com outros obtidos em pesquisas sobre o plural com terminação em ditongos orais decrescentes do tipo (vogal + w) é que também se observou de forma complementar o subgrupo de lexias com terminação em *-au, -éu* separado daquele com terminação em *-al, -el*, no entanto seus resultados sob a forma de tabelas com resultados gerais ficaram dispostos no *Apêndice J* e *Apêndice K* e os resultados das rodadas 1 e 2 processadas no qui-quadrado estão dispostas, respectivamente, no *Apêndice L* e no *Apêndice M*.

Antes do processamento dos dados, algumas ocorrências foram excluídas das rodadas. Assim como nas rodadas dos grupos de lexias em contextos metafônicos e de lexias com terminação em *-ão*, foram excluídas do processamento realizações de informantes com nível universitário, registros localizados na seção de leitura do *Projeto ALiB*, ocorrências observadas na *Parte 2* do *QPP* por serem dados de percepção e registros de naturezas variadas, como:

(44) queixares... quixares (inf. 16).

(45) Degrai... (inf. 50).

(46) 3 anz[ɔ]s (inf. 65)³⁴².

(47) 2 pedai (inf. 101).

(48) 2 far[ɔ]i (inf. 112).

(49) 2 fuzi (inf. 110).

(50) 2 fuzíveis (inf. 94)³⁴³.

(51) 3 pedalos ... pedalos (inf. 102).

(52) 3 pedales ... pedalos (inf. 110).

(53) 3 pedalo (inf. 112).

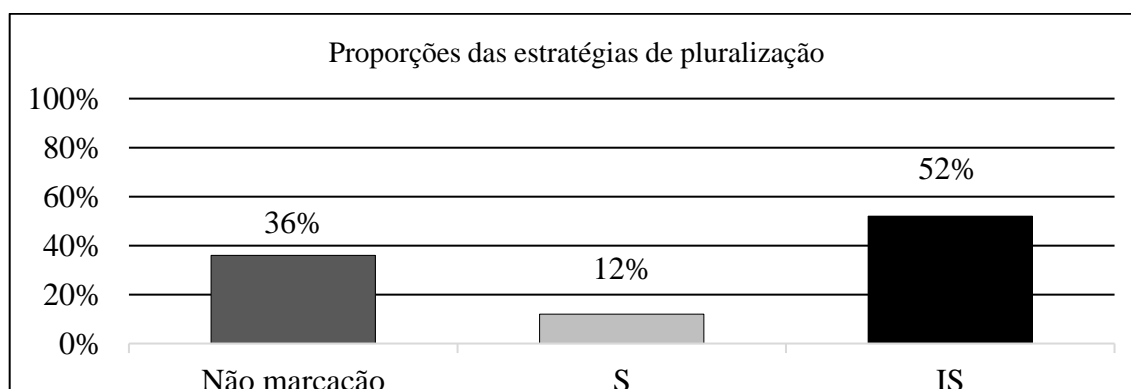
³⁴² Houve mais 4 registros de *anz[ɔ]s* (inf. 120, 121, 122 e 123).

³⁴³ O informante 111 também realizou dois registros de 2 *fuzíveis* como plural de *fuzil*.

Com a exclusão desses 18 dados incomuns em especial, tornou-se exequível o processamento dos dados em rodadas binárias. No entanto é importante observar que 3/5 dos registros de *anz[ɔ]s* foram realizados por informantes diferentes do Extremo Oeste Baiano (121, 122 e 123). 2/5 desses registros com supressão da semivogal foram notados na fala de informantes do Vale Franciscano e Centro Norte Baiano. Provavelmente, seja um indício de que sobretudo no Extremo Oeste Baiano exista alterações fonológicas inesperadas que também acompanham a pluralização de *anzol* em alguns seguimentos sociais dessa mesorregião supostamente motivada pela acentuada migração nas últimas décadas numa direção que acompanham a expansão do agronegócio na cidade de Barreiras e municípios limítrofes³⁴⁴. Já os dados de *pedalo*, *pedalos* e *pedales* foram registrados na fala de 3 informante que pertencem apenas às mesorregiões do Centro Sul Baiano e do Nordeste Baiano, sugerindo que essas variações incomuns não sejam recorrentes em todo o território baiano.

Como a eliminação dos padrões incomuns para pluralização dos ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w], a amostra total alcançou 1.811 dados. Assim, nessa análise preliminar considerando todas as lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l* e *-[o]l*, constatou-se que o padrão *-is* é a pluralização mais frequente. Conferir *Gráfico 47*:

Gráfico 47: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l
 $\chi^2 = 444.76 (3) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

³⁴⁴ Essa eventual constatação só seria possível com a observação do plural de *anzol* no Sul do País em comparação com as demais regiões a partir de dados do *Projeto ALiB*. No entanto essa empreitada não é possível neste momento da pesquisa e excede o objeto de estudo desta tese.

Como observado no *Gráfico 47*, o padrão *-is* predominou entre as alternativas de pluralização com 52% (933/1.811), seguido pela não marcação com 36% (655/1.811) e com um representativo inexpressivo o padrão *-s* obteve 12% (223/1.811) dos registros. Embora haja a possibilidade de esse baixo número do padrão *-s* nesses dados preliminares está correlacionado à distribuição de apenas seis lexias com plural esperado com esse padrão na amostra geral, a princípio, esses resultados preliminares do padrão *-s* se assemelhariam aos obtidos por Huback (2007). Com a junção dos resultados absolutos observados nos grupos de lexias com terminação em *-u* e com terminação em *-l* (cf. Huback, 2007, p. 221, 236), nota-se que a estratégia *-s* ocorreu em 13% (322/2.389) e o padrão *-is* em 87% (2067/2.389)³⁴⁵. No grupo com terminação em *-l*, 10/27 das lexias controladas pela autora também foram controladas nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, a saber: *avental, hospital, anel, pincel, pastel, funil, anzol, farol, lençol* e *gol*. Assim, todas lexias com terminação em *-el* e *-ol* controladas nessas amostras já foram controladas pela autora. Já no grupo com terminação em *-u*, 6/19 das lexias observadas pela autora foram controladas nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, ou seja, todas lexias com terminação em *-u* controladas nessas amostras foram alvo de estudo da autora.

Pelo exposto, nota-se que as amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* e de Huback (2007) seriam similares em razão das lexias controladas, mas não em relação às variantes resposta analisadas. Neste trabalho, as não marcações não foram analisadas em virtude do reduzido representativo de dados dessa natureza como já descrito anteriormente diferentemente do observado naquelas amostras. Naturalmente, naquelas amostras seria mais frequente a migração em direção à não marcação, pois enquanto na amostra de Huback (2007) há apenas informantes com fundamental completo (18) e com nível universitário (18), nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* há informantes com nível de escolaridade que se estende de 0 a 8 anos de educação formal (cf. *Gráfico 2* e *Gráfico 3* na subseção 4.4). No entanto se se observar apenas os dados de marcação indiferente nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* considerando todas as lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* como o fez inicialmente Huback (2007), nota-se que os resultados obtidos nessas duas amostras ainda são próximos aos observados por Huback (2007) como se observará no *Gráfico 49* ainda nesta subseção.

³⁴⁵ Os 2.389 dados levantados são resultados da soma de todas as ocorrências apresentadas na *Tabela 35* e *Tabela 46* (Huback, 2007, p. 221, 236). No grupo em *-l*, a autora controlou tanto substantivos quanto adjetivos: *mel, cachecol, funil, anzol, avental, sol, gentil, pincel, pastel, agradável, farol, anel, lençol, sal, acessível, míssil, azul, infantil, espanhol, difícil, móvel, útil, sinal, hospital, responsável, jornal* e *gol* (Huback, 2007, p. 221). No grupo de lexias com terminação em *-u*, foram controladas *berimbau, jirau, mausoléu, ateu, véu, pau, troféu, degrau, chapéu, céu, réu, mau, museu, pneu, judeu, grau, europeu, meu* e *seu* (Huback, 2007, p. 236).

Quando se comparam os resultados obtidos nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* com aqueles encontrados por Gomes, Amaral e Prado (2018), nota-se que os dados de não marcação (e outras respostas) neste trabalho não ultrapassam os 2% (46/1881). Já em Guimarães, Silva e Gomes (2020) por terem como amostra crianças de 3 a 12 anos, esse representativo de não marcação atingiu 31% (1.141/3.524)³⁴⁶ no resultado geral, mas as autoras também notaram que “a não expressão de formas de plural diminui à medida que aumenta a idade das crianças, com uma diminuição significativa a partir dos 9 anos” (Guimarães; Silva; Gomes, 2020, p. 633) de sorte que nesta pesquisa o percentual de não marcação caiu gradativamente de 70% (241/343) aos 3 anos de idade para apenas 3% (9/359) aos 12 anos como se pode observar na *Tabela 2* (cf. Guimarães; Silva; Gomes, 2020, p. 633). Dessa forma, os resultados obtidos tanto por Gomes, Amaral e Prado (2018) quanto por Guimarães, Silva e Gomes (2020) sinalizariam para a redução significativa da não marcação a partir da adolescência. Como já observado nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, a não marcação foi mais representativa também no grupo de lexias com terminação em ditongo oral decrescente do tipo vogal + [w] do que em todas as demais pesquisas citadas nesta subseção em face da metodologia de aplicação cuja abordagem visou a uma interação menos tensa na maioria dos questionários aplicados.

Quanto às realizações do padrão *-s* ou *-is* observadas em Gomes, Amaral e Prado (2018) e em Guimarães, Silva e Gomes (2020), constatou-se naquela pesquisa que “houve predomínio de *-is* no teste de palavras do PB (55%). No teste de pseudopalavras, no entanto houve um predomínio da forma regular (58,5%)” (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 497). Nesta pesquisa, entre as crianças e pré-adolescentes, constatou-se que o padrão *-is* alcançou 84% dos resultados enquanto o plural em *-s* se limitou a 16% dos casos (cf. Guimarães; Silva; Gomes, 2020, p. 640). Quando os resultados são analisados separadamente, as autoras concluíram que:

[...] os itens lexicais com plural esperado irregular foram realizados semi-categoricamente (94,86%) e os itens com plural esperado regular apresentaram uma percentagem alta de plural com *-is*, o que indica uma generalização do tipo *-is* para estes casos. Esse resultado, juntamente com o observado para os grupos de itens terminados em *-ão*, mostra que a inferência do tipo mais frequente parece não levar em conta todo o léxico, já que o padrão mais frequente considerando todo o léxico seria a forma de plural em *-s*, mas o agrupamento de itens em função de suas terminações na forma básica (ou no singular) (Guimarães; Silva; Gomes, 2020, p. 640).

³⁴⁶ Resultado inferido a partir dos números dispostos na *Tabela 2* (cf. Guimarães; Silva; Gomes, 2020, p. 633).

Pelo exposto, embora com proporções diferentes, nas três pesquisas citadas nesta subseção, a migração do padrão *-s* em direção a *-is* é o fenômeno mais recorrente em palavras do PB. Apenas em pseudopalavras, a direção da migração ocorreu em sentido contrário. Dessa forma, os resultados preliminares apresentados no *Gráfico 47* corroboram uma tendência de que a inferência do tipo mais frequente só se baseia no léxico como um todo em itens lexicais criados com fins de pesquisas linguísticas ou quiçá em neologismos contendo ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w]. Do contrário, a inferência parte do tipo mais frequente em cada subgrupo morfológico como se observou também nos resultados do grupo de lexias com terminação em *-ão*.

Inicialmente, ao observar os grupos morfológicos *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* separadamente, pode-se notar que alguns deles apresentam maior tendência à migração seja para um padrão inesperado, seja para a não marcação. Em alguns desses grupos, esta estratégia é a predominante como se pode conferir na *Tabela 59*:

Tabela 59: Correlação entre grupo morfológico e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el, -il, -[ɔ]l, -[o]l

Fatores	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>-au</i>	72/334	22%	104/334	31%	158/334	47%
<i>-éu</i>	98/288	34%	51/288	18%	139/288	48%
<i>-al</i>	333/471	71%	9/471	2%	129/471	27%
<i>-el</i>	179/246	73%	12/246	5%	55/246	22%
<i>-il</i>	79/165	48%	20/165	12%	66/165	40%
<i>-[ɔ]l</i>	172/252	68%	7/252	3%	73/252	29%
<i>-[o]l (gol)</i>	-	-	20/55	36%	35/55	64%
Total geral	933/1.811	52%	223/1.811	12%	655/1.811	36%

Fonte: Elaboração própria.

Conferindo os resultados da não marcação na *Tabela 59*, percebe-se que essa estratégia é aquela majoritária para o item *gol* com 64% (35/55) e para os grupos com terminação em *-au* (*degrau*, *pau*, *grau*) com 47% (58/334) e *-éu* (*chapéu*, *troféu*, *véu*) com 48% (139/288). Para os demais grupos, a não marcação surge como segunda alternativa ao plural esperado: 40%

(66/165) para o grupo em *-il* (*funil, barril, fuzil*), 29% (73/252) para o grupo em *-[ɔ]l* (*anzol, farol, lençol*), 27% (129/471) para o grupo em *-al* (*avental, queixal, bocal, pedal, hospital, policial, real*) e 22% (55/246) para o grupo em *-el* (*anel, pastel, pincel*). Dessa forma, assim como observado em Huback (2007)³⁴⁷, não houve registros da pluralização *gois* nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, mas foi expressivo o número de não marcação nessas amostras por razões já pontuadas. Sobre essa migração categórica incomum do padrão *-is* para *-s* para a pluralização da lexia *gol*, Huback (2007) observa que:

1) No inglês, língua originária desse item, seu plural é formado com o acréscimo do morfema *-s*, então o plural de “goal” é “goals”. *É possível que o PB tenha adotado, simultaneamente, as formas singular e plural, mantendo, nos dois casos, grafias similares às originárias*; 2) Pode ser que “gol” tenha sido importado para o PB *quando o processo de vocalização de -l em fim de sílaba já estava avançado*, portanto a palavra talvez já tenha entrado na língua como [‘gow]. Consultamos o Dicionário Houaiss on-line [...] e observamos que o ano de 1904 é o primeiro registro da palavra “gol” no português escrito. Não sabemos, no entanto, se a vocalização do -l em fim de sílaba já era um fenômeno recorrente no PB dessa época. Nenhuma menção sobre os primeiros registros de vocalização do -l foi encontrada nas gramáticas históricas pesquisadas. O item “gols” é, portanto, um caso raro em que uma palavra terminada em -l adota a regra de plural em -u (Huback, 2007, p. 227, grifo próprio).

Entre as duas justificativas apresentadas por Huback (2007) para a pluralização *gols*, a primeira já parece satisfatória uma vez que normalmente quando se aprende um estrangeirismo e se passa usá-lo, frequentemente também seu plural é empregado conforme a língua original: *grill > grills, e-mail > e-mails* etc. Na atualidade, por exemplo, nos *sites* de compartilhamento de vídeos como *Facebook* ou *Instagram*, o tremo *reel*³⁴⁸ – assim como *gol*, também grafado com terminação em *-l* – é pluralizado pelos usuários como *reels* e não *rees* ou mesmo *reelis*.

Embora tanto nos resultados de Huback (2007) quanto nos questionários analisados nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* não houve registro da pluralização *gois*, cabe observar que no questionário de percepção (*Parte 2, Apêndice A*), essa pluralização foi avaliada positivamente por 57% (16/28) dos informantes. Ao ouvir a leitura do enunciado em questão, 32% (9/28) dos informantes entrevistados fizeram a correção de 3 *gois* para 3 *gols* e 11% (3/28) deles corrigiram

³⁴⁷ Huback (2007, p. 221-222) observa que “Devemos mencionar, também, o caso da palavra ‘gol’, que foi pluralizada como ditongo em -u em todas as suas ocorrências, obtendo, portanto, resultado categórico quanto à aplicação da variável dependente”.

³⁴⁸ Vídeos com duração máxima de 15 minutos postados em *sites* de relacionamentos como *Facebook* e *Instagram*.

o plural *3 gois* por *3 gol*³⁴⁹. Embora a percepção ou avaliação sobre o plural exceda o objeto desta tese, é importante observar que o plural *gois* não foi realizado nos questionários de produção, apenas *gols* (36% ou 20/55), mas também não foi analisado negativamente pela maioria dos informantes no questionário de percepção.

Ainda sobre os resultados globais observados na *Tabela 59*, constatou-se que o plural esperado foi mais recorrente e predominante entre os itens com terminação em *-l*. Neste grupo, o padrão *-is* obteve 73% (179/246) de representação no subgrupo *-el*, 71% (333/471) no subgrupo *-al*, 68% (172/252) no subgrupo *-[ɔ]l* e passa a ser desfavorecido no subgrupo em *-il* com 48% (79/165) dos dados, mas, mesmo assim, o padrão *-is* foi a estratégia predominante neste subgrupo. Nos grupos em *-u*, houve a migração de 34% (98/288) em direção ao padrão *-is* no subgrupo *-éu* e de 22% (72/334) no subgrupo *-au*. Dessa forma, a estratégia *-is* não só se revelou como aquela predominante entre os subgrupos de lexias com terminação em *-l* com exceção da lexia *gol*, como também foi a alternativa com maior expressividade que o próprio plural esperado em *-s* no subgrupo *-éu*.

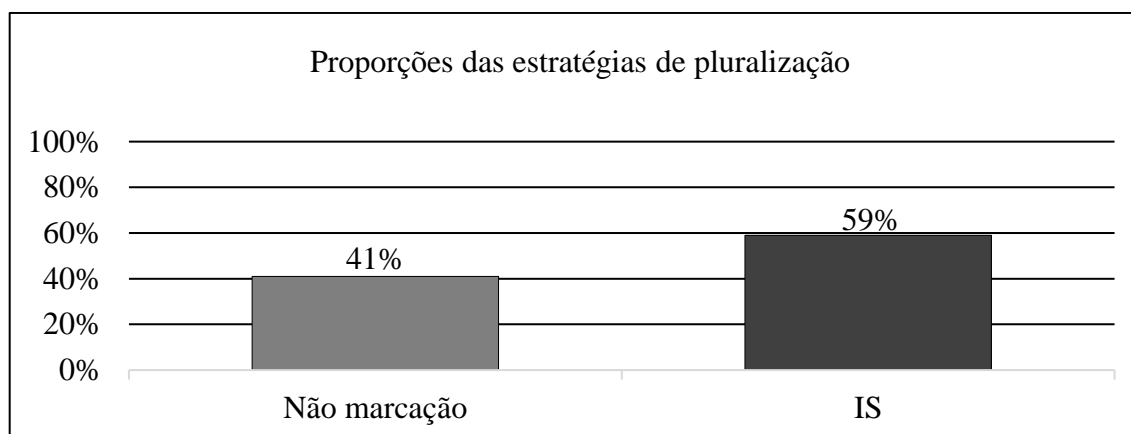
Em contrapartida, ao observar a pluralização em *-s* na *Tabela 59*, percebe-se que essa estratégia não é predominante em nenhum dos subgrupos analisados. Na lexia *gol*, sua representatividade se limitou a 36% das ocorrências como mencionado e no subgrupo de lexias com terminação em *-au*, não ultrapassa os 31% (104/334) de representação. Embora não expressivos, esses são os maiores índices de marcação de plural com o padrão *-s*. Ademais, nesses subgrupos, o padrão *-s* ocorre como segunda estratégia depois da não marcação. Nos demais subgrupos, a pluralização *-s* ocorre sempre como a terceira opção: 18% (51/288) em *-éu*, 12% (20/165) em *-il*, 5% (12/246) em *-el*, 3% (7/252) em *-[ɔ]l* e 2% (9/471) em *-al*. A partir dessa observação global dos dados, conclui-se que a estratégia *-s* não seria o padrão predominante em qualquer contexto de estruturação silábica em que tal pluralização seria esperada como nos grupos de lexias com terminação em *-au* e *-éu* ou mesmo com eventual potencial de ocorrência por força da tradição como em *gol* já que nesses três contextos o padrão *-s* ocorre como segunda opção depois da não marcação ou ainda como terceira opção depois do padrão *-is*. Dessa forma, torna-se evidente que a representação mental do plural de lexias com terminação em ditongos decrescentes orais com terminação em vogal + [w] apresenta maior robustez entre os feixes de exemplares com não marcação que o plural esperado em *-s* nos

³⁴⁹ Cada informante só realizou uma pluralização para *gol* na *Parte 2 (Apêndice A)* com exceção do informante 121 que realizou a correção do plural original *3 gois* para *3 gols* e em seguida realizou *3 gol*.

grupos de lexias com terminação em *-au* e *-éu*, mas não em relação às lexias com terminação em *-l* salvo o caso particular de *gol*.

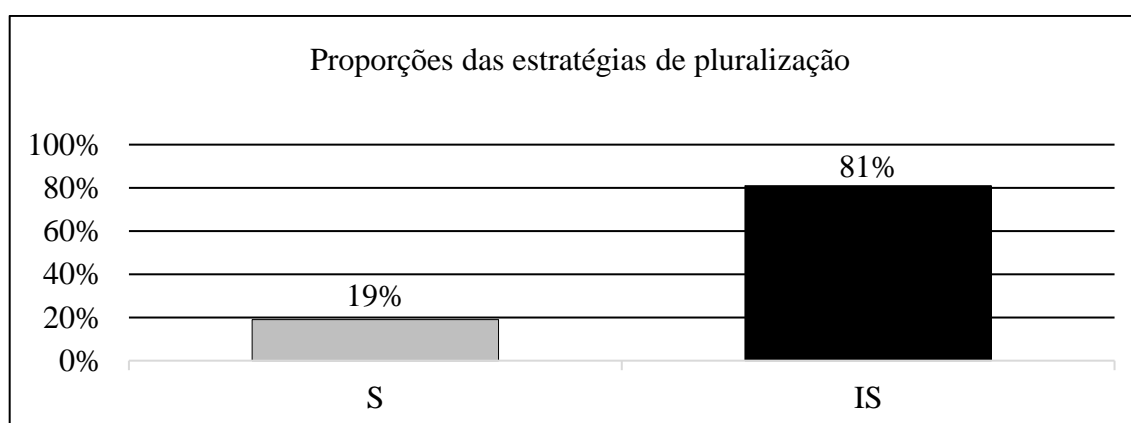
Se se observar os resultados gerais dos grupos morfológicos *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* a partir da aplicação do teste do qui-quadrado em duas rodadas, pode-se notar que o padrão *-is* é a estratégia predominante se comparada à não marcação ou ao padrão *-s*, como se pode notar no *Gráfico 48* e no *Gráfico 49*:

Gráfico 48: Realizações de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, *-[o]l*
 $\chi^2 = 48.668$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 49: Realizações de marcação *-s* *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, *-[o]l*
 $\chi^2 = 436.07$ (1) $p. < 0.5$



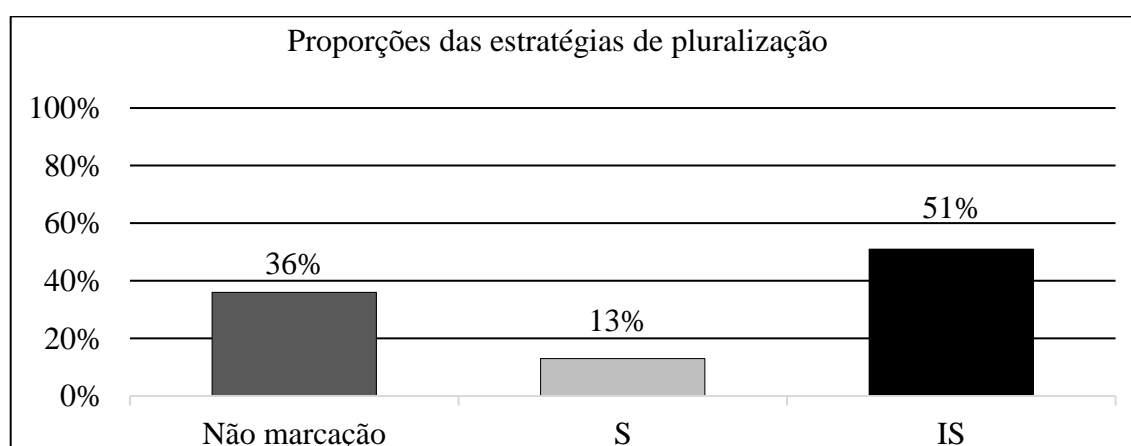
Fonte: Elaboração própria.

Como se pode inferir a partir da observação do *Gráfico 48*, o padrão *-is* ocorreu em 59% (933/1.588) na rodada 1 e a não marcação ocorreu em 41% (655/1.588) dessa amostra. Já no

Gráfico 49, pode-se notar que o padrão *-is* apresenta maior representatividade se comparado à pluralização *-s*: 81% (933/1156) de dados do padrão *-is* e 19% (223/1156) de pluralização com *-s*. Dessa forma, percebe-se que os resultados da rodada 2 são similares ao encontrados por Huback (2007). Ademais se pode concluir que, entre os dados gerais, o padrão *-is* encontra maior robustez de representação no léxico mental dos informantes se comparado à não marcação, mas sobretudo em comparação ao feixe de exemplares composto por pluralizações em *-s* no grupo de lexias com terminação em ditongos decrescentes orais com terminação em vogal + [w].

Por razões teórico-metodológicas com vistas a tornar as amostras (mais) intercomparáveis entre si, 26% (472/1.811) dados presentes na *Tabela 59* foram excluídos: 165 do subgrupo de lexias com terminação em *-il*, 252 daqueles em [ɔ]l e 55 dos registros referentes à lexia *gol*. Por exceder o objeto de estudo desta tese e evitando ainda mais a ampliação da extensão deste volume, não foram dispostos as tabelas e os gráficos entre os apêndices mesmo depois de obtidos os resultados dos testes qui-quadrado para os três grupos excluídos e outros citados no início da subseção 5.3. Dessa forma, passa-se a observar a nova amostra geral composta por dados dos subgrupos em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* como se pode observar no *Gráfico 50*:

Gráfico 50: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 616.35$ (3) $p. < 0.5$

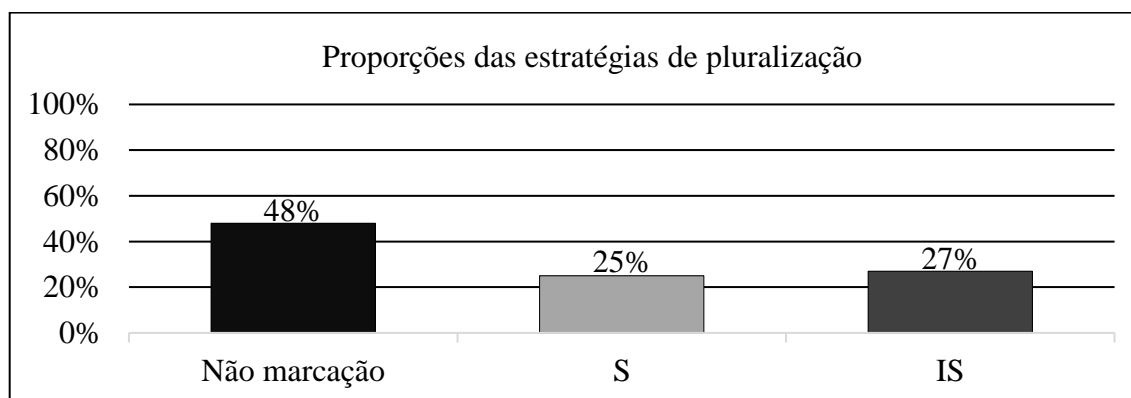


Fonte: Elaboração própria.

Com a observação do *Gráfico 50*, pode-se constatar que o padrão *-is* foi a estratégia predominante com 51% (682/1.339) dos dados, seguida pela não marcação com 36% (481/1.339) dos registros e pelo padrão *-s* com apenas 13% (176/1.339) de representatividade.

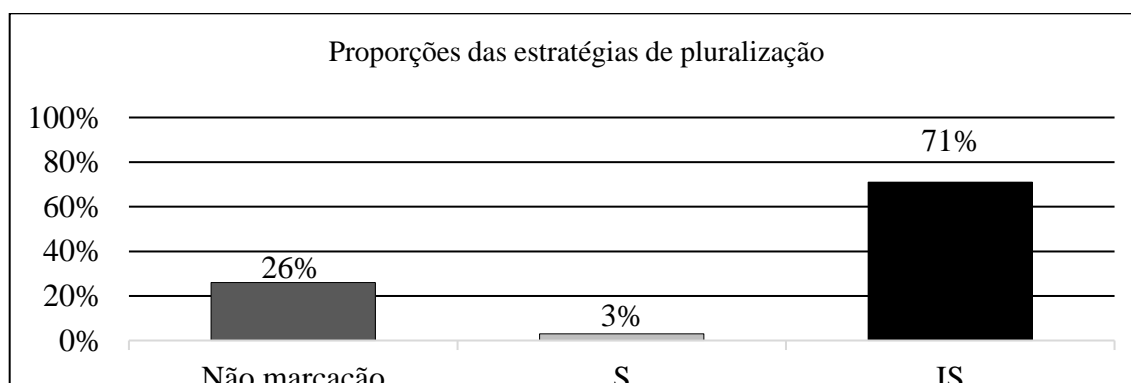
Pelos resultados gerais obtidos apenas com dados dos subgrupos em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, percebe-se não apenas que a ordem de representatividade é a mesma que fora observada nos resultados gerais dos grupos morfológicos em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* (cf. *Gráfico 47*) como também os percentuais são (praticamente) os mesmos. No entanto quando foram observados os testes de qui-quadrado considerando o processamento dos dados da amostra do subgrupo em *-au*, *-éu* separadamente do processamento do subgrupo em *-al* e *-el*, pode-se notar o quanto a direção da migração seria polarizava como se pode conferir com a comparação entre o *Gráfico 51* e *Gráfico 52*:

Gráfico 51: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*
 $\chi^2 = 2949.2$ (3) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 52: Realizações diversificadas do grupo de lexias com terminação em *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 1843.6$ (3) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Com a divisão dos processamentos estatísticos, notou-se que a não marcação novamente foi a estratégia predominante no subgrupo das lexias com terminação em *-au*, *-éu* como se pode

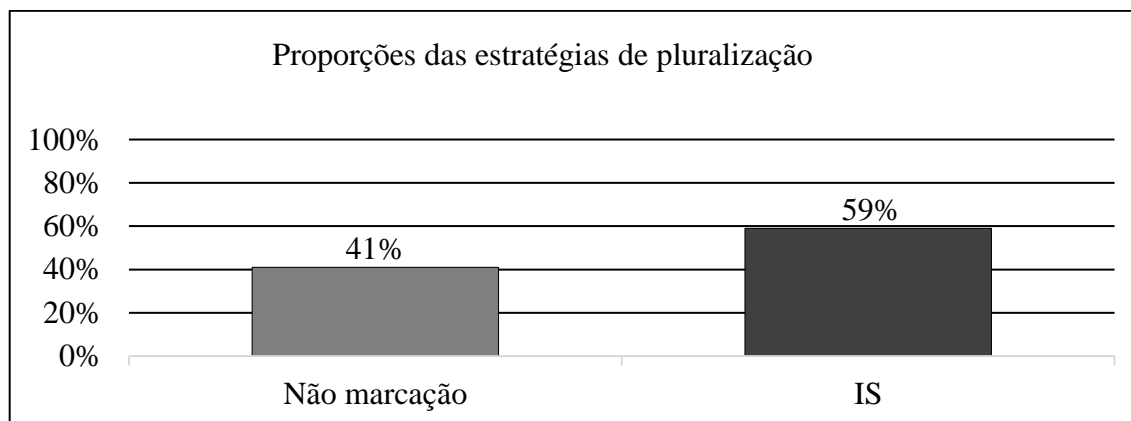
conferir no *Gráfico 51*. Neste subgrupo, essa estratégia de pluralização alcançou 48% (297/622) dos dados, o padrão em *-is* obteve 27% (170/622) das ocorrências e o plural esperado 25% (155/622) de representatividade na amostra. Já com a observação do *Gráfico 52*, verifica-se que o plural esperado não é só predominante como apresenta expressiva representação perante as demais estratégias de pluralização previstas para o subgrupo em *-al* e *-el*. O padrão *-is* alcançou 71% (512/717) dos dados, seguido pela não marcação com 26% (184/717) das ocorrências e o padrão *-s* não ultrapassou os 3% (21/717) de representação neste subgrupo.

Pelo exposto, conclui-se que dentro do grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, o plural esperado não apresenta robustez na representação mental no subgrupo daquelas lexias com terminação em *-au* e *-éu* haja vista que as realizações em *-s* migraram de forma representativa em outras direções de modo que o plural esperado se situou como a alternativa de pluralização menos frequente na fala dos informantes como se notou no *Gráfico 51*. Em contrapartida, em virtude da elevada frequência tipo do padrão *-is* como estratégia de pluralização entre as lexias com terminação em ditongo oral decrescente do tipo vogal + [w], no grupo de lexias com terminação em *-al* e *-el*, o plural esperado demonstrou gozar de feixes de exemplares com representação mental capaz de promover a migração da pluralização esperada de itens com terminação em *-au* e *-éu* para o padrão *-is*.

5.3.1 Variante não marcação em comparação à marcação *-is* em ditongos decrescentes - *au*, *-éu*, *-al*, *-el*

Reduzido o número de subgrupos de lexias com terminação inicialmente em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l* e *-[o]l* para *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, nesta subseção foram analisados os resultados da rodada 1. Na comparação dos resultados dessa rodada da amostra composta inicialmente com dados daqueles subgrupos (cf. *Gráfico 48*) com a nova amostra (cf. *Gráfico 53*), não se notou diferença nos resultados. Dessa forma, no resultado do processamento da rodada 1 do grupo de lexias com terminação apenas em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, houve 59% (682/1.163) de registros do padrão *-is* e 41% (481/1.163) de não marcação, o que corresponde aos mesmos percentuais obtidos na mesma rodada com dados da amostra original. Conferir *Gráfico 53*:

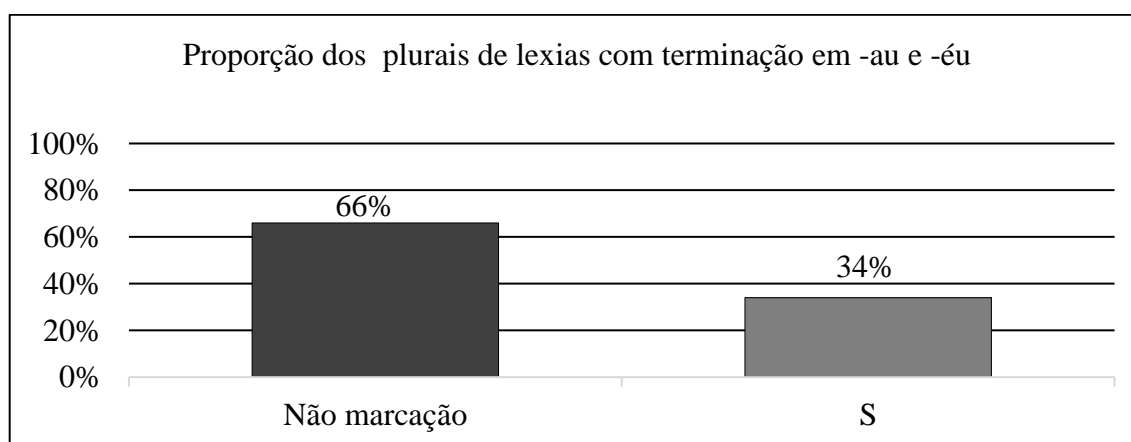
Gráfico 53: Realizações de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el
 $\chi^2 = 34.739 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

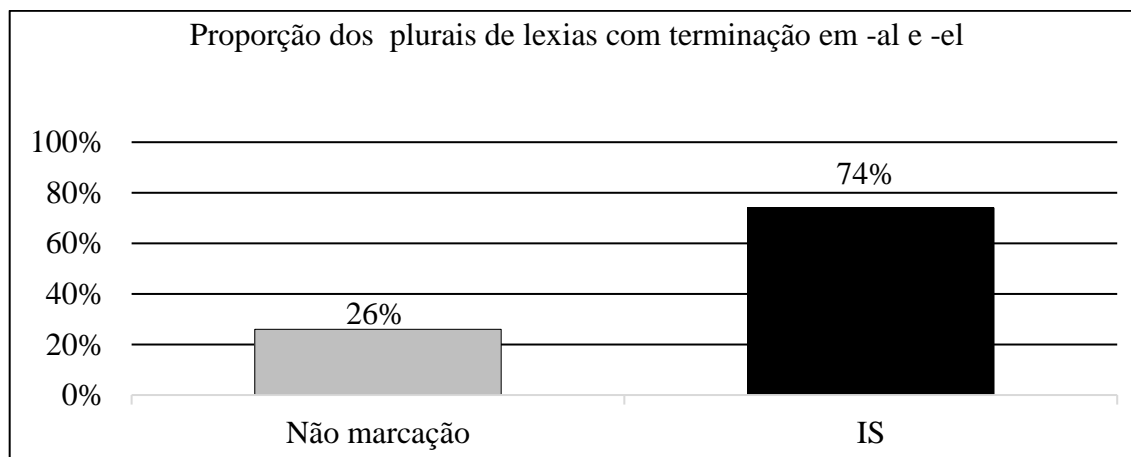
Dessa forma, pela comparação dos percentuais obtidos tanto no *Gráfico 48* quanto no *Gráfico 53*, constata-se, a princípio, que a redução dos subgrupos em *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* não provocaram alterações nos resultados dos padrões da não marcação comparado ao padrão *-is*. Observando de forma ainda mais detalhada a relação entre a não marcação e os padrões *-s* ou *-is* bem como a representação mental destas duas estratégias tanto no feixe de exemplares de lexias com terminação em *-au*, *-éu* quanto em *-al* e *-el*, passa-se a comparar os resultados da rodada 1 para esses subgrupos separadamente. Compare-se o *Gráfico 54* com o *Gráfico 55*:

Gráfico 54: Realizações de não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 44.611 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 55: Realizações de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 154.57 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Na comparação entre *Gráfico 54* e *Gráfico 55*, constatou-se que, na rodada 1, a não marcação é visivelmente mais recorrente no subgrupo de lexias com terminação em *-au, -éu*. Neste subgrupo, houve 66% (297/452) de emprego da não marcação e apenas 34% (155/452) do plural esperado. Já no subgrupo com terminação em *-al e -el*, a não marcação não ultrapassou os 26% (184/696) de representatividade enquanto o plural esperado obteve quase o triplo desse percentual: 74% (512/696). Dessa forma, conclui-se que a não marcação é uma estratégia de pluralização com forte representação mental também nos feixes de exemplares com terminação em ditongo orais decrescentes do tipo vogal + [w] sobretudo no subgrupo de lexias com terminação em *-au, -éu*. Essa constatação torna ainda mais evidente a correlação entre o emprego do plural esperado e a frequência tipo dentro de cada grupo morfológico haja vista que a não marcação foi inibida no grupo com terminação em *-al e -el* uma vez que o padrão *-is* é mais produtivo que o padrão *-s* entre os ditongos orais decrescentes do tipo vogal + [w].

Seguindo a mesma sequência de análise aplicada aos dados gerais da rodada 1, também foram observadas as variáveis predictoras selecionadas pelo teste qui-quadrado levando em consideração preferencialmente o processamento estatístico dos dados do grupo de lexias com terminação apenas em *-au, -éu, -al e -el*. Em seguida, para cada variável predictoras selecionada, os dados do subgrupo *-au, -éu* e do subgrupo *-al e -el* foram processados separadamente com vistas a esclarecer eventuais questionamentos sobre a direção da migração de padrão de pluralização esperado. Dessa forma, na rodada 1, ao observar os dados das lexias com terminação em *-au, -éu, -al e -el*, constatou-se que as variáveis predictoras sexo, faixa etária,

frequência de ocorrência e grau de monitoramento não apresentaram diferenças significativas em seus percentuais. Confirmam-se as diferenças entre os percentuais dessas variáveis na *Tabela 60*³⁵⁰:

Tabela 60: Variáveis não significativas apontadas pela rodada 1 do grupo de plural de lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variáveis	Fatores	Não marcação		-is		Significância do teste χ^2
		freq.	%	freq.	%	
Sexo	homem	252/607	42%	355/607	58%	p. = > 0.5.
	mulher	229/556	41%	327/556	59%	
Faixa etária	faixa 1	210/573	37%	363/573	63%	
	faixa 2	271/590	46%	319/590	54%	
Frequência de ocorrência	baixa	212/426	50%	214/426	50%	
	média	209/459	46%	250/459	54%	
	alta	60/278	22%	218/278	78%	
Grau de monitoramento	menor	306/735	42%	429/735	58%	
	maior	175/428	41%	253/428	59%	

Fonte: Elaboração própria.

A partir da observação da *Tabela 60*, nota-se que o padrão *-is* ocorreu em 59% (327/556) dos dados da fala dos homens e em 58% (355/607) da amostra das mulheres, logo a não marcação ocorreu em 42% (252/607) nas falas dos homens e em 41% (229/556) nas falas das mulheres. Independentemente da aplicação do teste do qui-quadrado, nota-se que há um empate técnico entre esses resultados. Cabe observar que essa variável também não se revelou significativa em nenhuma das rodadas 1 referentes ao grupo de lexias em potencial contexto metafônico ou terminadas em *-ão*.

³⁵⁰ No subgrupo de lexias com terminação em *-au* e *-éu*, apenas as diferenças entre os fatores das variáveis previsoras sexo e faixa etária não foram consideradas significativas pelo teste qui-quadrado. No subgrupo de lexias com terminação em *-al* e *-el*, também as diferenças entre os fatores da variável amostra não foram consideradas significativas estatisticamente, assim neste subgrupo não foram consideradas significativas as variáveis sexo, faixa etária e amostra.

No que diz respeito à variável faixa etária, a estratégia *-is* ocorreu em 63% (363/573) dos registros da faixa etária 1 e em 54% (319/590) na faixa 2. A não marcação foi notada em 46% (271/590) das ocorrências desta amostra e em 37% (210/573) daquela amostra. Embora essas diferenças não sejam significativas estatisticamente, notou-se um aumento de 9 pontos percentuais da não marcação entre os informantes da amostra da faixa etária 2, corroborando os resultados de maior emprego dessa mesma estratégia observados na rodada 1 no grupo de lexias com terminação em *-ão* como já relatados anteriormente (cf. *Gráfico 33*, subseção 4.2.1.6).

Quanto à variável frequência de ocorrência, notou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 50% (214/426) dos dados da frequência com ocorrência baixa, em 54% (250/459) dos dados da frequência com ocorrência média e em 78% (218/278) dos dados com frequência de ocorrência alta. Dessa forma, a não marcação ocorreu em 50% (212/426) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 46% (209/459) dos dados com frequência de ocorrência média e em apenas 22% (60/278) dos dados com frequência de ocorrência alta. Neste caso em especial, apesar de a diferença a favor do emprego da não marcação entre os itens com frequência de ocorrência baixa seja de 27 pontos percentuais a mais em comparação com o uso dessa mesma estratégia entre os itens com alta frequência de ocorrência, o nível de significância das diferenças entre os percentuais nesta variável foi $p. = > 0,5$.

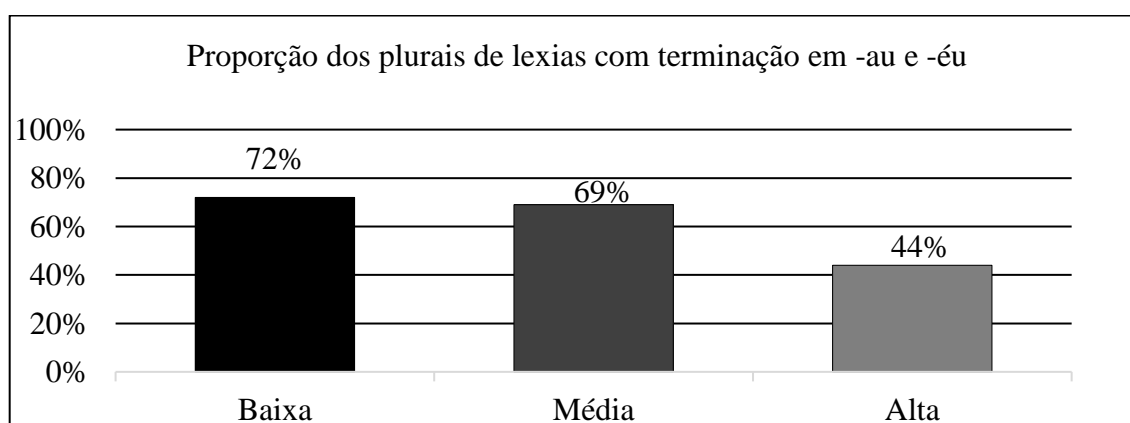
Pela observação da *Tabela 60*, também é visível um empate técnico para a variável grau de monitoramento como ocorrido nos resultados da variável sexo. Quanto àquela variável, infere-se que a estratégia *-is* ocorreu em 58% (429/735) dos dados em menor grau de monitoramento e em 59% (253/428) em situação de maior monitoramento, logo a não marcação apresentou 42% (306/735) de representatividade em momentos de menor grau de monitoramento e 41% (175/428) de registros em grau de maior monitoramento. Dessa forma, apenas seis variáveis previsoras foram selecionadas na rodada 1 para o grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* a saber:

- i) ordem de realização;
- ii) lexia;
- iii) mesorregião da Bahia;
- iv) ano/amostra;
- v) nível de escolaridade;
- vi) nível de contato com o público no mercado ocupacional.

Assim como os resultados obtidos com os processamentos das rodadas 1 do grupo de lexias com terminação em *-ão* e em potencial contexto metafônico, no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, sexo também não foi uma variável selecionada pelo teste qui-quadrado. No entanto diferentemente dos resultados obtidos naqueles grupos, neste também não foram selecionadas as variáveis faixa etária, grau de monitoramento e frequência de ocorrência embora quando se controlou a frequência de ocorrência na própria amostra do *Projeto ALiB* (cf. *Quadro 6, Apêndice E*), as diferenças entre os percentuais se revelaram significativas, mas o resultado a partir desse parâmetro de controle da frequência não foi considerado, pois para alguns níveis de frequência só havia uma lexia classificada³⁵¹, logo os resultados poderiam sinalizar a correlação entre a não marcação e a variável lexia e não necessariamente com frequência de ocorrência.

No entanto quando também foram observados os resultados dos subgrupos *-au* e *-éu* de forma independente e foram comparados aos resultados dos subgrupos em *-al* e *-el*, os resultados obtidos das rodadas 1 foram considerados significativos mesmo levando em consideração o parâmetro original de classificação da frequência de ocorrência. Comparem-se os resultados a seguir:

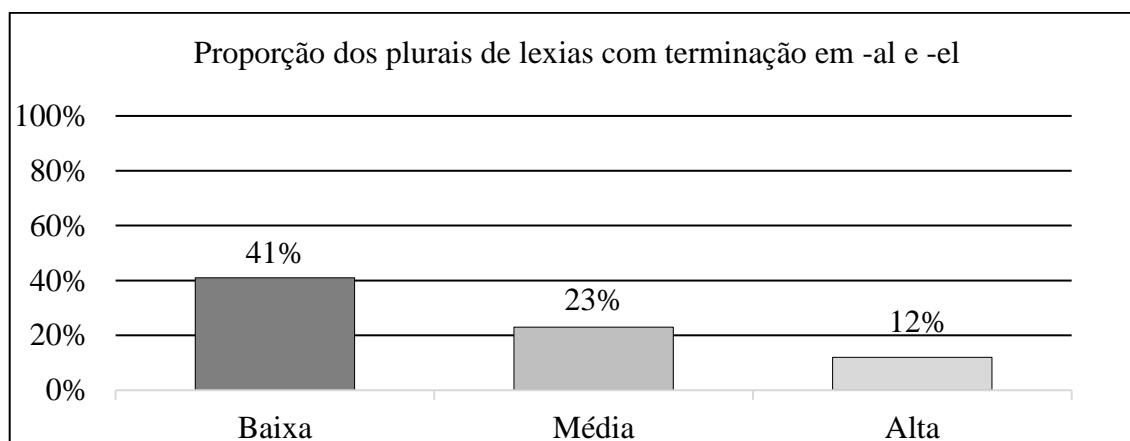
Gráfico 56: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 20.219 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

³⁵¹ Como observado no *Quadro 6 (Apêndice E)*, no controle da frequência de ocorrência a partir da própria amostra do *Projeto ALiB*, *pau* e *real* são, respectivamente, as únicas lexias classificadas como frequência de ocorrência média e alta. Retirando-as da rodada 1, constatou-se que a não marcação representou até 53% (340/645) na amostra de frequência zero e apenas 33% (98/299) na amostra de frequência baixa, logo esses resultados corroborariam a premissa de que a não marcação é mais recorrente entre os itens com menor frequência de ocorrência como já constatado ao longo desse trabalho.

Gráfico 57: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el
 $\chi^2 = 25.891 (2) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Quando se observa o *Gráfico 56*, infere-se que a estratégia -s ocorreu em 28% (37/131) dos dados na amostra com frequência de ocorrência baixa, em 31% (78/250) com frequência de ocorrência média e em 56% (70/71) dos dados com frequência de ocorrência alta. Dessa forma, quanto à não marcação, houve 72% (94/131) de representatividade na amostra com frequência de ocorrência baixa, 69% (172/250) de dados com frequência de ocorrência média e 44% (31/71) de dados com frequência de ocorrência alta. Assim sendo, constatou-se uma redução inversamente proporcional entre o emprego da não marcação no subgrupo -au e -éu à medida que se elevou a classificação do nível de frequência de ocorrência na amostra.

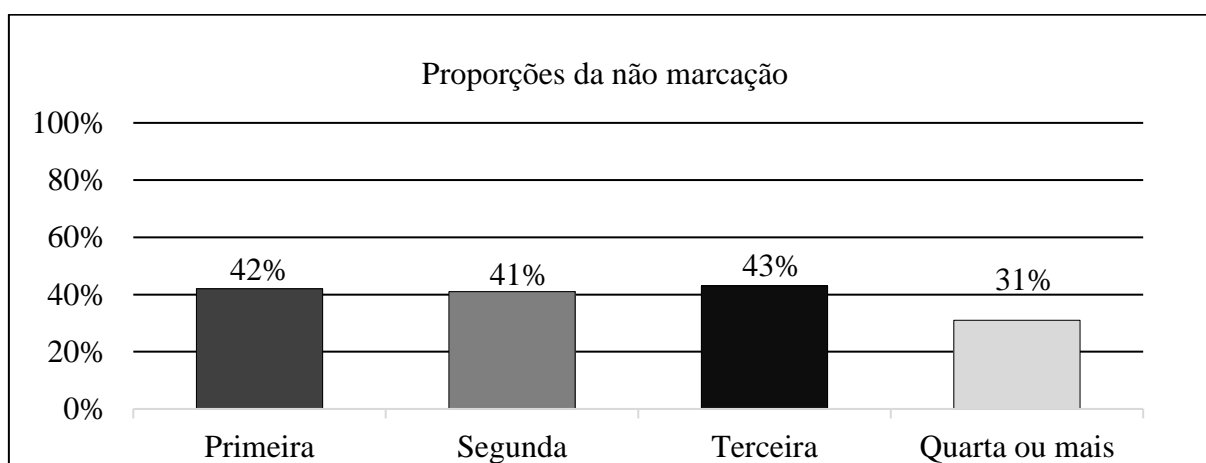
Os resultados apresentados no *Gráfico 57* dialogam com aqueles dispostos no *Gráfico 56*. No subgrupo com terminação em -al e -el, pode-se inferir que a estratégia -is ocorreu em 59% (170/288) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 77% (124/161) dos dados com frequência de ocorrência média e em 88% (218/247) dos dados com frequência de ocorrência alta. Assim, a não marcação ocorreu em 41% (118/288) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 23% (37/161) dos dados com frequência de ocorrência média e em 12% (29/247) dos dados com frequência de ocorrência alta. Portanto, assim como constatado na observação do subgrupo em -au e -éu, no subgrupo -al e -el, a não marcação foi reduzindo gradativamente sua representação à medida que se elevou a classificação da frequência de ocorrência ao passo que o plural esperado em ambos os subgrupos demonstrou comportamento contrário dialogando com os postulados da Teoria de Exemplares.

5.3.1.1 Ordem de realização

Como se notou até então, ordem de realização foi uma das variáveis que apresentaram diferenças significativas entre os percentuais de seus fatores também quando se observaram os resultados da não marcação nos grupos de lexias em potencial contexto metafônico e entre aquelas com terminação em *-ão*. Além de sua relevância para a compreensão do emprego do plural no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, as diferenças entre os percentuais tanto no subgrupo em *-au* e *-éu* quanto no subgrupo *-al* e *-el* igualmente se revelaram significativas.

Observando o grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, nesta rodada 1, notou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 58% (422/731) dos dados da primeira realização, 59% (151/258) dos dados da segunda realização, 57% (51/90) dos dados da terceira realização, 69% (58/84) dos dados a partir da quarta realização como se pode inferir a partir da observação do *Gráfico 58*:

Gráfico 58: Correlação entre *ordem de realização* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 531.2$ (3) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode visualizar no *Gráfico 58*, há uma relativa estabilidade entre os percentuais nas primeiras três realizações no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*. A não marcação ocorreu em 42% (309/731) dos dados da primeira realização, 41% (107/258) dos dados da segunda realização, 43% (39/90) dos registros da terceira realização e 31% (26/84) dos dados a partir da quarta

realização. Dessa forma, embora a não marcação não seja predominante em nenhuma das ordens de realização, a partir da quarta realização, seu desfavorecimento se acentua ainda mais.

Quando se passa à análise detalhada, nota-se que o equilíbrio nas três primeiras realizações observado no *Gráfico 58* é alterado. Controlando apenas a amostra do subgrupo em *-au* e *-éu*, constatou-se que o plural esperado ocorreu em 35% (91/259) das ocorrências da primeira realização, 35% (38/110) dos dados da segunda realização, 30% (13/44) dos dados da terceira realização e em 33% (13/39) a partir da quarta ou mais realização, logo a não marcação totalizou 65% (168/259) dos registros da primeira realização, igualmente em 65% (72/110) da segunda realização, 70% (31/44) terceira realização e 67% (25/39) a partir da quarta realização (cf. *Gráfico 1, Apêndice L*). Dessa forma, assim como observado no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, no subgrupo em *-au* e *-éu*, houve uma sutil curva com a elevação dos índices de não marcação na terceira realização e queda desses números a partir da quarta realização.

Já no subgrupo em *-al* e *-el* (cf. *Gráfico 2, Apêndice L*), percebeu-se que o plural esperado ocorreu em 71% (346/487) dos dados da primeira realização, em 77% (116/151) da segunda realização, em 79% (31/39) da terceira realização e em 100% (19/19) a partir da quarta realização, portanto a não marcação ocorreu em 29% (141/487) dos dados da primeira realização, em 23% (35/151) da segunda realização, em 21% (8/39) da terceira realização e em nenhum dos dados a partir da quarta realização (0/19). Dessa forma, diferentemente do observado no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e no subgrupo em *-au* e *-éu*, nesta terceira amostra, os resultados da não marcação não apresentam oscilação e/ou relativa estabilidade entre seus índices de representação ao longo das respostas, mas um declínio gradual.

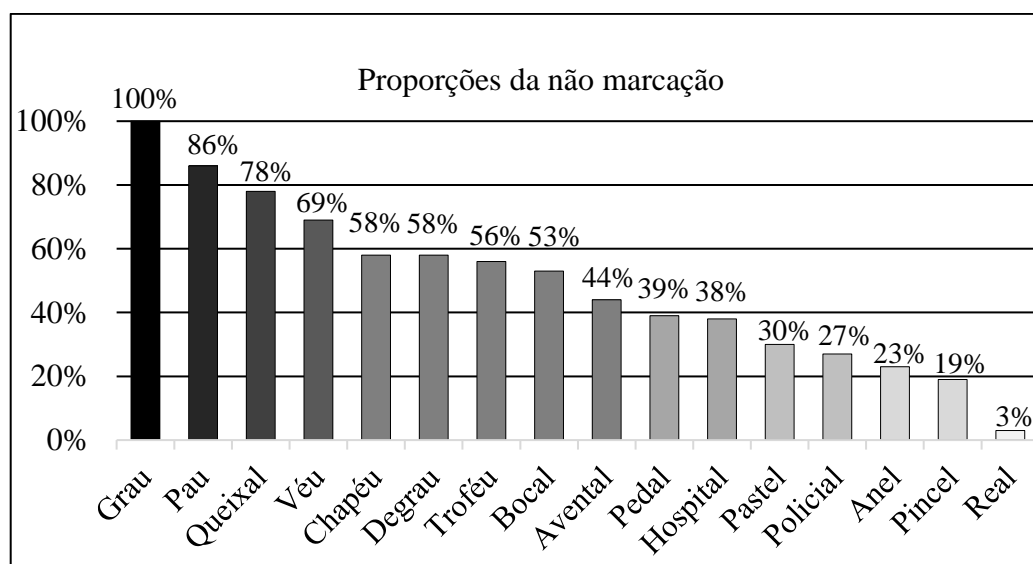
Ademais, os percentuais de não marcação do subgrupo em *-al* e *-el* são inferiores sobretudo se comparados aos resultados dessa estratégia no subgrupo em *-au* e *-éu*, logo o padrão esperado *-is* goza de representação mental tão robusta que chega a inibir categoricamente a não marcação a partir da quarta realização mesmo numa amostra como a do *Projeto ALiB* e *QPP* com informantes com baixa ou nenhuma exposição ao ensino formal. Em contrapartida, no subgrupo em *-au* e *-éu*, a não marcação não só é a estratégia predominante em todas as ordens de realização em comparação ao plural esperado como também eleva sua representação mesmo que timidamente a partir da terceira realização. Provavelmente a baixa frequência tipo de pluralização em *-s* no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* confira uma natureza ainda mais plástica à representação mental desse padrão de plural haja vista a constatação dos altos índices de migração em direção à não marcação no subgrupo em *-au* e *-éu* sobretudo a partir da terceira realização quando também a migração em direção ao padrão *-is* se eleva

consideravelmente em função de serem contextos de maior monitoramento (cf. *Gráfico 1, Apêndice M*).

5.3.1.2 Lexia

Observando inicialmente as lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, infere-se que o padrão *-is* ocorreu em 97% (170/176) dos dados de *real*, 81% (29/36) de *pincel*, 77% (124/161) de *anel*, 73% (27/37) de *policia*, 70% (26/37) de *pastel*, 62% (21/34) de *hospital*, 61% (14/23) de *pedal*, 56% (80/143) de *avental*, 47% (19/40) de *bocal*, 44% (28/63) de *troféu*, 42% (66/156) de *degrau*, 42% (60/142) de *chapéu*, 31% (10/32) de *véu*, 22% (2/9) de *queixal*, 14% (6/43) de *pau* e 0% (0/31) dos dados de *grau*. Portanto, quanto à variável lexias, a não marcação apresentou pontos de polarização quando comparada ao padrão *-is*. Confira os resultados no *Gráfico 59*:

Gráfico 59: Correlação entre *lexia* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 791.31$ (15) p. < 0.5



Fonte: Elaboração própria.

Como se percebe no *Gráfico 59*, a não marcação ocorreu em 100% (31/31) dos dados *grau*, em 86% (37/43) de *pau*, em 78% (7/9) de *queixal*, em 69% (22/32) de *véu*, em 58% (82/142) de *chapéu*, em 58% (90/156) de *degrau*, em 56% (35/63) de *troféu*, em 53% (21/40) de *bocal*, em 44% (63/143) de *avental*, em 39% (9/23) de *pedal*, em 38% (13/34) de *hospital*,

em 30% (11/37) de *pastel*, em 27% (10/37) de *policial*, em 23% (37/161) de *anel*, em 19% (7/36) de *pincel* e em apenas 3% (6/176) das ocorrências de *real*. Assim sendo, com exceção de *queixal* e *bocal*, as lexias que favoreceram o emprego da não marcação são itens que pertencem ao subgrupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*.

Ademais, os itens do subgrupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu* que mais favoreceram a não marcação são justamente aqueles que mais inibiram a migração para o plural *-is* como se observará nos resultados da rodada 2: os monossílabos *grau*, *pau* e *véu*. Esses itens, assim como os monossílabos do grupo de lexias com terminação em *-ão*, apresentam representação robusta no léxico mental já que não apresentam pluralização esperada com os padrões *-is* e *-ões*, respectivamente, no PB salvo poucos exemplos, logo probabilisticamente, é natural que esses subgrupos com tal extensão silábica apresentem maior migração para a não marcação do que para essas pluralizações mais produtivas dentro de cada grupo morfológico. Dessa forma, mesmo quando pertencem ao subgrupo em *-l*, monossílabos como *mel* e *sal*, podem apresentar migração para o padrão *-s*. Nesse sentido, Huback (2007, p. 233) conclui que “[...] os monossílabos em ditongo em *-u* são em maior quantidade que os em *-l*. Portanto, embora a frequência geral de ocorrência para itens em *-l* seja maior que a de itens em ditongo em *-u*, na classe dos monossílabos essa situação se inverte”³⁵².

Ademais, *grau* e *pau* são as únicas lexias do subgrupo em *-au*, *-éu* que não são classificadas como de frequência de ocorrência baixa, logo além de pertencerem ao grupo monossilábico que inibiria a migração do padrão de pluralização esperado, o emprego mais recorrente de *graus* e *paus* no cotidiano inibiria ainda mais a migração em direção ao padrão *-is*, mas não em direção à não marcação, estratégia tão recorrente no PBA como observado até então. Em contrapartida, por tratar-se de dissílabos e com baixa frequência de ocorrência, *chapéu*, *degrau* e *troféu* estão na sequência com os índices menos elevados no favorecimento da não marcação. Essas lexias apresentam (praticamente) os mesmos percentuais desse favorecimento da não marcação (entre 56% e 58%), logo são altos os percentuais de migração para o padrão *-is* como se notou no *Gráfico 59*. Portanto apenas os itens monossílabos e com

³⁵² Segundo Huback (2007, p. 230), “[...] no grupo de ditongo em *-u* no plural, o ASPA registra 29 palavras totais, das quais 13 (44,8%) são monossílabos; na classe em *-l* no plural, o ASPA apresenta 679 dados totais, dos quais apenas seis (0,88%) são monossílabos. Como há mais monossílabos em ditongo em *-u* do que em *-l*, essa parece ser, também, uma boa justificativa para que os falantes tenham aplicado o plural em ditongo em *-u* aos monossílabos em *-l*”.

elevada frequência de ocorrência inibiriam ainda mais ou totalmente a migração dos itens do subgrupo em *-au* e *-éu* em direção ao padrão *-is*.

Passando à observação dos índices de não marcação nos itens em *-al* e *-el*, como se percebeu no *Gráfico 59*, *queixal* apresentou alta representatividade de não marcação na rodada 1. Embora se possa alegar que tal resultado esteja correlacionado à sua frequência de ocorrência baixa, não é seguro apresentar tal justificativa haja vista o número simbólico de dados dessa estratégia (7/9) para que se apresente conclusões seguras. No entanto em relação aos demais itens com terminação em *-al* e *-el*, como já observado, com exceção de *bocal*, todas as lexias em proporções distintas, desfavorecem a não marcação com *real* no polo oposto desfavorecendo quase categoricamente o uso dessa estratégia. Naturalmente, a probabilidade de emprego do plural esperado para *real* seria o mais recorrente uma vez na frequência de ocorrência com base na própria amostra do *Projeto ALiB*, este é o único item classificado como de frequência alta (cf. *Quadro 6, Apêndice E*). Levando em consideração que o plural esperado para esses itens seja o padrão mais produtivo entre os ditongos orais decrescentes do tipo vogal + [w], justifica-se a razão de o padrão *-is* ser mais recorrente que a não marcação na rodada 1.

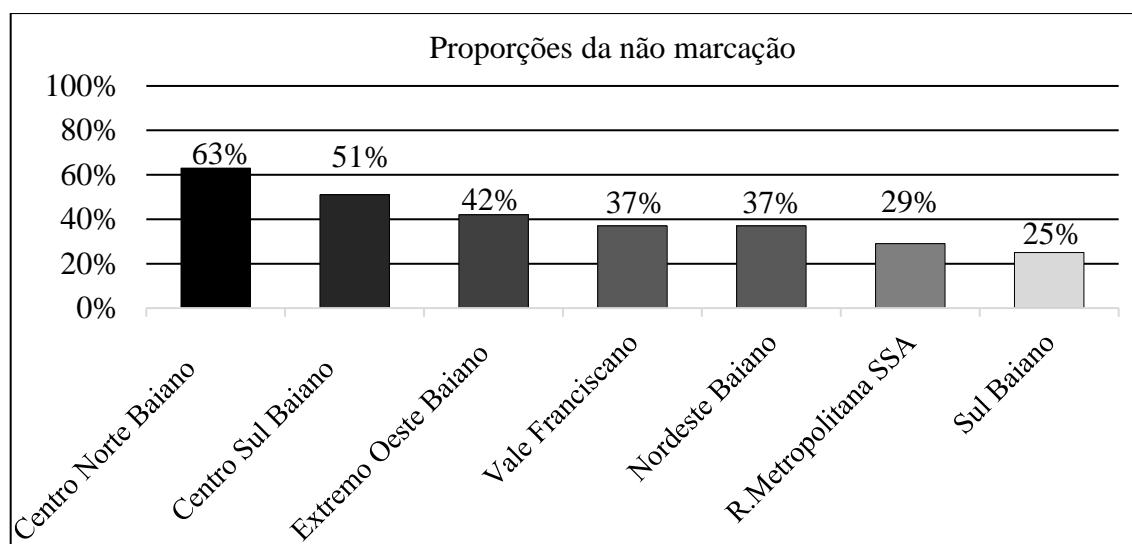
Observando o subgrupo em *-au*, *-éu* (cf. *Gráfico 5, Apêndice L*), notou-se que a não marcação, independentemente da estratégia esperada, apresentou índices diferentes daqueles encontrados quando comparada ao padrão *-is*. Neste subgrupo, a estratégia *-s* ocorreu em 56% (40/71) dos dados de *grau*, em 36% (12/34) de *véu*, em 36% (49/139) de *degrau*, em 29% (15/52) de *pau*, em 26% (29/111) de *chapéu*, em 22% (10/45) dos dados de *troféu*. Assim sendo, a não marcação ocorreu em 78% (35/43) dos dados de *troféu*, em 74% (82/111) de *chapéu*, em 71% (37/52) de *pau*, em 64% (90/139) de *degrau*, em 64% (22/34) de *véu* e em 44% (31/71) dos dados de *grau*. Comparando esses resultados com os já analisados a partir do *Gráfico 59*, notou-se que metade dos itens apresentaram elevação dos percentuais da não marcação quando comparada ao padrão esperado *-s*. Todos são dissílabos (*troféu*, *chapéu* e *degrau*) ao passo que entre os monossílabos (*pau*, *véu* e *grau*), houve redução dessa estratégia, portanto, fica evidente que a maior frequência tipo de pluralização em *-s* entre os monossílabos com terminação em ditongos orais decrescentes do tipo vogal + [w] atua na redução da migração do plural esperado *-s* também em direção à não marcação, logo esses resultados da maior conservação do plural esperado entre os monossílabos dialogam com aqueles já relatados por Huback (2007)³⁵³.

³⁵³ Como os resultados da não marcação são iguais ao já relatados no *Gráfico 59*, não serão apresentados os resultados da não marcação encontrados no *Gráfico 6 (Apêndice L)*.

5.3.1.3 Mesorregião

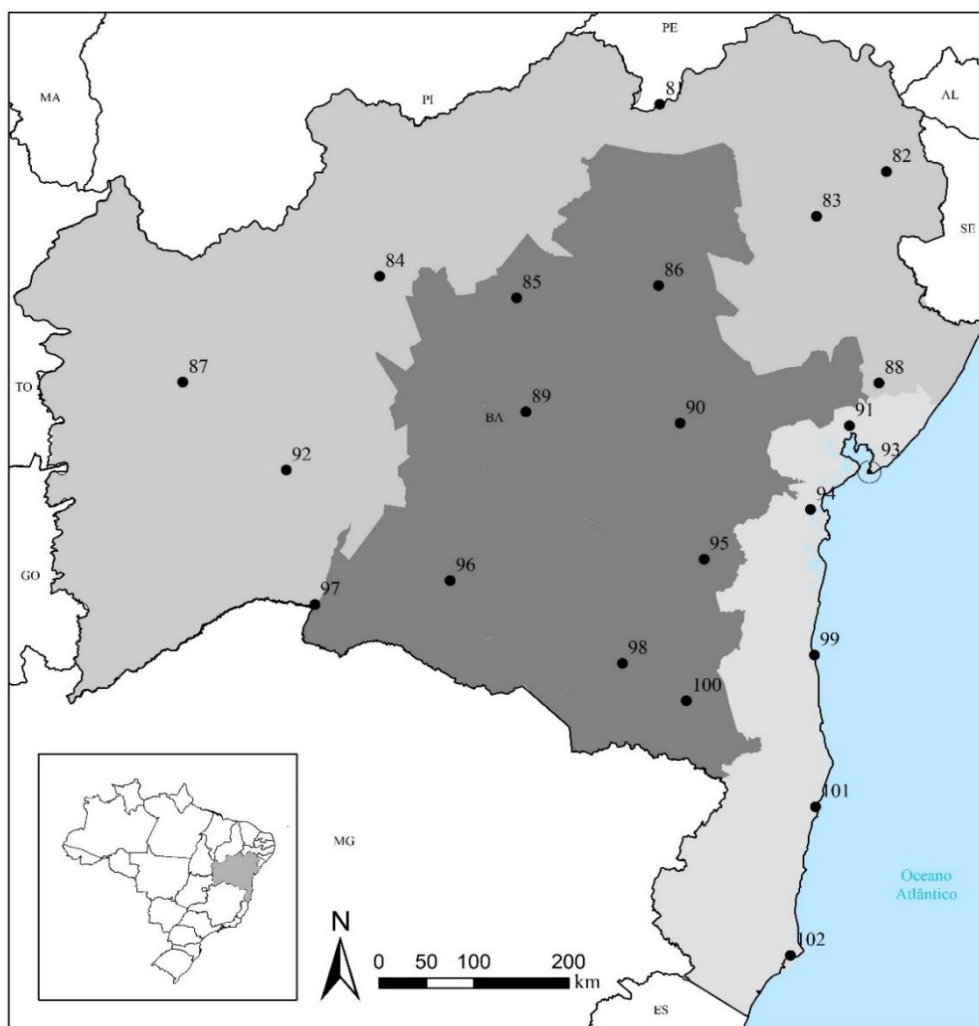
Assim como nas rodadas 1 referentes aos grupos de lexias em potencial contexto metafônico ou com terminação em *-ão*, no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e seus subgrupos, a variável diatópica se revelou significativa frente aos usos da não marcação no Estado da Bahia. Nesta amostra, notou-se que a estratégia *-is* foi mais recorrente no Sul Baiano com 75% (126/168), Região Metropolitana de Salvador com 71% (97/136), Nordeste Baiano com 63% (120/189), Vale Franciscano com 63% (106/168), Extremo Oeste Baiano com 58% (70/120), Centro Sul Baiano com 49% (89/181) e o Centro Norte Baiano com 37% (74/201). Dessa forma, a não marcação ocorreu no Centro Norte Baiano com 63% (127/201), Centro Sul Baiano com 51% (92/181), Extremo Oeste Baiano com 42% (50/120), Vale Franciscano com 37% (62/168), Nordeste Baiano com 37% (69/189), Região Metropolitana de Salvador com 29% (39/136) e no Sul Baiano com apenas 25% (42/168) dessa estratégia como se pode conferir no *Gráfico 60* e síntese na *Figura 30*:

Gráfico 60: Correlação entre *mesorregiões* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 28.449$ (6) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Figura 30: Correlação entre as mesorregiões e a não marcação em lexias terminadas em
-au, -éu, -al, -el



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 6

REALIZAÇÕES DA NÃO MARCAÇÃO:

VERSUS A MARCAÇÃO -IS:

- Entre 51% e 63%
- Entre 37% e 42%
- Entre 25% e 29%

Pluralização de *degrau, grau, pau; chapéu, troféu, véu; avental, pedal, bocal, policial, hospital, queixal, real; anel, pastel e pincel*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Com base nos percentuais da não marcação observados no *Gráfico 60*, pode-se classificar as mesorregiões dentro de três faixas de emprego dessa estratégia como notado na *Figura 30*. Dessa forma, o emprego da não marcação foi predominante (entre 51% e 63%) no Centro Norte Baiano até o Centro Sul Baiano, onde sua ocorrência foi menos frequente. Numa faixa intermediária de emprego da não marcação (entre 37% e 42%), em ordem decrescente, estão as mesorregiões do Extremo Oeste Baiano, Vale Franciscano da Bahia e Nordeste Baiano. Por fim, o emprego dessa estratégia oscilou entre 25% no Sul Baiano e 29% na Região Metropolitana de Salvador. Por esses resultados iniciais, pode-se constatar que no centro do Estado da Bahia se forma uma área dialetal que favorece o emprego da não marcação no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, como verificado na *Figura 30*, ao passo que em quase todo o perímetro litorâneo, o maior desfavorecimento da não marcação e predomínio do padrão *-is* dão a essa extensão o caráter de uma nova área dialetal, logo a região costeira desfavoreceu o uso da não marcação.

Se se verificar os resultados da rodada 1 com base nos subgrupos, notar-se-á que no subgrupo de lexias com terminação em *-au* e *-éu*, (cf. *Gráfico 7*, *Apêndice L*), os percentuais do plural esperado são visivelmente menores. A estratégia *-s* foi predominante apenas no Sul Baiano com 56% (35/63). No Extremo Oeste Baiano, obteve apenas 48% (24/50) dos dados; no Vale Franciscano da Bahia, 37% (22/59); no Centro Sul Baiano, 37% (32/86); na Região Metropolitana de Salvador, 29% (12/41); no Nordeste Baiano, 29% (19/65) e no Centro Norte Baiano, apenas 12% (11/88) dos registros. Em contrapartida, os percentuais de não marcação chegaram a atingir 88% (77/88) no Centro Norte Baiano, 71% tanto no Nordeste Baiano (46/65) quanto na Região Metropolitana de Salvador (29/41), 63% no Centro Sul Baiano (54/86) e igualmente no Vale Franciscano (37/59), 52% (26/50) no Extremo Oeste Baiano e 44% (28/63) no Sul Baiano. Dessa forma, assim como notado no controle da amostra do grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, no subgrupo em *-au* e *-éu*, o Centro Norte Baiano continua liderando no emprego da não marcação, no entanto com maior expressividade que no grupo original bem como o Sul Baiano continua entre as mesorregiões que mais desfavorecem essa estratégia.

Quanto ao subgrupo em *-al* e *-el*, notou-se que a estratégia *-is* foi mais recorrente na Região Metropolitana de Salvador com 87% (69/79) dos registros, Sul Baiano com 86% (89/103), Nordeste Baiano com 80% (91/114), Vale Franciscano da Bahia com 74% (73/98), Extremo Oeste Baiano com 70% (56/80), Centro Sul Baiano com 67% (78/116) e o Centro Norte Baiano com 53% (56/106) das ocorrências como se pode inferir a partir da

observação do *Gráfico 8 (Apêndice L)*. Portanto, a não marcação ocorreu no Centro Norte Baiano com 47% (50/106), no Centro Sul Baiano com 33% (38/116), no Extremo Oeste Baiano com 30% (24/80), no Vale Franciscano da Bahia com 26% (25/98), no Nordeste Baiano com 20% (23/114), no Sul Baiano com 14% (14/103) e na Região Metropolitana de Salvador com 13% (10/79) dos dados (cf. *Gráfico 8, Apêndice L*). Assim sendo, constatou-se também que o Centro Norte Baiano continua liderando o emprego da não marcação no subgrupo em *-al* e *-el*, mas com menos representatividade do que notado no subgrupo em *-au* e *-éu* (cf. *Gráfico 7, Apêndice L*). Da mesma forma como constatado no grupo original, no subgrupo em *-al* e *-el*, a Região Metropolitana de Salvador e o Sul Baiano foram as mesorregiões que mais inibiram a não marcação, o que leva a caracterizar essa extensão territorial como uma área dialetal que favorece o plural esperado no subgrupo em *-al* e *-el*.

Dessa forma, realizadas as comparações entre as áreas dialetais apresentadas nas três cartas linguísticas (cf. *Figura 26, Figura 28 e Figura 30*) ao longo desta tese, notou-se que a não marcação comparada, respectivamente, à marcação dupla, ao padrão *-ões* e, neste momento, ao padrão *-is*, foi mais recorrente em 2/3 desses demonstrativos do Centro Norte Baiano. Nessa área dialetal, a não marcação tecnicamente empata com a marcação dupla (cf. *Figura 26*) ou chega a superar o padrão *-is* (cf. *Figura 30*). Embora não esteja na área dialetal que mais se destaca no emprego da não marcação na rodada 1 do grupo de lexias com terminação em *-ão*, o Centro Norte Baiano se situa como faixa intermediária (*Figura 28*) cujo emprego de não marcação oscila entre 46% e 53% dos registros em comparações ao padrão *-ões*. Ademais, como já observado no *Gráfico 7* e no *Gráfico 8 (Apêndice L)*, o Centro Norte Baiano também liderou no emprego da não marcação em comparação às demais mesorregiões no que diz respeito ao subgrupo em *-au* e *-éu* bem como ao subgrupo em *-al* e *-el*. Dessa forma, conclui-se que o Centro Norte Baiano lidera entre os índices de não marcação em todas as rodadas 1 envolvendo grupos e subgrupos controlados.

Em segunda posição em relação ao emprego da não marcação em comparação à marcação dupla, ao padrão *-ões* e ao padrão *-is*, merece destaque o Centro Sul Baiano. Assim como observado no Centro Norte Baiano, no Centro Sul Baiano, a não marcação foi mais frequente em 2/3 das cartas linguísticas de sorte que esta mesorregião compõe sozinha uma área dialetal com maior destaque dessa estratégia no que diz respeito ao grupo de lexias com terminação em *-ão* ou faz parte, junto ao Centro Norte Baiano, de uma área dialetal com maior frequência de não marcação no grupo de lexias com terminação em *au*, *-éu*, *-al* e *-el* (cf., respectivamente, *Figura 28 e Figura 30*). Em contrapartida, a não marcação é expressivamente desfavorecida no

Centro Sul Baiano quando observados os resultados do grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Figura 26*). Em relação aos subgrupos em *-au* e *-éu* e em *-al* e *-el*, como já notado, respectivamente, no *Gráfico 7* e no *Gráfico 8 (Apêndice L)*, a não marcação é predominante também naquele subgrupo no Centro Sul Baiano. Portanto, depois do Centro Norte Baiano, o Centro Sul Baiano lidera entre os índices de não marcação, mas não em todas as rodadas 1 envolvendo grupos e subgrupos como ocorrido naquela mesorregião.

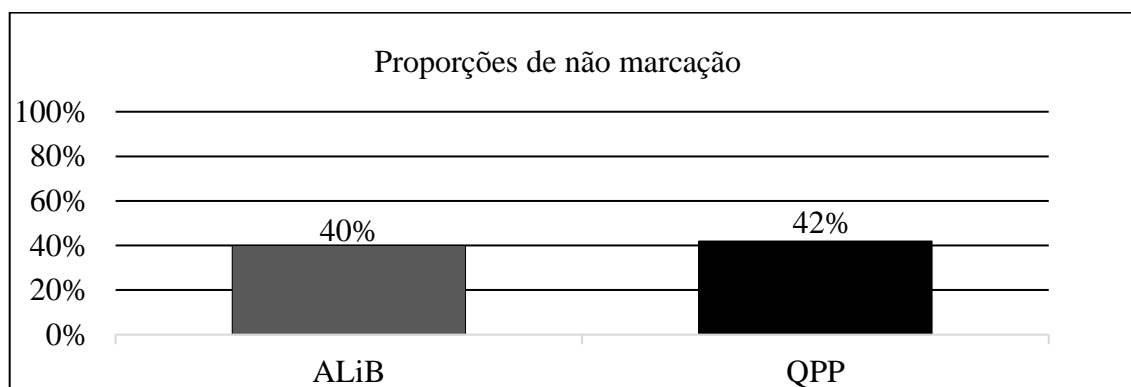
Em terceira posição, encontram-se os índices de não marcação no Extremo Oeste Baiano. Apenas no grupo de lexias com terminação em *-ão* (1/3), essa mesorregião junto ao Centro Sul Baiano compõem uma área dialetal com a maior frequência de não marcação no Estado da Bahia (cf. *Figura 28*). No entanto no grupo em potencial contexto metafônico e das lexias com terminação em *au*, *-éu*, *-al* e *-el*, o Extremo Oeste Baiano compõe junto ao Vale Franciscano da Bahia e Nordeste Baiano uma área dialetal intermediária no emprego da não marcação comparada, respectivamente, à marcação dupla e ao padrão *-is* (cf. *Figura 26* e *Figura 30*). Já em relação aos subgrupos em *-au* e *-éu* e em *-al* e *-el* (cf. *Gráfico 7* e *Gráfico 8, Apêndice L*), a não marcação tecnicamente empata com o padrão *-s* naquele subgrupo e apresenta índices baixos neste subgrupo semelhantes aos encontrados no Centro Sul Baiano. Dessa forma, depois do Centro Norte Baiano e o Centro Sul Baiano, o Extremo Oeste Baiano compõe uma amostra com os índices consideráveis de não marcação, mas apenas em uma das rodadas 1 dos grupos e pouco destaque nos subgrupos em *-au* e *-éu* e em *-al* e *-el*.

Pelo exposto a respeito dos resultados de todas rodadas 1 dos grupos e subgrupos controlados até então nesta tese, conclui-se que o maior emprego da não marcação compõe uma área dialetal que se concentra em torno do Centro Norte Baiano, espraiando-se pelo Centro Sul Baiano e alcançando o Extremo Oeste Baiano. Em contrapartida, como observado nos resultados das três cartas linguísticas (cf. *Figura 26, Figura 28* e *Figura 30*), os índices mais elevados dos padrões comparados à não marcação (marcação dupla, padrão *-ões* e *-is*, respectivamente) formam uma área dialetal que se estende da Região Metropolitana de Salvador, espraiando-se pelo Sul Baiano e, no caso particular do grupo em potencial contexto metafônico, também se atinge o Centro Sul Baiano como se notou apenas na *Carta 2* (cf. *Figura 26*). Nesse sentido, no que diz respeito à não marcação em comparação à marcação dupla, ao padrão *-ões* e ao padrão *-is*, comprova-se a hipótese inicial de que a faixa litorânea do Estado da Bahia compõe uma área dialetal com o menor emprego de não marcação haja vista o maior desenvolvimento socioeconômico e densidade demográfica nesse perímetro do Estado da Bahia como demonstrado na *Figura 21, Figura 22, Figura 23, Figura 24* e *Figura 25*.

5.3.1.4 Amostra/ano

Quanto à variável *amostra/ano*, notou-se que a estratégia *-is* ocorreu na amostra do *Projeto ALiB* com 60% (292/486) dos dados e no *QPP* com 58% (390/677) de representatividade, logo a não marcação obteve em 40% (194/486) dos dados da amostra do *Projeto ALiB* e 42% (287/677) dos registros do *QPP*. Confira-se essa diferença entre os percentuais no *Gráfico 61*:

Gráfico 61: Correlação entre *amostra/ano* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*
 $\chi^2 = 14.082$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Assim como no grupo de lexias em potencial contexto metafônico, no grupo de lexias com terminação em ditongos orais decrescentes do tipo vogal + [w], a não marcação foi a estratégia predominante na amostra do *QPP* como visualizado no *Gráfico 61*. No entanto neste grupo, a diferença entre os percentuais se revelou inexpressiva embora significativa do ponto de vista estatístico, logo se levaria a crer inicialmente que a natureza amostra ou a variável diacrônica ampliaria as probabilidades de emprego da não marcação. Por ser de natureza de amostra ou mesmo da abordagem distinta, cabe lembrar que a variedade de lexias dispostas no *QPP* e sua aplicação mais espontânea apresentariam correlação com o maior emprego dessa estratégia nesta amostra.

Quando observados os resultados dos subgrupos com terminação em *-au* e *-éu* e em *-al* e *-el*, constatou-se que apenas naquele caso as diferenças se revelariam significativa para o qui-quadrado. Na rodada 1 do subgrupo em *-al* e *-el*, notou-se que a estratégia *-is* foi predominante tanto na amostra do *Projeto do ALiB* com 75% (251/333) dos dados quanto no *QPP* com 72%

(261/363) de representação desse padrão, logo a não marcação ocorreu na amostra do *Projeto ALiB* com 25% (82/333) das ocorrências e no *QPP* com 28% (102/363). A diferença entre amostras e/ou tempo de aplicação dos questionários não apresentaria(m) correlação do ponto de vista estatístico com o uso da não marcação na amostra do subgrupo em *-al* e *-el*.

No entanto no subgrupo em *-au* e *-éu*, as diferenças se revelaram significativas (cf. *Gráfico 9, Apêndice L*). O padrão esperado foi menos recorrente na amostra do *Projeto ALiB* com 27% (41/153) dos dados e alcançou até 38% (114/299) dos registros do *QPP*. Assim a não marcação ocorreu na amostra do *Projeto ALiB* com 73% (112/153) dos dados e no *QPP* com 62% (185/299) dos registros. Essa diferença de 9 pontos percentuais de maior favorecimento da não marcação naquela amostra considerando todas as lexias desse subgrupo poderia sinalizar que a nova geração e, por extensão, a amostra *QPP* teriam uma representação mental mais robusta do plural esperado para a pluralização das lexias do subgrupo em *-au* e *-éu*.

Para tornar as amostras mais intercomparáveis, passou-se a observar os resultados de todas as lexias do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, com base nos questionários aplicados apenas nos municípios comuns à amostra do *Projeto ALiB* e *QPP*: Salvador, Juazeiro, Alagoinhas, Barreiras, Ilhéus, Vitória da Conquista e Jacobina. Conferir resultado na *Tabela 61*:

Tabela 61: Correlação entre municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Amostras	<i>-is</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	96/158	61%	62/158	39%
<i>QPP</i>	390/677	58%	287/677	42%
Média	486/835	58%	349/835	42%

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação da *Tabela 61*, nota-se uma redução tímida de 61% (96/158) do emprego do padrão *-is* da amostra do *Projeto ALiB* para a amostra *QPP*, que obteve 58% (390/677) de registros dessa estratégia. Dessa forma, a não marcação obteve apenas 3 pontos percentuais a mais no *QPP* (42% ou 287/677) em comparação ao *Projeto ALiB* (39% ou 62/158). Esses percentuais são parcialmente iguais aos encontrados na amostra original (cf. *Gráfico 61*), portanto a exclusão dos dados das demais 15 localidades pertencentes a apenas esta amostra não sinalizou eventual enviesamento dos resultados. De qualquer sorte, por fim, passou-se a

observar apenas registros de localidades e lexias em comum à amostra do *Projeto ALiB* e ao *QPP* bem como só se observaram os questionários que ofereciam menor tensão aos informantes como se pode conferir na *Tabela 62*:

Tabela 62: Correlação entre as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP e a realização da não marcação versus marcação em -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Amostras	Lexias	-is		Não marcação	
		freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i> (<i>QMS</i>)	Degrau	5/18	28%	13/18	72%
	Chapéu	8/23	35%	15/23	65%
	Avental	9/26	35%	17/26	65%
	Anel	24/28	86%	4/28	14%
Total		46/95	48%	49/95	52%
<i>QPP</i> (<i>Parte 1</i>)	Degrau	23/72	32%	49/72	68%
	Chapéu	14/41	34%	27/41	66%
	Avental	18/35	51%	17/35	49%
	Anel	25/34	74%	9/34	26%
Total		80/182	44%	102/182	56%

Fonte: Elaboração própria.

Pela observação dos resultados da *Tabela 62*, pode-se conferir não apenas a correlação da natureza da amostra como também uma eventual correlação da variável diacrônica com o emprego da não marcação em comparação ao padrão *-is*. Na comparação da mudança dos resultados desta estratégia da amostra do *Projeto ALiB* para o *QPP*, notou-se um aumento de 28% (5/18) para 32% (23/72) do plural *degrais*, redução simbólica de 35% (8/23) para 34% (14/41) do plural *chapéis*, aumento considerável de 35% (9/26) para 51% (18/35) do plural esperado de *avental* e uma queda de 86% (24/28) para 74% (25/34) nos índices do favorecimento do plural esperado para *anel*. Contrapondo-se os resultados da não marcação presentes na amostra do *Projeto ALiB* em relação ao *QPP*, constatou-se uma redução tímida do emprego dessa estratégia de 72% (13/18) para 68% (49/72) em relação a *degrau*, um aumento simbólico de 65% (15/23) para 66% (27/41) em relação *chapéu*, uma redução considerável de 65% (17/26) para 49% (17/35) em relação a *avental* e um aumento de 14% (4/28) para 26%

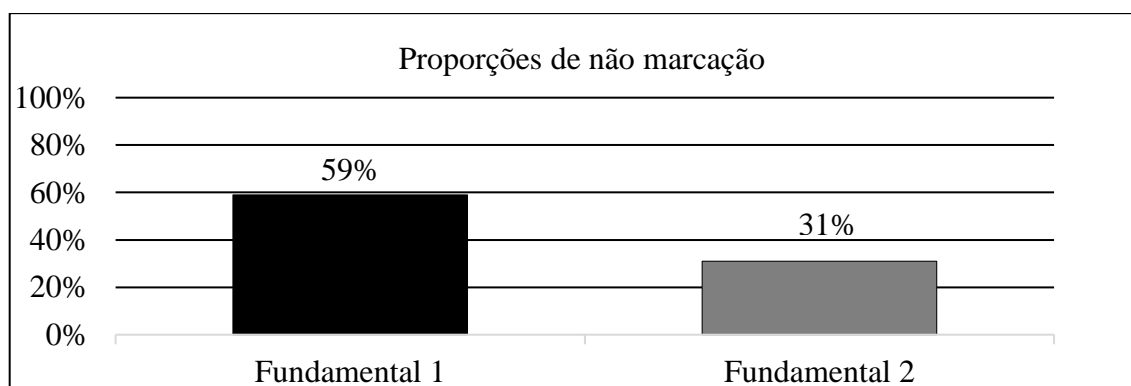
(9/34) de emprego da não marcação em relação a *anel*, logo não há uma tendência que guie todos os itens em uma direção de pluralização.

Pelo exposto sobre a rodada 1, no que diz respeito à atuação da variável diacrônica, é relevante destacar apenas que houve uma redução da não marcação e aumento pouco expressivo do plural *degrais*; igualmente uma redução da não marcação e aumento relevante do plural esperado para *avental* e, em sentido contrário, um aumento da não marcação e consequente redução do plural esperado para *anel*, portanto as lexias com terminação em [aw], independentemente se grafadas em <-u> ou <-l>, apresentaram aumento da pluralização em *-is* e redução da não marcação na amostra da nova geração baiana embora os índices desta estratégia ainda sejam predominantes também para a lexia *degrau*.

5.3.1.5 Nível de escolaridade

Em todas as rodadas 1 envolvendo o grupo em potencial contexto metafônico, grupo em *-ão* ou com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a variável nível de escolaridade foi selecionada como relevante pelo qui-quadrado (cf. *Quadro 1, Apêndice N*)³⁵⁴. Neste grupo, notou-se que a estratégia *-is* foi menos recorrente entre os informantes do fundamental 1 com 41% (175/430) dos dados e no fundamental 2 alcançou 69% (507/733) dos registros como se pode inferir pelos resultados do *Gráfico 62*:

Gráfico 62: Correlação entre nível de escolaridade e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el
 $\chi^2 = 161.62 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

³⁵⁴ Contando com as rodadas 1 considerando também os subgrupos complementares, a variável nível de escolaridade foi selecionada em todos os 13 testes realizados.

Visualizando os resultados do *Gráfico 62*, constata-se que a não marcação apresenta quase o dobro de representação na amostra do fundamental 1 em comparação com fundamental 2. Naquela amostra, houve 59% (255/430) de registros da não marcação ao passo que no fundamental 2 não ultrapassou os 31% (226/733) de representação. Portanto a não marcação é predominante apenas no fundamental 1 corroborando os resultados constatados nas rodadas 1 tanto do grupo em potencial contexto metafônico quanto das lexias com terminação em *-ão*, uma vez que também nestes grupos a não marcação foi superior e/ou apenas predominante nas amostras do fundamental 1 (cf., respectivamente, *Gráfico 15* na subseção 5.1.1.7 e *Gráfico 34* na subseção 5.2.1.7).

Os percentuais se elevam tanto na amostra do fundamental 1 quanto no fundamental 2 quando se passou a conferir os resultados do subgrupo em *-au*, *-éu* (cf. *Gráfico 10*, *Apêndice L*) chegando a superar os índices de não marcação encontrados na amostra do fundamental 1 quando se controlou o grupo em *-ão* (81%), como anteriormente se pode conferir no *Gráfico 34* (subseção 5.2.1.7). No subgrupo em *-au*, *-éu*, percebeu-se que a estratégia *-s* foi menos recorrente entre os informantes do fundamental 1, pois nesta amostra só houve 15% (26/175) de dados do plural esperado ao passo que no fundamental 2, houve mais que o triplo desses registros (47% ou 129/277), logo a não marcação ocorreu entre os informantes do fundamental 1 com 85% (149/175) dos dados e no fundamental 2 com 53% (148/277). Assim sendo, constatou-se que em ambas as amostras a não marcação é predominante quando comparada ao plural esperado. Ademais, notou-se que enquanto a não marcação apresentou relativo favorecimento na amostra do fundamental 2, no fundamental 1, sua representatividade foi expressiva, o que revela o quanto a maior exposição à educação formal pode fortalecer a representação do padrão de plural esperado para o subgrupo em *-au* e *-éu* e, conseqüentemente, a inibição da não marcação como observado no *Gráfico 10* (*Apêndice L*) ou até mesmo inibindo o plural mais produtivo no grupo de ditongos orais decrescentes do tipo vogal + [w] como se notará na subseção 5.3.2.7 ainda que de forma inexpressiva.

No entanto em comparação ao grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e sobretudo em relação ao subgrupo em *-au*, *-éu*, os percentuais de não marcação no subgrupo em *-al* e *-el* não só foram inferiores como passaram a ser desfavorecidos nas duas amostras (cf. *Gráfico 11*, *Apêndice L*). Neste subgrupo, notou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 59% (151/257) dos dados entre os informantes do fundamental 1 e em até 82% (361/439) no fundamental 2, logo a não marcação ocorreu entre os informantes do fundamental 1 com 41% (106/257) dos dados e no fundamental 2 com apenas 18% (78/439) dos registros. Comparado os resultados da não marcação obtidos

nos subgrupos em *-au* e *-éu* com *-al* e *-el*, constatou-se uma queda significativa de 44 pontos percentuais da amostra do fundamental 1 e de 35% pontos percentuais no fundamental 2, logo a queda nos índices de não marcação foi expressiva nos dois níveis de escolaridade o que revela o quanto o subgrupo em *-al* e *-el* inibe a migração do plural esperado em direção à não marcação ou mesmo ao padrão *-s* como se observará na subseção 5.3.2, mas inibe essas migrações sobretudo na amostra do fundamental 2.

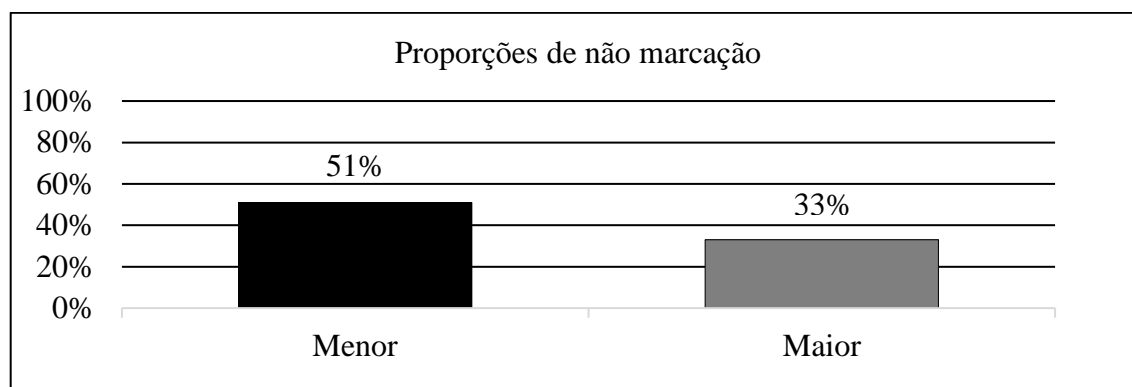
Portanto, além de a maior exposição à educação formal inibir a não marcação no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, também o faz em relação aos subgrupos em *-au* e *-éu* e em *-al* e *-el*. No subgrupo em *-au* e *-éu*, em função da sua baixa frequência tipo de plural esperado dentro do grupo original, a migração em direção à não marcação é mais recorrente uma vez que o padrão esperado para este subgrupo não é acionado automaticamente, mas quase sempre de forma analítica se o item em questão também for considerado como de frequência de ocorrência baixa. Dessa forma, o alto índice de não marcação sobretudo no subgrupo em *-au* e *-éu* entre os informantes com escolaridade baixa evidencia o quanto a escola desempenha um papel relevante quanto à representação do plural esperado no léxico mental dos informantes e, consequentemente, inibindo o uso da não marcação.

5.3.1.6 Nível de contato com o público no mercado de trabalho

Assim como observado no grupo em potencial contexto metafônico e no grupo em *-ão* (cf. *Gráfico 16*, subseção 5.1.1.8 e *Gráfico 35*, subseção 5.2.1.8, respectivamente), no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a variável nível de contato com o público no mercado de trabalho foi selecionada como relevante pelo qui-quadrado. Neste grupo, assim como nos demais, notou-se que a não marcação apresentou maior representatividade nas amostras daqueles informantes com menor exposição ao público no ambiente de trabalho. Ademais, no grupo em *-ão* bem como no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a não marcação foi a estratégia predominante quando comparada ao plural mais produtivo em cada grupo.

No grupo *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, constatou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 49% (411/610) dos dados de informante que apresentam menor contato com o público no mercado de trabalho e 67% (271/553) entre os informantes com maior contato com o público em ambiente de trabalho, portanto a não marcação ocorreu em 51% (199/610) dos registros dos informantes com o menor contato com o público e em apenas 33% (282/553) entre os informantes com o maior contato, como pode ser visualizado no *Gráfico 63*:

Gráfico 63: Correlação entre *contato com o público no mercado ocupacional* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*
 $\chi^2 = 28.739$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como observado no *Gráfico 63*, há uma diferença de 18 pontos percentuais em favor do emprego da não marcação na amostra dos informantes com menor exposição ao público. Esse resultado da não marcação nesta amostra só não foi superior ao observado na rodada 1 do grupo em *-ão* quando se alcançou 63% de emprego dessa estratégia entre aqueles como menor contato com o público (cf. *Gráfico 35*, subseção 5.2.1.8). Dessa forma, os resultados da não marcação obtidos na rodada 1 do grupo em *-au, -éu, -al* e *-el* reforçam a tese de que a maior interação com o público no mercado ocupacional fortalece o emprego da marcação de plural sobretudo do padrão mais produtivo em cada grupo e inibe o uso da não marcação de plural.

Quando se passa a observar o subgrupo *-au* e *-éu* bem como em *-al* e *-el*, nota-se uma tendência que converge com os resultados já observados nesta subseção. Naquele subgrupo, notou-se que o plural esperado ocorreu em 26% (60/229) dos dados de informante que apresentam menor contato e em 43% (95/223) entre os informantes com maior contato com o público ao passo que a não marcação ocorreu em 74% (169/229) dos registros dos informantes com o menor contato e 57% (128/223) entre os informantes com o maior contato (cf. *Gráfico 12*, *Apêndice L*). Dessa forma, conclui-se que a não marcação é a estratégia predominante nas duas amostras, todavia apresenta maior representatividade na amostra composta por informantes com maior contato com o público no ambiente de trabalho.

No subgrupo em *-al* e *-el*, o padrão *-is* ocorreu em 65% (210/323) dos dados de informante que apresentam menor contato com o público no ambiente de trabalho e com 81% (302/373) entre os informantes com maior contato com o público, logo a não marcação ocorreu em 35% (113/323) dos registros dos informantes com o menor contato e em 19% (71/373) entre os

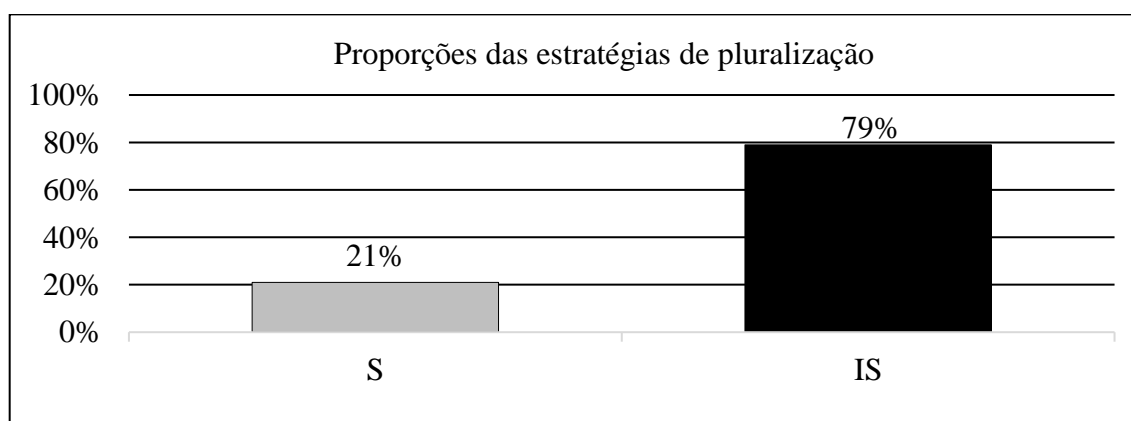
informantes com o maior contato (cf. *Gráfico 13, Apêndice L*). Neste subgrupo, em especial, percebe-se que plural esperado foi predominante e o quanto a não marcação é desfavorecida em ambientes de trabalho com alta interação verbal em favor do plural esperado diferentemente do observado no subgrupo em *-au* e *-éu*.

Os resultados observados nos grupos em potencial contexto metafônico, em *-ão* e com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* corroboram aqueles obtidos por Scherre (1988) uma vez que nesta pesquisa, a concordância nominal foi favorecida apenas entre os informantes com *cotação positiva no mercado ocupacional* como já observado anteriormente na subseção 5.1.1.8 (cf. Scherre, 1988, p. 492). Assim sendo, conclui-se que a menor interação verbal em ambientes de trabalho desfavorece sobretudo o plural esperado no subgrupo em *-au* e *-éu* haja vista que este subgrupo não apresenta forte representação mental em virtude de sua baixa frequência tipo.

5.3.2 Variante marcação *-s* em comparação à marcação *-is* em ditongos decrescentes *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*

Na comparação dos resultados das rodadas 1 e 2 da amostra composta inicialmente com dados do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*, *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* e dados do grupo com terminação apenas em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, notou-se a existência de diferença entre os percentuais dessas amostras apenas no que se refere à rodada 2, mas com inexpressivas alterações nos percentuais. Conferir *Gráfico 64*:

Gráfico 64: Realizações da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 298.41$ (1) $p. < 0.5$

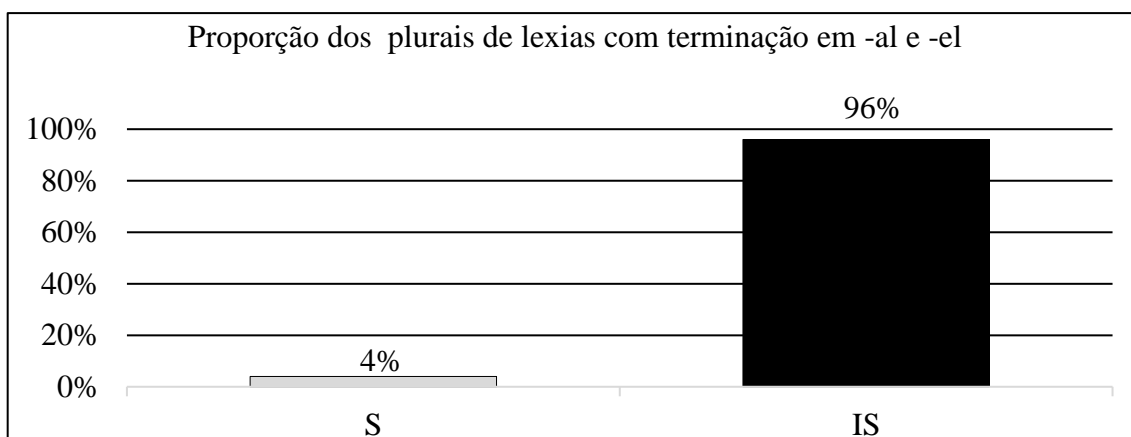


Fonte: Elaboração própria.

Na rodada 2, houve uma alteração de 19% de registros do padrão *-s* da amostra inicial (cf. *Gráfico 49*) para 21% (176/858) na amostra composta por grupos morfológicos em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* como a observado no *Gráfico 64* e uma redução de 81% dos dados do padrão *-is* localizados naquela amostra (cf. *Gráfico 49*) para 79% (682/858) desse tipo de registro nesta nova amostra (*Gráfico 64*). Dessa forma, conclui-se que essa elevação no emprego do padrão *-s* e eventualmente redução do padrão *-is* na amostra composta por lexias terminadas em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* não seriam expressivas para justificar as supressões dos subgrupos *-il*, *-[ɔ]l*, e *-[o]l* presentes na amostra original, mas foi imperativo primar pela ortogonalidade na distribuição dos dados para processamento estatístico sobretudo quando não foi seguro optar pelo teste de regressão logística por razões já esclarecidas.

Quando se comparam os resultados das amostras separadamente na rodada 2, percebe-se que a representação do plural esperado no subgrupo com terminação em *-al* e *-el* é ainda mais evidente do que em comparação com o subgrupo de lexias com terminação em *-au* e *-éu*. As diferenças neste subgrupo não foram significativas segundo o qui-quadrado ($\chi^2 = 0.69231$ (1) $p. = 0.4054$)³⁵⁵, diferentemente do observado quanto à diferença entre os percentuais do subgrupo em *-al*, *-el*. Conferir *Gráfico 65*:

Gráfico 65: Realizações da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 452.31$ (1) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

³⁵⁵ Como já salientado anteriormente, os resultados só seriam apresentados sob a forma de gráfico quando suas diferenças fossem consideradas significativas estatisticamente, logo os resultados do subgrupo em *-au* e *-éu* não foram apresentados com esse recurso.

Enquanto no subgrupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, houve 52% (155/325) de plural esperado e até 48% (170/325) de migração para o padrão *-is*, no subgrupo em *-al*, *-el*, houve 96% (512/533) de plural esperado e apenas 4% (21/533) de migração para o padrão *-s*, como observando o *Gráfico 65*.

Dessa forma, a princípio, parece evidente que a atuação do plural esperado para o subgrupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu* não é imperativa o suficiente – como o é no subgrupo com terminação em *-al* e *-el* – para inibir a migração de itens do plural *-s* para feixes de exemplares compostos por não marcação como já se observou no *Quadro 54* (subseção 5.3.1) ou para feixes de exemplares compostos por itens pluralizados em *-is*, haja vista que o subgrupo em *-au*, *-éu* não apresenta alta frequência tipo como o subgrupo em *-al* e *-el*, o que justificaria eventuais migrações naquele subgrupo em direção a padrões mais produtivos entre esses ditongos (*-s* > *-is*). Em contrapartida, como observando no *Gráfico 65*, o plural esperado é quase categórico no subgrupo em *-al* e *-el*.

Os resultados das migrações constatadas na rodada 2 a partir da observação dos subgrupos em *-au* e *-éu* bem como em *-al* e *-el* dialogam com os resultados obtidos em outras pesquisas realizadas nas últimas décadas. Em Huback (2007), por exemplo, constatou-se que no grupo em *-l*, houve 8,1% de migração do plural esperado para *-s* e no grupo de lexias com terminação em *-u*, houve 19,7% de migração do plural esperado para o plural *-is* numa amostra composta por informantes do nível fundamental e universitário³⁵⁶. Como a natureza dos questionários não é totalmente intercomparável e como nas amostras do *Projeto ALiB* e *QPP* não se controlaram dados de informante com nível universitário, naturalmente seria provável o maior emprego da migração no grupo em *-u* na amostra de Huback (2007) haja vista que informantes com nível universitário teriam maior exposição ao plural esperado em *-aus* e *-éus* que entre os informantes com menor nível de escolaridade.

Já em Gomes e Manoel (2010) em comparação com os resultados das amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, notou-se um menor número de plural esperado em *-is* e o mesmo percentual de plural esperado em *-s*. “Entre os adultos [...] Houve predominância de *-is* para itens com plural irregular esperado (71%), mas também houve uma incidência significativa de realização de *-is* quando o plural esperado era o regular (48%)” (Gomes; Manoel, 2010, p. 129). Para uma amostra composta por 10 informantes com nível fundamental e médio e igual número por

³⁵⁶ Cf. Huback (2007, p. 219, 234).

informantes com nível universitário, a migração $-s > -is$ se revelou significativa em Gomes e Manoel (2010).

Observando amostras de informantes do primeiro e segundo semestres do Curso de Letras e alunos do EJA, Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 497) notaram que “... houve um percentual maior de plural irregular (35%) nos itens com plural esperado regular, do que de plural regular (23%) entre os itens com plural esperado irregular” (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 498). Por ser um teste composto majoritariamente por palavras com baixa frequência de ocorrência no PB, os pesquisadores concluíram que “[...] na situação de falha no acesso lexical ou na ausência da representação de determinado item no léxico do falante, houve atribuição dos dois padrões em competição no léxico, com predominância do padrão $-is$ ” (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 498).

Por fim, observando a amostra composta por 40 crianças entre 3 e 12 anos, em Guimarães, Cristóforo Silva e Gomes (2020, p. 640), constaram que “os itens lexicais com plural esperado irregular foram realizados semi-categoricamente (94,86%) e os itens com plural esperado regular apresentaram uma percentagem alta de plural com $-is$ [73,51%] [...]”. Comparado às amostras do *Projeto ALiB* e *QPP*, apenas os percentuais do plural esperado em $-l$ se assemelham aos observados no *Gráfico 65*. No entanto os resultados da migração $-s > -is$ se revelou expressivamente superior a todos os resultados citados nesta subseção incluindo os observados nas amostras do *Projeto ALiB* e do *QPP*. Nesse sentido, entre as crianças observadas, houve uma generalização do padrão $-is$ que provocaria uma migração de padrão de plural acima do comum no subgrupo com terminação em $-u$.

Pelo exposto, ao observar os resultados dos padrões de pluralização dos grupos de lexias com terminação em $-u$ e $-l$ em Huback (2007), em Gomes e Manoel (2010), em Gomes, Amaral e Prado (2018), em Guimarães, Cristóforo Silva e Gomes (2020) bem como nas amostras do *Projeto ALiB* e do *QPP*, o padrão $-is$ foi aquele que mais inibiu a migração do plural esperado. As distintas amostras, configurações dos questionários, natureza da aplicação dos questionários, recorte das variáveis resposta, entre outros, eventualmente seriam fatores que estariam correlacionados à oscilação dos resultados obtidos nessas pesquisas. No entanto todos esses resultados chancelam a correlação entre a baixa frequência tipo e a migração de padrão de plural de sorte que a migração de padrão de plural não afeta todos os itens de um mesmo subgrupo com a mesma proporção nem segue em direção ao padrão mais produtivo no PB, mas em direção à pluralização mais produtiva em cada subgrupo morfológico.

Ademais, assim como observado em Gomes e Manoel (2010) e Guimarães, Cristóvão Silva e Gomes (2020), as variáveis frequência de ocorrência e sexo também não se mostraram significativas na rodada 2, bem como também não o foi para a variável faixa etária. Confiram-se os resultados dessas variáveis na *Tabela 63*:

Tabela 63: Variáveis não significativas apontadas pela rodada 2 do grupo de plural de lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Variáveis	Fatores	-s		-is		Significância do teste χ^2
		freq.	%	freq.	%	
Sexo	homem	84/439	19%	355/439	81%	p. = > 0.5.
	mulher	92/419	22%	327/419	78%	
Faixa etária	faixa 1	81/444	18%	363/444	82%	
	faixa 2	95/414	23%	319/414	77%	
Frequência de ocorrência	baixa	52/266	20%	214/266	80%	
	média	84/334	25%	250/334	75%	
	alta	40/258	16%	218/258	84%	

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode verificar na *Tabela 63*, há uma diferença de apenas 3 pontos percentuais entre os resultados obtidos nas amostras de homens e mulheres. A estratégia *-is* foi mais recorrente entre os homens com 81% (355/439) dos dados e entre as mulheres com 78% (327/419) dos registros, logo o padrão *-s* ocorreu em 19% (84/439) das falas dos homens e em 22% (92/419) dos registros das mulheres. Com esses resultados do qui-quadrado, conclui-se que a variável sexo não se revelou significante estatisticamente em nenhuma das rodadas 1 e 2, tanto do grupo em potencial contexto metafônico quanto das lexias com terminação em *-ão* como se pode conferir no *Quadro 1 (Apêndice N)*. Nesse sentido, o emprego da não marcação ou dos demais padrões de plural analisados nesta tese não apresentam correlação com a variável sexo, portanto não há distinção dos usos dos padrões de plural no PBA na avaliação entre homens e mulheres o que leva por terra a hipótese inicial de os homens apresentariam mais representações metais inovadoras de plural do que as mulheres no Estado da Bahia independentemente de qual grupo ou face dessa representação no léxico mental.

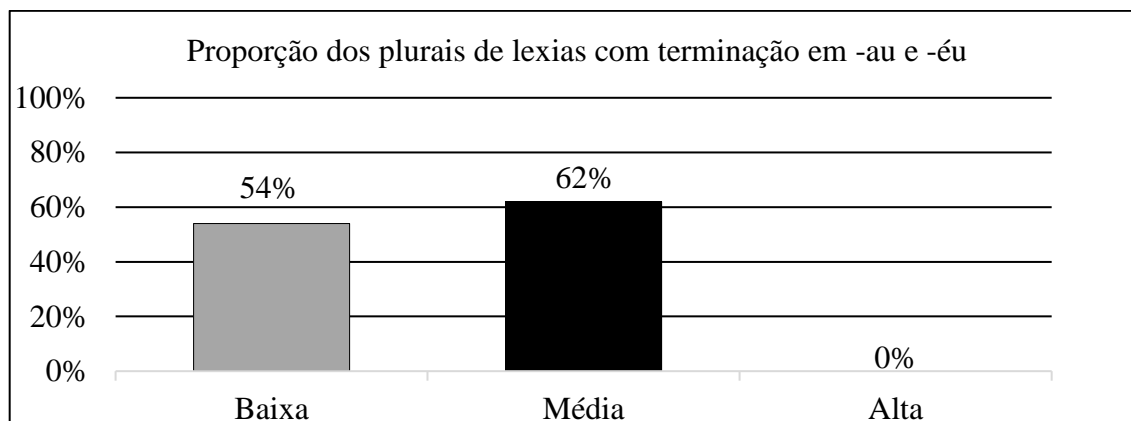
Quanto à variável faixa etária, a diferença foi de 5 pontos percentuais entre o padrão *-s* e *-is* como observado na *Tabela 63*. Constatou-se que no grupo *-au, -éu, -al e -el*, o padrão *-is*

ocorreu em 82% (363/444) da amostra com informantes da faixa etária 1 e em 77% (319/414) dos registros da faixa etária 2, portanto a estratégia *-s* ocorreu entre os informantes da faixa etária 1 com 18% (81/444) dos dados e na faixa etária 2 com 23% (95/414) de representatividade. Essa diferença também não foi considerada significativa para o qui-quadrado na rodada 1 quando se observou o grupo *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, mas o foi nas rodadas 1 e 2 quando se controlaram os grupos em potencial contexto metafônico e com terminação em *-ão* (cf. *Quadro 1*, no *Apêndice N*). Assim como verificado com o resultado da variável sexo, não há distinção de valor agregado às estratégias inovadoras no grupo em ditongo oral decrescente com terminação em vogal + [w] independentemente da face de representação de plural no léxico mental dos informantes da faixa etária 1 e 2. Dessa forma, descartados os resultados das rodadas 1 e 2 do grupo *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, comprovou-se parcialmente a hipótese inicial de que os informantes da faixa etária 1 empregariam mais a pluralização esperada ou mais produtiva e inibiriam a não marcação já que nesta amostra o padrão mais produtivo só foi mais recorrente no grupo em potencial contexto metafônico e a não marcação se revelou mais frequente entre os informantes da faixa etária 2 apenas no grupo de lexias com terminação em *-ão*.

Quando se verificam os percentuais da variável frequência de ocorrência na *Tabela 63*, constata-se que não há uma gradação que acompanha a classificação das frequências das lexias de sorte que a estratégia *-is* ocorreu em 80% (214/266) dos dados com frequência de ocorrência baixa, reduz sua representatividade para 75% (250/334) na amostra com frequência de ocorrência média e passa a 84% (218/258) na amostra com frequência de ocorrência alta ao passo que o padrão *-s* ocorreu em 20% (52/266) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 25% (84/334) dos dados com frequência de ocorrência média e em 16% (40/258) dos dados com frequência de ocorrência alta. Grosso modo, pode-se afirmar apenas que há uma diferença de 9 pontos percentuais a mais entre os dados com frequência de ocorrência alta em comparação com os dados com frequência de ocorrência média como notado na *Tabela 63*, mas tal diferença não se revelou significativa do ponto de vista estatístico.

No entanto quando foram observados os resultados dos subgrupos em *-au* e *-éu* de forma independente dos resultados do subgrupo em *-al* e *-el*, constatou-se que as diferenças entre os percentuais em ambas as amostras passaram a ser significativas para o qui-quadrado. Naquele subgrupo, houve 46% (37/81) de registros do plural esperado na amostra com frequência de ocorrência baixa, 38% (78/204) com frequência de ocorrência média e 100% (40/40) com frequência de ocorrência alta como se pode inferir a partir da observação do *Gráfico 66*:

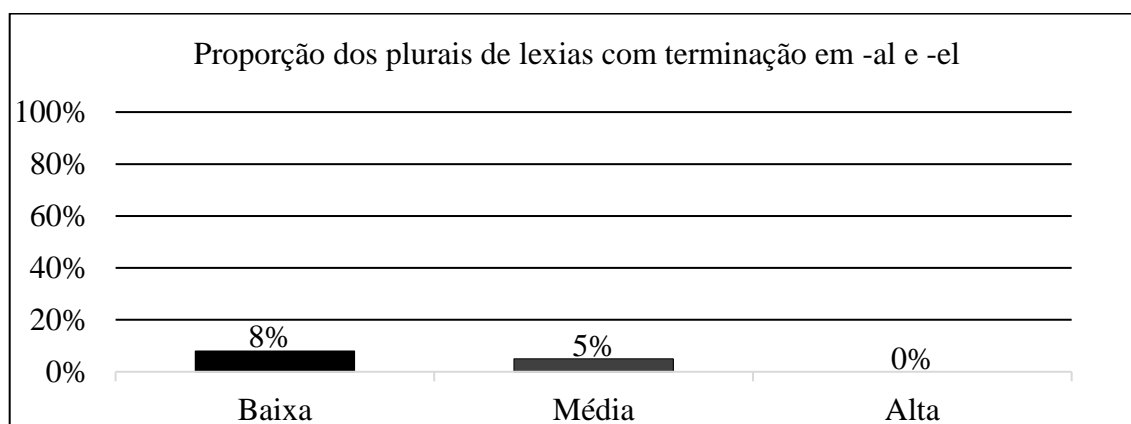
Gráfico 66: Realizações da marcação *-is* versus marcação *-s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 20.219$ (2) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como notado no Gráfico 66, a estratégia *-is* ocorreu em 54% (44/81) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 62% (126/204) dos dados com frequência de ocorrência média e em nenhum dos dados com frequência de ocorrência alta (0/40). Dessa forma, constata-se uma oscilação no emprego do plural esperado entre os itens com frequência de ocorrência baixa e média e uma queda vertiginosa quando o item apresenta frequência de ocorrência alta. Essa mesma tendência é notada quando se passa a observar o subgrupo em *-al* e *-el* como se pode verificar no Gráfico 67:

Gráfico 67: Realizações da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 25.891$ (2) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente da natureza da gradação notada no *Gráfico 66*, no *Gráfico 67*, percebe-se uma queda constante nos percentuais do padrão *-s* à medida que se eleva a classificação da frequência de ocorrência dos itens controlados. No subgrupo em *-al* e *-el*, o padrão *-is* ocorreu em 92% (170/185) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 95% (124/130) dos dados com frequência de ocorrência média e em 100% (218/218) dos dados com frequência de ocorrência alta, logo a estratégia *-s* ocorreu em 8% (15/185) dos dados com frequência de ocorrência baixa, em 5% (6/130) dos dados com frequência de ocorrência média e em nenhum dos dados com frequência de ocorrência alta (0/218). Portanto o plural esperado deixa de ser predominante nas amostras compostas por itens de frequência baixa e média no subgrupo em *-au* e *-éu*, mas na amostra do subgrupo em *-al* e *-el*, o plural esperado é predominante independentemente do nível da frequência de ocorrência dos itens controlados. Em comum, nos dois subgrupos, a elevação do nível da frequência de ocorrência parece inibir a migração de padrão esperado. Tais evidências são ratificadas com os resultados observados no *Gráfico 69* (subseção 5.3.2.2).

Assim como se observou com os resultados obtidos nas rodadas 1 com o grupo em potencial contexto metafônico, no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e seus subgrupos, a não marcação foi mais recorrente e/ou predominante entre os itens com frequência de ocorrência baixa. Da mesma forma, numa observação panorâmica, nota-se que os padrões mais produtivos em cada grupo (marcação única, *-ões* e *-is*) são mais recorrentes entre os itens com frequência de ocorrência baixa ou média (cf., respectivamente, *Tabela 2* nos *Apêndice G*, *Apêndice H* e *Apêndice J*), corroborando a hipótese inicial de que quanto mais elevada a classificação da frequência de ocorrência de um item lexical pluralizado, mais robusta seria sua representação mental conforme postula a Teoria de Exemplares. Segundo Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 498) seria essa “falha no acesso lexical ou ausência de representação de determinado item no léxico do falante” que promoveria a predominância do padrão *-is*.

Pelo exposto, portanto, parece evidente que apenas as variáveis sexo e faixa etária não apresentam, de fato, correlação com os resultados da rodada 2 no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* haja vista que quando observados seus subgrupos de forma independente, o plural esperado foi categórico tanto no subgrupo em *-au* e *-éu* quanto em *-al* e *-el* como observado no *Gráfico 66* e no *Gráfico 67* respectivamente. Assim sendo, nas próximas subseções foram analisadas as demais variáveis previsoras selecionadas pelo teste qui-quadrado na rodada 2 para o grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*:

- i) ordem de realização;

- ii) lexia;
- iii) mesorregião da Bahia;
- iv) ano/amostra;
- v) nível de escolaridade;
- vi) contato com o público no mercado ocupacional;
- vii) grau de monitoramento.

Como observado, na rodada 2, a variável grau de monitoramento foi selecionada pelo qui-quadrado diferentemente do observado na rodada 1. Ademais, uma vez que os resultados da variável frequência de ocorrência no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e seus subgrupos já foram apresentados e analisados no final da subseção 5.3.2, nas próximas subseções não serão analisados os resultados desta variável. Conferir correlação entre o emprego do uso do padrão *-s* e a variável ordem de realização na subseção 5.3.2.1.

5.3.2.1 Ordem de realização

A variável ordem de realização foi selecionada como significativa em todas as rodadas 1 e 2 referentes a todos os grupos e subgrupos controlados neste trabalho (cf. *Quadro 1, Apêndice N*). Assim como observado no grupo em potencial contexto metafônico e entre as lexias com terminação em *-ão*, no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a marcação de plural indiferente (emprego do padrão *-is* ou *-s*) em comparação à não marcação apresentou maior representatividade a partir da quarta realização. Confirmam-se os resultados na *Tabela 64*:

Tabela 64: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -au, -éu, -al, -el

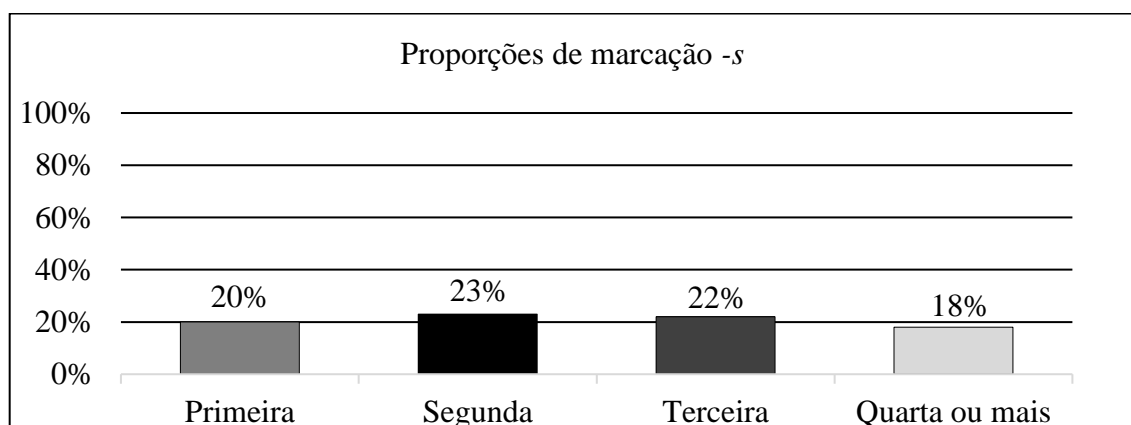
Fatores	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	422/836	50%	105/836	13%	309/836	37%
Segunda	151/302	50%	44/302	15%	107/302	35%
Terceira	51/104	49%	14/104	13%	39/104	38%
Quarta ou mais	58/97	60%	13/97	13%	26/97	27%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode inferir a partir dos resultados observados na *Tabela 64*, a marcação indiferente obteve 63% (527/836) dos registros presentes na primeira realização, 65% (195/302) na segunda realização, 62% (65/104) na terceira realização e 73% (71/97) a partir da quarta realização, logo a não marcação alcançou apenas 37% (309/836) dos dados na primeira realização, 35% (107/302) na segunda realização, 38% (39/104) na terceira realização e 27% (26/97) a partir da quarta realização. Dessa forma, notou-se uma relativa estabilidade entre os percentuais da marcação indiferente nas três primeiras realizações e uma elevação de até 11 pontos percentuais a partir da quarta realização. Como entre os percentuais de marcação em *-s* houve praticamente empate em torno de 13% em quase todas as ordens de realização como se pode perceber na *Tabela 64*, a elevação dos percentuais de pluralização foi alavancada pelo padrão *-is*, conseqüentemente, a partir dessa observação panorâmica, pode-se concluir que há uma generalização do emprego da estratégia mais produtiva para a pluralização desses ditongos sobretudo a partir da quarta realização quando o padrão *-is* se torna predominante em comparação ao padrão *-s* ou a não marcação.

Passando à observação da rodada 2, constatou-se que o padrão *-is* ocorreu em 80% (422/527) dos dados da primeira realização, em 77% (151/195) da segunda realização, em 78% (51/65) da terceira realização e em 82% (58/71) dos dados a partir da quarta realização. A estratégia *-s* obteve 20% (105/527) dos dados da primeira realização, 23% (44/195) dos registros da segunda realização, 22% (14/65) da terceira realização e 18% (13/71) das ocorrências a partir da quarta realização. Visualizem-se os resultados no *Gráfico 68*:

Gráfico 68: Correlação entre ordem de realização e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el
 $\chi^2 = 531.2 (3) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Embora o emprego do padrão *-s* no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* oscilou entre 18% e 23% de representatividade como visualizado no *Gráfico 68*, essa diferença foi considerada significativa para o qui-quadrado. Considerando esses resultados, nota-se uma suave curva que é caracterizada por uma elevação tímida desse padrão da primeira para as duas seguintes realizações quando novamente o percentual do padrão *-s* se reduz a uma representatividade ainda mais inferior a partir da quarta realização. Essa curva pouco acentuada também foi notada com a elevação dos percentuais de outras marcações (*-ãos* e *-ães*) em comparação a *-ões* quando se controlou o grupo em *-ão* (cf. *Gráfico 38*). Dessa forma, a princípio, pode-se concluir que na primeira e nas últimas realizações de cada lexia pluralizada, os padrões menos produtivos (*-ãos* e *-ães* para o grupo em *-ão* e *-s* para o grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*) são menos acessados no léxico mental dos informantes ao passo que há uma generalização do uso dos padrões mais produtivos em cada grupo.

Passando à observação do subgrupo de lexias com terminação em *-au* e *-éu*, constatou-se que o plural esperado ocorreu em 54% (91/167) dos dados da primeira realização, em 52% (38/73) da segunda realização, em 39% (13/33) da terceira realização e em 25% (13/52) dos dados a partir da quarta realização. Assim, a migração para o padrão *-is* foi notada em 46% (76/167) dos dados da primeira realização, em 48% (35/73) da segunda realização, em 61% (20/33) da terceira realização e em 75% (39/52) dos registros a partir da quarta realização como se pode conferir no *Gráfico 1 (Apêndice M)*. Como se pode perceber, à medida que cada lexia do subgrupo com terminação em *-au* e *-éu* fora repetida no plural, a probabilidade de migração para o padrão *-is* se elevava atingindo uma generalização expressiva desse padrão a partir da quarta realização corroborando os resultados gerais apresentados no *Gráfico 68*.

No subgrupo de lexias com terminação em *-al* e *-el*, o plural esperado apresentou índices muito elevados quando não categórico. Neste subgrupo, o padrão esperado alcançou 96% (346/360) dos dados na primeira realização, 95% (116/122) na segunda realização, 97% (31/32) na terceira realização e sua representatividade foi categórica a partir da quarta realização (19/19), portanto a migração em direção ao padrão *-s* foi simbólica e não efetiva nesse subgrupo: com 4% (14/360) de migração na primeira realização, 5% (6/122) na segunda realização, 3% (1/32) na terceira realização e não houve migração (0/19) entre os registros a partir da quarta realização (cf. *Gráfico 2, Apêndice M*). Neste demonstrativo, evidencia-se o quanto a generalização do padrão *-is* é imperativa sobretudo quando este padrão é a estratégia de pluralização esperada. Como o feixe de exemplares composto por plurais em *-is* apresenta representação robusta no léxico mental dos informantes haja vista que este é o padrão de plural

mais produtivo no grupo dos ditongos decrescentes orais com terminação em vogal + [w], é compreensível até a inibição total da migração para o padrão -s a partir da quarta realização já que o plural mais produtivo em cada grupo foi mais recorrente neste momento das realizações como também se notou nos resultados do grupo em potencial contexto metafônico e das lexias com terminação em -ão (cf., respectivamente, *Gráfico 19* e *Gráfico 38*).

Portanto a partir da quarta realização, as estratégias mais produtivas: marcação única, o padrão -ões e -is são acionadas com maior facilidade no léxico mental do informante quando não se torna a única opção probabilisticamente acessível na representação mental a exemplo do que se mostrou com os resultados categóricos do padrão -is a partir desse momento das realizações quando se considerou apenas a amostra do subgrupo em -al e -el (cf. *Gráfico 2*, *Apêndice M*). Da mesma forma, a não marcação também apresentou redução a partir desse momento das realizações em todos os grupos (cf. *Tabela 21*, *Tabela 46* e *Tabela 64*), logo se conclui que a não marcação ou os padrões menos produtivos em cada grupo são menos acionados no léxico mental dos informantes à medida que a repetição da pluralização de uma mesma lexia se torna mais recorrente no ato de fala.

Nesse sentido, comprova-se a hipótese inicial de que possivelmente as lexias seriam pluralizadas nos núcleos dos SNs em menor proporções no primeiro momento na aplicação de questionários menos formais a informantes menos escolarizados em face da forte representação mental da não marcação neste segmento social ao passo que em outras ordens de realização – quando o informante sentisse a necessidade de pluralizá-las – a estratégia mais frequente em cada grupo seria acessada no léxico mental de forma rápida em face da robustez dos feixes de exemplares com pluralização em marcação única, em -ões ou em -is e da pouca experiência de uso do plural esperado e/ou pouco frequente entre informantes com poucos anos de escolarização. Assim, em eventos de fala controlados como muitos estímulos de realizações pluralizáveis como ocorre nos questionários do *Projeto ALiB* e *QPP*, a primeira face da representação de plural seria caracterizada por mais estratégias não marcadas ao passo que na segunda face, a não marcação deixa de ser empregada com a mesma proporção e essas marcações mais produtivas se tornam mais recorrentes.

5.3.2.2 Lexia

Como esperado em virtude do número de lexias controladas no grupo com terminação em -au, -éu, -al e -el e suas particularidades, a variável lexia foi selecionada nesse grupo e

respectivos subgrupos, logo essa variável também se revelou significativa em todas as rodadas 1 e 2 (cf. *Quadro 1, Apêndice N*). Numa observação preliminar, pode-se constatar que a marcação indiferente em oposição à não marcação obteve resultado semicategórico para *lexia real* ao passo que outras *lexias* inviabilizaram categoricamente eventuais migrações de padrão de pluralização. Conferir entre os destaques da *Tabela 65*:

Tabela 65: Correlação entre lexias e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Lexia	-is		-s		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Real	170/176	97%	-	0%	6/176	3%
Anel	124/167	74%	6/167	4%	37/167	22%
Policial	27/37	73%	-	0%	10/37	27%
Pastel	26/37	70%	-	0%	11/37	30%
Pincel	29/42	69%	6/42	14%	7/42	17%
Hospital	21/34	62%	-	0%	13/34	38%
Avental	80/146	55%	3/146	2%	63/146	43%
Pedal	14/28	50%	5/28	18%	9/28	32%
Bocal	19/41	46%	1/41	3%	21/41	51%
Troféu	28/73	38%	10/73	13%	35/73	48%
Chapéu	60/171	35%	29/171	17%	82/171	48%
Degrau	66/205	32%	49/205	24%	90/205	44%
Véu	10/44	23%	12/44	27%	22/44	50%
Queixal	2/9	22%	-	0%	7/9	78%
Pau	6/58	10%	15/58	26%	37/58	64%
Grau	-	0%	40/71	56%	31/71	44%
Total geral	682/1339	50%	176/1339	14%	481/1339	36%

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode inferir a partir da observação da *Tabela 65*, a marcação indiferente ocorreu em 97% (170/176) dos dados de *real*, em 83% (35/42) de *pincel*, em 78% (130/167) de *anel*, em 73% (27/37) de *policial*, em 70% (26/37) de *pastel*, em 68% (19/28) de *pedal*, em 62%

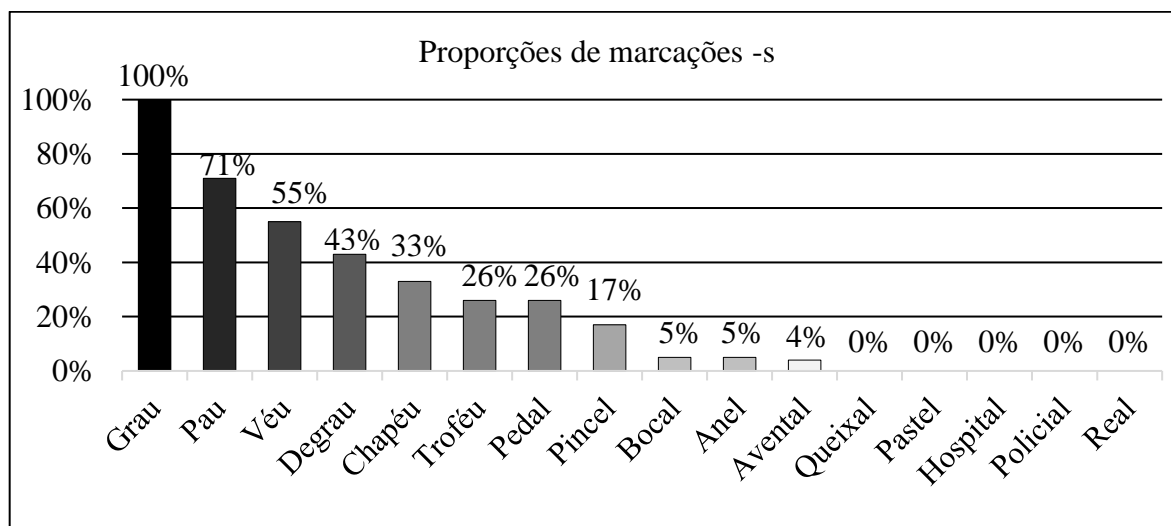
(21/34) de *hospital*, em 57% (83/146) de *avental*, em 56% dos dados de *degrau* (115/205) e de *grau* (40/71), em 52% dos registros de *troféu* (38/73) e de *chapéu* (89/171) e em 50% (22/44) de *véu*. Essa estratégia passa a ser desfavorecida em *bocal* com 49% (20/41) das ocorrências, em *pau* com 36% (21/58) e em *queixal* com apenas 22% (2/9) de representatividade da marcação indiferente. Como constatado, 6/8 lexias com marcação indiferente inferior a 56% pertencem ao subgrupo em *-au* e *-éu*: *degrau*, *grau*, *troféu*, *chapéu*, *véu* e *pau*, logo todas as lexias desse subgrupo apresentaram os menores percentuais de marcação indiferente. De modo geral, as lexias do subgrupo em *-au* e *-éu* compartilharam duas características: plural esperado inferior à não marcação ou ao padrão migratório (*degrau*, *troféu* e *chapéu*) ou apenas um traço em comum: plural esperado inferior à não marcação (*véu* e *pau*). Nesse subgrupo em *-au* e *-éu*, apenas *grau* não compartilha destas características, pois é o único item desse subgrupo com frequência de ocorrência alta (cf. *Quadro 4, Apêndice E*).

Pelo exposto a respeito do resultado geral observado na *Tabela 65*, pode-se concluir inicialmente que a migração do plural esperado para outro padrão morfológico e/ou para a não marcação atingiu especialmente as lexias do subgrupo em *-au* e *-éu* ao passo que no subgrupo em *-al* e *-el*, a inibição da migração do plural esperado para o padrão *-s* chegou a ser categoricamente a exemplo do observado em *real*, *policial*, *pastel*, *hospital* e *queixal*, logo se evidencia a correlação entre frequência tipo de cada grupo e a inibição da migração do padrão de plural já que este subgrupo apresenta padrão de pluralização expressivamente mais produtivo que aquele subgrupo, todavia quando o item é classificado como de frequência de ocorrência alta como em *grau*, essa migração para o padrão *-is* também foi inibida categoricamente reforçando a tese defendida por Huback (2007) de que esses dois tipos de frequência atuam em conjunto frente à alimentação dos feixes de exemplares pluralizados, logo o léxico mental efetivamente seria de natureza plástica.

Ademais, com os resultados do subgrupo em *-au* e *-éu*, comprova-se, com dados empíricos, a tese de que a representação mental do plural atua em duas faces: o plural esperado em competição com um padrão morfológico migratório e o plural esperado em competição com a não marcação. De sorte que o fortalecimento de feixes de exemplares formados por não marcação acarreta diretamente a manutenção do plural esperado em subgrupos com baixa produtividade em relação a outros subgrupos, o que favorece a migração para o padrão mais produtivo como constatado na *Tabela 65*, logo, quando possível, a representação de plural precisa ser pensada ou analisada como uma moeda com duas faces indissociáveis uma vez que a não marcação é uma peça elementar nesta engrenagem como constatado.

Passando à observação dos resultados da rodada 2 no grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, constatou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 100% dos dados de *real* (170/170), de *policia* (27/27), de *hospital* (21/21), de *pastel* (26/26) e de *queixa* (2/2), em 96% (80/83) dos dados de *avental*, em 95% dos dados de *anel* (124/130) e de *bocal* (19/20), em 83% (29/35) dos dados de *pincel*, em 74% de *pedal* (14/19) e de *troféu* (28/38), em 67% (60/89) de *chapéu*, em 57% (66/115) de *degrau*, em 45% (10/22) de *véu*, 29% (6/21) dos dados de *pau* e em nenhum registro de *grau* (0/40) como se pode inferir a partir da observação dos resultados apresentados no Gráfico 69:

Gráfico 69: Correlação entre *lexia* e a realização da marcação *-s* versus marcação *-is* em *lexias* com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 791.31 (15) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode visualizar no Gráfico 69, o padrão *-s* foi observado em 100% (40/40) dos dados de *grau*, em 71% (15/21) de *pau*, em 55% (12/22) de *véu*, em 43% (49/115) de *degrau*, em 33% (29/89) de *chapéu*, em 26% de *troféu* (10/38) e igualmente de *pedal* (5/19), em 17% (6/35) de *pincel*, em 5% de *bocal* (1/20) e de *anel* (6/130), em 4% (3/83) de *avental* e em nenhum dado de *queixal* (0/2), *pastel* (0/26), *hospital* (0/21), *policia* (0/27) e *real* (0/170). Efetivamente, no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, as *lexias* com terminação em *-au*, *-éu* foram aquelas que mais foram pluralizadas com o padrão *-s*, pois este seria o plural esperado³⁵⁷. No

³⁵⁷ Como não há diferença entre os resultados presentes no grupo de *lexias* com terminação *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e aqueles obtidos a partir das rodadas com seus subgrupos (cf. Gráfico 5 e Gráfico 6, Apêndice M), estes resultados não foram apresentados nesta subseção.

entanto houve uma redução considerável dos percentuais do plural esperado em metade dos itens desse subgrupo ao ponto de *degrau*, *chapéu* e sobretudo *troféu*, passarem a desfavorecer o padrão esperado. Do subgrupo com terminação em *-au* e *-éu*, apenas *véu*, *pau* e categoricamente *grau* favoreceram a pluralização em *-s*. Esta lexia é a única de seu subgrupo que apresenta frequência de ocorrência alta (cf. *Quadro 4, Apêndice E*), o que eventualmente reforça sua representação mental de plural esperado em comparação aos demais itens do subgrupo com terminação em *-au* e *-éu*, logo esta informação probabilística de uso do plural *graus* parece inibir a migração para um plural mais produtivo como o padrão *-is* como ocorrido com os demais itens com frequência de ocorrência inferior.

No entanto em Huback (2007), *véu* apresentou 25% (9/36) de migração para o padrão *-is*, *grau* obteve resultado semicategórico de migração: 1,2% (1/77) e *pau* não apresentou migração *-s > -is* (0/36)³⁵⁸. Com esta comparação, pode-se inferir que esses itens podem apresentar variação quanto às suas representatividades de migração conforme o tipo de amostra consultada. Dessa forma, seria mais conclusivo afirmar que, por serem itens monossilábicos, as lexias *grau*, *pau* e *véu* foram aquelas que mais inibiram a migração para o padrão mais produtivo no subgrupo dos ditongos orais decrescentes, corroborando os resultados obtidos por Huback (2007). A esse respeito, Huback (2007) concluiu que:

Existe, portanto, uma coerência nos resultados sobre número de sílabas para plurais em *-l* e ditongo em *-u*: a classe de itens em *-l* é maior que a de ditongo em *-u*, no entanto [...] *há mais monossílabos no grupo de ditongo em -u que no de -l*. Por causa disso, os falantes, quando têm de pluralizar uma palavra terminada em [w] (com *-l* ou *-u* ortográficos), *tendem a adotar plural em -l para itens polissílabos e plural em ditongo em -u para palavras monossílabas*. É isso o que os resultados demonstram, já que, no grupo em *-l*, monossílabos favoreceram plural em *-u* e, no grupo em ditongo em *-u*, polissílabos favoreceram plural em *-l*. Assim, parece que, *no léxico mental, há informações probabilísticas sobre as duas classes de plurais* (em *-l* e ditongo em *-u*) e a pluralização quanto ao número de sílabas é uma generalização que deriva das conexões entre os itens listados no léxico (Huback, 2007, p. 240, grifo próprio).

Embora não se tenha controlado itens monossilábicos com terminação em *-al* e *-el* neste trabalho, os índices altos de inibição do padrão *-is* entre os monossílabos com terminação em *-au* e *-éu* dialogam com os resultados obtidos por Huback (2007) e Gomes, Amaral e Prado (2021) e corroboram a tese de que a frequência tipo dos monossilábicos efetivamente é

³⁵⁸ Conferir *Tabela 46* (Huback, 2007, p. 236).

responsável pela manutenção do padrão esperado no subgrupo em *-au* e *-éu*. Ademais, tanto em Huback (2007) quanto neste trabalho, *grau* apresentou resultado (quase) categórico da manutenção do padrão esperado, logo possivelmente sua classificação como item com frequência de ocorrência alta reforçaria essa atuação da frequência tipo sobre a inibição da migração neste item em particular.

Não obstante, o índice de emprego do padrão *-s* chegou a ser próximo ou mesmo igual entre algumas lexias que pertenciam a subgrupos distintos como também notado no *Gráfico 69*. *Troféu* e *pedal* obtiveram igualmente 26% e *pincel* 17% de representatividade do padrão *-s* embora este não seja o padrão esperado para essas lexias. *Avental*, *bocal* e *anel* obtiveram tecnicamente a mesma proporção de migração simbólica para o padrão *-s* (4% e 5%). Em comum, estas e aquelas lexias são classificadas como de frequência de ocorrência baixa, com exceção de *anel* classificada como de frequência média (cf. *Quadro 4* e *Quadro 5*, *Apêndice E*). Em contrapartida, não se registou migração para as lexias *queixal*, *pastel*, *hospital*, *policial* e *real*, grupo majoritariamente formado por itens com frequência de ocorrência alta. No que diz respeito a *queixal*, o número de sua amostra é inexpressivo (dois dados) para que se possa apresentar inferências a partir de seus resultados. Além da classificação como de frequência de ocorrência alta, é relevante observar que todos esses itens são polissílabos, grupo como maior pluralização em *-is* entre os ditongos decrescentes orais com terminação em vogal + [w] como observou Huback (2007), logo é justificável a predominância do emprego do padrão *-is* entre os itens dissílabos *degrau*, *chapéu* e *troféu* e sobretudo entre os demais itens polissílabos do subgrupo com terminação em *-al* e *-el*.

Como pontuaram Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 498) a respeito desses ditongos com terminação em [w], a “falha no acesso lexical ou ausência de representação de determinado item no léxico do falante [...] [seria responsável pela] predominância do padrão *-is*”. Essa eventual hipótese foi o principal questionamento a ser investigado nesta tese por esse motivo também se levou em consideração a análise dos dados de não marcação nesta tese como já salientado, de sorte que, comparando os resultados desta rodada 2 com os obtidos na rodada 1 (cf. *Gráfico 59*, subseção 5.3.1.2) do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e conferindo os resultados de todas outras rodadas realizadas no grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 11*, subseção 5.1.1.3 e *Gráfico 19*, subseção 5.1.2.3) e no grupo de lexias com terminação em *-ão* (cf. *Gráfico 30*, subseção 5.2.1.3 e *Gráfico 40*, subseção 5.2.2.3) comprovou-se a hipótese inicial de que a não marcação é uma das faces da representação de plural e, por conseguinte, apresenta estreita relação com a proporção dos feixes de exemplares

com padrões de plural distintos já que os itens com maior representatividade de não marcação apresentados na rodada 1 foram majoritariamente e/ou exatamente aqueles com maior emprego do padrão mais produtivo na rodada 2 em todos (sub)grupos analisados³⁵⁹. No caso especial do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, *grau*, *pau*, *véu*, *chapéu*, *degrau* e *troféu* (cf. *Gráfico 59*, subseção 5.3.1.2) foram os itens que mais favoreceram a não marcação e conseqüentemente a maioria deles obtiveram o maior emprego de migração do padrão esperado como notado no *Gráfico 69*.

Corroborando a hipótese de que a história e as experiências de uso de cada lexia também apresentariam estreita relação com as naturezas e probabilidades de pluralizações adotadas, constatou-se que alguns itens analisados apresentaram manutenção do padrão esperado por compartilharem características em comum, como apresentarem frequência de ocorrência alta ou frequência tipo com a mesma classificação. No entanto, em alguns casos, mesmo compartilhando essas mesmas características, alguns itens apresentaram oscilações na representatividade dos padrões esperados, logo se pode inferir que em casos como estes, características próprias de cada item lexical eventualmente provocariam essa oscilação na probabilidade de emprego do plural esperado e eventuais migrações.

Como observado nos grupos de lexias em potencial contexto metafônico ou com terminação em *-ão*, no grupo de lexias em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e seus subgrupos, notou-se que a inovação em direção ao padrão de plural mais produtivo em cada grupo ou em direção à não marcação em cada (sub)grupo não ocorre uniformemente. Essa migração do plural esperado atinge cada lexia com probabilidades distintas conforme seus contextos de usos. Dessa forma, conclui-se que a pluralização de cada item lexical é etiquetada no léxico mental de cada pessoa de forma diferente a depender de sua relação com esse plural em seu cotidiano e, por conseguinte, algumas pluralizações apresentam maior força léxica e são acionadas de forma automática, logo são empregadas com maior frequência ao passo que outras são acionadas de forma analítica dependendo de sua conexão com outros padrões de plural produtivos dentro de uma rede de feixe de exemplares que se alimentam diariamente a partir dos usos da língua.

5.3.2.3 Mesorregião

³⁵⁹ No grupo em potencial contexto metafônico, *forno* e *caroço*, nesta ordem, apresentaram os maiores índices de não marcação e de marcação única. No grupo de lexias com terminação em *-ão* – com exceção de *cão*, *mão*, *pão* e *alemão*, que são lexias com pluralizações tradicionalmente conhecidas – os itens *mamão*, *melão*, *corrimão* e *limão* foram aqueles com maiores percentuais tanto de não marcação quanto do padrão *-ões*.

Com os resultados do qui-quadrado apresentados nesta subseção, pode-se constatar que a variável mesorregiões da Bahia apresentou correlação entre as diferenças dos resultados de todos os grupos e subgrupos analisados nesta pesquisa (cf. *Quadro 1, Apêndice N*). Quando se observa a marcação indiferente em comparação à não marcação, nota-se que aquela estratégia ocorre em 79% (163/205) das ocorrências do Sul Baiano e em 74% (110/149) da Região Metropolitana de Salvador. Tecnicamente empatadas, estão o Vale Franciscano com 68% (131/193), Nordeste Baiano com 67% (140/209) e o Extremo Oeste Baiano com a mesma proporção (102/152). Por fim, a marcação indiferente recua a 57% (123/215) de representatividade na amostra do Centro Sul Baiano e passa a ser desfavorecida no Centro Norte Baiano com apenas 41% (89/216) como se pode inferir a partir da observação da *Tabela 66*:

Tabela 66: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Fatores	-is		-s		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. Metropolitana	97/149	65%	13/149	9%	39/149	26%
Sul Baiano	126/205	61%	37/205	18%	42/205	21%
Nordeste Baiano	120/209	57%	20/209	10%	69/209	33%
Vale Franciscano	106/193	55%	25/193	13%	62/193	32%
E. Oeste Baiano	70/152	46%	32/152	21%	50/152	33%
Centro Sul Baiano	89/215	41%	34/215	16%	92/215	43%
Centro Norte Baiano	74/216	34%	15/216	7%	127/216	59%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

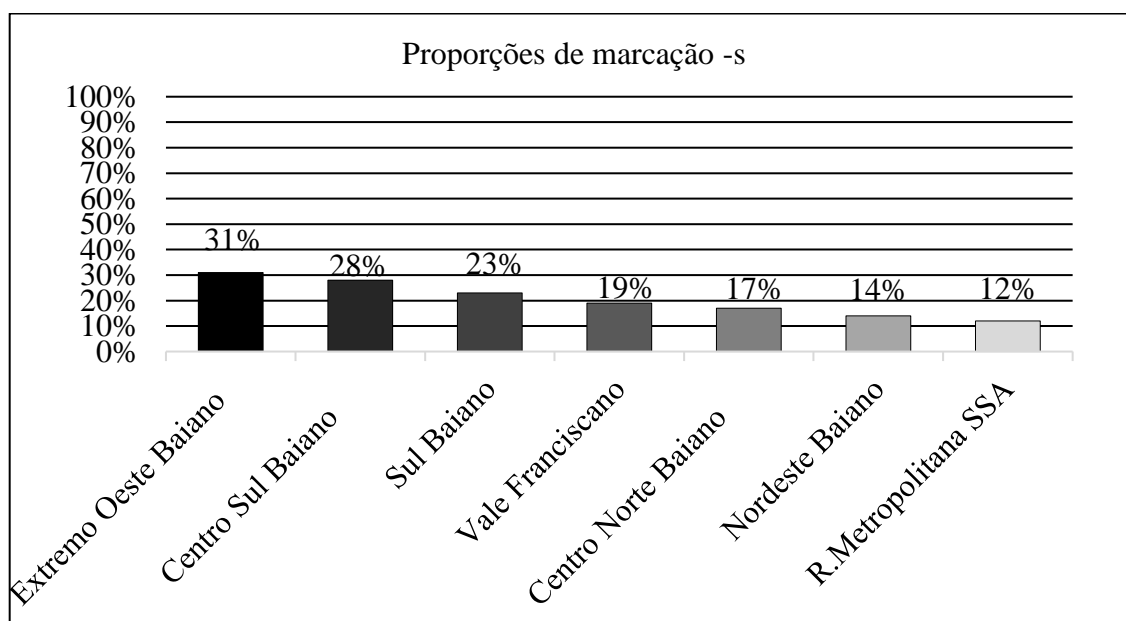
Fonte: Elaboração própria.

Como se pode perceber nos destaques presentes na *Tabela 66*, enquanto na maior extensão da faixa litorânea são notados os menores percentuais de não marcação: 21% (42/205) das ocorrências no Sul Baiano e 26% (39/149) na Região Metropolitana de Salvador, no centro do Estado da Bahia, há os maiores índices dessa estratégia: Centro Norte Baiano com 59% (127/216) e Centro Sul Baiano com 43% (92/215) de representatividade da não marcação. Também é naquelas mesorregiões onde foram localizados os maiores índices do padrão -is:

Região Metropolitana de Salvador com 65% (97/149) e Sul Baiano com 61% (126/205) das ocorrências. Portanto, por meio dessa observação panorâmica dos dados, constatou-se que enquanto no maior perímetro litorâneo são mais recorrentes a marcação indiferente e/ou o padrão *-is* em detrimento da não marcação, no centro do Estado, a não marcação é a estratégia que predomina em relação aos demais padrões de pluralização.

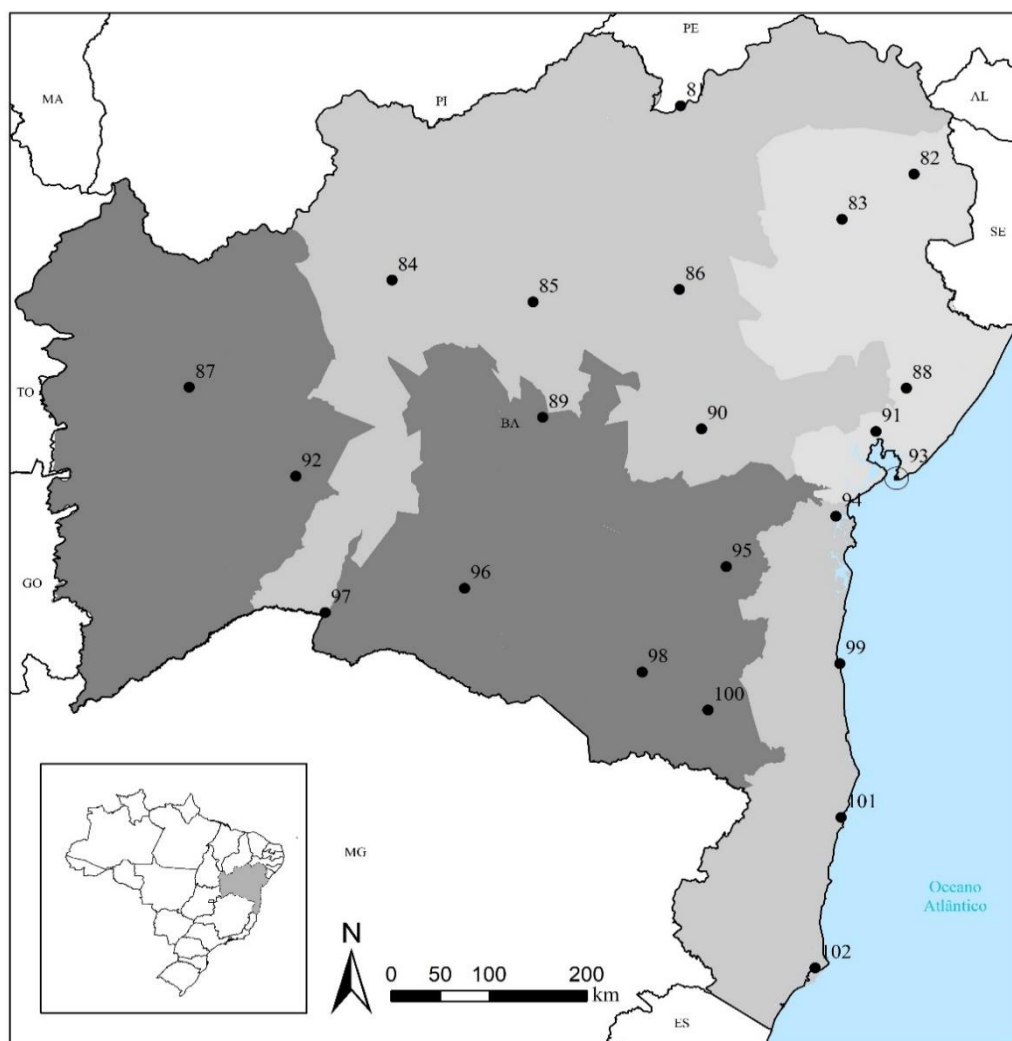
Sob uma outra perspectiva, quando observados apenas os dados do padrão *-s* em comparação ao padrão *-is* na rodada 2, percebeu-se que a estratégia *-is* novamente foi aquela que predominou em todas as amostras. Na Região Metropolitana de Salvador com 88% (97/110), no Nordeste Baiano com 86% (120/140), no Centro Norte Baiano com 83% (74/89), no Vale Franciscano com 81% (106/131), no Sul Baiano com 77% (126/163), no Centro Sul Baiano com 72% (89/123) e o no Extremo Oeste Baiano com 69% (70/102) dos registros, logo o padrão *-s* foi desfavorecido em todas as mesorregiões: no Extremo Oeste Baiano com 31% (32/102), Centro Sul Baiano com 28% (34/123), Sul Baiano com 23% (37/163), Vale Franciscano com 19% (25/131), Centro Norte Baiano com 17% (15/89), Nordeste Baiano com 14% (20/140) e na Região Metropolitana de Salvador com 12% (13/110). Conferir *Gráfico 70* e síntese dos resultados na *Figura 31*:

Gráfico 70: Correlação entre mesorregiões e a realização da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 28.449$ (6) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Figura 31: Correlação entre as mesorregiões e a *marcação -s* em lexias terminadas em *-au, -éu, -al, -el*



Fonte: Elaboração própria.

PLURAL NO PORTUGUÊS DA BAHIA

CARTA 7

REALIZAÇÕES DA MARCAÇÃO -S VERSUS A MARCAÇÃO -IS:

- Entre 28% e 31%
- Entre 17% e 23%
- Entre 12% e 14%

Pluralização de *degrau, grau, pau; chapéu, troféu, véu; avental, pedal, bocal, policial, hospital, queixal, real; anel, pastel e pincel*.

Análise linguística e composição cartográfica:

Jadione Cordeiro de Almeida

Planejamento cartográfico e edição da base:

Ana Regina Torres Ferreira Teles

Dados linguísticos: Questionários *Projeto ALiB* e *QPP*

Edição gráfica: Luan da Silva Santiago

Pela observação do *Gráfico 70*, pode-se perceber que o traçado das isoglossas proposto na *Carta 7 (Figura 31)* considerou três faixas de frequência de uso do padrão *-s* em oposição a *-is*. O plural com *-s* apresentou sua maior representatividade (entre 28% e 31%) do Extremo Oeste Baiano até o Centro Sul Baiano, onde sua frequência obteve uma inexpressiva redução. A segunda faixa de emprego desse padrão (entre 17% e 23%) compreende o Sul Baiano, Vale Franciscano da Bahia e Centro Norte Baiano. A Região Metropolitana de Salvador e o Nordeste Baiano foram as mesorregiões com os menores índices do padrão *-s* (entre 12% e 14%). Assim como observado nos resultados da rodada 1 (cf. *Gráfico 60* e *Figura 30*) do grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, o padrão *-is* não só se revelou predominante como também apresentou os maiores índices de representatividade apenas em mesorregiões litorâneas enquanto a não marcação e o padrão *-s* foram mais recorrentes no interior do Estado da Bahia sobretudo no Centro Sul Baiano nos resultados das duas rodadas e no Extremo Oeste Baiano na rodada 2.

Quando se observou o resultado do qui-quadrado do subgrupo em *-au* e *-éu*, também se notou que a diferença entre os percentuais se revelou significativa. O plural esperado foi mais recorrente no Centro Sul Baiano com 74% (11/43) e no Extremo Oeste Baiano com 63% (14/38). Já o Sul Baiano obteve 49% (37/72) do padrão *-s*, Vale Franciscano 40% (33/55), Nordeste Baiano 40% (29/48), Centro Norte Baiano 38% (18/29) e a Região Metropolitana de Salvador apenas 30% (28/40), logo a migração para o padrão *-is* foi a alternativa de pluralização predominante na Região Metropolitana de Salvador com 70% (12/40). Houve uma aproximação dos resultados dessa migração no Centro Norte Baiano com 62% (11/29), Nordeste Baiano com 60% (19/48), Vale Franciscano com 60% (22/55) e Sul Baiano com 51% (35/72). Apenas em 2/7 mesorregiões, essa migração não foi favorecida. Assim, no Extremo Oeste Baiano, houve 37% (24/38) de emprego do padrão *-is* e no Centro Sul Baiano não ultrapassou os 26% (32/43) de emprego desse padrão (cf. *Gráfico 7, Apêndice M*). Dessa forma, a partir da observação do subgrupo em *-au* e *-éu* em particular, constatou-se que Região Metropolitana de Salvador lidera o processo de migração do padrão *-s* para *-is* quando aquele é o padrão esperado, o que sinaliza para uma avaliação positiva e generalização do uso deste padrão mais produtivo em perímetros com maior densidade demográfica e maior desenvolvimento socioeconômico haja vista o expressivo número dessa migração na Região Metropolitana de Salvador.

O subgrupo em *-al* e *-el* também se revelou significativo estatisticamente embora as diferenças entre os resultados não sejam tão distantes. O padrão *-is* ocorreu no Nordeste Baiano

com 99% (91/92), na Região Metropolitana de Salvador com 99% (69/70), no Sul Baiano com 98% (89/91), no Centro Sul Baiano com 97.5% (78/80), no Vale Franciscano com 96% (73/76) e no Centro Norte Baiano com 93% (56/60). Apenas no Extremo Oeste Baiano houve uma redução mais acentuada dessa representatividade quando passou a favorecer este padrão com 87.5% (56/64) dos dados. Dessa forma, no Extremo Oeste Baiano, o padrão *-s* ocorreu em 12.5% (8/64) dos dados, no Centro Norte Baiano em 7% (4/60), no Vale Franciscano em 4% (3/76), no Centro Sul Baiano em 2.5% (2/80), no Sul Baiano em 2% (2/91), na Região Metropolitana de Salvador (1/70) e no Nordeste Baiano (1/92) apenas em 1% dos registros (cf. *Gráfico 8, Apêndice M*)³⁶⁰. Assim sendo, com exceção dos resultados da migração do padrão *-is > -s* no Extremo Oeste Baiano e no Centro Norte Baiano, nas demais mesorregiões, o emprego do plural esperado foi semicategórico.

Pelo exposto sobre os resultados da rodada 1 e 2 do grupo de pluralização em *-au, -éu, -al* e *-el* bem como de seus subgrupos, constatou-se uma interiorização do padrão *-s* e da não marcação (cf. *Carta 7, Figura 31*) ao passo que o padrão *-is* ocorreu de forma mais recorrente e/ou intermediária quase sempre no Nordeste Baiano e no Sul Baiano, mas sempre na Região Metropolitana de Salvador. Considerando esses resultados e aqueles observados nas rodadas 1 e 2 dos grupos em potencial contexto metafônico e com terminação em *-ão*, conclui-se que a não marcação foi menos recorrentes sempre no Sul Baiano e na Região Metropolitana de Salvador (cf. *Carta 2, Figura 26; Carta 4, Figura 28*, respectivamente) enquanto as pluralizações mais salientes (dupla marcação, *-ões* e *-is*) ou mais produtivas em cada grupo (*-ões* e *-is*) ocorreram com índices intermediários e mais altos na faixa litorânea e sempre com índices altos na Região Metropolitana de Salvador (cf., respectivamente, *Carta 3, Figura 27; Carta 5, Figura 29; Carta 7, Figura 31*).

Os resultados observados nos grupos em potencial contexto metafônico, de lexias com terminação em *-ão* e em *-au, -éu, -al* e *-el* revelam uma tendência de inibição da não marcação no perímetro litorâneo do Estado da Bahia, logo a representação de pluralização nos SNs parece mais robusta no léxico mental dos informantes das mesorregiões do Sul Baiano e da Região Metropolitana de Salvador. Esse resultado em comum nos três grupos leva à sugestão de que essas duas mesorregiões formam uma área dialetal caracterizada pelo menor emprego da não marcação no Estado da Bahia. Por outro lado, esta mesorregião forma uma área dialetal caracterizada pelo maior emprego da dupla marcação, do padrão *-ões* e *-is*, corroborando a

³⁶⁰ No nos gráficos do *Apêndice M*, esses resultados foram aproximados, evitando-se casas decimais.

hipótese inicial de que fenômenos de “natureza morfológica” também podem promover a delimitação de áreas dialetais. No entanto comprovou-se parcialmente a hipótese de que no perímetro litorâneo haveria maior emprego do plural esperado uma vez que apenas no grupo em potencial contexto metafônico, a marcação dupla foi mais recorrente na Região Metropolitana de Salvador. Em contrapartida, constatou-se que a maior densidade demográfica e potencial socioeconômico da faixa litorânea favorecerem o maior emprego e/ou migração de pluralizações menos produtivas para padrões mais produtivos como *-ões* e *-is* independentemente de esses serem os plurais esperados pela norma padrão, logo a menor representação mental da não marcação no léxico mental dos informantes da faixa litorânea parece apresentar estreita relação com o fortalecimento de feixes de exemplares compostos por pluralizações mais produtivas no PB, reforçando a tese de que a representação mental do plural no PBA é formada por duas faces uma vez que a robustez da representação mental dos plurais mais produtivos atrai para seus feixes de exemplares itens que eventualmente seriam formados pela não marcação como se observou nas amostras de informantes nativos da faixa litorânea do Estado da Bahia sobretudo na Região Metropolitana de Salvador.

5.3.2.4 Amostra/ano

Embora se observara que a variável amostra/ano também fora selecionada como significativa em todas as rodadas 1 e 2 realizadas nesta pesquisa (cf. *Quadro 1, Apêndice N*), pode-se notar também que alguns procedimentos metodológicos foram necessários para a compreensão da correlação entre natureza da amostra e os resultados obtidos por um lado e a correlação entre a variável diacrônica e os resultados obtidos através do “refinamento” da amostra original. Por este motivo, também no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, foi imperativo o processamento e análise dos dados da rodada 2 sob perspectivas distintas para compreender-se sobretudo como é caracterizada a pluralização desse grupo morfológico na fala da nova geração baiana, evitando eventuais enviesamentos dos resultados.

Observando os dados originais do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, pode-se notar que a marcação indiferente ocorreu em 63% (335/529) dos dados da amostra do *Projeto ALiB* e em 64% (523/810) na amostra *QPP*, logo a não marcação ocorreu em 37% (194/529) dos registros do *Projeto ALiB* e em 36% (287/810) de dados gerais da amostra *QPP*. Nesse sentido, a partir de uma observação preliminar dos dados de marcação indiferente, percebe-se

um comportamento semelhante entre as duas amostras. A diferença seria percebida quando observados os dados do padrão *-s*. Confirmam-se os resultados dessa estratégia na *Tabela 67*:

Tabela 67: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

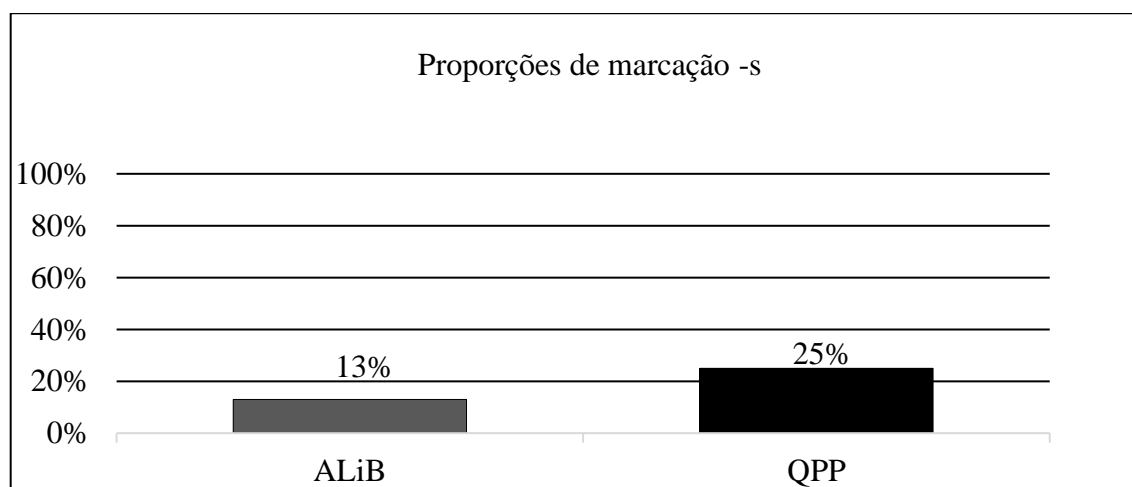
Amostra	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	292/529	55%	43/529	8%	194/529	37%
<i>QPP</i>	390/810	48%	133/810	16%	287/810	36%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

Fonte: Elaboração própria.

Comparando os resultados do padrão *-s* com aqueles das demais estratégias observadas na *Tabela 67*, pode-se constatar que esse padrão foi inexpressivo em ambas as amostras sobretudo na amostra do *Projeto ALiB*. Nesta amostra, houve apenas 8% (43/529) de dados do padrão *-s* e 16% (133/810) dessa estratégia no *QPP*. Quando aplicado o qui-quadrado, a diferença entre os resultados do padrão *-s* se revelou significativa como se pode conferir no *Gráfico 71*:

Gráfico 71: Correlação entre *amostra/ano* e a realização da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

$$\chi^2 = 14.082 (1) p. < 0.5$$



Fonte: Elaboração própria.

Como se verificou no *Gráfico 71*, a estratégia *-s* ocorreu na amostra do *Projeto ALiB* com 13% (43/335) dos dados e no *QPP* com 25% (133/523) dos registros, portanto o padrão *-is* foi mais recorrente na amostra do *Projeto ALiB* com 87% (292/335) dos dados e no *QPP* com 75% (390/523) das ocorrências. Nesse sentido, observando apenas a natureza das amostras, pode-se inferir que a maior recorrência do padrão *-is* na amostra do *Projeto ALiB* se justifique em função de essa amostra ser composta por maior representatividade desse plural esperado em comparação ao observado no *QPP* haja vista que naquela amostra houve 76% (253/335) de lexias com terminação em *-al* e *-el* e nesta amostra, apenas 54% (280/523) com essa terminação. Como já pontuado, por apresentar a pluralização mais produtiva no grupo de ditongos decrescentes orais analisados, esse subgrupo com terminação em *-al* e *-el* inibe semicategoricamente a migração *-is > -s*, por conseguinte, as probabilidades de pluralização em *-s* na amostra do *Projeto ALiB* seriam reduzidas em comparação as observadas no *QPP* como se pode verificar no *Gráfico 71*. Ademais, a amostra do *Projeto ALiB* só dispôs de 3 lexias com terminação em *-au* e *-éu* (*degrau*, *chapéu* e *pau*) – aquelas apresentaram predominante migração para o padrão *-is* como se notou no *Gráfico 69* (subseção 5.3.2.2) – enquanto no *QPP* a representação desse subgrupo dobra com a inserção de mais três lexias (*grau*, *véu*, *troféu*) – *véu* com predomínio da pluralização esperada e *grau* com inibição categórica da migração *-s > -is*. (cf. *Gráfico 69*, subseção 5.3.2.2). Portanto, por apresentar o maior número de registros com pluralização esperada em *-is* e por dispor majoritariamente de lexias com potencial migratório *-s > -is* no subgrupo em *-au* e *-éu*, justifica-se o fato de haver menor emprego do padrão *-s* na amostra do *Projeto ALiB* como conferido no *Gráfico 71*.

Em contrapartida, para compreender-se a correlação entre a variável diacrônica e o emprego do padrão *-s* ou *-is* no grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, foi imperativo tornar as duas amostras (mais) intercomparáveis. Assim sendo, passou-se a observar os dados localizados apenas em municípios em comum: Salvador, Juazeiro, Alagoinhas, Barreiras, Ilhéus, Vitória da Conquista e Jacobina, mas novamente se notou a necessidade de controlar-se apenas lexias em comum em partes dos questionários menos tensas: *QMS* no *Projeto ALiB* e *Parte 1* no *QPP*. Verifiquem-se os resultados obtidos na *Tabela 68* e na *Tabela 69*:

Tabela 68: Correlação entre *municípios em comum das amostras do ALiB e QPP* e a realização da marcação *-s versus* marcação em *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Amostra	<i>-is</i>		<i>-s</i>	
	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	111/130	85%	19/130	15%
<i>QPP</i>	390/523	75%	133/523	25%
Média	501/653	77%	152/653	23%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 69: Correlação entre *as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP* e a realização da marcação *-s versus* marcação em *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Amostra	Lexias	<i>-is</i>		<i>-s</i>	
		freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i> (<i>QMS</i>)	Degrau	5/13	38%	8/13	62%
	Chapéu	8/14	57%	6/14	43%
	Avental	9/9	100%	0/9	-
	Anel	24/24	100%	0/24	-
Total		46/60	77%	14/60	23%
<i>QPP</i> (<i>Parte 1</i>)	Degrau	23/49	47%	26/49	53%
	Chapéu	14/19	74%	5/19	26%
	Avental	18/19	95%	1/19	5%
	Anel	25/27	93%	2/27	7%
Total		80/114	70%	34/114	30%

Fonte: Elaboração própria.

Comparando os resultados da *Tabela 68* com aqueles observados no *Gráfico 71*, nota-se que os percentuais do padrão *-s* são próximos no que diz respeito aos resultados controlados na amostra do *Projeto ALiB*. Neste demonstrativo, houve 13% de emprego do padrão *-s* e naquele demonstrativo, 15% (19/130). Já na amostra do *QPP*, a representatividade foi a mesma em ambos os demonstrativos já que obtiveram 25% (133/523) de dados desse padrão na *Tabela 68*, logo novamente foi imperativo controlar-se apenas dados de municípios e lexias em comum nas duas amostras como se propôs na *Tabela 69*.

Finalmente, passando à observação dos resultados da *Tabela 69*, pode-se conferir uma eventual correlação da variável diacrônica com o emprego do padrão *-s* em comparação ao padrão *-is*. Quanto aos dados do padrão *-is* referentes às quatro lexias observadas (*degrau*, *chapéu*, *avental* e *anel*) na comparação entre a amostra *Projeto ALiB* e o *QPP*, notou-se uma redução de 77% (46/60) para 70% (80/114) do emprego do padrão *-is* entre aquela e esta amostra e um aumento na mesma direção de 23% (14/60) para 30% (34/114) de emprego do padrão *-s*. A princípio, notou-se uma sensível redução do plural *-is* na fala das novas gerações baianas embora esse seja o padrão mais produtivo no grupo dos ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w].

No entanto a correlação entre a variável diacrônica e o emprego do padrão esperado pode ser compreendida de forma conclusiva quando se observam os resultados para cada lexia uma vez que a mudança na pluralização atinge dado por dado de forma distinta na representação mental dos informantes como já constatado também ao logo desta tese. Nesta nova perspectiva, constatou-se que houve uma redução do plural esperado em todas as lexias controladas entre os resultados da amostra *Projeto ALiB* e do *QPP*: de 62% (8/13) para 53% (26/49) para *degrau*, de 43% (6/14) para 26% (5/19) para *chapéu*, de 100% (9/9) para 95% (18/19) para *avental* e de 100% (24/24) para 93% (25/27) para *anel*. Portanto, independentemente do subgrupo analisado, conclui-se que as novas gerações tendem a empregar (ainda mais) um padrão de pluralização inovador em *degrau* e *chapéu* bem como em *avental* e *anel*. Dessa forma, não se notou migração de padrão de plural das lexias *avental* e *anel* nos primeiros dados coletados na Bahia, mas essa migração foi constatada na segunda amostra realizada mesmo que timidamente. Em contrapartida, constatou-se uma migração de padrão de plural das lexias *degrau* e *chapéu* nos dois momentos da coleta, todavia a generalização do padrão *-is* foi alavancada pelas novas gerações baianas. Essa generalização na amostra das novas gerações corrobora parcialmente os resultados observados na rodada 1 no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* quando as amostras se tornaram (mais) intercomparáveis haja vista que na amostra *QPP* houve mais pluralização em

-is e redução da não marcação no subgrupo em *-au* e *-al* (cf. *Tabela 62*, subseção 5.3.1.4). Portanto, em relação à rodada 1 e 2, pode-se concluir que as novas gerações apresentam comportamento mais inovador sobretudo a partir da migração generalizada na direção do padrão de pluralização mais produtivo no grupo de ditongos decrescentes orais observados nesta pesquisa.

Comparando os resultados do grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* com aqueles obtidos no grupo em potencial contexto metafônico e do grupo com terminação em *-ão*, constatou-se que as diferenças observadas nas rodadas 1 e 2 não foram expressivas e/ou generalizadas em uma direção como maior emprego da não marcação ou do plural mais produtivo em cada grupo em uma determinada geração por exemplo. No entanto, considerando apenas os dados gerais das amostras intercomparáveis desses três grupos, notou-se que assim como ocorrido no grupo de em potencial contexto metafônico e em *-ão*, no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a não marcação foi mais recorrente na fala da nova geração em determinadas lexias (cf. *Tabela 15*, subseção 5.1.1.5; *Tabela 44*, subseção 5.2.1.5; *Tabela 62*, subseção 5.3.1.4). Ainda observando apenas os dados gerais intercomparáveis, notou-se que grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e com terminação em *-ão*, houve redução dos padrões de pluralização mais produtivos em cada grupo (*-is* e *-ões*, respectivamente) nas amostras das novas gerações baianas (cf. *Tabela 51*, subseção 5.2.2.5; *Tabela 69*, subseção 5.3.2.4) enquanto se notou um empate técnico no emprego da marcação única no grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Tabela 32*, subseção 5.1.2.5). Nesse sentido, de modo geral, pode-se concluir que há uma tendência de maior emprego do padrão mais produtivo em cada grupo na primeira amostra.

De forma pontual, na nova geração, *olho* apresentou uma tendência em direção à marcação única entre os informantes sobretudo entre aqueles com menor nível de escolaridade, houve um aumento na migração de forma diversificada e início da migração de pluralização de *-ãos* e *-ães* para *-ões* ou de *-ães* para *-ões/-ãos* no que diz respeito ao plural de *pão* e se constatou também uma intensificação da migração do padrão *-s* para *-is* para a pluralização das lexias *degrau* e *chapéu* na atualidade. Portanto se confirmou parcialmente as hipóteses iniciais de que: i) haveria uma correlação entre o aumento da não marcação na representação mental da nova geração e a migração de padrão de plural haja vista que há indícios de que o aumento da não marcação entre os informantes da nova geração provocou também o aumento da migração da marcação dupla para a marcação única no que diz respeito à lexia *olho* (cf. *Tabela 15*, subseção 5.1.1.5; *Tabela 32*, subseção 5.1.2.5) e ii) seria mais frequente o emprego do plural esperado e/ou menos produtivo na amostra da nova geração baiana por se acreditar que na atualidade o

acesso e manutenção na educação formal bem como a interação entre os informantes em espaços reais e virtuais fossem uma realidade mais presente.

5.3.2.5 Nível de escolaridade

Inicialmente, é importante observar que a amostra do fundamental 1 corresponde a apenas 35% (463/1339) de todos os dados controlados no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* enquanto a amostra do fundamental 2 apresenta quase o dobro desse número (65% ou 876/1339). Esse expressivo número de dados gerais na amostra do fundamental 2 em comparação à amostra do fundamental 1 foi verificado também no grupo em potencial contexto metafônico e no grupo de lexias com terminação em *-ão* (cf., respectivamente, *Tabela 35*, subseção 5.1.2.7; *Tabela 55*, subseção 5.2.2.7)³⁶¹. Esses dados introdutórios seriam uma evidência de que os informantes com maior nível de escolaridade produzem um maior número de lexias pluralizáveis em todos os três grupos morfológicos analisados que aqueles que tiveram menor exposição à educação formal e, por conseguinte, esses informantes com menor nível de escolaridade, em suas experiências diárias, tendem a alimentar seu léxico mental substancialmente com feixes de exemplares formados pela não marcação de plural na própria lexia como se notou no grupo em potencial contexto metafônico (cf. *Gráfico 15*, subseção 5.1.1.7), no grupo com terminação em *-ão* (cf. *Gráfico 34*, subseção 5.2.1.7) e no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* (cf. *Gráfico 63*, subseção 5.3.1.6). Portanto, os informantes com maior exposição à educação formal tiveram ou ainda têm também maior acesso a itens pluralizados, logo suas representações mentais de plural são mais robusta em sua face com marcação de plural na própria lexia, por conseguinte desfavorecendo a face formada por feixes de exemplares compostos pela não marcação. Assim sendo, o acesso a itens pluralizados com frequência tipo baixa como verificado no grupo em potencial contexto metafônico ou com terminação em *-ão* (cf., respectivamente, *Gráfico 25*, subseção 5.1.2.7; *Gráfico 44*, subseção 5.2.2.7) e/ou mesmo do plural esperado de forma automática é mais comum entre os informantes com maior exposição à educação formal.

A correlação entre nível de escolaridade e emprego de um padrão de plural é ratificada pelos resultados da aplicação do qui-quadrado ao longo desta pesquisa. Com exceção do subgrupo em *-al* e *-el*, a variável nível de escolaridade foi selecionada como significativa nas

³⁶¹ Os dados que compõem a amostra geral do fundamental 2 correspondem a 68% (815/1197) de toda amostra do grupo com terminação em *-ão* e a 69% (473/689) da amostra do grupo em potencial contexto metafônico.

rodadas 1 e 2 de todos grupos e subgrupo analisados como se pode conferir no *Quadro 1* (*Apêndice N*). Numa observação da amostra original, constatou-se que a marcação indiferente em oposição à não marcação ocorreu em apenas 45% (208/463) dos registros entre os informantes do fundamental 1 e em 74% (650/876) entre os informantes do fundamental 2, logo a não marcação predominou apenas entre os informantes daquela amostra com 55% (255/463) e reduzida a apenas 26% (223/876) entre os dados desta amostra. Dessa forma, com esses resultados globais, já se pode perceber que os informantes com maior exposição à educação formal apresentam também uma representação mental mais robusta da marcação de plural na própria lexia independentemente de tratar-se do plural esperado.

Ademais, diferentemente do observado na amostra do fundamental 2, na amostra do fundamental 1, o emprego da não marcação predomina com 55% (255/463) dos dados em relação ao padrão *-s* (7% ou 33/463) ou mesmo ao padrão *-is* (38% ou 175/463) como se pode verificar na *Tabela 70*:

Tabela 70: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Fatores	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	175/463	38%	33/463	7%	255/463	55%
Fundamental 2	507/876	58%	143/876	16%	226/876	26%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

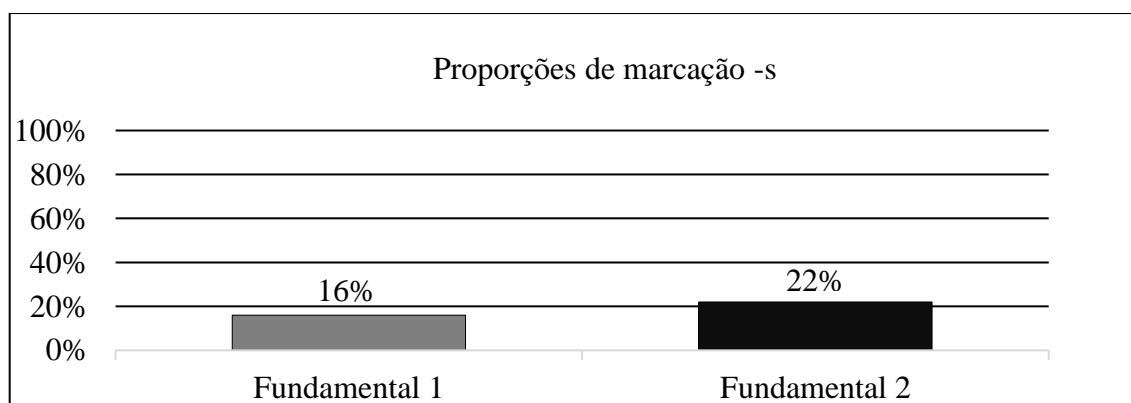
Fonte: Elaboração própria.

Em contrapartida, na amostra original do fundamental 2, há o predomínio do padrão *-is* com 58% (507/876) das ocorrências, seguido da não marcação com 26% (226/876) e do padrão *-s* com apenas 16% (143/876) como se pode conferir na *Tabela 70*. Dessa forma, a partir dessa amostra panorâmica dos resultados conferidos no grupo em *-au, -éu, -al e -el*, infere-se que a representação de plural no léxico mental da amostra dos informantes com menor nível de escolaridade é formada majoritariamente por itens de não marcação que formam feixes de exemplares que possivelmente se alimentam da migração de outros padrões de pluralização sobretudo de itens com frequência tipo baixa a exemplo dos itens que compartilhar terminações

em *-au* e *-éu*. Por outro lado – devido ao maior contato com a cultura escrita e inferência a partir da frequência tipo elevada do padrão *-is* como padrão mais produtivo no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* – o léxico mental da amostra dos informantes com maior exposição à educação formal é composto por feixes de exemplares com pluralização em *-is* com tamanha robustez que provoca a migração de itens do feixe de exemplares com não marcação e/ou com frequência tipo baixa a exemplo da pluralização em *-s* no grupo que compartilha as terminações *-au* e *-éu*.

Passando à observação das pluralizações em *-s* ou *-is*, a amostra foi reduzida a 858 ocorrência na rodada 2. Por este viés, constatou-se uma elevação expressiva da representatividade do padrão *-is* em ambas as amostras, bem como uma inversão da ordem de eventual favorecimento dessa estratégia apresentada na *Tabela 70*. Em relação à amostra geral dos dados, houve um aumento do padrão *-is* de 38% para 84% (175/208) na amostra do fundamental 1 e de 58% para 78% (507/650) de representatividade desse padrão no fundamental 2. Quanto ao padrão *-s*, a ordem de favorecimento original se manteve como se pode conferir no *Gráfico 72*:

Gráfico 72: Correlação entre nível de escolaridade e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el
 $\chi^2 = 161.62 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como visualizado no *Gráfico 72*, houve um inexpressivo aumento da estratégia *-s* da amostra geral para os dados da rodada 2 nos dois níveis de escolaridade: no fundamental 1 passou de 7% para 16% (33/208) e no fundamental 2, de 16% para 22% (143/650) dos registros (cf. *Tabela 70*). Houve, portanto, uma elevação da representatividade da estratégia *-s*, mas essa diferença entre os níveis de escolaridade foi reduzida em relação à amostra original. Como essa diferença fora considerada significativa para o qui-quadrado e a migração do padrão *-is* > *-s*

fora inexpressiva como se observará ainda nesta subseção, acreditar-se-ia que os informantes do fundamental 2 empregariam mais o plural esperado em *-s* que informantes que cursa(ra)m o ensino fundamental 1, mas essa eventual constatação não é corroborada quando se observam os resultados dos subgrupos separadamente.

Quando se aplicou o qui-quadrado para os subgrupos em *-al* e *-el* e *-au* e *-éu* separadamente, notou-se que naquele subgrupo houve 96% de plural esperado tanto para a amostra do fundamental 1 (151/158) quanto para o fundamental 2 (361/375), logo não houve correlação de algum desses níveis de escolaridade e a pluralização esperada no subgrupo em *-al* e *-el*. Em contrapartida, no subgrupo *-au* e *-éu*, as diferenças entre os resultados foram significativas: o plural esperado ocorreu entre os informantes do fundamental 1 com 52% (24/50) e no fundamental 2 com 47% (146/275) dos registros, logo a migração *-s > -is* foi predominante apenas entre os informantes do fundamental 2 com 53% (129/275) dos registros, ao passo que no fundamental 1, houve 48% (26/50) de dados dessa estratégia (cf. *Gráfico 10, Apêndice M*). Dessa forma, a partir da aplicação do qui-quadrado na rodada 2 com base em subgrupos morfológicos, os resultados específicos corroboram parcialmente aqueles observados na amostra original (cf. *Tabela 70*) haja vista que entre os informantes com maior nível de escolaridade também houve o maior emprego do padrão *-is*, todavia essa correlação só foi constatada como migração do plural esperado para o padrão *-is* na amostra subgrupo *-au* e *-éu*.

Em Huback (2007), constatou-se que nos subgrupos de ditongos orais decrescentes com terminação tanto em *-u* quanto em *-l*, o plural esperado foi favorecido apenas entre os informantes com nível universitário ao passo que entre os informantes com nível fundamental houve maior migração em ambos os subgrupos³⁶². Com amostra semelhante, a partir da aplicação do teste de palavras do PB, Gomes, Amaral e Prado (2018, p. 498) constataram que “[...] houve predomínio da forma *-is* entre os falantes com nível superior (62%) e distribuição equilibrada das duas formas de plural entre os falantes do EJA. Esse resultado aponta para uma generalização do padrão *-is* somente entre os falantes com ensino superior”. Provavelmente os resultados desta pesquisa se justifiquem em virtude de “... o teste com palavras do PB contém majoritariamente palavras de baixa frequência de ocorrência” (Gomes; Amaral; Prado, 2018, p. 498). Como na amostra do *Projeto ALiB* e *QPP* não foram considerados os questionários dos informantes com nível universitário e como não houve divisão das amostras do ensino

³⁶² Conferir *Tabela 44* e *Tabela 53* (Huback, 2007, p. 233, 243).

fundamental nessas duas pesquisas, não se pode inferir a partir de amostras parcialmente intercomparáveis.

Pelo exposto, conclui-se que no grupo com terminação em *-al*, *-el*, *-au* e *-éu*, assim como constatado no grupo em potencial contexto metafônico e no grupo com terminação em *-ão* (cf., respectivamente, *Gráfico 62*, subseção 5.3.1.5; *Gráfico 15*, subseção 5.1.1.7; *Gráfico 34*, subseção 5.2.1.7), a não marcação foi favorecida pela amostra do fundamental 1. Já o padrão mais produtivo em cada grupo foi mais recorrente na amostra do fundamental 2 (cf. *Tabela 35*, subseção 5.1.2.7; *Tabela 56*, subseção 5.2.2.7; *Tabela 70* nesta subseção e *Gráfico 11*, *Apêndice M*), logo houve uma tendência à pluralização com padrões mais salientes (marcação dupla, *-ões* e *-is*) entre os informantes com maior exposição à educação formal independentemente de esses padrões serem os plurais esperados como nestes dois últimos casos. Esse resultado corrobora parcialmente a hipótese inicial haja vista que apenas no grupo em potencial contexto metafônico houve emprego do padrão com frequência tipo baixa, nos demais, houve predomínio do plural mais produtivo sobretudo como resultado de migração.

5.3.2.6 Nível de contato com o público no mercado de trabalho

Ao longo da leitura, pode-se perceber que a variável nível de contato com o público no mercado de trabalho apresentou correlação com a não marcação em todas rodadas 1. Na rodada 2, assim como no grupo de lexias com terminação em *-ão*, no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e em seus subgrupos, o qui-quadrado selecionou esta variável como significativa (cf. *Quadro 1*, *Apêndice N*), logo apenas a marcação única em relação à marcação dupla no grupo em potencial contexto metafônico não apresentou correlação com a natureza do ambiente de trabalho dos informantes controlados. Assim sendo, embora seja uma variável pouco controlada na literatura linguística, constatou-se também que há uma correlação entre a não marcação em relação ao padrão *-is* assim como se percebeu uma correlação entre o emprego do padrão *-s* e o nível de contato com o público no mercado de trabalho no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e em relação ao plural esperado em seus subgrupos.

Observando a amostra geral do grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, notou-se que a marcação indiferente em relação à não marcação ocorreu em 55% (344/626) dos dados da amostra com menor contato com o público e em 72% (514/713) entre aqueles que apresentam maior contato com o público no mercado de trabalho, logo a não marcação ocorreu em 45% (282/626) dos

dados daquela amostra e em apenas 28% (199/713) dos registros desta amostra como se pode conferir na *Tabela 71*:

Tabela 71: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

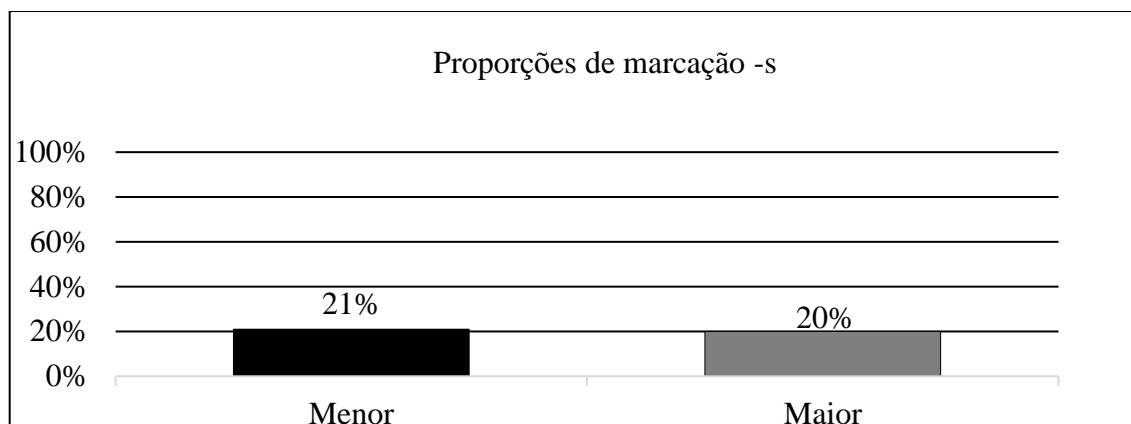
Fatores	-is		-s		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	271/626	43%	73/626	12%	282/626	45%
Maior contato	411/713	58%	103/713	14%	199/713	28%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

Fonte: Elaboração própria.

Numa amostra panorâmica como observando na *Tabela 71*, percebe-se evidências de uma eventual interação entre as duas faces da representação de plural. Por um lado, à medida que a representação da não marcação se fortalece no léxico mental do informante em face de sua menor interação com o público no ambiente de trabalho, provocando o predomínio da não marcação (45%) em detrimento dos demais padrões de plural em seu comportamento linguístico (padrão *-is* com 43% ou 271/626 e *-s* com apenas 12% ou 73/626); por outro lado, à medida que se fortalecem os feixes de exemplares com itens pluralizados indiferentemente, elevam-se os percentuais de marcação tanto do padrão *-is* (de 43% para 58% ou 411/713) quanto do padrão *-s* (de 12% para 14% ou 103/713), por conseguinte, enfraquecem-se os feixes de exemplares com não marcação entre aqueles com maior contato com o público em seus trabalhos, o que justifica a redução inversamente proporcional dessa estratégia de 45% para 28% entre as amostras dos informantes com menor para aqueles maior interação com o público no ambiente de trabalho, portanto, mais uma vez se constata a relação direta entre não marcação e a representação dos demais padrões de plural no léxico mental dos informantes.

Com relação às ocorrências do padrão *-s* em oposição a *-is*, na rodada 2 do grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, notou-se que a estratégia *-is* ocorreu em 79% (271/344) dos dados de informante que apresentam menor contato e com 80% (411/514) entre os informantes com maior contato com o público, logo a diferença entre o emprego do padrão *-s* foi limitada como se pode conferir no *Gráfico 73*:

Gráfico 73: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização da marcação -s versus marcação -is em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el
 $\chi^2 = 28.739 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se verifica no *Gráfico 73*, o padrão -s obteve 21% (73/344) dos registros entre os informantes com o menor contato e 20% (103/514) entre aqueles com o maior contato. Embora essa diferença se limite a 1% de eventual favorecimento do padrão -s entre os informantes com menor contato com o público, o teste qui-quadrado sinalizou com significativa essa diferença ($p = 8.282e-08$). Para melhor compreensão desse resultado, aplicou-se o qui-quadrado para os subgrupos *au*, *-éu* e *-al*, *-el*, corroborando a direção dos resultados obtidos a partir do controle do grupo original, bem como elevando a diferença entre as variantes controladas.

Observando o subgrupo em *au* e *-éu*, notou-se que o padrão esperado ocorreu em 50% (60/121) dos registros dos informantes com o menor contato e 47% (95/204) entre os informantes com o maior contato. Assim, a migração do padrão -s > -is ocorreu em 50% (61/121) dos dados daquela amostra e em 53% (109/204) nesta amostra (cf. *Gráfico 11*, *Apêndice M*). No subgrupo em *-al* e *-el*, o plural esperado foi observado em 94% (210/323) dos dados de informante que apresentam menor contato com o público e em 97% (302/310) entre os informantes com maior contato com o público no mercado de trabalho, logo a migração -is > -s representou 6% (13/223) dos registros daquela amostra e 3% (8/310) desta amostra (cf. *Gráfico 12*, *Apêndice M*). Como percebido, os resultados apresentados no *Gráfico 11* e *Gráfico 12* (*Apêndice M*) corroboram a direção dos resultados apresentados no *Gráfico 73* e eleva a diferença original de 1% para 3% a favor do maior emprego do padrão -is entre aqueles com maior contato com o público em ambos os subgrupos. Dessa forma, a migração para o padrão

-is se revela predominante apenas na amostra dos informantes com maior contato com o público quando observado o subgrupo em *au* e *-éu* e esse padrão se revela quase categórico nesta amostra quando se controlou o subgrupo em *-al* e *-el*.

Dessa forma, pela observação das rodadas 1 e 2 do grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, constatou-se que, quando comparadas ao padrão *-is*, a não marcação e o padrão *-s* são mais recorrentes no léxico mental dos informantes com menor contato com o público no mercado de trabalho ao passo que o padrão mais produtivo nesse grupo de ditongos forma feixes de exemplares mais robustos na representação mental daqueles que mais interagem com outras pessoas em ambientes de trabalho (cf., respectivamente, *Gráfico 63*, subseção 5.3.1.6; *Gráfico 73*, nesta subseção, *Gráfico 11* e *Gráfico 12*, *Apêndice M*). Também nas rodadas 1 do grupo em potencial contexto metafônico e com terminação em *-ão*, a não marcação foi mais recorrente entre aqueles com menor contato com o público (cf., respectivamente, *Gráfico 16*, subseção 5.1.1.8; *Gráfico 35*, subseção 5.2.1.8) e na rodada 2, o padrão mais produtivo no grupo em *-ão* (*-ões*) também foi mais recorrente na fala dos informantes com maior contato com o público (cf. *Tabela 57*, *Gráfico 45*, subseção 5.2.2.8) como constatado também com o padrão *-is*. Portanto, de forma geral, conclui-se que a não marcação apresenta menor representação no léxico mental daqueles com maior contato com o público levando ao fortalecimento de feixes de exemplares com padrões mais produtivos em cada grupo no léxico mental desses informantes.

5.3.2.7 Grau de monitoramento

Embora não seja comum o controle da variável grau de monitoramento na literatura linguística que versa sobre a representação de plural morfológico no PB em particular, o controle dessa variável previsora se revelou importante para a compreensão do tema haja vista que essa variável foi selecionada como significativa pelo teste qui-quadrado em todas rodadas 1 e 2 do grupo em potencial contexto metafônico e de lexias com terminação em *-ão*. No entanto, no grupo de lexias com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e seus subgrupos, só se constatou sua correlação quando se controlou o emprego dos padrões *-s* e *-is*.

Numa observação panorâmica dos dados, nota-se que a marcação indiferente ocorreu em 64% dos dados realizados tanto em situação de menor monitoramento (55/857) quanto de maior monitoramento (307/482), logo a não marcação ocorreu igualmente com 36% de representatividade naquela (306/857) e nesta amostra (175/482). Esses resultados dialogam com aqueles observados na rodada 1 (cf. *Tabela 60*, subseção 5.3.1) quando se constatou que

a não marcação em relação ao padrão *-is* ocorreu em 42% da amostra com menor monitoramento e com 41% na amostra com maior monitoramento. Dessa forma, conclui-se que a não marcação não apresenta correlação com o grau de monitoramento quando comparada ao padrão de plural mais produtivo do grupo controlado ou mesmo em relação à marcação indiferente. No entanto, na outra face da representação de plural, nota-se uma diferença entre o padrão *-is* e o padrão *-s* como se pode conferir na *Tabela 72*:

Tabela 72: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Fatores	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	429/857	50%	122/857	14%	306/857	36%
Maior	253/482	53%	54/482	11%	175/482	36%
Total geral	682/1339	51%	176/1339	13%	481/1339	36%

Fonte: Elaboração própria.

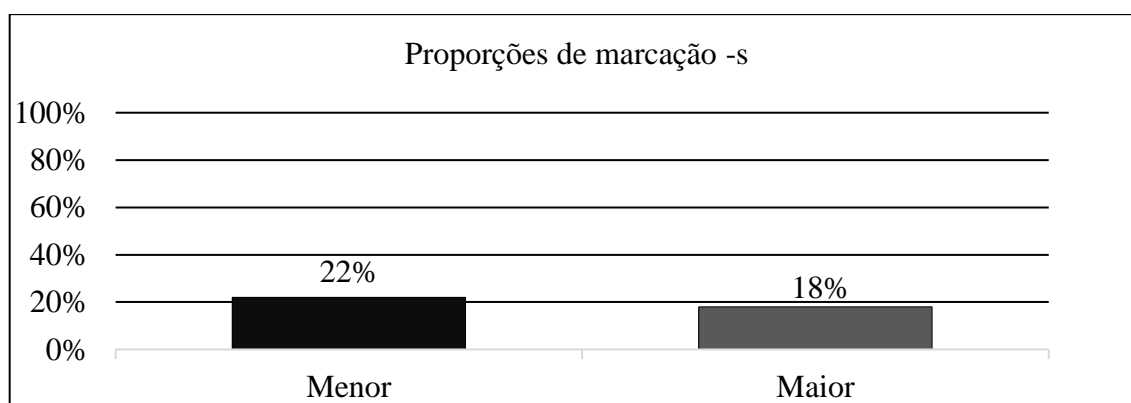
Como se pode inferir a partir da observação da *Tabela 72*, o padrão *-s* ocorreu em 14% (122/857) quando se tratava de contexto de menor monitoramento e em 11% (54/482) de maior monitoramento enquanto o padrão *-is* representou 50% (429/857) naquela amostra e 53% (253/482) nesta amostra de grau de monitoramento. Portanto, a partir da observação da amostra geral, chegou-se a duas constatações: i) a não marcação não interfere no favorecimento das estratégias *-s* ou *-is* quando se observa a variável grau de monitoramento e ii) o padrão *-is* não só predominou nos dois contextos de monitoramento linguístico, mas também foi favorecido pelo maior monitoramento.

A partir da perspectiva da Teoria de Exemplos como ilustrado no *Diagrama Canastra* (cf. *Figura 8*, subseção 4.3), entende-se que o léxico mental apresenta plasticidade imensurável de ampliação de informações sociais, significados, contextos pragmáticos de uso dos padrões de plural cujos exemplos são etiquetados com informações probabilísticas baseadas nas experiências. Assim sendo, por entender que o padrão *-is* seria aquele mais produtivo entre esses ditongos estudados, esse efeito probabilístico provocaria a associação desse padrão a contextos pragmáticos com maior monitoramento linguístico como eventos de avaliação

sobretudo na representação mental de informantes que não apresentam estreita ligação com a cultura erudita.

Os resultados da amostra geral observados na *Tabela 72* são corroborados por aqueles obtidos na rodada 2. Em relação ao padrão *-is, -s* também foi timidamente favorecido pelo contexto de menor monitoramento com 22% (122/551) dos dados enquanto em grau de maior monitoramento obteve 18% (54/307) de representatividade. Conferir resultado do qui-quadrado no *Gráfico 74*:

Gráfico 74: Correlação entre grau de monitoramento e a realização da marcação *-s* versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*
 $\chi^2 = 45.419 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode inferir pela observação do *Gráfico 74*, a estratégia *-is* ocorreu em 78% (429/551) dos dados em menor grau de monitoramento e com 82% (253/307) em situação de maior monitoramento. Assim sendo, entre os ditongos decrescentes orais controlados independentemente de suas distinções de gráficas, o padrão mais produtivo no grupo (*-is*) se revela como aquele mais robusto na representação mental dos informantes sobretudo quando associado a contextos pragmáticos mais monitorado.

Quando se leva em consideração a distinção gráfica, observou-se que no subgrupo em *-al* e *-el*, o padrão esperado ocorreu com 96% de representatividade em contexto de menor (350/365) e de maior (162/168) monitoramento e a migração *-is > -s* girou em torno de 4% naquela amostra (15/365) bem como nesta amostra (6/168). Pode-se comprovar que apenas no subgrupo em *-au* e *-éu*, a distinção entre os graus de monitoramento se revela significativa frente à realização do plural. Neste subgrupo, o plural esperado obteve 58% (107/186) dos dados em menor grau de monitoramento e 35% (48/139) em situação de maior monitoramento,

logo a migração *-s* > *-is* representou 42% (79/186) dos dados em momentos de menor grau de monitoramento e em 65% (91/139) em maior grau de monitoramento, logo a diferença de emprego da estratégia *-is* chega a 23 pontos percentuais de seu favorecimento em contextos de maior monitoramento (cf. *Gráfico 13, Apêndice M*), deixando evidente a interação entre as variáveis subgrupo morfológico e grau de monitoramento haja vista que a estratégia *-is* obteve a maior diferença significativa comparado ao padrão *-s* apenas no contexto de maior monitoramento do subgrupo *-au* e *-éu*.

Por tudo o que foi exposto, comprovou-se parcialmente a hipótese inicial de que a não marcação e o plural mais produtivo em cada grupo seriam mais recorrentes em situações de menor monitoramento uma vez que na rodada 1 do grupo em potencial contexto metafônico e das lexias com terminação em *-ão*, a não marcação foi mais recorrente nesse contexto de monitoramento (cf., respectivamente, *Gráfico 17, subseção 5.1.1.9; Gráfico 36, subseção 5.2.1.9*). Quanto ao emprego dos padrões de plural mais produtivos em cada grupo ser mais recorrente em contextos de menor monitoramento, a hipótese inicial foi refutada uma vez que emprego da marcação única, do padrão *-ões* e do padrão *-is* foi mais recorrente em situações de maior monitoramento em todos os grupos (cf., respectivamente, *Gráfico 26, subseção 5.1.2.9; Gráfico 36, subseção 5.2.2.9; Gráfico 74, nesta subseção*) e no subgrupo em *-au* e *-éu* (cf. *Gráfico 13, Apêndice M*). Dessa forma – com exceção do grupo em potencial contexto metafônico cuja probabilidade de o plural esperado ser o plural menos produtivo (marcação dupla) seria mais natural em virtude da configuração da amostra –, a partir de informações probabilísticas de uso dos padrões de plural, parece evidente que os informantes associaram ao padrão mais produtivo (*-ões* e *-is*) em cada grupo a etiquetagem de que seriam legítimas estratégias de pluralização sobretudo em atos de fala mais monitorados reforçando a dinamicidade e/ou plasticidade do léxico mental frente à categorização constante dos padrões de plural a partir das experiências de usos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, esta pesquisa foi planejada em duas frentes de investigação. Inicialmente, os padrões de plural de determinadas lexias dos grupos em potencial contexto metafônico, das lexias com terminação no ditongo *-ão* ou em ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w] – além de outros grupos não analisados neste trabalho (cf. *Apêndice B, D*) – foram descritos e analisados a partir de uma perspectiva histórico-normativa. Em seguida, observou-se a variação entre os empregos de plural mais produtivos, menos produtivos e a não marcação em cada grupo controlado à luz da Geossociolinguística Cognitiva. Como eixo norteado da Dialetologia, observou-se a relação entre tempo e espaço frente à normatização e/ou à variação no emprego dos padrões de plural em ambas as frentes de investigação e, conseqüentemente, o impacto provocado na representação de plural no léxico mental dos baianos nas últimas gerações.

A partir da perspectiva histórico-normativa, constataram-se indícios empíricos de que os padrões de plural empregados particularmente para algumas lexias controladas apresentaram variação em seus usos conforme a região ou estratificação social do falante. Ao observar as prescrições registradas em manuais de gramática e ortografia escritas por portugueses desde o século XVI e pelos brasileiros a partir do século XIX, ficou evidente que a normatização foi pautada parcialmente por critérios sociais e diatópicos sobretudo nas obras lusitanas haja vista que não se publicava na colônia nos três primeiros séculos após sua invasão pelos portugueses.

Ademais, em relação ao grupo de lexias com terminação em *-ão*, notou-se uma discrepância quanto aos critérios para a pluralização com os padrões *-ãos*, *-ães* ou *-ões* desde os primeiros séculos da normatização lusitana. Com a observação das 49 obras lusitanas e brasileiras consultadas, pode-se dobrar o número da classificação de Câmara Jr. (1975) sobre as tipologias das prescrições empregadas para a pluralização das lexias com terminação em *-ão*. Dessa forma, foram catalogados seis tipos de referências para a pluralização do grupo em *-ão*, ou seja, não só a *latinista* (explicação com base no latim), *espanhola* (analogia ao espanhol) e *exemplificista/classicista* (referência a exemplos dos clássicos) citadas por esse autor, como também as perspectivas *arcaísta/modernista* (com base no próprio português arcaico ou moderno), *(extra)linguística* (com base em aspectos sociais ou da própria língua) ou ainda de *perspectiva mista* (como explicações com base diversificada: latino-hispânica ou de outras naturezas). Esse emprego de perspectivas normativistas diferentes até mesmo numa mesma obra bem como a adoção de etimologias questionáveis recorrentes da falta de diálogo entre os

autores analisados revelam uma falta de percepção e/ou aceitação da variedade culta vigente em cada período da historiografia da língua portuguesa sobretudo entre os autores lusitanos.

Por meio desta perspectiva histórico-normativa, pode-se pontuar com precisão o período da entrada de inovações nos padrões de pluralização de cada lexia na norma padrão vigente em Portugal e no Brasil. Para além de meros aspectos gráficos, entre os três grupos controlados, não se constataram variações e/ou mudanças de forma generalizada, mas apenas em determinadas lexias dos subgrupos em (potencial) contexto metafônico, subgrupos com plurais etimológicos em *-anus*, *-ão* e isoladamente em *-anes*, *-al* e *-ol*. Em comum, aspectos como frequência tipo e frequência de ocorrência apresentam estreita relação com os usos e consequente inovações nas normatizações luso-brasileiras.

Em relação ao grupo em *-ão*, constatou-se que a prescrição inovadora (dupla) foi legitimada a partir de Lião (1576) e acentuada no final do século XVIII em obras lusitanas. Entre o século XIX e XXI, os autores brasileiros prescreveram o dobro das prescrições dupla e tripla em relação às citações lusitanas. Esses indícios da norma lusitana e sobretudo brasileira corroborariam a tese de Galves, Namiuti e Paixão Souza (2006) de que entre o século XVIII e XIX houve uma mudança na historiografia da língua portuguesa. Neste grupo morfológico, merece destaque as constatações de que *cidadões* já foi prescrito como alternativo a *cidadãos* em obras lusitanas: Lião (1576) e Vera (1631) e Barbosa (1822) como também pelo brasileiro Silva (1808) muito embora *-ões* fosse o padrão indicado segundo sua etimologia e padrão mais produtivo neste grupo. Já a possibilidade de alternância entre *alemães* e *alemões* foi conferida apenas em Jesus Maria (1783). Entre todas as lexias controladas no grupo em *-ão* nas obras luso-brasileiras até o século XXI, houve migração dos padrões originais das lexias *aldeão*, *cidadão*, *guardião*, *vulcão*, *anão*, *corrimão* e *alemão*, logo não houve migração dos plurais originais *mãos*, *cristãos*, *cães*, *pães*, *ladrões*, *leões* e *melões* ao longo de toda historiografia da normatização da língua portuguesa nesses dois países. Nesse sentido, apenas itens controlados com plurais etimológicos em *-ones* e de forma pontual em *-anes* não apresentaram alternativas de prescrição nas obras analisadas até a atualidade.

Em relação ao número de lexias com potencial de inovação na prescrição, também merecem destaques os plurais do grupo em (potencial) contexto metafônico. Constatou-se que a marcação dupla (timbre da vogal [o] aberto) surgiu tão-somente no segundo quartel do século XVI na norma lusitana e com possibilidade de variação legitimada entre [ɔ]ssos e [o]ssos em Lião (1576); apenas no século XVIII, foi expressiva a atenção dos autores com o tratamento da prescrição de plural para este grupo na normatização lusitana e *tij[o]los* também foi prescrito

em Lima (1736), mas houve uma omissão significativa no tratamento do tema no século XIX sobretudo entre os autores brasileiros; neste século na norma lusitana, *tij[o]los* outra vez é legitimado como única opção assim como *p[o]stos* pela primeira vez na prescrição em Barbosa (1822), em contrapartida, *m[ɔ]rros* foi prescrito por Coelho (1891) de forma única em toda historiografia e no final do século, *b[o]lsos* é prescrito por Dias (1894) de forma isolada; a partir do século XX, a marcação única é a opção de prescrição empregada para *cachorro* e *morro* em todas as obras, em contrapartida, a marcação dupla para *bolso* é legitimada na norma lusitana acompanhando as demais lexias analisadas; em contrapartida, entre os autores brasileiros, há um consenso da prescrição com marcação única para *bolso*, *cachorro* e *morro* e prescrição com marcação dupla para as demais lexias desde o início da normatização brasileira no século XIX até o século XXI.

Dessa forma, na norma luso-brasileira, a marcação dupla para *tijolo* passou a ser a única opção de prescrição a partir da obra de Coruja (1848) e *tij[o]los* deixa de ser prescrito pelos autores subsequentes, bem como a marcação única para *morro* também se tornou a única opção de prescrição a partir de Silva (1961) e *m[ɔ]rros* não é mais prescrito na norma do PE e do PB até a atualidade, já *b[o]lsos* passa a ser legitimada apenas no PE. Portanto se constatou que entre os gramáticos e ortógrafos lusitanos, há uma possível maior tendência pela prescrição do timbre aberto da vogal [o] em comparação ao PB atingindo até itens consolidados com pluralização regular no Brasil bom como se constatou um diálogo entre os autores brasileiros nem sempre percebido entre os autores lusitanos.

Quanto à normatização luso-brasileira a respeito dos grupos de lexias com terminação em ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w], não se notou variação dos padrões de plural no subgrupo de lexias com terminação em *-au* e *-éu*, mas apenas pontuais variações ortográficas. No subgrupo de lexias com terminação em *-al*, *-el*, *-il* e *-ol*, houve casos pontuais de variação e/ou prescrição não esperada para as lexias *real* (moeda), *barril*, *funil* e *gol*. Na norma lusitana, constatou-se que apenas o plural *reais* foi prescrito até o final do século XVIII. Do contrário, do século XIX ao XXI, tão-somente o plural *réis* foi prescrito para o PE. Na prescrição brasileira, na primeira metade do século XIX há a prescrição alternativa de *reais* e *réis*. A partir de Rabello (1872) até a atualidade, *réis* ainda é prescrito como plural absoluto. Apenas em Bechara (2009), *réis* e *reais* são prescritos como plurais alternativos mesmo se sabendo que a moeda corrente do Brasil traga em sua superfície o plural *2 reais*, *5 reais* entre outros, revelando um *anacronismo normativo*, já que há uma distorção entre realidade

linguística legitimada e a prescrição vigente sem qualquer justificativa coerente salvo o fato de que *réis* seria a abreviação de *reais* segundo autores de outrora (Silva, 1806; Coruja, 1848).

Na prescrição lusitana, também se constataram oscilações na grafia do plural de lexias como *barril* e *finil* (*-ijs* ~ *-iis*) até o primeiro quartel do século XVII, todavia a partir de Argote (1725), apenas o padrão *-is* é prescrito em Portugal como também no Brasil, logo se acredita que no português arcaico as terminações *-ijs* ~ *-iis* se configurariam como um hiato, seguido de um ditongo decrescente no português moderno e, posteriormente, de uma crase (*-is*) como registaram os gramáticos até a atualidade desde este autor. Já o plural de *gol* só fora citado nos últimos nove anos do século XX em obras brasileiras e em nenhuma obra lusitana houve o registro da pluralização desta lexia. *Gols* foi a única alternativa de pluralização legitimada pela prescrição brasileira, revelando o quanto a frequência de ocorrência alta pode sobrepor a atuação da frequência tipo, uma vez que o padrão *-is* é aquele mais produtivo que *-s* entre os ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w], mesmo assim este padrão foi associado à pluralização da lexia *gol* haja vista que apenas o plural *gols* se difundiu desde sua entrada na língua portuguesa e passou a ser empregada de forma muito recorrente sobretudo pelo expressivo número de torcedores dos campeonatos de futebol.

Por tudo o que foi exposto sobre a prescrição luso-brasileira ao longo dos 487 anos de normatização formal da língua portuguesa, concluiu-se que no grupo em *-ão*, houve migração de prescrição de plural recorrentemente entre itens com frequência de ocorrência baixa e em sentido ao padrão mais produtivo (*-ões*); no grupo em (potencial) contexto metafônico, a prescrição lusitana apresentou uma instabilidade na prescrição até o final do século XIX com migrações nos dois sentidos para a pluralização de *osso*, *tijolo*, *morro*, *posto* e *bolso*. Já a prescrição brasileira, desde sua origem, sempre prescreveu a marcação única para *cachorro*, *morro* e *bolso* e a marcação dupla para as demais controladas nesta tese (*osso*, *tijolo*, *posto*, *olho*, *forno*, *ovo*, *caroço* e *porco*), logo se constatou uma correlação entre a variável diatópica e prescrição luso-brasileira ao longo dos séculos com predomínio de migração para o timbre aberto na prescrição do PE. Já para a pluralização da moeda *real*, a prescrição brasileira se mostrou relativamente mais inovadora e/ou atualizada com os usos da língua. Assim sendo, nota-se que o *anacronismo normativo* se revela menos presente em obras do Brasil haja vista que a norma lusitana se revela ainda mais conservadora que a brasileira.

Quanto à frente de investigação descritiva, para a melhor compreensão de como as experiências diárias com a língua moldam as representações mentais de plural no PBA, passou-se a observar variáveis linguísticas e extralinguísticas a partir dos pressupostos teórico-

metodológicos da Dialetoologia, da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva, que juntos, denominou-se aqui como *Geossociolinguística Cognitiva*. Na impossibilidade da aplicação do teste de regressão logística para todas as rodadas de todos os grupos e subgrupo por razões já expostas, aplicou-se o teste qui-quadrado. Inicialmente, por meio deste teste, constatou-se que as diferenças entre os percentuais da não marcação, padrão mais produtivo e padrão menos produtivos seriam significativas em todas as rodadas envolvendo os três grupos e subgrupos controlados.

Numa observação geral dos dados, constatou-se que a estratégia predominante foi o plural mais produtivo (*-is*) quando se controlou o grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *al* e *-el*, seguido pela não marcação e o padrão menos produtivo neste grupo de ditongos (*-s*). No entanto, quando se observam os resultados de seus subgrupos, essa sequência de representatividade só se mantém no subgrupo em *al* e *-el*, já que a não marcação passa a liderar entre as estratégias seguida pelo plural menos produtivo (esperado: *-s*) e pelo padrão mais produtivo (*-is*) entre as lexias com terminação em *-au* e *-éu*. No grupo em potencial contexto metafônico, predominou o plural esperado e menos produtivo (marcação dupla) haja vista que neste grupo havia apenas lexias que favoreciam esse padrão, seguida da marcação única e não marcação com representatividade semelhante. No grupo em *-ão*, houve o predomínio da não marcação, seguida pelo padrão mais produtivo no grupo (*-ões*) e por outras marcações (*-ãos* e *-ães*) na terceira posição. Como observado, nos grupos com terminação em *-ão* e naquele *-au*, *-éu*, *al* e *-el*, não marcação é a estratégia predominante na maioria dos grupos controlados bem como no subgrupo em *-au* e *-éu*, portanto se constatou que essa estratégia seria aquela com maior representação no léxico mental dos informantes e, por conseguinte, sua retroalimentação interferiria diretamente na robustez dos demais feixes de exemplares.

É imperativo pontuar que a tese defendida neste trabalho partiu do princípio de que as representações mentais dos padrões de plural por grupo morfológico revelam a plasticidade do léxico mental e/ou sua imensurável capacidade de armazenar informações probabilísticas a respeito dos diversos usos da língua de sorte que informações de quais padrões de plural são mais empregados/adequados a determinados contextos linguísticos, sociais e pragmáticos são reforçados pela repetição de padrões variados para a pluralização de um mesmo grupo morfológico bem como pela repetição de uma mesma lexia em contexto de pluralidade. Assim sendo, também a eventual repetição da não marcação em contextos de menor monitoramento em eventos de audição ou de fala, por exemplo, reforçariam a informação no léxico mental de

que apenas em contextos (mais) formais essa estratégia não seria a melhor alternativa de pluralização a ser realizada.

Em face do expressivo número de não marcação de plural nos núcleos do SNs das amostras observadas e sua importância para a ampla compreensão da representação de plural, buscou-se analisar a relação entre a constante alimentação de feixes de exemplares por itens pluralizados com a não marcação e a migração sobretudo de itens com pluralização esperada menos produtiva em direção a feixes de exemplares mais robustos, o que corroboraria a tese de que não haveria apenas uma competição entre feixes de exemplares com o padrão esperado em oposição ao padrão menos esperado ou do padrão mais produtivo em oposição aos padrões menos produtivo com marcação de plural apenas na própria lexia, mas também haveria uma outra face da representação mental do plural caracterizada pela não marcação dos núcleos dos SNs que entraria em competição com os padrões da face mais evidente da pluralização na LP. Como notado, essa tese pode ser comprovada especialmente quando se comparou os resultados da não marcação e o plural mais produtivo no grupo em *-ão* e no subgrupo em *-au* e *-éu* com os resultados dessas mesmas estratégias nos demais (sub)grupos. A representatividade da não marcação naqueles (sub)grupos predominou na representação mental dos informantes de sorte que o plural mais produtivo (*-ões* e *-is*, respectivamente) obteve a segunda posição, ultrapassando apenas os padrões menos produtivos e/ou esperados. Do contrário, quando o plural esperado seria o mais produtivo no grupo como o padrão *-is* entre os ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w], esta estratégia desponta como aquela predominante na representação mental dos informantes, inibindo a migração de itens para feixes de exemplares composto por não marcação ou pelo padrão menos produtivo. Assim sendo, conclui-se que a representação mental do plural é composta por duas faces (não marcação *versus* marcações indiferentes) que se retroalimentam através da competição entre feixes de exemplares moldados a partir das experiências de uso da língua.

Em relação à face mais evidente da representação de plural, o padrão mais produtivo em cada grupo morfológico foi o padrão predominante apenas no grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *al* e *-el*, mais precisamente no subgrupo em *al* e *-el* como já se pontuou. Em contrapartida, apenas no grupo em potencial contexto metafônico, o padrão menos produtivo para pluralização neste grupo foi a estratégia mais representativa embora este resultado possa representar um enviesamento provocado pela ausência de lexias com baixo potencial metafônico na amostra analisada. Só com uma amostra com número equilibrado e amplo de lexias em contextos de maior e menor potencial metafônico, poder-se-ia apresentar resultados mais seguros e/ou

conclusivos sobre este grupo em especial. Dessa forma, pode-se concluir que depois da não marcação, a representação mental mais robusta seria aquela formada por padrões mais produtivos em cada grupo, o que deixa evidente a relevância da frequência tipo frente ao fortalecimento dessa segunda face da representação mental a qualquer custo a partir da migração de itens com baixa frequência de ocorrência em direção a feixes de exemplares formados por padrões de pluralização com maior frequência tipo, reforçando a competição entre feixes de exemplares com marcações redundantes sobretudo como maior frequência tipo que buscam inibir o papel da não marcação. Ao mesmo tempo, o expressivo número de itens com baixa frequência de ocorrência, geralmente motivados pelos contextos pragmáticos que desfavorecem a *proximidade imediata* ou *referenciação associativa* também são terrenos produtivos para o fortalecimento da representação mental da não marcação a partir da migração do plural esperado em cada grupo morfológico haja vista que itens com tais características como *forno*, *caroço*, *corrimão*, *melão*, *queixal*, *bocal*, *avental* e *véu*, entre outros, foram aqueles que mais fortaleceram os feixes de exemplares compostos por itens pluralizados com a não marcação. Assim sendo, concluiu-se que questões de ordem pragmática e da própria língua apresentam estreita relação com a retroalimentação e competição dos feixes de exemplares que formam as duas faces da representação de plural no PBA.

Quanto às variáveis linguísticas e extralinguísticas, os resultados do qui-quadrado sinalizaram a existência de correlação entre o emprego da não marcação e dos padrões de plural (menos) produtivos bem como entre os padrões com pluralização nos núcleos dos SNs em 9/10 variáveis previsoras controladas. Apenas sexo não foi selecionada em nenhuma dessas duas rodadas aplicadas a todos os (sub)grupos controlados, logo se concluiu que entre homens e mulheres não há diferenças significativas a respeito da representação mental de plural no que tange à não marcação em relação ao padrão esperado no grupo em (potencial) contexto metafônico, se comparada ao padrão mais produtivos no grupo em *-ão* ou dos ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w] bem como se comparada ao plural esperado nos subgrupos em *-au*, *-éu* e *-al*, *-el*. Da mesma forma, não se constataram diferenças significativas do ponto de vista estatístico entre o padrão produtivo e menos produtivo em cada grupo supracitado ou mesmo entre subgrupos, logo se infere que a representação mental desse fenômeno linguístico é indiferente à variável sexo.

No grupo em potencial contexto metafônico, além da variável sexo não ser selecionada como relevante na observação da não marcação em relação à marcação dupla (rodada 1) ou mesmo na comparação da marcação única em relação à marcação dupla (rodada 2) como

relatado, apenas a variável nível de contato com o público no mercado ocupacional não se revelou significativa nesta rodada, logo a marcação do plural apenas no núcleo dos SNs parece ser indiferente ao nível de interação verbal entre pessoas em ambiente de trabalho, todavia se constatou sua importância em relação ao fortalecimento da representação mental da não marcação em relação à marcação dupla haja vista que as experiências com o público parece inibir a migração de itens esperados para feixes de exemplares compostos por não marcação.

Quanto às demais variáveis, constatou-se que a não marcação foi menos recorrente a partir da quarta realização ao passo que a marcação única se elevou como a estratégia predominante neste momento, logo a marcação dupla predominou sobretudo nas primeiras realizações; a frequência de ocorrência baixa está correlacionada ao aumento da não marcação e da marcação única ao passo que a marcação dupla é mais recorrente entre itens com maior frequência de ocorrência; as lexias *forno* e *caroço*, nesta ordem, são aquelas que apresentam a maior migração para a não marcação ou para a marcação única enquanto *olho* e principalmente *ovo* são aquelas que mais inibem essa migração; as mesorregiões que acompanham a faixa costeira são aquelas que mais desfavorecem a não marcação e a marcação única sobretudo quando se observam os resultados da Região Metropolitana de Salvador onde a marcação dupla predomina em relação às demais mesorregiões; as novas gerações passaram a empregar de forma mais recorrente a não marcação para itens como *olho* de sorte que eventualmente esta lexia apresentou também maior migração em direção à marcação única mesmo que de forma pouco acentuada; em relação à pluralização de todas as lexias desse grupo, os informantes da faixa etária 1 empregam mais a não marcação e principalmente a marcação única se comparados aos informantes da faixa 2; o maior nível de escolaridade favorece a marcação dupla em detrimento dos demais padrões de plural e em relação ao grau de monitoramento, constatou-se que a marcação única e sobretudo a não marcação foram mais recorrentes em contextos de menor grau de monitoramento.

Dessa forma, a respeito do grupo em potencial contexto metafônico, merecem destaques os resultados inéditos sobre o fortalecimento da representação mental do plural esperado entre os informantes que residem sobretudo no perímetro litorâneo, com maior contato com o público em ambiente de trabalho e em situações de maior monitoramento linguístico bem como a constatação de que praticamente já se implementou a mudança de timbre de *vagal* [ɔ] para [o] quando se pluraliza a lexia *forno* e seguindo esse processo, encontra-se a lexia *caroço* em estágio menos acelerado de mudança na fala dos baianos que cursaram até o ensino fundamental 2.

A partir da observação dos resultados de todas as variáveis previsoras controladas no grupo de lexias com terminação em *-ão*, notaram-se muitas semelhanças com os resultados obtidos nas rodadas 1 e 2 do grupo em potencial contexto metafônico. Do controle das variáveis selecionadas naquele grupo, constatou-se que: a não marcação e outras marcações (*-ãos* e *-ães*) foram menos recorrente na primeira, mas sobretudo a partir da quarta ordem de realização em comparação ao padrão *-ões*; diferentemente do que se constatou nos demais grupos, a não marcação ocorreu de forma predominante entre os itens com frequência de ocorrência média e alta, mas também as lexias com essas classificações favoreceram outras marcações; as lexias pertencentes ao grupo monossilábico como *cão*, *mão* e *pão* foram aquelas que nas duas rodadas inibiram (semi)categoricamente a migração para a não marcação e para o padrão mais produtivo (*-ões*), pois no PB lexias com esta extensão silábica não são pluralizadas desta forma corroborando a atuação da frequência tipo ao passo que essas migrações envolveram principalmente itens com maior extensão e baixa frequência de ocorrência como *aldeão*, *vulcão* e *guardião*.

Ademais, no grupo de lexias com terminação em *-ão*, a não marcação e outras marcações foram mais recorrentes no Centro Sul Baiano e Extremo Oeste Baiano enquanto o padrão *-ões* se destacou no perímetro litorâneo sobretudo na Região Metropolitana de Salvador; a nova geração passou a empregar menos a não marcação como estratégia de pluralização de *leão*, *mão* e *pão* – diferentemente dos resultados obtidos com os demais grupos – mas também passou timidamente a diversificar a migração de outros padrões para *-ões* para a pluralização destas lexias ou mesmo de *-ães* para *-ões/-ãos* para a pluralização de *pão* como só se pode observar a partir de amostras intercomparáveis; corroborando os resultados obtidos na variável amostra/ano, também a não marcação foi menor recorrente entre os informantes da faixa etária 1 ao mesmo tempo que entre esses informantes também predominou a marcação mais produtiva no grupo; houve uma migração de todos os padrões em direção à não marcação entre os informantes do fundamental 1 enquanto no fundamental 2, houve uma migração de outras marcações e da não marcação em direção ao padrão mais produtivo neste grupo; a não marcação foi mais recorrente na representação mental daqueles com menor contato com o público no mercado ocupacional ao passo que a migração dessa estratégia provocou a predominância do padrão mais produtivo na representação mental dos informantes com maior contato com o público em ambiente de trabalho; a não marcação foi mais empregada em contexto de menor monitoramento enquanto houve uma migração de itens de não marcação para o plural mais produtivo neste grupo quando o contexto apresentou maior tensão. Dessa forma, com exceção

da neutralidade da variável sexo, todas as demais variáveis apresentaram correlação com a pluralização do grupo em *-ão*.

A partir dos resultados do grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, também se observaram muitas semelhanças com aqueles obtidos com a amostra geral ou com os dados das rodadas 1 e 2 do grupo em potencial contexto metafônico e com o grupo em *-ão*. No entanto, além da variável sexo, frequência de ocorrência e faixa etária não foram selecionadas nas duas rodadas e grau de monitoramento não se revelou significativa quando se controlou a não marcação em oposição ao padrão *-is*. Assim sendo, do controle das demais variáveis previsoras selecionadas neste grupo, constatou-se que: a partir da quarta realização do plural de cada lexia, a não marcação deixou de ser a alternativa mais recorrente e o padrão *-is* se destaca entre os demais padrões de pluralização já como padrão predominante no subgrupo em *-au* e *-éu* e como padrão categórico no subgrupo em *-al* e *-el*; as lexias *grau*, *pau*, *véu*, *chapéu*, *degrau* e *troféu* foram aquelas que mais favoreceram a não marcação ao passo que a maioria dessas lexias também foram aquelas que mais favoreceram a migração de padrão esperado como observado nas rodadas 1 e 2, corroborando a tese de que a constante retroalimentação de feixes de exemplares com a não marcação provoca o enfraquecimento da representação mental de plurais esperados sobretudo entre aqueles com padrão de plural caracterizado por frequência tipo baixa em cada grupo ou ainda entre aqueles itens com baixa frequência de ocorrência como se pode confirmar quando se observa a maior representatividade da não marcação no subgrupo em *-au*, *-éu* em comparação a *-al* e *-el* e a menor migração do plural esperado neste subgrupo, mas esta dinâmica de migração não é notada em itens como *grau*, pois sua frequência de ocorrência alta pode não inibir expressivamente a não marcação, mas o faz em relação ao padrão morfológico mais produtivo.

Não importando a perspectiva de observação, grosso modo, a não marcação é mais recorrente no interior sobretudo ao centro do Estado da Bahia e Extremo Oeste Baiano ao passo que o padrão mais produtivo no grupo de ditongos orais decrescente (*-is*) se concentra no perímetro litorâneo sobretudo no Sul Baiano e Região Metropolitana de Salvador; a não marcação foi mais recorrente entre algumas lexias na fala da nova geração, mas o padrão *-is* não foi o mais recorrente nessa mesma amostra, salvo exceções como o aumento de pluralizações como *degrais* e *chapéis* na fala das novas gerações baianas quando observados os dados gerais de forma intercomparável; a não marcação foi mais recorrente entre os informantes do fundamental 1 independentemente da perspectiva de observação enquanto no fundamental 2, essa estratégia foi menos recorrente ao passo que houve uma migração de padrão apenas no

subgrupo em *-au* e *-éu* na fala daqueles com maior nível de escolaridade, logo o nível de escolaridade não apresentou correlação com a migração no subgrupo em *-al* e *-el*; a não marcação se revelou mais fortalecida na representação mental daqueles com menor contato com o público no ambiente de trabalho enquanto o padrão *-is* se revelou predominante na representação mental dos informantes com maior contato com o público no mercado ocupacional independentemente da perspectiva de observação e quanto à variável grau de monitoramento, constatou-se com segurança que apenas no subgrupo em *-au* e *-éu*, o plural esperado foi preterido em relação à não marcação enquanto houve predomínio do padrão mais produtivo em contextos de maior monitoramento, ressaltando o quanto pluralizações mais salientes e/ou mais produtivas são melhores avaliadas em contextos mais formais de fala. Embora a variável frequência de ocorrência não fora considerada significativa estatisticamente quando se controlou o grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, quando observados os subgrupos separadamente, essa variável se revelou significativa de sorte que tanto no subgrupo em *-au* e *-éu* quanto naquele com terminação em *-al* e *-el*, houve uma gradativa redução da não marcação à medida que se elevava a classificação da frequência de ocorrência das lexias ao passo que o plural esperado em cada subgrupo (*-s* e *-is*, respectivamente) também se elevou gradativamente entre os itens com maior frequência de ocorrência.

Comparando a correlação entre cada variável previsora e a realização dos padrões de plural nos grupos controlados, conclui-se na face da representação mental composta pela não marcação, este padrão foi mais recorrente nas primeiras realizações. Em relação à segunda face da representação mental, concluiu-se que a marcação única, o padrão *-ões* e *-is* foram expressivamente mais recorrentes a partir da quarta realização, logo se comprova que com a intensiva repetição de uma mesma lexia de forma pluralizada, a estratégia com maior frequência tipo nesses grupos seria acessada no léxico mental de forma rápida em face de sua robustez na representação mental. Dessa forma, entende-se que a repetição constante de contextos pluralizáveis – sobretudo de uma mesma lexia – cria um padrão de pluralização na representação mental dos informantes que são baseados em informações probabilísticas da língua logo a partir da terceira realização, o cérebro passaria a seguir um *script linguístico* direcionado a produções e/ou respostas baseadas em pluralizações mais recorrentes em cada grupo morfológico: marcação única, o padrão *-ões* e *-is*.

Quanto à variável frequência de ocorrência, constatou-se que geralmente os itens com maior frequência foram aqueles que mais inibiram a migração para a não marcação ao passo que as lexias com essa classificação apresentaram correlação com a marcação dupla, outras

marcações (-ãos e -ães), o padrão -s no subgrupo em -au e -éu ou -is no subgrupo em -al e -el. Esses resultados vão ao encontro daqueles obtidos em trabalhos pioneiros sobre o papel da frequência de ocorrência e a frequência tipo como demonstrado em Huback (2007). Dessa forma, assim como sugerido por Gomes, Amaral e Prado (2018) sobre estes dois subgrupos, a falta ou mesmo baixa representação mental de pluralização de determinada lexia promoveria a predominância dos padrões mais produtivos em cada grupo, reforçando a premissa de que as repetidas experiências com os variados usos da língua impactam diretamente na constante (re)formação do léxico mental.

Como observado, as lexias *forno, caroco, aldeão, vulcão, guardião, troféu, chapéu* foram aquelas que apresentam maior representatividade de migração para a não marcação ou para o padrão mais produtivo em cada (sub)grupo enquanto *bocal e pedal* estiveram ao mesmo tempo entre aquelas como maior representatividade de não marcação e do padrão menos produtivo entre os ditongos com terminação em vogal + [w]. Em contrapartida, *olho, ovo, cão, mão, pão, grau, real, policial, hospital e pastel* foram as lexias que mais inibiram a não marcação ao passo que também o plural esperado – e/ou mais produtivo para os quatro últimos itens – foi mais expressivo entre esses itens. Todas aquelas que se destacaram com migração para a não marcação são itens classificados com frequência de ocorrência média ou sobretudo baixa enquanto nesta segunda lista, quase todas as lexias são de frequência de ocorrência alta. Apenas *cão e pão* são classificados como de frequência de ocorrência média, mas são monossílabos protegidos da migração pela atuação da frequência tipo. Dessa forma, sobre a variável lexia, é relevante pontuar que é essencialmente a atuação conjunta das baixas frequências tipo e de ocorrência que fortalecem a representação mental da não marcação e que geralmente potencializa o emprego de padrões mais produtivos e/ou não esperado.

A respeito da atuação da variável diatópica, constatou-se que a não marcação foi mais recorrente no interior do Estado da Bahia enquanto a marcações mais salientes (dupla marcação) e/ou mais produtivas em cada grupo (-ões e -is) foram mais recorrentes no perímetro litorâneo sobretudo na Região Metropolitana de Salvador. Com os resultados de todas as rodadas, pode-se traçar uma área dialetal com predomínio da não marcação localizada ao centro do Estado sobretudo no Centro Norte Baiano, espreado-se pelo Centro Sul Baiano e Extremo Oeste Baiano na maioria dos (sub)grupos controlados. Em contrapartida, as realizações mais salientes e/ou produtivas em cada grupo formam uma área dialetal que se estende da Região Metropolitana de Salvador em diferentes às mesorregiões banhadas pelo mar. Assim sendo, parece evidente que a inovação em direção à não marcação segue em direção ao interior da

Bahia ao passo que a manutenção da dupla marcação e o intenso uso dos padrões plurais mais produtivos no grupo em *-ão* e em ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w] estão correlacionados a mesorregiões com maior densidade e desenvolvimento socioeconômico a exemplo da extensão territorial próxima ao litoral baiano.

Com relação à variável amostra/ano, no que diz respeito à natureza dos questionários e aos resultados obtidos, notou-se que os informantes da amostra *QPP* foram mais espontâneos em suas realizações de plural se comparados aos informantes da amostra do *Projeto ALiB* em virtude da configuração específica daquele questionário e de sua aplicação menos tensa. Sobre a atuação da “variável diacronia”, a partir da observação de amostras intercomparáveis, constatou-se que as novas gerações empregaram menos a não marcação para a pluralização do grupo em potencial contexto metafônico, com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el* e em *-ão*, mas com diferenças expressivas apenas grupo. Também houve uma redução do emprego dos padrões mais produtivos de forma geral na amostra do *QPP*. Possivelmente, essa redução da não marcação e do plural mais produtivo também esteja correlacionada à maior exposição à educação formal mais comum entre as novas gerações.

Corroborando os resultados obtidos na variável amostra/ano, quando se observou a correlação da faixa etária a partir da observação de todas as amostras juntas, constatou-se uma redução da não marcação e elevação do plural mais produtivo entre os informantes da faixa etária 1 como notado nos grupos com terminação em *-ão*, bem como em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*. Apenas no grupo em potencial contexto metafônico, não houve diferença entre os resultados da não marcação entre as amostras, mas também o plural mais produtivo foi observado na fala da faixa etária 1. Dessa forma, entende-se que as novas gerações da amostra do *Projeto ALiB* e do *QPP* apresentam uma menor representação mental da não marcação o que conseqüentemente provocou o fortalecimento de feixes de exemplares com padrões de plurais mais produtivos de forma generalizada, revelando o quanto as novas gerações avaliam de forma positiva a marcação única e os padrões *-ões* e *-is*.

A não marcação não só foi mais frequente entre os informantes com menor nível de escolaridade em todos os grupos, como também foi a estratégia predominante em relação às outras variantes resposta no grupo em *-ão* e no grupo em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*. Em contrapartida, houve um predomínio das pluralizações mais salientes (marcação dupla) e/ou mais produtivas (*-ões* e *-is*) na amostra dos informantes como maior nível de escolaridade em face da migração de itens dos feixes de exemplares compostos por não marcação e outros padrões menos produtivos que compõem, respectivamente, os grupos em potencial contexto metafônico e em

-ão e especificamente no subgrupo em *-au* e *-éu*. Dessa forma, conclui-se que a maior exposição à educação formal retroalimenta os feixes de exemplares com padrões mais salientes e, por vezes, mais produtivos em face do enfraquecimento da representação mental da não marcação.

No que diz respeito ao nível de contato com o público no mercado ocupacional, constatou-se que no grupo em *-ão* e em *-au*, *-éu* e *-al*, *-el*, os padrões mais produtivos em cada grupo (*-ões* e *-is*, respectivamente) foram aqueles que foram mais facilmente acessados no léxico mental dos informantes com maior contato com o público. Em contrapartida, na face da representação mental composta pela não marcação, esse padrão de plural revelou estreita relação com contextos de menor contato com o público em todos os grupos e subgrupos controlados. Dessa forma, constatou-se que há informações probabilísticas que moldam as faces das representações mentais em direção à associação da não marcação a eventos de maior interação verbal em ambientes de menor contato com o público ao passo que os padrões mais produtivos geralmente são mais associados e provavelmente empregados em contextos de maior interação verbal em ambiente de trabalho, corroborando a máxima da Sociolinguística de que pessoas que mais interagem no mercado de trabalho (cf. Scherre, 1988) e se deslocam como maior frequência tendem a provocar inovações em seu comportamento linguístico.

Corroborando a correlação entre maior contato com o público no mercado ocupacional e a inibição da não marcação com o favorecimento de padrões mais produtivo e/ou saliente em cada grupo morfológico, foi constatado ao logo da tese que a não marcação fora menos frequente nas mesorregiões do Sul Baiano e da Região Metropolitana de Salvador e a marcação dupla, padrão *-ões* e *-is* foram mais recorrentes nesta mesorregião, perímetro do Estado da Bahia com a maior densidade demográfica e desenvolvimento do comércio, entre outros segmentos que demandam maior interação entre pessoas em ambiente de trabalho (cf. *Figura 21, 22, 23, 24, 25*, subseção 5.1.1.4). Portanto, a partir da observação indireta dos resultados da variável mesorregião, conferindo os resultados da variável nível de contato com o público no mercado ocupacional, não só se comprova a hipótese inicial de que espaços geográficos ou ambientes de trabalho como maior interação social promovem a inibição da não marcação como também favorecem padrões mais produtivos e/ou salientes na representação mental e fala de seus habitantes ou trabalhadores.

Com exceção da rodada 1 do grupo com terminação em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*, a variável grau de monitoramento linguístico apresentou correlação com as demais rodadas em todos os grupos controlados. No entanto, quando observados separadamente, constatou-se que na amostra panorâmica os subgrupos em *-au*, *-éu* e em *-al*, *-el*, bem como os demais grupos obtiveram

maior representatividade da não marcação em contexto de menor monitoramento. Em contrapartida, de modo geral, houve uma migração massiva da não marcação para o padrão mais produtivo e/ou mais saliente quando os informantes notaram a necessidade de maior monitoramento linguístico. Dessa forma, mesmo numa amostra composta por informantes com poucos anos de escolaridade, conclui-se que no léxico mental desses informantes há informações probabilísticas de que a não marcação não é avaliada positivamente em contextos de maior monitoramento ao passo que os padrões produtivos (*-ões* e *-is*) e/ou mais salientes (marcação dupla) em cada grupo seriam os mais adequados para tais situações de fala.

Por tudo o que foi exposto, provavelmente a maior contribuição desta tese esteja vinculada à constatação da retroalimentação dos feixes de exemplares a partir da interação entre as duas faces da representação de plural haja vista que a não marcação é um padrão de pluralização tão importante quantos os demais padrões já estudados na literatura existente. Ademais, pode-se comprovar sua relevância frente à manutenção ou migração de padrões esperados nos grupos controlados. Dessa forma, constatou-se que o fortalecimento de feixes de exemplares compostos por não marcação desencadeia o enfraquecimento de outros padrões de plurais sobretudo daqueles menos produtivos em cada grupo como notado especialmente no subgrupo em *-au* e *-éu* ao passo que feixes de exemplares potencialmente produtivos como o padrão *-is* no grupo de ditongos orais decrescentes com terminação em vogal + [w] impactam diretamente na limitação da representação mental da não marcação, corroborando a proposição de que o léxico mental é plástico e moldado constantemente, com capacidade imensurável de armazenar informações probabilísticas sobre a pluralização no PB.

Em relação ao controle de variáveis previsoras em relação aos demais trabalhos publicados sobre a pluralização no PB, merecem destaques os resultados obtidos a partir da observação das variáveis ordem de realização, nível de contato com o público no mercado ocupacional, grau de monitoramento, variável diatópica e “diacrônica” uma vez que também se aplicou um estudo de mudança em tempo real de curta duração do tipo tendência de forma sistemática em todas as mesorregiões do Estado da Bahia haja vista que tais variáveis não foram levadas em consideração nos trabalhos existentes sobre o tema em questão por razões distintas. Ademais, com os resultados obtidos, corrobora-se a proposição de que estruturas morfológicas emergem de interconexões baseadas em semelhanças semânticas e fonológicas que são fortalecidas constantemente pela frequência de uso de cada palavra ou de padrão de plural no PB reforçando a contribuição do nível lexical para a compreensão de fenômenos do nível morfológico ou mesmo outros níveis da língua.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Gramática: texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999 [1943].
- ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos: 1964 [1921].
- _____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos: 1966 [1923].
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].
- AMARAL, Thiago Lucius Alvarez; GOMES, Christina Abreu. A variação em formas do plural de itens do PB e seus aspectos cognitivos e sociais. In: WITCHES, Pedro Henrique et al (org.). *Conquistas e desafios dos estudos linguísticos na contemporaneidade: trabalhos do V Congresso Nacional de Estudos Linguísticos - V CONEL*. Porto Alegre, RS: Fi, p. 352-359, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2588/1/28%20-Pedro%20Henriques%20Witches-%20Linguistica.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- AMARANTE, José. *Latinitas: leitura de textos em língua latina: fábulas mitológicas e esópicas, epigramas, epístolas*. vol. 1. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ANDERSON, Stephen. R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANTONINO, Vivian. Salvador: um estudo da concordância nominal de número. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus (org.). *Salvador, sob o olhar da sociolinguística*. Feira de Santana: UEFS, 2013. p. 9-29.
- ARGOTE, Jeronymo Contador de. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina: ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. 2. ed. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1725.
- ARONOFF, Mark. *Word in generative grammar*. Massachusetts: The MIT Press, 1976.
- ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (ed.). *The handbook of morphology*. Oxford-UK: Blackwell Publishing, 2001. p. 237-247.
- ARRUDA, Lígia. *Gramática de português: para estrangeiros*. Porto: Porto Editora, 2006.

- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Grammatica nacional*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1864.
- AZALIM, Cristina et al. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, São Paulo, p. 513-545, abr./jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000200513&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 nov. 2020.
- BAAZEN, R. H. *Analyzing linguistic data: a practical introduction to statistics using R*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BARBOSA, Jerónimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Typographia das Academia das Sciencias, 1822.
- BARBOSA, Osmar. *Dicionário de flexões das palavras*. Rio de Janeiro: Ediouro, [1973?].
- BARRETTO, Ioam Franco. *Ortografia da lingua portvgveza*. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1671.
- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. [s.l]: Olyssiponeapud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKER, R. A.; CHAMBERS, J. M.; WILKS, A. R. *The news language: a programming environment for data analysis and graphics*. Wadsworth & Brooks/Cole, Pacific Grove, 1988.
- BELANDO, Mariane Garin; SEARA, Izabel Christine; AGOSTINHO, Ana Livia. Estudo acústico sobre a dupla marcação de plural em adjetivos derivados em -oso(s) no português brasileiro. *Gradus*, v. 4, n. 2, Curitiba, p. 32-58, dez. 2019. Disponível em: <https://gradusjournal.com/>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- BESERRA, Manoel Soares da Silva. *Compendio de grammatica philosophica*. Ceará: Typographia Social, 1861.
- BIACCHI, Thiago Reis. *Flexão de número em nomes do português culto usado no Brasil: uma análise sincrônica*. 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Sergio Miceli et al., 2. ed., reimpressão, São Paulo: Editora da USP, 2008 [1982].
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.

- BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1., Rio de Janeiro, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro, PUC, 1976, p. 464-477.
- BRANCO, António. *Nova gramática da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1973.
- BRASIL. Decreto n. 30.643, de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 22 de mar. 1952. Seção 1. p. 46666. Disponível em:
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 out. 2013.
- BUENO, Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- _____. Morphology as lexical organization. In: BYBEE, Joan L. *Theoretical morphology*. [s/l]: Academic Press, 1988. p. 119-141.
- _____. Natural morphology: the organization of paradigms and language acquisition. In: HUEBNER, Thom; FERGUSON, Charles A. (ed.). *Cross currents in second language acquisition and linguistic theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 67-91.
- _____. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, n. 10, Cambridge, p. 425-455, 1995.
- _____. Modelo de redes en morfología. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 11, Las Palmas de Gran Canaria, 1996. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996, p. 59-74.
- _____. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, v. 14, [s/l], p. 261-290, 2002.
- _____. *Frequency of use and the organization of language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde Goreti. As subcategorias nominais contáveis e não-contáveis. In: KATO, Mary A. (org.). *Gramática do português falado: volume V: convergências*. 2. ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. p. 161-188.

- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 4. ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Jozon, 1968 [1964].
- _____. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972 [1964].
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- CAMÕES, Luis de. *Os lvsiadas*. Lisboa: Casa de Antonio Gõnçalvez Impressor, 1572.
- CAPELLARI, Elaine T. C.; ZILLES, Ana M. S. A marcação de plural na linguagem infantil: estudo longitudinal. *Revista da ABRALIN*, [S.l., s.n.], v. 1, n. 1, p. 185-218, jul. 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52708/32409>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CAMPOS, Odette G. L. A. de Souza; RODRIGUES, Ângela C. S. Flexão nominal: indicação de pluralidade no sintagma nominal. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado: volume II: níveis de análise lingüística*. 4 ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. p. 101-122.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. Dialetoлогия. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). *Sociolingüística, sociolingüísticas: uma tradição*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-22.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas lingüístico do Brasil*. Londrina: Eduel, v. 1, 2014a.
- _____. *Atlas lingüístico do Brasil*. Londrina: Eduel, v. 2, 2014b.
- CASIMIRO, João Joaquim. *Methodo grammatical resumido da lingua portugueza*. 2. ed. Porto: Offi. de Antonio Alvarez Ribeiro, 1803.
- CAVACAS, Augusto d'Almeida. *A língua portuguesa e sua metafonía*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.
- CHAMBERS, J. K. Correlations. In: _____ (ed.). *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. England: Oxford, 1995. p. 1-33.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao século das luzes*. Tradução: Hildegard Feist. 1. ed., 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 113-161.

- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.
- COELHO, F. Adolpho. *Noções elementares de grammatica portuguesa*. Porto: Lemos, 1891.
- _____. *A lingua portugeza: noções de glottologia geral e especial portugeza*. v. 1. 3. ed. Porto: Magalhães & Moniz, [s.d].
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- _____. *Projeto atlas lingüístico do Brasil*. UFBA: Instituto de Letras, 2003. Digitado.
- _____. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Instituto de Letras, 1998 (edição digitada). Salvador: Vento Leste, 2014.
- CORTESÃO, A. A. *Nova gramática portuguesa*. 7. ed. Coimbra: F. França Amado, 1907.
- CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da orthografia da lingua nacional*. Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1848.
- COSTA, Cristiane Ferreira. Análise histórica da formação de plural em palavras terminadas por -al: uma interpretação seguindo a teoria da otimidade. *Revista virtual de estudos da linguagem – verEL*, n. 7, p. 1-15, ago. 2006. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 22 nov. 2020.
- COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (org.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís; ALMEIDA, Leonardo; GUEDRI, Christine. Perda da marca de plural no português brasileiro: contribuições da fonologia. *Revista de estudos da linguagem*, v. 15, n. 2, Belo Horizonte, p. 207-228, 2007.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Organização fonológica de marcas de plural no português brasileiro: uma abordagem multirrepresentacional. *Revista da ABRALIN*, v. XI, n. 1, p. 273-306, 2012.
- _____. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Teoria de exemplares. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-168.
- CROFT, William. *Exemplar semantics*. 2007. Disponível em: <https://www.unm.edu/~wcroft/Papers/CSDL8-paper.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2021.

- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988 [1978].
- CUESTA; Pilar Vazquez; LUZ, Maria Albertina Mendes de. *Gramática da língua portuguesa*. Tradução de Gabriela de Matos; Ana Maria Brito. 3. ed. Lisboa: Lexis, 1980 [1949].
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.
- CUNHA, Viviane. A questão da origem da metafonía no português. *Scripta*, v. 4, n. 7, Belo Horizonte, p. 37-43, 2000. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10373>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. [s.l.]: online, 2016 (43min19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNBr7G7Nv2c>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Grammatica portugueza elementar*. 9. ed. Lisboa: A. Ferreira Machado, 1894.
- DIAS et al. *Gramática universal escolar: 2º e 3º ciclos do ensino básico*. 2. ed. Lisboa: Texto, 1999 [1998].
- DORIA, Antônio de Sampaio. *Como se aprende a lingua: curso elementar*. 5. ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.
- DUARTE, Antonio da Costa. *Compendio da grammatica portuguesa: para uso das escolas de primeiras letras*. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2001 [1973].
- ECKERT, P.; WENGER, E. From school to work: an apprenticeship in institutional identity. *Working Papers on Learning and Identity*, n. 1, Palo Alto, p. 1-17, 1994. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.489.5542>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Reviews in advance*, California, p. 87-100, jun. 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA. *Guia industrial do Estado da Bahia – 2002*. Salvador, 2002.
- FERNANDES, Álvaro Garcia. *Gramática-prontuário da língua portuguesa*. [s.l.]: Lello, 2000.

- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. La recogida de materiales. In: _____. *Metodología sociolingüística*. Madrid: Sánchez Pacheco, 1990. p. 39-105.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996 [1975].
- FERREIRA, A. Gomes; FIGUEIREDO, J. Nunes de. *Gramática elementar da língua portuguesa: para o ensino preparatório*. Lisboa: Porto Editora, 1970.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FEYJÓ, João de Moraes Madureyra. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa: para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Gramática sintética da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1920.
- FONTINHA, Rodrigo. *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, s/d.
- GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; NAMIUTI, Cristiane. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIE, B. (org.). *Grammatische strukturen des europaischen portugiesisch: synchorone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, pronomina, präpositionen und mehr*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.
- GALVES, Charlotte. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, Tânia et al. (org.). *Rosae: lingüística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 65-74.
- GANDAVO, Pero de Magalhães de. *Regras qve ensinam a maneira de escrever e a orthographia da lingua portuguesa, com hum dialogo que a diante se segue em defesa da mesma lingua*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1574.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910, 1915.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981 [1979].

GOLDINGER, Stephen D. Words and voices: episodic traces in spoken word identification and recognition memory. *Journal of Experimental Psychology: learning, memory, and cognition*, n. 22, v. 5, Washington, p. 1166-1183, 1996.

GOMES, Christina Abreu; MANOEL, Carolina Gonçalves. Flexão de número na gramática da criança e na gramática do adulto. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, n. 1, Juiz de Fora, p. 122-134, 2010. Disponível em:

<https://go.gale.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA343156438&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=14152533&p=AONE&sw=w>. Acesso em: 22 nov. 2020.

_____; AMARAL, Thiago Lucius Alvarez; PRADO, Lídia Oliveira do. Plural de nomes no português brasileiro: variação, indivíduo, escolaridade e o papel do léxico. *Diadorim*, v. 20, n. Especial, Rio de Janeiro, p. 489-506, 2018. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/23287>. Acesso em: 22 nov. 2020.

_____. Aspectos cognitivos e sociais da variação linguística na alternância de formas de plural de nomes do PB. (a sair) In: ORSINI, M.; CAVALCANTE, S. R.; MARINS, J. (org.). *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe – uma homenagem a Maria Eugênia Lamoglia Duarte*. Rio de Janeiro: Pimenta Cultural, 2021, a sair.

_____. Teoria de exemplares. In: HORA, Dermeval da. *Curso de fonética e fonologia*. 2021. Disponível em: https://nortonsafe.search.ask.com/search?q=teoria+de+exemplares&page=1&ctype=videos&geo=pt_BR&doi=2021-08-17&cmpgn=jul21&o=APN12179&p2=%5EEQ%5Ejul21%5E&qo=navTop. Acesso em: 25 set. 2021.

GOMES, Lindolfo. Metafonia no plural dos nomes. *Revista de filologia portuguesa*, n. 19/20, São Paulo, p. 125-132, 1925.

GNERRE, Maria Bernadete M. Abaurre. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 5, São Paulo, p. 127-156, 1983. Disponível em: <file:///C:/Users/jadio/Downloads/8636631-Texto%20do%20artigo-6369-1-10-20150617.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

GRIVET, A. *Nova grammatica analytica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1881.

GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira; SILVA, Thais Cristófar; GOMES, Christina Abreu. Aquisição do plural irregular no português brasileiro: uma abordagem baseada em exemplares. *Linguística*, v. 16, Rio de Janeiro, p. 622-645, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/1031513/linguistica.2020.v16nEsp.a21500>. Acesso em: 22 nov. 2021.

- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HARRIS, Zellig S. Morpheme alternants in linguistic analysis. *Language*, v. 18, n. 3, p. 169-180, jul.-set., 1942. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/409550>. Acesso em: 12 set. 2019.
- HINTZMAN, D. L. "Schema abstraction" in a multiple-trace memory model. *Psychological Review*, v. 93, p. 411-28, 1986.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegómenos a uma teoria del lenguaje*. Madrid: Gredos, 1963.
- HOCKETT, Charles F. A system of descriptive phonology. *Language*, v. 18, n. 1, p. 3- 21, jan.-mar. 1942. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/409073>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- _____. Problems morphemic analysis. *Language*, v. 23, n. 4, p. 321-343, out.-dez. 1947. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/410295>. Acesso em: 12 set. 2019.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- _____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUBACK, Ana Paula Silva. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. 2007. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- _____. Plurais irregulares do português brasileiro: efeitos e frequência. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/download/52337/32236>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- _____. Plurais em -ão do português brasileiro: efeitos de frequência. *Revista Linguística*, v. 6, n. 1, Rio de Janeiro, p. 9-28, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4436>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- _____. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *D.E.L.T.A.*, v. 29, n. 1, São Paulo, p. 79-94, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502013000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 8 mar 2021.
- HUDSON, Richard Anthony. The quantitative study of speech. In: _____. *Sociolinguistics*. New York: Cambridge University Press, 1991. p. 138-190.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico Bahia – 1940 – 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <https://ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

- _____. *Cadastro central de empresas – 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=21039>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- JESUS MARIA, Bernardo de. *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza...* Lisboa: Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1783.
- JOHNSON, D. E. Getting off the Goldvarb standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. *Language and linguistics Compass*, v. 3, n. 1, p. 359-383, 2009.
- JOHNSON, Keith. Speech perception without speaker normalization: an exemplar model. In: JOHNSON, Keith; MULLENNIX, John (ed.). *Talker variability in speech processing*. San Diego: Academic Press, 1997. p. 145-165.
- KATAMBA, Francis. *Morphology*. London: Macmillan Press, 1993.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- _____. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- _____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives in historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-82.
- LANGACKER, Ronald W. Nouns and verbs. *Language*, v. 63, n. 1, p. 53-94, 1987a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/415384?seq=1>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- _____. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987b.
- _____. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (org.). *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 127-161.
- LEITÃO, Luiz Ricardo. *Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ferreira, 2016.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LIÃO, Duarte Nunes do. *Orthographia da lingoa portvgvesa: obra vtil, & necessária, assi pera bem screuer a lingoa hespanhol como a latina, & quaesquer outras, que da latina teem origem. Item hum tractado dos pontos das clausulas*. Lisboa: João de Barreira, 1576.
- LIMA, Luis Caetano de. *Orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736.

- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOBO, Tânia. A questão da periodização da história linguística do Brasil. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. p. 395-410.
- LOBATO, Antonio José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza...* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.
- LOPES, Norma da Silva. O que é que a baiana tem? Uma abordagem do gênero na concordância nominal. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus (org.). *Salvador, sob o olhar da sociolinguística*. Feira de Santana: UEFS, 2013. p. 31- 41.
- _____. A variação da concordância nominal de número no português falado em Feira de Santana-Ba. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de et al. (org.). *Variação linguística em Feira de Santana-Ba*. Feira de Santana: UEFS, 2016. p. 99-118.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madri: Gredos, 1993.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- MACEDO, Walmírio de. *Dicionário de gramática*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.
- MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal do séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.

- _____; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (org.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002.
- MELO, João Crisóstomo do Couto e. *Gramática filosófica da linguagem portugueza...* Lisboa: Imprensa Régia, 1818.
- MENDES, Soélis T. do Prado. A formação do plural dos nomes terminados em *-ão* nas gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros. In: ABAURRE, M. Bernadete; PFEIFFER, Claudia; AVELAR, Juanito (org.). *Fernão de Oliveira: uma gramática na história*. Campinas: Pontes, 2009. p. 225-229.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *A metafonía nominal*. 2000. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130. Acesso em: 30 nov. 2020.
- _____. A metafonía nominal (português do Brasil). *Letras de hoje*, v. 37, n. 1, Porto Alegre, p. 69-98, mar. 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14159>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 27-31.
- MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso (org.). *Sociolingüística, sociolingüísticas: uma tradição*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MONTE CARMELO, Luis do. *Compendio de orthografia: com sufficientes catalogos, e novas regras, paraque em todas as provincias, e dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a orthologia, e prosódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accents propios, da lingua portugueza: accrescentado com outros novos catalogos, e explicaçam de muitos vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos escritores portuguezes...* Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.
- MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- _____. *Epitome da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

- MOREIRA, Mariana de Moura Salles. *Alomorfia de plural no português brasileiro*. 2010. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1, 7. ed. São Paulo: Cortez: 2007. p. 147-179.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____ (org.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NIDA, Eugene. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.
- NOSOFSKY, Robert M. Attention, similarity, and the identification-categorization relationship. *Journal of Experimental Psychology*, v. 115, p. 39-57, 1986.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Em Casa d' Germão Galharde, 1536.
- OLIVEIRA, Klebson; SOUZA, Hirão F. Cunha e; SOLEDADE, Juliana (org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- OUSHIRO, Livia. *Introdução à estatística para linguistas*, v.1.0.1, dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em: 10 nov. 2020.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-42.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: _____ (org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 13-29.
- PEREIRA, Bento. *Regras geraes, breves: e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina, e portugueza*. Para se ajuntar à prosodia ordenadas pelo author della, o P. D. Bento Pereira da Companhia de Jesus, qualificador do Santo Officio. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.

- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*: adaptada ao 1º, 2º e 3º anno dos gymnasios. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.
- PHILLIPS, Betty S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984.
- PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOOPER, Paul (ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.
- PINKER, Steven; PRINCE, Alan. On language and connectionism: analysis of a parallel distributed processing model of language acquisition. *Cognition*, n. 28, p. 73-193, 1988.
- PINKER, Steven. *Words and rules: the ingredients of language*. New York: Perennial, 1999.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
- POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg; Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1974 [1934].
- PORTO EDITORA. *Dicionário essencial da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2007.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação*. São Paulo: Contexto: 1991.
- R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, 2018.
- RABELLO, Laurindo José da Silva. *Compendio de grammatica da lingua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Typographia Esperança, 1872.
- REALI, Florencia; CHRISTIANSEN, Morten H. Processing of relative clauses is made easier by frequency of occurrence. *Journal of Memory and Language*, n. 57, v. 1, p. 1-23, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.08.014>. Acesso em: 25 set. 2021.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Typ. De Jorge Seckler, 1881.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Fonética, fonologia e morfologia do português: conteúdo e metodologia*. Lisboa: Colibri, 1998.
- ROBOREDO, Amaro de. *Methodo grammatical para todas as lingvas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1619.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Cadernos de pesquisa: flexão e derivação no português*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, [s.d.].

- _____. *O gênero do substantivo em português: uma categoria morfossintática*. 1982. 104f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.
- _____. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Salvador: Instituto Nacional do Livro, 1965 [1963].
- _____. *A dialetologia*. ALFA. Marília: UNESP, 1967.
- SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: teoria*. 11. ed. São Paulo: Atual, 1990.
- SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v. 1. 7. ed. São Paulo: Cortez: 2007. p. 181-206.
- SANTANA, Braulino Pereira de. Morfologia e léxico atacam as palavras. *Estudos linguísticos e literários*, n. 48, Salvador, p. 130-148, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14539>. Acesso em: 20 set. 2019.
- SANTOS, Isabel Almeida. Rumos e ritos da mudança linguística: alternância vocálica e flexão de número em português. *Estudos de lingüística galega*, v. 7, Santiago de Compostela, p. 125-141, mai. 2015. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/2219>. Acesso em: 1 jan. 2021.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. 158f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.
- _____. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 558f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.
- SEMON, Richard Wolfgang. *The mneme*. London: George Allen & Unwin, 1921 [1909].
- TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

- SEVERINO, Miriam Cristina Almeida; GOMES, Christina Abreu. O plural das palavras terminadas em -ão: mudança ou variação estável? *Cadernos do XVI CNLF*, v. XVI, n. 4, t. 3, Rio de Janeiro, p. 2451-2458, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/211.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.
- SEVERINO, Miriam Cristina Almeida. *O plural das palavras terminadas em -ão: mudança ou variação estável?*. 2013. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- _____. *Epitome da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
- SILVA, Barbara-Christine Nentwig et al. *Atlas escolar Bahia: espaço geo-histórico e cultural*. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004.
- SILVA, Fernando J. da. *Gramática da língua portuguesa: para o 1. ciclo dos liceus*. 2. ed. Porto: Livraria Avis Papelaria, 1961 [1959].
- SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SOLEDADE; Juliana; LOPES, Mailson. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA: 2015. p. 429-461.
- SORÔDIO, Cristina et al. *Nova gramática didáctica de português: conforme o dicionário terminológico*. Carnaxide: Santillana, 2011.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012 [1983].
- SOUSA, Manoel Dias de. *Grammatica portugueza*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1804.
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. *Estatísticas dos municípios baianos – 2002*. Salvador, 2002, 1 CD-ROM.
- TARALLO, Fernando Luiz. Diagnosticando uma gramática do português brasileiro: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 69-106

- _____. *A pesquisa sociolingüística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London & New York: Routledge, 1996.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction*. Harmondsworth: Penguin, 1974.
- VENABLES, W. N.; RIPLEY, B. D. *S programming*. New York: Springer, 2002.
- VERA, Alvaro Ferreira de. *Orthographia, ov modo para escrever certo na lingua portuguesa: com hvm trattato de memoria artificial: outro da muita semelhança, que tem a lingua portuguesa com a latina Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631*.
- WAGLEY, Charles; AZEVEDO, Thales de; PINTO, Luiz A. Costa. A research program on social life in the state of Bahia. In: MENEZES, Jaci Maria Ferraz de; MATTOS, Wilson Roberto de; SANTOS, Ednei Otávio da Purificação (org.). *Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2016 [1930]. p. 31-70.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WIESEMANN, Ursula; MATTOS, Rinaldo de. *Metodologia de análise gramatical*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena (org.). *Dicionário de termos lingüísticos*, vol. 1. Lisboa: Cosmos, 1990.
- _____. *Dicionário de termos lingüísticos*, v. 2. Lisboa: Cosmos, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Figura 1: Questionário de Produção e Percepção

 Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura - Instituto de Letras 	
QUESTIONÁRIO DE PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO	
FICHA DO INFORMANTE	
Nº DO PONTO:	Nº DO INFORMANTE:
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO/TELEFONE:	
7. ESTADO CIVIL: <input type="checkbox"/> SOLTEIRO(A) <input type="checkbox"/> CASADO(A) <input type="checkbox"/> VIÚVO(A) <input type="checkbox"/> OUTROS	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA CIDADE:	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: <input type="checkbox"/> ESPECIALIZAÇÃO <input type="checkbox"/> PROFISSIONALIZANTE <input type="checkbox"/> OUTROS
13. NATURALIDADE: A) DA MÃE: B) DO PAI: C) DO CÔNJUGE:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
	15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A) DA MÃE ADOTIVA: B) DO PAI ADOTIVO:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÕES: A) DO PAI: B) DA MÃE: C) DO CÔNJUGE:

RENDA				
19.TIPO DE RENDA: <input type="checkbox"/> INDIVIDUAL <input type="checkbox"/> FAMILIAR				
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO				
20.ASSISTE TV?		21.PROGRAMAS PREFERIDOS:		
<input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS		<input type="checkbox"/> NOVELAS <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO <input type="checkbox"/> OUTRO		
<input type="checkbox"/> ÀS VEZES		<input type="checkbox"/> ESPORTES <input type="checkbox"/> PRO. RELIGIOSO		
<input type="checkbox"/> NUNCA		<input type="checkbox"/> PR. AUDITÓRIO <input type="checkbox"/> FILMES		
22.TIPO DE TRANSMISSÃO:		23. OUVE RÁDIO:		
<input type="checkbox"/> REDE GRATUITA		<input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS <input type="checkbox"/> PARTE DO DIA <input type="checkbox"/> ENQUANTO TRABALHA		
<input type="checkbox"/> PARABÓLICA		<input type="checkbox"/> ÀS VEZES <input type="checkbox"/> DIA INTEIRO		
<input type="checkbox"/> TV POR ASSINATURA		<input type="checkbox"/> NUNCA <input type="checkbox"/> ENQUANTO VIAJA		
24.PROGRAMAS PREFERIDOS:			25.LÊ JORNAL?	
<input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO GERAL <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO POLICIAL <input type="checkbox"/> OUTRO			<input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS	
<input type="checkbox"/> ESPORTES <input type="checkbox"/> MÚSICA			<input type="checkbox"/> ÀS VEZES	
<input type="checkbox"/> PR. RELIGIOSO <input type="checkbox"/> PR. C/ PARTICIPAÇÃO DE OUVINTE			<input type="checkbox"/> NUNCA	
			<input type="checkbox"/> SEMANALMENTE	
			<input type="checkbox"/> RARAMENTE	
26. NOME DO JORNAL:		27.SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:		
_____		<input type="checkbox"/> EDITORIAL <input type="checkbox"/> PR. CULTURAL <input type="checkbox"/> CLASSIFICADOS		
<input type="checkbox"/> LOCAL		<input type="checkbox"/> ESPORTES <input type="checkbox"/> POLÍTICA <input type="checkbox"/> OUTRAS		
<input type="checkbox"/> ESTADUAL		<input type="checkbox"/> VARIEDADES <input type="checkbox"/> PÁGINA POLICIAL		
<input type="checkbox"/> NACIONAL				
28.LÊ REVISTAS?				
<input type="checkbox"/> ÀS VEZES <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE <input type="checkbox"/> MENSALMENTE <input type="checkbox"/> RARAMENTE <input type="checkbox"/> NUNCA				
29. NOME/TIPO DA REVISTA: _____				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30.CINEMA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.TEATRO	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.SHOWS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.MAN. FOLCLÓRICAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.FUTEBOL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.OUTROS ESPORTES	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36.OUTROS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37.QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA? _____				
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA				
38.CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:				
<input type="checkbox"/> TÍMIDO <input type="checkbox"/> VIVO <input type="checkbox"/> PERSPICAZ <input type="checkbox"/> SARCÁSTICO				
39.ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:				
<input type="checkbox"/> TOTAL <input type="checkbox"/> GRANDE <input type="checkbox"/> MÉDIA <input type="checkbox"/> FRACA				
40.POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:				

<input type="checkbox"/> COOPERATIVA <input type="checkbox"/> NÃO COOPERATIVA <input type="checkbox"/> AGRESSIVA <input type="checkbox"/> INDIFERENTE		
41.CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:		
<input type="checkbox"/> "A" <input type="checkbox"/> "B" <input type="checkbox"/> "C" <input type="checkbox"/> "D"		
42.GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE O INFORMANTE E O INQUIRIDOR:		
<input type="checkbox"/> GRANDE <input type="checkbox"/> MÉDIO <input type="checkbox"/> PEQUENO <input type="checkbox"/> NENHUM		
43.INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:		
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO		
44.CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45.AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46.OBSERVAÇÕES:		
47.NOME DO ENTREVISTADOR:	48.LOCAL DA ENTREVISTA:	49.DATA DA ENTREVISTA:
	CIDADE: _____	_____/_____/_____
	UF: _____	50.DURAÇÃO: _____

PARTE 01

GRAVURA 01

QUAIS SÃO OS NOMES DESSAS TRÊS HISTÓRIAS (CONTOS)?



PRIMEIRA



SEGUNDA



TERCEIRA

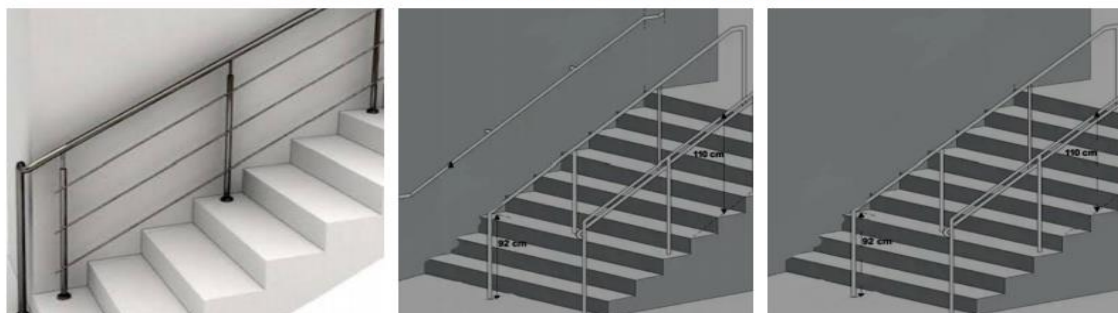
GRAVURA 02

O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR (A) ESTÁ VENDO?
QUAL A DIFERENÇA ENTRE AS IMAGENS?



GRAVURA 03

**O QUE VOCÊ /O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO?
QUAL A DIFERENÇA ENTRE AS IMAGENS?**

**GRAVURA 04**

O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO?



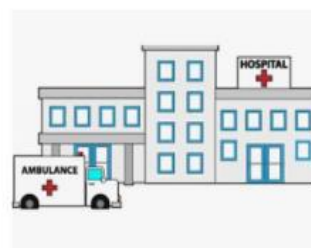
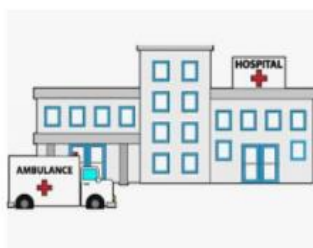
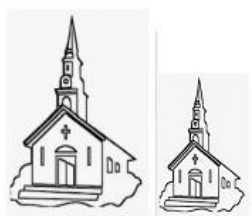
GRAVURA 05

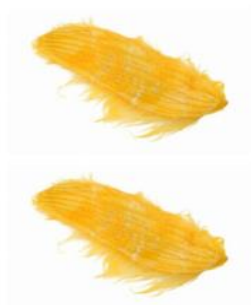
QUAL O RESULTADO PARA O GRÊMIO E PARA O BOTAFOGO?
QUANTO EM DINHEIRO HÁ LOGO ABAIXO?

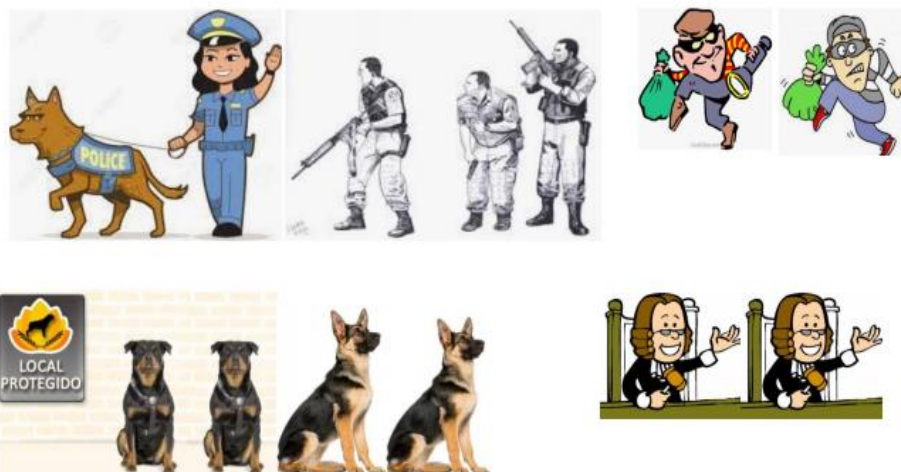


GRAVURA 06

O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO? QUAIS AS TEMPERATURAS?



GRAVURA 07**O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDENDO?****GRAVURA 08****O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDENDO?**

GRAVURA 09**DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.****GRAVURA 10****DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.
COMO SÃO CONHECIDOS ESTES ANIMAIS E ARMAS?**

GRAVURA 11

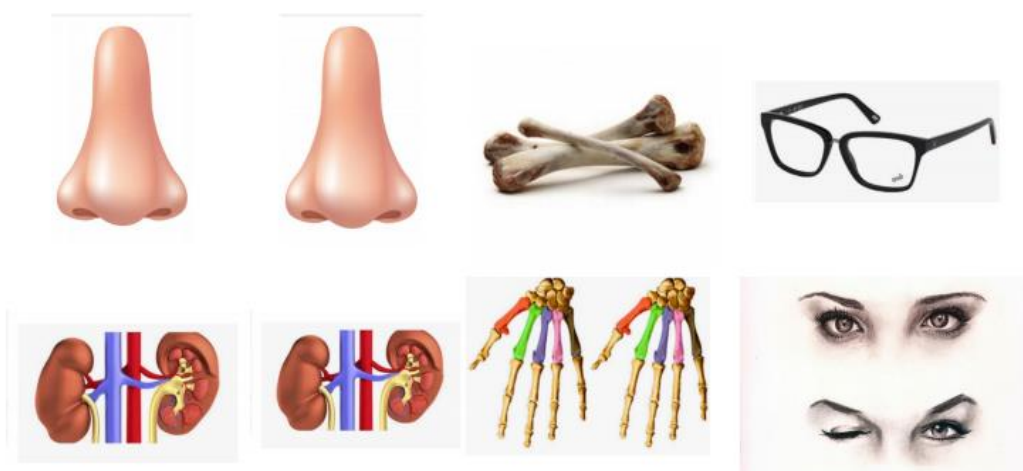
O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDENDO?

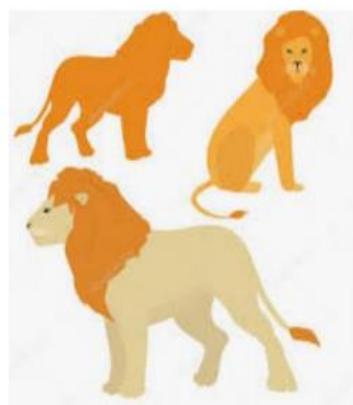


GRAVURA 12

DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDENDO.

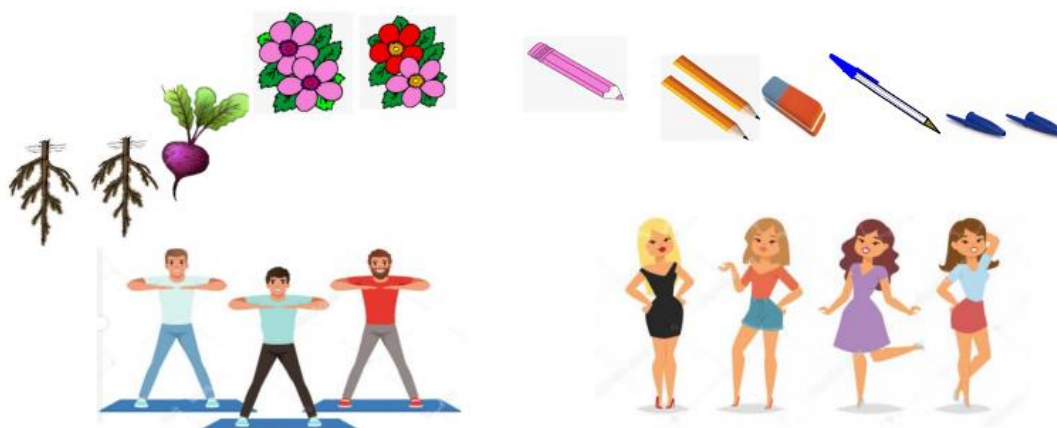


GRAVURA 13**DESCREVA O QUE VOCÊ/ O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.****GRAVURA 14****DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.**

GRAVURA 15**DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.****GRAVURA 16****DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.**

GRAVURA 17

DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO.



GRAVURA 18

O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDO?

QUAL A DIFERENÇA ENTRE AS IMAGENS?



GRAVURA 19**DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ESTÁ VENDENDO.****GRAVURA 20****DESCREVA O QUE VOCÊ/O (A) SENHORA ESTÁ VENDENDO.****QUAL A DIFERENÇA ENTRE AS IMAGENS?**

PARTE 02

1. AO OUVIR AS FRASES ABAIXO, DIGA SE VOCÊ/O (A) SENHOR(A) CONCORDA COM TODAS ELAS OU FARIA ALTERAÇÕES **EM ALGUNS DE SEUS TRECHOS**:

OBS.: LER PARA O INFORMANTE CADA FRASE APENAS UM VEZ.

A) MARIA AMA RECEBER FLORES EM SEU ANIVERSÁRIO.

B) NOIS NÃO **GOSTA** DE TIRAR OS CARÔÇOS DE TOMATES PARA FAZER SALADA.

C) PAULA NÃO GOSTA DE SUCO DE **IMBU**.

D) PAULA NÃO GOSTA DE SUBIR OS MORROS DA FAVELA COM AQUELES **DEGRAIS** QUE NÃO ACABAM NUNCA.

E) O MUNDO PRECISA DE MAIS PAZ!

F) PAULO E MUITOS OUTROS **CIDADÕES** SE NEGARAM A VOTAR NA ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE.

G) A VELHINHA NÃO FEZ A COMIDA PORQUE NÃO TINHA **FOSCO!**

H) DEPOIS DE FAZEMOS DOIS **GOIS**, A GENTE **SUBIMOS** NO PODIUM E ERGUEMOS NOSSOS **TROFÉIS** COM MUITA FESTA!

I) PARA O CAFÉ, MARIA COMPROU DOIS MAMÃOS, TRÊS PÃES, TRÊS ÔVOS E MAIS LEITE.

J) POR CONTA DAS MÁAS CONDIÇÕES DE TRABALHO, VÁRIOS ESCRIVÕES ENTRARAM EM GREVE NA BAHIA, MAS **ELES NÃO RECEBEU** AUMENTO.

L) NA GREVE DOS CAMINHONEIROS, FALTOU GASOLINA NOS PÔSTOS DE COMBUSTÍVEL EM TODOS BRASIL. O PAÍS QUASE PAROU!

M) LUÍS SEMPRE PERDIA OS BOCAUS DAS CANETAS E TAMBÉM AS BORRACHAS NA ESCOLA.

N) HOVE UM AUMENTO DO MATERIAL ESCOLAR, PRINCIPALMENTE, DOS LÁPIS, PINCÉUS, TINTAS, CANETAS.

O) LUCAS GOSTA MUITO DE FUTEBOL.

P) A PADARIA PRECISAVA DE FÔRNOS, FARINHA DE TRIGO E MAIS UM PADEIRO.

Q) EM SEUS 15 ANOS, CLARA COMPROU ROUPAS, BATOINS, SAPATOS E ESMALTES NÓVOS!

PARTE 03

1. NESTE MOMENTO, EU VOU FALAR ALGUNS NOMES E, EM SEGUIDA, VOCÊ/O (A) SENHOR(A) APRESENTA OS PLURAIS PARA CADA UM DELES:

A) UM MÊS, DOIS:

B) UM CORRIMÃO, DOIS:

C) UMA FLOR, DUAS:

D) UM GUARDIÃO, DOIS:

E) UM PAÍS, DOIS:

F) UMA NUVEM, DUAS:

G) UM ALDEÃO, DOIS:

H) UMA CASA, DUAS:

I) UM CRISTÃO, DOIS:

J) UM CHAPÉU, DOIS:

K) UM CIDADÃO, DOIS:

L) UM ANEL, DOIS:

M) UM FORNO, DOIS:

N) UM DEGRAU, DOIS:

O) UM BATOM, DOIS:

P) UM ANZOL, DOIS:

Q) UM VULCÃO, DOIS:

R) UM OLHO, DOIS:

S) UMA TELEVISÃO, DUAS:

T) UM OVO, DOIS:

U) UM ALEMÃO, DOIS:

V) UM FUZIL, DOIS:

W) UM AVENTAL, DOIS:

X) UM JUIZ, DOIS:

Y) UM MAMÃO, DOIS:

Z) UM CAROÇO, DOIS:

PARTE 04

1. VOCÊ/O (A) SENHOR(A) SENTIU DIFICULDADE EM RESPONDER ÀS PERGUNTAS FEITAS ATÉ ESTE MOMENTO?

EM TODO O QUESTIONÁRIO EM ALUNS MOMENTOS NÃO

2. HOUVE ALGUM TIPO DE PALAVRA QUE VOCÊ/SENHOR(A) SENTIU DIFICULDADE EM SABER O PLURAL?

SIM NÃO

3. SE SIM, PODERIA CITAR ALGUMAS DELAS?

4. VOCÊ/O (A) SENHOR(A) ACHA DIFÍCIL USAR O PLURAL NO PORTUGUÊS?

SIM NÃO ÀS VEZES RARAMENTE NUNCA

5. PARA VOCÊ/ O (A) SENHOR (A), O QUE SERIA IMPORTANTE PARA QUE AS PESSOAS NÃO TIVESSEM (MUITAS) DÚVIDAS QUANTO AO USO DO PLURAL DAS PALAVRAS?

A) SIMPLIFICAÇÃO DAS REGRAS:

SIM NÃO ÀS VEZES

B) MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO:

SIM NÃO ÀS VEZES

C) MAIOR HÁBITO DE LEITURA?

SIM NÃO ÀS VEZES

6. PARA VOCÊ/O (A) SENHOR(A), QUAIS PESSOAS (MAIS) USAM O PLURAL DAS PALAVRAS CONFORME SE ENSINA NAS GRAMÁTICAS E/OU LIVROS?

A) HOMEM

MULHERES

AMBOS

NENHUM

B) JOVENS (18-30 ANOS)

MAIS VELHOS (50- 65 ANOS)

AMBOS

NENHUM

- C) DA CAPITAL
- DAS GRANDES CIDADES NO GERAL
 - DO INTERIOR DO ESTADO NO GERAL
 - TODOS
 - NENHUM
- D) COM ESCOLARIDADE ATÉ A 8ª SÉRIE
- COM NÍVEL UNIVERSITÁRIO
 - AMBOS
 - NENHUM
- E) PESSOAS COM MELHORES CONDIÇÕES FINANCEIRAS
- PESSOAS COM MENORES CONDIÇÕES FINANCEIRAS
 - AMBOS
 - NENHUM

APÊNDICE B

Nesta seção da tese, apresentam-se as prescrições das lexias que inicialmente foram controladas a partir da codificação dos dados do *Projeto ALiB* e do *QPP*. Após o Exame de Qualificação, julgou-se necessário a supressão da análise desses dados. No entanto, nesta parte do Apêndice, os resultados das consultas às obras normativas e descritivas foram apresentados na condição de grupo de controle para o esclarecimento de eventuais dúvidas dos leitores. Assim, seguem as prescrições de pluralização dos grupos complementares:

- i) terminação em *-r*;
- ii) terminação em *-z*;
- iii) terminação em *-s*;
- iv) terminação em *-m*;
- v) terminação em vogais ou ditongo orais;
- vi) diminutivos;

Nos quadros 16 e 17, a marcação de número foi observada em lexias apenas em seu grau diminutivo. No entanto, por questões metodológicas, os diminutivos observados nas obras luso-brasileiras têm como base algumas lexias analisadas nos oito grupos conforme a indicação abaixo³⁶³:

- i) metafônicos: *caroço, forno, olho, ovo, porco, tijolo*;
- ii) terminação em ditongo *-ão*: *anão, leão, pão*;
- iii) terminação em ditongo *-au* e *-eu*: *degrau, pau, chapéu*;
- iv) terminação em *-l*: *anzol*;
- v) terminação em *-r*: *flor*;
- vi) terminação em *-s*: *lápiz*;
- vii) terminação em *-z*: *rapaz*.

Assim, o grupo dos diminutivos é composto por 16 lexias oriundas de 7 grupos de natureza complementar³⁶⁴ como sinaliza a relação acima. As análises comparativas dos dados apresentados nos quadros de 1 a 17 serão apresentadas em trabalhos posteriores. Conferir grupo de controle nos quadros supracitados:

³⁶³ As demais lexias não foram analisadas nesta amostra, pois quando os respectivos diminutivos surgiram nas entrevistas do *ALiB* e *QPP*, suas realizações não estavam flexionadas no plural, logo não seriam objeto de análise nesta seção.

³⁶⁴ Diferentemente dos demonstrativos realizados até o *Quadro 15*, não foram apresentados três quadros de prescrição do grupo dos diminutivos, posto que o quadro que corresponderia ao período arcaico e moderno não teria em seu interior qualquer prescrição feita por seus autores.

Quadro 1: Plural em -r nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM -R																
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
		PORTUGUÊS	PORTUGUÊS MODERNO													
		ARCAICO														
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII					
		Matos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
1	flor	-les	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	
2	jogador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
3	mulher	-es	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-es	-	-	-es	-es	
4	revólver	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2: Plural em -r nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM -R																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	flor	-es	-es	-	-es	-es	-es	-es	-es	-	-es	-es	-es	-es	-	-	-
2	jogador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	mulher	-es	-es	-	-es	-	-	-	-es	-	-	-	-	-	-	-	-
4	revólver	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3: Plural em -r nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM -R																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX							XX							XXI		
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)	Lima (2011)
1	flor	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-	-es	-es	-es	-es	-es	-es	-es	-es
2	jogador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	mulher	-	-	-	-	-	-	-es	-	-	-	-es	-	-	-	-es	-es	-es
4	revólver	-	-	-es	-	-	-	-	-	-es	-	-es	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4: Plural em -z nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM -Z														
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS												
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO											
		XIII-XVI	XVI			XVII			XVIII					
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)
1	rapaz	-	-	-	-	-es	-	-	-	-	-	-es	-	-es
2	juiz	-es	-es	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	nariz	-es	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-
4	raiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5: Plural em -z nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM -Z																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX					XXI				
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	rapaz	-	-es	-es	-	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-es	-	-es	-
2	juiz	-	-es	-	-	-es	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	-
3	nariz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	-
4	raiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-es	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6: Plural em -z nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM -Z																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	rapaz	-es	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-es	-	-	-	-
2	juiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es
3	nariz	-	-	-es	-	-	-es	-es	-es	-	-	-	-	-es	-	-	-
4	raiz	-	-	-es	-	-	-	-	-	-	-es	-	-es	-	-	-es	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7: Plural em -s nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM -S																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO														
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII						
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)	
1	lápiz	:	:	:	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	pires	:	:	:	:	-	-	-	-	-	-	-	-	2n	-	-	-
3	mês	-	-	-	-	-	-es	-	-	-	-	-	-zes	-zes	-	-zes	-
4	país	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-zes	-	-zes	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 8: Plural em -s nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM -S																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX							XX						XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Seródio et al. (2011)
1	lápiz	-	-	-	-	-	-	-	-	2n	2n	2n	2n	2n	2n	-	2n	
2	pires	-	-	-	-	-	2n	-	2n	2n	-	-	2n	2n	2n	-	-	-
3	mês	-es	-es	-	-	-	-	-es	-es	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	país	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	-es	-	-	-es	-es	-es	-	-es

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 9: Plural em -s nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM -S																		
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX					XX					XXI						
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)	Lima (2011)
1	lápiz	-	-	-	-	-	2n	-	-	2n	2n	2n	-	2n	2n	-	2n	2n
2	pires	-	-	-	-	2n	2n	-	-	2n	-	2n	-	2n	2n	-	2n	2n
3	mês	-	-	-	-	-	-	-	-zes	-	-zes	-	-	-es	-es	-	-	-
4	país	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-es	-	-es	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 10: Plural em *-m* nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL EM <i>-M</i>																
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
		PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS MODERNO												
		XIII-XVI		XVI				XVII				XVIII				
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
1	garagem	
2	homem	-êes -ens	-	-êes	-	-	-êes	-	-ens	-ês	-ens	-	-	-ens	-ens	-
3	nuvem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
4	trem	-	-	-	-	-	
5	rim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
6	batim	
7	bombom	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 11: Plural em -m nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL EM -M																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX							XX						XXI		
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	garagem	::	::	::	::	::	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	homem	-ns	-	-	-	-	-	-ns	-	-ns	-	-ns	-ns	-ns	-	-ns	-ns
3	nuvem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ns	-	-	-	-ns	-	-
4	trem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	rim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	batom	-	-	-	-	-	-	-	-
7	bombom	-	-	-	-	-	-	-	-ns	-ns	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 12: Plural em *-m* nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL EM <i>-M</i>																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX					XX					XXI					
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	garagem	::	::	::	::	::	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	homem	-	-	-ns	-	-	-	-ns	-ns	-ns	-ns	-ns	-ns	-ns	-ns	-ns	-
3	nuvem	-	-	-ns	-	-	-	-	-	-ns	-	-	-	-	-	-	-
4	trem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	rim	-	-	-ns	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ns	-	-
6	batom	-	-	-	-	-	-	-
7	bombom	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-ns

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 13: Plural das vogais ou ditongos orais nas obras portuguesas sobre o PE arcaico e moderno

PLURAL DAS VOGAIS OU DITONGOS ORAIS															
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS													
		PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO												
		XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII				
		Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Roboredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)
1	caçua	..	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::
2	chá	..	::	::	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	DVD(ê)	..	::	::	-	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::
4	rei	-	-	-	-	-s	-	-	-	-	-	-s	-s	-s	-
5	navio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-s	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 14: Plural das vogais ou ditongos orais nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL DAS VOGAIS OU DITONGOS ORAIS																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortêsão (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961)	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)
1	caçua	::	::	::	::	::	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	chá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	DVD(ê)	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	-	-	-	-	-
4	rei	-	-	-	-	-	-s	-	-	-	-	-	-	-	-s	-s	-
5	navio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-s	-s	-s	-	-	-s	-

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 15: Plural das vogais ou ditongos orais nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL DAS VOGAIS OU DITONGOS ORAIS																	
N.	LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990)	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	caçua	::	::	-s	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	chá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	DVD(ê)	::	::	::	::	::	::	::	::	::	::	-	-	-	-	-	-
4	rei	-s	-s	-s	-	-	-	-s	-	-	-	-	-	-s	-s	-s	-
5	navio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-s	-s	-	-s	-s	-s

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 16: Plural dos diminutivos nas obras portuguesas sobre o PE contemporâneo

PLURAL DOS DIMINUTIVOS																		
N.	LEXIAS BASE	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
		XIX							XX							XXI		
		Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961) ³⁶⁵	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Serôdio et al. (2011)
1	caroço	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	forno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	olho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	ovo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	porco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	tijolo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	anão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	leão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	pão	-	-	-	-	-	-	-	-	(e)(s)	(e)(s)	-	-	-	-	-	-	-
10	degrau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	pau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	chapéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	anzol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	flor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	lápiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	rapaz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

³⁶⁵ Esta sequência (e)(s) significa que o último segmento da lexia original é o grafema *e* (*pãEø**) e a desinência de número no sufixo derivacional é marcada apenas com acréscimo do *-s* (*-zinhoS*). Ex.: *pãEøzinhoS*.

Quadro 17: Plural dos diminutivos nas obras brasileiras sobre o PB contemporâneo

PLURAL DOS DIMINUTIVOS																	
N.	LEXIAS BASE	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS BRASILEIRAS															
		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO															
		XIX						XX						XXI			
		Silva (1806)	Duarte (1829)	Coruja (1848)	Beserra (1861)	Rabello (1872)	Grivet (1881)	Ribeiro (1881)	Pereira (1907)	Maciel (1914)	Doria (1924)	Ali (1966)	Sacconi (1990) ³⁶⁶	Cipro Neto e Infante (1998)	Almeida (1999)	Abaurre e Pontara (2006)	Bechara (2009)
1	caroço	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
2	forno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
3	olho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
4	ovo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
5	porco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
6	tijolo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	[ɔ]s	-	-	-	-	-
7	anão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	leão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	pão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(e)(s)	(e)(s)	-	(e)(s)	-
10	degrau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	pau	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	chapéu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	anzol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(i)(s)	-	-	-	(i)(s)
14	flor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(Ø)(s) (e)(s)	(e)(s)	(e)(s)	-	(e)(s) -rinhas (Ø)(s)	-
15	lápiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	rapaz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	(Ø)(s)	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

³⁶⁶ A sequência [ɔ]s significa abertura do timbre também no diminutivo, seguido da desinência -s, como em *car[ɔ]cinhoS*; a convenção (i)(s) representa *anzolØzinhoS*. Em *flor*, a representação é tripla: (Ø)(s) para *florØzinhaS*, (e)(s) para *florEzinhaS* e -rinhas para *florinhas*; (Ø)(s) também representa o plural *rapazØzinhoS*.

APÊNDICE C

Esta seção do apêndice apresenta um quadro com todas as lexias controladas antes do Exame de Qualificação. Sua função consiste em situar o leitor e/ou pesquisador das possibilidades de pluralizações inventariadas nas amostras *ALiB* e *QPP*. No entanto essas possibilidades são mais diversificadas do que as apresentadas no *Quadro 1*, pois outras lexias não controladas no projeto piloto apresentaram também variações quanto ao emprego dos respectivos padrões indicadores de número. Em futuras pesquisas, analisar-se-ão outros grupos além dos quatro primeiros listados no *Quadro 1*:

Quadro 1: Inventário inicial das variantes controladas nas amostras I e II

INVENTÁRIO DAS VARIANTES CONTROLADAS NO ALiB E NO QPP					
N.	GRUPOS	LEXIAS	VARIANTES	CLASSIFICAÇÃO	
1	1. METAFÔNICOS (11)	1.bolso	1.b[o]lsoø	ø	
2				2.b[o]lsos	padrão
3				3.b[ɔ]lsos	não padrão
4		2.cachorro	1.cach[o]rroø	ø	
5				2.cach[o]rros	padrão
6				3.cach[ɔ]rros	não padrão
7		3.carçoço	1.car[o]çoø	ø	
8				2.car[ɔ]ços	padrão
9				3.car[o]ços	não padrão
10				4.car[ɔ]çoø	não padrão
11		4.forno	1.f[o]rnø	ø	
12				2.f[ɔ]rnos	padrão
13				3.f[o]rnos	não padrão
14		5.morro	1.m[o]rros	padrão	
15				2.m[ɔ]rros	não padrão
16				3.m[ɔ]rroø	não padrão
17		6.olho	1.[o]lhoø ³⁶⁷	ø	
18				2.[ɔ]lhos	padrão
19				3.z[ɔ]jis	padrão
20				4.[ɔ]jios	padrão
21				5.[o]lhos	não padrão
22				6.[ɔ]lhoø	não padrão
23				7.z[ɔ]jiø	não padrão
24				8.[ɔ]jioø	não padrão
25		7.osso	1.[o]ssoø	ø	

³⁶⁷ A realização do padrão Ø (não marcação) foi padronizado com base na grafia original *olho*, logo [o]ioø e [o]lhoø se equivalem neste quadro.

26			2.[ɔ]ssos	padrão
27			3.[o]ssos	não padrão
28			4.[ɔ]ssoø	não padrão
29		8.ovo	1.[o]voø	ø
30			2.[ɔ]vos	padrão
31			3.[o]vos	não padrão
32			4.[ɔ]voø	não padrão
33		9.porco	1.p[o]rcoø	ø
34			2.p[ɔ]rcos	padrão
35			3.p[o]rcos	não padrão
36			4.p[ɔ]rcoø	não padrão
37		10.posto	1.p[o]stoø	ø
38			2.p[ɔ]stos	padrão
39			3.p[o]stos	não padrão
40		11.tijolo	1.tij[o]loø	ø
41			2.tij[ɔ]los	padrão
42			3.tij[o]los	não padrão
43			4.tij[ɔ]loø	não padrão
44	2. - <i>ÃO</i> (18) > - <i>ÃO</i> ³⁶⁸	1.aldeão	1.aldeãoø	ø
45			2.aldeões	padrão
46			3.aldeãos	padrão
47			4.aldeães	padrão
48		2.avião	1.aviãoø	ø
49			2.aviões	padrão
50			3.aviãos	não padrão
51			4.aviães	não padrão
52		3.cidadão	1.cidadãoø	ø
53			2.cidadãos	padrão
54			3.cidadões	padrão
55			4.cidadães	não padrão
56			5.cidadãs ³⁶⁹	não padrão
57		4.limão	1.limãoø	ø
58			2.limões	padrão
59			3.limãos	não padrão
60			4.limães	não padrão
61		5.mamão	1.mamãoø	ø
62			2.mamões	padrão
63			3.mamãos	não padrão
64			4.mamães	não padrão
65		6.televisão	1.televisãoø	ø
66			2.televisões	padrão
67			3.televisãos	não padrão

³⁶⁸ Os parênteses angulares indicam a existência de subgrupos à frente. Neste caso, são plurais com base na etimologia das lexias pertencentes ao grupo com terminação em *-ão*.

³⁶⁹ *Cidadãs* não é o plural de *cidadã* neste caso, mas o plural de *cidadão*.

68	> -ANUS	7.anão	1.anãoø	ø
69			2.anãos	padrão
70			3.anões	padrão
71		8.corrimão	1.corrimãoø	ø
72			2.corrimãos	padrão
73			3.corrimões	padrão
74			4.corrimães	não padrão
75		9.cristão	1.cristãoø	ø
76			2.cristãos	padrão
77			3.cristães	não padrão
78			4.cristões	não padrão
79		10.guardião	1.guardiãoø	ø
80			2.guardiães	padrão
81			3.guardiões	padrão
82			4.guardiãos	não padrão
83		11.mão	1.mãoø	ø
84			2.mãos	padrão
85			3.mães	não padrão
86			4.mões	não padrão
87		12.vulcão	1.vulcãoø	ø
88			2.vulcãos	padrão
89			3.vulcões	padrão
90	> -ANES	13.alemão	1.alemãoø	ø
91			2.alemães	padrão
92			3.alemãos	não padrão
93			4.alemões	não padrão
94		14.cão	1.cãoø	ø
95			2.cães	padrão
96			3.cãos	não padrão
97		15.pão	1.pãoø	ø
98			2.pães	padrão
99			3.pãos	não padrão
100			4.pões	não padrão
101	> -ONES	16.ladrão	1.ladrãoø	ø
102			2.ladrões	padrão
103			3.ladrãos	não padrão
104		17.leão	1.leãoø	ø
105			2.leões	padrão
106			3.leãos	não padrão
107			4.leães	não padrão
108		18.melão	1.melãoø	ø
109			2.melões	padrão
110			3.melãos	não padrão
111	3. -AU, -EU (6) > -AU	1.degrau	1.degrauø	ø
112			2.degraus	padrão

113			3.degrais	não padrão
114			4.degrai	não padrão
115		2.grau	1.grauø	ø
116			2.graus	padrão
117		3.pau	1.pauø	ø
118			2.paus	padrão
119			3.pais	não padrão
120	> -EU	4.chapéu	1.chapéuø	ø
121			2.chapéus	padrão
122			3.chapéis	não padrão
123		5.troféu	1.troféuø	ø
124			2.troféus	padrão
125			3.troféis	não padrão
126		6.véu	1.véuø	ø
127			2.véus	padrão
128			3.véis	não padrão
129	4. -L (17) > -AL	1.aventail	1.aventailø	ø
130			2.aventais	padrão
131			3.aventaus	não padrão
132		2.bocal	1.bocalø	ø
133			2.bocais	padrão
134			3.bocaus	não padrão
135		3.hospital	1.hospitalø	ø
136			2.hospitais	padrão
137		4.pedal	1.pedalø	ø
138			2.pedais	padrão
139			3.pedai	não padrão
140			4.pedaus	não padrão
141			5.pedalo	não padrão
142			6.pedalos	não padrão
143			7.pedales	não padrão
144		5.policiaill	1.policiaillø	ø
145			2.policiais	padrão
146		6.queixail	1.queixailø ³⁷⁰	ø
147			2.queixais	padrão
148			3.queixares	não padrão
149		7.real	1.realø	ø
150			2.reais	padrão
151	> -EL	8.anell	1.anellø	ø
152			2.anéis	padrão
153			3.anéus	não padrão
154		9.pastell	1.pastellø	ø

³⁷⁰ A não marcação (Ø) foi realizada como *queixail*, *queixar* e *queixo*, mas neste quadro foram também padronizadas como *queixail*.

155			2.pastéis	padrão
156		10.pincel	1.pincelø	ø
157			2.pincéis	padrão
158			3.pincéus	não padrão
159	> -IL	11.barril	1.barrilø	ø
160			2.barris	padrão
161			3.barrius	não padrão
162		12.funil	1.funilø	ø
163			2.funis	padrão
164			3.funius	não padrão
165		13.fuzil	1.fuzilø	ø
166			2.fuzis	padrão
167			3.fuzius	não padrão
168			4.fuzíveis ³⁷¹	não padrão
169	> -OL	14.anzol	1.anzolø	ø
170			2.anzóis	padrão
171			3.anzóus	não padrão
172			4.anzós	não padrão
173		15.farol	1.farolø	ø
174			2.faróis	padrão
175			3.faróus	não padrão
176			4.farói	não padrão
177		16.gol	1.golø	ø
178			2.gols	padrão
179			3.gois	não padrão
180		17.lençol	1.lençolø	ø
181			2.lençóis	padrão
182			3.lençóus	não padrão
183	5. -R (4) > -ER	1.mulher	1.mulherø ³⁷²	ø
184			2.mulheres	padrão
185			3.mulhere	não padrão
186		2.revólver	1.revólverø	ø
187			2.revólveres	padrão
188			3.revólves	não padrão
189	> -OR	3.flor	1.florø	ø
190			2.flores	padrão
191			3.flore	não padrão
192			4.flos	não padrão
193		4.jogador	1.jogadorø	ø
194			2.jogadores	padrão
195	6. -Z (4) > -AZ	1.rapaz	1.rapazø	ø

³⁷¹ Grafou-se *fuzíveis* com o grafema <z>, pois o referente é *fuzil* e não *fusível*.

³⁷² Algumas variações fonológicas com o padrão Ø (não concordância) também foram padronizadas conforme a grafia original da lexia, como em *mulher*, *flor* e *revólver*, etc. No plural, no entanto, foram registadas no quadro como em *flos*, *revólves*, como já mencionado.

196			2.rapazes	padrão
197			3.rapaze	não padrão
198	> -IZ	2.juiz	1.juizø	ø
199			2.juízes	padrão
200		3.nariz	1.narizø	ø
201			2.narizes	padrão
202		4.raiz	1.raizø	ø
203			2.raizes	padrão
204			3.raíze	não padrão
205	7. -S (4) > PAROXÍTONA	1.lápis	1.det. lapeø ³⁷³	ø
206			2.det. lápis ³⁷⁴	padrão
207		2.pires	1.det. pireø	ø
208			2.det. pires	padrão
209	> OXÍTONA	3.mês	1.mêsø	ø
210			2.meses	padrão
211			3.mese	não padrão
212		4.país	1.paísø	ø
213			2.países	padrão
214	8. VOGAIS NASAIS (7) > EM	1.garagem	1.garagemø ³⁷⁵	ø
215			2.garagens	padrão
216		2.homem	1.homemø	ø
217			2.homens	padrão
218		3.nuvem	1.nuvemø	ø
219			2.nuvens	padrão
220		4.trem	1.tremø	ø
221			2.trens	padrão
222	> IM	5.rim	1.rimø	ø
223			2.rins	padrão
224	> OM	6.batom	1.batomø	ø
225			2.batons	padrão
226		7.bombom	1.bombomø	ø
227			2.bombons	padrão
228	9. VOGAIS ORAIS (5) > Á	1.caçua	1.caçuaø	ø
229			2.caçuas	padrão
230			3.caçuares	não padrão
231		2.chá	1.cháø	ø
232			2.chás	padrão

³⁷³ Como nos demais exemplos, a sequência *det. lapeø* ou *det. pireø* sinalizam a não marcação do plural, pois os determinantes estavam no plural, mas alguns informantes interpretariam o [s] final como marcação de plural redundante. Em muitos casos no singular, essas lexias foram realizadas sem o [s] em coda.

³⁷⁴ *Det. lapês* foi considerado variação fonológica de *det. lápis*, assim como *det. tampires* seria variação fonológica de *det. pires*. Ambas as realizações foram consideradas marcações padrão.

³⁷⁵ Para futuras realizações de rodadas no Rbrul, não foram controladas as distinções nasalização (*garagem* > *garagens*) e não nasalização (*garage* > *garages*) em nenhuma das lexias deste grupo, pois esta variação fonológica não implica mudança na escolha do padrão de plural (-s), diferentemente do controle necessário em alterações como em *revólve* (-s) ~ *revólver* (-es) cujas marcações de número ocorrem com eventual alternância de padrões.

233			3.chares	não padrão
234	> Ê	3.DVD(ê)	3.DVD(e)res	não padrão
235	> EI	4.rei	1.reiø	ø
236			2.reis	padrão
237			3.reises ³⁷⁶	não padrão
238			4.reise	não padrão
239	> IO	5.navio	1.navioø	ø
240			2.navios	padrão
241			3.navis	não padrão
242	10. DIMINUTIVOS (16) > METAFÔNICO	1.carocinho	1.car[o]cinhoø ³⁷⁷	ø
243		2.forninho	1.f[o]rninhoø	ø
244			2.f[o]rninhos	não padrão
245		3.olhinho	1.[ɔ]lhinhos	padrão
246			2.[o]lhoszinhoø	não padrão
247		4.ovinho	1.[ɔ]vinhos	padrão
248		5.porquinho	1.p[o]rquinhoø	ø
249			2.p[ɔ]rcozinhos	padrão
250			3.p[ɔ]roquinhos	padrão
251			4.p[o]roquinhos	não padrão
252			5.p[ɔ]orquinhoø	não padrão
253		6.tijololinho	1.tij[o]lolinhoø	ø
254			2.tij[o]lolinhos	não padrão
255	> ãO	7.anãozinho	1.anãozinhos	padrão
256		8.leãozinho	1.leãozinhoø	ø
257			2.leõeszinhos	não padrão
258		9.pãozinho	1.pãozinhoø	ø
259			2.pãezinhos	padrão
260	> -AU, -EU	10.degrauzinho	1.degrauzinhoø ³⁷⁸	ø
261			2.degrauzinhos	padrão
262			3.degrauszinhoø	não padrão
263		11.pauzinho	1.pauzinhoø	ø
264			2.pauzinhos	padrão
265			3.pauszinhoø	não padrão
266		12.chapeuzinho	1.chapeuzinhoø	ø
267	> -L	13.anzolzinho	1.anzoiszinhoø	não padrão
268			2.anzouszinhoø	não padrão
269	> -R	14.flor(e)zinha	1.florzinhaø ³⁷⁹	ø
270			2.florzinhas	padrão

³⁷⁶ Nem sempre houve a ditongação em *reise* e *reises*, mas se preferiu também padronizar a escrita destas lexias com a inserção da semivogal [i], evitando sua monotongação comum no repertório linguístico dos informantes.

³⁷⁷ Houve variação na realização entre *carocim* e *carocinho*.

³⁷⁸ A não marcação variou com *degruzim*. Também *pauzinho* variou com *pauzim*.

³⁷⁹ Em alguns casos, houve a queda do [r], assim *florzinha* variou naturalmente com *fl[o]zinha* quando não houve indicação de pluralidade.

271			3.floreszinhaø	não padrão
272	> -S	15.lapisinho	1.lapinhoø ³⁸⁰	ø
273	> -Z	16.rapazinho	1.rapazinhos	padrão

Fonte: Elaboração própria.

³⁸⁰ A única realização deste diminutivo não ocorreu conforme a norma padrão prescreve seu singular (lapisinho). Assim, neste caso, não houve necessidade de padronização como nos demais casos.

APÊNDICE D

Nesta seção, apresentam-se as listas completas do número de lexias que foram prescritas de forma alternativa por um mesmo autor na tradição normativa luso-brasileira. A ordem das lexias foi disposta conforme a cronologia das respectivas prescrições de caráter duplo ou triplo, logo, por exemplo, *cidadão* e *vilão* surgem no início dessa lista não por respeitarem a uma ordem alfabética. Com esse recurso, pode-se notar não apenas quais lexias mais sofreram flexibilização em suas prescrições e o tipo de morfe mais recorrente como forma alternativa de prescrição, mas também precisar a ordem cronológica da flexibilização na normatização de cada item arrolado. Conferir *Quadros 1, 2 e 3 e Tabelas 1 e 2*:

Quadro 1: Detalhamento das listagens de lexias com dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE arcaico e moderno

DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO EM -ÃO (-ANUS, -ANES, -ONES)															
TIPO DE PRESCRIÇÃO/ LEXIAS	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS														
	PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO													
	XIII-XVI	XVI				XVII				XVIII					
	Mattos e Silva (2010)	Oliveira (1536)	Barros (1540)	Gandavo (1574)	Lião (1576)	Robredo (1619)	Vera (1631)	Pereira (1666)	Barretto (1671)	Argote (1725)	Feyjó (1734)	Lima (1736)	Monte Carmelo (1767)	Lobato (1770)	Jesus Maria (1783)
N. DE DUPLA PRESCRIÇÃO (21)	-	-	-	-	2	1	2	-	1	-	-	-	4	-	11
1ª cidadão					-ãos -ões		-ãos -ões								
2ª vilão					-ãos -ões		-ãos -ões								
3ª capitão						-ões -ães									
4ª escrivão									-ães -ões						

5ª ermitão																-ães -ãos	-ãos -ões
6ª tabelião																-ães -ões	-ães -ões
7ª aldeão																-ãos -ões	
8ª bênção																-ãos -ões	
9ª alemão ³⁸¹																	-ães -ões
10ª catalão																	-ães -ões
11ª cortesão																	-ãos -ões
12ª comarcão																	-ãos -ões
13ª deão																	-ães -ões
14ª guardião																	-ães -ões
15ª pagão																	-ãos -ões
16ª sacristão																	-ães -ões
17ª temporão																	-ãos -ões
N. DE TRIPLA PRESCRIÇÃO (-)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL DE DUPLA OU TRIPLA PRESCRIÇÃO (21)	-	-	-	-	2	1	2	-	1	-	-	-	4	-	11		
N. DE -ÃOS 12/42 (28%)	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	3	-	5		
N. DE -ÃES 10/42 (24%)	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2	-	6		
N. DE -ÕES 20/42 (48%)	-	-	-	-	2	1	2	-	1	-	-	-	3	-	11		

Fonte: Elaboração própria.

³⁸¹ Para facilitar a leitura dos dados expostos no quadro e para torná-los intercomparáveis, as grafias das desinências e lexias foram atualizadas.

Quadro 2: Dupla e tripla prescrição do plural em obras do PE contemporâneo

DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO EM -ÃO (-ANUS, -ANES, -ONES)																	
PRESCRIÇÃO	GRAMÁTICAS E ORTOGRAFIAS PORTUGUESAS																
	PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO																
	XIX					XX					XXI						
	Casimiro (1803)	Souza (1804)	Melo (1818)	Barbosa (1822)	Aulete (1864)	Coelho (1891)	Dias (1894)	Cortês (1907)	Figueiredo (1920)	Silva (1961) ³⁸²	Ferreira e Figueiredo (1970)	Branco (1973)	Cunha e Cintra (1984)	Dias et al. (1999)	Fernandes (2000)	Arruda (2006)	Seródio et al. (2011)
N. DE DUPLA PRESCRIÇÃO (39)	-	-	-	3	7	-	-	-	1	6 etc	2 etc	-	12	-	8 etc	-	-
1ª benção				-ões -ãos	-ões -ãos												
2ª cidadão				-ões -ãos													
3ª vilão				-ões -ãos	-ões -ãos						-ãos -ões	-ãos -ões			-ões -ãos		
4ª deão				-ões -ães					-ões -ães			-ães -ões			-ões -ães		
5ª folião				-ões -ães													
6ª guardião				-ões -ães					-ães -ões	-ões -ães							
7ª truão				-ões -ães								-ães -ões					
8ª zangão				-ões -ãos													
9ª aldeão								-ãos -ões	-ãos -ões								

³⁸² O autor finaliza a lista com a abreviação *etc.* Assim sendo, só se pode controlar as prescrições alternativas explicitadas. O mesmo ocorreu em Ferreira e Figueiredo (1970).

3ª charlatão					-ões												
					-ãos												
					-ães												
4ª sacristão					-ões												
					-ãos												
					-ães												
5ª alão												-ãos					
												-ões					
												-ães					
6ª ermitão												-ães	-ões				
												-ãos	-ãos				
												-ões	-ães				
7ª sultão												-ões	-ões				
												-ãos	-ãos				
												-ães	-ães				
TOTAL DE DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO (54)	-	-	-	3	11	-	-	-	1	6	4	-	17	-	12	-	-
N. DE -ÃOS 40/123 (33%)	-	-	-	3	7	-	-	-	1	3	3	-	12	-	11	-	-
N. DE -ÃES 30/123 (24%)	-	-	-	-	8	-	-	-	-	3	3	-	10	-	06	-	-
N. DE -ÕES 53/123 (43%)	-	-	-	3	11	-	-	-	1	6	4	-	17	-	11	-	-

Fonte: Elaboração própria.

11 ^a sacristão								-ães	-ães	-ães						-ãos		-ãos	
								-ões	-ãos	-ões						-ães		-ães	
12 ^a charlatão								-ães	-ães	-ães			-ães					-ões	-ães
								-ões	-ões	-ões			-ões					-ães	-ões
13 ^a alão										-ães									
										-ões									
14 ^a ancião										-ãos									
										-ões									
15 ^a aldeão										-ães		-ãos							-ãos
										-ões		-ões							-ões
16 ^a vilão										-ães		-ões		-ões	-ãos				-ãos
										-ões		-ãos		-ãos	-ões				-ões
17 ^a cirurgião										-ões		-ães							
										-ães		-ões							
18 ^a truão										-ães		-ães						-ões	
										-ões		-ões						-ães	
19 ^a hortelão												-ãos			-ãos				
												-ões			-ões				
20 ^a peão												-ães							
										-ões									
21 ^a refrão												-ãos						-ãos	
												-ães						-ães	
22 ^a rufião												-ães							
										-ões									
23 ^a sultão												-ãos							-ães
												-ões							-ões
24 ^a varão												-ãos							
										-ões									
25 ^a alazão												-ães		-ães	-ães				
										-ões		-ões		-ões					
26 ^a bastião												-ães		-ães					
										-ões		-ões							
27 ^a corrimão												-ãos					-ãos	-ãos	
										-ões		-ões				-ões	-ões		
28 ^a gavião												-ães							
										-ões									
29 ^a alcorão														-ães					
														-ões					

Tabela 2: Ordem de frequência de lexias com dupla e tripla prescrição do plural presentes em listagens de obras do PE moderno ao PE e PB contemporâneos

N.	LEXIAS	DUPLA PRESCRIÇÃO		TRIPLA PRESCRIÇÃO		DUPLA E TRIPLA PRESCRIÇÃO	
		freq.	%	freq.	%	freq.	%
1 ^a	VILÃO	12	75%	4	25%	16	100%
2 ^a	ALDEÃO	6	40%	9	60%	15	100%
3 ^a	ANCIÃO	2	13%	13	87%	15	100%
4 ^a	GUARDIÃO	12	100%	-	-	12	100%
5 ^a	ERMITÃO	2	22%	7	78%	9	100%
6 ^a	ALÃO	1	14%	6	86%	7	100%
7 ^a	ANÃO	6	86%	1	14%	7	100%
8 ^a	CHARLATÃO	6	86%	1	14%	7	100%
9 ^a	DEÃO	5	71%	2	29%	7	100%
10 ^a	VULCÃO	4	57%	3	43%	7	100%
11 ^a	SACRISTÃO	6	86%	1	14%	7	100%
12 ^a	CORRIMÃO	5	100%	-	-	5	100%
13 ^a	FOLIÃO	5	100%	-	-	5	100%
14 ^a	TRUÃO	5	100%	-	-	5	100%
15 ^a	ALAZÃO	4	100%	-	-	4	100%
16 ^a	BÊNÇÃO	4	100%	-	-	4	100%
17 ^a	CORTESÃO	4	100%	-	-	4	100%
18 ^a	HORTELÃO	4	100%	-	-	4	100%
19 ^a	REFRÃO	4	100%	-	-	4	100%
20 ^a	SULTÃO	2	50%	2	50%	4	100%
21 ^a	VERÃO	4	100%	-	-	4	100%
22 ^a	CIDADÃO	3	100%	-	-	3	100%
23 ^a	CASTELÃO	3	100%	-	-	3	100%
24 ^a	FAISÃO	3	100%	-	-	3	100%
25 ^a	BASTIÃO	2	100%	-	-	2	100%
26 ^a	CIRURGIÃO	2	100%	-	-	2	100%
27 ^a	FUÃO	2	100%	-	-	2	100%

28 ^a	GUIÃO	2	100%	-	-	2	100%
29 ^a	PEÃO	1	50%	1	50%	2	100%
30 ^a	RUFIÃO	2	100%	-	-	2	100%
31 ^a	SALDÃO	2	100%	-	-	2	100%
32 ^a	TABELIÃO	2	100%	-	-	2	100%
33 ^a	ALEMÃO	1	100%	-	-	1	100%
34 ^a	ARTESÃO ³⁸⁴	1	100%	-	-	1	100%
35 ^a	ALCORÃO	1	100%	-	-	1	100%
36 ^a	BULCÃO	1	100%	-	-	1	100%
37 ^a	CAPITÃO	1	100%	-	-	1	100%
38 ^a	CATALÃO	1	100%	-	-	1	100%
39 ^a	COMARCÃO	1	100%	-	-	1	100%
40 ^a	CAIMÃO	1	100%	-	-	1	100%
41 ^a	ESCRIVÃO	1	100%	-	-	1	100%
42 ^a	GAVIÃO	1	100%	-	-	1	100%
43 ^a	MARRÃO	1	100%	-	-	1	100%
44 ^a	PAGÃO	1	100%	-	-	1	100%
45 ^a	PIÃO	-	-	1	100%	1	100%
46 ^a	TEMPORÃO	1	100%	-	-	1	100%
47 ^a	VARÃO	1	100%	-	-	1	100%
48 ^a	VOLEÃO	-	-	1	100%	1	100%
49 ^a	ZANGÃO	1	100%	-	-	1	100%
TOTAL DE PRESCRIÇÕES		142/194 (73%)		52/194 (27%)		194	100%

Fonte: Elaboração própria.

³⁸⁴ Artesão significando adorno arquitetônico (Cunha; Cintra, 1984).

APÊNDICE E

Nesta seção, estão sinalizadas as frequências de ocorrência de todas as lexias controladas nesta tese inicialmente com dados do singular e plural e posteriormente apenas com dados do plural. Conferir *Quadros 1, 2, 3, 4 e 5*:

Quadro 1: Inventário da frequência de ocorrência a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos)

INVENTÁRIO DAS VARIANTES CONTROLADAS NO ALiB E NO QPP									
N.	Grupos	Lexias	Variantes	Corpora ³⁸⁵					Total
				Cone	C.O.B.	M.P.	P.F.	NILC	
1	1.METAFÔNICOS (11)	1.bolso	1.b[o]lsoø	4	4	51	1	821	881
2			2.b[o/ɔ]lsos ³⁸⁶	-	1	5	-	110	115
3		2.cachorro	1.cach[o]rroø	1	21	91	-	381 ³⁸⁷	494
4			2.cach[o/ɔ]rros	-	-	15	-	184	199
5		3.caroço	1.car[o]çoø	-	-	1	-	28	29
6			2.car[ɔ/o]ços	4	-	-	-	10	14
7		4.forno	1.f[o]rnoø	-	1	19	13	228	261
8			2.f[ɔ/o]rnos	-	-	8	-	71	79
9		5.morro	1.m[o]rro	-	17 ³⁸⁸	18 ³⁸⁹	2	1225 ³⁹⁰	1.262
10			2.m[ɔ/o]rros	-	1	3	-	635	639
11		6.olho	1.[o]lhoø	3	18 ³⁹¹	35 ³⁹²	4 ³⁹³	1.140 ³⁹⁴	1.200
12			2.[ɔ/o]lhos	33	3	56	9	3.334	3.435
13		7.osso	1.[o]ssoø	1	4	29	1	339	374
14			2.[ɔ/o]ssos	1	3	11	1	412	428

³⁸⁵As abreviações Cone, C.O.B, M.P, P.F. e NILC correspondem, respectivamente, aos corpora: *CoNE, C-Oral-Brasil, Museu da Pessoa, Português Falado - Documentos Autênticos e NILC/ São Carlos*. Conferir o site: https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAO_CARLOS.

³⁸⁶Não é possível saber se o plural ocorre com a vogal [o] aberta ou fechada pela observação desses corpora.

³⁸⁷Com todos os dados, houve 384 ocorrências de *cachorro*.

³⁸⁸Houve quatro dados de verbo além dos contabilizados.

³⁸⁹Houve também dois casos de verbo no *corpus*.

³⁹⁰Houve 1250 dados no total.

³⁹¹Houve sete dados de verbo não controlados.

³⁹²Houve também 26 casos de verbo além dos substantivos.

³⁹³Houve também dois casos de verbo não contabilizados.

³⁹⁴No total, houve 1169 dados de *olho*.

15		8.ovo	1.[o]voø	-	7	11	5	270	293
16			2.[ɔ/o]vos	-	5	32	7	557	601
17		9.porco	1.p[o]rcoø	-	10 ³⁹⁵	44 ³⁹⁶	3	196 ³⁹⁷	253
18			2.p[ɔ/o]rcos	-	-	36	1	74	111
19		10.posto	1.p[o]stoø	3 ³⁹⁸	8 ³⁹⁹	56 ⁴⁰⁰	1	1.322 ⁴⁰¹	1.390
20			2.p[ɔ/o]stos	16	-	12	-	1.257	1.285
21		11.tijolo	1.tij[o]loø	-	2	2	-	52	56
22			2.tij[ɔ/o]los	-	1	3	-	107	111
23	2. -ÃO (18) > -ÃO	1.aldeão	1.aldeãoø	-	-	-	-	3	3
24			2.aldeões	-	-	-	-	2	2
25			3.aldeãos	-	-	-	-	-	
26			4.aldeães	-	-	-	-	-	
27		2.avião	1.aviãoø	6	9	45	2	1.940	2.002
28			2.aviões	4	-	12	-	901	917
29			3.aviãos	-	-	-	-	-	
30			4.aviães	-	-	-	-	-	
31		3.cidadão	1.cidadãoø	9	-	41	4	1.175	1.229
32			2.cidadãos	10	-	5	-	928	944
33			3.cidadões	-	-	-	-	1	
34			4.cidadães	-	-	-	-	-	
35			5.cidadãs	-	-	-	-	* ⁴⁰²	
36		4.limão	1.limãoø	-	1	2	2	133	138
37			2.limões	-	-	-	-	15	15
38			3.limãos	-	-	-	-	-	
39			4.limães	-	-	-	-	-	
40		5.mamão	1.mamãoø	-	2	1	-	38	41
41			2.mamões	-	-	-	-	3	3
42			3.mamãos	-	-	-	-	-	

³⁹⁵ No total, houve 11 dados de *porco*.

³⁹⁶ Com os adjetivos, totalizam-se 51 casos de *porco* e 39 de *porcos*.

³⁹⁷ No total, houve 214 dados de *porco* e 78 de *porcos*.

³⁹⁸ Para *posto*, houve cinco dados no total com outras categorias e 17 para *postos*.

³⁹⁹ No total, houve 11 ocorrência de *posto*.

⁴⁰⁰ No total, houve 82 ocorrências de *posto* e 15 de *postos*.

⁴⁰¹ Com demais categorias, houve 1.804 dados de *posto* e 1.456 de *postos*.

⁴⁰² Foram localizados quatro dados, porém com feminino de *cidadão*.

43			4.mamães	-	-	-	-	*403	
44		6.televisão	1.televisãoø	19	21	135	18	2.906	3.099
45			2.televisões	1	-	2	1	132	135
46			3.televisões	-	-	-	-	-	
47			4.televisões ⁴⁰⁴	-	-	-	-	-	
48	> -ANUS	7.anão	1.anãoø	-	-	1	-	67	68
49			2.anãos	-	-	-	-	-	162
50			3.anões	-	1	-	-	161	
51			4.anões ⁴⁰⁵	-	-	-	-	-	
52		8.corrimão	1.corrimãoø	-	2	2	-	9	13
53			2.corrimãos	-	-	-	-	3	4
54			3.corrimões	-	-	-	-	1	
55			4.corrimães	-	-	-	-	-	
56		9.cristão	1.cristãoø	5	-	11	-	267	283
57			2.cristãos	2	-	19	1	236	258
58			3.cristães	-	-	-	-	-	
59			4.cristões	-	-	-	-	-	
60		10.guardião	1.guardiãoø	1	-	1	-	42	44
61			2.guardiães	-	-	-	-	13	28
62			3.guardiões	-	-	2	-	13	
63			4.guardiãos	-	-	-	-	-	
64		11.mão	1.mãoø	30	81	308	19	4.153	4.591
65			2.mãos	42	11	48	3	3.083	3.187
66			3.mães	*406	*407	*408	*409	*410	
67			4.mões	-	-	-	-	-	
68		12.vulcão	1.vulcãoø	-	-	-	6	119	125
69			2.vulcãos	-	-	-	-	-	70
70			3.vulcões	-	-	-	1	69	

⁴⁰³ Localizaram-se seis dados, mas como sinônimos de *mães*.

⁴⁰⁴ Esta possibilidade de flexão não foi localizada nas amostras do *Projeto ALiB* ou *QPP*, mas fez-se necessário verificar sua frequência de ocorrência em outros *corpora*.

⁴⁰⁵ Idem à nota 395.

⁴⁰⁶ Foram localizados dois dados apenas como plural de *mãe*.

⁴⁰⁷ Foram localizados cinco dados, mas como plural de *mãe*.

⁴⁰⁸ Os 46 dados identificados têm como referente o singular *mãe*.

⁴⁰⁹ O único dado localizado se refere ao plural de *mãe*.

⁴¹⁰ Foram localizados 431 dados, porém como plural de *mãe*.

71			4. vulcões ⁴¹¹	-	-	-	-	-	
72	> -ANES	13.alemão	1.alemãoø	2 ⁴¹²	6 ⁴¹³	35 ⁴¹⁴	3 ⁴¹⁵	942 ⁴¹⁶	988
73			2.alemães	1	-	13	4	637	655
74			3.alemãos	-	-	-	-	-	
75			4.alemões	-	-	-	-	-	
76		14.cão	1.cãoø	47	1	47	12	314	421
77			2.cães	23	-	15	2	358	398
78			3.cãos	-	-	-	-	-	
79			4. cões ⁴¹⁷	-	-	-	-	-	
80		15.pão	1.pãoø	-	21	176	32	616	845
81			2.pães	-	2	13	-	124	139
82			3.pãos	-	-	-	-	-	
83			4.pões	-	-	*418	-	*419	
84	> -ONES	16.ladrão	1.ladrãoø	-	5	17	1	485	508
85			2.ladrões	-	-	-	-	746	746
86			3.ladrãos	-	-	-	-	-	
87			4. ladrões ⁴²⁰	-	-	-	-	-	
88		17.leão	1.leãoø	1	1	18	-	201	221
89			2.leões	-	-	3	-	125	128
90			3.leãos	-	-	-	-	-	
91			4.leães	-	-	-	-	-	
92		18.melão	1.melãoø	-	-	1	-	39	40
93			2.melões	-	-	1	-	17	18
94			3.melãos	-	-	-	-	-	
95			4.melães ⁴²¹	-	-	-	-	-	
96	3. -AU, -EU (6) >-AU	1.degrau	1.degrauø	-	-	6	-	103	109
97			2.degraus	-	-	-	-	109	

⁴¹¹ Esta eventual alternativa de pluralização não foi localizada nas amostras do *Projeto ALiB* ou *QPP*.

⁴¹² Com os adjetivos, houve 14 ocorrências de *alemão* e quatro de *alemães*.

⁴¹³ Além desses dados, houve uma ocorrência da lexia como adjetivo.

⁴¹⁴ Houve também 17 ocorrências da lexia *alemão* e 7 *alemães* como adjetivo.

⁴¹⁵ Houve três casos de *alemão* como adjetivo.

⁴¹⁶ Com os 1.738 adjetivos, houve 2.680 ocorrências de *alemão*. O seu plural totalizou 1.033 com outras categorias.

⁴¹⁷ Idem à nota 407.

⁴¹⁸ Foram localizados três dados, mas como verbo.

⁴¹⁹ Idem à nota 409.

⁴²⁰ Esta eventual alternativa de pluralização não foi localizada nas amostras analisadas na tese.

⁴²¹ Idem à nota 411.

98			3.degrais	-	-	-	-	-	109
99			4.degrai	-	-	-	-	-	
100		2.grau	1.grauø	13	13	54	2	2.850	2.932
101			2.graus	13	10	22	-	946	991
102			3. graus ⁴²²	-	-	-	-	-	
103		3.pau	1.pauø	-	13	55	8	293	369
104			2.paus	-	-	16	1	46	63
105			3.pais	*423	*424	*425	*426	*427	
106	> -EU	4.chapéu	1.chapéuø	-	5	13	-	417	435
107			2.chapéus	-	-	-	-	125	127
108			3.chapéis	-	-	-	-	2	
109		5.troféu	1.troféuø	-	-	4	-	228	232
110			2.troféus	-	-	3	-	72	75
111			3.troféis	-	-	-	-	-	
112		6.véu	1.véuø	-	-	1	-	127	128
113			2.véus	-	-	-	-	33	33
114			3.véis	-	-	-	-	-	
115	4. -L (17) > -AL	1.amental	1.amentalø	-	-	6	-	20	26
116			2.amentais	-	-	5	-	17	22
117			3.amentais	-	-	-	-	-	
118		2.bocal	1.bocalø	-	-	-	-	21	21
119			2.bocais	-	-	-	-	2	2
120			3.bocaus	-	-	-	-	-	
121		3.hospital	1.hospitalø	11	27	99	6	2.976	3.119
122			2.hospitais	8	1	14	1	1.554	1.578
123			3.hospitaus ⁴²⁸	-	-	-	-	-	
124		4.pedal	1.pedalø	-	2	-	-	61	63
125			2.pedais	-	-	-	-	32	32
126			3.pedai	-	-	-	-	-	
127			4.pedaus	-	-	-	-	-	-

⁴²² Idem à nota 412.

⁴²³ Os 42 dados localizados são referentes ao plural de *pai* ou corresponde à noção de nação (*país*).

⁴²⁴ Foram localizados 12 casos com referente *pai*.

⁴²⁵ Foram localizados 569 dados com outro referente.

⁴²⁶ Foram localizados 50 dados com outro referente.

⁴²⁷ Os 2772 dados identificados se referem ao plural de *pai* ou significam nação (*país*).

⁴²⁸ Pluralização não foi localizada nas amostras do *Projeto ALiB* ou *QPP*.

128			5.pedalo	-	-	-	-	-	-
129			6.pedalos	-	-	-	-	-	-
130			7.pedales	-	-	-	-	-	-
131		5.policial	1.policialø	*429	*430	11 ⁴³¹	-	875 ⁴³²	886
132			2.policiais	-	-	9	*433	4.341	4.350
133			3.policiaus ⁴³⁴	-	-	-	-	-	
134		6.queixal	1.queixalø	-	-	-	-	1	
135			2.queixais	-	-	-	-	-	-
136			3.queixares	-	-	-	-	-	
137			4.queixaus ⁴³⁵	-	-	-	-	-	
138		7.real	1.realø	48 ⁴³⁶	14 ⁴³⁷	10 ⁴³⁸	4 ⁴³⁹	8.689 ⁴⁴⁰	8.765
139			2.reais	116	65	144	4	1.231	1.560
140			3.reaus ⁴⁴¹	-	-	-	-	-	-
141	> -EL	8.anel	1.anelø	-	2	3	-	171	176
142			2.anéis	1	1	3	-	122	127
143			3.anéus	-	-	-	-	-	-
144		9.pastel	1.pastelø	-	-	-	-	67	67
145			2.pastéis	-	-	2	-	63	65
146			3.pasteus ⁴⁴²	-	-	-	-	-	-
147		10.pincel	1.pincelø	-	-	5	-	50	55
148			2.pincéis	-	-	3	-	37	40
149			3.pincéus	-	-	-	-	-	-
150	> -IL	11.barril	1.barrilø	1	1	3	1	119	125
151			2.barris	4	-	3	-	268	275
152			3.barris	-	-	-	-	-	-

⁴²⁹ A única ocorrência localizada seria adjetivo.

⁴³⁰ Idem à nota 420.

⁴³¹ Houve a identificação de duas ocorrências também de *policial* como adjetivo.

⁴³² Foram localizados 2.354 dados de *policial* e 4794 *policiais* no total.

⁴³³ O único dado identificado seria adjetivo.

⁴³⁴ Idem à nota 424.

⁴³⁵ Idem à nota 425.

⁴³⁶ No total, houve 137 casos de *real* e 172 de *reais*.

⁴³⁷ No total, houve 19 casos de *real* e 68 de *reais*.

⁴³⁸ No total, houve 37 dados de *real* e 148 de *reais*.

⁴³⁹ No total, houve 15 dados de *real* e cinco de *reais*.

⁴⁴⁰ Este número corresponde a dados de substantivos apenas. No total, o item *real* atingiu 13.232 e *reais* 4.848 dados no total.

⁴⁴¹ Pluralização não foi localizada nas amostras analisadas na tese.

⁴⁴² Idem à nota 432.

153		12.funil	1.funilø	-	-	2	-	17	19
154			2.funis	-	-	-	-	2	2
155			3.funius	-	-	-	-	-	-
156		13.fuzil	1.fuzilø	-	-	5	-	153	163
157			2.fuzi	-	-	-	-	-	-
158			3.fuzis	-	-	-	-	270	270
159			4.fuzius	-	-	-	-	-	-
160			5.fuzíveis	*443	-	-	-	*444	-
161	> -OL	14.anzol	1.anzolø	-	-	1	1	12	14
162			2.anzóis	-	-	-	-	8	8
163			3.anzóus	-	-	-	-	-	-
164			4.anzós	-	-	-	-	-	-
165		15.farol	1.farolø	-	3	6	-	110	119
166			2.faróis	-	3	1	-	102	106
167			3.faróus	-	-	-	-	-	-
168		16.gol	1.golø	-	8	2	-	4.576	4.586
169			2.gols	-	-	1	-	3.257	3.258
170			3.gois	-	-	-	-	-	-
171		17.lençol	1.lençolø	-	3	13	1	56	73
172			2.lençóis	-	-	12	-	119	131
173			3.lençóus	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁴³ Houve apenas um registro de *fusíveis* (peça).

⁴⁴⁴ As ocorrências de *fuzíveis* (1) ou *fusíveis* (6) não se referem ao referencial arma.

Quadro 2: Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo metafônico a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos)

FREQUÊNCIA			
N.	BAIXA (1-99)	MÉDIA (100-499)	ALTA (a partir de 500)
1	caroço	bolso	morro
2	forno	cachorro	olho
3		osso	posto
4		porco	ovo
5		tijolo	

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3: Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em -ão a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos)

FREQUÊNCIA			
N.	BAIXA (1-99)	MÉDIA (100-499)	ALTA (a partir de 500)
1	aldeão	televisão	avião
2	limão	anão	cidadão
3	mamão	cristão	mão
4	corrimão	cão	alemão
5	guardião	pão	ladrão
6	vulcão	leão	
7	melão		

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4: Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em ditongo decrescente com terminação em <-u> a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos)

FREQUÊNCIA			
N.	BAIXA (1-99)	MÉDIA (100-499)	ALTA (a partir de 500)
1	pau	degrau	grau
2	troféu	chapéu	
3	véu		

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5: Inventário da frequência de ocorrência do plural do grupo em ditongo decrescente com terminação em <-l> a partir de corpora do Projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos)

FREQUÊNCIA			
N.	BAIXA (1-99)	MÉDIA (100-499)	ALTA (a partir de 500)
1	avental	anel	hospital
2	bocal	barril	policial
3	pedal	fuzil	real
4	queixal	farol	gol
5	pastel	lençol	
6	pincel		
7	funil		
8	anzol		

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6: Inventário complementar da frequência de ocorrência do plural do grupo de lexias terminadas em <-l>, <-u>, <-ão> e grupo metafônico a partir de *corpus* do *Projeto ALiB*

FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DA AMOSTRA DO PROJETO ALiB	
Frequência <i>token</i> ⁴⁴⁵	<i>Plurais sem frequência</i> (zero ocorrência)
	Aldeões, anãos, anzóis, aventais, aviões, barris, bocais, bolsos, chapéus, cidadãos, corrimãos, cristãos, degraus, fornos, funis, fuzis, gols, guardiães, ladrões, leões, limões, mamões, melões, pastéis, pedais, postos, queixal, televisões, troféus, véus, vulcões.
	<i>Plurais com frequência baixa</i> (1-17)
	Mãos ⁴⁴⁶ , tijolos, caroços, cachorro, rapazes, porcos, ossos, pães, policiais, graus, olhos, anéis, hospitais, cães, morros, pincéis, lençóis, alemães, faróis.
	<i>Plurais com frequência média</i> (21-34)
	Paus, ovos.
	<i>Plurais com frequência alta</i> (44 a 210)
	Reais.

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁴⁵ Com base na frequência de ocorrência (*token*), ou seja, baseou-se nos números absolutos de recorrências de cada lexia nas entrevistas do *Projeto ALiB* sem considerar as lexias do *QMS* e as que eram respostas induzidas pelo *QFF* e pelo *QSL*, pois se tais dados compusessem também este cômputo, os resultados seriam enviesados, ou seja, a eventual classificação não corresponderia ao nível de frequência de ocorrência que as lexias de fato apresentariam na fala dos informantes de cada mesorregião da Bahia. Foram selecionadas para o cômputo apenas as lexias em contextos de marcação de plural, mesmo que apenas no nível sintático, logo não se computou as ocorrências das lexias no singular.

⁴⁴⁶ A ordem como foram dispostas as lexias com baixa, média ou alta frequência não foi alfabética como ocorrido acima com a ordem das lexias com frequência zero. Para aquelas, a sequência das lexias indica uma ordem decrescente de frequência.

Quadro 7: Inventário complementar da frequência de ocorrência de lexias não contáveis ou massivas pluralizadas

N.	Lexias	<i>Corpora</i> ⁴⁴⁷					Total
		CoNE	C-Oral-Brasil	Museu da Pessoa	Português Falado	NILC/ São Carlos	
1	CLOROS	-	-	-	-	1	1
2	ÁLCOOIS	-	-	-	-	1	1
3	VINAGRES	-	-	-	-	2	2
4	OUROS	-	-	-	-	11	11
5	AZEITES	-	2	1	-	5	8
6	ARROZES	-	-	-	-	-	-
7	AÇÚCARES	-	-	-	-	33	-
8	ENXOFRES	-	-	-	-	-	-
9	GÊIS	-	-	-	-	5	5
10	ALGODÕES	-	-	-	-	2	2

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁴⁷ Conferir o *site*: [https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php? corpus=SAO CARLOS](https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAO%20CARLOS).

APÊNDICE F

Nesta seção do apêndice, estão disponibilizadas tabelas complementares sobre a pluralização no grupo em potencial contexto metafônico. No entanto, neste espaço, só serão disponibilizados resultados obtidos a partir do cruzamento de variáveis previsoras envolvendo processamentos estatísticos binários ou ternários. Conferir tabelas:

Tabela 1: Correlação entre faixa etária e programa de TV e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Telejornal	130	55%	44	19%	62	26%	236	100%
Faixa etária 1	42	47%	22	24%	26	29%	90	100%
Faixa etária 2	88	60%	22	15%	36	25%	146	100%
Prog. religiosos	17	39%	12	28%	14	33%	43	100%
Faixa etária 1	-	-	-	-	-	-	-	100%
Faixa etária 2	17	39%	12	28%	14	33%	43	100%
Total geral	147	53%	56	20%	76	27%	279	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre faixa etária e nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	97	45%	56	26%	63	29%	216	100%
Faixa etária 1	23	61%	10	26%	5	13%	38	100%
Faixa etária 2	74	41%	46	26%	58	33%	178	100%
Fundamental 2	286	61%	106	22%	81	17%	473	100%
Faixa etária 1	143	50%	78	28%	63	22%	284	100%
Faixa etária 2	143	76%	28	15%	18	9%	189	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre faixa etária e contato com o público no mercado de trabalho e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	163	50%	69	21%	92	29%	324	100%
Faixa etária 1	59	50%	24	20%	36	30%	119	100%
Faixa etária 2	104	51%	45	22%	56	27%	205	100%
Maior contato	220	60%	93	26%	52	14%	365	100%
Faixa etária 1	107	53%	64	31%	32	16%	203	100%
Faixa etária 2	113	70%	29	18%	20	12%	162	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre faixa etária e grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor grau	239	52%	97	21%	125	27%	461	100%
Faixa etária 1	96	47%	47	23%	62	30%	205	100%
Faixa etária 2	143	56%	50	19%	63	25%	256	100%
Maior grau	144	63%	65	29%	19	8%	228	100%
Faixa etária 1	70	60%	41	35%	6	5%	117	100%
Faixa etária 2	74	67%	24	21%	13	12%	111	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre *ordem de realização no primeiro bloco*⁴⁴⁸ e *parte do questionário* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira realização	130	52%	51	21%	66	27%	247	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	113	52%	45	20%	61	28%	219	100%
<i>QMS (ALiB)</i>	17	61%	6	21%	5	18%	28	100%
Segunda realização	72	50%	31	22%	40	28%	143	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	29	32%	24	42%	38	26%	91	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	15	79%	4	21%	-	-	19	100%
<i>QMS (ALiB)</i>	28	85%	3	9%	2	6%	33	100%
Total geral	202	52%	82	21%	106	27%	390	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Correlação entre *ordem de realização no segundo bloco* e *parte do questionário* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Terceira realização	55	60%	21	23%	16	17%	92	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	7	27%	9	35%	10	38%	26	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	35	69%	11	21%	5	10%	51	
<i>QMS (ALiB)</i>	13	86%	1	7%	1	7%	15	100%
A partir da quarta realização	35	38%	47	51%	10	11%	92	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	4	27%	7	46%	4	27%	15	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	20	31%	38	60%	6	9%	64	100%
<i>QMS (ALiB)</i>	11	85%	2	15%	-	-	13	100%
Total geral	90	49%	68	37%	26	14%	184	100%

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁴⁸ O primeiro e segundo blocos são formados, respectivamente, pela primeira e segunda realizações e pela terceira ou mais realizações.

Tabela 7: Correlação entre as lexias *olho* e *ovo*, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Variantes	Lexia	Marcação dupla		Marcação única		Total geral	
		freq.	%	freq.	freq.	%	freq.
ALiB: Fundamental 1	Olho	16	80%	4	20%	20	100%
	Ovo	1	50%	1	50%	2	100%
Total parcial		17	77%	5	23%	22	100%
ALiB: Fundamental 2	Olho	14	93%	1	7%	15	100%
	Ovo	8	100%	-	0%	8	100%
Total parcial		22	96%	1	4%	23	100%
QPP: Fundamental 1	Olho	5	36%	9	64%	14	100%
	Ovo	15	88%	2	12%	17	100%
Total parcial		20	65%	11	35%	31	100%
QPP: Fundamental 2	Olho	40	85%	7	15%	47	100%
	Ovo	49	100%	-	0%	49	100%
Total parcial		89	93%	7	7%	96	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre as principais lexias controladas nas cidades em comum nas amostras do ALiB e QPP e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Variantes	Lexia	Marcação dupla		Marcação única		Total geral	
		freq.	%	freq.	freq.	%	freq.
ALiB	Olho	30	86%	5	14%	35	100%
	Ovo	9	90%	1	10%	10	100%
Total parcial		39	87%	6	13%	45	100%
QPP	Olho	45	74%	16	26%	61	100%
	Ovo	64	97%	2	3%	66	100%
Total parcial		109	86%	18	14%	127	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre a lexia olho, amostra/ano, cidades em comum, nível de escolaridade e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico⁴⁴⁹

Amostra	Nível de escolaridade	Marcação dupla		Marcação única		Total geral	
		freq.	%	freq.	freq.	%	freq.
ALiB	Fundamental 1	16	80%	4	20%	20	100%
	Fundamental 2	14	93%	1	7%	15	100%
Total parcial		30	86%	5	14%	35	100%
QPP	Fundamental 1	5	36%	9	64%	14	100%
	Fundamental 2	40	85%	7	15%	47	100%
Total parcial		45	74%	16	26%	61	100%

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁴⁹ Outras variáveis foram cruzadas com a lexia *olho*, mas apenas essas apresentadas na tabela obtiveram resultados relevantes. Essa tabela visa a um recorte apresentando apenas a pluralização da lexia *olho*. Dados da lexia *ovo* encontram-se na *Tabela 7, Apêndice F*.

Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Nível de escolaridade	Lexia	Marcação dupla		Marcação única		Total geral	
		freq.	%	freq.	freq.	%	freq.
Fundamental 1	Caroço	1	11%	8	89%	9	100%
	Forno	1	8%	12	92%	13	100%
	Olho	66	76%	21	24%	87	100%
	Oso	3	60%	2	40%	5	100%
	Ovo	21	88%	3	12%	24	100%
	Porco	2	33%	4	67%	6	100%
	Posto	-	-	-	-	-	100%
	Tijolo	3	33%	6	67%	9	100%
Total parcial		97	63%	56	37%	153	100%
Fundamental 2	Caroço	24	55%	20	45%	44	100%
	Forno	3	5%	57	95%	60	100%
	Olho	109	90%	12	10%	121	100%
	Oso	36	92%	3	8%	39	100%
	Ovo	60	100%	-	0%	60	100%
	Porco	28	93%	2	7%	30	100%
	Posto	9	69%	4	31%	13	100%
	Tijolo	17	68%	8	32%	25	100%
Total parcial		383	70%	162	30%	545	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Correlação entre nível universitário, lexia e a realização da marcação dupla versus marcação única em potencial contexto metafônico

Lexia	Marcação dupla		Marcação única		Total geral	
	freq.	%	freq.	freq.	%	freq.
Caroço	6	55%	5	45%	11	100%
Forno	10	45%	12	55%	22	100%
Olho ⁴⁵⁰	17	100%	-	-	17	100%
Osso	7	100%	-	-	7	100%
Ovo	14	100%	-	-	14	100%
Porco	5	100%	-	-	5	100%
Posto	4	100%	-	-	4	100%
Tijolo	4	80%	1	20%	5	100%
Total parcial	67	79%	18	21%	85	

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁵⁰ *Olho* foi a única lexia na amostra complementar com universitários que apresentou realização de não marcação (1/17).

Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento/ parte do questionário e *lexia* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Ovo	64	91%	2	3%	4	6%	70	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	35	97%	-	-	1	3%	36	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	29	85%	2	7%	3	8%	34	100%
Olho	45	65%	16	23%	8	12%	69	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	25	66%	6	16%	7	18%	38	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	20	65%	10	32%	1	3%	31	100%
Caroço	23	30%	26	33%	29	37%	78	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	6	13%	12	27%	27	60%	45	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	17	52%	14	42%	2	6%	33	100%
Forno	4	4%	69	70%	26	26%	99	100%
<i>Parte 1 (QPP)</i>	-	-	42	67%	21	33%	63	100%
<i>Parte 3 (QPP)</i>	4	11%	27	75%	5	14%	36	100%
Total geral	136	43%	113	36%	67	21%	316	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE G

A seguir, estão sequenciadas tabelas complementares com resultados de processamentos estatísticos ternários sobre a pluralização no grupo em potencial contexto metafônico sobre cada variável previsor. Assim, além dos dados obtidos com os processamentos binários ocorridos nas rodadas 1 e 2, tem-se uma visão global com os resultados das *três variantes resposta*. Conferir tabelas:

Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	185	59%	60	19%	71	22%	316	100%
Segunda	87	53%	33	20%	43	27%	163	100%
Terceira	65	62%	22	21%	18	17%	105	100%
Quarta ou mais	46	44%	47	45%	12	11%	105	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	29	16%	97	52%	59	32%	185	100%
Média	89	61%	25	17%	32	22%	146	100%
Alta	265	74%	40	11%	53	15%	358	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre *lexia* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Forno	4	4%	69	70%	26	26%	99	100%
Caroço	25	29%	28	33%	33	38%	86	100%
Outras	98	53%	29	15%	59	32%	186	100%
Olho	175	77%	33	14%	21	9%	229	100%
Ovo	81	91%	3	3%	5	6%	89	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre *mesorregiões* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Centro Norte Baiano	47	43%	19	17%	44	40%	110	100%
Centro Sul Baiano	76	65%	16	14%	24	21%	116	100%
Extremo Oeste Baiano	41	44%	32	35%	19	21%	92	100%
Metropolitana	51	68%	15	20%	9	12%	75	100%
Nordeste Baiano	50	51%	28	29%	19	20%	97	100%
Sul Baiano	66	66%	26	26%	8	8%	100	100%
Vale Franciscano	52	53%	26	26%	21	21%	99	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre *municípios* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Alagoinhas	37	50%	23	31%	14	19%	74	100%
Barra	7	64%	1	9%	3	27%	11	100%
Barreiras	32	40%	31	38%	18	22%	81	100%
Caetité	4	67%	2	33%	-	0%	6	100%
Caravelas	7	78%	1	11%	1	11%	9	100%
Carinhanha	6	67%	2	22%	1	11%	9	100%
Euclides da Cunha	4	45%	3	33%	2	22%	9	100%
Ilhéus	42	62%	23	34%	3	4%	68	100%
Irecê	13	100%	-	0%	-	0%	13	100%
Itaberaba	6	86%	1	14%	-	0%	7	100%
Itapetinga	11	100%	-	0%	-	0%	11	100%
Jacobina	28	31%	18	20%	44	49%	90	100%
Jequié	3	75%	-	0%	1	25%	4	100%
Jeremoabo	9	64%	2	14%	3	22%	14	100%
Juazeiro	39	49%	23	29%	17	22%	79	100%
Salvador	43	66%	13	20%	9	14%	65	100%
Santa Cruz Cabrália	8	89%	-	0%	1	11%	9	100%
Santana	9	82%	1	9%	1	9%	11	100%
Santo Amaro	8	80%	2	20%	-	0%	10	100%
Seabra	16	89%	1	5%	1	5%	18	100%
Valença	9	64%	2	14%	3	22%	14	100%
Vitória da Conquista	42	54%	13	17%	22	29%	77	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	160	78%	24	12%	20	10%	204	100%
<i>QPP</i>	223	46%	138	28%	124	26%	485	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	166	52%	88	27%	68	21%	322	100%
Faixa 2	217	59%	74	20%	76	21%	367	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre *nível de escolaridade* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	97	45%	56	26%	63	29%	216	100%
Fundamental 2	286	61%	106	22%	81	17%	473	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização das marcações de plural em potencial contexto metafônico

Variantes	Marcação dupla		Marcação única		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	239	52%	97	21%	125	27%	461	100%
Maior	144	63%	65	29%	19	8%	228	100%
Total geral	383	56%	162	23%	144	21%	689	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE H

Nesta seção de apêndice, estão dispostas as tabelas complementares com resultados de processamentos estatísticos ternários sobre a pluralização do grupo de lexias com terminação no ditongo *-ão*. Conferir tabelas:

Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	257	37%	184	27%	250	36%	691	100%
Segunda	89	32%	86	30%	108	38%	283	100%
Terceira	36	30%	32	26%	53	44%	121	100%
Quarta ou mais	41	40%	28	28%	33	32%	102	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	181	52%	56	16%	114	32%	351	100%
Média	140	32%	160	37%	132	31%	432	100%
Alta	102	25%	114	27%	198	48%	414	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre *lexia* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-ão*

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Vulcão	26	84%	3	10%	2	6%	31	100%
Guardião	26	81%	2	6%	4	13%	32	100%
Aldeão	25	78%	1	3%	6	19%	32	100%
Anão	23	72%	1	3%	8	25%	32	100%
Televisão	29	69%	2	5%	11	26%	42	100%
Cristão	22	69%	6	19%	4	12%	32	100%
Avião	22	63%	2	6%	11	31%	35	100%
Cidadão	23	62%	6	16%	8	22%	37	100%
Ladrão	41	61%	2	3%	24	36%	67	100%
Limão	23	56%	5	12%	13	32%	41	100%
Leão	63	49%	8	6%	57	45%	128	100%
Corrimão	47	43%	20	18%	42	39%	109	100%
Melão	5	42%	1	8%	6	50%	12	100%
Mamão	29	31%	24	25%	41	44%	94	100%
Alemão	14	19%	32	43%	28	38%	74	100%
Pão	3	2%	109	68%	47	30%	159	100%
Mão	2	1%	72	36%	127	63%	201	100%
Cão	-	0%	34	87%	5	13%	39	100%
Total geral	423		330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre *lexia* e a realização das marcações de plural detalhadas em *lexias* com terminação em *-ão*

Variantes	<i>-ões</i>		<i>-ãos</i>		<i>-ães</i>		Não marcação	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Vulcão	26	84%	3	10%	-	0%	2	6%
Guardião	26	81%	2	6%	-	0%	4	13%
Aldeão	25	78%	1	3%	-	0%	6	19%
Anão	23	72%	1	3%	-	0%	8	25%
Televisão	29	69%	2	5%	-	0%	11	26%
Cristão	22	69%	2	6%	4	12,75%	4	12,75%
Avião	22	63%	1	3%	1	3%	11	31%
Cidadão	23	62%	2	5%	4	11%	8	22%
Ladrão	41	61%	2	3%	-	0%	24	36%
Limão	23	56%	3	7%	2	5%	13	32%
Leão	63	49%	6	5%	2	2%	57	44%
Corrimão	47	43%	18	16%	2	2%	42	39%
Melão	5	42%	1	8%	-	0%	6	50%
Mamão	29	31%	11	12%	13	14%	41	43%
Alemão	14	19%	7	9%	25	34%	28	38%
Pão	3	2%	3	2%	106	67%	47	29%
Mão	2	1%	63	31%	9	5%	127	63%
Cão	-	0%	5	13%	29	74%	5	13%
Total geral	423	35%	133	11%	197	17%	444	37%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre *lexias em comuns* em amostras distintas do século XXI e a realização das marcação *-ões* em *lexias* com terminação em *-ão*

Variantes	ALiB e QPP	Severino (2013)	Huback (2007)
Vulcão	84%	-	99%
Guardião	81%	-	42,8%
Aldeão	78%	-	-
Anão	72%	-	66,6%
Televisão	69%	-	100%
Cristão	69%	-	34,2%
Avião	63%	-	100%
Cidadão	62%	53,6%	-
Ladrão	61%	89,9%	-
Limão	56%	-	91,8%
Leão	49%	-	100%
Corrimão	43%	-	-
Melão	42%	-	-
Mamão	31%	70,6%	-
Alemão	19%	24,3%	13,8%
Pão	2%	-	0% ⁴⁵¹
Mão	1%	2,9%	0%
Cão	0%	0%	0%

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁵¹ Por se tratar de resultados categóricos, *pão*, *mão* e *cão* assim como *grão* e *irmão* foram retirados da análise da autora. Segundo Huback (2007, p. 210), “... ficamos, então, com sete palavras (“alemão”, “anão”, “cristão”, “escrivão”, “guardião”, “órgão” e “vulcão”) e um total de 315 dados”.

Tabela 6: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. M. de SSA	70	49%	36	25%	37	26%	143	100%
C. Norte Baiano	70	40%	36	21%	67	39%	173	100%
Nordeste Baiano	65	38%	50	30%	55	32%	170	100%
Sul Baiano	69	37%	66	36%	51	27%	186	100%
Vale Franciscano	68	36%	45	23%	78	41%	191	100%
E. Oeste Baiano	39	27%	41	28%	66	45%	146	100%
Centro Sul Baiano	42	22%	56	30%	90	48%	188	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7: Correlação entre *localidade específica* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-ão*

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Salvador	68	52%	31	23%	33	25%	132	100%
Alagoinhas	64	47%	38	28%	35	25%	137	100%
Ilhéus	62	45%	49	36%	26	19%	137	100%
Jacobina	65	43%	29	19%	57	38%	151	100%
Juazeiro	64	42%	36	23%	53	35%	153	100%
Caetité	4	40%	5	50%	1	10%	10	100%
Barreiras	37	29%	31	24%	60	47%	128	100%
Itaberaba	3	27%		0%	8	73%	11	100%
V. da Conquista	35	25%	39	28%	65	47%	139	100%
Santo Amaro	2	18%	5	46%	4	36%	11	100%
Irecê	2	18%	7	64%	2	18%	11	100%
Valença	3	18%	5	29%	9	53%	17	100%
Itapetinga	2	16,5%	8	67%	2	16,5%	12	100%
Barra	2	13%	3	20%	10	67%	15	100%
Caravelas	2	13%	6	40%	7	47%	15	100%
Santa C. Cabrália	2	12%	6	35%	9	53%	17	100%
Santana	2	11%	10	56%	6	33%	18	100%
Carinhanha	2	9%	6	26%	15	65%	23	100%
Jeremoabo	1	6%	8	47%	8	47%	17	100%
Seabra	1	6%	2	12%	14	82%	17	100%
E. da Cunha	-	0%	4	25%	12	75%	16	100%
Jequié	-	0%	2	20%	8	80%	10	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-ão*

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	43	13%	115	34%	181	53%	339	100%
<i>QPP</i>	380	44%	215	25%	263	31%	858	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre *as principais lexias e municípios em comum das amostras do ALiB e QPP* e a realização das marcações em lexias com terminação em *-ão*

Amostras	Lexias	<i>-ões</i>		Outras marcações		Não marcação		Total geral	
		freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB (QMS)</i>	Leão	15	50%	2	7%	13	43%	30	100%
	Mão	-	-	5	19%	21	81%	26	100%
	Pão	-	-	23	77%	7	23%	30	100%
Total		15	17%	30	35%	41	48%	86	100%
<i>QPP (Parte 1)</i>	Leão	21	62%	4	12%	9	26%	34	100%
	Mão	2	2%	41	50%	39	48%	82	100%
	Pão	1	3%	28	82%	5	15%	34	100%
Total		24	16%	73	49%	53	35%	150	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 10: Correlação entre faixa etária e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	239	42%	152	26%	184	32%	575	100%
Faixa 2	184	29%	178	29%	260	42%	622	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	57	15%	83	22%	242	63%	382	100%
Fundamental 2	366	45%	247	30%	202	25%	815	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12: Correlação entre contato com o público no mercado ocupacional e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	-ões		outras (-ãos/-ães)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	148	27%	142	26%	254	47%	544	100%
Maior contato	275	42%	188	29%	190	29%	653	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 13: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -ão

Variantes	<i>-ões</i>		outras (<i>-ãos/-ães</i>)		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	166	27,5%	166	27,5%	268	45%	600	100%
Maior	257	43%	164	27%	176	30%	597	100%
Total geral	423	35%	330	28%	444	37%	1197	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE I

Nesta seção, seguem todas as tabelas complementares com resultados de processamentos estatísticos ternários das lexias com terminação em ditongo oral decrescente do tipo *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*:

Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	422	50%	105	13%	309	37%	836	100%
Segunda	151	50%	44	15%	107	35%	302	100%
Terceira	51	49%	14	13%	39	38%	104	100%
Quarta ou mais	58	60%	13	13%	26	27%	97	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	214	45%	52	11%	212	44%	478	100%
Média	250	46,04%	84	15%	209	39%	543	100%
Alta	218	68%	40	13%	60	19%	318	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre frequência na amostra e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Zero	305	40%	110	15%	340	45%	755	100%
Baixa	201	57%	51	15%	98	28%	350	100%
Média	6	10%	15	26%	37	64%	58	100%
Alta	170	97%	-	0%	6	3%	176	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre *lexias* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Real	170	97%	-	0%	6	3%	176	100%
Anel	124	74%	6	4%	37	22%	167	100%
Policial	27	73%	-	0%	10	27%	37	100%
Pastel	26	70%	-	0%	11	30%	37	100%
Pincel	29	69%	6	14%	7	17%	42	100%
Hospital	21	62%	-	0%	13	38%	34	100%
Avental	80	55%	3	2%	63	43%	146	100%
Pedal	14	50%	5	18%	9	32%	28	100%
Bocal	19	46%	1	3%	21	51%	41	100%
Troféu	28	38%	10	13%	35	48%	73	100%
Chapéu	60	35%	29	17%	82	48%	171	100%
Degrau	66	32%	49	24%	90	44%	205	100%
Véu	10	23%	12	27%	22	50%	44	100%
Queixal	2	22%	-	0%	7	78%	9	100%
Pau	6	10%	15	26%	37	64%	58	100%
Grau	-	0%	40	56%	31	44%	71	100%
Total geral	682	50%	176	14%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre mesorregiões e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. Met. SSA	97	65%	13	9%	39	26%	149	100%
Sul Baiano	126	61%	37	18%	42	21%	205	100%
Nordeste Baiano	120	57%	20	10%	69	33%	209	100%
Vale Franciscano	106	55%	25	13%	62	32%	193	100%
E. Oeste Baiano	70	46%	32	21%	50	33%	152	100%
Centro Sul Baiano	89	41%	34	16%	92	43%	215	100%
C. Norte Baiano	74	34%	15	7%	127	59%	216	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Correlação entre *localidade específica* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Santo Amaro	16	76%	-	0%	5	24%	21	100%
Irecê	12	70%	2	12%	3	18%	17	100%
Caetité	18	69%	-	0%	8	31%	26	100%
Carinhanha	14	67%	1	5%	6	28%	21	100%
Santana	16	67%	5	21%	3	12%	24	100%
Caravelas	19	66%	-	0%	10	34%	29	100%
Salvador	81	63%	13	10%	34	27%	128	100%
Alagoinhas	94	63%	17	11%	38	26%	149	100%
Ilhéus	82	63%	30	23%	18	14%	130	100%
S. Cruz Cabrália	12	57%	5	24%	4	19%	21	100%
Juazeiro	81	56%	21	14%	44	30%	146	100%
Itaberaba	11	53%	3	14%	7	33%	21	100%
Valença	13	52%	2	8%	10	40%	25	100%
Jeremoabo	19	51%	3	8%	15	41%	37	100%
Itapetinga	10	50%	3	15%	7	35%	20	100%
Jequié	10	43%	2	9%	11	48%	23	100%
Barra	11	42%	3	12%	12	46%	26	100%
Barreiras	54	42%	27	21%	47	37%	128	100%
V. da Conquista	43	35%	29	24%	51	41%	123	100%
Seabra	8	35%	-	0%	15	65%	23	100%
E. da Cunha	7	30%	-	0%	16	70%	23	100%
Jacobina	51	29%	10	5%	117	66%	178	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	292	55%	43	8%	194	37%	529	100%
<i>QPP</i>	390	48%	133	16%	287	36%	810	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre *sexo* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Homem	355	51%	84	12%	252	37%	691	100%
Mulher	327	51%	92	14%	229	35%	648	100%
Total geral	682	51%	176	13,14%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu, -al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	363	56%	81	12%	210	32%	654	100%
Faixa 2	319	47%	95	14%	271	39%	685	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	175	38%	33	7%	255	55%	463	100%
Fundamental 2	507	58%	143	16%	226	26%	876	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Correlação entre contato com o público e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	271	43%	73	12%	282	45%	626	100%
Maior contato	411	58%	103	14%	199	28%	713	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu, -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	429	50%	122	14%	306	36%	857	100%
Maior	253	53%	54	11%	175	36%	482	100%
Total geral	682	51%	176	13%	481	36%	1339	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE J

Neste apêndice, estão dispostas as tabelas complementares com resultados de processamentos estatísticos ternários das lexias com terminação *-au* e *-éu*:

Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -au, -éu

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	76	23%	91	27%	168	50%	335	100%
Segunda	35	24%	38	26%	72	50%	145	100%
Terceira	20	31%	13	20%	31	49%	64	100%
Quarta ou mais	39	50%	13	17%	26	33%	78	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	44	25%	37	21%	94	54%	175	100%
Média	126	33%	78	21%	172	46%	376	100%
Alta	-	0%	40	56%	31	44%	71	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre *frequência na amostra* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-au, -éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Zero	164	33%	101	21%	229	46%	494	100%
Baixa	-	0%	39	56%	31	44%	70	100%
Média	6	10%	15	26%	37	64%	58	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre *lexias* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-au, -éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Troféu	28	38%	10	14%	35	48%	73	100%
Chapéu	60	35%	29	17%	82	48%	171	100%
Degrau	66	32%	49	24%	90	44%	205	100%
Véu	10	23%	12	27%	22	50%	44	100%
Pau	6	10%	15	26%	37	64%	58	100%
Grau	-	0%	40	56%	31	44%	71	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre *mesorregiões* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au*, *-éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. Met. de SSA	28	41%	12	17%	29	42%	69	100%
Sul Baiano	37	37%	35	35%	28	28%	100	100%
Vale Franciscano	33	36%	22	24%	37	40%	92	100%
Nordeste Baiano	29	31%	19	20%	46	49%	94	100%
E. Oeste Baiano	14	22%	24	37%	26	41%	64	100%
C. Norte Baiano	18	17%	11	10%	77	73%	106	100%
Centro Sul Baiano	11	11%	32	33%	54	56%	97	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Correlação entre *localidade específica* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au, -éu*

Variantes	-is		-s		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Carinhanha	4	50%	1	12.5%	3	37.5%	8	100%
Santo Amaro	3	50%	-	0%	3	50%	6	100%
Alagoinhas	28	40%	16	23%	26	37%	70	100%
Ilhéus	27	40%	28	41%	13	19%	68	100%
Salvador	25	40%	12	19%	26	41%	63	100%
Juazeiro	29	39%	18	24%	27	37%	74	100%
Caetité	3	37.5%	-	0%	5	62.5%	8	100%
Valença	4	36%	2	18%	5	46%	11	100%
Caravelas	4	36%	-	0%	7	64%	11	100%
Irecê	2	28.5%	2	28.5%	3	43%	7	100%
Itaberaba	2	28.5%	2	28.5%	3	43%	7	100%
Barreiras	14	25%	19	33%	24	42%	57	100%
S. Cruz Cabrália	2	20%	5	50%	3	30%	10	100%
Itapetinga	2	20%	2	20%	6	60%	10	100%
Jacobina	14	15%	7	8%	71	77%	92	100%
Jequié	1	12.5%	2	25%	5	62.5%	8	100%
V. da Conquista	5	8%	28	44%	30	48%	63	100%
Jeremoabo	1	7%	3	20%	11	73%	15	100%
Santana	-	0%	5	71%	2	29%	7	100%
Barra	-	0%	3	30%	7	70%	10	100%
Seabra	-	0%	-	0%	8	100%	8	100%
E. da Cunha	-	0%	-	0%	9	100%	9	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au*, *-éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	41	21%	41	21%	112	58%	194	100%
<i>QPP</i>	129	30%	114	27%	185	43%	428	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre *sexo* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au*, *-éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Homem	95	29%	78	24%	156	47%	329	100%
Mulher	75	26%	77	26%	141	48%	293	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-au*, *-éu*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	100	34%	69	23%	127	43%	296	100%
Faixa 2	70	22%	86	26%	170	52%	326	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu

Variantes	-is		-s		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental 1	24	12%	26	13%	149	75%	199	100%
Fundamental 2	146	34%	129	31%	148	35%	423	100%
Total geral	170	27%	155	25%	297	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Correlação entre contato com o público e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu

Variantes	-is		-s		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	61	21%	60	21%	169	58%	290	100%
Maior contato	109	33%	95	29%	128	38%	332	100%
Total geral	170	27%	155	25%	197	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12: Correlação entre grau de monitoramento e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -au, -éu

Variantes	-is		-s		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	79	21%	107	28%	195	51%	381	100%
Maior	91	38%	48	20%	102	42%	241	100%
Total geral	170	27%	155	25%	97	48%	622	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE K

Nesta seção, seguem as tabelas complementares com resultados de processamentos estatísticos ternários das lexias com terminação em *-al* e *-el*:

Tabela 1: Correlação entre ordem de realização e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em ditongos decrescentes -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Primeira	346	69%	14	3%	141	28%	501	100%
Segunda	116	74%	6	4%	35	22%	157	100%
Terceira	31	77.5%	1	2.5%	8	20%	40	100%
Quarta ou mais	19	100%	-	0%	-	0%	19	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Correlação entre frequência de ocorrência e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Baixa	170	56%	15	5%	118	39%	303	100%
Média	124	74%	6	4%	37	22%	167	100%
Alta	218	88%	-	0%	29	12%	247	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Correlação entre *frequência na amostra* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Zero	141	54%	9	4%	111	42%	261	100%
Baixa	201	72%	12	4%	67	24%	280	100%
Alta	170	97%	-	0%	6	3%	176	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4: Correlação entre *lexias* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Real	170	97%	-	0%	6	3%	176	100%
Anel	124	74%	6	4%	37	22%	167	100%
Policial	27	73%	-	0%	10	27%	37	100%
Pastel	26	70%	-	0%	11	30%	37	100%
Pincel	29	69%	6	14%	7	17%	42	100%
Hospital	21	62%	-	0%	13	38%	34	100%
Avental	80	55%	3	2%	63	43%	146	100%
Pedal	14	50%	5	18%	9	32%	28	100%
Bocal	19	46%	1	3%	21	51%	41	100%
Queixal	2	22%	-	0%	7	78%	9	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5: Correlação entre mesorregião e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em -al, -el

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
R. Met. de SSA	69	86%	1	1%	10	13%	80	100%
Sul Baiano	89	85%	2	2%	14	13%	105	100%
Nordeste Baiano	91	79%	1	1%	23	20%	105	100%
V. Franciscano	73	72%	3	3%	25	25%	101	100%
C. Sul Baiano	78	66%	2	2%	38	32%	118	100%
E. Oeste Baiano	56	64%	8	9%	24	27%	88	100%
C. Norte Baiano	56	51%	4	4%	50	45%	110	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6: Correlação entre *localidade específica* e a realização das marcações de plural em *lexias* com terminação em *-al, -el*

Variantes	-is		-s		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Irecê	10	100%	-	0%	-	0%	10	100%
Santana	16	94%	-	0%	1	6%	17	100%
S. Cruz Cabrália	10	91%	-	0%	1	9%	11	100%
Ilhéus	55	89%	2	3%	5	8%	62	100%
Santo Amaro	13	87%	-	0%	2	13%	15	100%
Salvador	56	86%	1	2%	8	12%	65	100%
Alagoinhas	66	84%	1	1%	12	15%	79	100%
Caetité	15	83%	-	0%	3	17%	18	100%
Caravelas	15	83%	-	0%	3	17%	18	100%
Jeremoabo	18	82%	-	0%	4	18%	22	100%
Itapetinga	8	80%	1	10%	1	10%	10	100%
Carinhanha	10	77%	-	0%	3	23%	13	100%
Juazeiro	52	72%	3	4%	17	24%	72	100%
Barra	11	69%	-	0%	5	31%	16	100%
Itaberaba	9	64%	1	7%	4	29%	14	100%
Valença	9	64%	-	0%	5	36%	14	100%
V. da Conquista	38	63%	2	1%	21	35%	60	100%
Jequié	9	60%	-	0%	6	40%	15	100%
Barreiras	40	56%	8	11%	23	33%	71	100%
Seabra	8	53%	-	0%	7	47%	15	100%
Euclides da Cunha	7	50%	-	0%	7	50%	14	100%
Jacobina	37	43%	3	3.5%	46	53.5%	86	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7: Correlação entre *amostra/ano* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<i>ALiB</i>	251	75%	2	1%	82	24%	335	100%
<i>QPP</i>	261	68%	19	5%	102	27%	382	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8: Correlação entre *sexo* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Homem	260	72%	6	2%	96	26%	362	100%
Mulher	252	71%	15	4%	88	25%	355	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Correlação entre *faixa etária* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Faixa 1	263	74%	12	3%	83	23%	358	100%
Faixa 2	249	69%	9	3%	101	28%	359	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 10: Correlação entre *nível de escolaridade* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Fundamental1	151	57%	7	3%	106	40%	264	100%
Fundamental2	361	80%	14	3%	78	17%	453	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11: Correlação entre *contato com o público* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor contato	210	62%	13	4%	113	34%	336	100%
Maior contato	302	79%	8	2%	71	19%	381	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização das marcações de plural em lexias com terminação em *-al, -el*

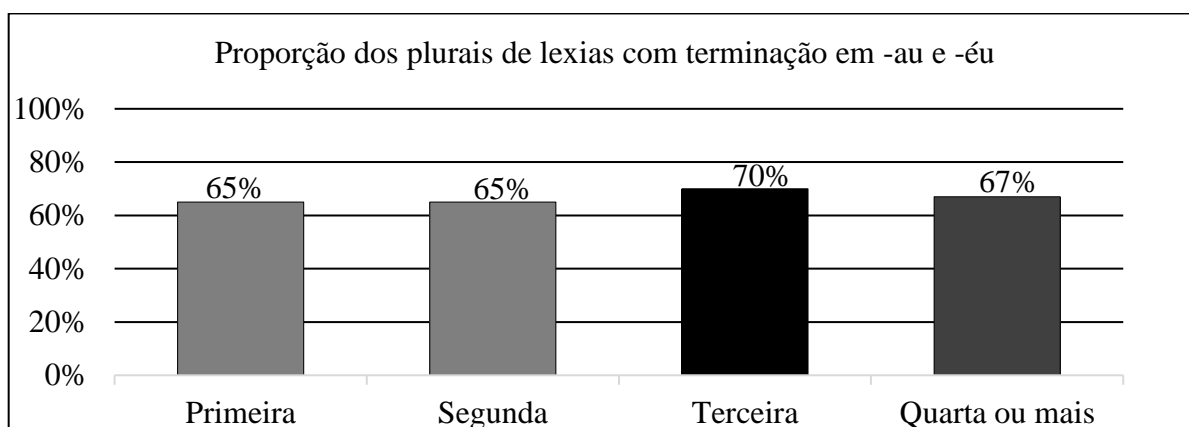
Variantes	<i>-is</i>		<i>-s</i>		Não marcação		Total geral	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Menor	350	74%	15	3%	111	23%	476	100%
Maior	162	67%	6	3%	73	30%	241	100%
Total geral	512	71%	21	3%	184	26%	717	100%

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE L

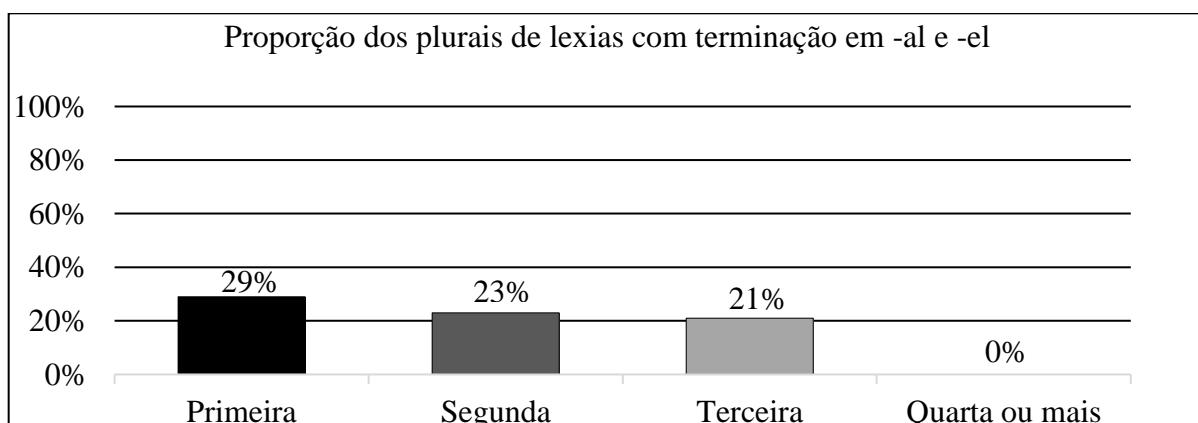
Neste apêndice, são separados os resultados das variáveis classificadas como significativas nas rodadas 1 dos subgrupos das lexias com terminação *-au* e *-éu* daqueles com terminação em *-al* e *-el*. No entanto os números absolutos foram disponibilizados na penúltima subseção do corpo da tese:

Gráfico 1: Correlação entre ordem de realização e a realização da não marcação versus marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 104.69 (3) p. < 0.5$



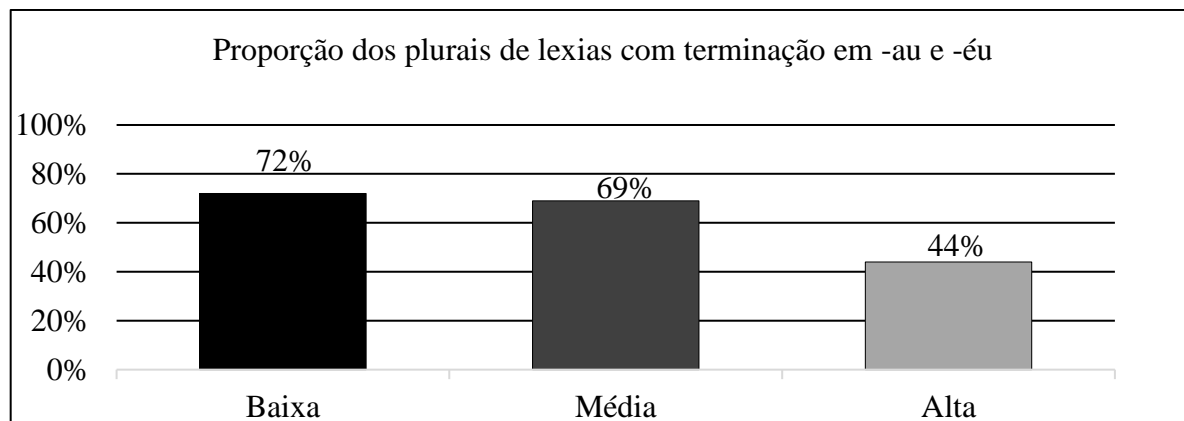
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2: Correlação entre ordem de realização e a realização de não marcação versus marcação -is em lexias com terminação em -al, -el
 $\chi^2 = 538.73 (3) p. < 0.5$



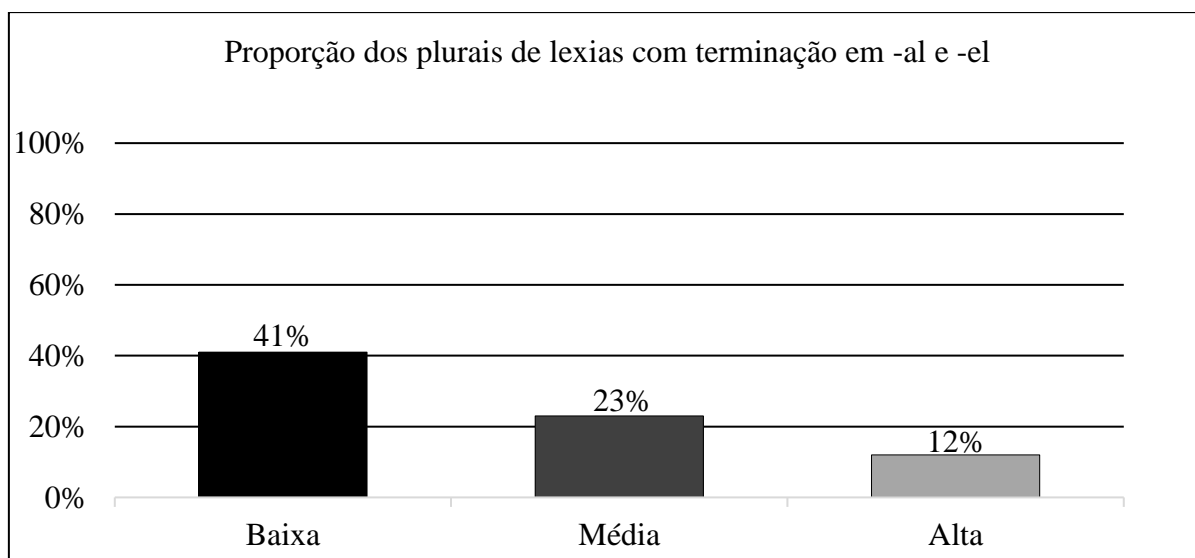
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3: Correlação entre *frequência de ocorrência* e a realização da não marcação *versus* marcação -s em lexias com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 20.219 (2) p. < 0.5$



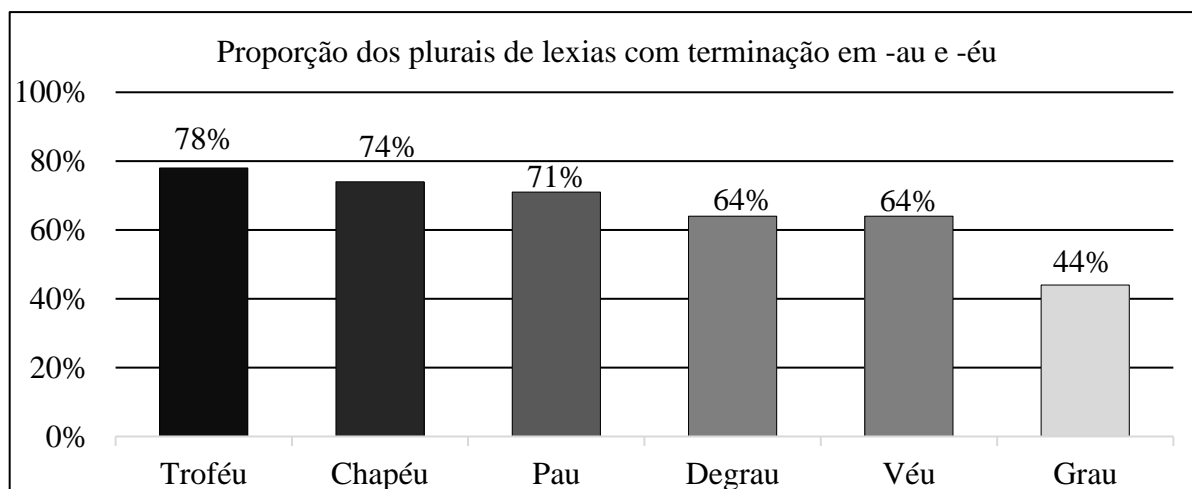
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4: Correlação entre *frequência de ocorrência* e a realização de não marcação *versus* marcação -is em lexias com terminação em -al, -el
 $\chi^2 = 25.891 (2) p. < 0.5$



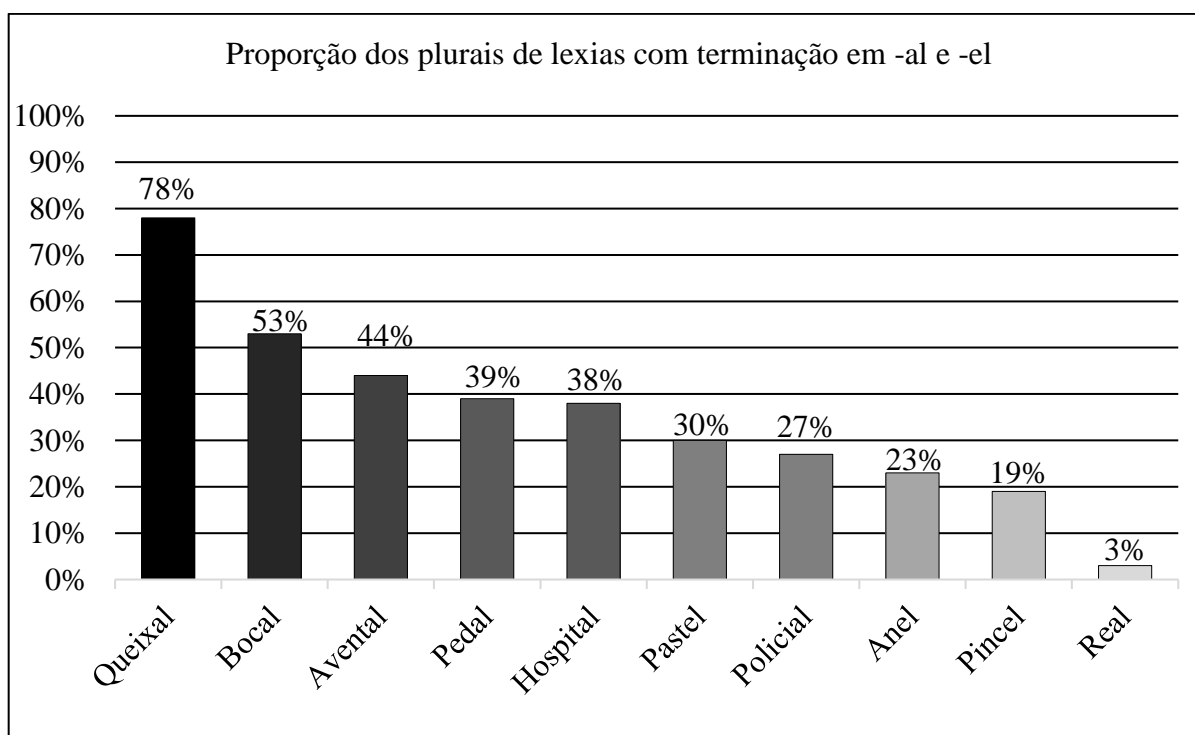
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5: Correlação entre *lexia* e a realização da não marcação *versus* marcação -s em *lexias* com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 50.587 (5) p. < 0.5$



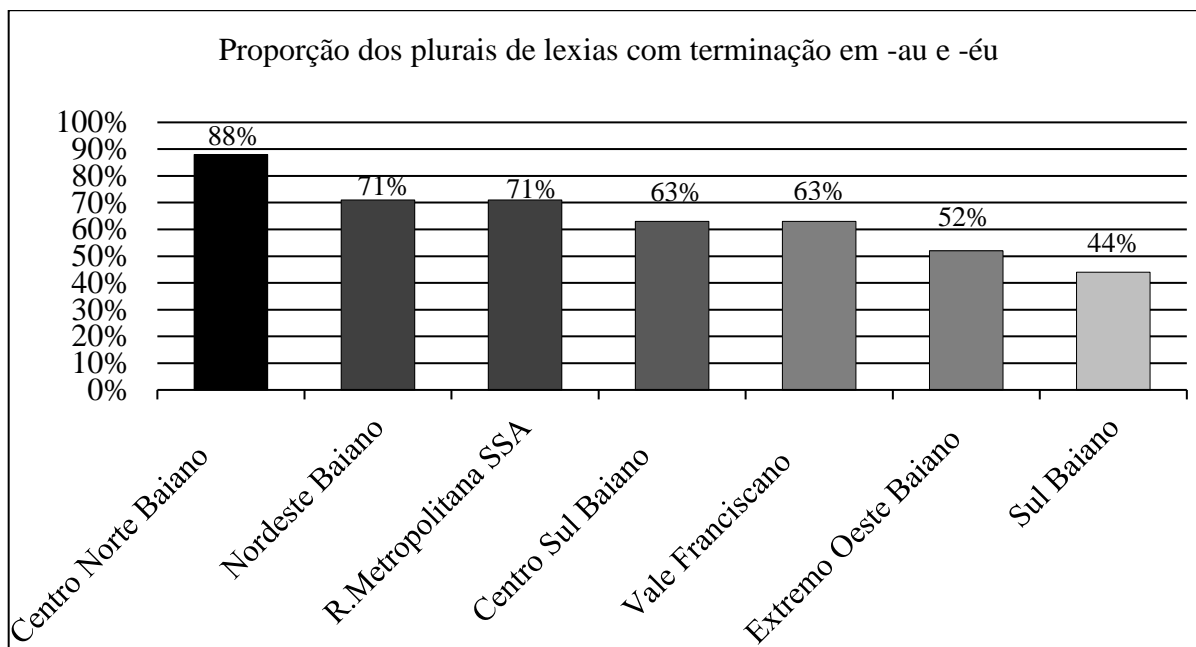
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 6: Correlação entre *lexia* e a realização de não marcação *versus* marcação -is em *lexias* com terminação em -al, -el
 $\chi^2 = 541.2 (9) p. < 0.5$



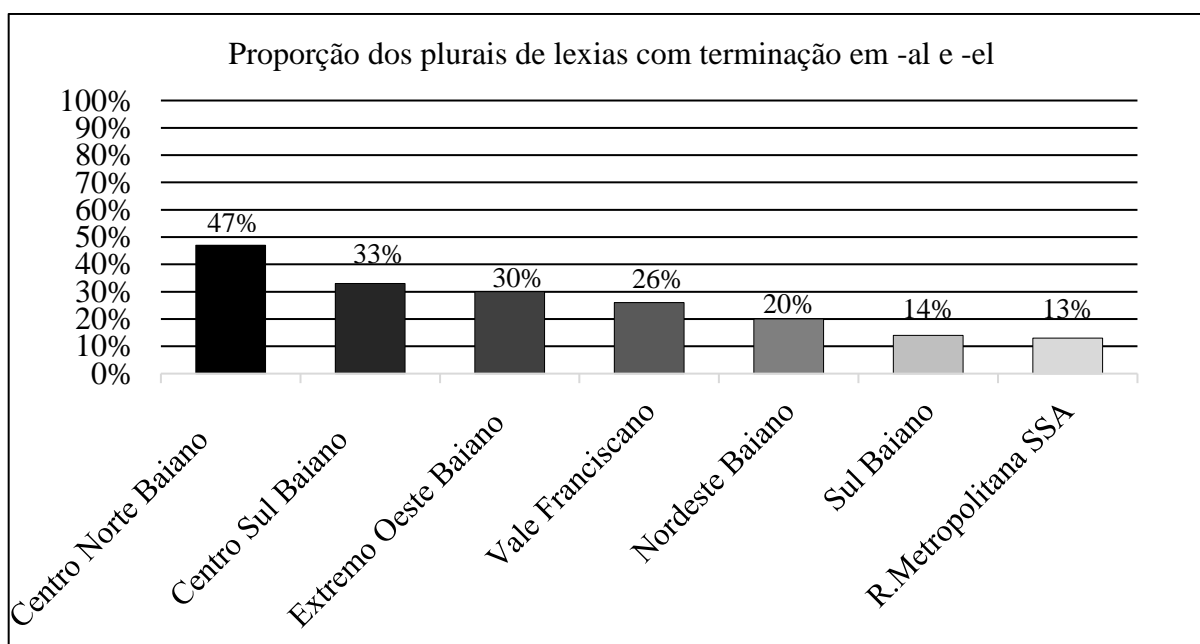
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7: Correlação entre *mesorregião* e a realização da não marcação *versus* marcação *-s* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*
 $\chi^2 = 22.71 (6) p. < 0.5$



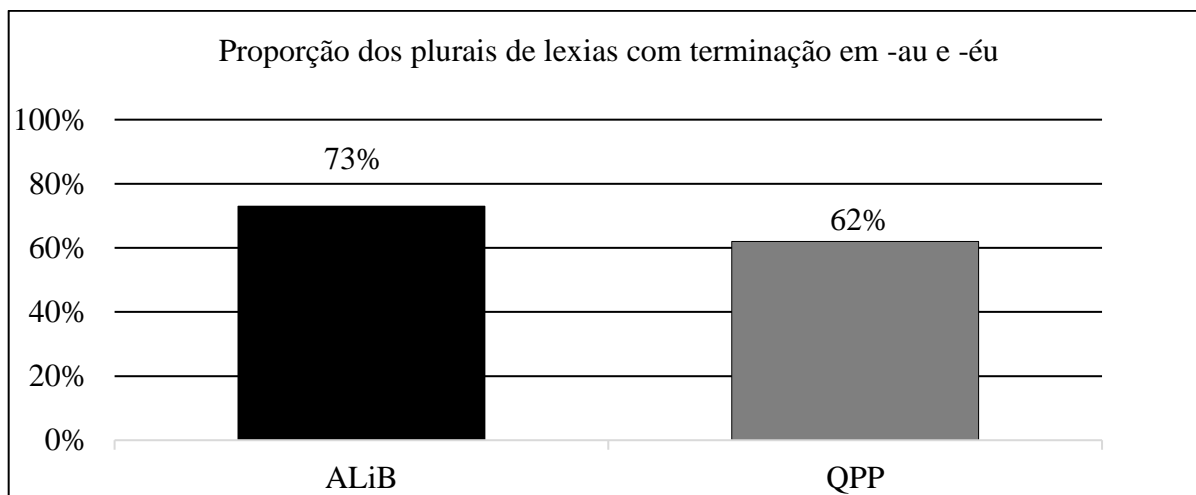
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 8: Correlação entre *mesorregião* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 333.37 (21) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

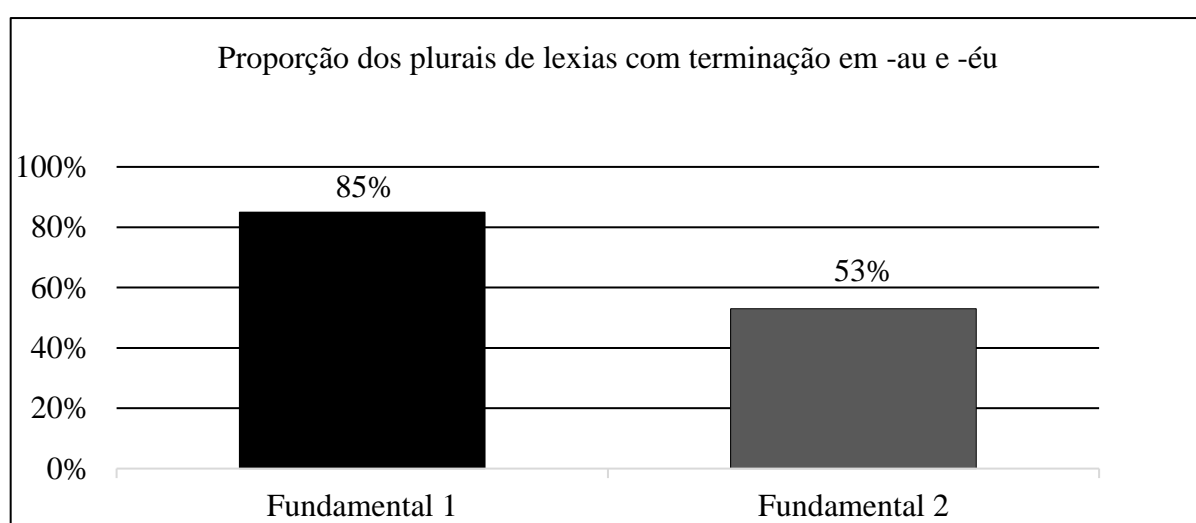
Gráfico 9: Correlação entre *amostra/ano* e a realização da não marcação *versus* marcação *-s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 34.381 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

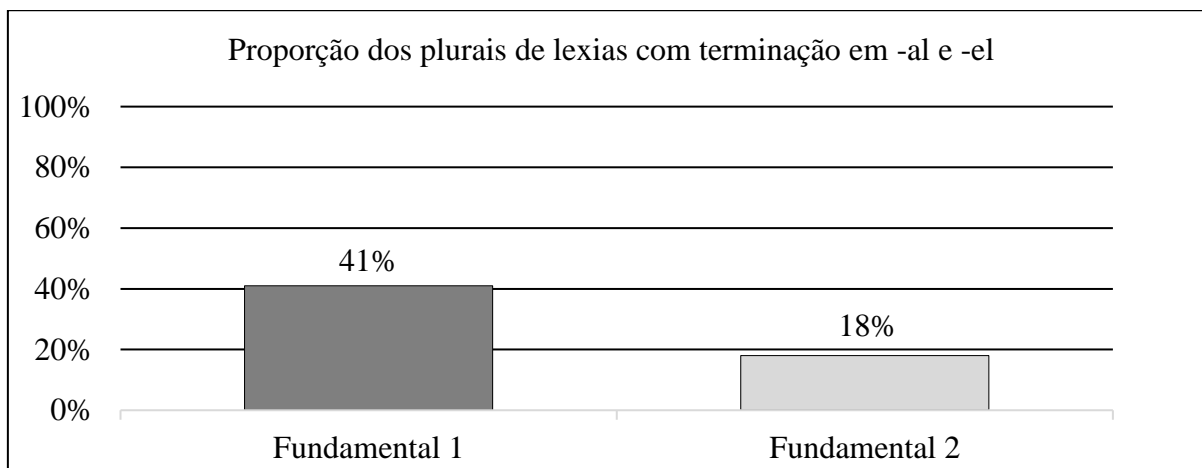
Observação.: A variável *amostra/ano* no subgrupo em *-al, -el* não foi selecionada pelo teste qui-quadrado. Em ambos os subgrupos, *faixa etária* e *sexo* não foram selecionadas também.

Gráfico 10: Correlação entre *nível de escolaridade* e a realização da não marcação *versus* marcação *-s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 68.445 (1) p. < 0.5$



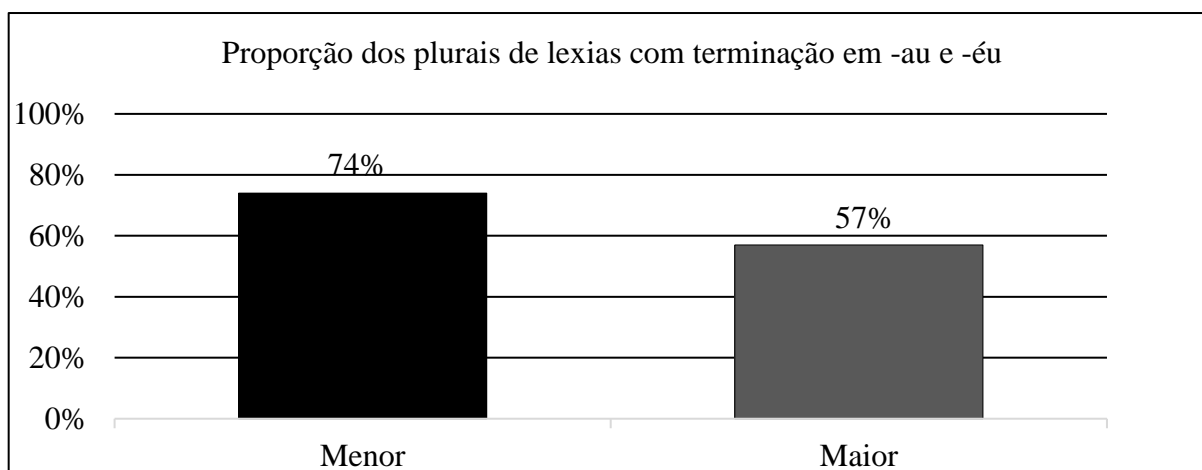
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 11: Correlação entre *nível de escolaridade* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 86.133 (1) p. < 0.5$



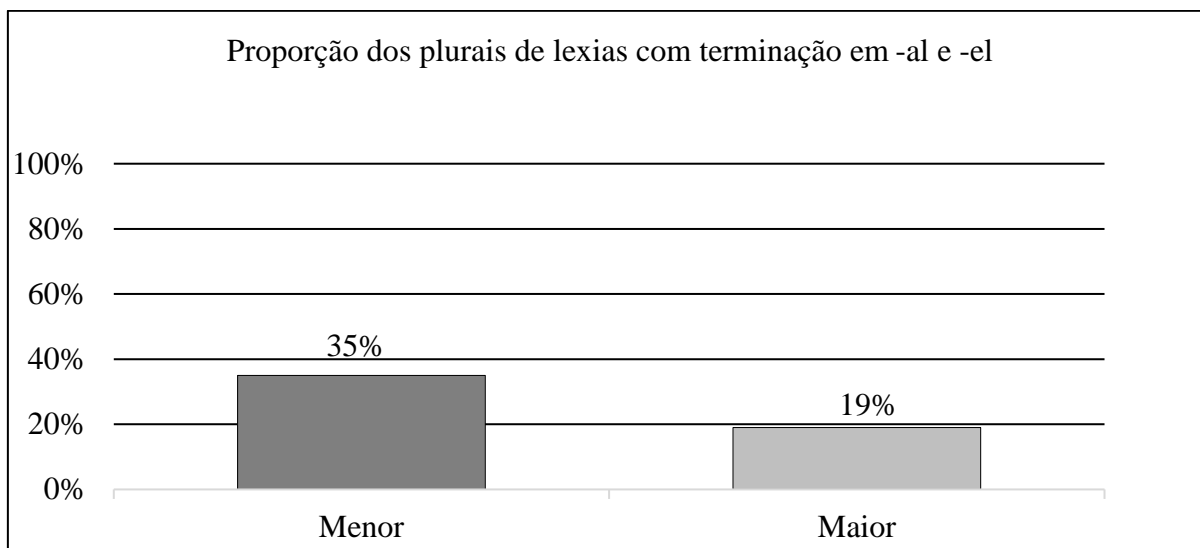
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 12: Correlação entre *contato com o público* e a realização da não marcação *versus* marcação *-s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 7.9032 (1) p. < 0.5$



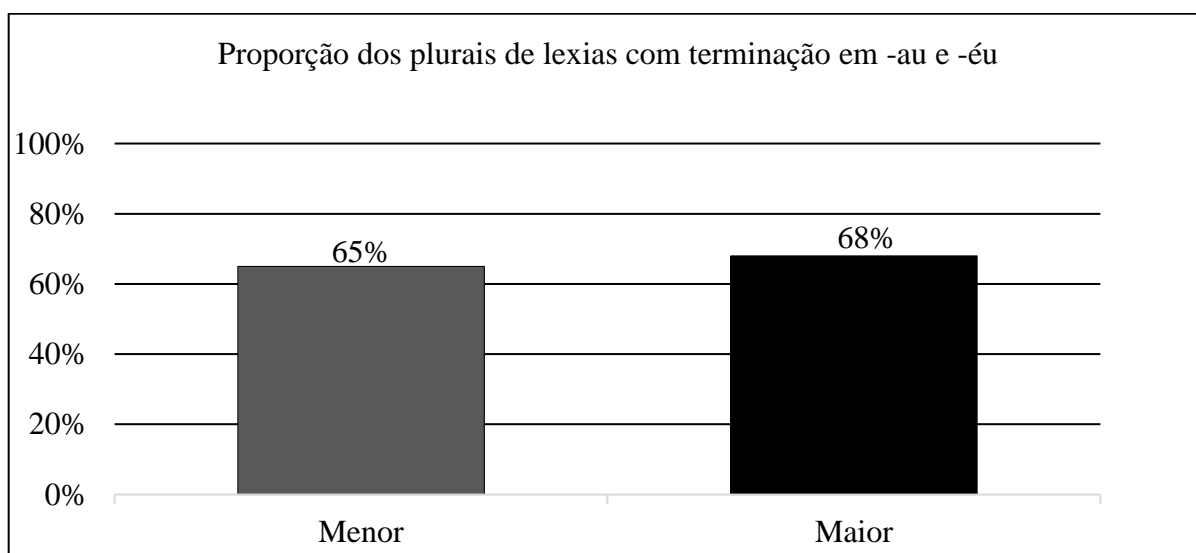
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 13: Correlação entre *contato com o público* e a realização de não marcação *versus* marcação *-is* em lexias com terminação em *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 16.531 (1) p. < 0.5$



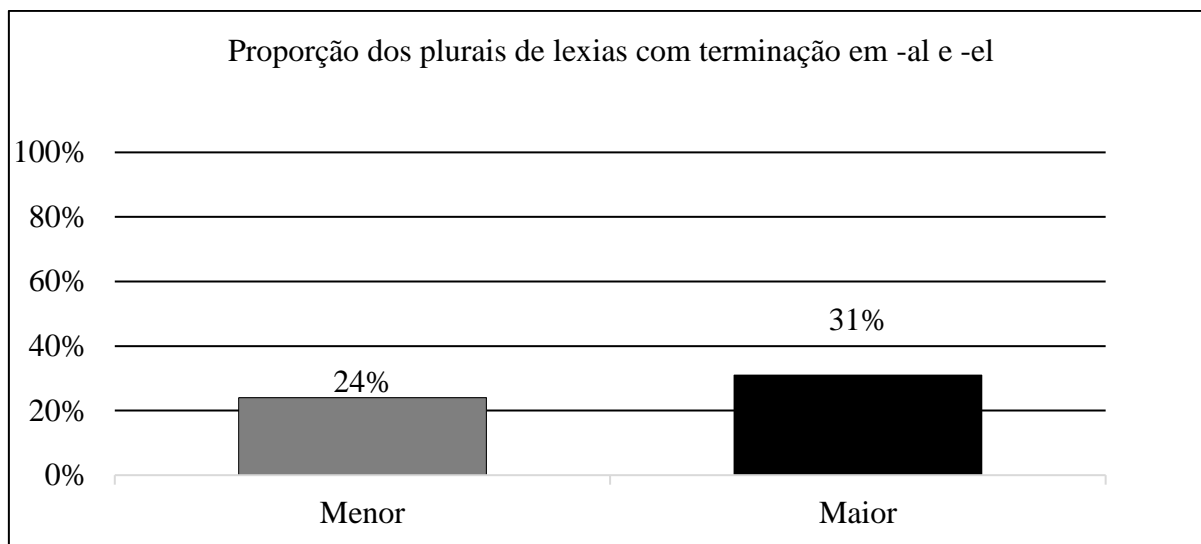
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 14: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização da não marcação *versus* marcação *-s* em lexias com terminação em *-au*, *-éu*
 $\chi^2 = 22.458 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 15: Correlação entre grau de monitoramento e a realização de não marcação versus marcação *-is* em lexias com terminação em *-al*, *-el*
 $\chi^2 = 69.031 (1) p. < 0.5$

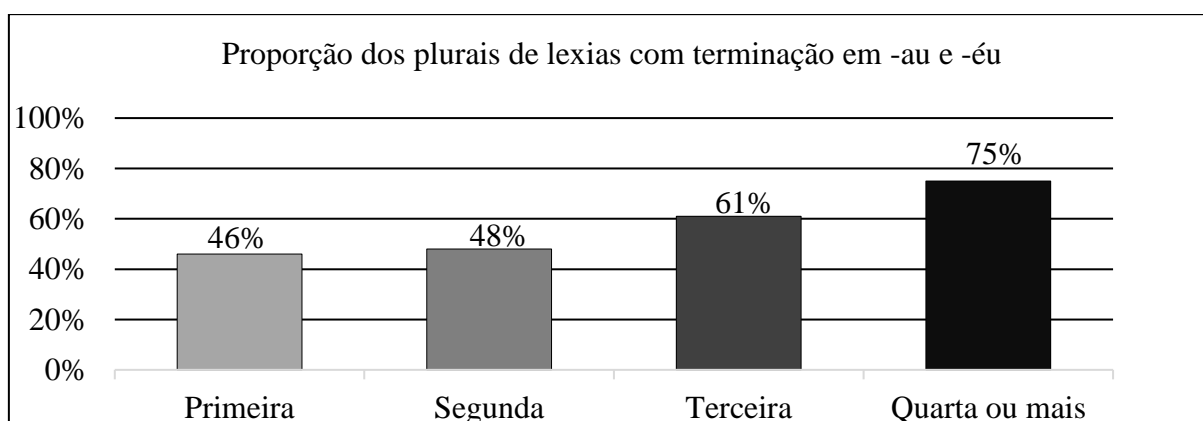


Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE M

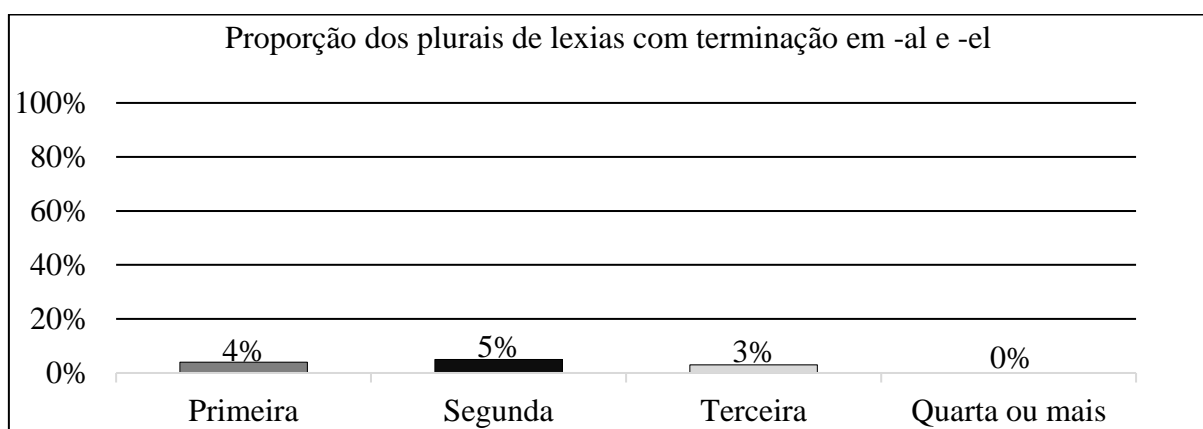
Nesta seção, estão disponíveis os gráficos com informações complementares sobre as variáveis selecionadas como significativas na rodada 2 a partir da aplicação do teste qui-quadrado nas amostras formadas tanto por lexias com terminação *-au* e *-éu* quanto por aquelas com terminação em *-al* e *-el*. Cabe observar que os números absolutos foram disponibilizados na última subseção do corpo da tese:

Gráfico 1: Correlação entre ordem de realização e a realização do padrão -is versus -s em lexias com terminação em -au, -éu
 $\chi^2 = 104.69$ (3) p. 0.5



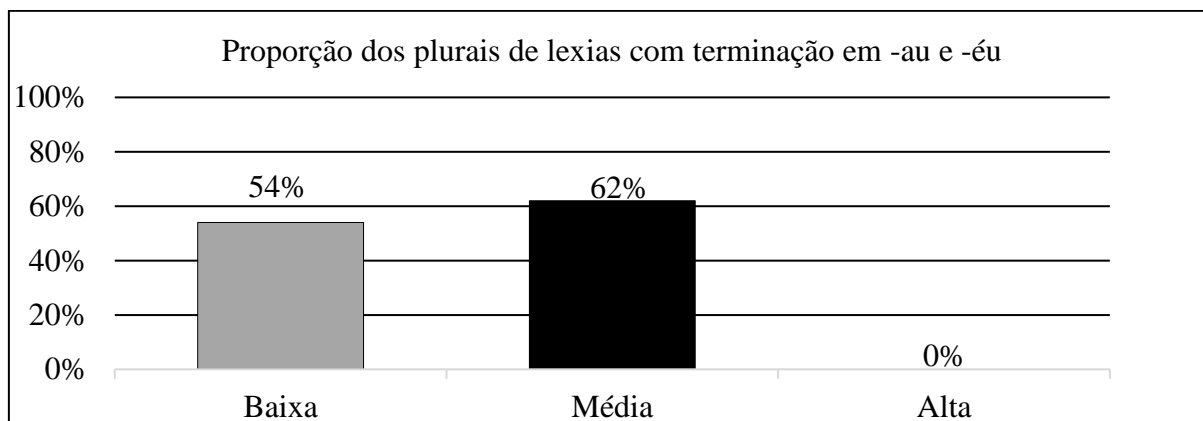
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2: Correlação entre ordem de realização e a realização do padrão -s versus -is em lexias com terminação em -al, -el
 $\chi^2 = 538.73$ (3) p. < 0.5



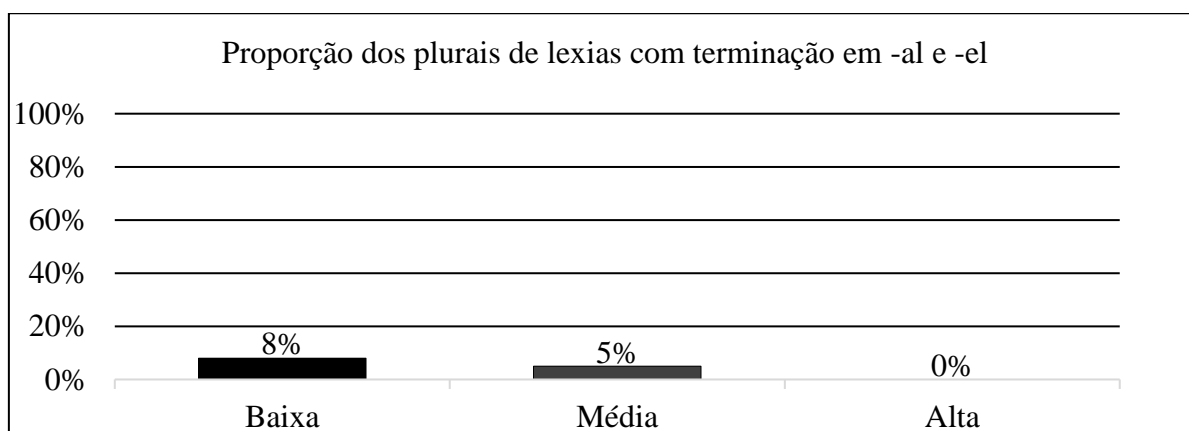
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3: Correlação entre *frequência de ocorrência* e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 20.219 (2) p. < 0.5$



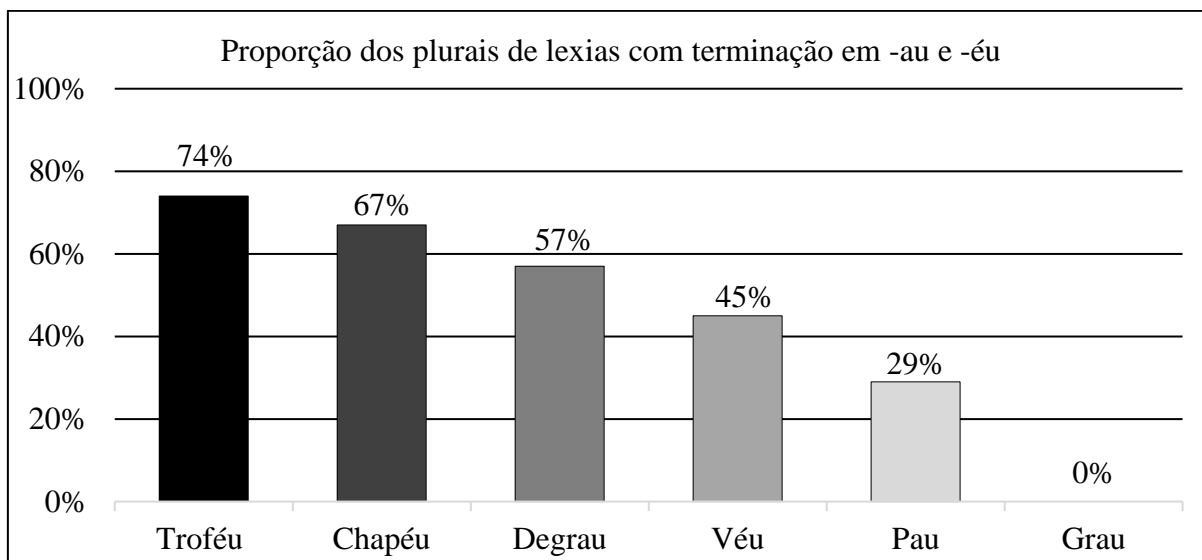
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4: Correlação entre *frequência de ocorrência* e a realização do padrão *-s versus -is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 25.891 (2) p. < 0.5$



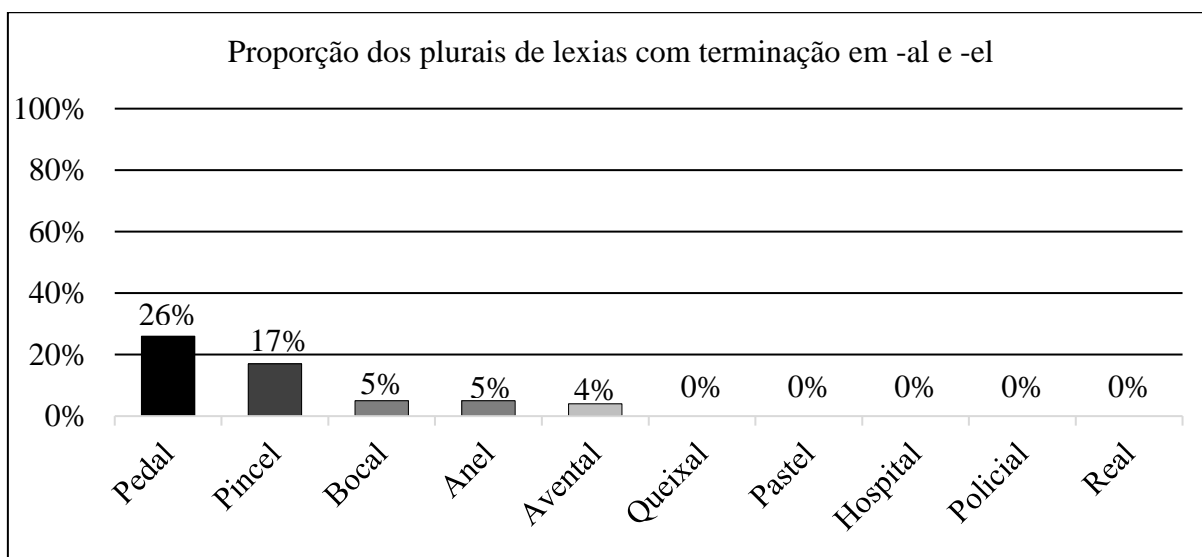
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5: Correlação entre *lexia* e a realização do padrão *-is versus -s* em *lexias* com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 50.587 (5) p. < 0.5$



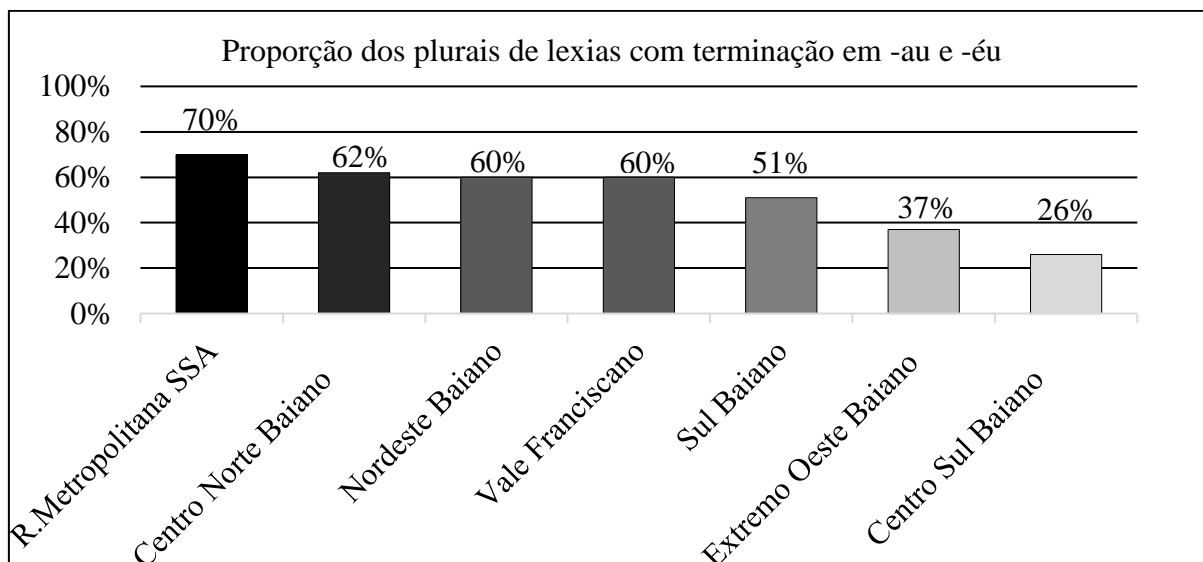
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 6: Correlação entre *lexia* e a realização do padrão *-s versus -is* em *lexias* com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 541.2 (9) p. < 0.5$



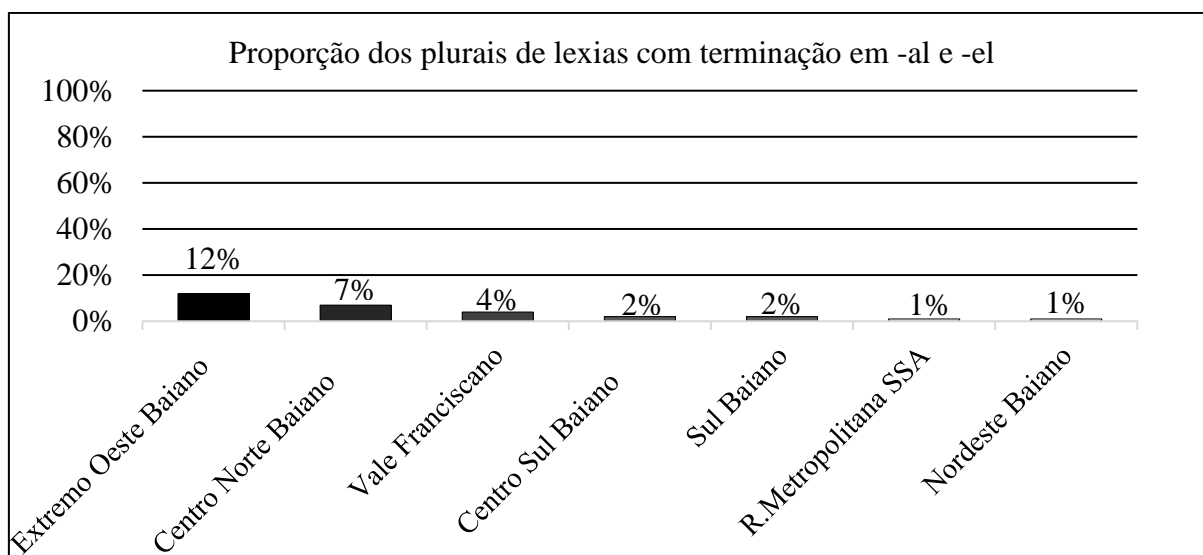
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7: Correlação entre *mesorregião* e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 22.71$ (6) $p. < 0.5$



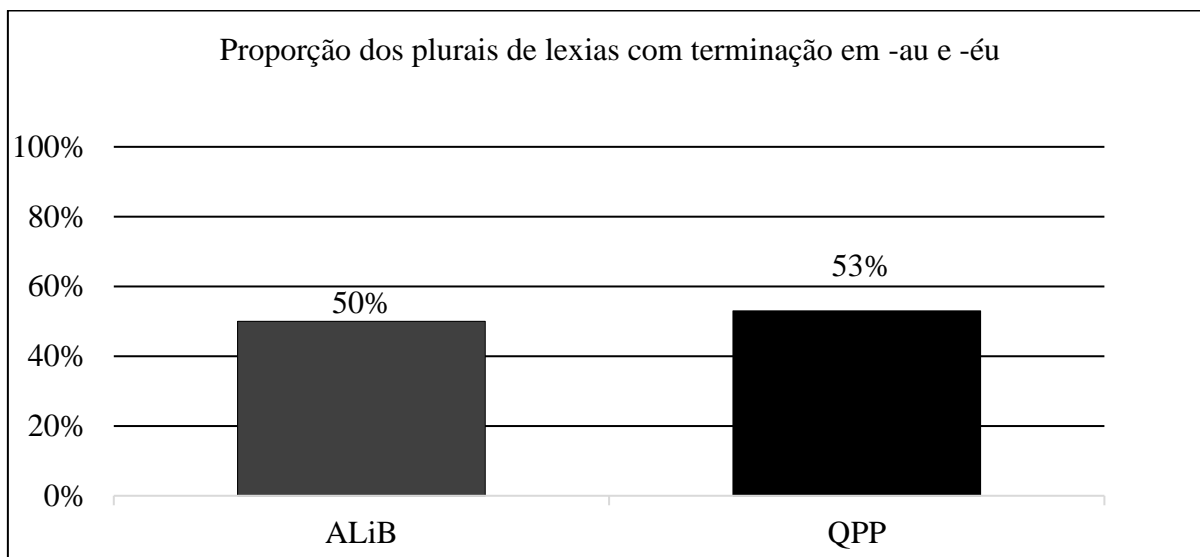
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 8: Correlação entre *mesorregião* e a realização do padrão *-s versus -is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 16.391$ (6) $p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

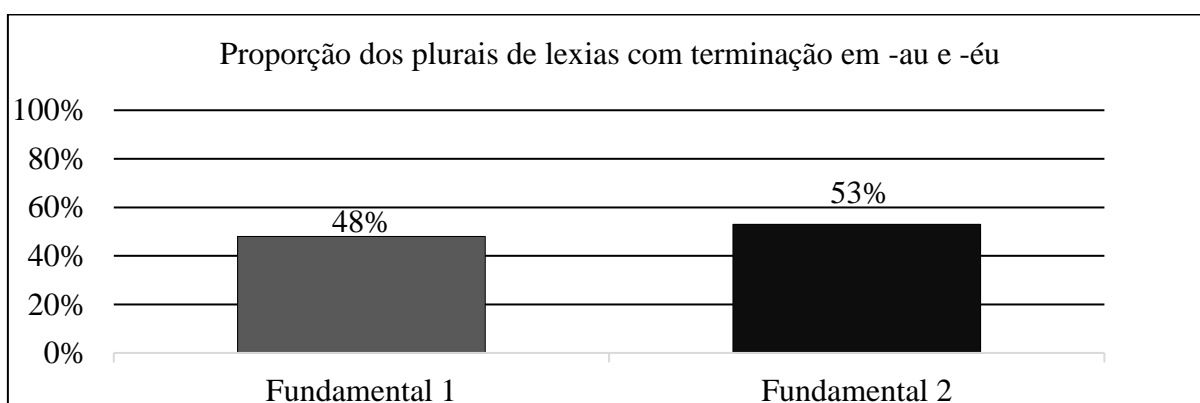
Gráfico 9: Correlação entre amostra/ano e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 34.381 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Observação: Também na rodada 2, a variável amostra/ano no subgrupo em *-al, -el* não foi selecionada pelo teste qui-quadrado. Igualmente, nas duas rodadas 2, assim como nas rodadas 1, faixa etária e sexo não foram selecionadas em ambos os subgrupos.

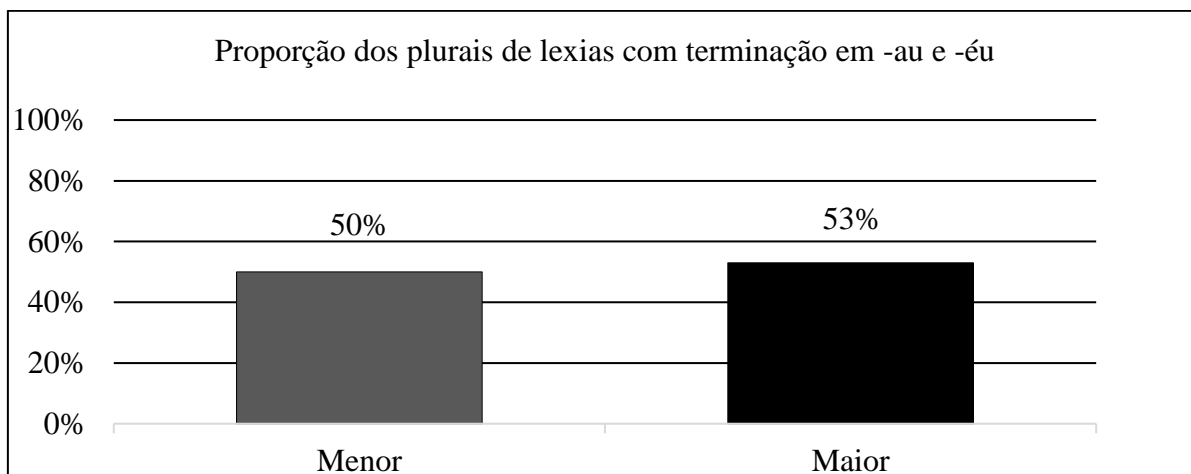
Gráfico 10: Correlação entre nível de escolaridade e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 68.445 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

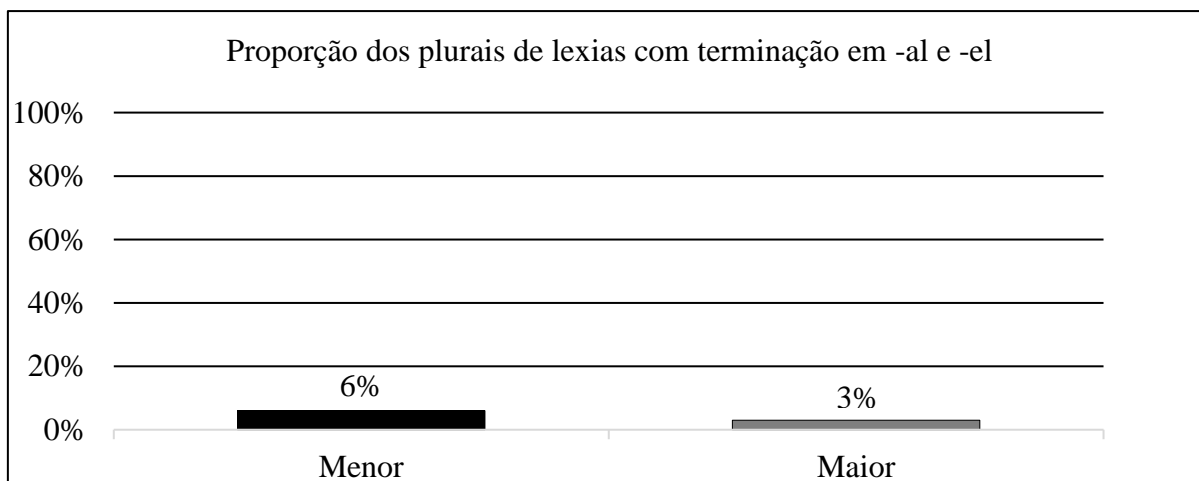
Observação: Na rodada 2, a variável nível de escolaridade não apresentou diferença nos percentuais do subgrupo em *-al, -el*.

Gráfico 11: Correlação entre *contato com o público* e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 7.9032 (1) p. < 0.5$



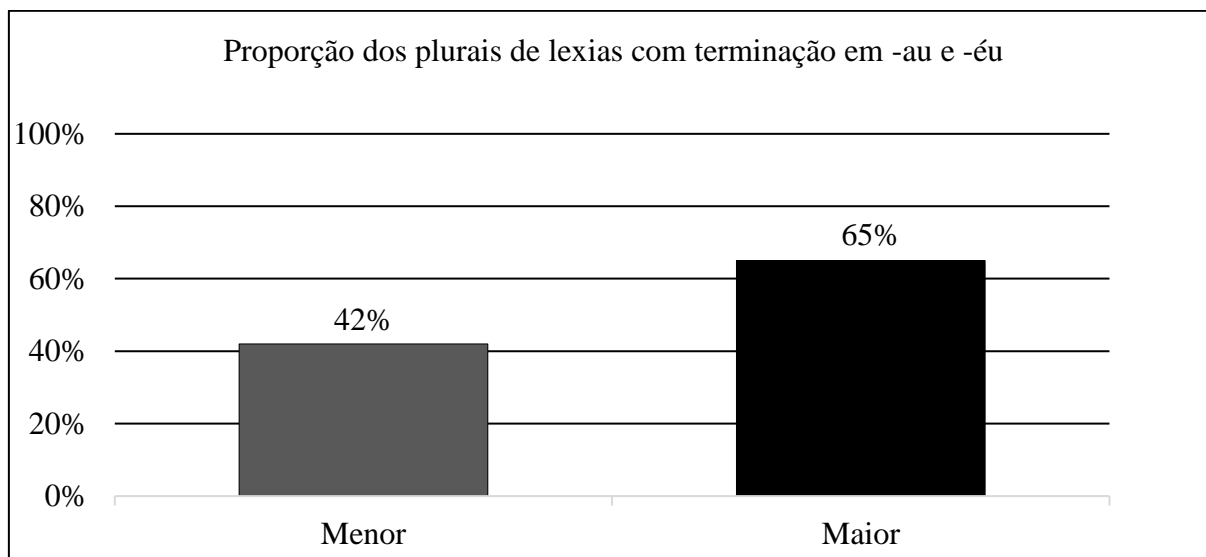
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 12: Correlação entre *contato com o público* e a realização do padrão *-s versus -is* em lexias com terminação em *-al, -el*
 $\chi^2 = 16.531 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 13: Correlação entre *grau de monitoramento* e a realização do padrão *-is versus -s* em lexias com terminação em *-au, -éu*
 $\chi^2 = 22.458 (1) p. < 0.5$



Fonte: Elaboração própria.

Observação: Na rodada 2, a variável grau de monitoramento também não apresentou diferença nos percentuais do subgrupo em *-al, -el*.

APÊNDICE N

Nesta seção, segue um quadro com a relação de todas as variáveis previsoras que não apresentaram diferenças significativas entre suas variantes nas rodadas 1 e 2 considerando os resultados dos grupos de lexias com terminação em potencial contexto metafônico, em *-ão* ou em *-au*, *-éu*, *-al* e *-el*:

Quadro 1: Inventário das variáveis previsoras *não* selecionadas quanto ao nível de significância entre as diferenças dos percentuais das respectivas variantes⁴⁵²

N.	Variáveis	Grupos					
		MET. (R1)	MET. (R2)	-ÃO (R1)	-ÃO (R2)	-U, -L (R1)	-U, -L (R2)
1	Ordem de realização						
2	Frequência de ocorrência					X	X
3	Lexia						
4	Mesorregião da Bahia						
5	Ano/amostra						
6	Sexo	X	X	X	X	X	X
7	Faixa etária					X	X
8	Nível de escolaridade						
9	Contato com o público		X				
10	Grau de monitoramento					X	

Fonte: Elaboração própria.

⁴⁵² R1 e R2 fazem referência à rodada 1 e à rodada 2, respectivamente. Para os grupos, usaram-se as abreviações MET. para nomear o grupo em potencial contexto metafônico e -U e -L para nomear o grupo *-au*, *-éu*, *-al*, *-el*.